

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

35



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2025

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 35 • 2025



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2025

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)
- Professor Doutor Mário Barroca (Universidade do Porto)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 35 • 2025 ISSN: 0872-6086

DOI: 10.5281/zenodo.15005592

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ÍNDICE GERAL/CONTENTS

ISALTINO MORAIS

Apresentação

Presentation 7

JOÃO LUÍS CARDOSO

Estruturas de combustão identificadas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)

Combustion structures identified in the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras) 11

PEDRO VALÉRIO, JOÃO LUÍS CARDOSO, LUÍS CERQUEIRA ALVES,
ANTÓNIO M. MONGE SOARES & MARIA FÁTIMA ARAÚJO

Novos dados sobre a proveniência do cobre de Leceia

New data on the provenance of copper from Leceia 35

JOÃO LUÍS CARDOSO & MARCO ANTÓNIO ANDRADE

Os dois episódios de utilização da anta do Alto da Feteira (Pombal, Leiria) e o Megalitismo
no litoral-centro do território português, entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final

*The two episodes of use of the Alto da Feteira dolmen (Pombal, Leiria) and the Megalithism
on the coastal centre of the Portuguese territory, between the Middle Neolithic and the Late Neolithic* 45

JOÃO LUÍS CARDOSO, FILIPE MARTINS & ANTÓNIO M. MONGE SOARES

Gruta artificial de S. Paulo II (Almada)

Artificial cave of S. Paulo II (Almada) 117

RAQUEL GONZAGA

Da Pré-História à Época Contemporânea: os vestígios arqueológicos identificados em torno do Palácio
do Marquês de Pombal, Oeiras, Portugal nas escavações preventivas realizadas em 2020 e 2021

*From prehistory to contemporary period: the archaeological remains identified around the Marquês
de Pombal Palace, Oeiras, Portugal in preventive excavations carried out in 2020 and 2021* 311

ANA ÁVILA DE MELO

Women Archaeologists. A Long Fight Against Invisibility: Dorothy Garrod, Gertrude Caton-Thompson,

Virgínia Rau 337

ALFREDO MEDEROS MARTÍN

Hugo Obermaier, primer catedrático de Prehistoria de la Universidad de Madrid (1922-1939)
y el inicio de la arqueología estratigráfica en España

Hugo Obermaier, first Professor of Prehistory at the University of Madrid (1922-1939)
and the beginning of stratigraphic archaeology in Spain. 355

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Relatório das actividades desenvolvidas em 2024 423

APRESENTAÇÃO

A apresentação do volume 35 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras (EAO)*, publicação periódica assegurada pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO), serviço da Camara Municipal de Oeiras, seria apenas mais uma formalidade, de reconhecimento pela valia do trabalho realizado, plenamente confirmada aquém e além-fronteiras, se não fosse também aproveitada para sublinhar o extraordinário serviço que esta revista tem prestado aos estudiosos da Arqueologia e do Património em geral por via das inovações introduzidas no que se refere à estratégia da sua difusão. Refiro-me à sua disponibilização digital e em Acesso Aberto, que tem vindo a ser aperfeiçoada desde há já mais de dez anos. Com efeito, já vão longe os tempos em que os livros serviam para um público restrito ou mais ou menos especializado, obrigado a adquirir exemplares em papel, porque constituíam os únicos meios que asseguravam a indispensável actualização dos conhecimentos numa determinada área científica. Tal realidade afirmou-se paulatinamente, como incompatível com a necessidade de assegurar a atempada difusão e circulação da informação escrita, exigida pela Sociedade do Conhecimento em que vivemos. A informação passou a circular de forma imaterial, e instantânea, a nível mundial, o que justificou, já há mais de uma década, a que, também esta Revista adoptasse os procedimentos necessários, se quisesse continuar a pontuar a agenda científica da área em que, justamente, se consagrou. Tais procedimentos têm vindo a ser permanentemente aperfeiçoados, sendo a sua expressão mais recente a integração da colecção completa dos *EAO* na Plataforma Open Journal Systems (OJS), o que viabiliza a consulta instantânea de qualquer artigo nela publicado, em qualquer lugar do mundo. Mais recentemente, seguiu-se a atribuição de um DOI (Digital Object Identifier) individual a qualquer um dos referidos trabalhos, através da Plataforma Zenodo, assegurando e reforçando assim a sua disponibilização digital própria, e de forma independente. Escusado será dizer o notável acréscimo de visibilidade dos *EAO* assim viabilizado, envolvendo os 35 volumes até agora editados, incluindo este, segundo os procedimentos desenvolvidos exclusivamente no CEACO pelo Dr. Bernardo Ferreira, a quem foi confiada a tarefa do seu carregamento nas seguintes plataformas digitais:

- ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Joao-Cardoso-78>
- Academia.edu: <https://oeiras.academia.edu/Jo%C3%A3oLu%C3%ADsCardoso>
- Estudos Arqueológicos de Oeiras/OJS: <https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC>
- Estudos Arqueológicos de Oeiras/ Zenodo (EAO 32 (2022) e seguintes): <https://zenodo.org/communities/eao-ceaco-cmoairas/records?q=&l=list&p=1&s=10&sort=newest>

Adicionalmente, têm sido utilizados os Repositórios Abertos das Universidades com as quais o Coordenador do CEACO mantém relações de cooperação, potenciando a difusão dos trabalhos de que tem sido autor ou co-autor. Importa referir que apenas foi contabilizada a produção científica produzida e publicada nos *EAO* pelos membros que integram a equipa do CEACO, a qual ascende a 211 estudos publicados e 10 monografias temáticas.

Do sucesso atingido falam eloquentemente os resultados que, com base no levantamento realizado entre os dias 17 e 20 de fevereiro de 2025, se podem resumir à conclusão de que, até àquela data, tinham sido efetuados, no respeitante apenas aos estudos publicados estritamente por membros do CEACO, **cento e noventa e oito mil e setenta e seis (178 076) descarregamentos/leituras realizados, incluindo artigos individuais e volumes completos dos EAO consultados.**

Tais resultados poderiam ser pormenorizados, destacando as obras mais procuradas e lidas, como a monografia do Prof. João Luís Cardoso “A Baixa Estremadura dos finais do 4.º milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional”, que constitui o volume 12 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, com 7788 descarregamentos/leituras, em consequência de se ter tornado obra recomendada dos estudantes de Arqueologia de diversas Universidades.

No panorama actual da edição em português de obras de Arqueologia, estes resultados merecem ser devidamente sublinhados e é com acrescido prazer que agora os apresento, confirmando o acerto da prioridade dada à divulgação digital da revista, sem no entanto esquecer a edição em papel, que continua a justificar-se plenamente, consubstanciando produção científica de excelência, a qual está naturalmente na origem do sucesso atingido.

* * *

Tais foram os princípios que presidiram à realização do presente volume, que integra estudos muito diversificados, seguindo a linha editorial da revista. Alguns deles respeitam directamente à Arqueologia Oeirense: o primeiro é dedicado às intervenções arqueológicas preventivas e de diagnóstico realizadas na envolvente do Palácio dos Marqueses de Pombal, no Centro Histórico de Oeiras, aquando da reabilitação geral do imóvel, realizadas entre 2020 e 2021. Tais trabalhos, de iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, permitiram associar as estruturas então identificadas no terreno às diversas fases construtivas desta notável residência setecentista, a par dos espólios também então recuperados, cuja publicação constitui interessante contributo para a história deste monumento nacional e da própria vila de Oeiras. O segundo contributo respeitante à Arqueologia oeirense corresponde ao inventário e caracterização das cerca de 25 estruturas de combustão identificadas e escavadas no povoado pré-histórico de Leceia. Integrando-se no conjunto dos estudos da chamada “Arqueologia do fogo”, é a primeira vez que, num sítio pré-histórico do território português, se descreveu um tão assinalável conjunto de estruturas deste tipo, possibilitando a elaboração de uma tipologia, abordando também os seus usos diferenciados. No terceiro contributo respeitante à Arqueologia oeirense discute-se a proveniência de cinco lingotes de cobre recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia através de análises de isótopos de chumbo, cujos resultados permitiram concluir que terão sido diversificadas as fontes do cobre aqui utilizado, proveniente de diversas minas da região meridional da Península Ibérica: assim se documentou a importância que, já há mais de 4000 anos, revestia o comércio e a circulação transregional de matérias-primas estratégicas, como o cobre, essenciais para o próprio sucesso das comunidades então instaladas na região de Oeiras.

Permito-me também destacar dois notáveis contributos sobre a História da Arqueologia, que corresponde a um dos domínios editoriais próprios da revista. O primeiro respeita ao papel que três arqueólogas desempenharam, nos seus diversos campos de actividade, no decurso do século XX, uma delas a portuguesa Virgínia Rau, que depois se notabilizou na História Medieval e na História Económica. O segundo é dedicado ao arqueólogo alemão Hugo Obermaier, que teve papel destacado na Arqueologia peninsular na primeira metade do século XX, exaustivamente estudado em um estudo bio-bibliográfico que recorreu a muita documentação até agora inédita conservada em diversos arquivos espanhóis.

Igualmente do maior interesse são outros contributos respeitantes a estações pré-históricas implantadas na região onde o concelho de Oeiras se insere, permitindo por esta via o indispensável enquadramento da realidade arqueológica localmente aqui observada. Refiro-me ao estudo sobre o extraordinário espólio funerário pré-histórico recolhido na gruta artificial de S. Paulo II, implantada na área urbana da cidade de Almada, conservado no Museu de Almada. O trabalho agora publicado é o resultado da profícua colaboração ali desenvolvida diariamente ao longo de muitos meses, no decurso de 2023. Estudos como este evidenciam a importância destas parcerias, estabelecidas informalmente, que resultam em benefício de todos os intervenientes, porque justificadas pela concretização de objectivos partilhados.

Enfim, há ainda outro estudo publicado no presente volume que importa sublinhar, respeitante a síntese dos conhecimentos sobre o Megalitismo do sector central do litoral português, do Tejo ao Mondego, realizado a propósito do estudo de um dólmen da região de Pombal, que sumariza os conhecimentos reunidos até o presente sobre tal matéria, o qual, somado a dois outros publicados no volume anterior dos *EAO*, completa uma trilogia cujo impacto científico, presente e futuro, é fácil de admitir.

Completa o volume o Relatório de Actividades do CEACO respeitante a 2024, elencando factos e realidades bem descritas e caracterizadas, que ilustram a riqueza e a diversidade da actuação deste serviço, no quadro das suas atribuições e competências, e o prestígio alcançado pelo seu labor, no panorama arqueológico nacional e internacional, partindo do serviço diariamente ali desenvolvido em estreita articulação com outros serviços do município de Oeiras, razão primeira da sua existência.

Pelos conteúdos presentes no volume ora apresentado, doravante à disposição de todos os interessados, em qualquer lugar do mundo, afirma-se, uma vez mais, a valia do projecto que presidiu à fundação desta revista no já longínquo ano de 1991. Os 35 números desde então publicados constituem a expressão mais acabada do sucesso da actividade no difícil domínio da Arqueologia diariamente desenvolvida pelo CEACO. Naturalmente, esta realidade decorreu das qualidades que o seu principal promotor tem evidenciado como poucos ao longo dos anos, de pertinácia, vontade, dedicação sem limites, a que se soma uma notável capacidade de concretização. Refiro-me ao Prof. Doutor João Luís Cardoso que soube criar as condições para que os apoios surgissem, por parte do Município de Oeiras, e frutificassem, de forma natural e sustentada, a ponto de presentemente a actividade do CEACO e dos EAO, seu órgão científico, constituírem paradigma da investigação, valorização e divulgação do Património arqueológico no nosso país.

É por isso que, a terminar, lhe endereço o meu agradecimento, extensivo a toda a sua equipa, a quem tem sabido transmitir um pouco do seu muito saber e entusiasmo, que estão na origem dos resultados alcançados.

A terminar, agradeço aos autores que colaboraram no presente volume, atingindo as 440 páginas de textos densamente ilustrados, pois a eles se deverá o bom acolhimento que lhe será seguramente dispensado. Como era costume dizer-se: “A boa fazenda está sempre vendida”... sábio aforismo que, na presente obra, encontra plena justificação.

Oeiras, 3 de março de 2025

O PRESIDENTE



(Isaltino Afonso Morais)

ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO IDENTIFICADAS NO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

COMBUSTION STRUCTURES IDENTIFIED IN THE PREHISTORIC SETTLEMENT OF LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso¹

Abstract

All combustion structures identified in the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras) are inventoried, distributed across a vast chronology corresponding to the Late Neolithic (ca. 3400-2900 BC), the Early Chalcolithic (ca. 2800-2500 BC) and the Full/Late Chalcolithic. (ca. 2500-2000 BC). The remarkable number of identified combustion structures, which reaches twenty-five, despite the general analogy between them, which is explained by the similarity of functions, allowed the identification of eight variants, duly characterized. This is the first contribution dedicated to the systematic study of combustion structures existing in a large prehistoric settlement in Portuguese territory.

Keywords: Leceia; Late Neolithic; Early Chalcolithic; Full/Late Chalcolithic; combustion structures; typology

1 – INTRODUÇÃO

As escavações arqueológicas realizadas sob direcção científica do signatário no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), em continuidade, entre 1983 e 2002, totalizando vinte anos de trabalhos de campo (CARDOSO, 2022) puseram a descoberto um vasto dispositivo fortificado, organizado em três linhas defensivas estreitamente articulado com a geomorfologia pré-existente do terreno, delimitando espaço defensivo de contorno sub-triangular, implantado em plataforma que domina do alto da encosta direita o vale da ribeira de Barcarena (Fig. 1).

As escavações realizadas em Leceia atingiram cerca de 11.000 metros quadrados evidenciando a estreita articulação entre o dispositivo defensivo e as estruturas de carácter habitacional postas a descoberto.

Por outro lado, a sequência estratigráfica definida foi correlacionada com as diversas fases construtivas identificadas, permitindo, assim, a par das numerosas datações radiocarbónicas obtidas, o faseamento da ocupação do local desde o Neolítico Final ao final do Calcolítico em três fases culturais, as quais, por sua vez, integram cinco fases construtivas, assim definidas (Fig. 2):

- Fase I Cultural: Neolítico Final – ca. 3400-2900 a.C. (Fase I construtiva);
- Fase II Cultural: Calcolítico Inicial – ca. 2800-2500 a.C. (Fase II, III e IV construtivas);
- Fase III Cultural: Calcolítico Pleno/Final – ca. 2500-2000 a.C- (Fase V construtiva).

¹ Investigador-Coordenador Convidado. ICArEHB (Universidade do Algarve). Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

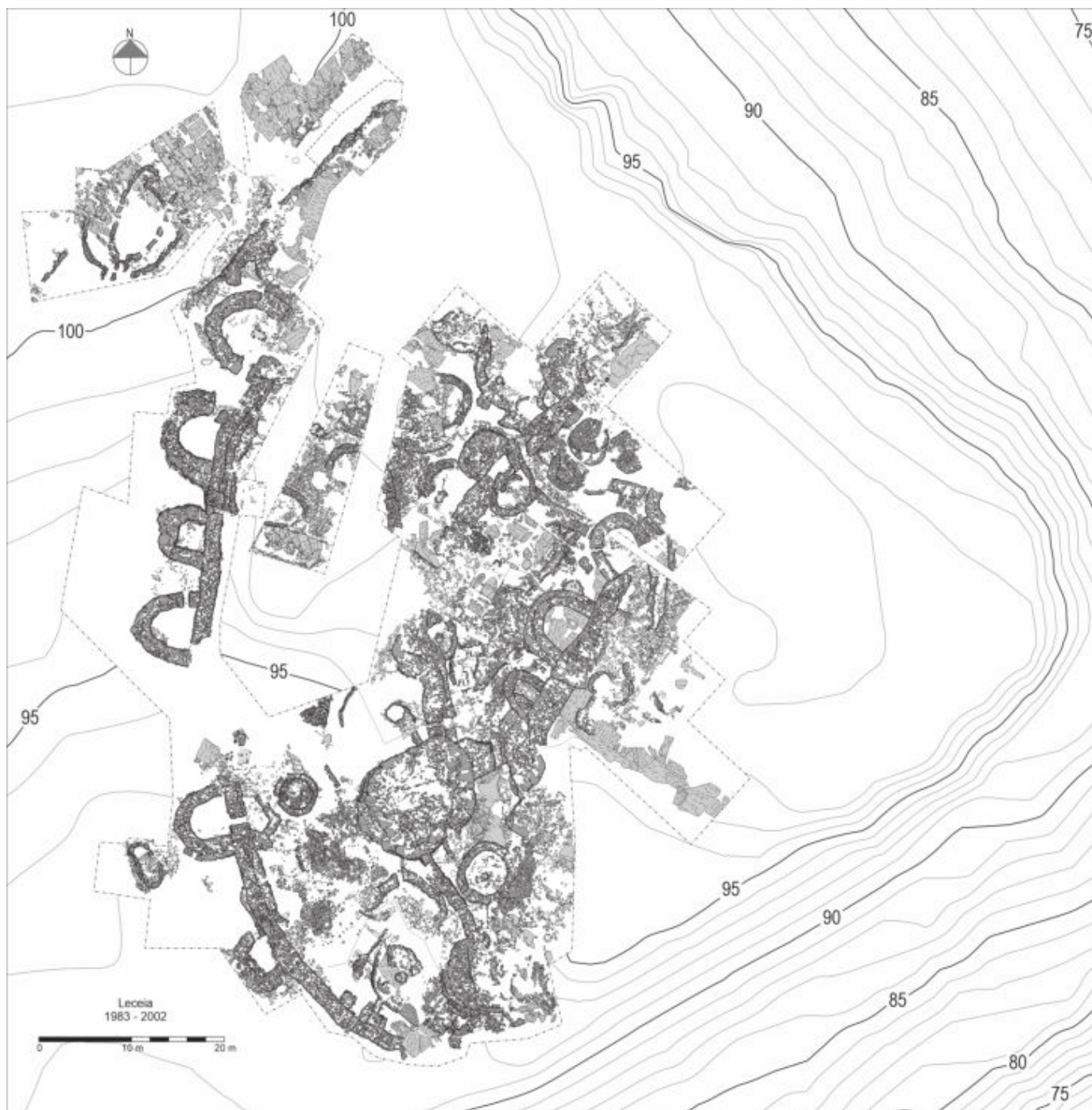


Fig. 1 – Leceia. Planta geral, evidenciando-se a estreita articulação do dispositivo defensivo com a topografia pré-existente, onde avulta uma escarpa formando esporão sobre o vale da ribeira de Barcarena.

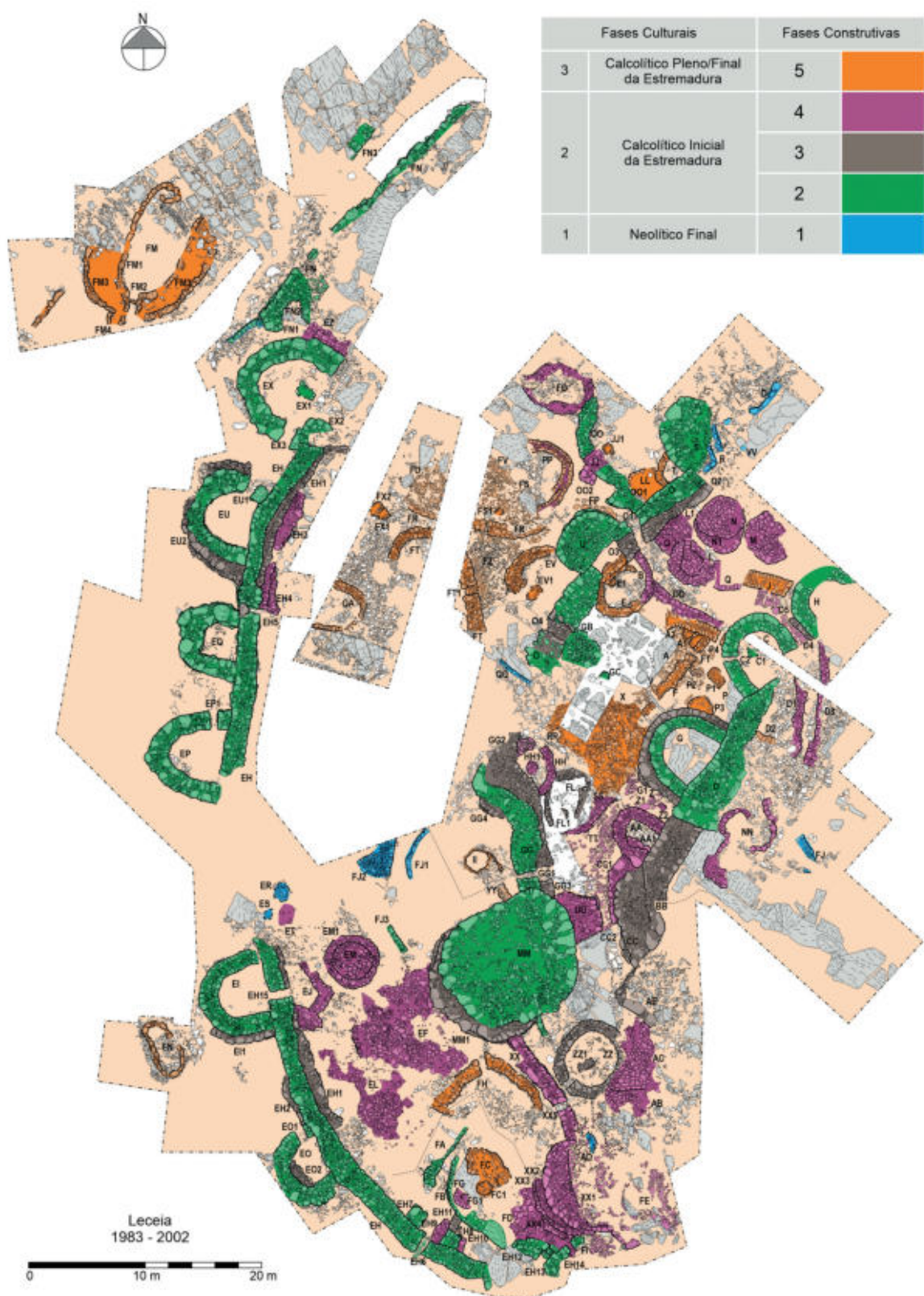


Fig. 2 – Leceia. Fases culturais e fases construtivas identificadas e respectiva cronologia absoluta.

2 – INVENTÁRIO

Na sequência acima descrita, a ocupação do **Neolítico Final** (cerca de 3400-2900 a.C.) encontra-se representada por diversas estruturas de combustão as quais, no entanto, não foi possível associar a unidades habitacionais específicas, podendo, nalguns casos, serem utilizadas a céu aberto, e deste modo darem resposta a diversas unidades habitacionais próximas, devidamente assinaladas na Fig. 3. Trata-se de estruturas habitacionais relacionadas com a primeira ocupação do local, correspondente a um vasto povoado aberto que se espalhou por toda a plataforma rochosa.

Foi identificada uma estrutura em arco delimitada, como é usual, por blocos calcários colocados, na maioria dos casos, de cutelo voltados para noroeste, podendo assim tal orientação ser conectada com a direcção dos ventos dominantes (Fig. 4). Esta estrutura poderia ser considerada como estando incompleta, mas o facto de não existirem quaisquer vestígios da fixação das pedras eventualmente em falta, a par daquelas que se conservaram exibirem boa continuidade no terreno, de planta regular e arqueada, leva a afastar tal hipótese. As outras duas estruturas de combustão atribuídas ao Neolítico Final exibem um desenvolvimento fechado sendo uma delas constituída por blocos irregulares (Fig. 5) e outra por elementos de tendência tabular fixados de cutelo (Fig. 6).

No início do **Calcolítico Inicial** assiste-se à construção de um complexo dispositivo defensivo organizado em três linhas muralhadas reforçadas com bastiões do seu lado externo, correspondente à 2.^a fase cultural identificada, atribuível ao Calcolítico Inicial, cerca de 2800-2500 a. C. A fase construtiva mais antiga deste dispositivo (Fase II construtiva) corresponde à sua construção, que terá sido rápida e executada de uma só vez. Verifica-se que dois dos bastiões possuem estruturas de combustão no seu interior, indício de que terão sido secundariamente utilizadas, como seria natural, como espaços habitados, conforme se encontra assinalado na Fig. 7. Uma destas estruturas (Fig. 8), evidenciada pela acumulação de cinzas no seu interior, encontra-se delimitada por blocos irregulares, enquanto outra, implantada no interior de outro bastião é igualmente evidenciada pelo seu enchimento interior de cinzas, exibindo forma mais alongada, ainda que também irregular. Em ambos os casos os blocos serviriam para reforçar a delimitação das estruturas de combustão, em “cuvette”, escavadas previamente no chão primitivo dos dois bastiões. Os blocos que ajudaram a delimitá-las parcialmente não teriam deste modo qualquer função de natureza estrutural. Já o mesmo não acontece com a terceira estrutura de combustão reportada à Fase II construtiva, com planta em arco, igualmente voltada para os quadrantes de Norte como anteriormente se verificou com homóloga mais antiga acima referida (Fig. 10). Esta estrutura encontra-se situada no espaço entre a segunda e a terceira linhas defensivas e provavelmente funcionava a céu aberto, podendo deste modo ser de uso comunitário.

À 3.^a Fase construtiva, também integrada no Calcolítico Inicial, respeitam duas estruturas de combustão, ambas situadas no interior de cabanas de planta circular, cuja localização se indica na Fig. 11. A primeira (Fig. 12) encontrava-se definida por elementos de pequenas dimensões definindo espaço fechado correspondente a “cuvette” previamente escavada no chão primitivo da cabana, evidenciada pelo enchimento de cinzas que conservava no seu interior. A segunda, de contorno sub-elipsoidal, apresentava-se definida por um alinhamento contínuo de blocos de tendência tabular, corporizando a última fase da sua utilização, conforme se evidencia pela sobreposição de tal alinhamento, a alinhamento mais antigo identificado na sua base (Fig. 13). Trata-se de um exemplo muito interessante de reformulação de uma unidade de combustão doméstica, com ampliação da mesma, conforme indica o acréscimo do seu perímetro, a par do potente enchimento de cinzas e carvões observado.

À 4.^a Fase construtiva pertencente ao último momento do Calcolítico Inicial foram reportadas quatro estruturas de combustão situadas no interior do espaço muralhado (Fig. 14). Uma delas (Fig. 15), incorpo-

rava blocos de tendência tabular formando um alinhamento contínuo, definindo recinto completamente preenchido por cinzas. Esta estrutura teve de ser removida por forma a permitir o prosseguimento dos trabalhos de escavação em profundidade. Outra estrutura de combustão pertencente a esta fase e construída no interior e uma unidade habitacional, exibe características únicas, sendo definida por quatro lajes principais colocadas de cutelo definindo espaço de contorno sub-rectangular. Esta estrutura foi ulteriormente coberta por lajeado, em resultado da remodelação realizada no interior da referida cabana (Fig. 16). Poder-se-ia admitir, em alternativa, tratar-se de um buraco de poste estruturado, não fosse o facto de este não se justificar em espaço de tão exíguas dimensões, para além de o seu interior se encontrar preenchido por cinzas e carvões, contrastando com o enchimento de greda calcária batida observado no seu lado externo. Outra estrutura de combustão pertencente à 4.^a Fase construtiva foi evidenciada pela concentração de cinzas, denunciando o seu interior, contrastando com a coloração do terreno envolvente (Fig. 17). Tal como em casos anteriormente descritos, a delimitação destas estruturas foi assegurada de forma descontínua por blocos irregulares com o intuito de delimitar “cuvette” previamente no terreno. Tal como o observado em situações anteriores, não foi possível associar directamente esta estrutura de combustão a qualquer unidade habitacional, pelo que a mesma se situaria a céu aberto, sendo de utilização colectiva.

A última estrutura de combustão pertencente a esta fase construtiva possui características únicas, sendo de muito pequenas dimensões. Encontrava-se associada a um lajeado de planta em segmento de círculo, que poderia constituir o chão de uma cabana adossada de um dos seus lados ao afloramento rochoso pré-existente (Fig. 18).

As estruturas que a seguir se caracterizarão pertencem todas à última fase de ocupação do povoado pré-histórico abrangendo globalmente toda a segunda metade do 3.^o milénio a. C., integrando-se na sua 3.^a fase cultural de ocupação, integrável no **Calcolítico Pleno/Final**, a que corresponde uma única fase construtiva (Fase V construtiva). Corresponde a época em que o dispositivo defensivo se encontrava já em evidente declínio, pelo que todas as estruturas identificadas possuem características habitacionais, representadas por cabanas de grandes dimensões de planta elipsoidal alongada, a par do reaproveitamento de panos de muralhas pré-existent (Fig. 19), relacionados com estruturas de pior qualidade construtiva. Logo no segundo ano de escavações, em 1984, se identificou uma das mais interessantes estruturas de combustão, aproveitando um dos cantos interiores da habitação, sendo constituída por dois alinhamentos arqueados de blocos definindo duas áreas de combustão adjacentes (Fig. 20). É provável que cada uma delas tivesse funcionalidade própria, pois de outro modo não se compreenderia a realidade observada. Com efeito, a área de combustão do lado esquerdo da figura possui ao centro um bloco de calcário de formato paralelepípedo com evidentes marcas de alteração pelo calor, conferindo-lhe coloração esbranquiçada, destinado provavelmente ao apoio de recipientes submetidos directamente ao fogo. Já o espaço de combustão situado no lado direito da figura possuía um enchimento miúdo avultando pequenos seixos bem visíveis na figura. A presença destes poderá explicar-se pela sua utilização no aquecimento de líquidos, onde seriam imersos depois de previamente aquecidos. Importa ainda referir que, entre as cinzas, se recolheu um grande anzol de cobre, admitindo-se que corresponda à preparação de uma grande dourada confeccionada sobre as brasas.

A Fig. 21 documenta outra estrutura de combustão integrada nesta última fase construtiva, sendo definida por blocos mais ou menos irregulares com disposição circular, dispostos espaçadamente em torno de uma “cuvette” pré-existente, entretanto preenchida por cinzas, tendo em vista a sua delimitação, não se podendo relacionar com nenhuma unidade habitacional concreta. A estrutura de combustão representada na Fig. 22 é reportável a unidade habitacional cuja existência se encontra sugerida pela dispersão de algumas lajes que pertenceriam ao seu piso primitivo, ocupando a lareira em apreço a zona central do espaço habitado.



Fig. 3 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 1 (Neolítico Final).



Fig. 4 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 1. Estrutura AD.

Já a estrutura de combustão representada na Fig. 23 implantar-se-ia no interior de cabana cujo chão se encontrava forrado de lajes. A sua delimitação foi assegurada por elementos colocados de cutelo e o seu interior, ao contrário do verificado em qualquer uma das estruturas de combustão até agora descritas, apresentava-se também com o fundo lajeado, o que facilitaria a limpeza das cinzas após cada operação de combustão. Em resultado dos sucessivos fogos ateados no seu interior, aquelas lajes exibiam assinalável marcas de alteração pelo calor conferindo-lhes cor esbranquiçada (calcinação incipiente).

A estrutura de combustão da Fig. 24, definida por diversas lajes de formato tabular, algumas de assinaláveis dimensões, colocadas de cutelo no terreno, corresponde a espaço poligonal fechado utilizado para operações metalúrgicas conforme se documentou pela recolha de pingos ou resíduos de fundição do cobre. É provável que a mesma se localizasse no interior de uma grande unidade de natureza habitacional constituída por um muro de duplo paramento, muito, incompleta e assente, tal como a estrutura de combustão em apressado, em camada terrosa castanho-anegrada da fase de ocupação mais recente (C.2), integrando-se, assim, nos derradeiros momentos da vida do povoado.

No espaço entre a primeira e a segunda linhas defensivas identificaram-se outras estruturas de combustão, uma delas igualmente constituída por uma lareira dupla tal como a anteriormente descrita. Situa-se no exterior de duas grandes unidades habitacionais de planta elipsoidal alongada. Desta forma, situar-se-ia a espaço a céu aberto, de utilização colectiva, conforme indica a Fig. 25. É interessante notar a incorporação de elementos prismáticos ou tabulares basálticos, recolhidos nas proximidades. Tal qual o verificado na estrutura representada na Fig. 20, a existência de uma área de combustão dupla evoca utilizações diferenciadas, ainda que, neste caso, ao contrário do anterior, tal não tenha sido evidenciado pela natureza do espaço interior de cada uma delas.

A Fig. 26 reporta-se a estrutura de combustão igualmente situada entre a primeira e a segunda linhas defensivas, aparentemente relacionada com uma grande unidade habitacional elipsoidal alongada. Trata-se de uma lareira de planta alongada, parcialmente delimitada por blocos colocados de cutelo, marginando uma “cuvette” pré-existente entretanto colmatada pelos respectivos produtos de combustão.



Fig. 5 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 1. Estrutura ER.

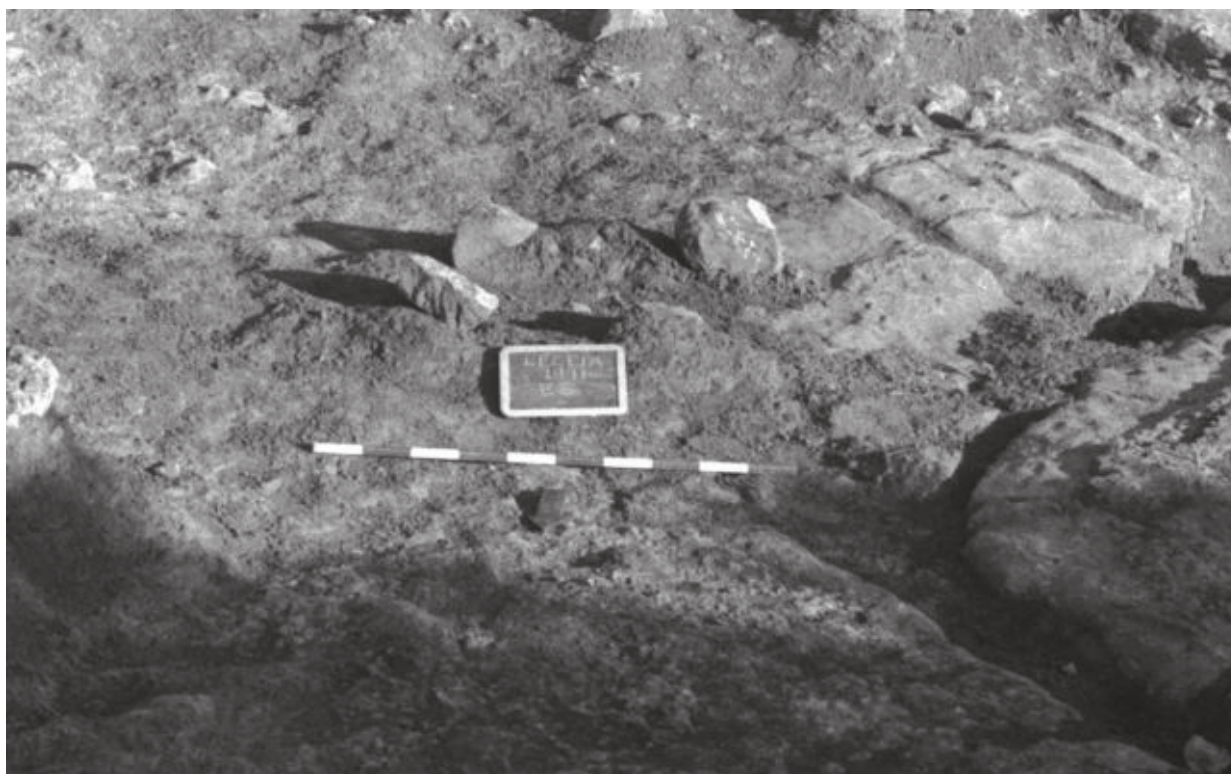


Fig. 6 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 1. Estrutura ES.



Fig. 7 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 2 (início do Calcolítico Inicial).



Fig. 8 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 2 Estrutura C1.



Fig. 9 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 2. Estrutura EX1.

Por fim, a Fig. 27 ilustra uma outra estrutura de combustão de características únicas em Leceia: trata-se de um pequeno empedrado situado no interior de uma unidade habitacional, de contorno sub-rectangular, o qual poderia ter sido utilizado como calorífero, para preparação de grlhados, que seriam colocados sobre as pedras da estrutura, depois de estas serem previamente aquecidas, com paralelos em numerosas épocas.

3 – SÍNTESE CONCLUSIVA

As 22 estruturas de combustão escavadas em Leceia no decurso dos trabalhos de campo ali realizados, entre 1983 e 2002, encontram-se inventariadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Leceia. Estruturas de combustão.

Figura nº	Sigla	Época cultural	Fase construtiva	Ano escavação	Observações
4	AD	Neolítico Final	1	1989	
5	ER	Neolítico Final	1	1991	
6	ES	Neolítico Final	1	1991	
8	C1	Calcolítico Inicial	2	1985	
9	EX1	Calcolítico Inicial	2	1992	
10	GC	Calcolítico Inicial	2	2002	
12	ZZ1	Calcolítico Inicial	3	1989	
13	FL1	Calcolítico Inicial	3	1994	
15	FF	Calcolítico Inicial	4	1988	Desapareceu em 1994
16	HH1	Calcolítico Inicial	4	1988	
17	ET	Calcolítico Inicial	4	1991	
18	FG1	Calcolítico Inicial	4	1993	
20	A1	Calcolítico Pleno/Final	5	1984	geminadas
	A2	Calcolítico Pleno/Final	5	1984	
21	P3	Calcolítico Pleno/Final	5	1986	
22	JJ1	Calcolítico Pleno/Final	5	1988	
23	RR1	Calcolítico Pleno/Final	5	1988	Desapareceu em 2002
	EE	Calcolítico Pleno/Final	5	1988	Desapareceu em 2002
24	FC1	Calcolítico Pleno/Final	5	1993	
25	FX1	Calcolítico Pleno/Final	5	1999	geminadas
	FX2	Calcolítico Pleno/Final	5	1999	
	FS1	Calcolítico Pleno/Final	5	1999	
26	EV1	Calcolítico Pleno/Final	5	1999	
27	P1	Calcolítico Pleno/Final	5	1986	



Fig. 10 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 2. Estrutura GC.

Verifica-se que três estruturas de combustão se incluem no Neolítico Final (Fase I de ocupação; Fase I construtiva); nove no Calcolítico Inicial, encontrando-se representada as três fases construtivas a ele pertencentes (Fase II de ocupação; Fase II, III e IV construtivas); por fim, ao Calcolítico Pleno/Final pertencem outras dez estruturas de combustão (Fase III de ocupação; Fase V construtiva).

Do ponto de vista tipológico, as estruturas em apreço exibem poucas diferenças entre si, uma vez que se destinavam a dar resposta a uma necessidade básica única, que era a de produzir e utilizar o fogo em espaços circunscritos, de natureza doméstica, tanto para o aquecimento, como para a preparação de alimentos. Deste modo, não se evidenciam diferenças significativas entre as 22 estruturas de combustão identificadas, embora tenham sido identificadas particularidades na sua construção, estrutura, ou constituição, que justificaram a identificação de oito variantes a seguir elencadas:

- Variante 1** – “cuvette” escavada no terreno, em geral de contorno circular a elipsoidal, delimitada por blocos de formatos diferentes de forma descontínua. Nestes casos a existência de tais blocos serviria simplesmente para ajudar delimitar o espaço onde se procedia à combustão, não possuindo qualquer função estrutural.
- Variante 2** – semelhante à anterior mas com o espaço de combustão delimitado por alinhamento contínuo de blocos de diversas dimensões e formatos, destinados a regularizar o perímetro da “cuvette”, conferindo-lhe maior robustez.
- Variante 3** – ausência de “cuvette” de combustão sendo o espaço onde se procedia ao fogo, delimitado parcialmente por um alinhamento curvilíneo de blocos voltados em arco contra o sentido do vento.
- Variante 4** – semelhante à anterior mas com o circuito completo de blocos de dimensões e tamanhos diversos, fechando o espaço de combustão desprovido de “cuvette”. Neste caso, o fogo era feito ao mesmo nível do chão da habitação ou do espaço exterior envolvente.
- Variante 5** – semelhante à anterior e igualmente sem “cuvette” de combustão, sendo o espaço onde se procedia ao fogo ocupado por lajeado, delimitado pelos elementos periféricos formando circuito aberto, constituídos por blocos de diversas dimensões e formatos, permitindo a remoção das varreduras.
- Variante 6** – estruturas de combustão fechadas, delimitadas no todo ou em parte, por grandes lajes colocadas de cutelo definindo espaços de combustão fechados de contorno sub-quadrangular a sub-trapezoidal.
- Variante 7** – estruturas complexas constituídas por dois espaços adjacentes onde se realizaram actividades distintas, simultaneamente ou não.
- Variante 8** – empedrados de contorno sub-rectangular eventualmente relacionados com a realização de grelhados sobre as superfícies previamente aquecidas e após varredura das cinzas e carvões resultantes da combustão.

Em conclusão, este estudo, que corresponde ao estabelecimento da primeira tipologia para estruturas de combustão neolíticas e calcolíticas identificadas em espaço doméstico, com base na respectiva inventariação e caracterização prévias.

Apesar da evidente semelhança de funções realizadas, foram identificadas oito variantes que documentam as diversas modalidades de utilizar o fogo, desde o aquecimento dos habitantes até à preparação de alimentos, incluindo o aquecimento de líquidos. Por outro lado, pode concluir-se que tais operações eram realizadas tanto no interior das habitações, sendo assim directamente associadas à pequena comunidade que vivia em cada uma delas, como em espaços a céu aberto, dando deste modo apoio às necessidades da comunidade que viveria naquele sector do povoado.

Para além das funções acima referidas, importa ainda destacar a utilização do fogo na metalurgia do cobre reforçando a conclusão de tal actividade ser inerente ao espaço domestico, compatível com o observado em outros povoados calcolíticos da Estremadura. É o caso do Outeiro Redondo, Sesimbra, onde se identificou uma única estrutura de combustão associada à metalurgia (CARDOSO, 2019, Fig. 45), muito semelhante aquela que em Leceia forneceu igualmente restos de fundição do cobre, acima descrita (ver Fig. 24).



Fig. 11 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 3 (fase média do Calcolítico Inicial).



Fig. 12 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 3. Estrutura FL1.



Fig. 13 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 3. Estrutura ZZ1.

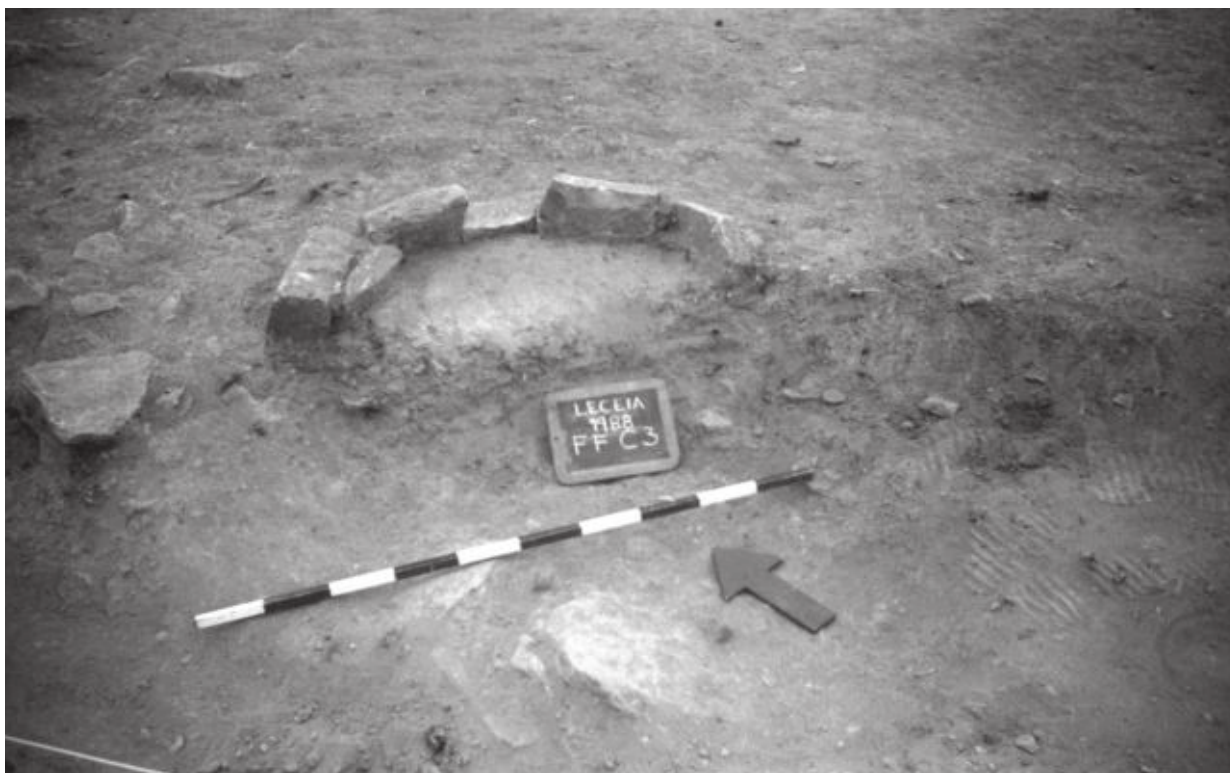


Fig. 15 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 4. Estrutura FF.



Fig. 16 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 4. Estrutura HH1.

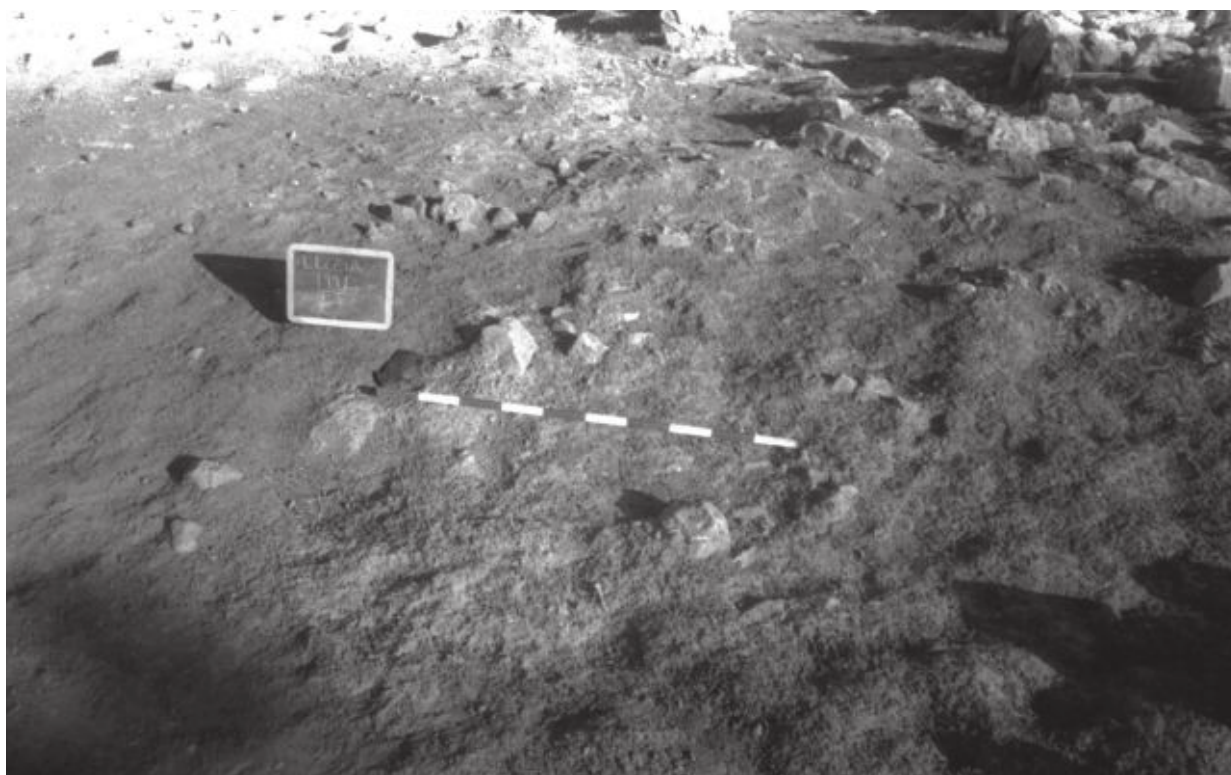


Fig. 17 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 4. Estrutura ET.



Fig. 18 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 4. Estrutura FG1.

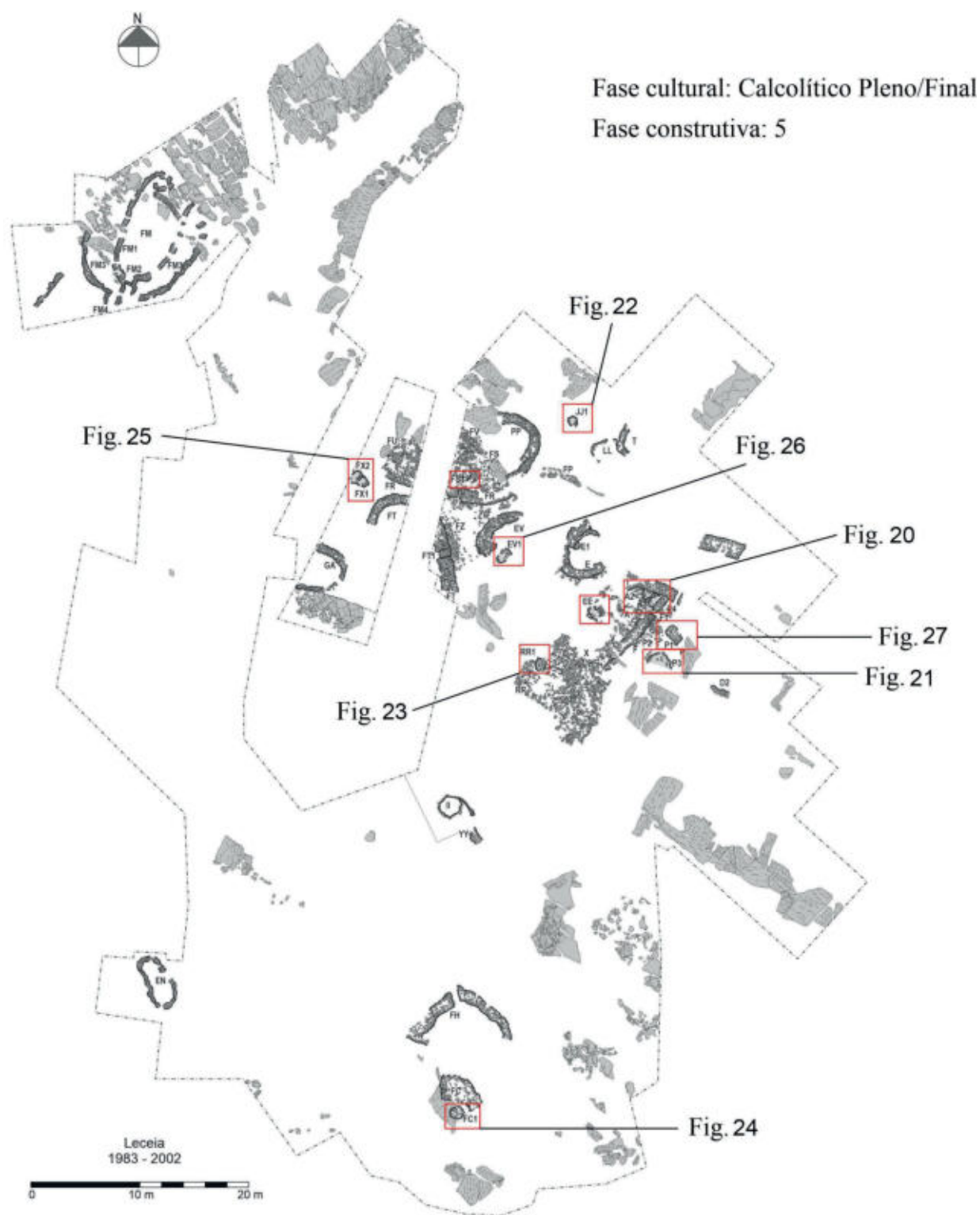


Fig. 19 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5 (Calcolítico Pleno/Final).



Fig. 20 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estruturas A1/2.

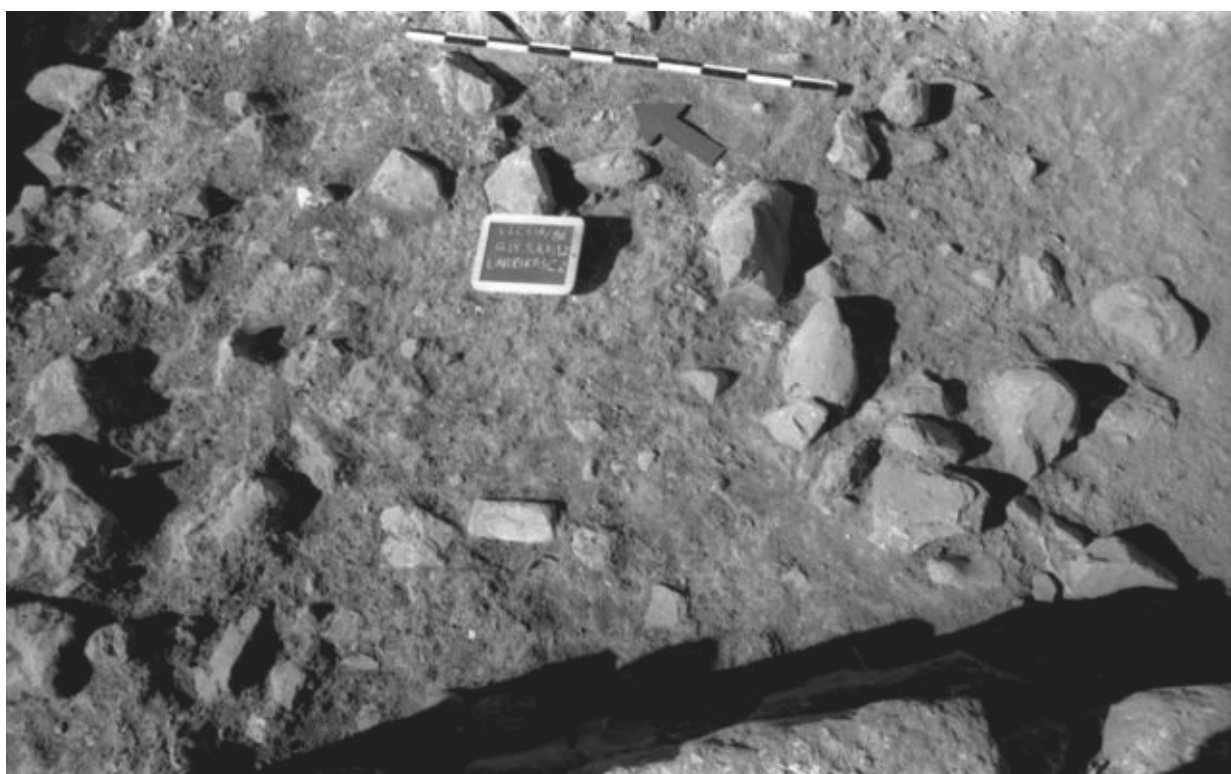


Fig. 21 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura P3.



Fig. 22 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura JJ1.



Fig. 23 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura RR1.



Fig. 24 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura FC1.



Fig. 25 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura FX1/2.



Fig. 26 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura EV1.



Fig. 27 – Leceia. Estruturas de combustão da Fase construtiva 5. Estrutura P1.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2022) – *O povoado pré-histórico de Leceia. Cinquenta anos de trabalhos arqueológicos (1972-2022)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

NOVOS DADOS SOBRE A PROVENIÊNCIA DO COBRE DE LECEIA

NEW DATA ON THE PROVENANCE OF COPPER FROM LECEIA

Pedro Valério¹, João Luís Cardoso², Luís Cerqueira Alves¹,
António M. Monge Soares³ & Maria Fátima Araújo¹

Abstract

The archaeological site of Leceia is a Chalcolithic settlement with one of the largest amounts of metal artefacts in the Lisbon peninsula, although the absence of ores and smelting remains suggests that local metallurgical operations were essentially related to the last stages of the *chaîne opératoire*, namely the casting and forging of artefacts. In fact, the local archaeological record shows several ingots including axe-ingots, some of which bear clear traces of sectioning. Five of these ingots were analysed to establish their elemental compositions and Pb isotope signatures in order to identify the possible sources of copper used in their manufacture. Elemental results identified copper with variable contents of arsenic (up to 2.94 wt%) and very low amounts of other impurities, which compares well with the composition of local objects. Pb isotope ratios are also in line with the values previously obtained for copper prills and objects from Leceia, supporting the likely use of these ingots for the casting of local artefacts. Moreover, the most likely candidates for supplying the metal based on the ingots analysed are copper deposits located in the Linares-La Carolina mine district and also, but to a lesser extent, in mines located in the Los Pedroches Batholith and the South Portuguese Zone. This evidences a long-distance copper trade between the Portuguese Estremadura and the Southern Iberian Peninsula and implies multiple trade connections of Chalcolithic communities inhabiting this region.

Keywords: Pb isotopes; copper sources; Chalcolithic; Lisbon peninsula; Long distance trade.

1 – INTRODUÇÃO

Os materiais metalúrgicos mais antigos do sítio de Leceia (Oeiras) pertencem ao Calcolítico Inicial (Camada 3 da sequência geral) (c. 2800-2600/2500 a.C.), mas a larga maioria dos exemplares recuperados durante as campanhas de escavação realizadas entre 1983 e 2000 enquadra-se no Calcolítico Pleno/Final, c. 2600/2500-2000 a.C. (Camada 2 da sequência geral) (SOARES & CARDOSO, 1995; CARDOSO et al., 2020).

¹ Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa. pvalerio@ctn.tecnico.ulisboa.pt; lcalves@ctn.tecnico.ulisboa.pt; faraujo@ctn.tecnico.ulisboa.pt

² Interdisciplinary Centre for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB), Universidade do Algarve, Portugal; Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, Portugal. cardoso18@netvisao.pt

³ Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa. amsoares@ctn.tecnico.ulisboa.pt

Este vasto espólio metálico foi objeto de diversos estudos analíticos parcelares ao longo dos anos, os quais envolveram sobretudo a sua caracterização composicional e microestrutural (BRAGANÇA GIL et al., 1979; CARDOSO & BRAZ FERNANDES, 1995; CARDOSO & GUERRA, 1997/98; MÜLLER & CARDOSO, 2008). Mais recentemente, a totalidade da coleção foi objecto de caracterização elementar, a qual identificou uma metalurgia de cobres com teores variáveis e reduzidos de arsénio, e cuja distribuição sugere que a presença de arsénio resulta da ocorrência deste elemento nos minérios de cobre explorados (CARDOSO et al., 2020).

Relativamente ao estudo da proveniência do cobre através da determinação dos isótopos de chumbo⁴, um trabalho inicial envolvendo a análise de nódulos metálicos e artefactos de Leceia apontou para a exploração de depósitos de cobre da ZOM (Zona de Ossa-Morena) (MÜLLER & CARDOSO, 2008). Considerando o elevado número de estudos efetuado desde então sobre depósitos de cobre da Península Ibérica, bem como o acesso simplificado a uma base de dados mais completa do que aquela então existente e utilizada, foi considerada a vantagem de proceder a uma reapreciação dos dados isotópicos existentes (VALÉRIO et al., 2023a). Este novo estudo sugere uma origem mais distante para o cobre que era importado pelas comunidades calcolíticas da península de Lisboa, podendo este metal em parte ser proveniente da ZCI (Zona Centro-Ibérica). Outra parte também poderia ser originária de depósitos situados na ZOM e na ZSP (Zona Sul Portuguesa), embora a origem principal ou mais frequente estivesse possivelmente localizada nas mais longínquas minas andaluzas da ZCI.

O presente estudo tem a intenção de aprofundar o conhecimento sobre a origem do cobre utilizado no povoado calcolítico fortificado de Leceia através da caracterização elementar e de isótopos de chumbo de lingotes ali recuperados. Foram realizadas microanálises elementares por espectrometria de emissão de raios X induzida por partículas (micro-PIXE) e as razões isotópicas de chumbo foram determinadas por espectrometria de massa com plasma acoplado por indução (MC-ICP-MS). As razões de isótopos de chumbo ($^{206}\text{Pb}/^{204}\text{Pb}$, $^{207}\text{Pb}/^{204}\text{Pb}$ e $^{208}\text{Pb}/^{204}\text{Pb}$) determinadas para estes lingotes foram depois comparadas com uma base de dados de minérios de cobre (TOMCZYK, 2022) e cruzadas com informações de natureza arqueológica para identificar as possíveis fontes de abastecimento do cobre respeitantes a este importante sítio arqueológico do Calcolítico peninsular.

2 – ARTEFACTOS

Foram seleccionados para estudo 5 lingotes incompletos, apresentando um deles parte do gume original do exemplar (Fig. 1, LC-6). Alguns destes artefactos mostram claras evidências de seccionamento, tais como as marcas de cinzel no exemplar LC-8, muito provavelmente resultantes da remoção de matéria-prima para a fundição de novos artefactos (Fig. 1, LC-8).

3 – MÉTODOS ANALÍTICOS

A preparação dos artefactos para determinação da sua composição química envolveu o corte de duas pequenas amostras. A primeira amostra foi montada em resina epóxi e polida, sendo assim analisada por

⁴ A base científica sobre a utilização de isótopos de chumbo na área da arqueometalurgia, bem como uma resenha histórica da sua utilização no território nacional foi recentemente apresentada (VALÉRIO et al., 2023a).



Fig. 1 – Os lingotes analisados do povoado calcolítico de Leceia e sua localização na área escavada. Note-se as marcas de cinzel no exemplar LC-8, bem como as evidências de corte no LC-9. Todos os lingotes provêm de contextos do Calcolítico Pleno/Final, excepto o exemplar LC-1, que provém de contexto do Calcolítico Inicial, conforme locais de recolha a seguir indicados: LC-1, LC/98 cabana FO, Camada 3; LC-6, LC/88 estrutura P, Camada 2; LC-8, LC/93 sobre FB, Camada 2; LC-9, LC/86 bastião C, Camada 2; LC-10, LC/90 lajeado EL, Camada 2.

micro-PIXE no acelerador de Van de Graaff do Instituto Superior Técnico. Os detalhes da metodologia de preparação de amostra e análise química encontram-se publicados (VALÉRIO et al., 2023b). A segunda amostra foi enviada para o *Servicio General de Geocronología y Geoquímica Isotópica (Universidad del País Vasco)*, onde foram determinadas as razões de isótopos de chumbo através da técnica de MC-ICP-MS. Os detalhes metodológicos desta técnica analítica podem ser consultados em SOARES et al. (2020).

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os cinco lingotes analisados são constituídos por cobre com teores muito variáveis de arsénio (0,08 – 2,94 % As) e vestígios de ferro (<0,03 %) (Tabela 1), sendo que dois dos lingotes são cobres puros (Fig. 1, LC-8 e LC-10), outros dois são cobres com impurezas de arsénio (LC-6 e LC-9) e um corresponde a cobre arsenical (LC-1). Deve ser referido que a classificação deste último exemplar como cobre arsenical não significa que se atribua intencionalidade na produção desta liga, trata-se apenas de designação que resulta do facto de utilizarmos o teor de 2 % de arsénio como fronteira entre cobres e cobres arsenicais⁵.

Tabela 1 – Composição elementar dos lingotes de Leceia

Referência	Massa (g)	Cu (%)	As (%)	Pb (%)	Fe (%)
LC-1	63	97,0	2,94	<0,02	<0,03
LC-6	12	98,4	1,47	<0,02	<0,03
LC-8	43	99,8	0,09	<0,02	<0,03
LC-9	27	98,6	1,26	<0,02	<0,03
LC-10	44	99,9	0,08	<0,02	<0,03

A análise recente da vasta coleção de artefactos de Leceia indicou que cerca de 90 % dos exemplares apresenta um teor de arsénio inferior a 3 % (CARDOSO et al., 2020). Deste modo, a gama de teores de arsénio identificada no pequeno conjunto de lingotes agora analisado (0,08-2,94 % As) enquadra-se perfeitamente na distribuição dos teores de arsénio dos restantes exemplares de Leceia. Esta semelhança constitui indicação de que estes lingotes terão sido utilizados na manufatura de alguns dos utensílios recuperados no povoado.

Já a determinação das razões de isótopos de chumbo poderá fornecer elementos complementares para esta discussão. Assim sendo, os valores obtidos para os lingotes agora em estudo (Tabela 2) foram comparados com valores anteriormente publicados para alguns artefactos e nódulos metálicos recuperados neste sítio arqueológico (MÜLLER & CARDOSO, 2008).

Tabela 2 – Razões de isótopos de chumbo dos lingotes de Leceia

Artefacto	Referência	$^{206}\text{Pb}/^{204}\text{Pb}$	$^{207}\text{Pb}/^{204}\text{Pb}$	$^{208}\text{Pb}/^{204}\text{Pb}$	$^{208}\text{Pb}/^{206}\text{Pb}$	$^{207}\text{Pb}/^{206}\text{Pb}$
Lingote	LC-1	18,2639	15,6421	38,4278	2,10402	0,85645
Lingote	LC-6	18,3444	15,6583	38,3975	2,09315	0,85358
Lingote	LC-8	18,3152	15,6498	38,3750	2,09525	0,85447
Lingote	LC-9	17,6625	15,5953	37,5868	2,12806	0,88296
Lingote	LC-10	18,2378	15,6509	38,3331	2,10185	0,85816

⁵ A problemática envolvendo a produção das ligas de cobre arsenical na Península Ibérica durante a pré-história encontra-se fora do âmbito deste trabalho, mas pode ser consultada em ROVIRA & MONTERO-RUIZ, 2013; VALÉRIO et al., 2020.

A representação gráfica das assinaturas de isótopos de chumbo do conjunto de lingotes analisados evidencia a aparente existência de um *outlier* (LC-9) e de um grupo constituído pelos exemplares LC-1, LC-6, LC-8 e LC-10 (Fig. 2). Este grupo apresenta valores semelhantes entre si, bem como uma boa correspondência com as assinaturas isotópicas de alguns dos artefactos e nódulos metálicos anteriormente analisados. No caso do lingote LC-9 esta relação não existe, mas o conjunto de artefactos anteriormente analisados apresenta igualmente um possível *outlier*, o fragmento A11 (VALÉRIO et al., 2023a), cujas razões isotópicas de chumbo se aproximam dos valores deste lingote. Os resultados destes dois exemplares indicam a utilização de fontes de cobre de origem distinta do conjunto principal, evidenciando desde logo a exploração de diferentes regiões mineiras ou, pelo menos, de distintos depósitos de cobre.

A identificação das possíveis origens das fontes de cobre exploradas para obter os lingotes de Leceia foi obtida através da comparação das suas assinaturas isotópicas com as dos minérios de cobre presentes numa base de dados recentemente publicada (TOMCZYK, 2022), a qual integra a base de dados IBERLID referente à Península Ibérica (GARCÍA de MADINABEITIA et al., 2021). Foram seleccionados os minérios de cobre com uma reduzida distância Euclideana ($d < 0,05$) para cada lingote, e cujas razões isotópicas de chumbo se encontrem no intervalo de $\pm 0,15$ % dos valores correspondentes ao lingote em análise.

4.1 – Lingote LC-1

As razões de isótopos de chumbo do lingote LC-1 apresentam vizinhos Euclideanos em diversos minérios de cobre do distrito

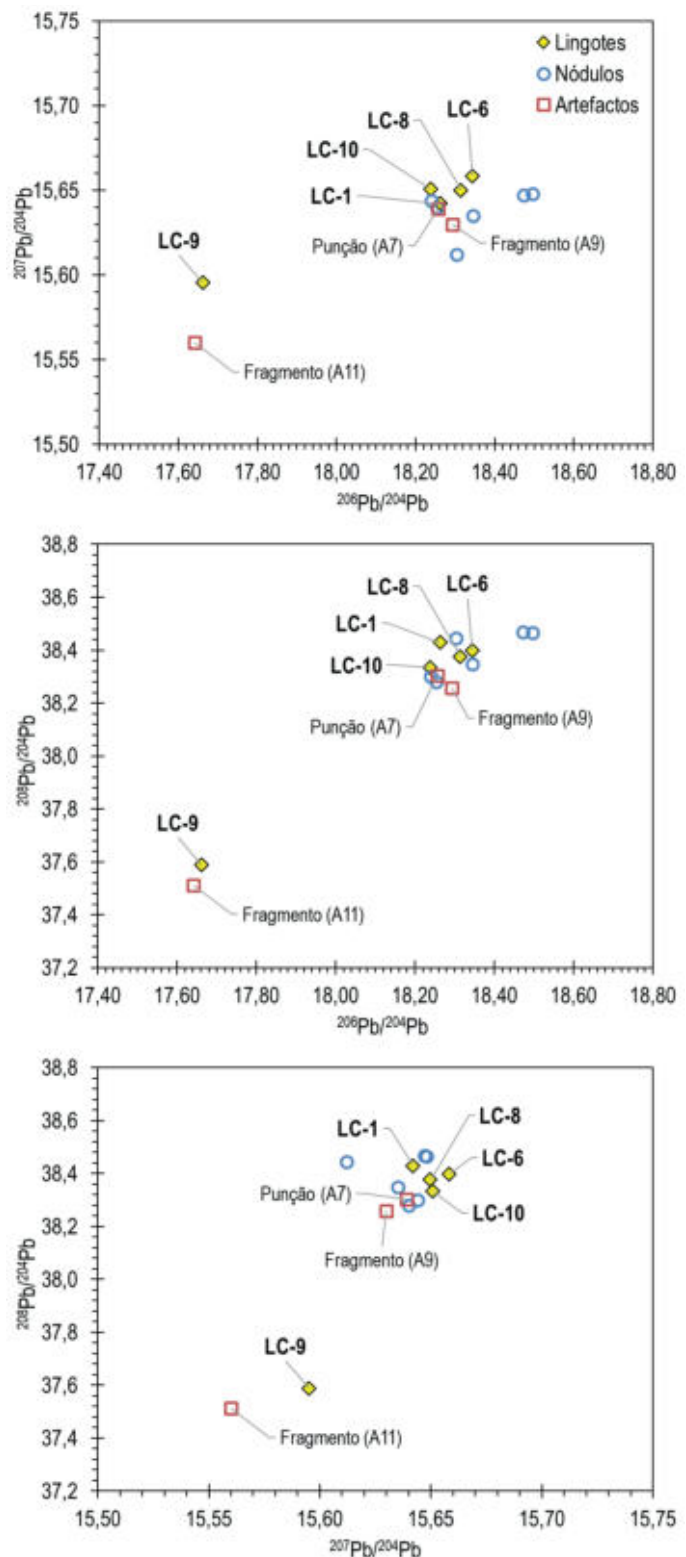


Fig. 2 – Razões de isótopos de chumbo dos lingotes comparadas com nódulos metálicos e artefactos de Leceia previamente estudados (resultados de nódulos metálicos e artefactos com menor precisão, ou seja, com um desvio-padrão significativamente superior a 0,1%, não foram considerados, seg. MÜLLER & CARDOSO, 2008).

mineiro de Linares-La Carolina, Jaén (ZCI) (Fig. 3). Os depósitos de cobre com valores mais próximos deste lingote são provenientes das minas La Buena-La Mala (Vilches, $d = 0,008$), Las Riscas (Linares, $d = 0,010$), Valdeinfierno-San Arturo (Carboneros, $d = 0,023$) e Medianería (Villanueva de la Reina, $d = 0,027$) (SÁEZ et al., 2021). Foi ainda encontrada uma boa correspondência com a mina de Quita Pellejo (Obejo, $d = 0,032$) localizada na ZOM, bem como com a mina Preciosa (Paymogo, $d = 0,035$) situada na ZSP (SÁEZ et al., 2021). No entanto, estas duas últimas minas apresentam uma assinatura de isótopos de chumbo mais afastada do lingote LC-1 (ver Fig. 3), pelo que a origem do cobre deverá situar-se no distrito mineiro de Linares-La Carolina, apesar da sua maior distância da península de Lisboa. Para além disso, deverá ser referido que muitas daquelas minas situadas na bacia do Guadalquivir apresentam evidências arqueológicas da sua exploração pelas primeiras sociedades com metalurgia (SÁEZ et al., 2021).

4.2 – Lingotes LC-6 e LC-8

O cobre dos lingotes LC-6 e LC-8 tem uma das suas origens mais prováveis na mina de A. Tomilloso, Los Pedroches ($d = 0,031$ e $0,020$, respetivamente) (Fig. 4), situada na ZCI (KLEIN et al., 2009). A assinatura isotópica do lingote LC-6 apresenta também uma similitude com o da mina de cobre de La Sultana, Huelva ($d = 0,036$) localizada na Zona de Ossa-Morena (STOS-GALE et al., 2009), enquanto que o exemplar LC-8 aponta para as minas de Cortes Pereiras (Alcoutim, $d = 0,027$) e Cova dos Mouros, Alcoutim ($d = 0,028$), ambas situadas na ZSP (SÁEZ et al., 2021). Neste caso, as distâncias euclidianas são muito semelhantes, pelo que nenhuma

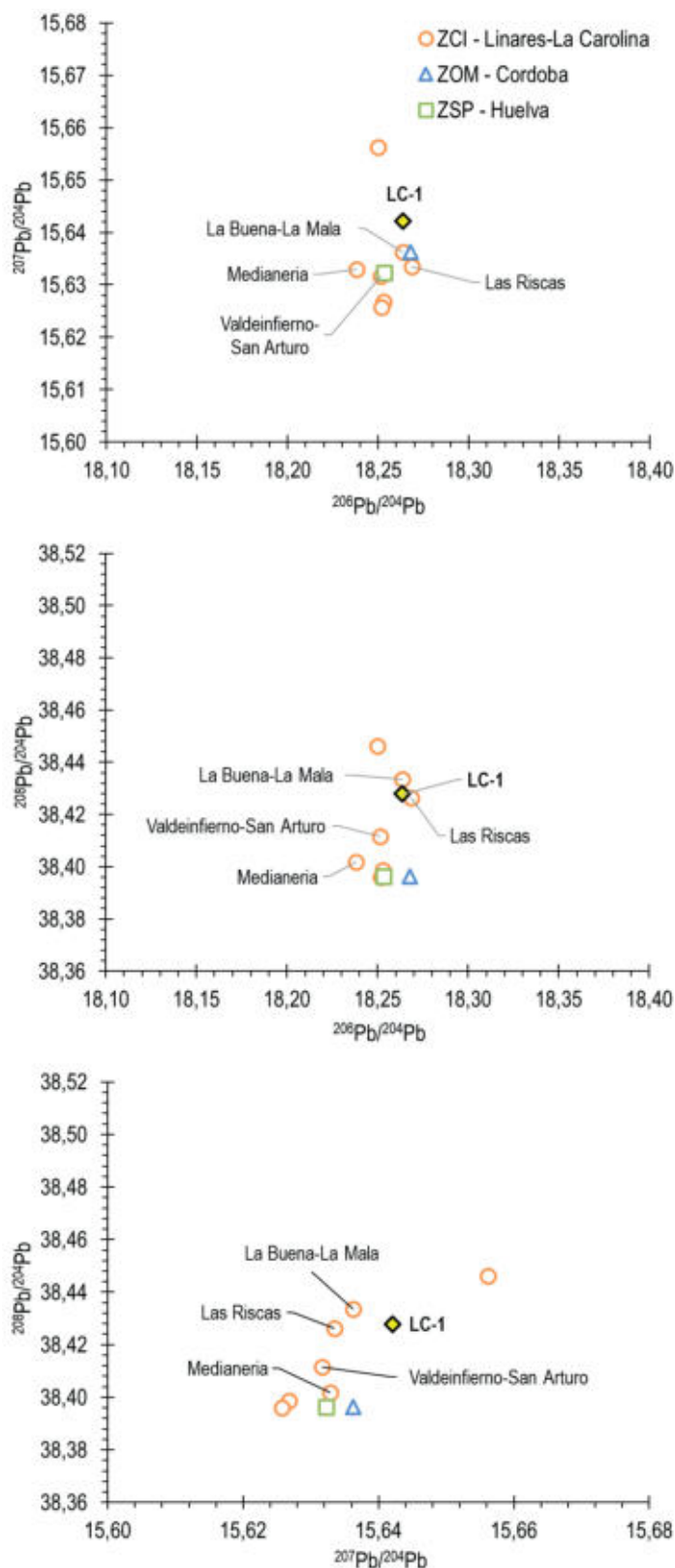


Fig. 3 – Razões de isótopos de chumbo do lingote LC-1 de Leceia comparadas com os minérios de cobre compatíveis (vizinhos Euclidianos mais próximos recolhidos da base de dados de TOMCZYK, 2022).

das possíveis fontes identificadas pode ser destacada. Por outro lado, poderá ser valorizado o facto de ambos os lingotes apontarem para a região mineira de Los Pedroches, bem como a proximidade desta área com o distrito mineiro de Linares-La Carolina, indicado como a origem provável do cobre do lingote LC-1.

4.3 – Lingote LC-10

O lingote LC-10 tem todos os seus vizinhos Euclidianos mais próximos na ZSP (Fig. 5). Estes são a mina de Aznalcollar na região de Sevilha ($d = 0,021$) (HUNT ORTIZ, 2003) e, na região de Huelva, as minas de Romanera ($d = 0,030$) e de Cabezas Sandino ($d = 0,045$) (SÁEZ *et al.*, 2021), assim como as minas de Monte Romero ($d = 0,032$) e de Rio Tinto ($d = 0,036$) (HUNT ORTIZ, 2003). Deve ser destacado que todos estes depósitos de cobre se situam em território espanhol, o que parece sugerir a reduzida utilização das minas de cobre do sul do território nacional durante este período inicial da metalurgia pré-histórica.

4.4 – Lingote LC-9

Para o lingote LC-9 (o aparente *outlier*) não foram encontrados minérios de cobre com assinaturas de isótopos de chumbo compatíveis na Península Ibérica. O minério de cobre com valores mais próximos pertence a uma amostra de minério da mina de Valgrana em Itália ($d = 0,049$) (GIUNTI, 2011). No entanto, considerando a antiguidade do período cronológico em causa e sublinhando o ainda reduzido número de dados sobre minérios de cobre da região sul de Portugal, parece-nos mais provável que o metal deste lingote provenha de fonte de cobre ainda não caracterizada.

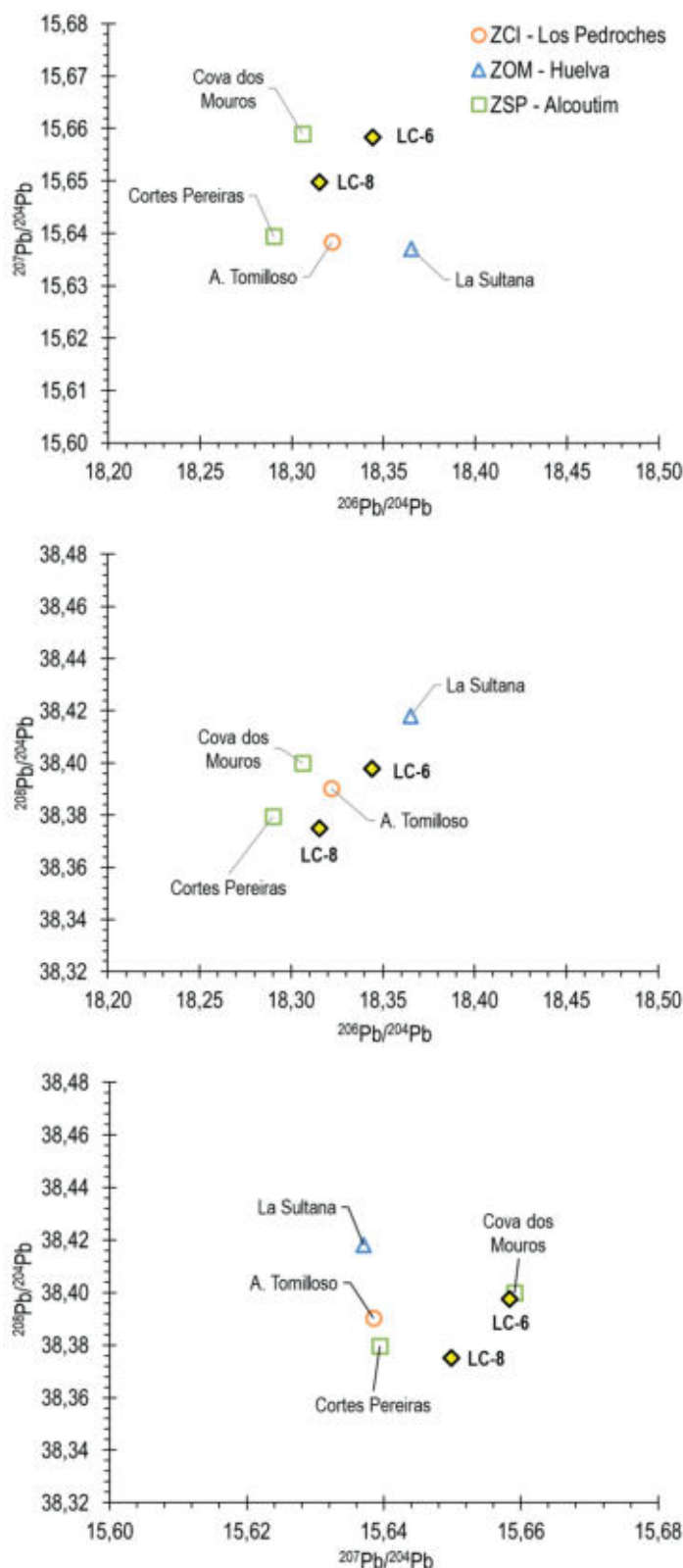


Fig. 4 – Razões de isótopos de chumbo dos lingotes LC-6 e LC-8 de Leceia comparadas com os minérios de cobre compatíveis (vizinhos Euclidianos mais próximos recolhidos da base de dados de TOMCZYK, 2022).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A composição química dos lingotes de Leceia agora analisados aponta para cobres com valores variáveis e reduzidos de arsénio (< 3 % As), apresentando grandes semelhanças com a composição da generalidade dos exemplares da vasta coleção de artefactos recuperados neste povoado calcolítico. De igual modo, as razões de isótopos de chumbo destes lingotes e dos artefactos e nódulos anteriormente analisados apresentam valores comparáveis, reforçando a utilização daqueles lingotes para a manufatura de alguns dos utensílios de Leceia.

Relativamente à origem do cobre importado para este povoado da península de Lisboa, a reapreciação recente das assinaturas de isótopos de chumbo disponíveis para Leceia tinha já apontado para a Zona Centro-Ibérica como a sua origem principal. Estes novos resultados vêm reforçar essa conclusão, mais especificamente a utilização das minas de cobre andaluzas, designadamente os depósitos de cobre dos distritos mineiros de Linares-La Carolina e de Los Pedroches. A Zona Sul Portuguesa e a Zona de Ossa-Morena também poderão ser a origem de algum do cobre recuperado no povoado, mas serão os depósitos mineiros da longínqua área sul oriental da Zona Centro-Ibérica as principais fontes do metal de Leceia.

Os resultados obtidos sugerem assim a existência de redes de longa distância durante o 3.º milénio a.C. para o abastecimento de cobre da península de Lisboa, envolvendo diversas regiões do sul da Península Ibérica. Por último, importa referir que a ausência de dados sobre fontes de cobre compatíveis com um dos lingotes agora analisados (e um dos artefactos anteriormente estudados) reforça a importância

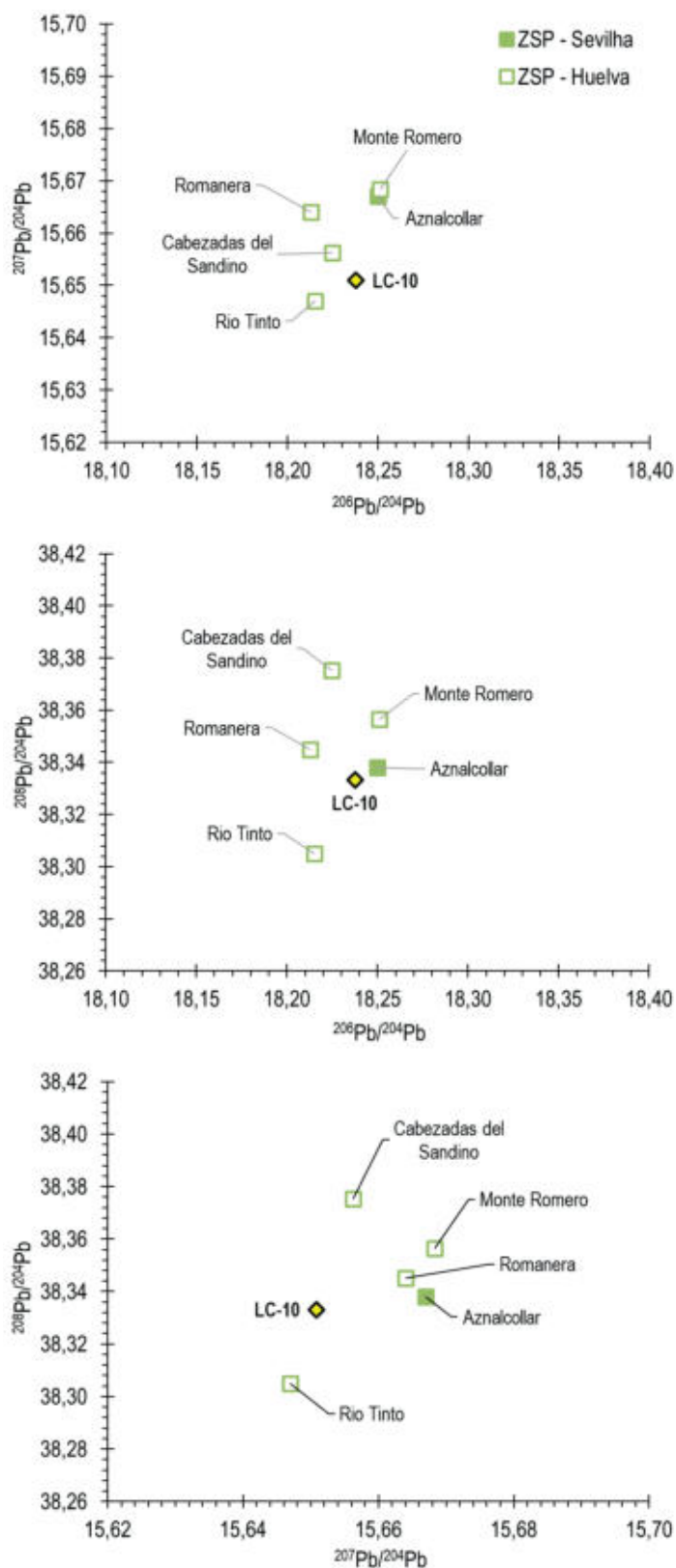


Fig. 5 – Razões de isótopos de chumbo do lingote LC-10 de Leceia comparadas com os minérios de cobre compatíveis (vizinhos Euclidianos mais próximos recolhidos da base de dados de TOMCZYK, 2022).

da continuação da investigação nesta área. Tal deverá dar especial importância à caracterização das minas do sul de do actual território português, por forma a aprofundar o conhecimento sobre as redes de troca e, por conseguinte, dos contactos das comunidades calcolíticas do sudoeste da Península Ibérica.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o financiamento concedido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do Projeto Estratégico do Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (UIDB/04349/2020). Os autores gostariam também de agradecer o apoio técnico e humano prestado na análise de isótopos de chumbo pelo *Servicio General de Geocronologia y Geoquímica Isotópica da Universidad del País Vasco* (SGIker, UPV/EHU/ERDF, EU).

BIBLIOGRAFIA

- BRAGANÇA GIL, F.; FERREIRA, G. & CARDOSO, J. L. (1979) – Análise por fluorescência de raios X de peças de cobre do Castro de Leceia. *Setúbal Arqueológica*. 5, p. 103-116.
- CARDOSO, J. L.; BOTTAINI, C.; MIRÃO, J.; SILVA, R. J. & BORDALO, R. (2020) – O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) inventariação e estudo analítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 26, p. 41-66.
- CARDOSO, J. L. & BRAZ FERNANDES, F. (1995) – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, p. 153-164.
- CARDOSO, J. L. & GUERRA, F. (1997/1998) – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica Calcolítica da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7, p. 61-87.
- GARCÍA de MADINABEITIA, S.; GIL IBARGUCHI, J. I & SANTOS ZALDUEGUI, J. F. (2021) – IBERLID: A lead isotope database and tool for metal provenance and ore deposits research. *Ore Geology Reviews*. 137, 104279.
- GIUNTI, I. (2011) – *Geochemical and isotopic tracers in copper deposits and ancient artifacts: a database for provenance*. Tese de Doutoramento em Ciências da Terra, Università degli Studi di Padova, Padova.
- HUNT ORTIZ, M. A. (2003) – Prehistoric mining and metallurgy in south west Iberian Peninsula. Oxford: Archaeopress.
- KLEIN, S.; DOMERGUE, C.; LAHAYE, Y.; BREY, G. & VON KAENEL, H. (2009) – The lead and copper isotopic composition of copper ores from the Sierra Morena (Spain). *Journal of Iberian Geology*. 35, p. 59-68.
- MÜLLER, R. & CARDOSO, J. L. (2008) – The origin and use of copper at the Chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madriider Mitteilungen*, 49, p. 64-93.
- ROVIRA, S. & MONTERO-RUIZ, I. (2013) – Iberia: Technological development of prehistoric metallurgy. In BURMEISTER, S.; HANSEN, S.; KUNST, M. & MÜLLER-SCHNEBEL, N. (eds.), *Metal Matters. Innovative Technologies and Social Change in Prehistory and Antiquity*. Rahden/Westf.: Leidorf, p. 231-239.
- SÁEZ, R.; NOCETE, F.; GIL IBARGUCHI, J. I.; RODRÍGUEZ-BAYONA, M.; INACIO, N.; QUISPE, D.; RODRÍGUEZ, J. & SANTOS ZALDUEGUI, J. F. (2021) – A lead isotope database for copper mineralization along the Guadalquivir River Valley and surrounding areas. *Journal of Iberian Geology*. 47, p. 411-427.

- SOARES, A. M. M. & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, p. 263-276.
- SOARES, A. M. M.; VALÉRIO, P.; GOMES, S. S.; MATALOTO, R.; SOARES, S. M.; SILVA, R. J. C. & SOARES, R. M. (2020) – A first appraisal on copper sources for Chalcolithic settlements in southern Portugal using Pb isotope analysis. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 33:102481.
- STOS-GALE, Z. A. & GALE, N. H. (2009) – Metal provenancing using isotopes and the Oxford archaeological lead isotope database (OXALID). *Archaeological and Anthropological Sciences*. 1, p. 195-213.
- TOMCZYK, C. (2022) – A database of lead isotopic signatures of copper and lead ores for Europe and the Near East. *Journal of Archaeological Science*. 146, 105657.
- VALÉRIO, P.; CARDOSO, I. P.; SANTIAGO, M.; ARAÚJO, M. F.; ALVES, L. C.; GONÇALVES, M. A. & MATALOTO, R. (2020) – Microanalytical study of copper ores from the Chalcolithic settlement of São Pedro (Portugal): Copper production in south-western Iberian Peninsula. *Archaeometry*. 62(2), p. 314-328.
- VALÉRIO, P.; CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (2023a) – Revisitando a proveniência do cobre usado em Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 32, p. 61-74.
- VALÉRIO, P.; SOARES, J.; ALVES, L. C.; SILVA, R. J. C.; ARAÚJO, M. F. & TAVARES da SILVA, C. (2023b) – Chalcolithic copper production and use in the western end of the Iberian Peninsula: The testimony of Castro de Chibanes (Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 48, 103868.

OS DOIS EPISÓDIOS DE UTILIZAÇÃO DA ANTA DO ALTO DA FETEIRA (POMBAL, LEIRIA) E O MEGALITISMO NO LITORAL-CENTRO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS, ENTRE O NEOLÍTICO MÉDIO E O NEOLÍTICO FINAL *

THE TWO EPISODES OF USE OF THE ALTO DA FETEIRA DOLMEN (POMBAL, LEIRIA) AND THE MEGALITHISM ON THE COASTAL CENTRE OF THE PORTUGUESE TERRITORY, BETWEEN THE MIDDLE NEOLITHIC AND THE LATE NEOLITHIC

João Luís Cardoso¹ & Marco António Andrade²

Abstract

The dolmen of Alto da Feteira (municipality of Pombal, district of Leiria) corresponds to a megalithic tomb built using local limestone slabs, identified and excavated in the 1960s by Luís de Albuquerque e Castro and Octávio da Veiga Ferreira, having provided a votive set indicating two probable use phases: a first one, relating to the Middle Neolithic, characterized by the presence of geometric armatures, small unretouched flint blades and bladelets, bracelets on *Glycymeris* valve and probably polished stone tools in sillimanite; a second one, already related to the Late Neolithic (which may extend to the Early Chalcolithic), characterized by the presence of arrowheads, halberds, large retouched flint blades, pottery (including carinated bowls), sandstone and greywacke plaques and adornment elements (including bone pins with channelled head and «green stone» and lignite beads). For this last phase, radiocarbon dating is available, centred on the last third of the 4th millennium BC (median probability: 3210 cal BCE 2 σ ; mean: 3243 cal BCE 2 σ).

This paper intends to present the integrated study of this monument, describing two use moments immediately succeeding in Time, framing it in the context of Megalithism in the coastal centre of the Portuguese territory (between the northern edges of the Estremadura Limestone Massif and the lower course of the Mondego River), and in the evolutionary levels of the megalithic phenomenon in Western Iberia, between the Middle Neolithic and the Late Neolithic.

Keywords: Alto da Feteira; Megalithism; Middle Neolithic; Late Neolithic.

1 – INTRODUÇÃO

O Megalitismo do litoral-centro do território português é conhecido desde os trabalhos pioneiros de António dos Santos Rocha, desenvolvidos durante as últimas décadas do século XIX nos monumentos da área

* Desenhos dos espólios de Filipe Martins. Fotos dos espólios de João Luís Cardoso. Fotos modernas de terreno de Cláudia Neves, do Grupo Protecção Sico (GPS), ONGA com sede em Pombal.

¹ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras; ICArEHB (Universidade do Algarve); Universidade Aberta (Lisboa); cardoso18@netvisao.pt

² Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; marcoandrade@edu.ulisboa.pt

da Figueira da Foz, tendo identificado e escavado um importante conjunto de mais de duas dezenas de sepulcros dispostos ao longo das serras da Boa Viagem, Brenha e Alhadas, sobranceiras ao paleo-estuário do Rio Mondego, assim como uma significativa série de espaços habitacionais cujas cronologias se estendem do Neolítico Antigo em diante (ROCHA, 1888; 1891; 1895; 1900; 1949).

A relevância deste grupo de monumentos, evidenciada logo após a sua escavação e pronta publicação foi, mais tarde, salientada por António Vitor Guerra e Octávio da Veiga Ferreira, destacando-se desde logo a sua relação cultural directa com o megalitismo da região de Lisboa e, indirectamente, com o Sudeste peninsular (GUERRA & FERREIRA, 1968/1970).

Com efeito, tanto a nível das características arquitectónicas dos monumentos como da composição dos seus mobiliários votivos (BOAVENTURA, 2009; ANDRADE et al., 2024), a conexão com os sepulcros da península de Lisboa é evidente, reforçada pela presença de taças campaniformes *tipo Palmela* na anta do Cabeço dos Moinhos, na gruta de Eira Pedrinha ou na gruta da Buraca Grande (LEISNER, 1998, Taf. 86; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949; MOURA & AUBRY, 1995).

É entre estes dois ambientes geográficos que se encontra o «território de charneira» que é constituído pelos maciços calcários de Condeixa, Sicó e Alvaiázere, de acordo com os critérios estabelecidos (CUNHA, 1990), o qual inclui várias evidências megalíticas (cf. análise recente em SIMÕES, 2023). Esta «unidade geomorfológica», englobando os concelhos de Condeixa-a-Nova, Pombal, Soure, Penela, Ansião e Alvaiázere, constituiu-se como amplo corredor de circulação estabelecido no sentido longitudinal do território, enquadrado pelos relevos das Serras do Rabaçal e de Sicó, a Oeste, e das Serras de Penela e Alvaiázere, a Este, constituindo charneira entre as bacias dos rios Tejo e Mondego.

Com efeito, encontrando-se na transição entre a Estremadura e a Beira Litoral, na aba setentrional do Maciço Calcário Estremenho, e o baixo curso do Rio Mondego, a integração cultural dos monumentos aqui documentados permitiu definir eixos de ligação entre aquelas duas regiões (e, a partir daqui, com a região do médio-alto curso do Rio Mondego, como já fora referido por António Santos Rocha).

É neste contexto que se integra a anta do Alto da Feteira, primeiramente identificada, e depois escavada, estudada e publicada por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira no final da década de 1960, no âmbito dos trabalhos de cartografia geológica então por ambos desenvolvidos na região (CASTRO E FERREIRA, 1969/1970).

Trata-se de sepulcro megalítico de dimensões médias, cujos espólios indicam dois momentos distintos de uso, subsequentes mas culturalmente distintos: o mais antigo, do Neolítico Médio; o mais recente, do Neolítico Final, podendo este último prolongar-se pelo Calcolítico Inicial.

Com base na análise das características tecno-tipológicas dos espólios recuperados, assim como do resultado de datação absoluta realizada sobre amostra de alfinete de osso, ensaia-se no presente trabalho a caracterização crono-cultural dos dois episódios de uso da anta do Alto da Feteira, procurando integrá-la no desenvolvimento do fenómeno megalítico a nível regional, assim como nas redes de interacção cultural e dinâmicas sociais que lhe estão associadas.

2 – LOCALIZAÇÃO E ARQUITECTURA

A anta do Alto da Feteira (CNS 3024) localiza-se administrativamente no distrito de Leiria, concelho e freguesia de Pombal, a cerca de 330 m a Noroeste da povoação da Arroiteia e a cerca de 650 m a Norte da povoação de Pousios (Figs. 1 e 2). Situar-se-ia aproximadamente, de acordo com a localização apresentada por

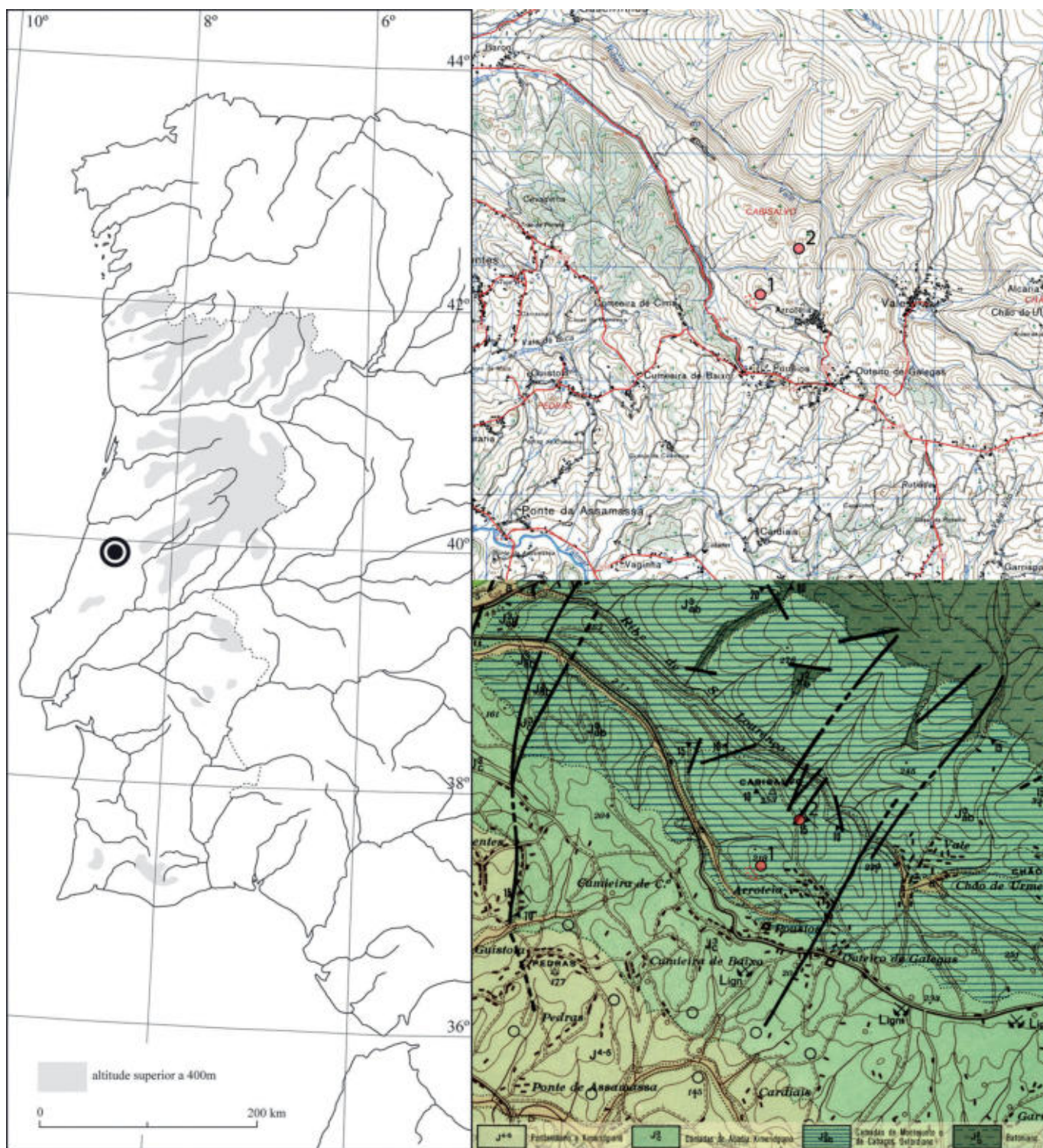


Fig. 1 – À esquerda, localização da anta do Alto da Feteira no Ocidente peninsular. À direita, situação da anta do Alto da Feteira (1) na folha n.º 274 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000) (em cima) e na folha n.º 23A da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50000) (em baixo), indicando-se igualmente a situação da anta do Alto da Carrasqueira (2); posição da anta do Alto da Feteira de acordo com a informação cartográfica apresentada em CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 50, Fig. 1; a elipse tracejada indica a área de acumulação de lajes de calcário a Sudoeste da área de implantação provável do monumento.

Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira (1969/1970, p. 50, Fig. 1), na folha n.º 274 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000), nas seguintes coordenadas UTM (*datum* ED1950):

M: 535484,99

P: 4416772,49

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):

Latitude: 39°53'54,11"N

Longitude: 08°35'10,76"W

A anta, aquando da sua identificação e exploração arqueológica (CASTRO & CASTRO, 1966; CASTRO & FERREIRA, 1969/1970) encontrava-se já muito afectada, com os esteios fracturados praticamente ao nível do solo, conservando apenas cerca de 1/3 do seu volume original. Esta severa afectação terá sido motivada pela exploração local de pedra. Actualmente, não subsistem quaisquer vestígios deste monumento: o que restaria da sua estrutura terá sido desmantelado durante as últimas décadas do século passado por acções de limpeza do terreno com vista ao plantio de vinha, encontrando-se a área onde se implantaria o sepulcro ocupada

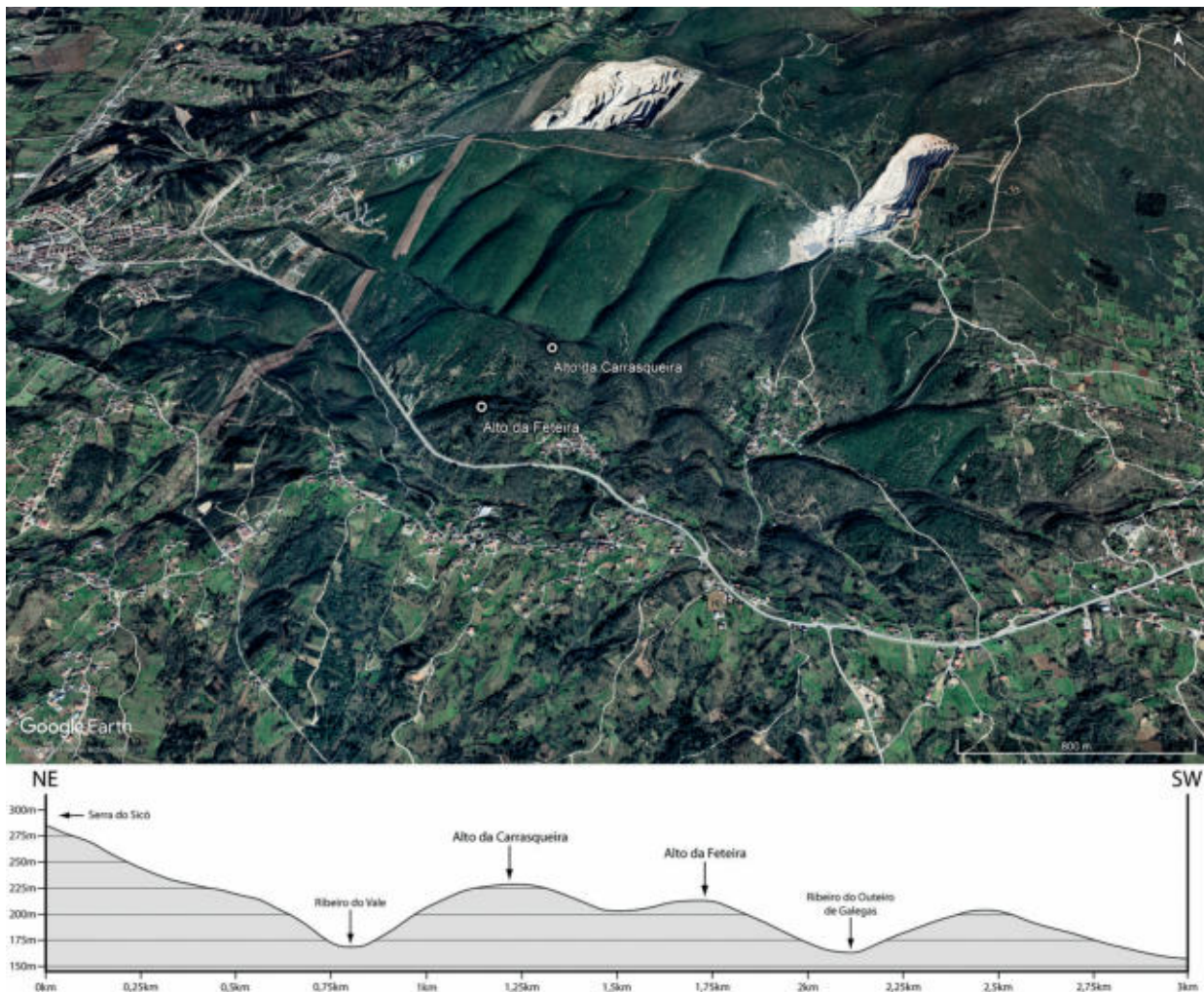


Fig. 2 – Em cima, vista aérea oblíqua (desde Sul) do enquadramento paisagístico das antas do Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira, nos contrafortes Sudoeste da Serra do Sicó (base: Google Earth Pro, 2024). Em baixo, perfil topográfico NE-SW da área das antas do Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira, entre os vales do Ribeiro dos Vales e do Ribeiro do Outeiro de Galegos, a Sudoeste da Serra do Sicó.

presentemente por pinhal. Segundo informações cedidas pelo Grupo Protecção Sicó (GPS), ONGA com sede em Pombal, a cerca de 120 m a Sudoeste da localização provável do monumento encontra-se um conjunto de lajes de calcário com aparência de esteios acumuladas no limite da propriedade durante acções de limpeza, sendo possível que algumas destas lajes correspondam aos esteios do megálito (Fig. 4).

Existiria um segundo monumento próximo deste, assinalado por Vera Leisner, referindo apenas a informação recolhida na curta nota publicada em 1966 de Luís de Albuquerque e Castro e Helena Maria de Albuquerque e Castro (cf. LEISNER, 1998, p. 143). Trata-se do dólmen do Alto da Carrasqueira (CNS 3026), já assinalado por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira, localizando-se a cerca de 520 m a Nordeste da anta do Alto da Feteira (cf. CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 41 e p. 50, Fig. 1), estando-lhe assim espacialmente associado. Este monumento, felizmente, conservou-se em muito bom estado, tendo sido, recentemente, objecto de um cuidadoso estudo de recuperação e consolidação por parte do Grupo Protecção Sicó (GPS).

De acordo com a folha n.º 23A da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50000), ambos os monumentos se encontram implantados em mancha de calcários oxfordianos («Camadas de Montejunto e de Cabaços», Jurássico Superior) orlando os níveis de calcários batonianos/bajocianos (Jurássico Médio) que constituem o núcleo do Maciço de Sicó a Nordeste, contornados pelos estratos de calcários portlandianos e kimmeridgianos (Jurássico Superior) a Sudoeste (MANUPPELLA, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1978).

Encontram-se instalados nos relevos que constituem os contrafortes Sudoeste da Serra do Sicó, no interflúvio do ribeiro do Vale (ou de São Lourenço) – ribeiro do Outeiro de Galegas, com o Alto da Feteira na encosta voltada a Sudoeste para o segundo curso de água e o Alto da Carrasqueira sobre a linha de cumeeada), sendo os ditos cursos de água afluentes da Ribeira de Valmor, subsidiária do Rio Arunca, que por sua vez é tributária do rio Mondego.

A anta do Alto da Feteira corresponde a sepulcro que incorpora lajes de calcário local, conservando à época da sua escavação e segundo a planta então elaborada, uma câmara poligonal de seis esteios organizados a partir do grande esteio de cabeceira (colocado no lado noroeste), com dois esteios no lado nordeste e três esteios no lado sudoeste, posicionados de modo imbricado, encontrando-se inclinados em cerca de 45° para o interior; os intervalos entre os esteios encontravam-se colmatados com blocos pétreos, principalmente evidentes nas laterais do esteio de cabeceira.

A câmara apresentava cerca de 3,30 m de diâmetro longitudinal e cerca de 3,10 m de diâmetro transversal, com cerca de 0,80/0,90 m de altura conservada. Encontrava-se aberta a sudeste, não conservando vestígios de corredor, sendo que a recolha de espólio na área de acesso à câmara, e no seu exterior imediato, faria supor que este teria eventualmente existido. Dele restaria apenas um pilarete paralelepípedo colocado à entrada da câmara e do seu lado direito, como que assinalando a transição desta para o suposto corredor (Figs. 3 e 4). É referida ainda a possível existência de um «nicho» constituído por blocos pétreos formando murete, encontrando-se os blocos que o compunham deslocados e misturados com o espólio arqueológico (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 41-42).

Segundo os referidos autores, os depósitos de enchimento da câmara megalítica encontravam-se já remediados (principalmente no âmbito das afectações acima referidas); contudo, foi possível registar concentrações e associações específicas de materiais votivos e elementos osteológicos humanos, com conotação crono-cultural, indicando possíveis utilizações diferenciadas do espaço útil do monumento ao longo das suas utilizações funerárias (como veremos abaixo).

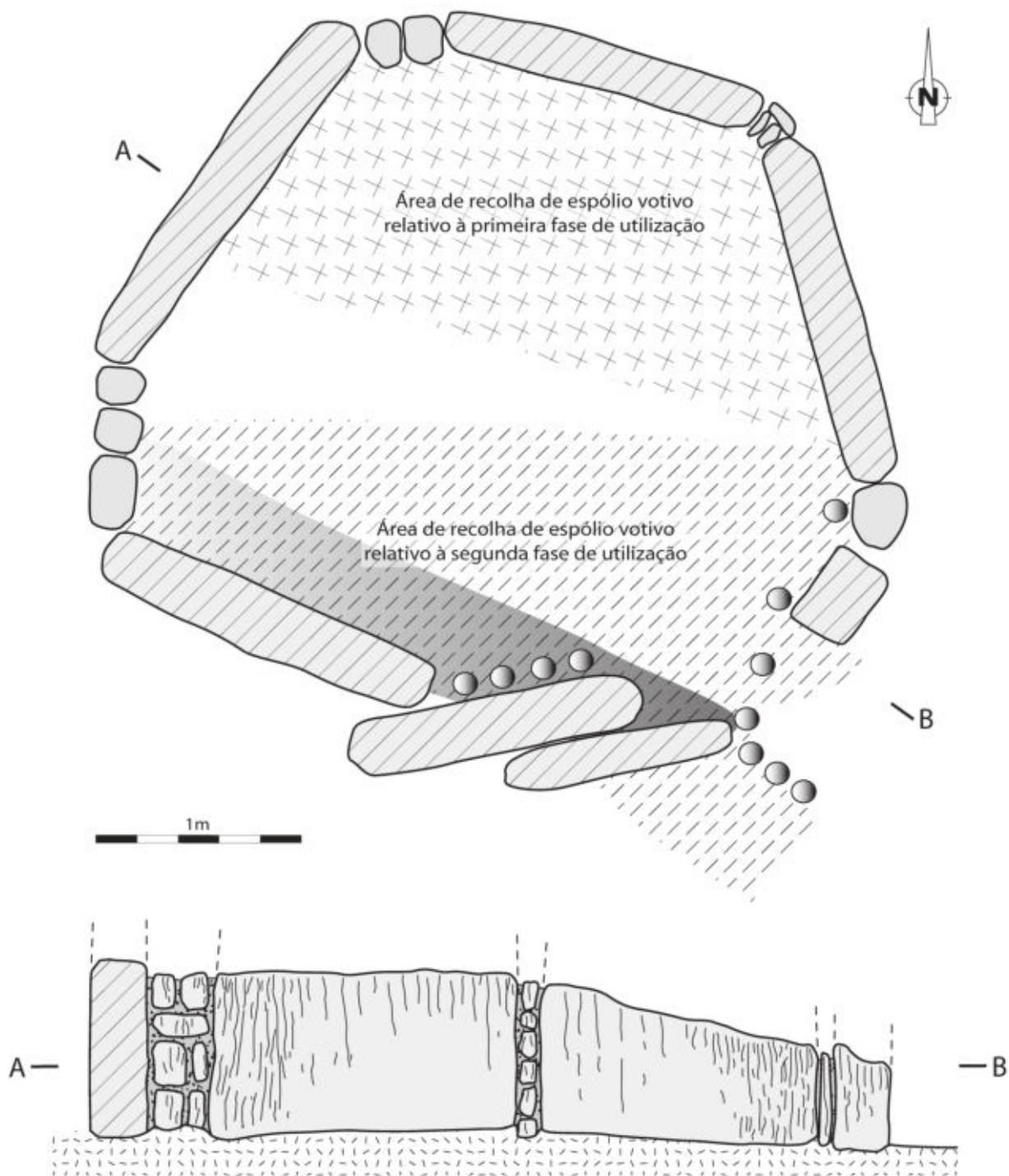


Fig. 3 – Planta e alçado Norte da anta do Alto da Feteira (redesenhado a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 51, Fig. 2). A trama no lado norte da câmara indica a área de recolha de espólio «arcaico» (nomeadamente, armaduras geométricas); a trama no lado sul da câmara indica a área de recolha de espólio «evoluído»; a banda cinzenta indica a área de concentração de restos osteológicos humanos; os círculos indicam a posição de crâneos.

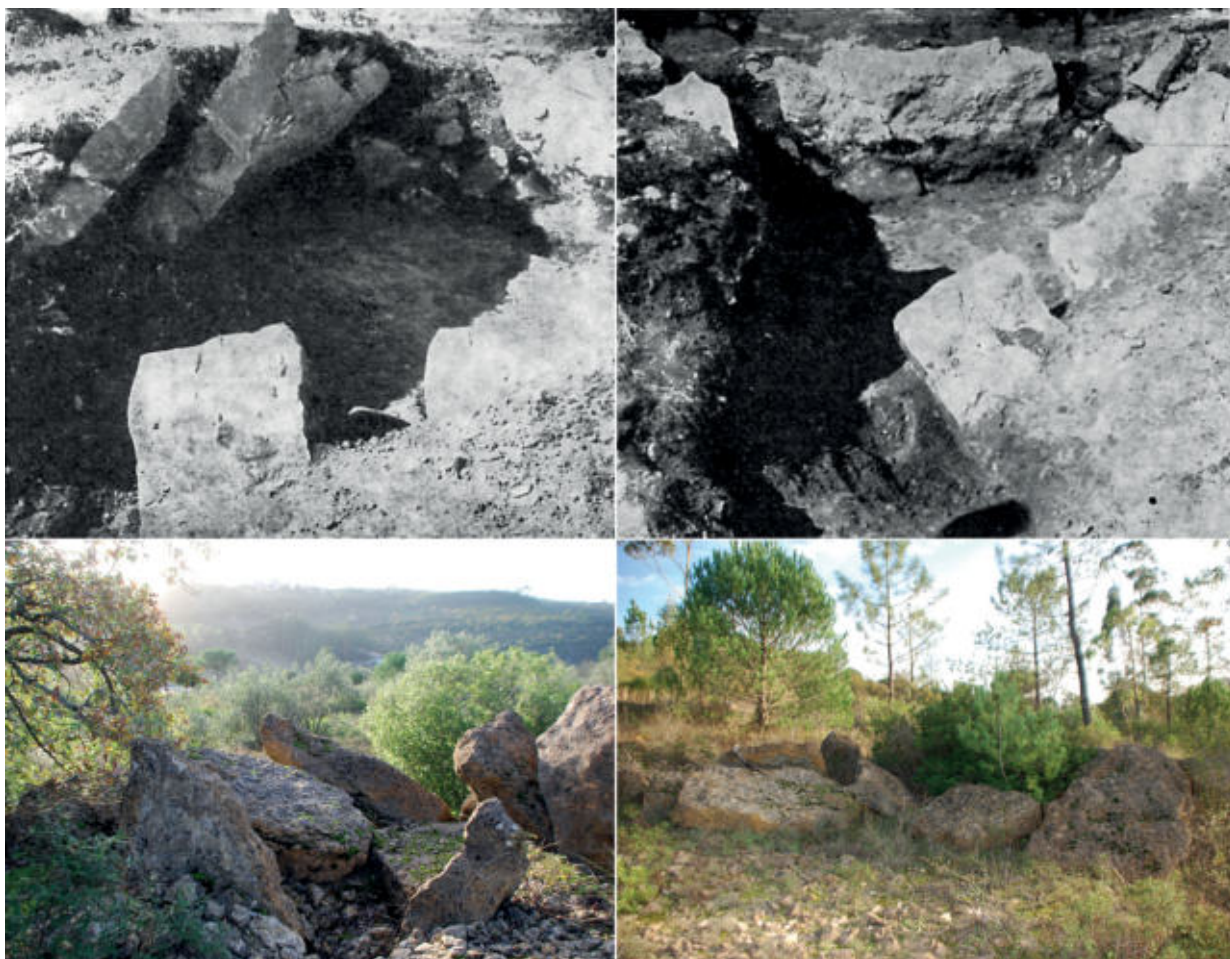


Fig. 4 – Em cima, aspectos da anta do Alto da Feteira à época da sua escavação (adaptado de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, Est. I), vista de Nordeste (à esquerda), notando-se a colocação dos esteios imbricados do lado Sudoeste da câmara e a colmatação dos espaços vazios entre eles com blocos pétreos. À direita, vista de Sudeste, desde a entrada, notando-se o esteio de cabeceira ao fundo. Em baixo, aspectos das lajes de calcário, algumas com aparência de esteios, acumuladas no limite da propriedade onde se localizaria a anta do Alto da Feteira, a cerca de 120 m da área de implantação provável do monumento (fotos de Cláudia Neves, Grupo Proteção Sico (GPS, Dezembro de 2018).

3 – MOBILIÁRIO

Os conjuntos artefactuais recuperados na anta do Alto da Feteira, todos eles pertencentes ao acervo do Museu Geológico (LNEG), onde foram estudados, incluem elementos integrados nas seguintes categorias: *artefactos de pedra lascada*, *artefactos de pedra polida*, *artefactos de pedra afeiçãoada*, *recipientes cerâmicos*, *elementos de adorno* e *outros artefactos de osso ou concha*, para além de elementos de fauna mamalógica e malaológica, e restos osteológicos humanos.

3.1 – Artefactos de pedra lascada (Figs. 6, 7, 8, 12 e 13)

Esta categoria inclui armaduras geométricas, pontas de seta, produtos alongados (lâminas e lamelas), grandes pontas foliáceas (alabardas), núcleos e lascas/restos de talhe.

Foram recolhidas seis armaduras geométricas: quatro trapézios e dois crescentes (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 43). Contudo, apenas três trapézios foram localizados presentemente no Museu Geológico sendo que, dos crescentes, um deles corresponde a uma pequena lasca ou flanco de núcleo de sílex de contorno sensivelmente semi-circular.

Os trapézios enquadram-se, de acordo com critérios definidos anteriormente (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 113-114, Fig. 54), nos grupos de trapézios assimétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas (Tipo 1B) (Fig. 6, n.º 21; Fig. 13, n.º 17) e de trapézios rectângulos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas (Tipo 1C) (Fig. 6, n.º 19-20; Fig. 12, n.º 18 e 20). Um destes elementos (Fig. 6, n.º 19; Fig. 13, n.º 18) poderia corresponder alternativamente, dada a concavidade da truncatura basal, a um elemento do Tipo 1D (trapézios rectângulos com truncatura basal côncava a muito côncava); contudo afasta-se das características morfológicas estritas dos elementos deste tipo, assumidos como mais tardios. De secção trapezoidal e triangular, obtidos sobre segmentos de pequenas lâminas, apresentam entre 2,65 cm e 3,15 cm de comprimento para entre 1,25 cm e 1,53 cm de largura e entre 0,23 cm e 0,34 cm de espessura (Fig. 5). O trapézio ausente da colecção, corresponde aparentemente a um exemplar de Tipo 1A (trapézios simétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas), apresentando, segundo a descrição fornecida (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 45 e Est V, n.º 53), cerca de 3,5 cm de comprimento, 0,9 cm de largura e 0,3 cm de espessura.

O crescente integra-se no tipo dos crescentes simples (Tipo 2A) (Fig. 6, n.º 18; Fig. 13, n.º 19), podendo classificar-se também no Tipo 1A (trapézios simétricos), apresentando truncaturas ligeiramente convexas, quase se fundindo no bordo esquerdo (fazendo assim assemelhar-se a um crescente). Possui 2,88 cm de comprimento, 1,22 cm de largura e 0,31 cm de espessura, sendo de secção trapezoidal e produzido sobre segmento de pequena lâmina.

Este conjunto enquadra-se assim nas produções características de uma etapa crono-cultural relativa ao pleno Neolítico Médio (ou a uma fase inicial do Neolítico Final), tendo sido recolhidos exclusivamente na área norte da Câmara, junto ao solo da base do sepulcro (cf. Fig. 3 acima). São de sílex, de tonalidades cinzento-esverdeada, castanho-acinzentada e bege-amarelada, aparentemente de assentadas cenomanianas (Cretácico).

O conjunto de pontas de seta ascende a 20 exemplares (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 42-43), sendo que destes apenas 16 se encontram no Museu Geológico, não constando os restantes do seu inventário.

Correspondem maioritariamente a exemplares de base triangular ou convexa, com retoque bifacial rasante, de invasor a cobridor (Fig. 6, n.º 3, 5-8, 10-12 e 15; Fig. 13, n.º 8-10 e 13), com alguns exemplares aproximando-se do tipo de base pedunculada (Fig. 6, n.º 13; Fig. 13, n.º 7) ou pertencendo ao tipo de base triangular com barbelas laterais (Fig. 6, n.º 17; Fig. 13, n.º 14); um exemplar, com ampla base triangular (com comprimento semelhante ao do corpo), possui contorno próximo ao losangular simétrico (Fig. 6, n.º 13; Fig. 13, Fig. 7). Apresentam entre 2,51 cm e 4,91 cm de comprimento, entre 1,22 cm e 1,96 cm de largura e entre 0,24 cm e 0,46 cm de espessura (Fig. 5).

Os restantes exemplares observados possuem base côncava e recta, com retoque bifacial rasante, de cobridor a invasor (Fig. 6, n.º 1, 4 e 9; Fig. 13, n.º 11-12), apresentando entre 4,27 cm e 4,83 cm de comprimento, entre 1,57 cm e 2,24 cm de largura e entre 0,40 cm e 0,51 cm de espessura; um exemplar de base bi-côncava apresenta 2,92 cm de comprimento, 2,25 cm de largura e 0,50 cm de espessura, mas o comprimento relativamente reduzido em relação à largura poderá ser resultado de reavivamento de um exemplar fracturado na extremidade distal, o que é sugerido pelos seus bordos côncavos ligeiramente assimétricos.

Os exemplares ausentes da colecção possuem base bi-côncava (dois deles configurando pequeno pedúnculo ou espigão central), apresentando o de maiores dimensões (segundo a descrição fornecida em CASTRO

& FERREIRA, 1969/1970, p. 44 e Est II, n.º 7) cerca de 5,6 cm de comprimento para cerca de 1,5 cm de largura e cerca de 0,4 cm de espessura. Os restantes (segundo medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, Est. II, n.º 1, 4 e 14) possuem entre cerca de 4,4 cm e 4,8 cm de comprimento e entre cerca de 1,5 cm e 1,7 cm de largura.

Segundo a classificação de Stašo Forenbaher, os exemplares de base convexa a triangular enquadram-se no pleno Neolítico Final, podendo os exemplares de base recta a côncava ou bicôncava, com maior índice de alongamento (correspondendo aos *outliers* identificados na Fig. 5 com comprimentos superiores a 4,4 cm), representar morfo-tipos já do Calcolítico (cf. FORENBAHER, 1999). Tendo todas as pontas de seta sido recolhidas na área Sul da Câmara (cf. Fig. 3 acima), documentam uma etapa mais recente que a respeitante aos geométricos, sendo a sua ocorrência na câmara do monumento mutuamente exclusiva, o que reforça a diacronia observada. São exclusivamente produzidas em sílex, de tonalidades variadas (cinzento-esverdeada, castanho-acinzentada, castanho-avermelhada, acastanhada, acinzentada e bege-amarelada), compatíveis maioritariamente com variantes siliciosas cenomanianas (Cretácico), embora algumas possam provir de afloramentos oxfordianos (Jurássico Superior) (Fig. 13, n.º 9) e batonianos/bajocianos (Jurássico Médio) (Fig. 13, n.º 7 e 13), assim como um exemplar de tonalidade castanha-amarelada, de tendência jaspoide (Fig. 13, n.º 15). O recurso a segmentos de lâminas na sua manufactura é evidente pelas arestas dorsais rectilíneas que alguns elementos conservam, não totalmente eliminadas pelo retoque cobridor (cf. Fig. 6, n.º 6 e 8; Fig. 13, n.º 8 e 13).

Os produtos alongados contam-se por 24 elementos, distribuídos entre lâminas brutas ou retocadas (20 elementos) e lamelas ou pequenas lâminas brutas (quatro elementos).

As lâminas brutas, algumas apresentando pequenos esquirolamentos nos bordos que poderão ser resultantes tanto do seu uso, como de acções pós-deposicionais, estão representadas por sete exemplares (Fig. 6, n.º 28-29; Fig. 7, n.º 4 e 7; Fig. 8, n.º 1, 3-4; Fig. 13, n.º 26). Apresentam secções maioritariamente trapezoidais (com um único elemento de secção triangular), extraídas por percussão indirecta, possuindo larguras entre 1,26 cm e 2,32 cm (média de $1,83 \pm 0,43$ cm) e espessuras entre 0,30 cm e 0,49 cm (média de $0,40 \pm 0,08$ cm) (Fig. 5). Os três exemplares inteiros (Fig. 7, n.º 7; Fig. 8, n.º 3-4) apresentam comprimentos entre 9,83 cm e 15,67 cm (média de $11,76 \pm 3,39$ cm).

As lâminas retocadas estão representadas por 13 exemplares (Fig. 6, n.º 24, 26-27 e 31; Fig. 7, n.º 2-3, 5-6, 8-10; Fig. 8, n.º 2 e 5; Fig. 12, n.º 3-6; Fig. 13, n.º 21-24), apresentando retoque directo paralelo, contínuo, entre abrupto e semi-abrupto, de extensão curta a longa, em ambos bordos ou limitado apenas a um, com elementos associados a processos técnicos específicos, como os exemplares apontados (à maneira de furador) (Fig. 7, n.º 8-9; Fig. 12, n.º 3-4) ou os exemplares retocados na extremidade distal (em «frente de raspadeira») (Fig. 7, n.º 3 e 10; Fig. 12, n.º 6; Fig. 13, n.º 24). Oferecem secções maioritariamente trapezoidais (com um único elemento de secção triangular), extraídas por percussão indirecta e pressão, com larguras estabelecidas entre 1,27 cm e 2,51 cm (média de $1,90 \pm 0,34$ cm) e espessuras estabelecidas entre 0,31 cm e 0,68 cm (média de $0,49 \pm 0,12$ cm) (Fig. 5). Os cinco exemplares inteiros (Fig. 7, n.º 3, 6, 8-10; Fig. 12, n.º 3-6; Fig. 13 n.º 25-26) apresentam comprimentos entre 9,80 cm e 14,38 cm (média de $11,81 \pm 2,20$ cm).

Tanto os elementos brutos como os elementos retocados são exclusivamente produzidos em sílex, de tonalidades acinzentadas, cinzento-esverdeadas e bege-amareladas a esbranquiçadas, provindo maioritariamente de contextos geológicos cenomanianos (Cretácico), registando-se alguns elementos que poderão provir de contextos jurássicos (Fig. 12, n.º 5; Fig. 13, n.º 21).

As lamelas (ou pequenas lâminas), todas incompletas, resumem-se a quatro, não se encontrando retocadas (Fig. 6, n.º 23, 25 e 30; Fig. 7, n.º 1). Apresentam secções maioritariamente trapezoidais (com um único elemento de secção triangular), extraídas por percussão indirecta, com larguras entre 0,74 cm e

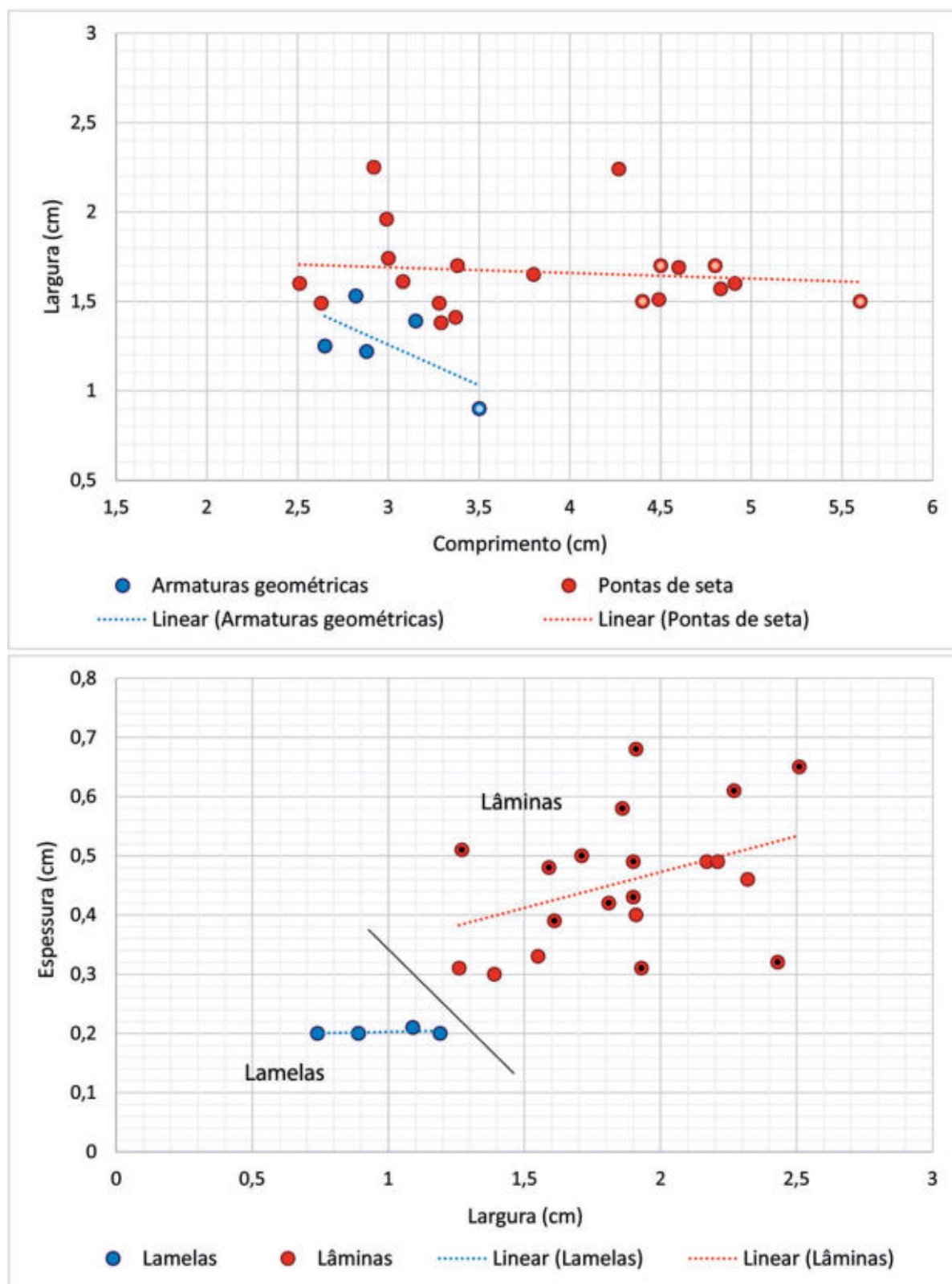


Fig. 5 – Em cima, relação *comprimento/largura* das armaduras geométricas e pontas de seta recolhidas na anta do Alto da Feteira; a linha tracejada indica a tendência linear métrica de ambos os tipos; os elementos actualmente ausentes da colecção encontram-se indicados pelos símbolos vazios, com medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970. Em baixo, relação *largura/espessura* dos produtos alongados recolhidos na anta do Alto da Feteira, distinguindo-se as lâminas das lamelas (elementos retocados indicados pelos pontos internos); a linha tracejada indica a tendência linear métrica de ambos os tipos.

1,19 cm (média de $0,98 \pm 0,20$ cm) e espessuras entre 0,20 cm e 0,21 cm (média de $0,20 \pm 0,01$ cm) (Fig. 5). Dois elementos encontram-se produzidos em sílex (Fig. 6, n.º 25; Fig. 7, n.º 1), sendo os restantes produzidos em quartzo hialino (Fig. 6, n.º 23 e 30).

Estas lâminas e lamelas integram-se nos dois grupos dimensionais esboçados por António Faustino Carvalho de acordo com os extremos genéricos de variação dos produtos alongados presentes em contextos funerários neolíticos e calcolíticos (CARVALHO, 2013, p. 73; CARVALHO & GIBAJA, 2014, p. 173). Os exemplares do Grupo 1 possuem comprimentos entre 2,5 cm e 10 cm e larguras entre 0,8 cm e 2 cm (classificáveis como lamelas ou pequenas lâminas) e os exemplares do Grupo 2 comprimentos entre 12 cm e 18 cm e larguras entre 1,8 cm e 2,8 cm (classificáveis como lâminas robustas).

Processos técnicos específicos parecem indicar que estes elementos seriam preferencialmente debitados por percussão indirecta, integrando-se os exemplares do Grupo 1 nas produções laminares características de uma fase plena do Neolítico Médio (ou de inícios do Neolítico Final), onde também, minoritariamente, se poderiam incluir exemplares enquadráveis no Grupo 2. Este último grupo contempla a introdução de componentes técnicas particulares, como a debitação por pressão ou a aplicação profusa de retoque, indicando já produções laminares do pleno Neolítico Final e do Calcolítico (CARVALHO, 2009, p. 80; 2013, p. 73).

No conjunto em estudo, encontra-se um exemplar não retocado de grandes dimensões (com comprimento superior a 15 cm) integrável no Grupo 2 (Fig. 8, n.º 3; cf. Fig. 20 abaixo); contudo, sendo tecnologicamente idêntico aos típicos exemplares do Grupo 1, de menores dimensões, corresponderá a elemento relativo ao Neolítico Médio – como se patenteia em outros contextos exclusivos desta crono-cultura onde tal tendência também se verifica, como as grutas de Alcobertas ou Algar do Bom Santo (cf. CARDOSO, 2020; CARVALHO, 2014).

Da mesma maneira, existem exemplares que tecnologicamente se poderiam incluir no Grupo 2 atribuível ao Neolítico Final/Calcolítico, mas cujas dimensões os integram no Grupo 1 (cf. Fig. 20 abaixo); tal se deverá ao facto de se referirem a exemplares retocados, sejam os elementos apontados (Fig. 7, n.º 8-9; Fig. 12, n.º 34) ou retocados na extremidade distal (Fig. 7, n.º 10; Fig. 12, n.º 6; Fig. 13, n.º 24), podendo parte da sua extensão original ter sido assim obliterada.

O grupo das grandes pontas foliáceas inclui duas alabardas, sendo que uma delas não se encontra actualmente na colecção do Museu Geológico nem faz parte do respectivo inventário, que só assinala um exemplar (Fig. 8, n.º 7; Fig. 12, n.º 7), de contorno triangular, de bordos sensivelmente rectos, com base recta (aproximando-se de ligeiramente convexa) e perfil rectilíneo. Possui retoque bifacial invasor rasante em todo o perímetro (cobridor na extremidade distal), distribuindo-se entre escamoso a escalariforme; apresenta polimento intenso na área ventral, no anverso e no reverso, com 16,83 cm de comprimento 8,48 cm de largura na base e 1,61 cm de espessura. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), de uma peça média (mas aproximando-se de alongada) (índice de 1,98).

O elemento ausente da colecção possui características morfológicas idênticas ao anteriormente descrito, com menor largura na base. Apresenta (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 45 e Est. II, n.º 21) cerca de 17,5 cm de comprimento, cerca de 6,8 cm de largura na base e cerca de 1,6 cm de espessura média. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), de uma peça alongada (índice de 2,57).

Estas duas alabardas são de sílex, aparentemente (pelo menos o exemplar directamente observado) proveniente de afloramentos cenomanianos (Cretácico).

Tendo ambas sido recolhidas na área Sul da Câmara (cf. Fig. 3 acima), local onde se distribuem os espólios de cronologia do Neolítico Final/Calcolítico, a sua tipologia corrobora totalmente esta conclusão.

Os dois núcleos, ambos de quartzo hialino, possuem formato prismático, para obtenção de lamelas. O primeiro (Fig. 6, n.º 22), próximo de esgotado, com plano preparado, e plataforma de debitação unidire-

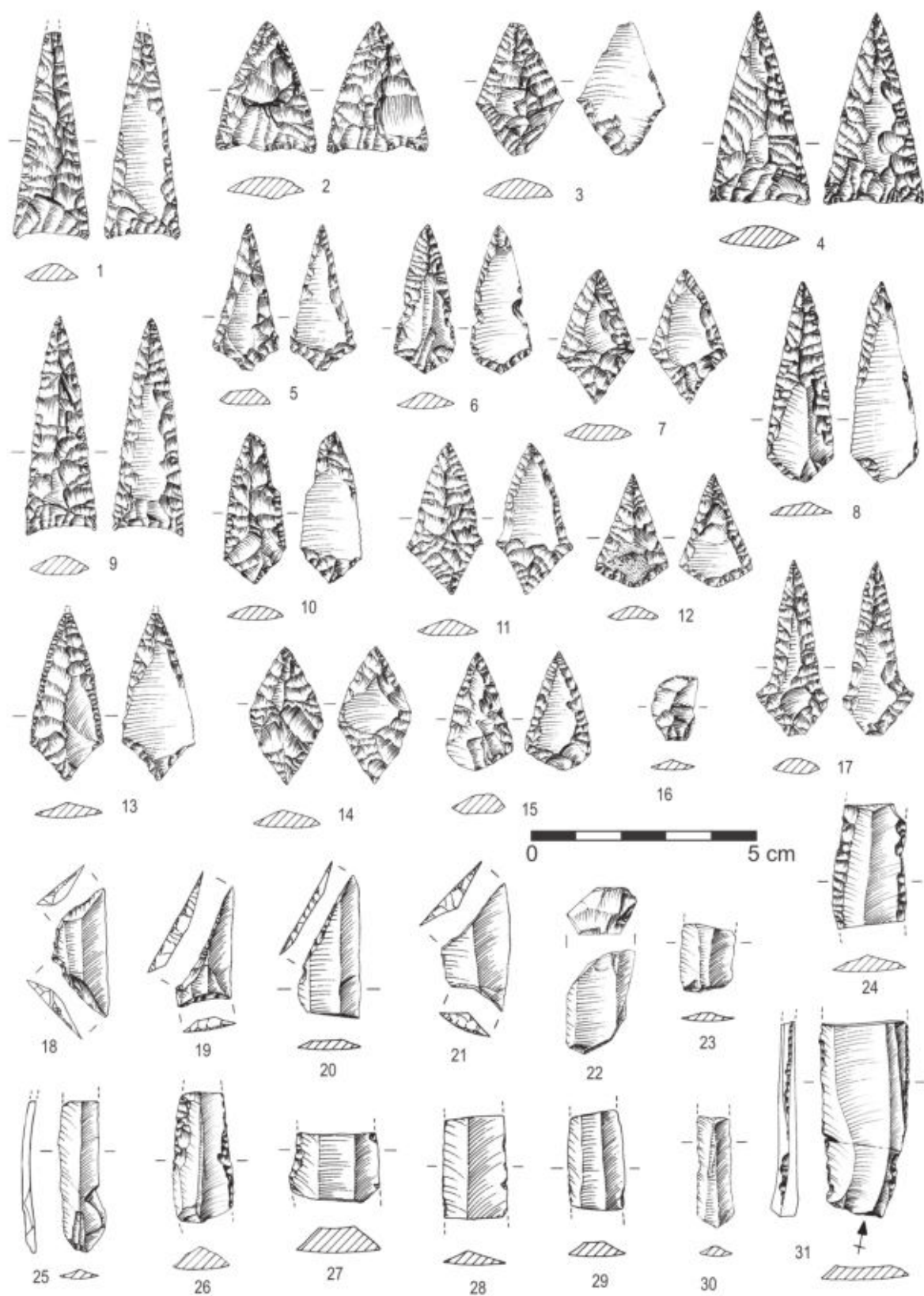


Fig. 6 – Artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: pontas de seta de sílex (1-15, 17); pequena lasca/flanco de núcleo de sílex (16); armaduras geométricas de sílex (18-21); núcleo de quartzo hialino (22); lamelas de quartzo hialino (23, 30), lamela de sílex (25); lâminas de sílex brutas (28-29) e retocadas (24, 26-27, 31).

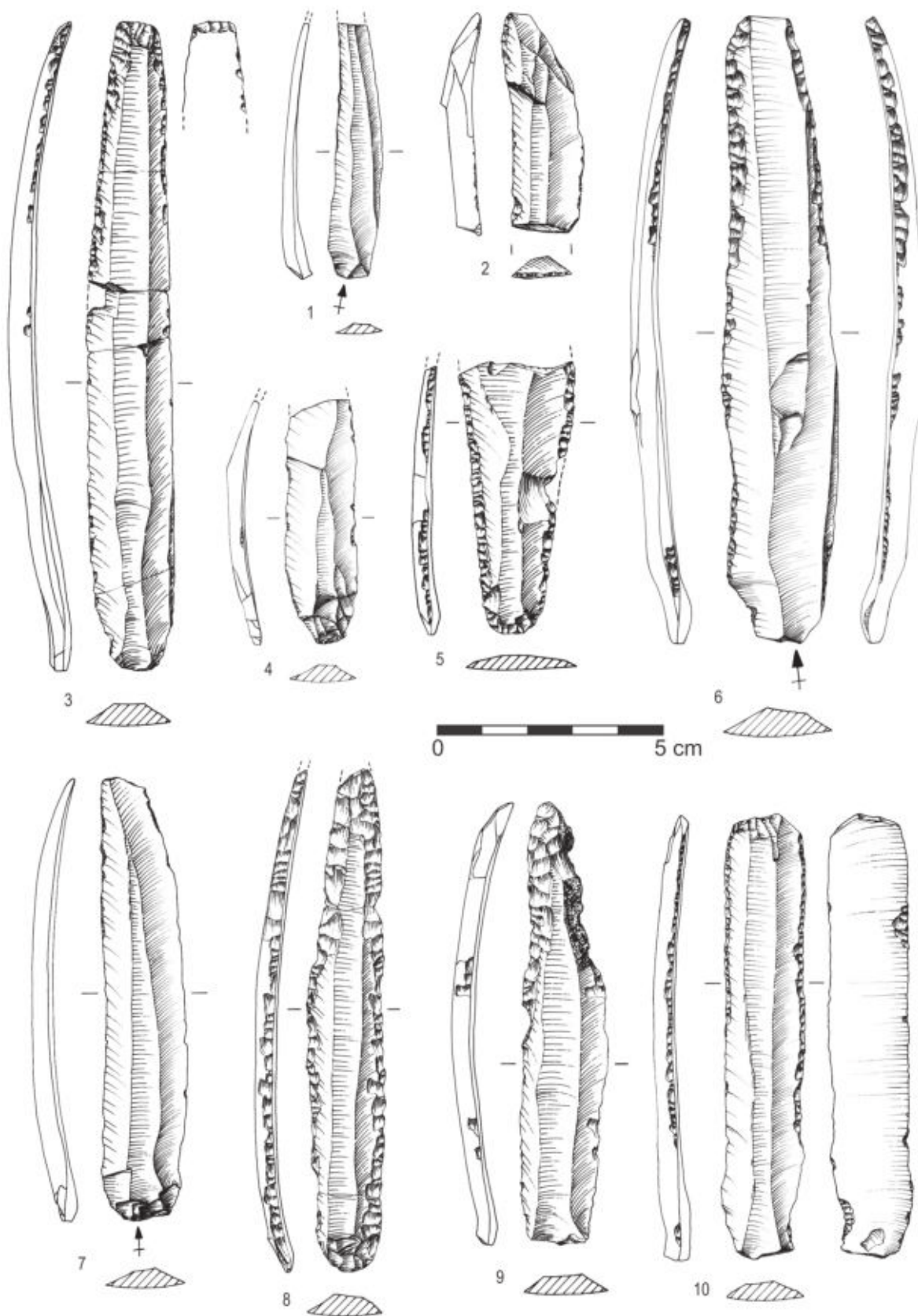


Fig. 7 – Artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: lâminas de sílex brutas (1, 4, 7), retocadas (2-3, 5-6, 10) e apontadas (8-9).

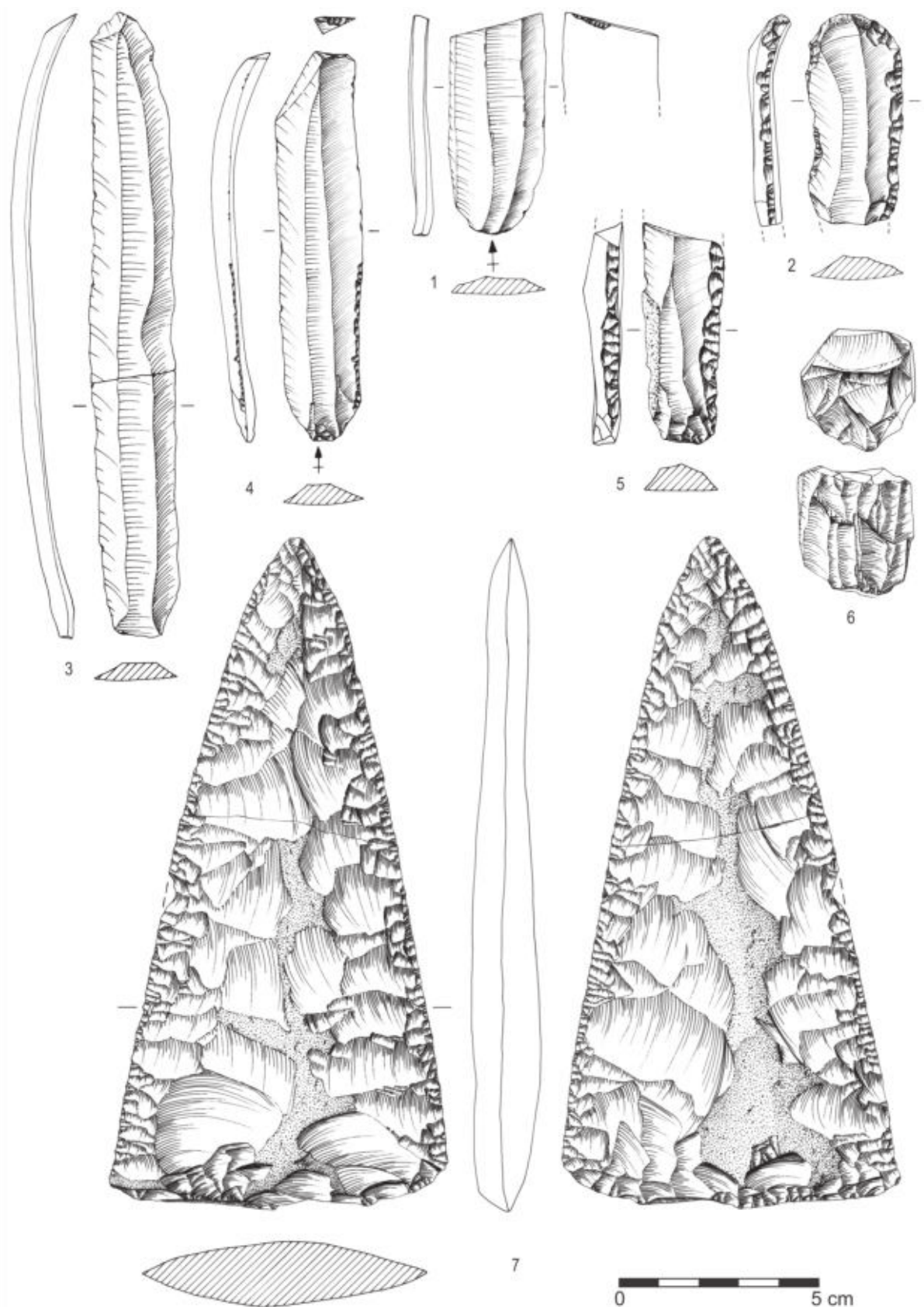


Fig. 8 – Artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: lâminas de sílex brutas (1, 3) e retocadas (2, 4-5); núcleo de quartzo hialino (6); alabarda de sílex (7).

cional, tem 2,31 cm de comprimento e 1,4 cm de largura. O segundo (Fig. 8, n.º 6; Fig. 13, n.º 16) correspondente à fase plena de exploração, com plano preparado, e duas plataformas de debitage opostas, tem 3,25 cm de comprimento e 2,92 cm de largura; conserva pequena porção das faces idiomórficas do cristal original.

O último elemento integrável nesta categoria respeita a pequena lasca ou flanco de núcleo de sílex acima referida (Fig. 6, n.º 16), incluída por Luís Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira no grupo das armaduras geométricas. Com 1,46 cm e 0,97 cm de largura, de contorno semi-circular, mostra no anverso os negativos de lascamento a partir do núcleo original; apresenta esquirolamentos na extremidade distal e em parte do bordo esquerdo arqueado (o que possivelmente terá levado aqueles autores a considerá-lo como um crescente), não sendo contudo claro se se trata de retoque intencional.

3.2 – Artefactos de pedra polida (Figs. 9 e 12)

Esta categoria integra cinco registos: três fragmentos de machados de anfibolito e dois artefactos de silimanite.

O exemplar mais notável (Fig. 9, n.º 1; Fig. 12, n.º 1), é um machado com «sulco de encabamento» de silimanite de tonalidade acinzentada, de morfologia trapezoidal/triangular (tendendo para romboidal), perfil bi-convexo, bordos convexos e secção sub-elíptica, encontrando-se integralmente polido. Apresenta gume convexo, em duplo bisel, sem sinais de uso. Possui 12,67 cm de comprimento, 5,72 cm de largura e 3,29 cm de espessura. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento / espessura*), de um exemplar espesso (índice de 3,85); segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), corresponde a uma peça alongada (índice de 2,21); atendendo ainda ao Índice de Robustez (*comprimento x largura / espessura*), é um artefacto robusto (índice de 22,03).

Na Fig. 9, n.º 2 e na Fig. 12, n.º 2, reproduz-se pequena enxó de silimanite de tonalidade bege-esbranquiçada, de morfologia sub-rectangular, perfil plano-convexo, bordos convexos e secção sub-elíptica, encontrando-se, tal como o exemplar anterior, também integralmente polida. Apresenta gume rectilíneo, em bisel simples, sem sinais de uso. Possui 6,40 cm de comprimento, 2,16 cm de largura e 1,15 cm de espessura. Trata-se, segundo o Índice de Espessamento (*comprimento / espessura*), de um exemplar médio índice de 5,56; segundo o Índice de Alongamento (*comprimento / largura máxima*), é uma peça alongada (índice de 2,96); enfim, o valor obtido para o Índice de Robustez (*comprimento x largura / espessura*), indica tratar-se de artefacto robusto (índice de 12,02).

Poder-se-iam atribuir estes elementos ao Neolítico Médio, senão mesmo ao Neolítico Antigo; contudo, a sua presença encontra-se igualmente documentada em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico, incluindo em particular exemplares com «sulco de encabamento» (como abaixo veremos).

3.3 – Artefactos de pedra afeiçãoada (Fig. 9)

Recolheram-se duas placas de grés, uma delas inteira. A que se apresenta fracturada (Fig. 9, n.º 3), de contorno trapezoidal e perfil recto, com 11,01 cm de comprimento, 8,89 cm de largura máxima e 2,06 cm de espessura. A placa inteira (Fig. 9, n.º 4) possui contorno sub-rectangular e perfil recto, com 12,82 cm de comprimento, 4,75 cm de largura e 1,21 cm de espessura, possuindo concavidade pouco acentuada numa das faces maiores resultante do desgaste por polimento, o que dá credibilidade à sua atribuição como utensílio de natureza funcional. As placas de grés são enquadráveis numa fase plena do Neolítico Final, concordante com o momento

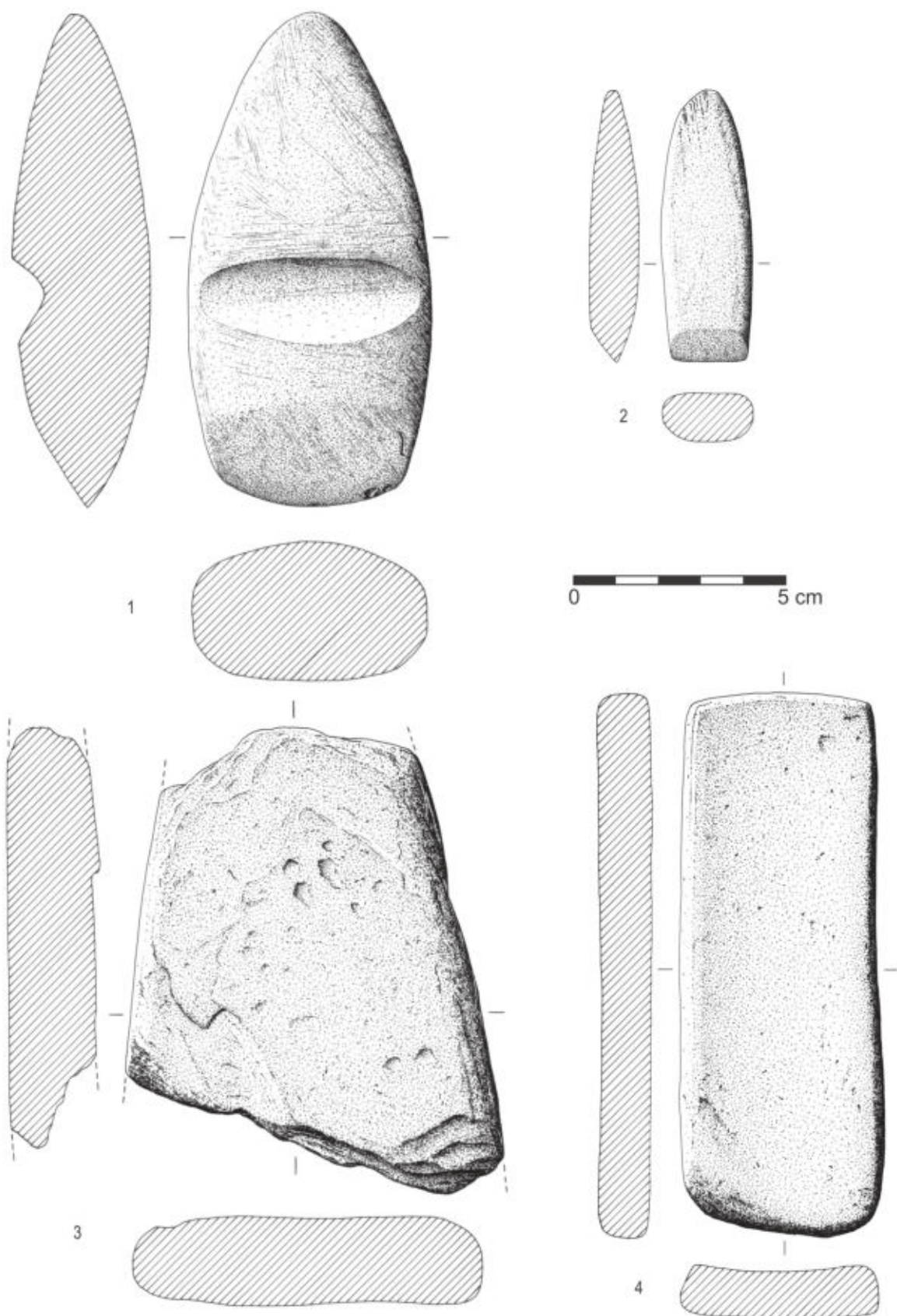


Fig. 9 – Artefactos de pedra polida e de pedra afeixoadada recolhidos na anta do Alto da Feteira: machado de silimanite com «sulco de encabamento» (1); pequena enxó de silimanite (2); placas de grés (3, 4).

de apogeu do fenómeno megalítico, significativamente representadas em contextos alto-alentejanos e estremenhos, ocorrendo também de forma significativa em grutas naturais utilizadas como necrópoles colectivas, como é o caso da Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992). São globalmente atribuíveis a artefactos de cunho funcional, correspondentes a polidores, como indica a superfície côncava e desgastada, que muitos deles exibem.

3.4 – Recipientes cerâmicos (Fig. 10)

Foram recolhidos no decurso das escavações 27 fragmentos cerâmicos, sendo que mais de metade deles corresponde a fragmentos incaracterísticos de bojos (CASTRO & FERREIRA 1969/1970, p. 46).

Dos exemplares com elementos caracterizadores, foi possível estabelecer, após colagem, um número mínimo de sete recipientes. A par das taças em calote simples, representadas por dois exemplares com diâmetros de abertura entre 12,2 cm e 19,4 cm (Fig. 10, n.º 6-7), são de referir formas específicas, como a base de um pequeno vaso com pé (Fig. 10, n.º 1), duas taças carenadas com cerca de 22 cm de diâmetro interno na carena (Fig. 10, n.º 2 e 4), um fragmento de vaso com mamilo sobre o bojo (Fig. 10, n.º 3) e um pequeno recipiente esferoidal com cordão plástico também sobre o bojo (Fig. 10, n.º 5).

Apresentam pastas grosseiras, pouco depuradas, com cozeduras redutoras e oxidantes (incluindo elementos com cozedura redutora e arrefecimento oxidante), sendo os elementos não plásticos constituídos por grãos de quartzo, calcário e calcite; regista-se ainda a aplicação de engobe vermelho na superfície externa do recipiente mamilado e do recipiente com cordão plástico.

Se estes recipientes almagrados poderiam sugerir, mesmo que a nível teórico, a sua adscrição ao Neolítico Médio, a presença de taças carenadas remete pelo menos parte deste conjunto para o pleno Neolítico Final. A presença do vaso com pé será também de considerar: contudo, pelas características da sua pasta, não parece corresponder aos modelos dos vasos campaniformes deste tipo documentados no âmbito ibérico (cf. CARDOSO, ANDRADE & GIL, no prelo).

3.5 – Elementos de adorno (Figs. 11 e 13)

Esta categoria inclui artefactos de tipologias e matérias-primas diversas, distribuindo-se entre braceletes, alfinetes e componentes de colar (contas e pendentos).

São duas as braceletes sobre valva de *Glycymeris* (Fig. 11, n.º 8 e 12; Fig. 13, n.º 1-2). Encontram-se ambos fragmentadas, sendo que a de maior dimensão (Fig. 11, n.º 12; Fig. 13, n.º 2), conservando perto de metade do seu perímetro, oferece 6,81 cm de diâmetro. As espessuras de ambos elementos variam entre 0,25 cm e 0,31 cm, respectivamente.

Os alfinetes de osso enquadram-se nas variantes de cabeça amovível e de cabeça espatulada. Dos primeiros, conservam-se porções de haste (um deles correspondendo à extremidade proximal apontada) (Fig. 11, n.º 16-17 e 39-40) e uma cabeça decorada com caneluras horizontais (Fig. 11, n.º 34), com 2,40 cm de altura para 1,26 cm de diâmetro. Os exemplares de cabeça espatulada são também dois (Fig. 11, n.º 14-15), conservando as extremidades distais, de feição sensivelmente «antropomórfica» (principalmente o exemplar representado na Fig. 11, n.º 14); apresentam respectivamente 3,74 cm e 4,18 cm de comprimento.

As contas de colar estão representadas por tipos diversificados. O mais numeroso, com 125 elementos, é o das pequenas contas discoides de xisto, «pedra verde», calcário e concha (Fig. 11, n.º 19-24 e 43; Fig. 13, n.º 5), com diâmetros entre 0,60 cm e 0,86 cm e espessuras entre 0,12 cm e 0,19 cm. Existe ainda um elemento

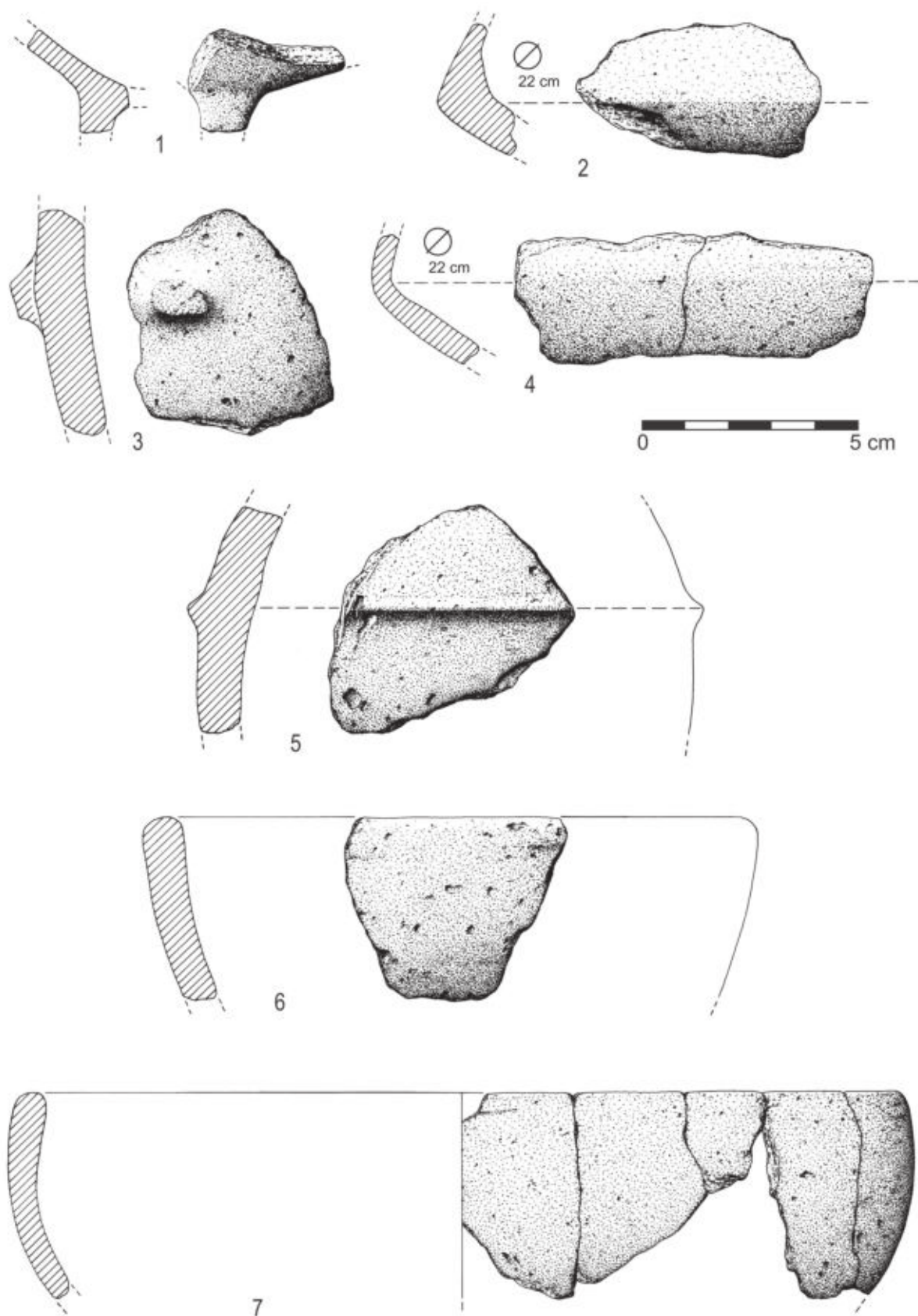


Fig. 10 – Recipientes cerâmicos recolhidos na anta do Alto da Feteira: vaso com pé (1); taças carenadas (2, 4); recipiente com mamilo sobre o bojo (3); esferoide com cordão plástico sobre o bojo (5); taças em calote simples (6-7).

que é descrito como «4 contas discoides de calcário ainda por separar» (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 43), mas que poderá eventualmente corresponder a uma conta de tendência tubular canelada (Fig. 11, n.º 43; Fig. 13, n.º 5, no topo à esquerda). O grupo das contas toneliformes e bitroncocónicas de «pedra verde» ascende a 11 elementos (Fig. 11, n.º 25-29, 31-33 e 35-38; Fig. 13, n.º 4-5), apresentando comprimentos entre 0,61 cm e 1,79 cm e diâmetros entre 0,55 cm e 1,35 cm. Um destes exemplares, já analisado em estudos anteriores, mostrou que se trataria de mineral do grupo das micas, possivelmente moscovite (cf. CANELHAS, 1973, p. 134), não sendo contudo de afastar a presença de elementos de variscite neste conjunto.

Registam-se igualmente, dentro da mesma classe tipológica, um exemplar bitroncocónico de azeviche (Fig. 11, n.º 41 e 43; Fig. 13, n.º 5, no topo ao centro), com 1,20 cm de altura e 1,60 cm de diâmetro, assim como um exemplar toneliforme decorado com caneluras horizontais (Fig. 11, n.º 18; Fig. 13, n.º 3), produzido em matéria translúcida (correspondendo a silicato foliado, possivelmente do grupo dos talcos; GARRIDO-CORDERO et al., 2020, p. 279), com 1,31 cm de comprimento e 1,29 cm de diâmetro.

Será de referir, por último, um pendente de «pedra verde» (Fig. 11, n.º 30), de contorno trapezoidal, com 1,39 cm de comprimento, 1,26 cm de largura máxima e 0,28 cm de espessura; a curta diferença entre o comprimento e a largura poderá fazer supor que se tratar de um elemento reaproveitado por reconformação do contorno, podendo ter correspondido originalmente a um típico pendente triangular.

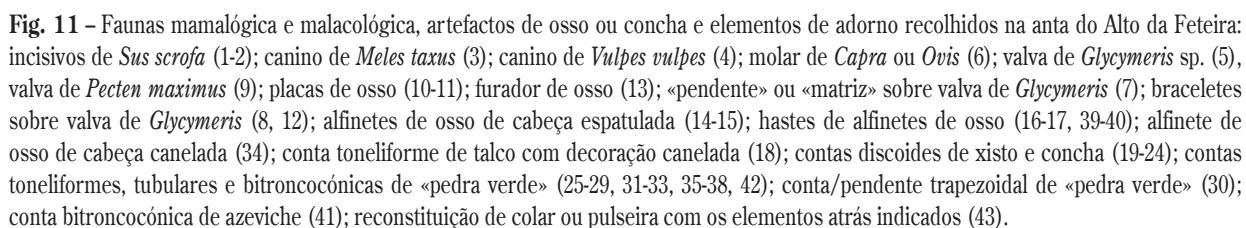
O conjunto destes elementos indicam nitidamente dois momentos crono-culturais distintos: um primeiro, atribuível ao pleno Neolítico Médio, representado pelas braceletes sobre valva de *Glycymeris*, bem conhecidos em contextos funerários estrementos relativos àquele período, designadamente em ambiente cársico; um segundo, referente ao pleno Neolítico Final (ou até mesmo ao Calcolítico Inicial), representado pelos alfinetes de osso e as grandes contas de «pedra verde» e azeviche, abundantes em contexto já relativos a uma fase de apogeu do fenómeno megalítico.

3.6 – Outros artefactos de osso ou de concha (Fig. 11)

Aqui se incluem três artefactos de osso polido e um artefacto de concha. Dos primeiros, um deles corresponde à extremidade distal apontada de um furador de osso (Fig. 11, n.º 13), com 4,49 cm de comprimento conservado para 1,01 cm de largura. Os dois outros elementos referem-se a placas de osso de tendência espatulada (Fig. 11, n.º 10 e 11), de contorno sub-rectangular, possuindo uma delas (Fig. 11, n.º 10) perfuração de suspensão numa das extremidades e uma série de pequenos entalhes contínuos em ambos bordos; possuem respectivamente 6,70 cm de comprimento e 5,57 cm de comprimento.

A função destes dois últimos elementos é discutível: se um deles (Fig. 11, n.º 11) poderá referir-se a um artefacto utilitário (espátula), o outro (pela perfuração e pela sua «decoração») poderia ser incluído na categoria dos elementos de adorno (como possível pendente, mesmo considerada a sua dimensão). De qualquer maneira, são elementos reconhecidos em contexto funerários estrementos atribuíveis tanto ao Neolítico Médio como ao Neolítico Final.

O elemento sobre concha refere-se a um segmento de valva de *Glycymeris* polido nos bordos (Fig. 11, n.º 7), de feição arqueada, apresentando 4,23 cm de comprimento conservado para 1,28 cm de largura e 0,29 cm de espessura, anteriormente descrito como sendo «lúnula ou crescente», integrando-o assim na categoria dos artefactos ideotécnicos (CASTRO & FERREIRA 1969/1970, p. 45). Outras hipóteses serão de considerar, nomeadamente que se possa tratar de um elemento de adorno (como «pendente», embora não seja possível, por não se conservar toda a sua extensão, atestar se possuiria perfuração ou entalhes de fixação), podendo corresponder ainda a «matriz» para decoração de recipientes cerâmicos.



3.7 – Fauna mamalógica (Fig. 11)

Identificaram-se dois incisivos de *Sus scrofa* (Fig. 11, n.º 1 e 2), um canino de *Meles taxus* (Fig. 11, n.º 3), um canino de *Vulpes vulpes* (Fig. 11, n.º 4) e um molar de *Capra* ou *Ovis* (Fig. 11, n.º 6).

Não é claro o seu papel no conjunto votivo, podendo constituir elementos de adorno – principalmente os incisivos de *Sus scrofa* e os caninos de *Meles taxus* ou *Vulpes vulpes*, visto corresponderem a elementos bem representados em contextos funerários da área estremenha, em especial os caninos perfurados, a menos que sejam simplesmente – em particular os restos de texugo e de raposa – os restos de animais que utilizaram o abrigo oferecido pela estrutura funerária, já que não evidenciam quaisquer alterações intencionais.

3.8 – Fauna malacológica (Fig. 11)

Identificou-se-se uma valva direita de *Glycymeris*, sp., com cerca de 4 cm de diâmetro, com perfuração no umbó (que poderá contudo não ser intencional, parecendo corresponder a um orifício natural) (Fig. 11, n.º 5), e uma valva inferior de *Pecten maximus*, com cerca de 10,7 cm de diâmetro do disco (Fig. 11, n.º 9). Refere-se ainda a recolha de valva de *Testacella maugei* (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 44).

Tal como os elementos de fauna mamalógica, não é claro o seu papel neste contexto votivo; será de referir contudo a presença habitual de valvas de pectínideo em ambientes funerários do Neolítico Médio (não deixando porém de se documentar igualmente em contextos mais tardios), podendo constituir oferendas funerárias *per si* ou corresponderem, como admitido anteriormente, a «recipiente para corantes ou tintas» (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 46), a par da valva de *Glycymeris*.

3.9 – Espólio antropológico

O espólio osteológico humano (principalmente crânios e ossos longos) encontrava-se bastante remexido, mas não na sua posição original, ostentando elevada fragmentação (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 47). Tais remobilizações teriam ocorrido em várias épocas, sendo a mais recente verificada aquando da quebra dos esteios para seu possível aproveitamento na construção. As mais antigas correspondem à deslocação de alguns elementos osteológicos para o lado sul da câmara onde jaziam, perto da base do monumento, embalados por sedimento compactado (contrastando assim com os sedimentos mais soltos documentados na área central da câmara). Importa destacar, ainda, a especial incidência de crânios, aos quais faltava a mandíbula, no quadrante sudeste da câmara, de ambos os lados da entrada, prolongando-se pela área onde se encontraria o corredor; aqui, de acordo com os elementos graficamente representados, ter-se-ia depositado um número mínimo de 11 crânios (cf. Fig. 3 acima). Esta observação é de grande interesse, por documentar o rearranjo do espaço funerário, por forma a ser possível continuar a receber mais tumulações, conservando, das anteriores, o segmento mais importante, representado pelos crânios.

É referido ainda que, apesar das dificuldades de recolha (especialmente em termos da manutenção da sua integridade), todo o espólio osteológico humano foi enviado a Xavier da Cunha (Universidade de Coimbra) para estudo.

3.10 – Outros elementos

São mencionados três «fragmentos de corantes» (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 44), que deverão corresponder a nódulos de «ocre vermelho».



Fig. 12 – Artefactos de pedra polida e artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: machado de silimanite com «sulco de encabamento» (1); pequena enxada de silimanite (2); lâminas de sílex apontadas (3-4) ou retocadas (5-6); alabarda de sílex (7).



Fig. 13 – Elementos de adorno e artefactos de pedra lascada recolhidos na anta do Alto da Feteira: braceletes sobre valva de *Glycymeris* (1-2); conta toneliforme de talco com decoração canelada (3); conta toneliforme de «pedra verde» (4); reconstituição de colar ou pulseira com contas de xisto, concha, «pedra verde» e azeviche de diversas tipologias (5); pontas de seta de sílex (6-15); núcleo de quartzo hialino (16); armaduras geométricas de sílex (17-20); lâminas de sílex retocadas (21-25) e em bruto (26).

4 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

No âmbito do presente estudo, foi realizada datação por radiocarbono sobre amostra de alfinete de osso, submetida ao laboratório Waikato Radiocarbon Dating Laboratory (University of Waikato), sediado em Hamilton, Nova Zelândia – correspondendo à datação Wk-43565: 4544±20 BP. Recalibrada em 2024 (utilizando a curva de calibração IntCal20.14c), forneceu o resultado de 3367-3105 cal BCE a 2σ (Tabela 1 e Fig. 14).

Tabela 1 – Datação de radiocarbono obtida sobre alfinete de osso recolhido na anta do Alto da Feteira, recalibrada em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62); intervalo a 1σ com 68,3% de probabilidade, intervalo a 2σ com 95,4% de probabilidade, intervalo a 3σ com 99,7% de probabilidade.

Ref. Lab.	Amostra	Data BP	Cal BCE 1σ (68,3%)	Cal BCE 2σ (95,4%)	Cal BCE 3σ (99,7%)	Média (cal BCE)	Sigma	Mediana (cal BCE)
Wk-43565	Alfinete de osso	4544±20	3362-3332 (32,3%) 3216-3188 (24,6%) 3151-3132 (11,4%)	3367-3321 (37,5%) 3236-3176 (33,9%) 3161-3105 (24,0%)	3371-3264 (40,1%) 3246-3101 (59,6%)	3243	88	3210

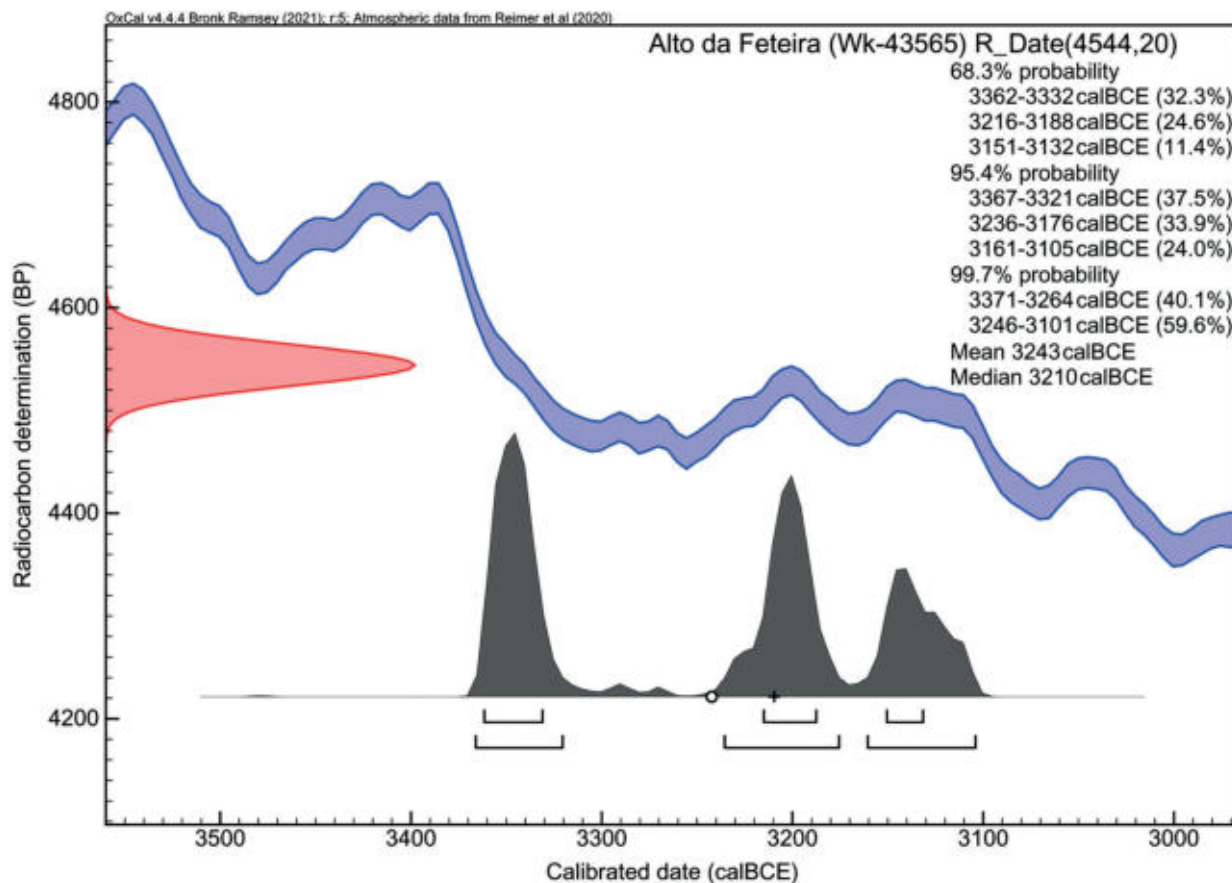


Fig. 14 – Representação gráfica, com indicação da curva de calibração, da datação obtida sobre alfinete de osso recolhido na anta do Alto da Feteira, recalibrada em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62).

O resultado obtido coloca assim um dos momentos do uso funerário da anta do Alto da Feteira entre o terceiro e o quarto quartel do 4.º milénio a.C. (mediana de probabilidade: 3210 cal BCE 2σ; média: 3243 cal BCE 2σ), que corresponderá ao segundo episódio de utilização deste sepulcro, no decurso do Neolítico Final (onde se integram os alfinetes de osso, precisamente a amostra que se utilizou para a realizar a datação).

Tal resultado enquadra-se no conjunto das datações realizadas sobre o mesmo tipo de artefactos de outros contextos funerários estremenhos, como as grutas naturais da Casa da Moura, Lapa do Bugio, Furninha e Poço Velho, ou o monumento da Praia das Maças («Câmara Ocidental») e a gruta artificial de Casal do Pardo 3 – situáveis entre o último terço do 4.º milénio a.C. e o primeiro terço do milénio seguinte (cf. CARDOSO & SOARES, 1995; GONÇALVES, 2009) (Tabela 2).

A cronologia referida é igualmente compatível com as de outros contextos com espólios semelhantes, integrados nas crono-culturas do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial da área do baixo Mondego. É o caso do dólmen do Cabeço dos Moinhos e das grutas naturais da Eira Pedrinha e dos Alqueves (BETTENCOURT et al., 2021; GAMA, 2003; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), com equivalentes, na área estremenha (entre sepulcros ortostáticos, grutas naturais, grutas artificiais e *tholoi*), nos contextos do Cabeço da Arruda 1 e 2, Cova da Moura, Paimogo, Trigache 2 e 4, Casáinhos, Carcavelos, Correio Mor, Samarra, Pedras da Granja, Monte Abraão, Alapraia 4 e São Pedro do Estoril 1 (cf. BOAVENTURA, 2009; GONÇALVES, 2009; SILVA, 2002).

Tais resultados são igualmente compatíveis com os obtidos para contextos habitacionais do Neolítico Final na área estremenha, com intervalos dispostos entre o último quartel do 4.º milénio a.C. e os primeiros séculos do milénio seguinte (cf. discussão recente em SOUSA, 2016/2017; 2021; ROCHA et al., 2023).

Tabela 2 – Datações de radiocarbono obtidas sobre alfinetes de osso recolhidos em contextos funerários da área estremenha, recalibradas em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62); intervalo a 2σ com 95,4% de probabilidade.

Monumento/Sítio	Ref. Lab.	Contexto	Data BP	Cal BC 2σ	Bibliografia
Casa da Moura	OxA-5506	/	4600±90	3627-3030	CARDOSO & SOARES, 1995
Alto da Feteira	Wk-43565	Câmara	4544±20	3367-3105	Este estudo
Lapa do Bugio	OxA-5507	/	4420±110	3493-2784	CARDOSO & SOARES, 1995
Praia das Maças	OxA-5509	«Câmara Ocidental»	4410±75	3339-2904	CARDOSO & SOARES, 1995
Praia das Maças	OxA-5510	«Câmara Ocidental»	4395±60	3331-2899	CARDOSO & SOARES, 1995
Furninha	OxA-5505	/	4335±65	3328-2776	CARDOSO & SOARES, 1995
Poço Velho	Beta-244390	/	4150±40	2880-2584	GONÇALVES, 2009
Casal do Pardo 3	OxA-5508	/	4050±60	2868-2462	CARDOSO & SOARES, 1995

5 – A ANTA DO ALTO DA FETEIRA ENTRE O MEGALITISMO DA ESTREMADURA E O BACIA DO RIO MONDEGO

A anta do Alto da Feteira inclui-se num contexto geográfico particular, composto pelas várias unidades que compõem os Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, cuja morfologia específica esboça um amplo corredor de circulação que liga o vale do Mondego ao vale do Tejo – formado pelo planalto de Degraças-Alvorge e pelas depressões do Rabaçal, Várzea da Granja, Campo-Camporez e Avelar-Chão de Couce, enquadrado a Oeste pelas serras do Rabaçal e Sicó, e a Este pelas serras de Penela e Alvaiázere (cf. CUNHA, 1990).

Situado nas cabeceiras das bacias hidrográficas do Mondego e do Tejo, na transição entre a Alta Estremadura e a Beira Litoral, este corredor estende-se até ao vale daquele primeiro curso de água, daí contactando com a região das serras da Boa Viagem, Brenha e Alhadas, e comunicando igualmente com as bacias hidrográficas das abas do Maciço Calcário Estremenho (Fig. 15). Estabeleceu-se desta maneira, ligação para Norte, pelo curso dos afluentes da margem esquerda do Mondego, como o rio Arunca (na bacia do qual se situa a anta do Alto da Feteira) e o rio Anços (permitindo a ligação à área da Figueira da Foz), o rio de Mouros (permitindo a ligação à área de Condeixa) e o rio Dueça/Corvo (permitindo a ligação à área de Coimbra); para Sul, foi assegurada comunicação através do vale do Nabão e, a partir da sua confluência com o Zêzere, à margem direita do Tejo. Tal enquadramento geográfico explica claramente a conexão do sepulcro agora estudado aos existentes, tanto na área da Figueira da Foz, como na Baixa Estremadura, tal como fora já evidenciado anteriormente, para ambas as regiões (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 48, 54).

A partir da localização do monumento do Alto da Feteira pode igualmente ser estabelecida a relação com os monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego (e seus principais afluentes, como o Rio Dão e o Rio Seia), localizados nas espaldas nor-ocidentais da Serra da Estrela. É o caso dos núcleos dolménicos de Tondela-Viseu (zona Sul), Carregal do Sal-Nelas-Mangualde e Penalva do Castelo-Fornos de Algodres-Aguiar da Beira, a par dos de Vila Nova de Poiares-Arganil-Oliveira do Hospital-Seia-Gouveia, não se descurando a sua correspondência mais directa com os monumentos da bacia do Vouga, ou mesmo de regiões mais setentrionais, como os núcleos de Tondela-Viseu, Oliveira de Frades, Satão, Vila Nova de Paiva, Moimenta da Beira e Penedono.

Estes serão contudo conjuntos que merecem aproximações particulares que fogem à extensão do presente trabalho, desde as suas arquitecturas e faseamentos (cf. MOITA, 1966; SENNA-MARTINEZ, 1989b; 1996; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008) até à própria questão das suas manifestações artísticas (SHEE-TWOHIG, 1981), parecendo revelar influências mais próximas ao aro atlântico, como se verá mais tarde durante o período campaniforme (SENNA-MARTINEZ, 1982; VALERA, 2017).

5.1 – Enquadramento regional

As relações da área estremenha com a bacia do baixo Mondego, na qual se integra a anta da Alta da Feteira, expressam-se desde o Neolítico Antigo; tal é indicado por sítios como Eira Pedrinha, Senhora da Alegria, Buraca Grande, Pelónia e Cova do Ladrão, nas áreas de Condeixa e Sicó (AUBRY, FONTUGNE & MOURA, 1997; MOURA & AUBRY, 1995; NEVES et al. 2008; VALERA et al., 2020; VILAÇA, 1988), assim como por outros, da área da Figueira da Foz, como Várzea do Lírio, Junqueira, Prazo e Forno da Cal (VILAÇA, 1988), sendo de referir, igualmente, a ocorrência do vaso de Casével (PESSOA, 1983), que poderá indicar um contexto de enterramento não estruturado do Neolítico Antigo (tal como preconizado em CARDOSO et al., 2022). Tais sítios ilustram a estreita conexão cultural da Beira Litoral com a Estremadura, tanto a nível das estratégias de ocupação e exploração dos territórios como das respectivas componentes artefactuais (CARVALHO, 2008).

Tais conexões prosseguiram ao longo do Neolítico Médio/Final e durante todo o Calcolítico, tal como é atestado, já durante as etapas plena e final desta última crono-cultura, pela presença de taças e caçoilas campaniformes de *tipo Palmela*, repetindo os típicos modelos estremenhos, na anta do Cabeço dos Moinhos (na qual também se recolheu um botão de osso e uma bracelete de marfim), igualmente presentes em Eira Pedrinha, já mais entrado o vale do baixo Mondego, ou na gruta da Buraca Grande, na área do Maciço do Sicó (LEISNER, 1998, Taf. 86; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949, Est. V; MOURA & AUBRY, 1995, Est. III).

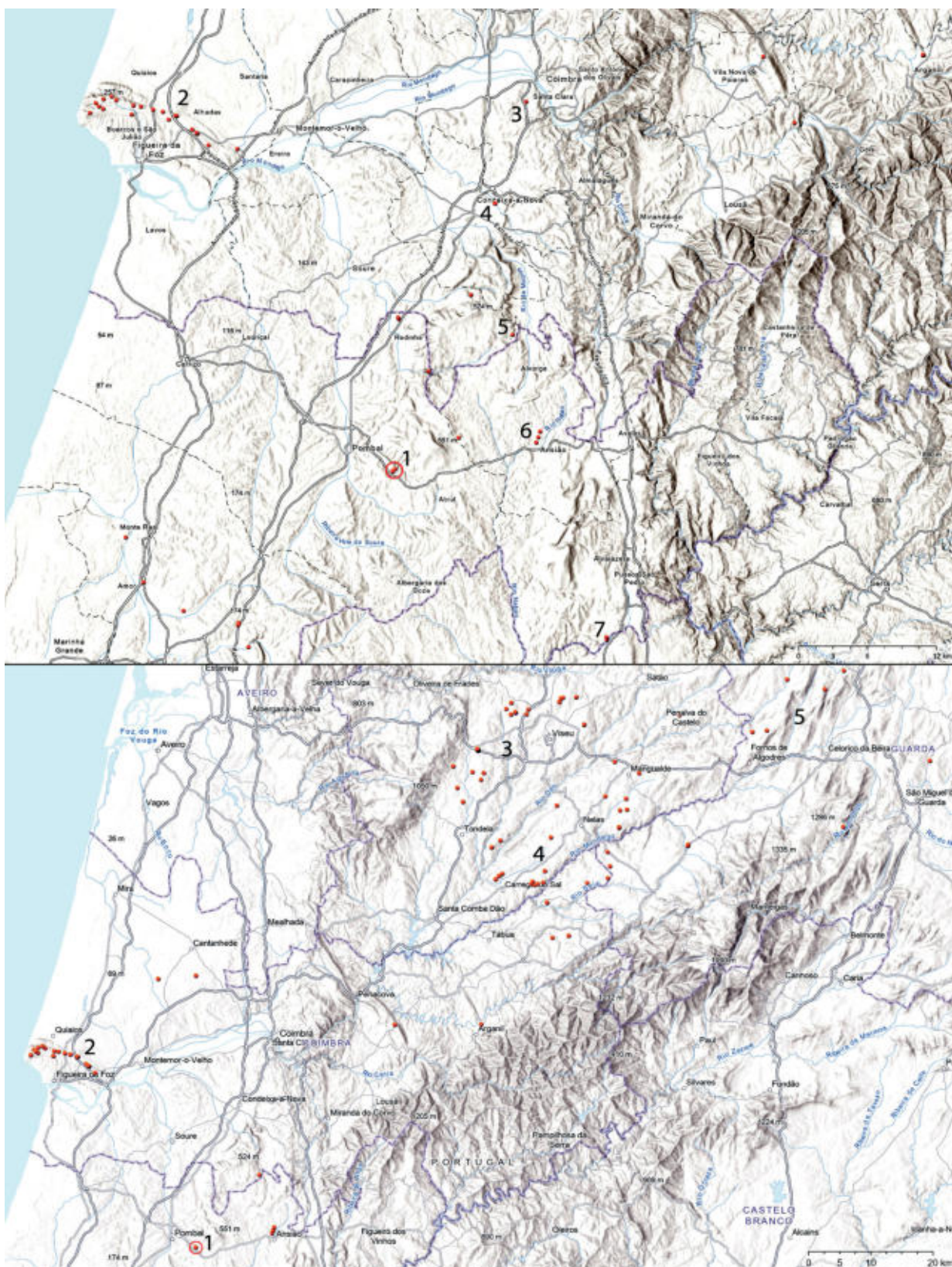


Fig. 15 – Em cima, localização das antas do Alto da Feteira e do Alto da Carrasqueira (1), em relação aos contextos funerários (monumentos megalíticos e cavidades cársticas) do Baixo Mondego (Serra da Boa Viagem-Brenha-Alhadas) e dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, indicando-se os contextos da área da Figueira da Foz (2), Alqueves (3), Eira Pedrinha (4), Casa da Moura (5), Ansião (6) e Rego da Murta (7) (base: Património Cultural – I.P., 2024). Em baixo, situação das antas do Alto da Feteira e do Alto da Carrasqueira (1), em relação aos monumentos megalíticos da bacia do Rio Mondego (bacias dos Rios Dão, Seia e Ceira, seus afluentes), indicando-se os conjuntos da Figueira da Foz (2), Tondela-Viseu (3), Carregal do Sal-Nelas-Mangualde (4) e Penalva do Castelo-Fornos de Algodres-Aguiar da Beira (5) (base: Património Cultural – I.P., 2024).

Em relação ao Neolítico Médio e Final, assim como ao Calcolítico Inicial, para além de alguns poucos sítios de habitat deficientemente caracterizados, os principais dados são fornecidos pelos contextos funerários, sejam monumentos megalíticos ou cavidades cárnicas. Dos primeiros, a anta do Alto da Feteira será relacionável (a par da anta do Alto da Carrasqueira que lhe fica próxima), com os monumentos da Casa da Moura (na área de Soure), Quinta das Lagoas, Fonte Santa e Alto das Piscas (na área de Ansião), Laço e Cabeço da Ante (na área de Penela), e Rego da Murta (monumentos 1 e 2, já na área de Alvaiázere) (SILVA et al., 2017; ROCHA et al., 2018; SIMÕES, 2023; FIGUEIREDO, 2006; 2021); das cavidades cárnicas, destacam-se Eira Pedrinha (na área de Condeixa-a-Nova) e Alqueves (na área de Coimbra) (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949; VILAÇA, 1990; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), sendo de referir igualmente a Buraca Grande e Ourão 2 (na área de Redinha) (AUBRY & MOURA, 1990; MOURA & AUBRY, 1995).

Em termos arquitectónicos, na área estrita dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, o número de monumentos preservados é considerado insuficiente para estabelecer um quadro tipológico fiável. Sendo duvidosa a classificação de Alto das Piscas, Laço e Cabeço da Ante, por não haver certeza de se referirem a sepulcros megalíticos (SIMÕES, 2023, p. 46-48), encontrando-se destruídos (sem qualquer registo gráfico) os monumentos de Quinta das Lagoas e Fonte Santa, e sendo escassa a informação gráfica publicada sobre o sepulcro da Casa da Moura (estando apenas disponível um esboço sumário em SIMÕES, 2023, p. 156), resta-nos apenas os monumentos do Alto da Carrasqueira e do Rego da Murta, juntamente com o do Alto da Feteira, para a caracterização arquitectónica das construções megalíticas desta área (Fig. 16).

A anta do Alto da Feteira corresponde a sepulcro de médias dimensões, com câmara poligonal de seis esteios organizados a partir do esteio de cabeceira, não conservando vestígios de corredor, que provavelmente possuía. Localizada a cerca de 520 m desta, estando-lhe assim espacialmente associada, localiza-se a anta do Alto da Carrasqueira (SIMÕES, 2023) correspondente a monumento de câmara e corredor bem diferenciados, de média dimensão, com câmara poligonal organizada a partir do esteio de cabeceira e corredor médio. Apesar da relação espacial directa entre ambos os monumentos (que será também crono-cultural, pelo menos durante o segundo episódio de utilização da anta do Alto da Feteira), estando assim inseridos na mesma estrutura local de povoamento, não mantêm entre si relação visual directa (Fig. 17).

Já as duas antas do Rego da Murta (FIGUEIREDO, 2006; 2021) correspondem a monumentos de características arquitectónicas distintas. O sepulcro 1 possui câmara poligonal e corredor diferenciados, de média dimensão, organizada a partir de dois esteios de cabeceira colocados alinhados, com corredor de comprimento médio. A anta 2 é monumento com câmara e corredor tendendo para indiferenciados, dado o modo imbricado de colocação dos esteios do corredor em relação aos primeiros da Câmara, dispostos em ângulo muito aberto, de médias dimensões, câmara poligonal alongada (no sentido longitudinal) e corredor de comprimento médio, contendo ainda, junto à passagem, dois pequenos esteios funcionando como umbral. Estes dois monumentos poderão ser, contudo, mais afins dos conjuntos megalíticos do Alto Ribatejo (desde o vale Rio Zêzere para nascente, nas áreas de Tomar, Abrantes e Mação), com afinidades igualmente com monumentos da região albi-castrense, ou mesmo alto-alentejana, na margem oposta do Tejo (conforme já referido em ANDRADE & VAN CALKER, 2024, p. 75).

Quanto aos monumentos da área da Figueira da Foz (cf. ROCHA, 1888; 1891; 1895; 1900; 1949; GUERRA & FERREIRA, 1968/1970; LEISNER, 1998, Taf. 83-92; VILAÇA, 1986; 1988), integram conjunto de mais de duas dezenas de dólmenes dispostos desde o Cabo Mondego, em posição sobranceira ao paleo-estuário do rio homónimo, ao longo das serras da Boa Viagem, Brenha e Alhadas. Possuem maior diversidade arquitectónica que os anteriores, que não terá necessariamente reflexos cronológicos. Estão presentes pequenos monumentos abertos de tendência cistoide (anta da Serra da Brenha), pequenos monumentos de tendência cistoide

alongada (anta de Santo Amaro da Serra), monumentos de média dimensão, com câmara e corredor indiferenciados (anta da Capela de Santo Amaro), monumentos de média dimensão com câmara e corredor diferenciados, com câmara polygonal de sete esteios e corredor de comprimento médio (anta 2 das Carniças), monumentos de médias dimensões, de câmara e corredor diferenciados com câmara de tendência rectangular transversal e corredor curto a médio (antas do Cabeço dos Moinhos, Mama do Furo e possivelmente Covões das Cavadas), monumentos de médias dimensões de câmara e corredor diferenciados com câmara de tendência quadrangular a trapezoidal de seis esteios e corredor curto a médio (antas da Cabecinha e Facho) e monumentos de médias dimensões de câmara circular de pequenos esteios e corredor médio, representada pela anta da Cabecinha Grande, que, por tal motivo, António Vítor Guerra e Octávio da Veiga Ferreira assimilam tipologicamente aos monumentos de falsa cúpula (GUERRA & FERREIRA, 1968/1970, p. 54). Conforme foi bem constatado por aqueles autores, estes monumentos expressam uma clara conexão com os monumentos da Baixa Estremadura, com base em critérios arquitectónicos não tão evidentes para outras áreas megalíticas, registando-se aqui uma ainda uma maior variedade arquitectónica (BOAVENTURA, 2009; ANDRADE et al., 2024).

Já em relação aos monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego, a sua abordagem foge ao âmbito deste trabalho (dado a sua influência atlântica em oposição ao cunho mais mediterrâneo dos seus congéneres mais meridionais).

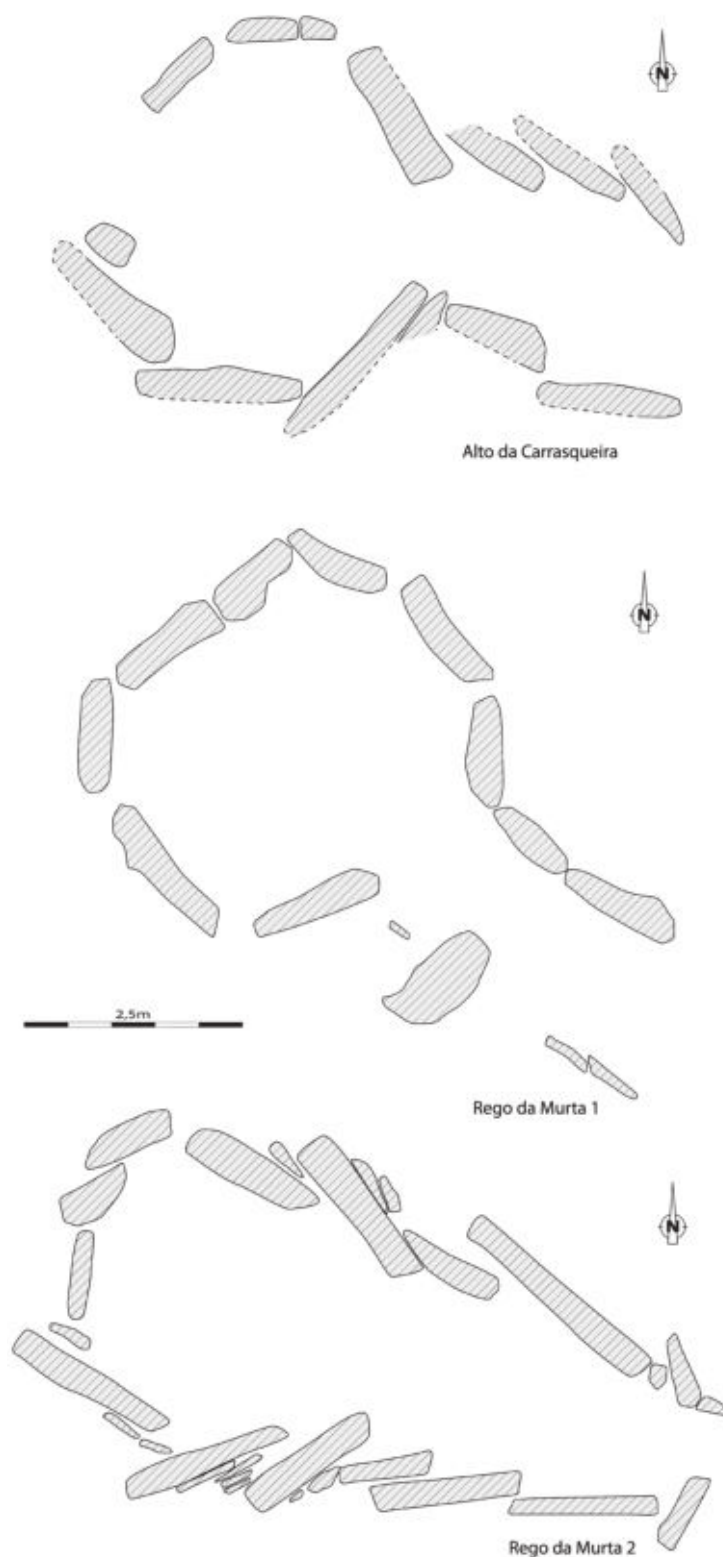


Fig. 16 – Outros sepulcros megalíticos dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere: anta do Alto da Carrasqueira (redesenhado a partir de levantamento de Helena Moura reproduzido em SIMÕES, 2023, p. 114, Fig. 11) e antas 1 e 2 do Rego da Murta (redesenhado a partir de FIGUEIREDO, 2006, vol. 2, p. 159, Fig. 39 e p. 251, Fig. 116).

Uma das suas particularidades é a «monumentalidade» de alguns deles (mesmo dos considerados de fundação mais antiga, como a anta 1 do Carapito). Tratam-se maioritariamente de monumentos de média a grande dimensão, de câmara e corredor diferenciados, com corredores médios a longos, cuja construção e utilização, iniciada no Neolítico Médio, perdurará durante o Neolítico Final e Calcolítico Inicial, conforme demonstrado pelos exemplos de Vale de Fachas, Lapa do Repilau, Fiais da Telha, Outeiro do Rato, Travanca, Cunha Baixa, Padrões, Sobreda, Seixo ou Bobadela (MOITA, 1966; LEISNER, 1998; CRUZ, 2001; SENNA-MARTINEZ, 1989b; 1996; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008). Reconhecem-se, contudo, monumentos de pequena/média dimensão, abertos ou de câmara e corredor diferenciados, com corredores curtos, como os sepulcros de Pramelas, Folhadal, 1 e 2 do Ameal ou 2 de Oliveira do Conde, do Neolítico Médio, mas que poderão ter continuidade de uso durante o Neolítico Final, como é o caso de Santo Tisco (SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999; VENTURA, 1994a).

A nível dos padrões de utilização funerária destes monumentos, os registos obtidos para os Maciços de Condeixa-Sicó-Alvaiázere e para a área da Figueira da Foz ilustram a existência da prática de deposições individuais, ou mono-familiares, contrapondo-se a utilizações colectivas.

Com efeito, e recordando o que acima se disse a respeito dos possíveis 11 indivíduos depositados na anta do Alto da Feteira (de acordo com a informação gráfica apresentada em CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 51, Fig. 2), os dados coligidos para os contextos da primeira área referida apontam para deposições possivelmente mono-familiares, como no sepulcro da Casa da Moura com um número mínimo de sete indivíduos (CALADO et al., 2019), a par de utilizações claramente colectivas, registadas no sepulcro da Quinta das Lagoas com um número mínimo de 37 indivíduos (SILVA, 2002), 1 e 2 do Rego da Murta, com um número mínimo

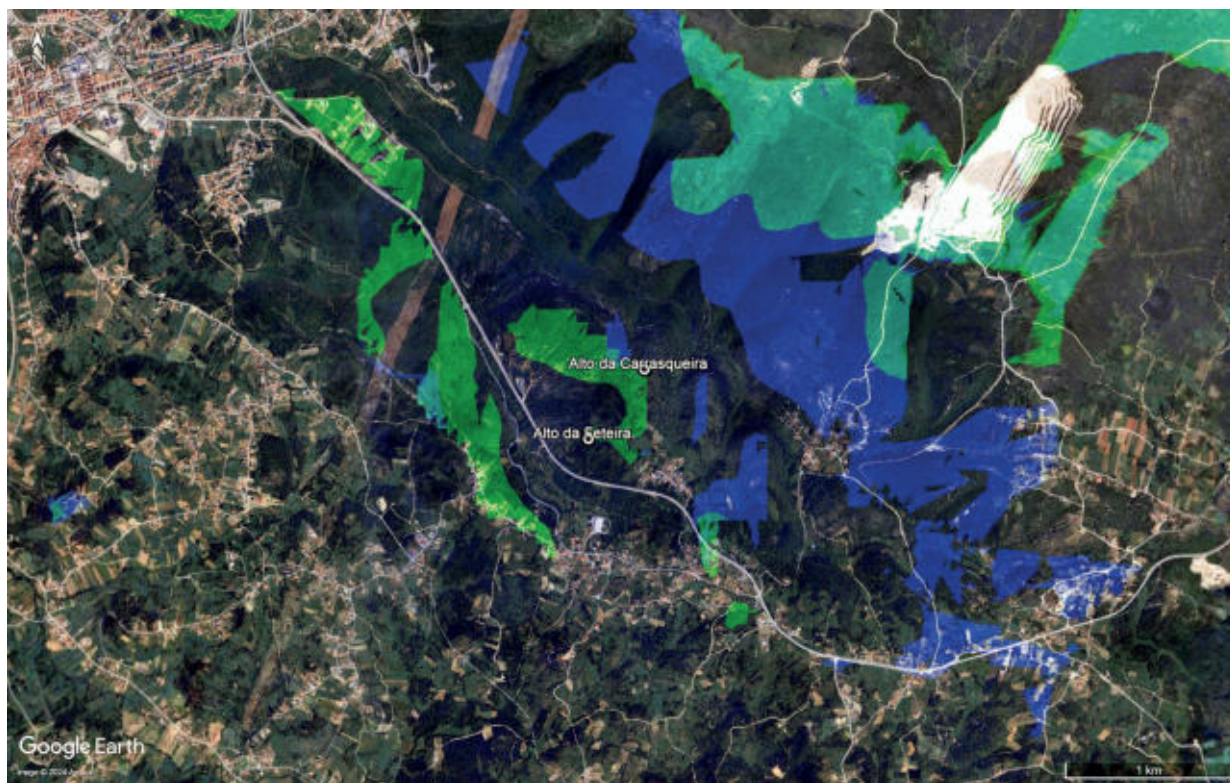


Fig. 17 – Bacias de visibilidade da anta do Alto da Feteira (a verde) e da anta do Alto da Carrasqueira (a azul), calculadas a 2 m acima do nível do solo; as áreas a ciano indicam a sobreposição das bacias de visibilidade de ambos monumentos (base: Google Earth Pro, 2024).

de 50 e 47 indivíduos respectivamente (FIGUEIREDO, 2006; 2021), e Alqueves com um número mínimo de 31 indivíduos (UMBELINO, 1998), atingindo-se o extremo em Eira Pedrinha com um número mínimo de 144 indivíduos (GAMA, 2003), que no entanto poderá ser apenas reflexo da extensa diacronia de utilização deste contexto, que se estende do Neolítico Antigo ao Calcolítico Final, e mesmo à Idade do Bronze (o que também deverá ser salientado para os casos das antas do Rego da Murta, registando reutilizações durante o Calcolítico Final e a Idade do Bronze).

Na área da Figueira da Foz, os dados indicam maioritariamente um número restrito de enterramentos realizados nestes sepulcros, conforme foi documentado nas antas da Capela de Santo Amaro, Mama do Furo, Cumieira e Porto Sabroso com um único indivíduo, na anta da Cabecinha com um número mínimo de três a quatro indivíduos, ou na anta do Praso com um número mínimo de quatro indivíduos, atingindo-se um número mínimo de dez indivíduos na anta do Cabeço dos Moinhos, 11 indivíduos na anta do Facho e 18 indivíduos na anta da Cabecinha Grande (cf. SILVA, 2020; 2021a; 2021b).

5.2 – Espólios e faseamento cultural

A anta do Alto da Feteira integra, conforme exposto acima, dois episódios de utilização que parecem reproduzir os dois patamares culturais genéricos definidos para o desenvolvimento do Megalitismo do Centro-Sul do território português, bem identificados na área estremenha (BOAVENTURA, 2009; 2011; BOAVENTURA & MATALOTO, 2013; ANDRADE, 2015a; ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010; ANDRADE & VAN CALKER, 2019; 2024; GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2014).

O primeiro corresponderá à fase mais recuada da sua construção e primeira utilização, inscrevendo-se no pleno Neolítico Médio; o segundo documentará o seu uso subsequente, já do pleno Neolítico Final (podendo estender-se até ao Calcolítico Inicial), corroborado, no caso da anta do Alto da Feteira, pela datação absoluta realizada sobre amostra de um item característico desta crono-cultura (alfinete de osso), centrado no último terço do 4.º milénio a.C. (3367-3105 cal BCE 2).

Com efeito, esta realidade poderá ser bastante mais recorrente do que aquilo que é empiricamente apreendido pela componente artefactual, especialmente em monumentos com usos continuados; esta diferenciação não parecerá assim tão evidente quando analisado apenas o espólio, que poderá conter elementos que se repetem em ambas crono-culturas, sendo assim dificilmente distinguíveis em casos em que não existam itens caracterizadores estritos que o sugira ou datações absolutas que o confirmem.

Tal não é o caso da anta do Alto da Feteira, em que o espólio claramente indica dois conjuntos com conotação crono-cultural bem diferenciada: o mais antigo, formado pela associação entre armaduras geométricas, pequenas lâminas e lamelas não retocadas de sílex e quartzo hialino e braceletes sobre valva de *Glycymeris*, aqui se podendo teoricamente integrar também os artefactos de pedra polida de silimanite, os recipientes cerâmicos almagrados e alguns dos artefactos em osso (como o furador); o mais recente, formado pela associação entre pontas de seta, lâminas retocadas de sílex, grandes pontas foliáceas, recipientes cerâmicos carenados, placas votivas, alfinetes de osso de cabeça canelada ou espatulada e elementos de colar de «pedra verde», talco e azeviche. Esta realidade tem expressão no uso diferenciado da câmara do sepulcro: é da sua metade Norte, junto ao solo de base, que provêm as armaduras geométricas, enquanto que, na metade Sul se concentravam os elementos mais tardios (CASTRO & FERREIRA, 1969/1970, p. 42; cf. Fig. 3 acima), como que se os enterramentos posteriores (mesmo considerando o alto nível de remeximento documentado na câmara) tivessem procurado «respeitar» as deposições originais.

Os principais elementos do espólio úteis para esta diferenciação crono-cultural são as braceletes sobre valva de *Glycymeris*, artefactos de adorno que se reportam indubitavelmente ao pleno Neolítico Médio (podendo estender-se também a uma fase embrionária do Neolítico Final), especialmente representadas em cavidades cárnicas estreminhas, como Algar do Bom Santo, Lugar do Canto, Algar do Barrão ou Lapa da Bugalheira («Sala do Ricardo»), incluindo igualmente o contexto extra-estremenho da gruta do Escoural (cf. CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2014; CARVALHO, ANTUNES-FERREIRA & VALENTE, 2003; RODRIGUES & ZILHÃO, 2021; ARAÚJO & LEJEUNE, 1995); reconhecem-se também em grutas artificiais do Sul do território português, como é o caso da Sobreira de Cima, Quinta dos Poços ou Barrada (cf. VALERA, 2013; VALERA et al., 2023; BARRADAS et al., 2013). Tais contextos forneceram datações absolutas do 4.º milénio a.C., podendo-se mesmo fazer recuar a utilização deste tipo de braceletes enquanto elemento votivo até à segunda metade do 5.º milénio a.C., segundo o exemplo do enterramento em fossa de Castelo Belinho (GOMES, 2012). Ainda que características do Neolítico Médio, tais peças podem ser reconhecidas em contextos mais tardios, como demonstrado pelo exemplar do pleno Neolítico Final de Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996, p. 71, Fig. 16; CARDOSO, 1997), que aparenta tratar-se de um caso isolado.

Evidencia-se a ausência de braceletes em sepulcros ortostáticos estreminhos com utilizações cronologicamente coevas, como Carrascal ou Pedras Grandes (cf. BOAVENTURA, 2009), podendo-se evocar fenómenos culturais agindo diferencialmente na utilização de ambos os tipos de contextos (tal como já salientado em ANDRADE et al., 2024, p. 144). A anta do Alto da Feteira, com as suas duas braceletes, vem precisamente esbater esta diferenciação cultural entre utilizadores de cavidades cárnicas e construtores de monumentos megalíticos na Estremadura.

A estes elementos poderíamos associar as armaduras geométricas, que, no conjunto estrito da anta do Alto da Feteira (e mesmo tendo em consideração a exiguidade da amostra), parecem reflectir padrões particulares da etapa crono-cultural afim com as braceletes sobre valva de *Glycymeris*, tanto a nível morfo-tipológico como dimensional.

Para uma análise comparativa de espectro mais amplo, reuniu-se uma amostra de 220 exemplares (assumindo-se como uma amostra significativa) recolhidos em sepulcros megalíticos da área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (anta da Casa da Moura, antas 1 e 2 do Rego da Murta), da área do baixo curso do Rio Mondego (antas do Cabeço dos Moinhos, Cumieira, 2 das Carniçosas, Porto Sabroso e Cabecinha) e da área do médio-alto curso do Rio Mondego (antas 1 do Moinhos de Vento, Sobreda, 2 de Oliveira do Conde, Santo Tisco, 1 e 2 do Ameal, Folhadal, Cunha Baixa, Padrões, Rio Torto, Corgas da Matança, 1 a 4 do Carapito, Lapa do Repilau, Vale de Cabra e Mamaltar de Vale de Fachas) – considerando-se igualmente, a título comparativo, os exemplares recolhidos em contextos estreminhos, em cavidades cárnicas (apenas aquelas com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C., como as grutas do Algar do Bom Santo, Lugar do Canto e Alcobertas) e sepulcros megalíticos (apenas aqueles com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C., como as antas do Carrascal e Pedras Grandes). As medidas aqui tratadas correspondem às apresentadas na respectiva literatura ou determinadas a partir das ilustrações de apoio (BOAVENTURA, 2009; CARDOSO, 2020; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2014; CRUZ et al., 2014; CRUZ, CUNHA & GOMES, 1988/1989; CRUZ & VILAÇA, 1990; FIGUEIREDO, 2006; GOMES & CARVALHO, 1995a; LEISNER, 1998; LEISNER & RIBEIRO, 1968; ROCHA et al., 2018; SENNA-MARTINEZ, 1994b; SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999; VENTURA, 1998; 2000; VILAÇA & CRUZ, 1990).

Os elementos da anta do Alto da Feteira, com $3,00 \pm 0,33$ cm de comprimento médio para $1,26 \pm 0,24$ cm de largura média, não destoam dos padrões dimensionais documentados nas armaduras geométricas recolhidas em distintos contextos funerários de áreas contíguas (Fig. 18 e Tabela 3), distribuindo-se entre $2,44 \pm 0,58$ cm

de comprimento médio para $1,16\pm0,31$ cm de largura média em sepulcros da área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, com $2,76\pm0,32$ cm de comprimento médio para $1,35\pm0,21$ cm de largura média em sepulcros das Serras de Boa Viagem-Brenha-Alhadas (baixo curso do Rio Mondego) e $2,81\pm0,68$ cm de comprimento médio para $1,18\pm0,20$ cm de largura média em sepulcros do médio-alto curso do Rio Mondego, coadunando-se igualmente com os padrões registados em sepulcros da área estremenha (antas e cavidades cárnicas com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C.), com $2,77\pm0,65$ cm de comprimento médio para $1,21\pm0,21$ mm de largura média.

Não se documentam, pois, divergências significativas, verificando-se que a larga maioria dos exemplares possui dimensões entre 2 cm e 3,5 cm de comprimento e entre 1 cm e 1,5 cm de largura, tendo assim sido maioritariamente obtidos sobre pequenas lâminas extraídas por percussão indirecta, características de uma fase plena do Neolítico Médio / fase inicial do Neolítico Final (correspondendo a elementos do Grupo 1 de António Faustino Carvalho). Alguns poucos exemplares patenteiam contudo caracteres métricos distintos, com dimensões inferiores ou superiores a estes padrões métricos genéricos, sendo assim produzidos respectivamente sobre lamelas (usadas principalmente na produção de crescentes, com menos de 1,5 cm de comprimento e 1 cm de largura) ou sobre lâminas mais robustas que aquelas anteriormente mencionadas (como se documenta, por exemplo, nos casos dos elementos de grandes dimensões recolhidos na gruta de Alcobertas ou no conjunto dos sepulcros do Carapito, com comprimentos rondando 5 cm e larguras atingindo 2 cm; cf. CARDOSO, 2020, p. 123, Fig. 5; LEISNER, 1998, Taf. 63 e 65).

Tabela 3 – Padrões métricos médios (em cm) das armaduras geométricas recolhidas em contextos funerários da área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere e da bacia do Mondego, incluindo-se igualmente as recolhidas em sepulcros megalíticos e cavidades cárnicas da área estremenha (considerando apenas os com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C.), em comparação com os exemplares da anta do Alto da Feteira.

Área	Amostra	Comp. médio	Larg. média	Comp. max.	Comp. min.	Larg. max.	Larg. min.
Alto da Feteira	4+1	$3,00\pm0,33$	$1,26\pm0,24$	3,50	2,65	1,53	0,90
Condeixa-Sicó-Alvaiázere (sepulcros megalíticos)	11	$2,44\pm0,58$	$1,16\pm0,31$	3,73	1,76	1,74	0,63
Boa Viagem-Brenha-Alhadas (sepulcros megalíticos)	14	$2,76\pm0,32$	$1,35\pm0,21$	3,57	2,39	1,68	0,97
Médio-Alto Mondego (sepulcros megalíticos)	129	$2,81\pm0,68$	$1,18\pm0,20$	5,50	1,23	1,71	0,79
Estremadura (grutas naturais e sepulcros megalíticos)	66	$2,77\pm0,65$	$1,21\pm0,21$	5,13	1,31	2,02	0,76

Em termos tipológicos, o conjunto da anta do Alto da Feteira também não diverge da realidade registada nos outros contextos funerários considerados. No computo geral das armaduras geométricas estudadas das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e do médio-alto curso do Mondego, e atendendo aos morfo-tipos estabelecidos para o Ocidente peninsular (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 113-114, Fig. 54), regista-se uma maior percentagem de elementos enquadrados no Tipo 1A (trapézios simétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas; 46,84%), seguindo-se (por ordem de frequência) os elementos de Tipo 1B (trapézios assimétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas; 18,35%), de Tipo 3A (triângulos isósceles; 10,76%), de

Tipo 1D (trapézios rectângulos com truncatura basal côncava; 8,86%), de Tipo 1C (trapézios rectângulos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas; 6,96%), de Tipo 2A (crescentes simples; 3,16%), de Tipo 2B (crescentes alongados simétricos; 3,16%), de Tipo 3B (triângulos escalenos; 1,27%), e de Tipo 3C (triângulos rectângulos; 0,63%).

Nestes conjuntos, e principalmente em relação a elementos provenientes de sepulcros do médio-alto curso do Rio Mondego, poder-se-á assumir que certos exemplares integrados no Tipo 2A (crescentes simples), poderão eventualmente corresponder a elementos do Tipo 1A (trapézios simétricos), apresentando truncaturas ligeiramente convexas, quase se fundindo no bordo esquerdo (tal como um dos elementos da anta do Alto da Feteira; cf. acima Fig. 6, n.º 18 e Fig. 13, n.º 19), fazendo-os assemelhar-se a crescentes; da mesma maneira, certos exemplares integrados nos Tipos 3A (triângulos isósceles) e 3B (triângulos escalenos), poderão corresponder também a elementos do Tipo 1A (trapézios simétricos) ou 1B (trapézios assimétricos), apresentando truncaturas muito oblíquas, quase se fundindo no bordo esquerdo (possuindo este escassos milímetros de comprimento), fazendo-os deste modo assemelhar-se a triângulos.

Será de notar a ligeira divergência em relação aos exemplares recolhidos em antas e cavidades cársicas da área estremenha, onde os elementos do Tipo 1B (trapézios assimétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas) se encontram melhor representados. No entanto, a realidade observada na

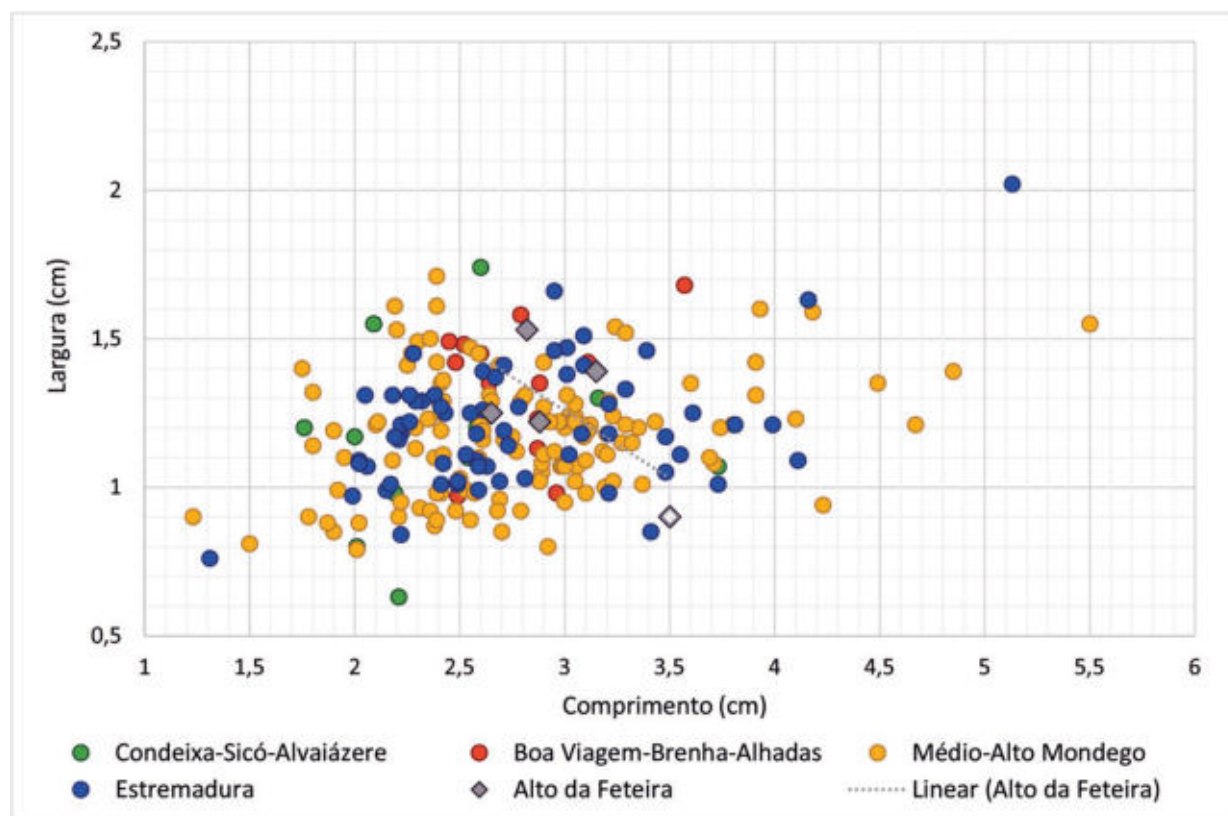


Fig. 18 – Comparação da relação *comprimento/largura* entre as armaduras geométricas recolhidas na anta do Alto da Feteira (indicadas pelos losangos) e as recolhidas em contextos funerários das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (baixo curso do Mondego) e do médio-alto curso do Mondego. Incluem-se igualmente as recolhidas em sepulcros megalíticos e cavidades cársicas da área estremenha (considerando nestes apenas os com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C.). A linha tracejada indica a tendência linear métrica dos elementos da anta do Alto da Feteira; os elementos actualmente ausentes da colecção encontram-se indicados pelos símbolos vazios, com medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970.

bacia do médio-alto Mondego tem semelhanças com a documentada em pequenos sepulcros simples de tendência cistoide ou alongada da área do Sudoeste peninsular, onde também se observa uma maior incidência de elementos de Tipo 1A (trapézios simétricos com truncaturas rectilíneas ou ligeiramente côncavas) (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 116, Fig. 56) Dever-se-á destacar aqui a presença de elementos do Tipo 1D (trapézios rectângulos com truncatura basal côncava), assumidos como mais evoluídos (MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 116-117). Ascendendo, como referido, a 8,86% da amostra, estes encontram-se, pelo contrário, documentados de forma residual nos sepulcros do médio-alto curso do Rio Mondego, com apenas 3,08% do total das armaduras geométricas analisadas nesta área, surgindo na anta da Sobreda incluídos num conjunto integrável no Neolítico Final, com abundantes pontas de seta de distintos morfo-tipos; cf. LEISNER, 1998, Taf. 93), estando melhor representados, mesmo considerando as diferenças quantitativas das amostras, no conjunto dos elementos analisados nas áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (como no sepulcro da Casa da Moura; cf. ROCHA et al., 2018, p. 271, Est. II) ou das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (como nos sepulcros do Cabeço dos Moinhos e Porto Sabroso; cf. LEISNER, 1998, Taf. 83 e 88; CRUZ et al., 2014, p. 12, Fig. 6). Constituem elementos que, tal como o verificado na anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, se encontram supostamente associados a típicas pontas de seta de base triangular a convexa, em números sensivelmente semelhantes, sendo o seu uso aparentemente coevo (BOAVENTURA et al., 2014/2015).

Os elementos geométricos da anta do Alto da Feteira contrapõem-se assim à presença de pontas de seta (não parecendo o trapézio rectângulo de base ligeiramente côncava aqui recolhido corresponder exactamente a um modelo do Tipo 1D; cf. acima Fig. 6, n.º 19 e Fig. 13, n.º 18). Efectivamente, as pontas de seta agora estudadas possuem características semelhantes, incluindo as dimensionais, às da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (de base triangular a convexa), correspondendo aos morfo-tipos mais comuns durante o Neolítico Final (cf. FORENBAHER, 1999), presentes na larga maioria dos contextos funerários deste período no Centro-Sul do território português. Corresponderão assim ao segundo episódio de uso da anta do Alto da Feteira, destacando-se contudo o elemento de claro contorno losangular, tipo de certo modo pouco usual dentro do conjunto das pontas de seta de base triangular (Fig. 6, n.º 14 e Fig. 13, n.º 15).

Os restantes elementos, ainda assim representando 40% do conjunto recolhido no monumento em estudo (incluindo os não presentes actualmente na colecção), referem-se aos exemplares integráveis nos tipos de base recta, base côncava e base bi-côncava, com elevado índice de alongamento (aproximando-se aos 5 cm de comprimento, exceptuando um elemento de corpo mais curto que poderá corresponder a um reavivamento; cf. Fig 6, n.º 2 e Fig. 13, n.º 6), que antecipam as produções calcolíticas, ou fazendo mesmo delas já parte.

Os exemplares de base bicôncava, presentes na bacia do Tejo, na gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (cf. ANDRADE, 2021), documentam-se igualmente na área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, na anta da Casa da Moura (ROCHA et al, 2018) ou, já em número elevado, na anta 2 do Rego da Murta, porém nesta última sem registos evidentes de pontas de seta de base bi-côncava, com um único exemplar com ligeiro espigão central que até se poderia incluir neste grupo (FIGUEIREDO, 2006; 2021). Exemplares esboçando espigão central ou pequeno pedúnculo encontram-se aparentemente melhor representados em contextos mais setentrionais, principalmente na bacia do baixo Mondego, como é atestado nas antas do Cabeço dos Moinhos, 2 das Carniçosas, Cabecinha e Cabecinha Grande, assim como em Eira Pedrinha (LEISNER, 1998, Taf. 83, 88, 90 e 91; CRUZ et al., 2014; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949), e, já no seu médio-alto curso, nas antas de Repilau, Sobreda, 1 dos Moinhos de Vento, Amiais, Fiais da Telha e Valongo (LEISNER, 1998, Taf. 20, 58, 94, 95, 107 e 108; SENNA-MARTINEZ, 1983; SENNA-MARTÍNEZ & PEDRO, 2000).

Neste mesmo grupo crono-cultural se incluem as grandes pontas foliáceas, representadas na anta do Alto da Feteira por dois elementos de morfologia idêntica, reportáveis, no tocante às técnicas de manufatura, e mesmo de origem provável da matéria-prima, com o conjunto da anta 2 do Rego da Murta, incluída no mesmo contexto regional (FIGUEIREDO, 2006; 2021). Tratam-se de produções que se estendem desde o Neolítico Final até pelo menos o Calcolítico Pleno, encontrando-se o seu uso votivo muito bem documentado na área estremenha (LEISNER, 1965). Com efeito, 76,44% dos elementos cadastrados no Centro-Sul do território actualmente português referem-se a exemplares recolhidos em contextos funerários da Estremadura (35,63% dos quais provenientes do Maciço Calcário Estremenho), contrapondo-se apenas 12,07% das Beiras, 9,77% do Alentejo e 1,72% do Algarve (cf. SOUSA, 2004, p. 99). Tais dados poderão em parte ser explicados pela disponibilidade ou proximidade de matéria-prima em massas suficientemente grandes para a produção deste tipo de artefactos – como, com efeito, se regista na área estremenha.

A anta do Alto da Feteira, e as suas duas alabardas, situa-se precisamente na charneira do grupo estremenho, no limite da área de maior concentração destes artefactos, fazendo a transição para os domínios mais setentrionais.

Tendo em vista o estabelecimento de possíveis padrões locais/regionais para os elementos agora em estudo, recorreu-se a uma amostra de 14 exemplares recolhidos em sepulcros dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (anta 2 do Rego da Murta), da Serra da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (anta da Cabecinha) e do médio-alto Mondego (antas 1 dos Moinhos de Vento e Orca de Palheiros). As medidas agora apresentadas obtiveram-se da literatura ou foram determinadas a partir das ilustrações publicadas (LEISNER, 1998; SENNA-MARTINEZ, 1983; FIGUEIREDO, 2006; 2021).

Verifica-se que as duas alabardas da anta do Alto da Feteira se integram num grupo de artefactos com comprimentos entre cerca de 16 cm e 23 cm (média de $18,85 \pm 2,43$ cm) para larguras entre cerca de 7 cm e 12 cm (média de $8,52 \pm 1,27$ cm), podendo ser assumidas como alabardas típicas (Fig. 19), atingindo valores extremos nos exemplares da anta da Cabecinha, com cerca de 34 cm de comprimento, e da anta 1 dos Moinhos de Vento, com cerca de 27 cm de comprimento (LEISNER, 1998, Taf. 90 e 113), este último morfologicamente idêntico aos exemplares da anta do Alto da Feteira.

O conjunto dos produtos alongados reflectirá igualmente estes dois períodos de utilização da anta do Alto da Feteira, apresentando características tecnológicas próprias que os permite distinguir.

É clara a pertença dos elementos retocados obtidos por percussão indirecta ou pressão ao Neolítico Final (e ao Calcolítico), encontrando-se bem representados em contextos funerários do Centro Sul do território português (LEISNER, 1959; 1965; 1998), justificando-se apenas a referência a exemplares directamente relacionados com a anta do Alto da Feteira, por provirem de contextos dos finais do 4.º milénio a.C. e primeiro quartel do seguinte. É o caso dos exemplares da anta da Quinta das Lagoas (LEISNER, 1998, Taf. 119), ou, já na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, das antas do Cabeço dos Moinhos (incluindo exemplar apontado como no Alto da Feteira), Cabecinha e Facho (LEISNER, 1998, Taf. 84, 90, 91 e 92). Na área do médio-alto curso do Mondego, devem citar-se as antas de São Pedro Dias, Bobadela, 1 dos Moinhos de Vento (com um conjunto numeroso, incluindo elementos de crista) e Outeiro do Rato (LEISNER, 1998, Taf. 59, 103, 109-112; TAVARES, 1980).

Os restantes produtos alongados, representados por lâminas não retocadas e lamelas (ou pequenas lâminas, incluindo exemplares de quartzo hialino) justificam discussão mais desenvolvida, tendo em vista a sua integração crono-cultural. São produções atribuíveis ao pleno Neolítico Médio, obtidas por percussão indirecta, com dimensões que raramente ultrapassam 10 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. O conjunto da anta do Alto da Feteira respeita estes critérios.

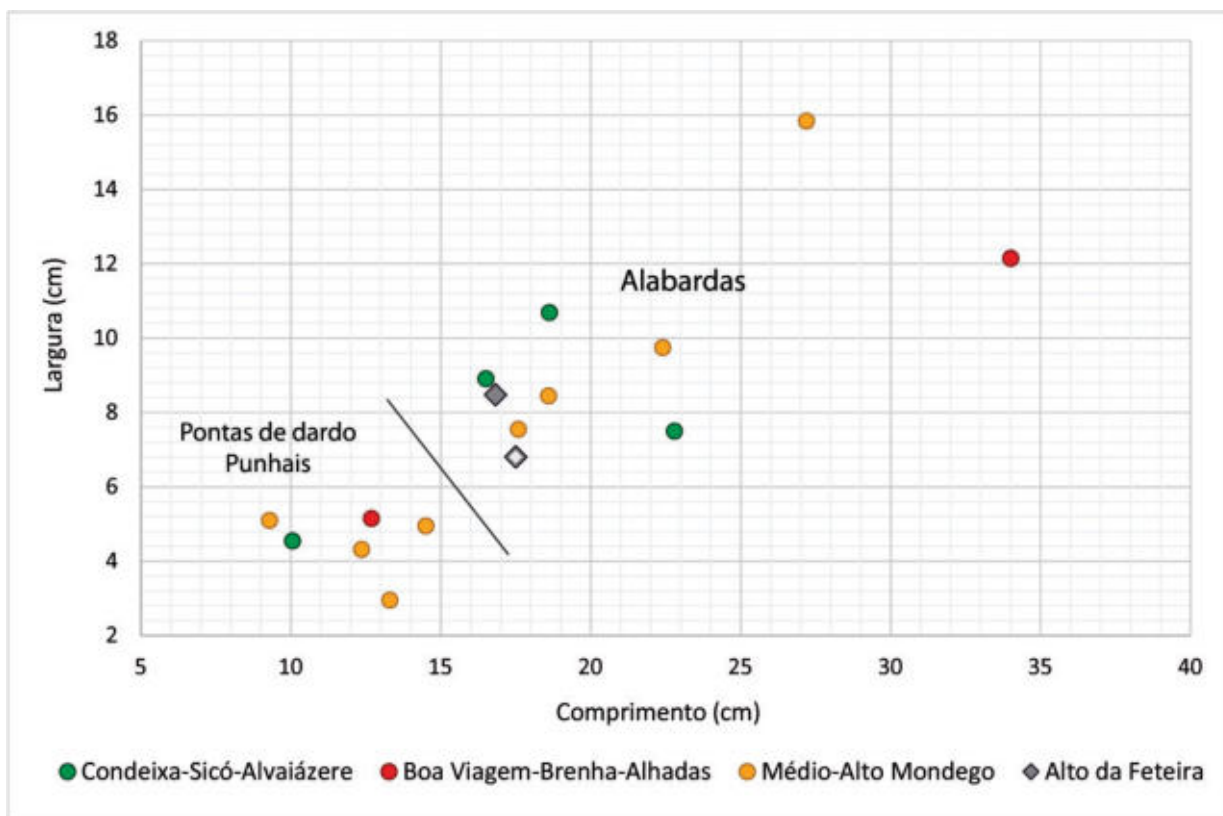


Fig. 19 – Comparação da relação *comprimento/largura* entre as grandes pontas foliáceas recolhidas na anta do Alto da Feteira (indicadas pelos losangos) e as recolhidas em contextos funerários das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (baixo curso do Mondego) e do médio-alto curso do Mondego. Os elementos actualmente ausentes da colecção da anta do Alto da Feteira encontram-se indicados pelos símbolos vazios, com medidas tomadas a partir de CASTRO & FERREIRA, 1969/1970.

A análise comparativa realizada recorreu a amostra constituída por 77 exemplares recolhidos em sepulcros do Centro-Sul do território português, considerando apenas elementos inteiros provenientes de contextos com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C. isentos de misturas com elementos mais tardios. Consideraram-se os exemplares das grutas naturais do Algar do Bom Santo, Lugar do Canto, Alcobertas e Lapa da Bugalheira («Sala do Ricardo»), e das grutas artificiais de Sobreira de Cima, Vale de Barrancas 1, Barrada e Quinta dos Poços. As medidas agora tratadas correspondem às apresentadas na literatura ou determinadas a partir das respectivas ilustrações (BARRADAS et al., 2013; CARDOSO, 2020; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2014; RODRIGUES & ZILHÃO, 2021; VALERA, 2013; VALERA & NUNES, 2020; VALERA et al., 2023).

Com efeito, mesmo considerando que apenas três exemplares não retocados da anta do Alto da Feteira permitem a obtenção integral de medidas, verifica-se a sua integração no conjunto dos produtos alongados de transição do Grupo 1 para o Grupo 2, definidos por António Faustino Carvalho. Com efeito, o Grupo 1 corresponde aos elementos com comprimentos compreendidos entre 2,5 cm e 10 cm e larguras compreendidas entre 0,8 cm e 2 cm, classificáveis como lamelas ou pequenas lâminas típicas do pleno Neolítico Médio (CARVALHO, 2013, p. 73; CARVALHO & GIBAJA, 2014, p. 173). Os exemplares da anta do Alto da Feteira apresentam $11,76 \pm 3,39$ cm de comprimento médio e $2,10 \pm 0,12$ cm de largura média (atendendo aqui apenas aos exemplares não retocados), posicionando-se assim na linha de charneira entre os elementos do Grupo 1 e os já integráveis no Grupo 2, com comprimentos compreendidos entre 12 cm e 18 cm e larguras compreendidas entre 1,8 cm e 2,8 cm, classificados como lâminas robustas (CARVALHO, 2013, p. 73; CARVALHO & GIBAJA, 2014, p. 173) (Fig. 20).

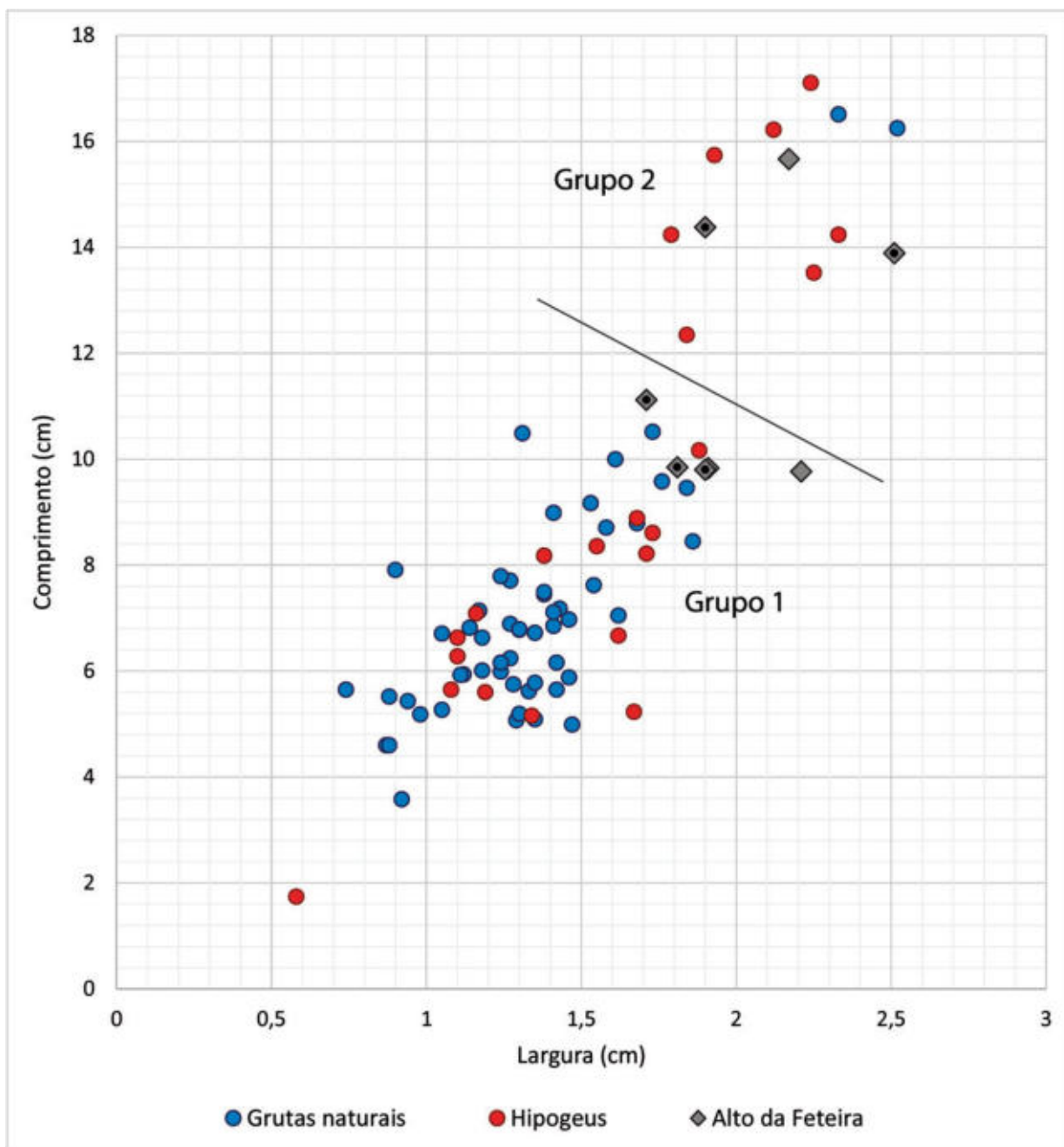


Fig. 20 – Comparação da relação *comprimento/largura* entre os produtos alongados recolhidos na anta do Alto da Feteira (indicados pelos losangos; elementos retocados indicados pelos pontos internos) e os recolhidos em contextos funerários (grutas naturais e hipogeus) com utilizações exclusivas do 4.º milénio a.C. (grutas naturais de Lugar do Canto, Alcobertas, Lapa da Bugalheira – «Sala do Ricardo» e Algar do Bom Santo, e os hipogeus da Sobreira de Cima, Vale de Barrancas, Barrada e Quinta dos Poços), enquadrados nos grupos morfológicos definidos por António Faustino Carvalho (CARVALHO, 2009; CARVALHO & GIBAJA, 2014).

Assim, os resultados obtidos não se coadunam rigorosamente com os padrões dimensionais documentados nos produtos alongados do Grupo 1 recolhidas nos distintos contextos funerários do pleno 4.º milénio a.C. aqui abordados, distribuindo-se estes entre $7,16 \pm 2,38$ cm de comprimento médio para $1,35 \pm 0,23$ cm de largura média para exemplares recolhidos em cavidades cársticas e $9,36 \pm 4,24$ cm de comprimento médio para $1,60 \pm 0,36$ cm de largura média para exemplares provenientes de hipogeus. Esta ligeira divergência dever-se-á

à exiguidade da amostra disponível, dado que os restantes exemplares que se poderiam integrar neste grupo (e especialmente os de menor dimensão, que influenciariam na definição dos padrões métricos médios) não se encontram completos. De qualquer forma regista-se a existência de um exemplar não retocado de grandes dimensões que se integra no Grupo 2, mas que oferece características tecnológicas semelhantes às registadas nos elementos do Grupo 1 (cf. Fig. 8, n.º 3 acima). Poderá assim constituir paralelo com alguns dos exemplares das grutas de Alcobertas e Algar do Bom Santo, ou dos hipogeus de Sobreira de Cima (Sepulcros 1 e 5) e Barrada (cf. BARRADAS et al., 2013; CARDOSO, 2020; CARVALHO, 2013; 2014).

Neste mesmo sentido se poderão considerar os exemplares retocados com padrões dimensionais que se enquadram no Grupo 1, mas que tecnologicamente se equiparam aos restantes elementos retocados da anta do Alto da Feteira, metricamente enquadráveis no Grupo 2, correspondendo já a produções do Neolítico Final e do Calcolítico (CARVALHO, 2009, p. 80; 2013, p. 73). Tal situação pode em parte ser explicada pelo facto de se tratarem de elementos apontados ou retocados na extremidade distal, o que poderá ter alterado as suas dimensões, originalmente superiores (cf. acima Fig. 7, n.º 8-10; Fig. 12, n.º 3-4 e 6; Fig. 13, n.º 24).

No conjunto dos artefactos de pedra polida, é indefinida a inclusão dos três fragmentos de machados de anfibolito em qualquer dos dois episódios de utilização do monumento, já que o recurso a esta rocha é conhecido na região desde o Neolítico Médio, bem documentado na gruta do Lugar do Canto (CARDOSO & CARVALHO, 2008)

Mas o exemplar de pedra polida mais notável de todos os recolhidos é o machado de silimanite com «sulco de encabamento». Segundo antigo levantamento realizado por José Leite de Vasconcellos, constata-se a distribuição de exemplares deste tipo por todo o território português, de Vila Real de Santo António a Bragança (VASCONCELLOS, 1921/1922).

A presença de peças de pedra polida de silimanite encontra-se atestada em contextos do Neolítico Antigo da Estremadura e vale do baixo Tejo, como no povoado de Moita da Ladra (CARDOSO, 2014 b), do pleno 4.º milénio a.C, como na gruta do Escoural (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995); peças de fibrolite munidas de sulco transversal são bem conhecidas em contextos mais tardios, inseridos num momento de apogeu do fenómeno megalítico, como os exemplares das antas da região de Idanha-a-Nova; de San Bartolomé de la Torre (GONÇALVES & ANDRADE, 2014; LEISNER, 1998, Taf. 40 e 83; LEISNER & LEISNER, 1943, Taf. 76; Cerdán Márquez, LEISNER & LEISNER, 1952, Lám. 79; LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, p. 29), sendo igualmente de referir, tal como já mencionado por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira, a sua presença na área do Sudeste ibérico, no sepulcro de falsa cúpula de Loma de las Eras 2 e no sepulcro 113 da área de Gorafe, do núcleo de La Gabiarra (LEISNER & LEISNER, 1943, Taf. 29 e 41). Refira-se igualmente a sua presença em contextos não necessariamente funerários, e já claramente calcolíticos, como os dois exemplares em anfibolito recolhidos no povoado do Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003), ou mesmo a aplicação de sulco em outro tipo de artefacto que não machados, como a pequena enxó de silimanite recolhida em contexto desconhecido na área de Fronteira (cf. ANDRADE, 2009).

A presença do «sulco de encabamento» nestes artefactos tem levado a considerá-los como peças afins dos «polidores» com sulco neolíticos e calcolíticos. Esta hipótese foi já esboçada em VASCONCELLOS, 1921/1922. Os «polidores com sulco» foram já objecto de estudo anterior (ANDRADE, 2017, p. 39-41). Com base em dois exemplares em silimanite fracturados recolhidos em sepulcro da área de Alconétar, é referido que se tratariam de elementos reutilizados como polidores, sendo assim o sulco aplicado posteriormente (após a fragmentação da peça e à consequente perda da sua funcionalidade original) (CERRILLO CUENCA, 2018, p. 82). Esta hipótese, que se poderia assim estender também aos exemplares fragmentados de San Bartolomé de la Torre ou do Casal do Pardo (cf. Cerdán Márquez, LEISNER & LEISNER, 1952; LEISNER, ZBYSZEWSKI &

FERREIRA, 1961) é contrariada pelo facto de que a presença de este sulco também se documenta em exemplares inteiros, por vezes sem quaisquer vestígios de uso (como se observa no elemento de silimanite da anta do Alto da Feteira (Fig. 9, n.º 1; Fig. 12, n.º 1), pelo que aquela interpretação perde qualquer consistência.

A distribuição das peças de pedra polida de silimanite no território português evidencia ampla difusão geográfica, embora a sua presença seja relativamente rara no cômputo geral dos conjuntos votivos, com uma larga percentagem de ocorrências de contextos indeterminados (cf. FERREIRA, 1953; GUERRA & FERREIRA, 1979).

Como se referiu acima, a utilização de esta matéria-prima encontra-se atestada desde o Neolítico Antigo (CARDOSO, 2023), em sítios englobando um amplo espectro geográfico, sendo identificados em contextos como Montum de Baixo, Encosta de Sant'Ana, Moita da Ladra, Cortiçóis, Cerradinho do Ginete, Freixo, Prazo, Cardina ou Vale de Cerdeira, somando ainda o exemplo de Gonçalves já relativo ao Neolítico Médio (cf. SOARES, SILVA & DUARTE, 2021; LEITÃO, CARDOSO & MARTINS, 2021; CARDOSO & CANINAS, 2010; CARDOSO, CARVALHO & GIBAJA BAO, 2013; CARVALHO, 2008; ANDRADE, 2015b; MONTEIRO-RODRIGUES; AUBRY et al., 2016; XAVIER, MEIRELES & ALVES, 2020; 2022; SOUSA, MIRANDA & VAN CALKER, 2020/2021).

A sua ocorrência em conjuntos votivos está documentada desde o pleno Neolítico Médio, na gruta do Escoural, pelo machado com «sulco de encabamento» acima mencionado, na gruta das Salemas, nas antas 3 do Piornal e Areita, e no Sepulcro 2 do núcleo IV da necrópole do Pessegueiro (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995; FERREIRA & CASTRO, 1972; GONÇALVES, 2013; GOMES et al., 1998; SOARES & SILVA, 2023/2024). A sua utilização prolonga-se pelo Neolítico Final e pelo Calcolítico, como são os exemplares das antas 1 de Vale de Rodrigo, 1 de Cavaleiros, São Bernardo, Monte Abraão, Medelim ou Idanha-a-Nova (referindo-se ao machado com «sulco de encabamento» acima mencionado), o sepulcro de falsa cúpula do Escoural ou o hipogeu de Casal do Pardo 3 (LEISNER, 1944; LEISNER & LEISNER, 1953; LEISNER, 1998, Taf. 54, 72, 83 e 100; SANTOS & FERREIRA, 1969), podendo-se citar igualmente os casos das grutas da Furninha e Casa da Moura, com vários exemplares, mas cuja cronologia é incerta, dado registarem vários episódios de utilização funerária, do Neolítico Antigo ao Calcolítico (CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). A sua presença regista-se igualmente em típicos povoados calcolíticos, como exemplificado pelos exemplos de Outeiro Redondo, Leceia ou Penedo (CARDOSO, 2019; 1981; SPINDLER, 1969), embora seja de admitir a hipótese de poderem corresponder, pelo menos em alguns casos, a objectos trazidos para estes povoados provenientes de contextos mais antigos.

Trabalhos recentes realizados em contextos funerários relativos ao início do fenómeno megalítico (ou «proto-megalítico»), para os quais se dispõe de datações absolutas directamente realizadas sobre amostras osteológicas humanas, como Campo de Hockey ou Arroyo Saladillo, permitem associar o princípio teórico da utilização votiva destes artefactos a um momento centrado entre o último quartel do 5.º milénio a.C. e o primeiro quartel do milénio seguinte, podendo prolongar-se até aos seus meados, correspondendo assim ao pleno Neolítico Médio (cf. VIJANDE-VILA et al., 2015; 2022; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, CISNEROS GARCÍA & ARCAS BARRANQUERO, 2014/2015, GARCÍA SANJUÁN et al., 2020), o que se poderia coadunar com os resultados obtidos para as antas de Areita ou 1 do Carapito, com artefactos de silimanite e datações similares, embora a validade dos seus resultados possa ser discutível, dado serem realizadas sobre amostras de carvões (GOMES et al., 1998; CRUZ, 1995; CRUZ & VILAÇA, 1994).

De qualquer maneira, correspondem a artefactos com utilização votiva teoricamente estabelecida a partir do Neolítico Médio (referindo-se exclusivamente a contextos habitacionais os sítios datáveis do Neolítico Antigo acima listados), sugerindo-se igualmente que aqueles documentados em contextos mais tardios

(nomeadamente calcolíticos) se possam tratar de elementos recuperados de contextos neolíticos anteriores (CARDOSO, 2023, p. 226), circunstância que parece registar-se até épocas muito mais tardias, do Bronze Final (em sítios como Moreirinha e Monte do Trigo), Idade do Ferro (como Casal dos Pegos 1) e talvez mesmo durante o período romano-republicano (como Pedrão) (VILAÇA, CATARINO & OSÓRIO, 2022; PIMENTA & MENDES, 2015; SOARES & SILVA, 1973).

Na bacia do Mondego, domínio directamente relacionado com a área em estudo, e para além dos exemplares de contextos indeterminados depositados no Museu da Figueira da Foz (GUERRA & FERREIRA, 1979), artefactos polidos de silimanite encontram-se presentes desde um momento inicial do Neolítico, em sítios de natureza habitacional como Vale do Romão, Junqueira e Várzea do Lírio no seu baixo curso (VILAÇA, 1988), e na Buraca da Moura de São Romão, já no seu médio-alto curso (VALERA, 2003; 2006). Em ambiente funerário, juntando-se aos dois exemplares da anta do Alto da Feteira, foram identificados nas antas do Cabeço dos Moinhos e do Casal da Serra das Alhadas, na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (LEISNER, 1998, Taf. 84 e 89; CRUZ et al., 2014), a que se somam os exemplares atribuídos à gruta de Eira Pedrinha, no Museu Francisco Tavares Proença Júnior (FERREIRA, 2004, p. 218-221), sem contexto conhecido. Enfim, no médio-alto curso do Rio Mondego, registaram-se ocorrências nas antas 2 do Ameal e 1 do Carapito (VENTURA, 1998; LEISNER, 1998, Taf. 64).

Embora se conheçam exemplares de dimensões assinaláveis, como é o caso do agora em estudo, ou mesmo de maiores dimensões, como o exemplar da gruta da Salemas, presentemente em estudo pelos autores deste trabalho, ou ainda outros, provenientes da Herdade de Fontalva, Elvas, pertencentes às colecções do Museu Geológico do LNEG, verifica-se que a maioria das peças são de dimensões reduzidas (raramente excedendo 6 cm de comprimento), descritas como pequenas enxós ou pequenos escopros (ou goivas, como no caso da anta 2 do Ameal), como é o caso do outro exemplar de silimanite recolhido no sepulcro em estudo (Fig. 9, n.º 2; Fig. 12, n.º 2). Tal realidade tem conduzido a admitir que se tratariam de produções miniaturais, sem finalidade prática, enquadrando-se no domínio das produções simbólicas ou votivas. Será contudo de referir, noutro sentido, a sua utilização ocasional na produção de outros objectos de maiores dimensões, como a grande «lâmina» de Imárcoain, com perto de 40 cm de comprimento, ou o grande «pendente» da área de Fronteira (GONZÁLEZ SAINZ, 1979; ANDRADE & VAN CALKER, 2019).

Com efeito, a «miniaturização» destes artefactos não poderá ser explicada unicamente pela disponibilidade de suportes de maior ou menor dimensão, relacionada como a maior ou menor proximidade das fontes de matéria-prima, como se atesta no sepulcro de Portillo de las Cortes, próximo às fontes de silimanite de Guadalajara (mais abaixo referidas), onde um significativo conjunto de objectos de silimanite «miniaturizados» foi recolhido (cf. BUENO RAMÍREZ et al., 2016). Mas o aproveitamento exaustivo de volumes de matéria-prima de menor dimensão, pode em parte explicar a aludida miniaturização, como parecem documentar os pequenos seixos que parecem ter sido utilizados em Cardina (AUBRY et al., 2016), evidenciando-se igualmente no seixo bruto reportado ao povoado da Cabeça de Vaimonte (observado no Museu Nacional de Arqueologia juntamente com outros artefactos calcolíticos) (Fig. 21).

A característica dominante destes exemplares, reside, pois, na sua miniaturização, aliada ao facto de não apresentarem em geral evidentes vestígios de uso, conduz à admissão do seu carácter ritual, com valor simbólico intrínseco, podendo corresponder não a utensílios propriamente ditos, mas à representação destes, em matérias-primas de excelência estética (CARDOSO, 2023; CARVALHO, 2018), levantando mais uma vez a questão sobre os possíveis significados desta «miniaturização» dos artefactos produzidos em silimanite (VILAÇA, CATARINO & OSÓRIO, 2022; VILAÇA, OSÓRIO & CATARINO, 2023), podendo admitir-se a hipótese de, tal como defendido para os artefactos de jadeíte de pequeno tamanho da área bretã, terem sido produ-

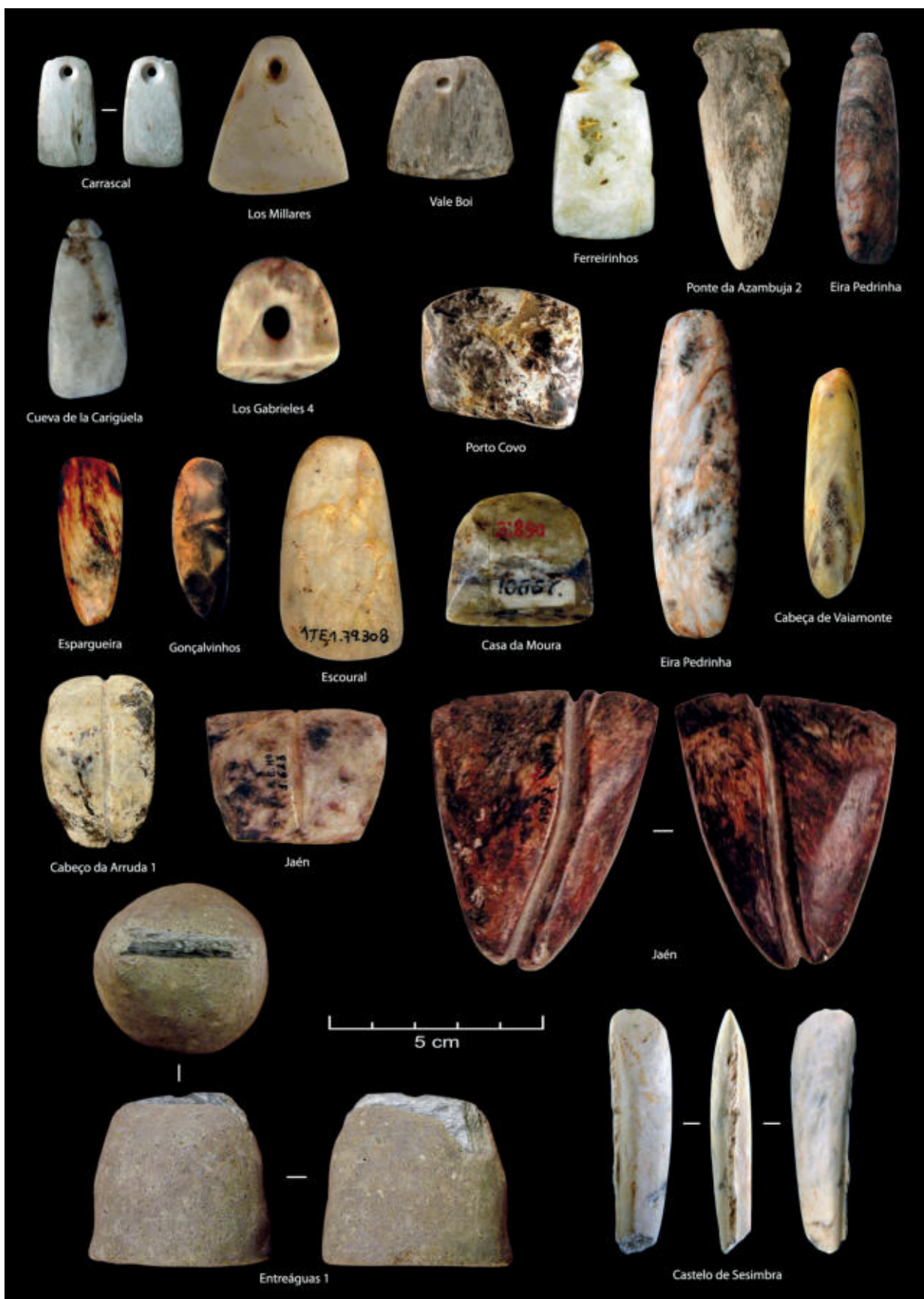
zidos recorrendo a «lascas» ou fragmentos de artefactos de maior dimensão, de certo modo «perpetuando» a sua carga ideológica original (PÉTREQUIN et al., 2012a, p. 580). Contudo, e ao contrário do que se regista na Bretanha, o número reduzido de elementos de tamanho médio a grande, contrapondo-se ao elevado número de elementos de pequena dimensão, inviabiliza esta leitura.

A carga simbólica inerente à «miniaturização» destes artefactos é demonstrada pelas evidências de aproveitamento em elementos de adorno, que mantêm as características morfológicas do utensílio original que lhes serviu de modelo, tal como a conservação do gume (CARDOSO, 2011b; 2023, p. 227) (Fig. 21). Tais exemplares ostentam perfuração, que não deixa dúvidas sobre o seu uso apotropaico (assimilados a «machados-pendente»), sendo atribuíveis ao Neolítico Final, como o exemplar do Carrascal (CARDOSO, 2023) ou ao Calcolítico, como o de Los Millares (GARCÍA GONZÁLEZ, 2014), a que se poderá juntar o exemplar com perfuração inacabada de Vale Boi, onde se documentaram ocupações datáveis do Neolítico Antigo (CARVALHO, 2008; CARVALHO et al., 2008).

Igualmente compatível com utilização de cunho simbólico, são os pendentes «idoliformes», seja pela insculptura de sulco perimétrico na extremidade distal (esboçando assim uma espécie de «cabeça», aproximando-se aos característicos «ídolos de gola» estremenhos). É o caso dos exemplares de Cueva de la Carigüela, de Eira Pedrinha (de acordo com a proveniência atribuída no Museu Francisco Tavares Proença Júnior) ou da anta 2 de Alcogulo (GARCÍA GONZÁLEZ, 2014; FERREIRA, 2004, p. 221, n.º 236; CARDOSO, 2023, Fig. 49; RODRIGUES, 1975). A suspensão também poderia ser assegurada através de entalhes laterais, como o exemplar da anta de Ferreirinhos ou o do povoado do Neolítico Final da Ponte da Azambuja 2 (VILAÇA, OSÓRIO & CATARINO, 2023; RODRIGUES, 2015).

O reaproveitamento de alguns exemplares é patenteado por alguns deles, como o do Neolítico Médio da gruta Porto Covo, fracturado transversalmente e repolido sobre a fractura (GONÇALVES, 2008) (Fig. 21). As evidências de seccionamento através de sulcos sensivelmente rectilíneos, produzidos por abrasão, tendo em vista a repartição de artefactos completos, mesmo que de reduzida dimensão documentam igualmente outra modalidade de reaproveitamento. O método de seccionamento utilizado nestes casos equipara-se ao observado na Bretanha, respeitante à técnica de *sciage* (PAILLER, 2005; 2009; 2012a; 2012b), que se poderá encontrar representada na área ibérica no artefacto proveniente da área do Ervedal publicado por José Leite de Vasconcellos (ANDRADE, 2014, p. 99, Fig. 10). As marcas deste seccionamento longitudinal não concluído, observadas em outras peças de silimanite são evidentes no exemplar do hipogeu do Neolítico Final do Cabeço da Arruda 1 e em dois outros exemplares de contexto indeterminado, da área de Jaén (LEISNER, 1965, Taf. 6; exemplares de Jaén observados no Museo de Jaén), ou já totalmente concluído, não tendo contudo recebido

Fig. 21 – Exemplos de artefactos de silimanite reutilizados (ou em vias de reutilização), como elementos de adorno ou como possíveis «miniaturizações»: «machados-pendente» de Carrascal, Los Millares e área de Vale Boi (com perfuração inacabada); pendentes «idoliformes» de Ferreirinhos, Ponte da Azambuja 2, Eira Pedrinha (?) e Cueva de la Carigüela; «conta» da anta 4 de Los Gabrieles; pequeno machado repolido no talão (sobre fractura) da gruta de Porto Covo; pequenas enxós ou formões de Espargueira, Gonçalves, *tholos* do Escoural, gruta da Casa da Moura e Eira Pedrinha (?); enxós com sulcos para seccionamento do Cabeço da Arruda 1 e da área de Jaén; pequeno formão com vestígios de seccionamento do Castelo de Sesimbra; inclui-se igualmente o «seixo» (sem trabalho aparente) atribuído como da Cabeça de Vaiamonte e o artefacto incluído em «manga» de argila da anta 1 de Entreáguas. Carrascal adaptado de CARDOSO, 2023, p. 228, Fig. 48; Los Millares e Cueva de la Carigüela adaptado de GARCÍA GONZÁLEZ, 2014, p. 403, Fig. 2; Vale Boi, foto de Ricardo Soares; Ferreirinhos, Espargueira, Escoural, Casa da Moura e Cabeça de Vaiamonte, fotos de Museu Nacional de Arqueologia; Ponte da Azambuja 2 adaptado de RODRIGUES, 2015, vol. 2, p. 91, Fig. II.3.27; Eira Pedrinha, foto de Museu Francisco Tavares Proença Júnior; Los Gabrieles, foto de Museo de Huelva; Porto Covo adaptado de GONÇALVES, 2008, p. 127, Fig. 2.37; Gonçalves adaptado SOUSA, MIRANDA & VAN CALKER, 2020/2021, p. 172, Fig. 10; Cabeço da Arruda 1, foto de Daniel van Calker; área de Jaén, foto de Museo de Jaén; Castelo de Sesimbra, trabalhos de M.A.A.; Entreáguas, foto de M.A.A.



o polimento ulterior do bordo que eliminaria os vestígios desta acção, no exemplar recolhido fora de contexto no Castelo de Sesimbra (trabalho de M.A.A.) (Fig 21). Na verdade, os bordos geometricamente assimétricos que muitos destes exemplares «miniaturizados» apresentam poderão justificar-se por via de estes seccionamentos executados em exemplares já acabados; da mesma maneira, a relação entre a sua relativamente reduzida largura e o seu comprimento será consequência da divisão em duas ou mais porções de uma peça de maiores dimensões.

Outra evidência do valor simbólico destes elementos é documentada no curioso artefacto da anta 1 de Entreáguas o qual, ao contrário do sugerido por Vergílio Correia, não parece representar a técnica de encabamento de artefactos de pedra polida (cf. CORREIA, 1921, p. 60-61). Com efeito, trata-se de fragmento de artefacto indeterminado de silimanite (estando visíveis as linhas de fractura nas faces laterais) incluído em «manga cerâmica», em que a parte exposta não corresponde a um gume efectivo, apresentando-se aplanada; por outro lado, o elemento cerâmico apresenta base plana, destinando-se a ser pousado sobre uma superfície nivelada (Fig. 21). Deste mesmo contexto é proveniente outro artefacto semelhante do qual subsiste apenas a parte cerâmica, não conservando já o elemento lítico, mas mantendo o negativo resultante da sua inserção na pasta fresca; apresenta igualmente um orifício profundo no corpo, semelhante àqueles registados nos designados «ídolos de cornos» ou «suportes de lareira». Será admissível a hipótese de corresponder a uma produção ideotécnica, podendo ser utilizada em altar doméstico, depois aproveitada como oferenda funerária.

Os artefactos de pedra afeiçoada estão representados por duas placas de grés, uma delas inteira, cuja atribuição funcional é sugerida por possuir uma das faces maiores ocupada por concavidade regular relacionada com o polimento de artefactos. É relativamente comum a presença de placas de grés lisas em distintos tipos contextos funerários estremenhos relativos a este intervalo temporal, estando sobejamente documentada em diversos casos comparativos disponíveis que seria exaustivo listar (cf. exemplos variados em LEISNER; 1965). A sua presença em contextos funerários da área estrita do Maciço Calcário Estremenho foi já evidenciada em outros locais, salientando-se a estreita relação com a área alentejana, principalmente com a sua parcela Norte, onde também ocorrem (cf. ANDRADE, 2015a; ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010; GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2014).

Os recipientes cerâmicos da anta do Alto da Feteira, apesar do seu elevado grau de fragmentação, permitiram diversas considerações. Desde logo, é de assinalar a presença de taças carenadas, possivelmente correspondentes ao tipo de carena alta, um elemento característico do Neolítico Final estremenho (SOUSA, 2021), afim da presença alfinetes de osso com cabeça amovível (um dos quais foi datado). A mesma associação foi identificada, em contextos domésticos, como no povoado do Carrascal, com datações coevas (CARDOSO, SOUSA & ANDRÉ, 2015), sendo por conseguinte atribuível ao segundo momento de utilização da anta do Alto da Feteira. Conhecem-se outros contextos funerários da área em estudo que forneceram recipientes comparáveis, como as grutas da Buraca Grande e dos Alqueves, esta com datação absoluta coeva (AUBRY, FONTUGNE & MOURA, 1997; MOURA & AUBRY, 1995; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), podendo-se referir igualmente um vaso carenado na anta do Facho, na Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (LEISNER, 1998, Taf. 92).

Os restantes elementos (exceptuando-se o fragmento de vaso com pé) não oferecem características distintivas, podendo os recipientes almagradados, representados por uma taça mamilada e um vaso com cordão plástico

(Fig. 10, nº 3 e 5) ser reportados ao primeiro momento de utilização da anta do Alto da Feteira, lembrando os exemplares atribuíveis ao pleno 4.º milénio a.C. da anta 1 do Poço da Gateira (cf. LEISNER & LEISNER, 1951).

As placas de xisto gravadas cujo espectro de uso se estende dos últimos séculos do 4.º milénio a.C. até ao primeiro terço do milénio seguinte (cf. ANDRADE, 2015c) integram-se no segundo episódio de utilização da anta do Alto da Feteira.

Embora a anta do Alto da Feteira não tenha fornecido nenhuma placa de xisto decorada, é de assinalar um exemplar proveniente da gruta de Monte Real (a cerca de 20 km a poente do sepulcro em estudo), a par da placa de xisto, igualmente decorada, com recorte antropomórfico, da anta de Fonte Santa e da placa de xisto com gravação sumária da anta da Quinta das Lagoas (a cerca de 10 km a nascente do sepulcro em estudo), que poderão constituir o limite setentrional teórico de distribuição deste tipo de artefactos (CARDOSO, 2018; CARDOSO, 2015, Fig. 5; VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008; LEISNER, 1998, Taf. 119). Estas produções ideotécnicas são conhecidas em outros monumentos dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, como a recolhida na anta 2 do Rego da Murta (cf. FIGUEIREDO, 2006; 2021), assim como da área do baixo curso do Mondego, como os exemplares da anta do Cabeço dos Moinhos (na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas), de Bósios (na área de Cantanhede) ou a placa de grauvaque lisa recolhida na gruta dos Alqueves (já na área de Coimbra) (LEISNER, 1998, Taf. 83 e 85; CRUZ et al., 2014; VILAÇA & RIBEIRO, 1987).



Fig. 22 – Comparação entre a placa de xisto gravada, de recorte antropomórfico, recolhida na anta de Fonte Santa (Ansião) e a recolhida na gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Torres Novas), notando-se o evidente sincretismo iconográfico de ambos os exemplares (adaptado de CARDOSO, 2015, p. 125, Fig. 35 e ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010, p. 250, Fig. 14).

A relação da área em estudo com o Maciço Calcário Estremenho, no âmbito das redes de distribuição e assimilação destes artefactos e dos rituais que lhes são inerentes encontra-se também atestado pelas semelhanças iconográficas entre a placa da anta de Fonte Santa e a da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (CARDOSO, 2015, p. 125, Fig. 35; ANDRADE, MAURÍCIO & SOUTO, 2010), correspondendo ambas a exemplares de contorno antropomórfico decoradas com bandas de triângulos preenchidos, cujo recorte parece ser posterior à gravação dos motivos decorativos, no caso da placa da anta de Fonte Santa (Fig. 22).

Crono-culturalmente associados às placas decoradas de xisto encontram-se os alfinetes de osso de cabeça amovível e as grandes contas de colar bitroncocónicas ou toneliformes de «pedra verde» e de azeviche, que correspondem a elementos próprios do Neolítico Final e do Calcolítico, que ocorrem conjuntamente com taças de carena alta e pontas de seta de base triangular a convexa: tais foram os itens utilizados por Konrad Spindler na definição do seu «*Paredo-Gruppe*», o arquétipo cultural do Neolítico Final da área estremenha (SPINDLER, 1976), o qual veio depois a ser corroborado cronológica e estratigraficamente pela Camada 4 do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 2022).

Não se afigurando necessário citar todos os exemplos disponíveis (encontrando-se acima mencionados aqueles para os quais se dispõe de datação directa ou indirecta), serão de referir os alfinetes de cabeça amovível registados na anta do Alto da Carrasqueira (SIMÕES, 2023), na anta do Cabeço dos Moinhos, e nas grutas de Eira Pedrinha e dos Alqueves (LEISNER, 1998, Taf. 86; VILAÇA, 1990; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), os últimos com datações análogas àquela obtida para a anta do Alto da Feteira.

Os alfinetes de cabeça espatulada encontram-se registados igualmente na anta de Cabeço dos Moinhos e em Eira Pedrinha (LEISNER, 1998, Taf. 86; CORRÊA & TEIXEIRA, 1949), tendo um dos fragmentos recolhidos no primeiro contexto mencionado sido entretanto interpretado como a metade proximal de um «ídolo almeriense» (cf. BETTENCOURT et al., 2021, p. 100).

Quanto às contas de colar, são comuns em contextos dos últimos séculos do 4.º milénio a.C. e primeira metade do milénio seguinte, ocorrendo com frequência não só os exemplares discoides, como também os de morfologia cilíndrica, bitroncocónica ou toneliforme, produzidos em «pedra verde» e azeviche, devendo-se referir particularmente as 82 contas de azeviche recolhidas na gruta da Cova da Moura (SPINDLER, 1981, Taf. 29).

Estão presentes na área em estudo, para além da anta do Alto da Feteira, na anta 2 do Rego da Murta (FIGUEIREDO, 2006; 2021), documentando-se igualmente na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, nos monumentos do Cabeço dos Moinhos e Facho (LEISNER, 1998, Taf. 86 e 92; CRUZ et al., 2014), ou no médio-alto curso do Rio Mondego, nas antas da Bobadela, 1 dos Moinhos de Vento, Padrões, Mamaltar de Vale das Fachas, Outeiro do Rato, Pinhal dos Amiais e 1 do Carapito (LEISNER, 1998, Taf. 64, 102 e 108; GOMES & CARVALHO, 1995a; 1995b; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000; PINHEIRO, 2012) – conjuntos onde se encontram presentes contas de variscite, ao contrário do verificado na anta do Alto da Feteira, onde uma conta analisada indicou ser de moscovite (CANELHAS, 1973).

Será de incluir igualmente neste grupo a conta decorada que, embora produzida usando talco, se poderá integrar no grupo das grandes contas produzidas em matérias-primas translúcidas, principalmente em fluorite, destacando-se, entre outros, os exemplares decorados da Anta Grande da Comenda da Igreja ou da gruta artificial de São Paulo 2 (GARRIDO-CORDERO et al., 2020).

Uma última observação, a propósito do lagomorfo em «pedra verde» identificado da anta da Casa da Moura (ROCHA et al., 2018, Est. III) que, mais uma vez, permite associar esta região à área estremenha, onde estes elementos surgem em número significativo, principalmente produzidos em osso.

Os restantes elementos dos mobiliários votivos da anta do Alto da Feteira oferecem algumas complexidades de interpretação quanto à sua inclusão crono-cultural.

Sobre os núcleos prismáticos de quartzo hialino (lembrando igualmente a recolha na anta do Alto da Feteira dos produtos lamelares daqueles extraídos), a sua presença em contexto funerário valerá, mais do que pelo seu papel funcional (enquanto núcleo), pela sua associação e semelhança morfológica aos mono-cristais de quartzo igualmente presentes nestes contextos.

A conotação simbólica de cristais ou núcleos prismáticos de quartzo hialino foi já anteriormente salientada noutros sepulcros colectivos estremenhos (CARDOSO, 2023) e, mais recentemente, a respeito da sua presença na anta de Fonte Moreira, na área do Maciço Calcário Estremenho, referindo-se a sua identificação em diversos tipos de contextos funerários relativos a um momento pleno do fenómeno megalítico, entre meados do 4.º milénio a.C. e meados do milénio seguinte, com especial referência aos elementos de assinaláveis dimensões e com evidente carga simbólica (ANDRADE & VAN CALKER, 2024, p. 83-84).

Na área em estudo, para além dos exemplares da anta do Alto da Feteira, documentam-se (tanto núcleos como cristais de quartzo em bruto) nas antas de Cabeço dos Moinhos, Covões das Cavadas e Cabecinha, na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (LEISNER, 1998, Taf. 84, 89 e 90), e nas antas de Bobadela, dos Moinhos de Vento 1, Sobreda e 1 e 2 e do Carapito, já na área do médio-alto curso do Rio Mondego, em alguns casos presentes em número elevado (atingindo os 10 registos), com exemplares de dimensões assinaláveis (LEISNER, 1998, Taf. 63, 65, 93, 102 e 112).

Os artefactos de osso e de concha (que não os elementos de adorno acima discutidos) levantam igualmente algumas questões a respeito da sua integração crono-cultural. Os furadores de osso estão identificados em contextos do pleno Neolítico Médio, como as grutas do Algar do Bom Santo, Lugar do Canto e Alcobertas (CARVALHO, 2014; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARDOSO, 2020), ocorrendo de forma insistente os obtidos em ossos longos fracturados longitudinalmente. Já os de contextos sobretudo mais tardios como as grutas da Lapa do Bugio, Poço Velho, Cova da Moura, Casa da Moura, Senhora da Luz, Lapa da Galinha ou Buraca da Moura da Rexaldia, são essencialmente obtidos por secção oblíqua das diáfises dos ossos longos (CARDOSO, 1992; GONÇALVES, 2009; SPINDLER, 1981; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002; CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996; VAN CALKER, 2020; ANDRADE, 2021).

Quanto ao elemento «luniforme» produzido sobre segmento de valva de *Glycymeris*, independentemente da sua interpretação enquanto elemento de adorno ou como «matriz» para decoração cerâmica, encontra paralelo em artefacto semelhante recolhido no sítio do Barranco do Rio Seco 7, em contexto do Neolítico Final/Calcolítico (cf. NEVES et al., 2013).

A presença de restos de fauna mamalógica e malacológica poderá ter diversas explicações. Para os caninos de *Meles taxus* e *Vulpes vulpes*, e sobretudo de *Sus scrofa*, poder admitir-se a sua utilização como elementos de adorno, mesmo não possuindo perfuração de suspensão, sendo aqueles caracterizados precisamente por apresentarem perfurações de suspensão. Encontram-se em diversos contextos funerários estremenhos, com especial destaque para os conjuntos com numerosos elementos reconhecidos na gruta da Cova da Moura ou no hipogeu do Cabeço da Arruda 1 (SPINDLER, 1981; LEISNER, 1998, Taf. 5), desde o Neolítico Antigo, encontrando-se representados na região em análise pelos elementos da anta 1 do Rego da Murta (cf. FIGUEIREDO, 2006; 2021).

A presença de valvas de pectinídeos é conhecida em contextos do pleno Neolítico Médio, como as grutas do Algar do Bom Santo (com perfurações aplicadas sobre as aurículas) e Salvé Rainha, ou, nas áreas alentejana e algarvia, nos contextos da gruta do Escoural e do Sepulcro 3 da Quinta dos Poços (CARVALHO, 2014; PEREIRA, 1976/1977; ARAÚJO & LEJEUNE, 1995; VALERA et al., 2023), e também em contextos do Neolítico

Final e do Calcolítico, como a anta do Casal do Penedo, nos sepulcros de falsa cúpula de Aqualva e Cabeço da Arruda 2, nas grutas da Cova da Moura (associadas a valvas de *Glycymeris*, tal com na anta do Alto da Feteira), Senhora da Luz e Lapa da Galinha, assim como nos sepulcros 1 a 3 dos Perdigões (LEISNER, 1965, Taf. 9, 14 e 51; SPINDLER, 1981; CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996; VAN CALKER, 2020; VALERA & ANDRÉ, 2016/2017). Em particular, as valvas de grandes pectínídeos poderão possuir carácter simbólico, ou simplesmente servirem para o armazenamento de substâncias diversas, como corantes.

5.3 – Proveniências de matérias-primas e interações sociais e económicas

O papel da área onde se integra a anta do Alto da Feteira enquanto corredor de circulação transregional, encontra-se documentado por materiais de aprovisionamento local, regional e extra-regional (ANDRADE, 2020, p. 72-73), reconhecidos com base na avaliação macroscópica das matérias-primas presentes.

Em relação às matérias-primas siliciosas usadas nos artefactos líticos lascados, os estudos petrográficos dos artefactos dos sepulcros das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas (CALLAPEZ et al., 2021, p. 57; CRUZ et al., 2014) revelaram escassa presença do «sílex negro» local, possivelmente motivada pelo pouco volume que estes nódulos apresentam; regista-se alternativamente o recurso ao sílex batoniano/bajociano das zonas de Verride (na área de Montemor-o-Velho), Outil/Ançã (na área de Cantanhede) e de Sicó, assim como o sílex cenomaniano das zonas de Carpalhosa (na área de Leiria) e Nazaré.

Tal situação parece observar-se igualmente na anta do Alto da Feteira, com registos de sílex batoniano/bajociano usado na produção de pontas de seta (cf. acima Fig. 13, n.º 7 e 13) e lâminas (cf. acima Fig. 12, n.º 5; Fig. 13, n.º 21), para os quais se admite obtenção na área de Sicó (a não mais de 10 km de distância da anta do Alto da Feteira), Verride (a cerca de 35 km de distância) e Outil/Ançã (a cerca de 50 km de distância), registando-se igualmente o recurso a sílex oxfordiano da área do Vale do Nabão (a cerca de 45 km de distância), usado na produção de uma ponta de seta (cf. acima Fig. 13, n.º 9). O sílex cenomaniano terá sido usado na produção das armaduras geométricas, pontas de seta, lâminas, lamelas e alabardas (Fig. 12, n.º 6, 8, 11-12, 14 e 17-20; Fig. 13, n.º 26), sendo o seu aprovisionamento possível não só nas áreas de Carpalhosa e Nazaré (a cerca de 25 km e 60 km de distância, respectivamente), como também na região de Cós/Alpedríz (a cerca de 55 km de distância). Reconheceram-se ainda materiais com outras proveniências prováveis, como uma ponta de seta (Fig. 13, n.º 10) presumivelmente produzida com o típico «sílex vermelho» da área de Rio Maior (a cerca de 85 km de distância), bem como o recurso ao sílex cenomaniano da área de Caxarias (a cerca de 25 km de distância) na produção de algumas das lâminas (Fig. 12, n.º 3-4 e 6; Fig. 13, n.º 22-25) e da alabarda (cf. acima Fig. 12, n.º 7). Para além da proximidade, o sílex de Caxarias parece especialmente adequado para a produção de artefactos de maiores dimensões (sejam peças foliáceas ou lâminas), como documentam os registos abundantes de âmbito regional em análise, situando-se a anta do Alto da Feteira precisamente no limite da área de concentração destas produções.

A área em apreço teria assim desenvolvido importante papel na recepção destes materiais, bem como no seu encaminhamento ao longo do curso do Mondego, como indica a presença, no seu médio-alto curso, de sílex oxfordiano de Tomar utilizado na confecção de pontas de seta recolhidas na anta dos Fiais da Telha (exemplares observados no Museu Municipal de Carregal do Sal), ou a presença de elementos de clara inspiração estremenha, como as alabardas de *tipo Casa da Moura* da anta 1 dos Moinhos de Vento (LEISNER, 1998, Taf. 114). Já um pouco afastado desta área, mas a ela claramente associável (em termos culturais), importa ter presentes as pontas de seta mitriformes e as alabardas de *tipo Casainhos* da Orca do Tanque (LEISNER, 1998, Taf. 38-39), salientando-se igualmente o conjunto da Orca das Castenairas (LEISNER, 1998, Taf. 29).

Em relação ao quartzo hialino usado em núcleos prismáticos e respectivas lamelas da anta do Alto da Feteira, e como já apontado em outros lugares (CARDOSO, 2023; ANDRADE & VAN CALKER, 2024, p.93), a sua origem provável poderá ser estabelecida na orla ocidental do Sistema Central Ibérico nos jazigos pegmatíticos da Beira Alta, correspondentes a uma das áreas preferenciais de proveniência. Esta hipótese é ilustrada pela presença significativa de núcleos e cristais em bruto em contextos funerários, incluindo exemplares de grandes dimensões, presentes em monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego, como as antas da Sobreda, 1 dos Moinhos de Vento e 1 do Carapito (LEISNER, 1998, Taf. 63, 93 e 112), estendidos a domínios mais setentrionais, onde se localizam as antas da Orca de Seixas, Malhada da Cambarinha e Orca do Tanque, este com vestígios de «pigmento vermelho», reforçando a sua conotação simbólica (LEISNER, 1998, Taf. 3, 10 e 39).

Quanto à questão das matérias-primas usadas na produção dos artefactos de pedra polida recolhidos na anta do Alto da Feteira, será da fácil circunscrição a proveniência das rochas anfibolíticas reconhecidas nos três fragmentos de machados acima mencionados, podendo ter origem na orla do Maciço Hespérico que inclui parte das áreas de Ferreira do Zêzere, Tomar, Sardoal e Abrantes (entre cerca de 40 km e 75 km de distância da anta do Alto da Feteira), indicando-se a mesma proveniência para os xistos usados na produção de contas de colar.

No que respeita à origem da silimanite, foi já sugerida a sua proveniência extra-peninsular, nomeadamente da Bretanha (cf. CASSEN et al., 2012), como contrapartida à importação das variscites ibéricas (cf. QUERRÉ, DOMÍNGUEZ BELLA & CASSEN, 2012; QUERRÉ et al., 2014; RODRÍGUEZ RELLÁN et al., 2021), baseando-se esta hipótese na aparente homogeneidade dos artefactos, com tipos que se repetem em ambas as áreas.

A «inspiração» bretã está com efeito presente em artefactos de pedra polida de produção peninsular, como as imitações (recorrendo a matérias-primas ibéricas) de machados de talão perfurado de *tipo Cangas*, representados em áreas contíguas à região em estudo pelos exemplares da gruta da Lapa da Galinha e da anta do Fojinho (ANDRADE & VAN CALKER, 2019; LEISNER, 1998, Taf. 50). Juntam-se as imitações dos machados de *tipo Durrington* ou de *tipo Bernon* alongado, como o exemplar da anta 1 do Carapito (LEISNER, 1998, Taf. 64), revelando assim influências indirectas (ANDRADE & VAN CALKER, 2019; FÁBREGAS VALCARCE, LOMBERA HERMIDA & RODRÍGUEZ RELLÁN, 2012; PÉTREQUIN et al., 2012a; 2012b; 2012c), mais expressivamente atestadas pela presença de machados de jadeíte, e especificamente na área em estudo, o exemplar de Condeixa (FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN & LOMBERA HERMIDA, 2017; 2018; RODRÍGUEZ RELLÁN et al., 2021).

A eventual introdução da silimanite ibérica na área bretã poderá explicar a presença destas influências formais, ou mesmo de machados importados, muito embora na Bretanha se conheçam fontes desta matéria-prima associadas a áreas de exploração e produção de artefactos durante o Neolítico (PAILLER, 2012a, p. 1183-1184).

Em conclusão, tanto a Bretanha como a Península Ibérica possuem importantes fontes de silimanite, incluindo a variante fibrosa (Fig. 23), designada “fibrolite” com destaque para as localizadas na área de Ronda, de Salamanca-Ávila-Segóvia e de Madrid-Guadalajara (FERREIRA, 1953; GUERRA & FERREIRA, 1979; AGUAYO DE HOYOS et al., 2006; CARDOSO, 2023; CARVALHO, 2018; CASSEN et al., 2012; DOYAGUE REINOSO, DOMÍNGUEZ BELLA & GUTIÉRREZ LÓPEZ, 2015). Será de admitir, igualmente, a existência de silimanite na área alentejana e da Extremadura espanhola, como sugere a enxó da anta da Capela ou o machado da anta 2 de Brissos, de rocha anfibólica contendo pequenos veios de silimanite (ANDRADE, 2020), bem como nas Beiras e em Trás-os-Montes, embora até ao momento não se encontrem documentadas ocorrências em volume suficiente para a produção de artefactos, mesmo que de pequena dimensão (cf. CARVALHO, 2018; ANDRADE, 2020; CARDOSO, 2023; VILAÇA, 1988).



Fig. 23 – Principais ocorrências de silimanite cartografadas no âmbito ibérico (segundo <https://www.mindat.org>; Hudson Institute of Mineralogy) em relação à anta do Alto da Feteira (indicada pelo ponto). 1: Castanheira (Albergaria da Serra, Arouca); 2: Serra da Freita (Cabreiros, Arouca); 3: Vieiros (Rebordelo, Amarante); 4: Vale de Gatas (São Lourenço de Riba Pinhão, Sabrosa); 5: Bigorne (Magueija, Lamego); 6: Pereña de la Ribera (Salamanca); 7: La Julita (Garcirrey, Salamanca); 8: Aldehuela de la Bóveda (Salamanca); 9: Monsanto (Idanha-a-Velha); 10: Segura (Idanha-a-Nova); 11: Cabeço de Vide/Alter Pedroso (Alter do Chão/Fronteira); 12: Acebuche (Cáceres); 13: Belvis de Monroy (Cáceres); 14: Prados del Collado (Robresgordo, Madrid); 15: Puerto de El Cardoso (Montejo de la Sierra, Madrid); 16: Horcajuelo de la Sierra (Madrid); 17: La Garita (Horcajuelo de la Sierra, Madrid); 18: Las Majadillas (Horcajo de la Sierra, Madrid); 19: San Cristobal (Madarcos, Madrid); 20: Piñuécar-Gandullas (Madrid); 21: Cerrillo Montegil (Majirón, Puentes Viejas, Madrid); 22: El Zahurdón (El Cardoso de la Sierra, Guadalajara); 23: Alpedroches (Atienza, Guadalajara); 24: Cerro de la Sal/Sierra Albarrana (Hornachuelos, Córdoba); 25: Río Padrón (Estepona, Málaga); 26: El Robledal (Igualaja, Málaga); 27: Fuengirola (Málaga); 28: Cerro Pastora (Torrox, Málaga); 29: Cerro Morote (Elche de la Sierra, Albacete); 30: Sierra Alhamilla (Almería); 31: Tabernas (Almería); 32: Sorbas (Almería); 33: El Hoyazo (Níjar, Almería); 34: Rambla de las Granatillas (Níjar, Almería); 35: Río Segre (Balaguer, Noguera, Lleida); 36: El Port de la Selva (Girona); 37: Cap de Creus (Cadaqués, Girona). A variante fibrolite regista-se nas instâncias de Castanheira, Bigorne, La Guarita e Belvis de Monroy. Base: Google Earth Pro, 2024.

Análises efectuadas sobre artefactos arqueológicos de silimanite da região de Ronda (a cerca de 540 km da anta do Alto da Feteira) demonstraram que a larga maioria foi produzida a partir de afloramentos locais (DOYAGUE REINOSO, DOMÍNGUEZ BELLA & GUTIÉRREZ LÓPEZ, 2015), podendo, a partir dali, serem

encaminhadas para o Alentejo. Neste mesmo sentido, será legítimo supor que os elementos presentes na zona ocidental do Sistema Central Ibérico (logo, da região da Beira Interior) poderão ter origem nas áreas de Salamanca-Ávila-Segóvia (entre cerca de 330 km e 470 km de distância da anta do Alto da Feteira) e de Madrid-Guadalajara (entre cerca de 520 km e 570 km de distância), chegando desde ali à Beira Litoral e à Estremadura, na charneira das quais se situa precisamente o sepulcro em estudo. Na verdade, observam-se certas semelhanças cromáticas (materiais de tonalidade amarelada a esbranquiçada, com laivos negros e dourados) entre as matérias-primas identificadas nesta área (principalmente na área de Madrid-Guadalajara) e muitos dos artefactos documentados no território português (onde se inclui a pequena enxó da anta do Alto da Feteira (Fig. 12, n.º 2).

Sobre as matérias-primas usadas na produção dos elementos de adorno, foi já acima admitida a origem dos xistos utilizados na confecção das pequenas contas discoides, nomeadamente na área do Maciço Hespérico a nascente do rio Zêzere. Os elementos de calcário terão uma evidente origem local. No tocante aos elementos produzidos sobre concha, como as contas e as braceletes, assim como outros artefactos e as valvas não modificadas, têm origem no litoral atlântico, a cerca de 30 km de distância da anta do Alto da Feteira.

Um dos elementos em «pedra verde» corresponde, segundo os resultados da análise efectuada (cf. CANELHAS, 1973, p. 134), a mineral do grupo das micas, possivelmente moscovite, podendo ter, tal como

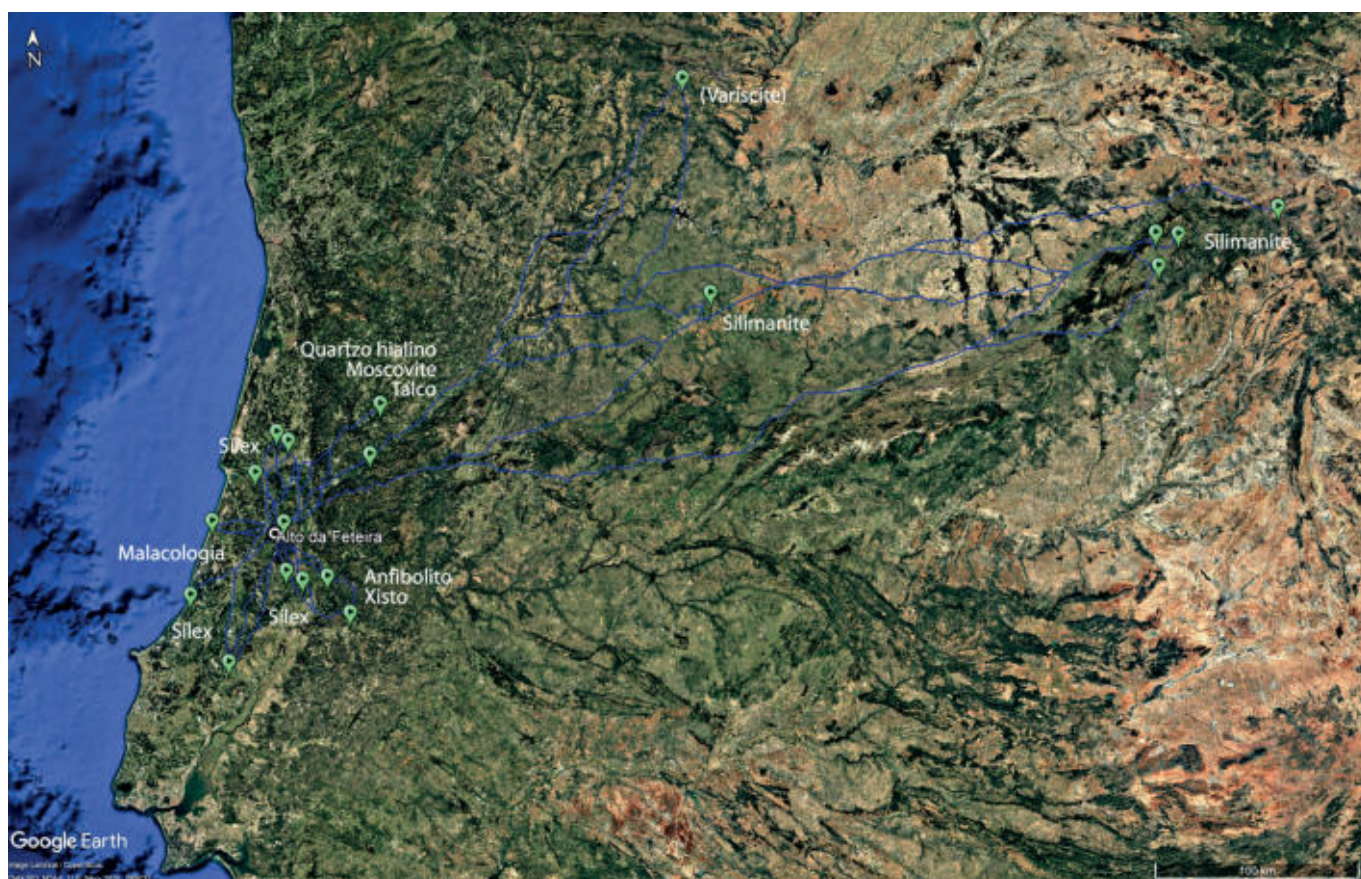


Fig. 24 – Redes teóricas de interação da anta do Alto da Feteira, com base na proveniência provável das matérias-primas de suporte dos seus artefactos votivos; definição da origem do sillex, quartzito hialino, silimanite, anfíbolito, xisto, moscovite, talco e faunas malacológicas com base em critérios de proximidade e disponibilidade, indicando-se igualmente a variscite cuja utilização é apenas sugerida, não estando até ao momento comprovada com dados publicados (base: Google Earth Pro, 2024).

o talco usado na conta de colar decorada, origem provável na região beirã, tal como o quartzo hialino utilizado para a produção de lâminas e lamelas, a partir dos respectivos núcleos.

Apesar de até ao momento não se encontrar comprovada a presença de variscite neste conjunto, será lícito supor a sua utilização, se considerarmos a ocorrência de elementos de adorno produzidos nesta matéria-prima em outros sepulcros da bacia do Mondego, como as antas de Cabeço dos Moinhos, Padrões, Mamaltar de Vale de Fachas, Outeiro do Rato e Pinhal dos Amiais (GONÇALVES & REIS, 1981/1982; GOMES & CARVALHO, 1995a; 1995b; PINHEIRO, 2012; CARVALHO, 2019). Se se atender à proveniência dos exemplares de variscite presentes em contextos calcolíticos estremenhos, como Moita da Ladra, Penha Verde, Leceia ou Vila Nova de São Pedro (ODRIOZOLA et al., 2013a; 2013b) da área de Palazuelo de las Cuevas, a cerca de 370 km de distância da anta do Alto da Feteira, é de admitir origem idêntica para elementos análogos conhecidos a nível regional.

Quanto ao azeviche, poderá ter uma origem eminentemente regional (CARDOSO, 2023), estando cartografadas várias ocorrências desta matéria-prima em contexto de calcários kimmeridgianos, nas «Camadas de Abadia» (MANUPPELLA, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1978), situados nas áreas imediatamente a Sul e a Sudeste do monumento em estudo (entre cerca de 1 km e 2,5 km de distância).

Atesta-se assim a existência de amplas redes de circulação e de interação estabelecidas pelas comunidades que construíram e utilizaram a anta do Alto da Feteira ao longo dos seus dois episódios de uso, com aproveitamento dos recursos disponíveis local e regionalmente, com comunidades geograficamente mais ou menos afastadas, recebendo materiais exógenos de proveniência extra-regional, e até mesmo híper-regional (Fig. 24).

Em conclusão: A anta do Alto da Feteira evidencia pelos espólios dela recuperados aspectos que assumem papel relevante na definição da origem e desenvolvimento do fenómeno megalítico no litoral centro do território português, em articulação com contextos congéneres localizados em áreas contíguas, como a bacia do Mondego (onde geograficamente se enquadra) e o Maciço Calcário Estremenho (ou mesmo, em termos genéricos, toda a Estremadura), ilustrando, outrossim, as dinâmicas de natureza económica supra regional então estabelecidas, muito para além do seu âmbito territorial estrito.

6 – SÍNTESE CONCLUSIVA

A construção e primeira utilização deste dólmen, durante a fase plena do Neolítico Médio, tem equivalente em outros megálitos estremenhos com datações centradas em meados/terceira metade do 4.º milénio a.C., como as antas do Carrascal e Pedras Grandes (igualmente monumentos de média dimensão, de corredor curto a muito curto), com mobiliários votivos globalmente compatíveis (BOAVENTURA, 2009). A este nível, distingue-se porém daqueles, pela presença de braceletes de *Glycymeris*, característicos dos contextos funerários cársicos conhecidos nesta área, e até ao momento não representados em sepulcros ortostáticos. Tais produções assumem, assim, um elo cultural com tais contextos, expressivamente representados nas grutas do Algar do Bom Santo ou do Lugar do Canto, crono-culturalmente idênticos (CARVALHO, 2014; CARDOSO & CARVALHO, 2008; CARVALHO & CARDOSO, 2015).

Tendo presente o ambiente geográfico, a arquitectura e os espólios funerários do monumento em estudo, tornam-se evidentes as afinidades que possui com os dólmenes integrados na mesma etapa cronológico-cultural do Neolítico Médio Pleno/Inícios do Neolítico Final das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, cujas características arquitectónicas e dos mobiliários votivos apontam etapa crono-cultural semelhante. É o caso da anta

dos Covões das Cavadas, sepulcro de câmara e corredor diferenciados, com espólios compostos por artefactos de pedra polida e pequenas lâminas não retocadas e da Serra da Brenha, pequeno sepulcro cistoide aberto, exclusivamente com artefactos de pedra polida, incluindo machados de secção sub-circular (LEISNER, 1998, Taf. 87 e 89).

Na área do médio-alto curso do Rio Mondego, serão de apontar as afinidades, durante este mesmo período, com os pequenos sepulcros abertos ou de corredor curto atribuíveis ao Neolítico Médio, com espólios contendo armaduras geométricas, pequenas lâminas não retocadas e artefactos de pedra polida, como as antas do Folhadal, 1 e 2 do Ameal ou 2 de Oliveira do Conde (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1999; 2008; VENTURA, 1994a; 1998, 2000). É, igualmente, de incluir nesta primeira fase do megalitismo regional, a construção de monumentos de maiores dimensões, como a anta 1 do Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968; LEISNER, 1998, Taf. 62-63).

Durante a sua segunda fase de utilização, já no pleno Neolítico Final (podendo-se estender até ao Calcolítico Inicial), a anta do Alto da Feteira encontra numerosos paralelos na área da Baixa Estremadura (LEISNER, 1965). No âmbito mais restrito do Maciço Calcário Estremenho, terá óbvia relação, principalmente ao nível dos conjuntos artefactuais, com os que englobam a presença de pontas de seta, peças foliáceas, lâminas retocadas, e abundantes elementos de adorno, entre os quais alfinetes de cabeça amovível, com as antas do Alto da Carrasqueira (à qual se encontra espacialmente associada), Casa da Moura, Fonte Santa, Quinta das Lagoas e 1 e 2 do Rego da Murta (SIMÕES, 2023; SILVA et al., 2017; ROCHA et al., 2018; LEISNER, 1998, Taf. 119; FIGUEIREDO, 2006; 2021), para além de outros tipos de contextos, como é o caso das grutas naturais de origem cársica de Eira Pedrinha e de Alqueves (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949; VILAÇA, 1987).

Na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas, recolhe paralelos durante esta fase cronológico-cultural nas antas do Cabeço dos Moinhos, Cabecinha, Cabecinha Grande, Facho e Mama do Furo, contendo idêntico tipo de espólios (LEISNER, 1998, Taf. 83-86 e 90-92; CRUZ et al., 2014; BETTENCOURT et al., 2021; VILAÇA, 1986). Tal é também o panorama observado em certos monumentos mais evoluídos da área do médio-alto curso do Rio Mondego, como as antas da Bobadela, Sobreda, 1 dos Moinhos de Vento, Pinhal dos Amiais ou Fiais da Telha (LEISNER, 1998, Taf. 94-116; PINHEIRO, 2012; SENNA-MARTÍNEZ, 1989a; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000).

A cronologia absoluta desta segunda ocupação funerária, tendo em conta o resultado da datação absoluta obtida (3367-3105 cal BCE 2σ), enquadra-se modelarmente nas sequências evolutivas do Megalitismo definidas tanto para esta região específica como para outras que lhe são contíguas e culturalmente associáveis (Tabela 4).

No espaço restrito dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, a datação um pouco mais antiga obtida para a anta da Quinta das Lagoas é integrável ainda no Neolítico Médio, coadunando-se com a primeira fase de utilização da anta do Alto da Feteira ressaltando-se todavia a extensa amplitude do intervalo fornecido (SILVA, 2002).

É apenas a partir do último terço do 4.º milénio a.C., durante o Neolítico Final, que se parece verificar o óptimo da utilização de sepulcros megalíticos e de grutas naturais, de acordo com as datações das antas 1 e 2 do Rego da Murta, assim como dos contextos de Eira Pedrinha e Alqueves (cf. FIGUEIREDO, 2006; 2021; GAMA, 2003; VILAÇA & RIBEIRO, 1987), estatisticamente idênticos ao resultado obtido para a anta do Alto da Feteira.

O uso continuado destes sepulcros (e especificamente das antas 1 e 2 do Rego da Murta) é evidente durante o Calcolítico Inicial e Pleno (com resultados que se estendem até à segunda metade do 3.º milénio

a.C.), prolongando-se mesmo pela Idade do Bronze, particularmente na anta 1 do Rego da Murta, com resultados centrados na transição do 3.º para o 2.º milénio a.C., e mesmo primeira metade deste (FIGUEIREDO, 2006; 2021).

A situação para a área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas revela-se mais difícil de caracterizar, resultante do escasso número de datações disponíveis. Com efeito, registam-se resultados centrados na segunda metade e meados do 4.º milénio a.C., integráveis no pleno Neolítico Médio, nas antas de Cabeço dos Moinhos e Capela de Santo Amaro (BETTENCOURT et al., 2021; WILLMAN et al., 2024) que, tal como na anta do Alto da Feteira, corresponderão a um primeiro episódio de utilização, contudo sem que o espólio o indique claramente (LEISNER, 1998, Taf.83-86 e 88).

Não se registando datações com resultados estatisticamente coincidentes com o da anta do Alto da Feteira, identificaram-se apenas utilizações datadas do Calcolítico Inicial, com resultados centrados na primeira metade do 3.º milénio a.C., como documentado nas antas do Cabeço dos Moinhos, Facho e Cabecinha, com espólios coevos (BETTENCOURT et al., 2021; SILVA, 2020; 2021).

No tocante à cronologia absoluta dos monumentos do médio-alto curso do Rio Mondego, as conclusões devem ser relativizadas, tendo presente as limitações impostas pelos contextos e as características das amostras datadas, as quais de aplicam não apenas a esta região específica, mas a todo o conjunto de sepulcros da Beira Alta com datações de radiocarbono. Conforme foi já referido por Rui Boaventura, há que considerar as diferenças, por vezes significativas, entre os resultados das datações realizadas sobre amostras de carvões e as realizadas sobre amostras osteológicas humanas, devendo manter-se todas as reservas nas interpretações subsequentes, especialmente nas respeitantes às datações mais antigas obtidas sobre carvões (BOAVENTURA, 2009, p. 355-360). Pode bem ser este o caso respeitante aos resultados relativamente recuados obtidos para a anta 1 do Carapito, de finais do 5.º milénio a.C. e primeiro quartel do milénio seguinte (CRUZ & VILAÇA, 1994; CRUZ, 1995), os quais não parecem coadunar-se com as características do sepulcro (e do próprio enquadramento cronológico da origem do Megalitismo no Ocidente peninsular). Da mesma forma, podem questionar-se os resultados respeitantes à primeira metade do 4.º milénio a.C., como os obtidos também para a anta 1 do Carapito e para a anta de Padrões (CRUZ, 1995). Já os valores respeitantes aos meados deste mesmo milénio, estendendo-se até ao seu último terço, para a anta 1 do Carapito, incluindo o contexto de «lareira» identificado na câmara (CRUZ, 1995) afiguram-se mais aceitáveis. Seja como for, para uma discussão integrada de toda a informação, há que ter sempre presente a relação entre os resultados respeitantes a datas de radiocarbono, a arquitetura dos monumentos e as características dos respectivos espólios. Exemplo desta necessidade de confrontar elementos e diversa natureza, é a contradição observada no resultado obtido para a sepultura secundária da anta 1 dos Moinhos de Vento, centrada em meados do 4.º milénio a.C., durante o Neolítico Médio, não sendo condizente com as características do espólio aí recolhido, com um significativo número de peças foliáceas (cf. SENNA-MARTINEZ, 1983; 1989a).

Mais elucidativos são os resultados respeitantes a amostras osteológicas humanas, como é o caso da anta 1 de Penela, indicando usos enquadráveis no último terço do 4.º milénio a.C., prolongando-se até aos primeiros séculos do milénio seguinte, entre as crono-culturas locais do Neolítico Final e Calcolítico Inicial – com reativações já no Calcolítico Final ou Idade do Bronze, como atestado igualmente com as datações (estas sobre amostras de carvão) da anta da Arquinha da Moura (cf. CRUZ, 1995).

Tabela 4 – Datações de radiocarbono obtidas disponíveis para contextos funerários, entre o Neolítico Médio e o Calcolítico Pleno/Final, das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere (incluindo o contexto periférico da gruta dos Alqueves), das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e do médio-alto curso do Rio Mondego, recalibradas em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62); intervalo a 2 σ com 95,4% de probabilidade.

Monumento/Sítio	Ref. Lab.	Amostra	Contexto	Data BP	Cal BC 2 σ	Bibliografia
Condeixa-Sicó-Alvaiázere						
Quinta das Lagoas	Sac-1559	<i>Homo</i>	/	4640±90	3634-3102	SILVA, 2002
Alto da Feteira	Wk-43565	Alfinete de osso	Câmara	4544±20	3367-3105	Este estudo
Rego da Murta 2	Beta-451546	<i>Homo?</i>	Sob pavimento (Câmara)	4540±30	3368-3102	FIGUEIREDO et al., 2018
Rego da Murta 1	Beta-190001	<i>Homo</i> – metatarso	Câmara	4520±40	3365-3095	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-189998	<i>Homo</i> – fémur	Câmara/Corredor	4490±60	3366-2936	FIGUEIREDO, 2006
Alqueves	ICEN-64	<i>Homo</i>	/	4490±50	3361-3022	VILAÇA & RIBEIRO, 1987
Eira Pedrinha	Beta-134363	<i>Homo</i>	/	4480±60	3362-2935	GAMA, 2003
Rego da Murta 1	Beta-190003	<i>Homo</i>	Câmara	4400±40	3321-2909	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-190002	<i>Homo</i> – fémur	Corredor	4370±40	3259-2898	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 2	Beta-190004	<i>Homo</i>	/	4290±40	3022-2778	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 2	Beta-190007	<i>Homo</i>	/	4190±40	2895-2632	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 2	Beta-453400	<i>Homo?</i>	/	4070±30	2850-2488	FIGUEIREDO et al., 2018
Rego da Murta 2	Beta-190008	<i>Homo</i>	Câmara (Cabeceira)	4060±50	2861-2468	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-190000	<i>Homo</i> – fémur	Câmara (Cabeceira)	3640±40	2136-1897	FIGUEIREDO, 2006
Rego da Murta 1	Beta-189999	<i>Homo</i> – fémur	Corredor	3510±40	1943-1699	FIGUEIREDO, 2006
Boa Viagem-Brenha-Alhadas (Baixo Mondego)						
Cabeço dos Moinhos	Beta-383084	<i>Homo</i>	/	4960±30	3795-3649	BETTENCOURT et al., 2021
Capela de Santo Amaro	Beta-588474	<i>Homo</i> – crânio	/	4830±30	3651-3528	WILLMAN et al., 2024
Cabeço dos Moinhos	Beta-383085	<i>Homo</i> (cremado)	/	4360±30	3085-2903	BETTENCOURT et al., 2021
Cabeço dos Moinhos	ICA-14B/1114	Artefacto de osso	/	4220±40	2910-2668	BETTENCOURT et al., 2021
Facho	Beta-542625	<i>Homo</i> – costela	/	4180±30	2887-2636	SILVA, 2020
Facho	Beta-549966	<i>Homo</i> – crânio	/	4170±30	2883-2632	SILVA, 2020
Cabecinha	Beta-557667	<i>Homo</i> – osso longo	/	4160±30	2849-2631	SILVA, 2021
Médio-Alto Mondego						
Carapito 1	OxA-3733	Carvão	Alvéolo (Câmara)	5125±70	4159-3711	CRUZ & VILAÇA, 1994
Carapito 1	TO-3336	Carvão	Alvéolo (Câmara)	5120±40	4037-3797	CRUZ & VILAÇA, 1994
Padrões	OxA-4484	Carvão	Sob calços (Corredor)	4960±65	3946-3638	CRUZ, 1995
Carapito 1	GrN-5510	Carvão	«Lareira» (Câmara)	4850±40	3708-3527	CRUZ, 1995
Moinhos de Vento 1	ICEN-196	Carvão	Sepultura secundária	4720±40	3631-3373	SENNA-MARTINEZ, 1989a
Carapito 1	Hv-1783	Carvão	Câmara	4590±65	3523-3097	CRUZ, 1995
Penela 1	GrN-23064	<i>Homo</i>	/	4590±60	3519-3100	CRUZ, 2001
Penela 1	GrA-9578	<i>Homo</i>	/	4400±50	3336-2925	CRUZ, 2001
Penela 1	GrA-9256	<i>Homo</i>	/	4320±50	3094-2876	CRUZ, 2001
Arquinha da Moura	GrA-9573	Carvão	/	4160±50	2886-2582	CRUZ, 2001
Arquinha da Moura	GrA-9577	Carvão	/	3740±70	2434-1943	CRUZ, 2001
Penela 1	GrA-9255	<i>Homo</i>	/	3650±50	2194-1774	CRUZ, 2001
Penela 1	GrN-23065	Carvão	/	3510±40	2024-1642	CRUZ, 2001

Com base nos resultados da soma de probabilidades das datações acima apresentadas e comentadas, pode concluir-se que a anta do Alto da Feteira se integra na sequência cronológico-cultural estabelecida respeitante ao fenómeno megalítico e às práticas funerárias das comunidades do Neolítico e Calcolítico do Ocidente peninsular.

No entanto, devem ser tidas em consideração certas discrepâncias verificadas entre os resultados das datações disponíveis. Com efeito, conta-se presentemente apenas com 15 datações (de seis sepulcros) para a área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, sete datações (de quatro sepulcros) para a área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e 13 datações (de cinco sepulcros) para a área do médio-alto curso do Rio Mondego, pesando ainda neste último conjunto o facto de serem maioritariamente obtidas sobre amostras de carvão. Em contrapartida, existem mais de 200 datações para a Estremadura (ANDRADE et al., 2024; ANDRADE & VAN CALKER, 2024).

À luz dos dados cronométricos disponíveis (Fig. 25), o segundo episódio de uso da anta do Alto da Feteira enquadra-se no momento de maior florescimento das práticas funerárias megalíticas na área dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere durante o Neolítico Final, que se prolongará pelo Calcolítico Inicial, sofrendo já um abrandamento (ou mesmo uma interrupção) durante o Calcolítico Pleno, voltando a manifestar-se depois no Calcolítico Final e na Idade do Bronze.

Na área das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas regista-se uma primeira fase, já bem afirmada, no pleno Neolítico Médio, que coincidirá com o primeiro episódio de uso da anta do Alto da Feteira.

Na área do médio-alto curso do Rio Mondego parece que, à parte ligeiras manifestações no Neolítico Médio, se mantém constante a componente funerária até ao Calcolítico Inicial, decrescendo no Calcolítico

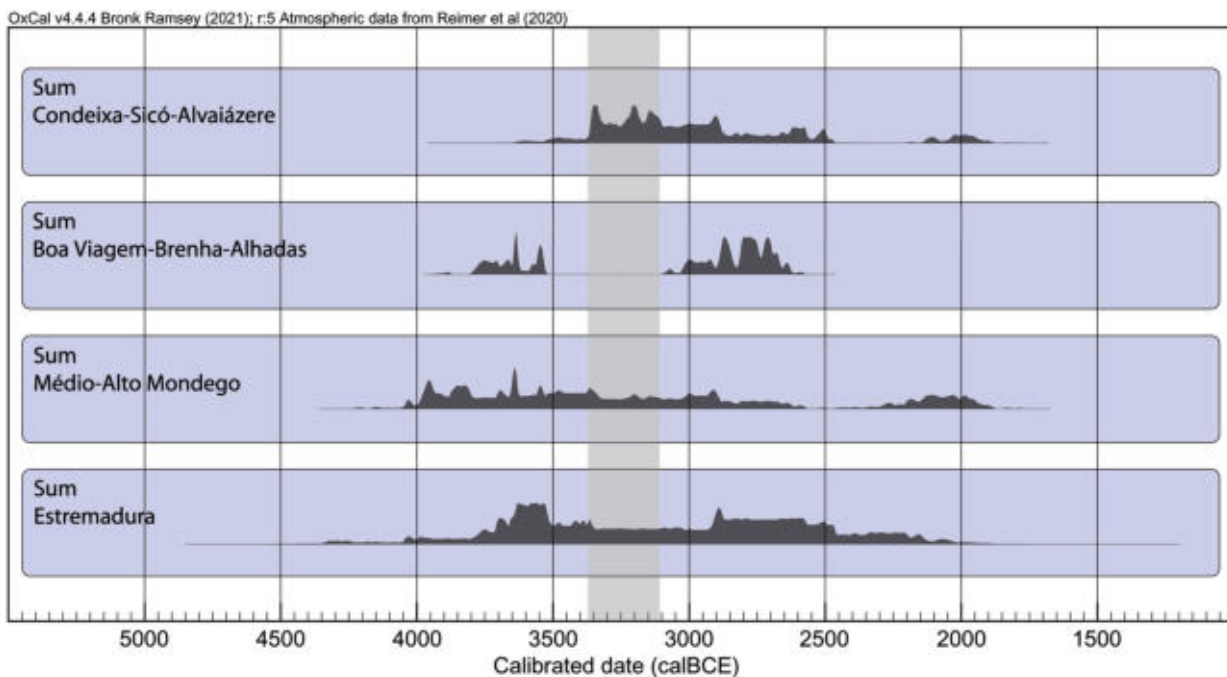


Fig. 25 – Soma de probabilidades de datações de radiocarbono disponíveis para contextos funerários do Neolítico Médio ao Calcolítico Pleno/Final, das áreas dos Maciços Calcários de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, das Serras da Boa Viagem-Brenha-Alhadas e do médio-alto curso do Rio Mondego, incluindo-se a área estremenha, a título comparativo; a banda cinzenta indica o intervalo a 2σ com 95,4% de probabilidade obtido para a anta do Alto da Feteira. Datações recalibradas em 2024 com recurso ao programa OxCal v4.4.4 (© Ch. Bronk Ramsey, 2021) utilizando a curva de calibração IntCal20.14c (REIMER et al., 2020, *Radiocarbon* 62).

Pleno e retomando presença no Calcolítico Final e na Idade do Bronze; é admissível ter existido um momento pleno na transição do Neolítico Médio/Neolítico Final (entre os dois episódios de utilização da anta do Alto da Feteira), intensificando-se durante o Neolítico Final e no Calcolítico Inicial, daí abatendo-se até retomar já durante o Calcolítico Final e Idade do Bronze.

Contrastando com os dados da Estremadura, nota-se uma importante presença durante o pleno Neolítico Médio, afim do primeiro episódio de uso da anta do Alto da Feteira, seguindo-se estabilização durante o Neolítico Final (coincidente com o segundo episódio de uso da anta do Alto da Feteira), atingindo novo pico durante o Calcolítico Inicial que se manterá estável até ao Calcolítico Pleno, daí sofrendo um decréscimo acentuado até ao Calcolítico Final e Idade do Bronze.

Em resumo: o estudo integrado da arquitectura e dos espólios da anta do Alto da Feteira proporcionou a discussão do fenómeno megalítico do sector ocidental da Península Ibérica (e em particular a área centro-portuguesa). Caracterizaram-se os mecanismos de interacção a larga escala, e as relações culturais de natureza diacrónica expressas pelos espólios de distintas necrópoles, especialmente megálitos, documentando as sucessivas reutilizações dos próprios monumentos, enquadradas duas etapas cronológico-culturais de expressão coerente supra-regional, a mais antiga do Neolítico Médio, e a mais recente do Neolítico Final / Calcolítico Inicial, ambas bem representadas na anta do Alto da Feteira.

Evidenciou-se o papel da área onde se implanta o monumento em apreço como amplo corredor de circulação, no sentido Norte-Sul e Este-Oeste, de diversas matérias-primas de origem geológica, evidenciando-se tanto a sua recepção e utilização como expedição. Foi, por outro lado, demonstrada a ligação entre o litoral atlântico, a bacia do rio Tejo e a bacia do rio Mondego, resultando na troca de matérias-primas (neste caso, o sílex de origem local e regional), com a consequente interacção cultural entre aquelas duas áreas geográficas.

Trata-se de realidade documentada desde o Neolítico Antigo (considerando neste caso as características da cerâmica cardial da área do baixo curso do Rio Mondego, afins com as suas congéneres estremenhãs), tendo prosseguido no Neolítico Médio (pela presença de braceletes sobre valva de *Glycymeris*) e no Neolítico Final (pela presença de alfinetes de osso de cabeça amovível, lisa ou canelada). As redes de circulação então estabelecidas estenderam-se ainda mais além, se se considerar a presença de placas de xisto gravadas em monumentos próximos da anta do Alto da Feteira, de clara origem alentejana, muito bem representadas na actual Estremadura, e até ao litoral atlântico. A circulação destes produtos, tanto de carácter funcional como simbólico, tiveram dois sentidos, como se demonstra pela presença de artefactos líticos de origem manifestamente estremenha em sepulcros megalíticos do interior beirão. Deste modo, a região onde se implanta a anta do Alto da Feteira, pela seu posicionamento geográfico, entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior, situação bem evidenciada na Fig. 26, comparativamente com as suas congéneres a nível regional, desempenhou papel activo, a partir do Neolítico Médio na circulação de matérias-primas em que foram confeccionados artefactos variados, alguns deles de excelência, como as alabardas, estendendo-se tais redes para muito mais longe, de aprovisionamento supra-regional, como se documenta pela presença de artefactos de pedra polida de silimnita, com origem provável no Sistema Central Ibérico, ou a variscite, oriunda da região salmantina.

Foi também possível precisar e reforçar a conexão cultural entre construtores de sepulcros ortostáticos e utilizadores de cavidades cársticas para fins funerários na grande região da Alta Estremadura (ANDRADE & VAN CALKER, 2024), agora estendida à Beira Litoral. Assim, apesar das abundantes coincidências artefactuais, que se integram num “fundo comum”, incluindo as placas de xisto, foi sugerido, pelos dados então disponíveis, que existiriam produções, de natureza especial, corporizadas pelas braceletes de *Glycymeris* que faziam a diferença entre utilizadores de megálitos e de grutas (ANDRADE et al., 2024). Os dados da anta do Alto da Feteira vêm precisamente esbater esta leitura, pela presença de tais braceletes, estabelecendo deste modo

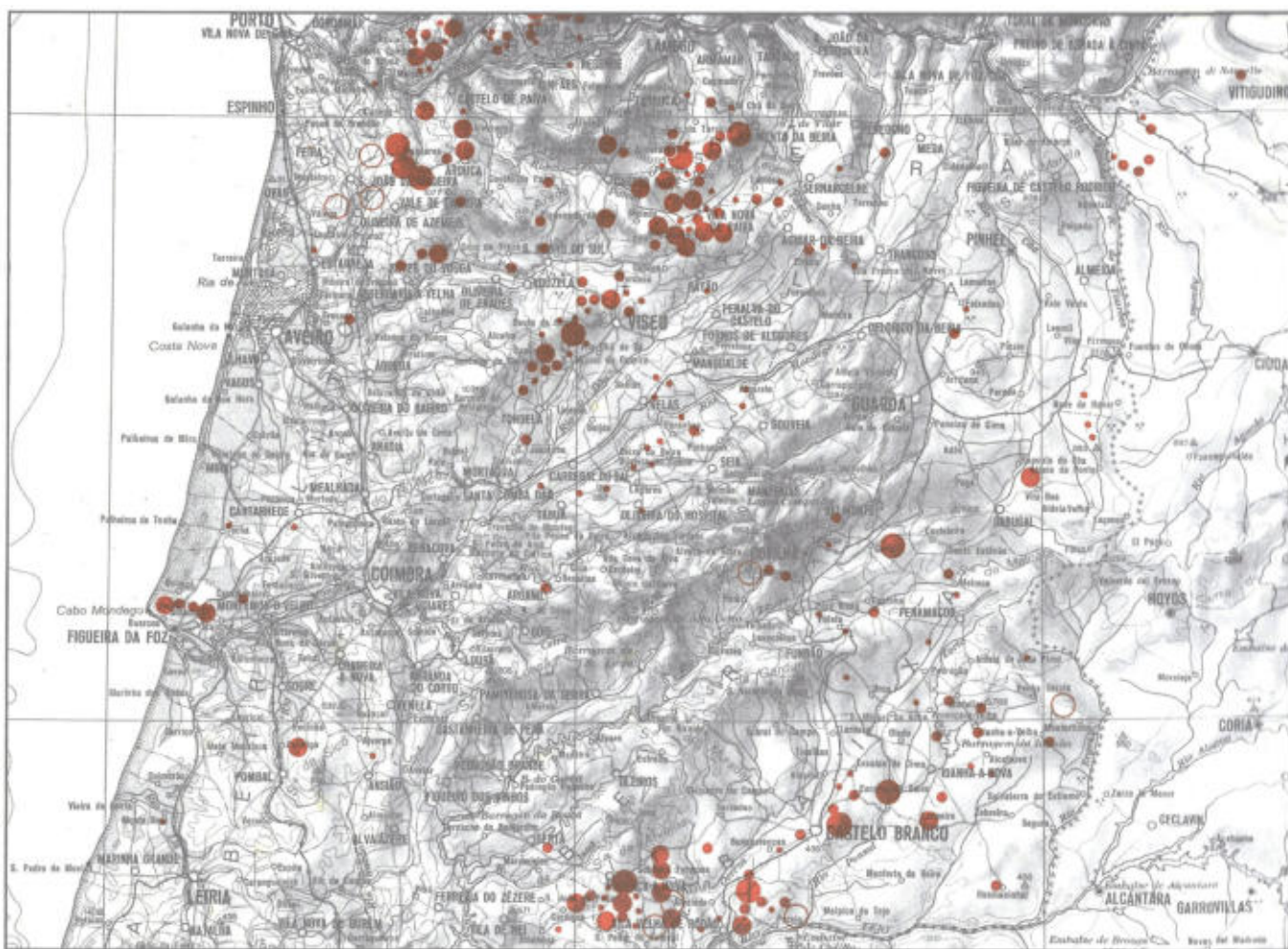


Abb. 1. Gesamtverbreitung der Megalithgräber (nur nördlich des Tejo und in Spanien nur in der Provinz von Salamanca kartiert). Carta de Portugal 1:1 000 000, 1970

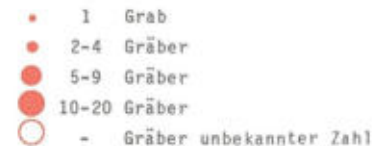


Fig. 26 – Localização geográfica da anta do Alto da Feteira, a Nordeste de Pombal, no quadro do megalitismo regional (seg. KÄLB, 1990, Abb. 1).

ligação entre estes dois universos funerários cronologicamente coevos, relacionando tumulações em grutas naturais e em monumentos megalíticos durante o Neolítico Médio.

Através da discussão proporcionada pelo estudo dos espólios deste monumento foi possível reapreciar o conceito de reutilização de sepulcros megalíticos ou do seu uso contínuo durante um determinado intervalo de tempo (ANDRADE et al., 2024). Com base nos elementos recolhidos, tratar-se-iam de utilizações em continuidade, por parte de sucessivas comunidades que, diacronicamente, ocuparam o mesmo espaço, tendo presente a possibilidade de tais reutilizações poderem ter ocorrido com breves hiatos, dificilmente perceptíveis no registo arqueológico e sem prejuízo de se poderem fixar em duas etapas cronológico-culturais sucessivas sem soluções de continuidade no tempo. A anta do Alto da Feteira, com os seus dois episódios de uso durante o Neolítico Médio e o Neolítico Final, embora claramente distintas pelas características dos seus mobiliários

votivos, corporiza paradigma desta realidade, que se afigura muito mais frequente do que até ao presente tem sido considerado na historiografia dos monumentos megalíticos do território português.

AGRADECIMENTOS

Ao então responsável pelo Museu Geológico do LNEG, Doutor Miguel Magalhães Ramalho, a cuja memória se presta Homenagem, por ter autorizado, em 2016, o pedido, apresentado pelo primeiro signatário, para o estudo dos espólios conservados no acervo do referido Museu. Ao Dr. José António Anacleto, por ter apoiado, logisticamente o estudo então ali realizado. À Associação Grupo Protecção Sicó – GPS, ONGA com sede em Pombal, por ter fornecido as fotografias reproduzidas neste trabalho, da autoria de Cláudia Neves, transmitidas ao primeiro signatário, para além de outras informações, pelo seu associado Sérgio Medeiros. Ao Mestre Filipe Martins, por ter realizado, sob a orientação do primeiro signatário, os desenhos dos espólios arqueológicos ora publicados.

REFERÊNCIAS

- AGUAYO DE HOYOS, P.; PUGA RODRÍGUEZ, E.; LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; GARCÍA GONZÁLEZ, D. & CARRIÓN MÉNDEZ, F. (2006) – Caracterización de fuentes de materias primas para la elaboración de herramientas de silimanita, de los yacimientos de la depresión de Ronda, durante la Prehistoria Reciente. In MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, G; MORGADO RODRÍGUEZ, A. & AFONSO MARRERO, J. A. (coords.) – *Sociedades prehistóricas, recursos abióticos y territorio*. Granada: Fundación Ibn Al-Jatib de Estudios de Cooperación Cultural, p. 249-277.
- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- ANDRADE, M. A. (2014) – Sobre os conjuntos de artefactos de pedra polida das áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal). *Al-Madan – Adenda Electrónica*. 19:1, p. 92-104.
- ANDRADE, M. A. (2015a) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 2: as placas votivas da «necrópole megalítica» das Lapas (Torres Novas) e o hipogeísmo na Alta Estremadura. *Nova Augusta*. 2ª série, 27, p. 293-322.
- ANDRADE, M. A. (2015b) – Novos contextos neolíticos nas espaldas setentrionais do Maciço Calcário Estremenho: o caso do sítio do Freixo (Reguengo do Fetal, Batalha). In GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M. & SOUSA, A. C. (eds.) – 5.º Congresso do Neolítico Peninsular. *Actas*. Lisboa: Uniarq (*Estudos & Memórias*, 8), p. 198-207.
- ANDRADE, M. A. (2015c) – *Cherchez la femme!* Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica. In COLLADO GIRALDO, H. & GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.) – *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference*. Tomar: Instituto Terra e Memória (*Arkeos*, 37), p. 1545-1571.
- ANDRADE, M. A. (2017) – O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Baixo Tejo. *Ophiussa*. 1, p. 17-49.
- ANDRADE, M. A. (2020) – *From matter to essence*. Sourcing raw materials for the votive artefacts of the megalithic communities in Ribeira da Seda (North Alentejo, Portugal): a preliminary approach. In BOAVENTURA,

- R.; MATALOTO, R. & PEREIRA, A. (eds.) – *Megaliths and Geology: MEGA-TALKS 2*. Oxford: Archaeopress, p. 57-85.
- ANDRADE, M. A. (2021) – *Das Lapas à Rexaldia*. Mobiliários votivos das antigas comunidades camponesas do Maciço Calcário Estremenho presentes no Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas). *Nova Augusta*. 2.^a série, 33, p. 289-334.
- ANDRADE, M. A.; CARDOSO, J. L.; MATALOTO, J. L.; MOITA, P.; PEREIRA, A. & PIMENTA, J. (2024) – A anta de Monte Serves (Vialonga, Vila Franca de Xira, Lisboa): arquitetura, cronologia e integração sócio-cultural de um pequeno sepulcro megalítico na Baixa Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 34, p. 113-180.
- ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J. & SOUTO, P. (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. 2.^a série, 22, p. 239-259.
- ANDRADE, M. A.; VAN CALKER, D. (2019) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 4: Um machado votivo de talão perfurado proveniente da gruta da Lapa da Galinha (Vila Moreira, Alcanena, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 22, p. 5-30.
- ANDRADE, M. A.; VAN CALKER, D. (2024) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 4: a Anta de Fonte Moreira (Alcanena) e o Megalitismo ortostático na Alta Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 34 p. 53-112.
- ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR (*Trabalhos de Arqueologia*, 8).
- AUBRY, Th. & MOURA M. H. (1990) – Redinha (Pombal). Subsídios para a carta arqueológica da freguesia. *Conimbriga*. 29, p. 5-37.
- AUBRY, Th.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SANTOS, A. T. & SILVESTRE, M. (2016) – E depois do Paleolítico, o que fizeram ali? Notícia sobre as ocupações holocénicas do sítio da Cardina (Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. 18, p. 63-82.
- AUBRY, Th.; FONTUGNE, M. & MOURA, M. H. (1997) – Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique supérieur et les apports de la séquence holocène à l'étude de la transition mésolithique/néolithique au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 94:2, p. 182-190.
- AUBRY, Th.; MANGADO LLACH, J. & MATIAS, H. (2016) – Materias primas del utillaje lítico tallado del Centro y Norte de Portugal. CPAG – Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada. 26, p. 101-136.
- BARRADAS, E.; SILVÉRIO, S.; SILVA, J. D. & SANTOS, C. (2013) – O hipogeu da Barrada: um monumento funerário do Neolítico Final/Calcolítico Inicial em Aljezur. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 407-415.
- BETTENCOURT, A. M. S.; SILVA, A. M.; COSTA, C.; TERESO, S. & CRUZ, C. S. (2021) – O Dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): contributos para o estudo das práticas funerárias pré-históricas do Centro de Portugal. In FERREIRA, A. M. & VILAÇA, R. (coords.) – *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Universidade de Coimbra (*Conimbriga Anexos*, 7), p. 96-109.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- BOAVENTURA, R. (2011) – Chronology of megalithism in South-Central Portugal. In SCARRE, Ch.; GARCÍA SANJUÁN, L. & WHEATLEY, D. W (eds.) – *Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Debating*

- Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths*. Sevilha: Junta de Andalucia (*Menga Monográfico*, 1), p. 159-190.
- BOAVENTURA, R. & MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 81-101.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & NUKUSHINA, D. (2014/2015) – *Estremoz 7* ou a Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora). *O Arqueólogo Português*. 5.^a série, 4/5, p. 171-231.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R.; GONZÁLEZ MARTÍN, A.; CAMBRA-MOO, O.; GARCÍA GIL, O.; ODRIOTZOLA-LLORET, C.; LÓPEZ, O.; ESCALANTE, S.; LANCHARRO-GUTIÉRREZ, M. A. & LÓPEZ-FRAILE, J. M. (2016) – Pasados releídos: el dolmen del Portillo de las Cortes. Guadalajara/MAN. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. 34, p. 9-28.
- CALADO, T.; ANSELMO, D.; ROCHA, L.; LÓPEZ COSTAS, O.; SILVA, F.; MONTEIRO, A. & BRANCO, G. (2019) – O conjunto osteológico da anta da Casa da Moura (Soure, Portugal). *Scientia Antiquitatis*. 2, p. 111-126.
- CALLAPEZ, P. M.; BRANDÃO, J. M.; CARVALHO, M.; DINIS, P. A.; PIMENTEL, R. J.; PINTO, J. M. S.; PINTO, R.; ANDRADE, P. S.; SIMÕES, L. M.; LOPES, F. C. & GOMES, E. C. (2021) – Considerações sobre o papel da Geologia e seus actores no universo arqueológico de António dos Santos Rocha. In FERREIRA, A. M. & VILAÇA, R. (coords.) – *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Universidade de Coimbra (*Conimbriga Anexos*, 7), p. 44-61.
- CANELHAS, M. G. S. (1973) – Estudo radiográfico de «calaítes» portuguesas. *Revista de Guimarães*. 83, p. 125-144.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.^a parte. *Revista de Guimarães*. 91, p. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (2011b) – *Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2014 a) – Polished stone tools. In CARVALHO, A. F., ed., *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 185-194 (Promontoria Monográfica, 17).
- CARDOSO, J. L. (2014 b) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 22, p. 93-138.
- CARDOSO, J. L. (2018) – As explorações arqueológicas realizadas em Monte Real (Leiria) em 1865 por Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral ou a história de uma placa de xisto gravada pré-histórica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 25, p. 243-258.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – Escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2020) – A necrópole da gruta das Alcobertas (Rio Maior) e a sua importância para o conhecimento do Neolítico Médio em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 27, p. 117-140.
- CARDOSO, J. L. (2022) – O povoado pré-histórico de Leceia. Cinquenta anos de trabalhos arqueológicos (1972-2022). Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras (2022), 640 p. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 31).
- CARDOSO, J. L. (2023) – Mineração, circulação e transformação de produtos geológicos não metálicos no Neolítico e no Calcolítico do Ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 33, p. 169-252.

- CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2010) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.) – *Transformação e mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais (*Cascais Tempos Antigos*, 2), p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do esólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2010/2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, p. 333-392.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. 2ª série, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L.; ANDRADE, M. A. & GIL, R. (no prelo) – Bell Beaker footed bowls in the Iberian Peninsula: a trial inventory apropos a find from the Lapa do Fumo cave (Sesimbra, Portugal). *Madriider Mitteilungen*.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. & GIBAJA BAO, J. F. (2013) – O sítio do Neolítico Antigo dos Cortiços – Almeirim, Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 27-61.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V. & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológicos das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudo Arqueológicos de Oeiras*. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras): materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, p. 47-91.
- CARDOSO, J. L.; SOUSA, A. C. & ANDRÉ, M. C. (2015) – O povoado do Carrascal (Oeiras). Estudo das ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 22, p. 139-234.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F.; REBELO, P.; NETO, N. & SIMÕES, C. D. (2022) – Individual Vessels, Individual Burials? New Evidence on Early Neolithic Funerary Practices on the Iberian Peninsula's Western Façade. *European Journal of Archaeology*. 25:3, p. 331-349.
- CARVALHO, A. F. (2019) – Patterns of variscite acquisition and circulation in Neolithic and Chalcolithic Portugal. In QUERRÉ, G.; CASSEN, S. & VIGIER, E. (dirs.) – *La parure en callais du Néolithique européen*. Oxford: Archaeopress, p. 423-443.
- CARVALHO, A. F. & GIBAJA, J. F. (2014) – Knapped stone tools. In CARVALHO, A. F. (ed.) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (*Promontoria Monográfica*, 17), p. 173-183.
- CARVALHO, A. F. (2008) – A neolitização do Portugal meridional: os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve ocidental. Faro: Universidade do Algarve (*Promontoria Monográfica*, 12).
- CARVALHO, A. F. (2009) – O final do Neolítico e as origens da produção laminar calcolítica na Estremadura Portuguesa: os dados da gruta-necrópole do Algar do Bom Santo (Alenquer, Lisboa). In GIBAJA, J. F.; TERRADAS, X.; PALOMO, A. & CLOP, X. (coords.) – *Les grans fulles de sílex. Europa al final de la Prehistòria. Actes*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya (*Monografies*, 13), p. 75-82.
- CARVALHO, A. F. (2013) – Estudo do espólio funerário em pedra lascada da necrópole de hipogeus neolíticos de Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). In VALERA, A. C. (ed.) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (*ERA Monográfica*, 1), p. 71-85.

- CARVALHO, A. F. (ed.) (2014) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (*Promontoria Monográfica*, 17).
- CARVALHO, A. F. (2018) – Before Metals. Circulation and Human Mobility in the Early and Middle Neolithic in Portuguese Estremadura. In CRUZ, A. & GIBAJA, J. F. (eds.) – *Interchange in Pre-and Protohistory. Case Studies in Iberia, Romania, Turkey and Israel*. Oxford: Archaeopress (*BAR International Series*, 2891), p. 47-58.
- CARVALHO, A. F. & CARDOSO, J. L. (2015) – Insights on the changing dynamics of cemetery use in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto cave (Santarém). *SPAL*. 24, p. 35-53.
- CARVALHO, A. F.; ANTUNES-FERREIRA, N. & VALENTE, M. J. (2003) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, p. 101-109.
- CARVALHO, A. F.; DEAN, R. M.; BICHO, N. F.; FIGUEIRAL, I.; PETCHEY, F.; DAVIS, S. J. M.; JACKES, M.; LUBELL, D.; BEUKENS, R.; MORALES, A. & ROSELLÓ, E. (2008) – O Neolítico Antigo de Vale Boi (Algarve, Portugal): primeiros resultados. In HERNÁNDEZ, PÉREZ, M. S.; SOLER DÍAZ, J. A. & LÓPEZ PADILLA, J. A. (coords.) – *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante. 1, p. 267-274.
- CASSEN, S.; BOUJOT, Ch.; DOMINGUEZ BELLA, S.; GUIAVARCH, M.; LE PENNEC, Ch.; PRIETO MARTÍNEZ, M. P.; QUERRÉ, G.; SANTROT, M.-H. & VIGIER, E. (2012) – Dépôts bretons, tumulus carnegéens et circulations à longue distance. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A.; PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IVe millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p. 912-989.
- CASTRO, L. A. & CASTRO, H. M. A. (1966) – Monumento megalítico da Feteira (Pombal – Portugal). In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (*Lucerna*, 5), p. 383.
- CASTRO, L. A. & FERREIRA, O. V. (1969/1970) – O monumento megalítico de Alto da Feteira (Pombal). *Caesaraugusta*. 33/34, p. 41-53.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C.; LEISNER, G. & LEISNER, V. (1952) – *Los sepulcros megalíticos de Huelva. Excavaciones Arqueológicas del Plan Nacional 1946*. Madrid (Informes y Memorias, 26).
- CERRILLO CUENCA, E. (2018) – *Una biografía de la necrópolis megalítica del área de Alconétar*. Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida (*Ataecina*, 10).
- CORRÊA, A. A. M. & TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida préhistórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (edição fac-similada, 1999).
- CRUZ, D. J. & VILAÇA, R. (1990) – Trabalhos de escavação e restauro no Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Dist. da Guarda): resultados preliminares. *Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»*. 45, p. 3-23.
- CRUZ, D. J. (1995) – Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Nordeste peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 81-119.
- CRUZ, D. J. (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- CRUZ, D. J. & VILAÇA, R. (1994) – O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): novas datações de carbono 14. In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, p. 63-68 (*Estudos Pré-Históricos*, 2).

- CRUZ, C.; BETTENCOURT, A. M. S.; CALLAPEZ, P. M.; SILVA, L. M. C. & MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2014) – Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da Serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz (Brenha, Figueira da Foz). In BETTENCOURT, A. M. S.; COMENDADOR REY, B.; SAMPAIO, H. A. & SÁ, E. (eds.) – *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibérica. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ/CITCEM, p. 5-28.
- CRUZ, D. J. ; CUNHA, A. M. L. & GOMES, L. F. C. (1988/1989) – A Orca de Corgas da Matança (Fornos de Algodres). *Portugália*. Nova série, 9/10, p. 31-47.
- CUNHA, L. (1990) – *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de Geomorfologia* Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica (*Geografia Física*, 1).
- DOYAGUE REINOSO, A.; DOMÍNGUEZ BELLA, S. & GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M. (2015) – Caracterización arqueométrica de útiles pulimentados en sillimanita de la Prehistoria reciente en el Guadalete y las Béticas Occidentales. In RAMOS MUÑOZ, J.; SILES GUERRERO, F.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M.; MARTÍNEZ ENAMORADO, V. & MARTÍN RUÍZ (coords.) – *Actas del I Congreso Internacional de Historia de la Serranía de Ronda: las ocupaciones por sociedades prehistóricas, protohistóricas y de la antigüedad en la Serranía de Ronda y Béticas Occidentales*. Ronda: Instituto de Estudios de Ronda y la Serranía (*Anejos de Takurruna*, 1), p. 295-322.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; LOMBERA HERMIDA, A. & RODRÍGUEZ RELLÁN, C. (2012) – Spain and Portugal: long chisels and perforated axes. Their context and distribution. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IVe millénaires av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p. 1108-1135.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. & LOMBERA HERMIDA, A. (2017) – Des Alpes à la péninsule Ibérique: une longue route sinueuse. In PÉTREQUIN, P.; GAUTHIER, E. & PÉTREQUIN, A.-M. eds. – *Jade. Objects-signes et interprétations sociales des jades alpines dans l'Europe néolithique*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 3, p. 419-429.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; LOMBERA HERMIDA, A.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. & PÉTREQUIN, P. (2018) – Green and/or Far Away: the case of the Alpine axes in Iberia. In CRUZ, A.; GIBAJA BAO, J. F. (eds.) – *Interchange in Pre- and Protohistory. Case Studies in Iberia, Romania, Turkey and Israel*. Oxford: Archaeopress, p. 61-68.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, L.-E.; CISNEROS GARCÍA, M. I. & ARCAS BARRANQUERO, A. (2014/2015) – Primera aproximación a los aspectos funerarios durante el Neolítico reciente en el asentamiento de Arroyo Saladillo (Antequera, Málaga). *Mainake*. 35, p. 31-52.
- FERREIRA, A. M. (coord.) (2004) – *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Provença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus.
- FERREIRA, O. V. (1953) – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. 37:1, p. 5-12.
- FERREIRA, O. V. & CASTRO, L. A. (1972) – O nível neolítico da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Arqueologia e História*. 9.^a série, 4, p. 399-414.
- FIGUEIREDO, A. (2006) – *Complexo Megalítico de Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (IV-IIº milénio a.C.): problemáticas e interrogações*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vols., policopiado.
- FIGUEIREDO, A. (2020) – Later prehistoric funerary practices in the Nabão valley: the Rego da Murta Megalithic Complex. In SCARRE, Ch. & OOSTERBEEK, L. (eds.) – *Megalithic Tombs in Western Iberia. Excavations at the Anta da Lajinha*. Oxford: Oxbow Books, p. 127-138.

- FIGUEIREDO, A. (2021) – *As primeiras arquitecturas no Centro de Portugal. O caso do complexo megalítico do Rego da Murta (Alvaiázere)*. Alvaiázere: Museu Municipal de Alvaiázere.
- FIGUEIREDO, A.; VILAS-ESTÉVEZ, B. & SILVA, F. (2018) – The Planning and Orientation of the Rego da Murta Dolmens (Alvaiázere, Portugal). *Proceedings of the Prehistoric Society*. 84, p. 207-224.
- FORENBAHER, S. (1999) – *Production and Exchange of Bifacial Flaked Stone Artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 756).
- GAMA, R. P. (2003) – Ressuscitar Eira Pedrinha Neolítica/Calcolítica: uma nova abordagem antropológica. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, polícopiado.
- GARCÍA GONZÁLEZ, D. (2014) – Circulación de herramientas elaboradas en fibrolita en el Sureste de la Península Ibérica durante la Prehistoria Reciente. In GARCÍA ALFONSO, E. (ed.) – *Movilidad, contacto y cambio: II Congreso de Prehistoria de Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía, p. 399-406.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, L. E.; BALSERA NIETO, V.; MORA MOLINA, C.; CISNEROS GARCÍA, M.; RODRÍGUEZ ARIZA, O.; LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; PÉREZ DÍAZ, S.; LUELMO LAUTENSCHLAEGE, R. & LÓPEZ SÁEZ, J. A. (2020) – Builders of Megaliths: Society, monumentality and environment in 4th millennium cal BC Antequera. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 33: 102555
- GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2020) – Distribution and consumption of fluorite and translucent beads in the Iberian peninsula from 6th to 2nd millennia BC. *Trabajos de Prehistoria*. 77:2, p. 273-283.
- GOMES, M. V. (2012) – Early Neolithic funerary practices in Castelo Belinho's village (Western Algarve, Portugal). In GIBAJA, J. F.; CARVALHO, A. F. & CHAMBON, P. (eds.) – *Funerary practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 2417), p. 113-123.
- GOMES, L. F. C. & CARVALHO, P. M. S. (1995a) – A Orca dos Padrões (Mangualde, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 39-79.
- GOMES, L. F. C. & CARVALHO, P. M. S. (1995b) – Anta de Mamaltar de Vale de Fachas (Rio de Loba, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 3, p. 229-241.
- GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S.; PERPÉTUO, J. M. A. & MARRAFA, C. (1998) – O Dólmen da Areita (S. João da Pesqueira, Viseu). In *Actas do Colóquio «A Pré-História da Beira Interior»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 6), p. 33-93.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 32).
- GONÇALVES, V. S. (2008) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal (Cascais Tempos Antigos, 1).
- GONÇALVES, V. S. (2009) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais (Cascais Tempos Antigos, 3).
- GONÇALVES, V. S. (2013) – *No limite oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz*. Évora: EDIA/DRCALEN (*Memórias d'Odiana*, 2ª série, 4).
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, p. 61-94.

- GONÇALVES, A. A. H. B. & REIS, M. L. (1981/1982) – Estudo mineralógico de elementos de adorno de cor verde proveniente de estações arqueológicas portuguesas. *Portugália*. Nova série, 2/3, p. 153-166.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, p. 109-158.
- GONZÁLEZ SAINZ, C. (1979) – Útiles pulimentados prehistóricos en Navarra. *Trabajos de Arqueología de Navarra*. 1, p. 149-203.
- GUERRA, A. V. & FERREIRA, O. V. (1968/1970) – Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz. *Arquivo de Beja*. 25/27, p. 45-56.
- GUERRA, V. & FERREIRA, O. V. (1979) – A importante colecção de instrumentos de fibrolite do Museu Dr. Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*. 89, p. 321-326.
- KÄLB, P. (1990) – Megalithgräber zwischen Tejo und Douro. In *Probleme der megalithgräberforschung Vorträge zum 100. Geburtstag von Vera Leisner*. Bernin: Walter de Gruyter, p. 19-33 (Madrider Forschungen 16).
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1966) – A escavação do Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas – Vila Nova de Paiva. In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (*Lucerna*, 5), p. 376-382.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. (*Memória*, nova série, 8).
- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 4.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1953) – Contribuição para o registo das antas portuguesas: a região de Montargil, concelho de Ponte de Sôr. *O Arqueólogo Português*. Nova série, 2, p. 227-256.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 2.
- LEISNER, G. (1944) – O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo. *Biblos*. 20, p. 23-52.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) – Die Dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. 9, p. 11-62.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 3.
- LOZANO RODRÍGUEZ, J. A.; CARRIÓN MÉNDEZ, F.; MORGADO RODRÍGUEZ, A.; GARCÍA GONZÁLEZ, D.; AFONSO MARRERO, J. A.; MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, G.; MOLINA GONZÁLEZ, F. & CÁMARA SERRANO, J. A. (2010) – Materias primas, productos líticos y circulación. Informe preliminar del estudio de los ajuares de la necrópolis de Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería). In DOMÍNGUEZ BELLA, S.; RAMOS MUÑOZ, J.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M. & PÉREZ RODRÍGUEZ, M. (eds.) – *Minerales y rocas en las sociedades de la Prehistoria*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 285-295.
- MANUPPELLA, G.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1978) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000. Notícia Explicativa da folha 23-A, Pombal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2016/2017) – O Megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 33-156.
- MOITA, I. (1966) – Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*. 5, p. 189-297.

- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011) – *Pensar o Neolítico Antigo: contributo para o estudo do Norte de Portugal entre os VII e o V Milénios a.C.* Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-históricos*, 16).
- MOURA, H., & AUBRY, T. (1995) – A Pré-história recente da Serra de Sicó. In *Iº Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas VII*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35:3), p. 113-131.
- NEVES, C.; MARTINS, A.; ANDRADE, M. A.; PINTO, A. & MAGALHÃES, B. (2013) – Estratégias de povoamento das comunidades do Neolítico Final e Calcolítico no vale da Ribeira de Alfândão (Ferreira do Alentejo, Portugal). ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses, p. 361-372.
- NEVES, M. J.; AUBRY, Th.; ALMEIDA, M.; BASÍLIO, L. & GABRIEL, S. (2008) – Cova do Ladrão: cronoestratigrafia e enquadramento na ocupação holocénica do Baixo Mondego (Portugal). In HERNÁNDEZ, PÉREZ, M. S.; SOLER DÍAZ, J. A. & LÓPEZ PADILLA, J. A. (coords.) – *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante. 1, p. 290-297.
- ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; BOAVENTURA, R.; VILLALOBOS, R. (2013a) – Componentes de adornos de pedra verde de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): estudo de proveniências e redes de troca no 3º milénio a.n.e. no actual território português. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. & NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 457-462.
- ODRIOZOLA, C. P.; VILLALOBOS GARCÍA, R.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTÍNEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013b) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*. 20, p. 605-622.
- PAILLER, Y. (2005) – Le sciage de la fibrolite en Armorique: approche technique, implications culturelles et symboliques. In MARCHAND, G. & TRESSET, A. (dirs.) – *Unité et diversité des processus de néolithisation sur la façade atlantique de l'Europe (7e– 4e millénaire avant J.-C.)*. Paris: Société Préhistorique Française (*Mémoire*, 36), p. 225-243.
- PAILLER, Y. (2009) – Neolithic Fibrolite Working in the West of France. In O'CONNOR, B.; COONEY, G. & CHAPMAN, J. (ed.) – *Materialitas: working stone, carving identity*. Oxford: Oxbow Books (*Prehistoric Society Research Paper*, 3), p. 113-126.
- PAILLER, Y. (2012a) – L'exploitation des fibrolites en Bretagne et ses liens avec les productions alpines. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IVe millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p.1168-1193.
- PAILLER, Y. (2012b) – La fibrolite, un matériau pour façonner des haches, mais encore? Le travail de la fibrolite au Néolithique dans l'Ouest de la France. In LABRIFFE, P.-A. & THIRAULT, E. (dirs.) – *Produire des haches au Néolithique: de la matière première à l'abandon*. Paris: Société Préhistorique Française (*Séances de la Société Préhistorique Française*, 1), p. 121-134.
- PEREIRA, J. P. (1976/1977) – A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto). *Setúbal Arqueológica*. 2/3, p. 49-95.
- PESSOA, M. (1983) – Vaso neolítico de Casével. *Arqueologia*. 7, p. 16-23.
- PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; GAUTHIER, E.; KLASSEN, L.; PAILLER, Y. & SHERIDAN, A. (2012a) – Typologie, chronologie et répartition des grandes haches alpines en Europe occidentale. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines*

- du Néolithique européen. Ve et IV^e millénaire av. J.-C. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 1, pp. 574-727.
- PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; KLASSEN, L. & FÁBREGAS VALCARCE, R. (2012b) – La circulation des haches carnacéennes en Europe occidentale. In PÉTREQUIN, P.; CASSEN, S.; ERRERA, M.; KLASSEN, L.; SHERIDAN, A. & PÉTREQUIN, A.-M. (eds.) – *Jade. Grandes haches alpines du Néolithique européen. Ve et IV^e millénaire av. J.-C.* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. 2, p. 1015-1045.
- PÉTREQUIN, P.; ERRERA, M.; MARTIN, A.; FÁBREGAS VALCARCE, R. & VAQUER, J. (2012c) – Les haches en jade alpin pendant les Ve et IV^e millénaires. L'exemple de l'Espagne et du Portugal dans une perspective européenne. *Rubricatum*. 5, p. 213-222.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o povoamento orientalizador do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *Cira – Arqueologia*. 4, p. 19-54.
- PINHEIRO, P. A. R. (2012) – *O monumento da Orca do Pinhal dos Amiais (Nelas) no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- QUERRÉ, G.; DOMÍNGUEZ BELLA, S. & CASSEN, S. (2012) – La variscite ibérique: exploitation, diffusion au cours du Néolithique. In MARCHAND, G. & QUERRÉ, G. (eds.) – *Roches et sociétés de la Préhistoire. Entre massifs cristallins et bassins sédimentaires*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, p. 307-315.
- QUERRÉ, G.; CALLIGARO, Th.; DOMÍNGUEZ BELLA, S. & CASSEN, S. (2014) – PIXE analyses over a long period: The case of Neolithic variscite jewels from Western Europe (5th-3rd millennium BC). *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research (Section B: Beam Interactions with Materials and Atoms)*. 318 (Part A), p. 149-156.
- ROCHA, A. S. (1888) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 1.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1891) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 2.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1895) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 3.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1900) – *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira. Memória oferecida ao Instituto de Coimbra*. 4.^a parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ROCHA, A. S. (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral, com indicação dos escriptos e desenhos que se têm publicado sobre muitos dos objectos catalogados*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- ROCHA, A. S. (1949) – *Memórias e Explorações Arqueológicas. I. Antiguidades préhistóricas do concelho da Figueira da Foz*. Coimbra: Universidade de Coimbra, (*Acta Universitatis Conimbrigensis*).
- ROCHA, L.; BRANCO, G.; MONTEIRO, A. & SILVA, F. (2018) – Estudo do espólio arqueológico da anta da Casa da Moura (Soure, Portugal). In SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. (eds.) – *De Gibraltar aos Pirinéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 263-276.
- ROCHA, M.; NETO, N.; REBELO, P.; MARTINS, F. & CARDOSO, J. L. (2023) – O complexo do Neolítico Final e do Calcolítico da Travessa das Dores/Rio Seco (Ajuda – Lisboa): resultados das escavações realizadas no sector do Rio Seco (2017/2018). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 33, p. 35-108.
- RODRIGUES, F. (2015) – *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW peninsular nos finais do 4.^o milénio a.n.e.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. 2 vols., policopiado.

- RODRIGUES, M. C. (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- RODRIGUES, F. & ZILHÃO, J. (2021) – O conjunto artefactual do Neolítico médio da Sala do Ricardo, Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas). In GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. Lisboa: Uniarq/FLUL (*Estudos & Memórias*, 16), p. 153-162.
- RODRÍGUEZ RELLÁN, C.; FÁBREGAS VALCARCE, R.; CASSEN, S.; PÉTREQUIN, P. & CARVALHO, A. F. (2021) – Verde que te quiero. La circulación prehistórica de variscita y jadeíta en la península ibérica y Europa occidental. In *Actualidad de la investigación arqueológica en España III (2020-2021). Conferencias impartidas en el Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Ministerio de Cultura y Deporte, p. 299-317.
- SANTOS, M. F. & FERREIRA, O. V. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. 3.^a série, 3, p. 37-62.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1982) – Materiais campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra). *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. 4, p. 19-34.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1983) – Ideologia e práticas funerárias no Megalitismo das Beiras: a sepultura periférica do quadrante NW da mamoa do dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil. *Revista de História Económica e Social*. 1, p. 1-27.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989a) – *Pré-História recente na Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sócio-cultural*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 vols., policopiado.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989b) – O Megalitismo da bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil de Viseu, p. 83-97.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994a) – Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP). In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 2), p. 15-29.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994b) – A Orca de Santo Tisco: resultados preliminares da campanha 1(92). In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 2), p. 43-54.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1996) – Do espaço doméstico ao espaço funerário: ideologia e cultura material na Pré-História Recente do centro de Portugal. *Ophiussa*. 0, p.65-76.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & PEDRO, I. (eds.) (2000) – *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu/Lisboa: Governo Civil do Distrito de Viseu/Museu Nacional de Arqueologia.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (1999) – Espaço funerário e «espaço cénico»: a Orca do Folhadal (Nelas). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 5, p. 21-34.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2008) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16, p. 317-350.
- SHEE-TWOHIG, Elizabeth (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- SILVA, A. M. (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, policopiado.

- SILVA, A. M. (2020) – The megalithic builders: new data on old bones from Megalitho do Facho (Figueira da Foz, Portugal). *Documenta Praehistorica*. 47, p. 390-403.
- SILVA, A. M. (2021a) – Insights into the funerary practices in the dolmen of Cabecinha (Figueira da Foz, Portugal). *Documenta Praehistorica*. 48, p. 328-339.
- SILVA, A. M. (2021b) – Os ocupantes dos monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz escavados por Santos Rocha: o que os seus restos ósseos nos revelam. In FERREIRA, A. M. & VILAÇA, R. (coords.) – *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Universidade de Coimbra (*Conimbriga Anexos*, 7), p. 110-127.
- SILVA, F.; MONTEIRO, A.; BRANCO, G. & ROCHA, L. (2017) – Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no Maciço Calcário do Sicó. In ARNAUD, J. M. & MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 519-528.
- SIMÕES, A. I. M. (2023) – *Megalitismo das Terras de Sicó. Arquitecturas e materiais de construção*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal) In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 7-42.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (2023/2024) – Necrópole protomegalítica do complexo arqueológico do Pessegueiro-Sines. Costa Sudoeste portuguesa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 26/27, p. 9-28.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. & DUARTE, S. (2021) – O sítio do Neolítico Antigo de Montum de Baixo (Melides – Alentejo Litoral). *Ophiussa*. 5, p. 63-101.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais: velhos dados, novas leituras. In FERREIRA, A. M. (ed.) – *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus, p. 90-111.
- SOUSA, A. C. (2016/2017) – Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 459-518.
- SOUSA, A. C. (2021) – *O Penedo do Lexim (Mafra) no Neolítico Final e Calcolítico da península de Lisboa*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural (*Trabalhos de Arqueologia*, 56).
- SOUSA, A. C.; MIRANDA, M. & VAN CALKER, D. (2020/2021) – Um fosso nos Gonçalvinhos? Os dados e as questões em aberto no povoamento neolítico de Mafra. *Boletim Cultural de Mafra*. 2.^a série, 2, p. 151-188.
- SPINDLER, K. (1969) – Die Kupferzeitliche Siedlung von Penedo/Portugal. *Madriider Mitteilungen*. 10, p. 45-116.
- SPINDLER, K. (1976) – Die Neolitische Parede-Gruppe in Mittel Portugal. *Madriider Mitteilungen*. 17, p. 21-75.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura: Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis and des Ende der Bronzezeit*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. (*Madriider Beiträge*, 7).
- TAVARES, A. A. (1980) – O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiães). *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. 2 p. 39-57.
- UMBELINO, C. (1998) – *Paleodietary Reconstruction of two Iberian Neolithic Populations: Sant Pau Del Camp (Spain) and Alqueves (Portugal)*. *Trace elements and dental microwear as a pathway and paleobiocultural inferences*. Dissertação de Mestrado apresentada à da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, policopiado.
- VALERA, A. C. (2003) – A neolitização na bacia interior do Mondego: um ponto da situação. *Arqueologia e História*. 55, p. 43-53.

- VALERA, A. C. (2006) – *Do Neolítico Inicial ao Final da Idade do Bronze no Interior Centro de Portugal. Territórios da Pré-História em Portugal 3*. Tomar: CEIPHAR (Arkeos, 21).
- VALERA, A. C. (2017) – Beakers in Central Portugal: Social roles, confluences and strange absences. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Uniarq/FLUL (*Estudos & Memórias*, 10), p. 214-229.
- VALERA, A. C. (ed.) (2013) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (*Era Monográfica*, 1).
- VALERA, A. C. & ANDRÉ, L. (2016/2017) – Aspectos da interacção transregional na Pré-História Recente do Sudoeste peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 189-218.
- VALERA, A. C. & NUNES, T. (eds.) (2020) – *Vale de Barrancas 1. A necrópole de hipogeus do Neolítico (Mombeja, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (*Era Monográfica*, 4).
- VALERA, A. C.; REIS, H.; PEREIRO, T. & RAMOS, R. (2020) – O povoado do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria e a problemática da contextualização da cerâmica impressa no centro litoral de Portugal. In PARDO-GORDÓ, S.; GÓMEZ-BACH, A.; MOLIST MONTÑA, M. & BERNABEU AUBÁN, J. (eds.) – *Contextualizando la cerámica impresa: Horizontes culturales en la península Ibérica*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, p. 183-200.
- VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S.; FURTADO, C. & CORREIA, F. (2023) – Os sepulcros da Pré-História Recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologia. In ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 267-284.
- VAN CALKER, D. (2020) – *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4º e 3º milénios a.n.e.)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- VASCONCELLOS, J. L. (1921/1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Archeólogo Português*. 25, p. 288-298.
- VENTURA, J. M. Q. (1994a) – Orca 1 do Ameal (Carregal do Sal). In *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemáticas e relações com outras áreas peninsulares»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*, 2), p. 31-42.
- VENTURA, J. M. Q. (1994b) – O núcleo megalítico de Fiais/Ameal: problemas e perfectivas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2, p.1-8.
- VENTURA, J. M. Q. (1998) – *A Necrópole Megalítica do Ameal no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- VENTURA, J. M. Q. (2000) – Orca 2 de Oliveira do Conde, Carregal do Sal, Viseu. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 6, p. 1-23.
- VIJANDE VILA, E.; DOMÍNGUEZ BELLA, S.; CANTILLO DUARTE, J. J.; MARTÍNEZ LÓPEZ, J. & BARRENA TOCINO, A. (2015) – Social inequalities in the Neolithic of Southern Europe: the grave goods of the Campo de Hockey necropolis (San Fernando, Cádiz Spain). *Comptes Rendus Palevol*. 14:2, p. 147-161.
- VIJANDE-VILA, E.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M.; MORELL-ROVIRA, B.; OLALDE, I.; SÁNCHEZ-BARBA MUÑOZ, L.; DOMÍNGUEZ-BELLA, S.; EMSLI, S. D.; BECERRA-MARTÍN, S.; RUBIO-SALVADOR, A.; FERNÁNDEZ-SÁNCHEZ, D. S.; CANTILLO-DUARTE, J. J.; ALEMÁN-AGUILERA, I.; MORENO-MÁRQUES, A.; MOLINA-PIERNAS, E.; RAMÍREZ-AMADOR, J. L.; GÓMEZ-SÁNCHEZ, M. L.; BOTELLA-LÓPEZ, M. C.;

- RODRÍGUEZ-VIDAL, J. & RAMOS-MUÑOZ, J. (2022) – At the beginnings of the funerary Megalithism in Iberia at Campo de Hockey necropolis. *Scientific Reports*. 12: 9431.
- VILAÇA, R. (1986) – A mamoa da «Mama do Furo» (Figueira da Foz). *Trabalhos de Antroologia e Etnologia*. 26:1/4, p. 95-117.
- VILAÇA, R. (1988) – *Subsídios para a Pré-História Recente do Baixo Mondego*. Lisboa: IPPC (*Trabalhos de Arqueologia*, 5).
- VILAÇA, R. (1990) – Sondagem arqueológico no Covão d'Almeida (Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova). *Antropologia Portuguesa*. 8, p. 101-131.
- VILAÇA, R. & CRUZ, D. J. (1990) – *A Casa da Orca da Cunha Baixa*. Mangualde: Câmara Municipal.
- VILAÇA, R.; & CUNHA-RIBEIRO, J. P. (2008) – *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral. Territórios da Pré-História em Portugal 4*. Tomar: CEIPHAR (*Arkeos*, 23).
- VILAÇA, R.; RIBEIRO, J. P. C. (1987) – Escavações arqueológicas na gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 27:1/4, p. 27-64.
- VILACA, R.; CARVALHO, P. S.; CATARINO, L. & PEREIRA, L. B. (2023) – Placas de contextos megalíticos del Centro de Portugal. Los casos de Arquinha da Moura (Tondela) y de Mamaltar de Vale de Fachas (Viseu). *Zephyrus*. 92, p. 39-61.
- VILAÇA, R.; CATARINO, L. & OSÓRIO, M. (2022) – Objectos miniaturizados de fibrolite da Beira Interior (Portugal). Caracterização, contextos e simbolismo numa perspectiva diacrónica. *Onoba*. 10, p. 61-73.
- VILAÇA, R.; OSÓRIO, M. & CATARINO, L. (2023) – Artefactos de fibrolite e de outras rochas congéneres, ou similares, da Beira Interior: contributos para o seu conhecimento. In FERNANDES, I. C.; SANTOS, M. T. & CORREIA, M. F. (coords.) – *Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura [do Neolítico ao Período Medieval]*. Palmela: Câmara Municipal, p. 309-321.
- WILLMAN, J. Ch.; NOGUEIRA, D. C. & SILVA, A. M. (2024) – Reassessing trauma in a Late Neolithic cranium from Megalith da Capella (Figueira da Foz, Portugal). *Anthropologischer Anzeiger – Journal of Biological and Clinical Anthropology*. 81:3, p. 341-349.
- XAVIER, P.; MEIRELES, J. & ALVES, C. (2020) – Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira. In ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia em Portugal/2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 771-782.
- XAVIER, P.; MEIRELES, J. & ALVES, C. (2022) – Living in the Mountains. Late Mesolithic/Early Neolithic Settlement in Northwest Portugal: Rock Shelter 1 of Vale de Cerdeira (Vieira do Minho). *Open Archaeology*. 8, p. 608-633.

GRUTA ARTIFICIAL DE S. PAULO II (ALMADA)*

ARTIFICIAL CAVE OF S. PAULO II (ALMADA)*

João Luís Cardoso¹, Filipe Martins² & António M. Monge Soares³

Abstract

Excavations carried out under the auspices of the Almada City Council, between 1989 and 1991 in the churchyard of S. Paulo, within the urban area of the city of Almada, led to the identification of what remains of an artificial cave, excavated in carbonate sediments of the Miocene, of which the burial chamber and a small section of the corridor adjacent to it were completely explored.

The excavations led to the collection of a copious archaeological collection, associated with around 250 burials, carried out there throughout almost the entire 3rd millennium BC, whose broad diachrony is confirmed by the radiocarbon dating carried out and by the typology of the archaeological materials, which remained to be studied.

Unfortunately, the intense disturbances produced in the cave at different times, which reached its totality, since perhaps the Iron Age, and which saw notable additions in the modern and contemporary periods through the installation of a cemetery on the site, made the discussion of the results based on stratigraphy unfeasible.

Based on the cross-referencing of information from the 22 radiocarbon dates carried out within the scope of this work on human left calcanei, with the results of the study of the archaeological remains, preserved in the Museum of Almada, it was possible to conclude that the funerary use of the cave knew three distinct and well-characterized chrono-cultural phases. The first phase dates back to the end of the Late Neolithic, in the transition from the 4th to the 3rd millennium BC, being represented by only a unique deposition.

The second phase of the cave's funerary use covers the entire first half of the 3rd millennium BC, and includes an important set of vessels (cups and bowls), of excellent finish, displaying the typical fluted decoration, characteristic of the Early Chalcolithic of Estremadura.

Finally, the third phase of prehistoric use of the cave, in clear continuity with the previous one, corresponds to almost the entire second half of the 3rd millennium BC, and is illustrated by the magnificent bell-shaped ceramic productions recovered, which constitute one of the most remarkable sets published from Portuguese territory to date, both in terms of quantity and diversity and quality of productions.

Keywords: S. Paulo; artificial cave; necropolis; Lisbon; Neolithic; Chalcolithic; Bell-Beaker

* Trabalho coordenado pelo primeiro signatário, que se responsabilizou pela redacção do mesmo, com o apoio do segundo signatário, a quem se devem todos os desenhos de materiais arqueológicos. O terceiro signatário encarregou-se, com o primeiro signatário, da redacção dos Capítulos 7 e 8. As fotografias dos materiais arqueológicos que ilustram a obra são da autoria do primeiro signatário.

¹ Investigador-Coordenador convidado do ICAREHB (Universidade do Algarve). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta). cardoso18@netvisao.pt

² Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). arqueologia@oeiras.pt

³ Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Portugal. amsoares@ctn.tecnico.ulisboa.pt

1 – INTRODUÇÃO

A gruta artificial de S. Paulo II situa-se no alto da arribas miocénica de Almada, a uma altitude média de 84,5 metros com as seguintes coordenadas: 38° 40' 52'' lat. N; 9° 09' 44'' long. W de Greenwich (Fig. 1), tendo a sua identificação resultado da intervenção arqueológica motivada pelas obras realizadas no adro da Igreja de S. Paulo, adjacente ao Seminário de Almada, pela Câmara Municipal de Almada, no âmbito da reconversão daquele espaço público urbano.

No respeitante ao enquadramento arqueológico da área envolvente, importa referir que, antes da realização da escavação de emergência que conduziu à identificação da gruta de S. Paulo II, entre 1989 e 1991, a cerca de 30 m de distância, já havia sido escavada uma pequena gruta natural, designada por S. Paulo I, escavada sob a direcção de C. Tavares da Silva, a qual, segundo a curta informação circunstancial disponível, encerrava reduzido número de indivíduos, entre 4 a 6 (GOUVEIA, 1979; BARROS & ESPÍRITO SANTO, 1997), atribuíveis com base nos materiais arqueológicos associados, ao Neolítico Final e ao Calcolítico (SILVA, 2012, p. 47).

Apesar dos trabalhos arqueológicos realizados sob a égide da Câmara Municipal de Almada com o apoio do Centro de Arqueologia de Almada terem decorrido há já mais de 30 anos, e dos respectivos espólios cerâmicos terem sido objecto de cuidado e moroso tratamento e restauro, igualmente patrocinados pela Câmara Municipal de Almada, que muito os beneficiou, criando condições para a sua adequada exposição pública, o notável conjunto recolhido deu apenas origem, até ao presente, a curtas referências ou notícias, por vezes integradas em folhetos de exposições temporárias. Foi o caso das realizadas na Junta de Freguesia de Almada e no Museu Municipal – Convento dos Capuchos, associadas a texto de apoio onde as escavações e os espólios recuperados são sumariamente referidos (BARROS, 1998), a que se junta uma curta notícia de síntese dos trabalhos realizados, desprovida de ilustrações (BARROS & ESPÍRITO SANTO, 1997).

Mais tarde, alguns conjuntos, ou peças isoladas, mereceram o interesse de diversos investigadores. É o caso do pequeno conjunto de placas de xisto (GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2004), bem como de um recipiente decorado com pinturas vermelhas, único nos contextos pré-históricos conhecidos do território português (FERREIRA et al., 2020). Também a análise de uma conta de fluorite foi publicada em trabalho de síntese sobre tal matéria-prima a nível peninsular (ODRIOZOLA et al., 2021). Este exemplar não foi localizado aquando da realização deste estudo no Museu de Almada, apesar de todos os esforços envidados nesse sentido.

O estudo sistemático dos espólios antropológicos recolhidos evidenciou o assinalável número de indivíduos tumulados no Neolítico Final e sobretudo no decurso do Calcolítico (SILVA, 2012, 2018). A utilização funerária do sepulcro verificou-se de novo na Idade do Ferro, indicada pela cronologia obtida por radiocarbono de um calcâneo humano, configurando pelo menos uma tumulação daquela época. Tal resultado completa as conclusões respeitantes ao estudo do espólio atribuível àquela época, tendo-lhe então sido atribuída natureza ritual-cerimonial (LACUEVA, 2020).

A situação descrita evidenciava a necessidade e a importância da preparação de uma publicação onde se apresentasse o estudo sistemático e completo da totalidade dos espólios recolhidos nas escavações, a par das informações obtidas das intervenções de campo, com base nas escassas informações recolhidas no único relatório depositado no arquivo da ex-DGPC, onde foi consultado, o qual se encontra assinado pelos três responsáveis dos trabalhos de campo realizados (BARROS, ESPÍRITO SANTO & SANTOS, 1991).

Ciente do interesse em poder dispor-se, em curto espaço de tempo, de um estudo completo da estação arqueológica, obrigando ao estudo aprofundado da estação arqueológica e dos espólios nela recolhidos, a Câmara Municipal de Almada endereçou ao Dr. Luís Barros, que anteriormente havia obtido autorização para o estudo dos espólios em causa com efeitos a partir de inícios de junho de 2019, mensagem em que o informou



da prescrição da autorização previamente concedida, a qual lhe foi enviada no dia 19 de março de 2024. Tal decisão apoiou-se no facto do prazo autorizado para o estudo da colecção, proposto pelo próprio interessado, ter caducado em finais de 2019, sem que o mesmo alguma vez tivesse pedido o prolongamento da autorização para a realização dos trabalhos, os quais, na verdade, nem chegaram a iniciar-se, pois não há registo da presença do interessado no período por ele solicitado para tal efeito, nem depois, até à data da mensagem que lhe foi remetida pela Câmara Municipal de Almada acima referida.

Não tendo tal mensagem merecido qualquer resposta por parte do seu destinatário, conforme foi comunicado ao primeiro signatário pela Dr.^a Andrea Cardoso, Chefe de Divisão do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Almada (DMDS/DC/DMPC), reuniam-se as condições para, finalmente, se dar início ao estudo sistemático e completo da totalidade do acervo arqueológico recolhido nas escavações patrocinadas pela própria autarquia há já mais de 30 anos.

Estabelecidas as condições para a realização do estudo, definidas em reunião havida com a Dr.^a Andrea Cardoso, foram facultadas ao primeiro signatário as condições necessárias do acesso aos espólios, envolvendo o respectivo estudo, registo gráfico e fotográfico. Para tal, contou-se com a colaboração do segundo signatário, o Mestre Filipe Martins que, desde o dia 1 de abril de 2024, e até ao final de dezembro de 2024 compareceu assiduamente nas instalações das reservas do Museu de Almada. A totalidade dos desenhos ora publicados foram de sua autoria, cuja execução foi acompanhada por parte do primeiro signatário, autor das fotografias que ilustram a obra. No decurso da realização deste trabalho, não foi possível localizar, no acervo da colecção, uma conta de fluorite (Fig. 68, n.º 8), já anteriormente publicada (ODRIOZOLA et al., 2021). A realização do respectivo desenho recorreu assim ao registo fotográfico existente no arquivo do Museu.

Para que aquele objectivo tivesse sucesso, foi indispensável o apoio disponibilizado pelo Dr. Telmo António, do Museu de Almada, que manifestou sempre total disponibilidade e boa-vontade em prestar todos os apoios que lhe foram solicitados, bem como pela Mestre Ana Olaio, arqueóloga da Câmara Municipal de Almada, envolvendo também a disponibilização de toda a documentação conservada em arquivo. Tal documentação afigurou-se essencial para a cabal compreensão dos trabalhos de campo realizados e das condições de recolha do notável acervo arqueológico agora estudado, cuja posição foi sendo cuidadosamente registada no decurso das escavações, com base nas respectivas coordenadas.

Face à natureza da informação existente, que carecia do necessário tratamento, desde logo se verificou ser essencial a valorização dos registos de campo conservados, envolvendo o estudo de todas as plantas, fotografias e cortes estratigráficos conservados no arquivo do Museu de Almada. A concretização de tal objectivo conheceu dificuldades, especialmente no tocante à interpretação dos cortes estratigráficos, dado que tais registos foram executados por diversos intervenientes, respeitando critérios distintos, cuja correlação e harmonização se impunha fazer.

Para tal, contou-se com a colaboração de Vítor Santos, colega e amigo do primeiro signatário desde há mais de 50 anos, por ter sido um dos participantes principais dos trabalhos de campo realizados em S. Paulo II, também na qualidade de autor de parte dos registos gráficos então executados, e ainda de co-autor do Relatório final entregue à Tutela em 1991. Tais esclarecimentos, realizados presencialmente, permitiram resolver muitas das dúvidas existentes, viabilizando a adequada interpretação de todos os cortes estratigráficos seguindo critérios uniformes e coerentes. Esclarecidas as dúvidas e estabelecidos os critérios de revisão e uniformização gráfica a adoptar, o redesenho destas peças gráficas foi assegurado, com a usual mestria e rigor, pelo Dr. Bernardo Ferreira, Técnico Superior do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, com o acompanhamento do primeiro signatário.

Uma das questões mais importantes respeitava ao estabelecimento rigoroso da cronologia absoluta da utilização funerária da gruta. Assim, com base nos resultados do estudo antropológico do conjunto realizado pela Doutora Ana Maria Silva, seleccionaram-se 24 calcâneos esquerdos humanos, 14 dos quais foram datados por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, através do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras tendo as datações obtidas nos restantes 10 exemplares sido custeadas pela Câmara Municipal de Almada, a quem cumpre agradecer. Tais resultados viabilizaram a caracterização da cronologia absoluta da ocupação da gruta realizada pelo Doutor A. M. Monge Soares em colaboração com o primeiro signatário, constituindo o Capítulo 7 deste estudo, estreitamente relacionado com o Capítulo 8, igualmente redigido em conjunto por ambos, dedicado à caracterização das paleodietas destas populações.

Foi com base no notável acervo assim reunido e estudado, onde avultava a própria colecção de materiais arqueológicos, no essencial completamente inédita, a que se somou a informação acerca da cronologia absoluta da ocupação pré-histórica, que se produziu o presente estudo, resultante de reunião de vontades, inspiradas pela necessidade imperiosa de dar a conhecer um acervo precioso e único, tanto pela quantidade, como pela diversidade e pela importância científica que possui.

Deste modo, ao estudo do espólio antropológico recolhido e já publicado, junta-se agora a presente obra, que vem relevar, do ponto de vista arqueológico, a excepcional importância da gruta artificial de S. Paulo II, doravante uma das mais importantes necrópoles do Calcolítico peninsular.

À sua importância científica, acresce a beleza de muitas das peças agora publicadas pela primeira vez, valorizadas pelos magníficos trabalhos de restauro de algumas delas, que muito as beneficiaram, pelo que se impõe deixar também aqui registados os nomes dos técnicos que os executaram primorosamente: José Cavaco, Fernanda Cruz e Conceição Adão.

Em suma: o notável conjunto arqueológico recolhido na gruta artificial de S. Paulo II, finalmente realizado, ficará doravante à disposição de todos, resgatado que foi de um longo e imerecido silêncio a que estava votado desde há mais de 30 anos.



Fig. 2 – S. Paulo II. Vista geral da margem esquerda do rio Tejo, para jusante, com a localização do sítio arqueológico próximo da arribá fóssil. Fotografia aérea oblíqua (Fonte: Google maps).

A presente publicação viabilizará, outrossim, o desenvolvimento de outros estudos de maior detalhe, recorrendo a métodos e técnicas laboratoriais, que encontrarão aqui o seu indispensável apoio e ponto de partida.

2 – TRABALHOS REALIZADOS

A identificação da gruta de S. Paulo II resultou do acompanhamento das obras efectuadas no adro da Igreja de S. Paulo pela Câmara Municipal de Almada.

A regularização da superfície do terreno e a abertura de caldeiras para a plantação de árvores, realizada em dezembro de 1988, no terrapleno mais elevado, limitado a Norte pela Igreja de S. Paulo, permitiu o reconhecimento de materiais modernos, provenientes do antigo Convento Dominicano parcialmente destruído aquando do terramoto de 1755, bem como a recolha de alguns espólios pré-históricos.

Esta situação determinou a realização de uma escavação de emergência realizada sob a égide do Museu de Almada, com a colaboração do Centro de Arqueologia de Almada. Os trabalhos foram dirigidos por Luís Barros, Paulo Espírito Santo e Vítor Santos. Desenvolveram-se entre 3 de Abril e 30 de Dezembro de 1989, e 4 de Março e 14 de Junho de 1991. Neles participaram ainda: José Cavaco, Fernanda Cruz, Natalina Guerreiro, Fernando Robles Henriques, João Valente, Luís Filipe (tarefeiro), Paula Reis (tarefeira), Margarida Jogo (tarefeira), Carlos Gomes (OTL), Sandra Luís (OTL), Helena (OTL), Luísa (OTL), André Cartaxo (volunt.), Joana Cartaxo (volunt.), e Rosário Fernandes, Alexandra Batista, e Fernanda, todas estudantes universitárias.

A metodologia que se adoptou na escavação correspondeu à abertura de sucessivos quadrados, de 2 x 2 metros, segundo uma quadrícula ortogonal previamente implantada em toda a área do antigo adro da Igreja com rebaixamentos sucessivos através de camadas artificiais de 15 cm de potência.

Os trabalhos iniciaram-se na área que evidenciada à superfície maior concentração de materiais, isto é, em redor do local da abertura de uma das caldeiras para o plantio de árvores já mencionadas (Fig. 3, em cima). No mesmo ano, foi montada uma estrutura metálica provisória para protecção do sítio, vedando desta forma, a área que viria a ser intervencionada (Fig. 3, em baixo).

Foram escavados 18 quadrados, que permitiram delimitar os contornos da gruta, por planos sucessivos artificiais, cuja potência variou entre os 5 e os 20 cm (Fig. 4, em cima). No decorrer dos trabalhos procedeu-se ao registo por fotografia (Fig. 5 a 10) e desenho de perfis e planos mais significativos (Fig. 11 a 17), os quais serão interpretados no capítulo seguinte.

A gruta apresentava-se, no final dos trabalhos, com uma câmara de contorno sub-circular, com cerca de 7 metros de diâmetro. O corredor, bem diferenciado, encontrava-se orientado para Este, com cerca de 2 metros de comprimento na parte conservada, possuindo igualmente cerca de 2 metros de largura. Note-se que do corredor apenas se identificou e escavou a parte adjacente à câmara sepulcral.

As paredes apresentavam algumas irregularidades e reentrâncias (Fig. 5, em baixo). A Norte verificou-se que a altura média da gruta deveria ser de cerca de 1,60 metros; a Sul, a altura diminui drasticamente, de tal modo que acaba por se confundir com o chão da gruta. O tecto não se conservou, exceptuando um pequeno testemunho conservado no sector nordeste da parede da gruta, onde se pode determinar a altura mínima da mesma, que seria de cerca de 1,6 metros, o que corrobora as observações realizadas no sector norte (Fig. 4). Posteriormente à ocupação pré-histórica verificaram-se diversas derrocadas, tanto do tecto, como das paredes, uma vez que se observaram blocos de grandes dimensões em diversos níveis do enchimento, alguns deles assentes em depósitos com materiais arqueológicos pré-históricos (Fig. 8).



Fig. 3 – S. Paulo II. Em cima: vista geral da área de intervenção, de Oeste-Este, com a implementação de várias valas para a plantação de árvores no terraplano mais elevado do adro da Igreja de S. Paulo (1989). Localização da vala de onde se recolheu os primeiros materiais arqueológicos. Em baixo: vista geral do adro da Igreja, com a mesma orientação, onde são visíveis as valas para plantação de árvores e a montagem de uma estrutura metálica provisória, vedando a área onde se recolheram materiais arqueológicos. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 4 – S. Paulo II. Em cima: Aspecto dos trabalhos de escavação no interior da estrutura provisória, com três participantes em acção: um no interior do quadrado I30 e dois no J31. Em baixo: três participantes em acção: à esquerda, no interior do quadrado H29; à direita, no interior do I30, consolidando uma das paredes da gruta, e ao centro no registo tridimensional dos materiais e planos artificiais. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 5 – S. Paulo II. Em cima: aspecto do corte do quadrado I30, perfil Oeste, sendo visíveis as diferentes fases de enchimento da gruta. Em baixo: aspecto do corte do quadrado I30, perfil Norte, sendo visível uma pequena taça na base do referido corte, junto à parede da gruta, à direita da imagem. Foto do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 6 – S. Paulo II. Em cima: aspecto do corte do quadrado I30, perfil Sul, sendo visíveis diferentes fases de enchimento da gruta. Em baixo: aspecto do corte do quadrado J31, perfil Este, considerada a entrada do monumento, sendo visíveis diferentes fases de enchimento da gruta. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 7 – S. Paulo II. Em cima: aspecto do corte do quadrado J31. Enquadramento dos Perfis Sul e Oeste. Em baixo: aspecto do corte do quadrado J31, perfil Sul, sendo visíveis diferentes fases de enchimento da gruta de época contemporânea. De notar na parte superior do corte a existência de caixão funerário de madeira com restos humanos, intersectados pelo corte. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 8 – S. Paulo II. Em cima: aspecto do plano 5 do quadrado I29, sendo visível a dispersão de materiais arqueológicos no terreno após remoção do conjunto de blocos pétreos que os cobriam. Em baixo: aspecto do plano 11, do quadrado I30, sendo visível o rebordo do monumento do lado direito da imagem. De notar a existência de restos humanos na parte mais funda da área escavada do Plano 11. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 9 – S. Paulo II. Em cima: aspecto geral do plano 13, Camada 194, do quadrado I30 sendo visível conjunto de materiais arqueológicos. Em baixo: pormenor de alguns materiais arqueológicos, representados na foto anterior, como a placa de xisto completa (Fig. 62, n.º 5; Fig. 99, n.º 5), associado a diversos ossos longos, uma calote craniana e fragmentos de cerâmica campaniforme. Este conjunto arqueológico encontrava-se coberto pelo grande bloco visível na Fig. 8, em baixo, do lado esquerdo. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.



Fig. 10 – S. Paulo II. Em cima: pormenor do plano 5, do quadrado I29, sendo visível crânio associado a um fragmento cerâmico. Em baixo: enquadramento do enterramento A, do quadrado H29, sendo visíveis a cabeça, o tronco e os membros superiores do morto bem como uma taça carenada que serviu de oferenda (Fig. 28, n.º 3). Este conjunto funerário correspondia à fase mais antiga da utilização da necrópole, sendo o único cuja conservação se manteve. Fotos do arquivo do Museu de Almada-CMA.

3 – ESTRATIGRAFIA

No decurso dos trabalhos foram registados tridimensionalmente os materiais mais significativos, tendo-se desenhado os planos e cortes estratigráficos mais importantes (BARROS, ESPIRITO SANTO & SANTOS, 1991). Em anexo, os autores apresentam apenas um perfil/desenho norte dos quadrados I29, I30 e I31, com a indicação de 9 camadas, correspondente a parte do Corte 6 do presente trabalho (Fig. 11 e Fig. 17).

No texto do Relatório, os autores resumem a sucessão observada a apenas 4 camadas principais gerais, a saber:

- A primeira, corresponde à ocupação recente do local, era constituída por entulhos diversos com alguns materiais da Idade do Ferro e Neolítico/Calcolítico à mistura;
- A segunda camada correspondia à ocupação do espaço como cemitério durante os séculos XVI a XIX, datas entre as quais se efectuaram enterramentos no adro da Igreja de S. Paulo;
- A terceira camada era, essencialmente, constituída pelos restos de cozinha datáveis da 1.ª Idade do Ferro;
- A quarta camada era constituída pelos restos das sepulturas e respectivo espólio do Neolítico/Calcolítico.”

Esta descrição não valoriza a ocupação do adro da antiga igreja de S. Paulo como cemitério moderno e contemporâneo, já que foram identificadas, na área escavada, diversas sepulturas, devidamente registadas nos cortes efectuados, correspondentes a enterramentos ali realizados entre os séculos XVI a XIX associados à igreja do antigo Convento Dominicano, uma vez que a gruta se localizava por debaixo do adro dessa igreja.

Com efeito, no decurso das escavações foram executados outros cortes estratigráficos não incluídos no referido Relatório, cujos originais, até agora inéditos, se conservam no MMA, os quais permitiram, com base na sua interpretação e correlação, agora realizada, melhorar a informação disponível. Tais cortes foram efectuados, no decurso das escavações entre os anos 1989, 1990 e 1991, por cinco intervenientes: Vítor Santos, Paulo Espírito Santo, Ana Lopes, Natalina Guerreiro e Fernando Robles Henriques. Tais cortes foram agrupados e reajustados, dando origem a 6 novos cortes estratigráficos, realizados expressamente para a presente publicação, cuja localização se indica na Fig. 11 constituindo um dos elementos essenciais para a compreensão das condições de jazida dos materiais pré-históricos recolhidos. Para tal efeito, estratigrafia de cada corte original foi revista, por confrontação, e adaptada a terminologia e a grafia adoptada em cada caso, dado que os diferentes desenhadores utilizaram critérios distintos, que importava uniformizar. Nalguns originais foram descritas camadas, algumas pontuais, que depois não tinham continuidade no desenho adjacente, em resultado das diferentes maneiras de registar os diferentes sectores do mesmo corte, em diferentes anos, pelos diferentes autores de cada um deles.

O trabalho resultante desse esforço de correlação e de uniformização terminológica e estratigráfica, com as inerentes adaptações gráficas, resultaram os seis cortes a seguir apresentados.

CORTE 1 (Fig. 11; Fig. 12; Fig. 5, em cima)

Composto por 4 desenhos da autoria de três intervenientes (Paulo Espírito Santo, Vítor Santos e Ana Lopes).

O corte estratigráfico observa-se em parte na foto do perfil do quadrado I30, sendo visíveis as diferentes fases de enchimento da gruta (Fig. 5, em cima).

No Quadro 1 apresenta-se a correlação que foi possível realizar entre a sequência estratigráfica registada no campo e a sequência estratigráfica geral e actualizada, que resultou de interpretação de todos os cortes, agora efectuada.

Quadro 1 – S. Paulo II. Correlação entre a sequência estratigráfica registrada no campo no Corte 1 e a sequência estratigráfica geral.

1989 -1991		2024	
Ref. ^a	Descrição da Camada	Camada	Descrição da Camada
031 1	– Camada superficial, moderna, com algum material (telhas, tijolos, vidros)	C1	– Camada superficial e vala de implantação do cano
049 2	– Camada de lixo, devido à colocação do cano – Camada de entulho (vala do cano)		
065 3	– Camada castanha com poucas pedras – Terra acastanhada – Camada acastanhada com pedras, conchas	C2	– Camada misturada, idêntica à superior com manchas da inferior
059 4	– Camada com muitas conchas – Terra acastanhada escura – Camada castanha com muitas pedras e conchas	C3	– Camada castanha com muitas pedras, conchas e cerâmica
171 5	– Camada argilosa, compacta – Camada amarelada argilosa – Terra muito escura, solta. Possível toca	C4	– Camada argilosa amarelada (Neo-Calc.) e cavidade (toca)
245 6	– Rocha da base	C5	– Rocha da base / calcário conquífero

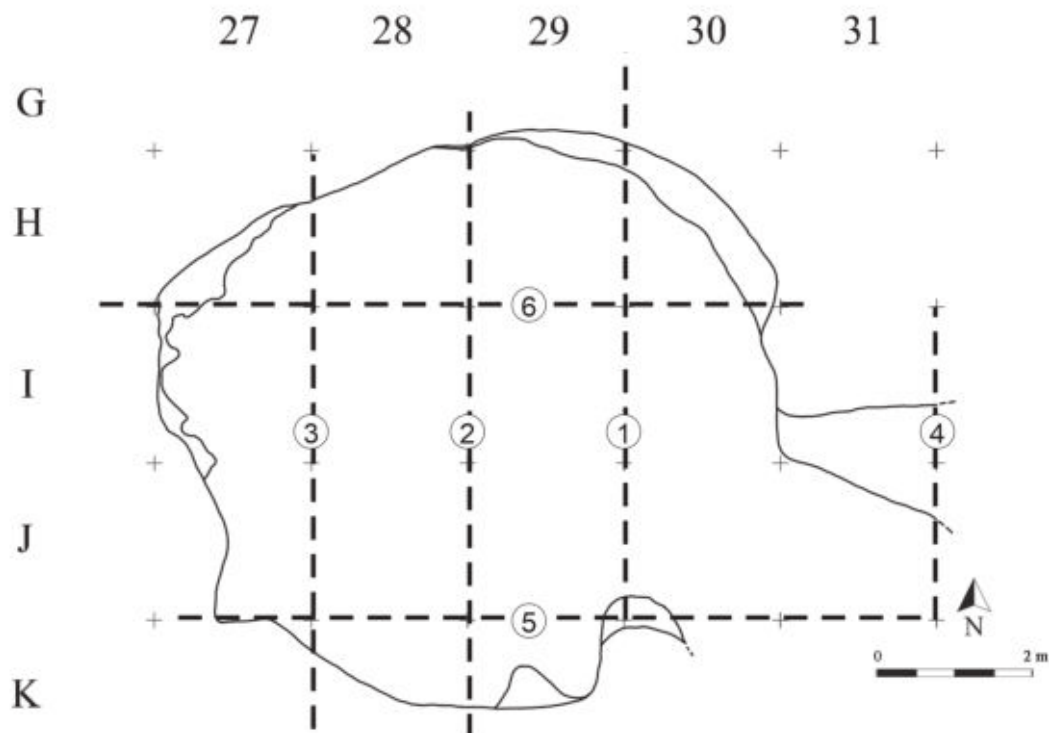


Fig. 11 – S. Paulo II. Planta esquemática da câmara funerária da gruta artificial com a indicação da respectiva entrada, voltada a sudeste, e localização dos cortes estratigráficos realizados. Desenho de Bernardo Ferreira, revisto por João Luís Cardoso.

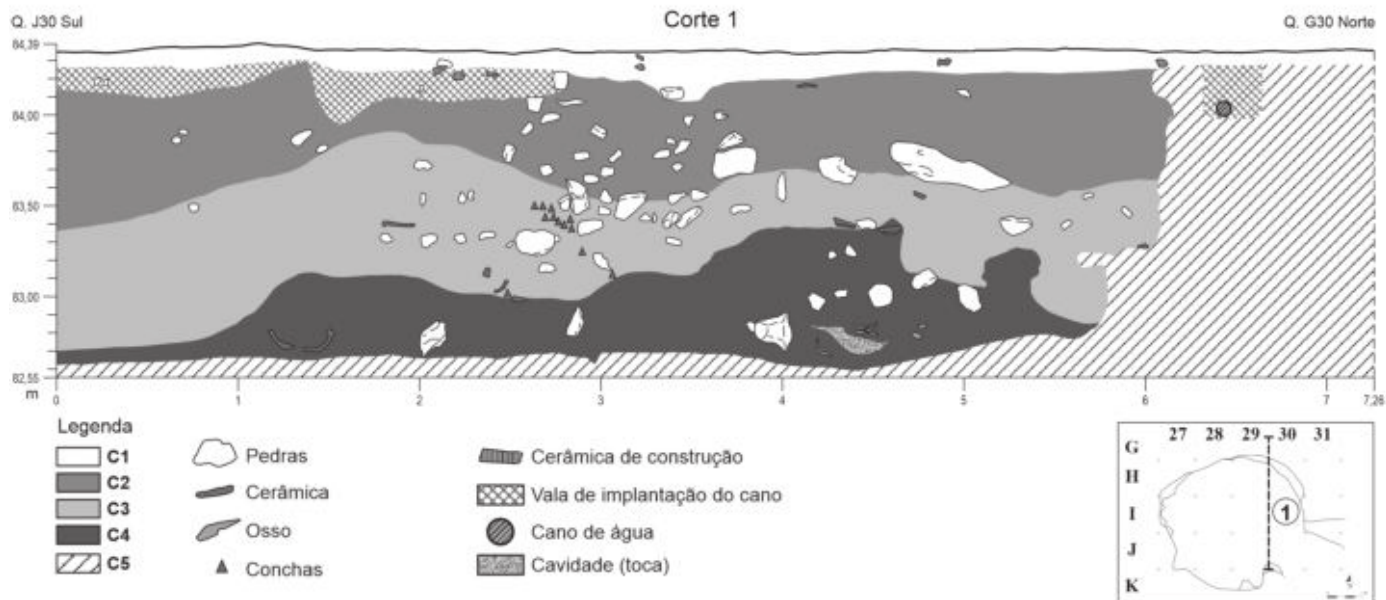


Fig. 12 – S. Paulo II. Corte estratigráfico 1, localizado no terreno na Fig. 11.
Execução gráfica de Bernardo Ferreira, supervisão de João Luís Cardoso.

CORTE 2 (Fig. 11; Fig. 13)

Composto por 5 desenhos da autoria de quatro intervenientes (Paulo Espírito Santo, Natalina Guerreiro, Fernando Robles Henriques e Ana Lopes). A correlação entre a sequência estratigráfica obtida da leitura do corte e a sequência geral actualizada encontra-se resumida no Quadro 2 seguindo os critérios utilizados anteriormente.

Quadro 2 – S. Paulo II. Correlação entre a sequência estratigráfica registada no campo no Corte 2 e a sequência estratigráfica geral.

1989 -1991		2024	
Ref. ^a	Descrição da Camada	Camada	Descrição da Camada
031	– Camada superficial	C1	– Camada superficial
010 049	– Camada de entulho solto – Camada castanha clara	C2	– Camada de entulho solto com muitas pedras
100	– Camada de entulho (vala do cano?)		– Vala de implantação do cano
065	– Terra acastanhada, solta – Camada acastanhada com pedras, conchas		– Camada misturada, idêntica à superior, com manchas
051	– Derrocada?	C3	– Vala de sepultura
059	– Camada castanha com muitas conchas + pedras – Camada castanha com conchas (I. Ferro) – Terra acastanhada – Terra castanha escura		– Camada castanha com muitas pedras, conchas e cerâmica
245	– Camada silto/argilosa, amarelada (Neo/Calc.) – Camada creme clara (silto-argilosa)	C4	– Camada silto-argilosa amarelada (Neo-Calc.)
245	– Rocha da base	C5	– Rocha da base / calcário conquífero

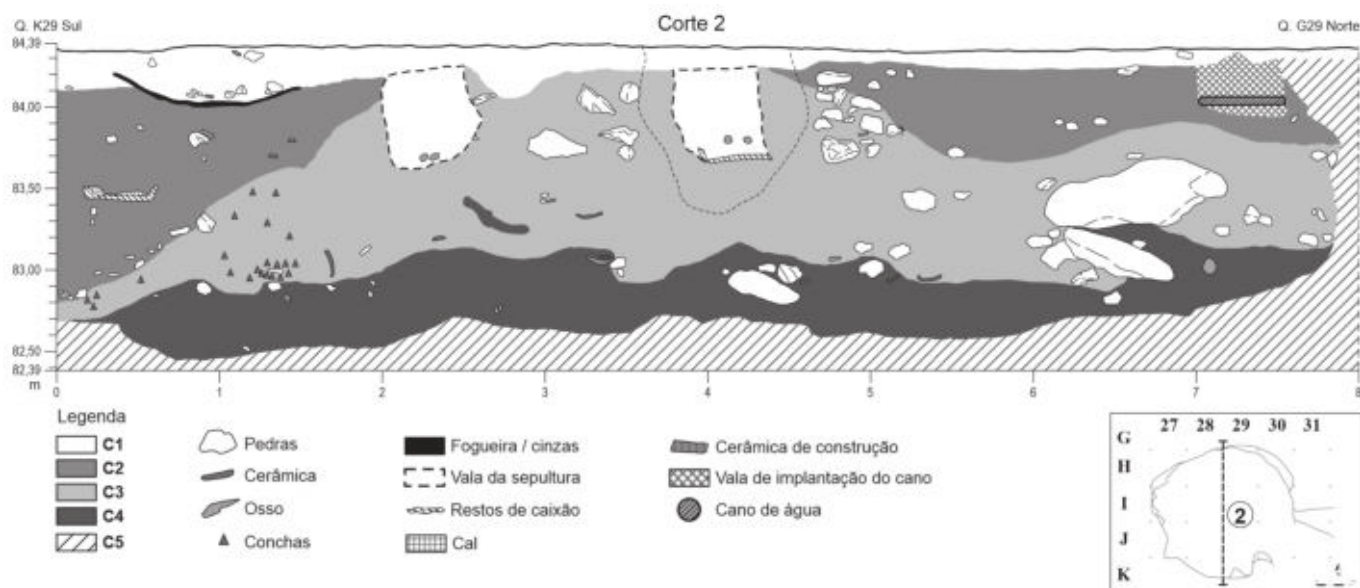


Fig. 13 – S. Paulo II. Corte estratigráfico 2, localizado no terreno na Fig. 11.
Execução gráfica de Bernardo Ferreira, supervisão de João Luís Cardoso.

CORTE 3 (Fig. 11; Fig. 14)

Este corte integra 4 desenhos executados por um único interveniente (Paulo Espírito Santo). Os desenhos foram todos realizados do lado Oeste das quadriculas H28, I28, J28 e K28 (Ver localização em planta, Fig. 11). A correlação entre as duas sequências estratigráficas encontra-se resumida no Quadro 3 seguindo os critérios utilizados anteriormente.

Este corte evidencia no sector norte o fecho da abóbada da gruta artificial, permitindo avaliar a altura máxima aproximada da mesma, que noutra local fora avaliada em cerca de 1,60 m conforme anteriormente se referiu, estimada neste sector em cerca de 1,30 m.

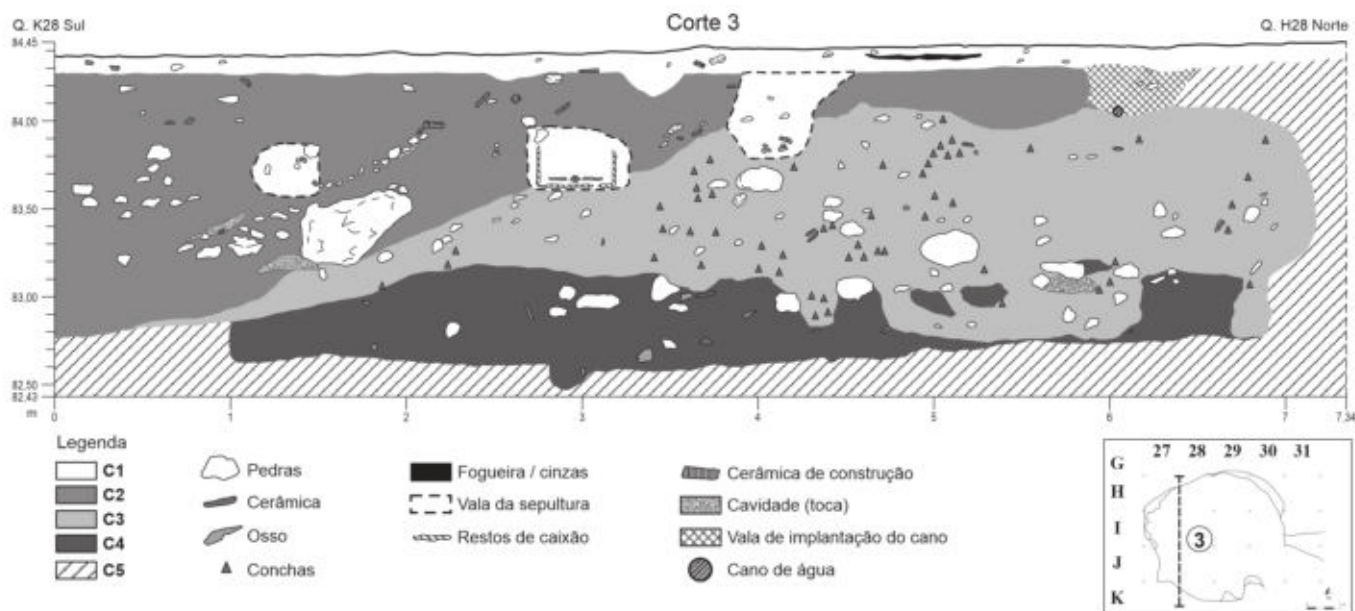


Fig. 14 – S. Paulo II. Corte estratigráfico 3, localizado no terreno na Fig. 11.
Execução gráfica de Bernardo Ferreira, supervisão de João Luís Cardoso.

Quadro 3 – S. Paulo II. Correlação entre a sequência estratigráfica registada no campo no Corte 3 e a sequência estratigráfica geral.

1989 -1991		2024	
Refª	Descrição da Camada	Camada	Descrição da Camada
031 049 035 051 010 049 051	– Camada superficial – Camada superficial, (+) compacta – Camada superficial (-) compacta – Camada de areão amarelo/alaranjado – Vala de implantação do cano – Vala da sepultura	C1	– Camada superficial – A camada de areão não foi considerada por ter dimensão ínfima e pontual – Vala de implantação do cano – Vala da sepultura
010 031	– Camada de entulho solto, “poeirento”, com muitas pedras (em alguns sítios chega a fazer bolsas de ar)	C2	– Camada de entulho solto com muitas pedras
065	– Camada revolvida, misturada, idêntica à que está por baixo, com manchas da que está por cima (será resultante da abertura e fecho das sepulturas?) – Camada revolvida, misturada, idêntica à superior, com manchas da inferior		– Camada misturada, idêntica à superior com manchas
171	– Buracos de ar		– Cavidade (toca)
059 065	– Camada castanha com pedras e conchas – Camada castanha com muitas conchas e cerâmica – Camada acastanhada com pedras, conchas	C3	– Camada castanha com muitas pedras, conchas e cerâmica
230 245	– Camada amarelada silto-argilosa, (Neo/Calc.)	C4	– Camada argilosa amarelada (Neo-Calc.)
245 230	– Rocha da base	C5	– Rocha da base / calcário conquífero

CORTE 4 (Fig. 11; Fig. 15; Fig. 6, em baixo)

Composto por 2 desenhos executados por um único interveniente (Vitor Santos). Este corte foi realizado perpendicularmente ao corredor da entrada, correspondente ao lado este das quadrículas I31 e J31 (Ver localização em planta, Fig. 11). Encontra-se representado na Fig. 15, bem como, em parte, na Fig. 6, em baixo, evidenciando-se as sucessivas acumulações de entulhos em camadas mais ou menos lenticulares ou irregulares. Na parte superior do corte, observou-se uma escavação realizada nos depósitos previamente existentes, relacionada provavelmente com a abertura de uma sepultura de época moderna ou contemporânea.

Importa ainda observar que o chão primitivo do corredor evidencia irregularidades (Fig. 6, em baixo), não observadas no chão da câmara, que se apresenta aplanado. Tais irregularidades podem relacionar-se com a utilização deste sector do monumento em época pré-histórica.

A correlação entre a sequência estratigráficas observada no terreno e a sequência estratigráfica geral resume-se no Quadro 4 seguindo os critérios utilizados anteriormente.

Quadro 4 – S. Paulo II. Correlação entre a sequência estratigráfica registada no campo no Corte 4 e a sequência estratigráfica geral.

1989 -1991		2024	
Ref ^a	Descrição da Camada	Camada	Descrição da Camada
031 1	– Camada superficial com fragmentos de rocha e materiais de diversas épocas – Camada castanha escura	C1	– Camada superficial
049 2	– Camada com elementos de construção		– Vala de implantação do cano
	– Pavimento		– Pavimento
010 3	– Bolsa com restos de construção – Bolsa com materiais de construção – Camada solta com muitos elementos de construção	C2	– Camada de entulho solto com muitas pedras
065	– Camada ligeiramente argilosa – Camada argilosa castanho-escuro		– Camada misturada, idêntica à superior com manchas da inferior
059	– Camada de cor clara, compacta	C3	– Camada castanha com muitas pedras, conchas e cerâmica (não está descrita na legenda. Foi visualizada na foto da quadricula J31 Este; Foto 6, em baixo)
	– Camada de cor clara, compacta		– Camada castanho claro com muito calcário (não está descrita na legenda. Foi visualizada na foto da quadricula J31 Este; Foto 6, em baixo)
230 12	– Camada creme claro, húmida, argilosa compacta	C4	– Camada argilosa amarelada (Neo-Calc.)
245	– Calcário conquífero	C5	– Rocha base / calcário conquífero

CORTE 5 (Fig. 11; Fig. 16; Fig. 7)

Composto por 5 desenhos de quatro intervenientes (Paulo Espírito Santo, Vítor Santos, Ana Lopes e Fernando Robles Henriques).

Os desenhos foram executados do lado sul das quadriculas J31, J30, J29, J28 e J27 (Ver localização em planta, Fig. 11), sendo o corte, ao contrário dos anteriores, orientado no sentido Este-Oeste.

O corte estratigráfico, apresentado na Fig. 16, observa-se em parte na foto do perfil do quadrado J31, perfil Sul, com as diferentes camadas de enchimento (entulhamento) da gruta (Fig. 7).

A correlação entre as duas sequências estratigráficas, a que foi observada localmente no terreno e a resultante da uniformização estratigráfica, encontra-se resumida no Quadro 5 seguindo os critérios utilizados anteriormente.

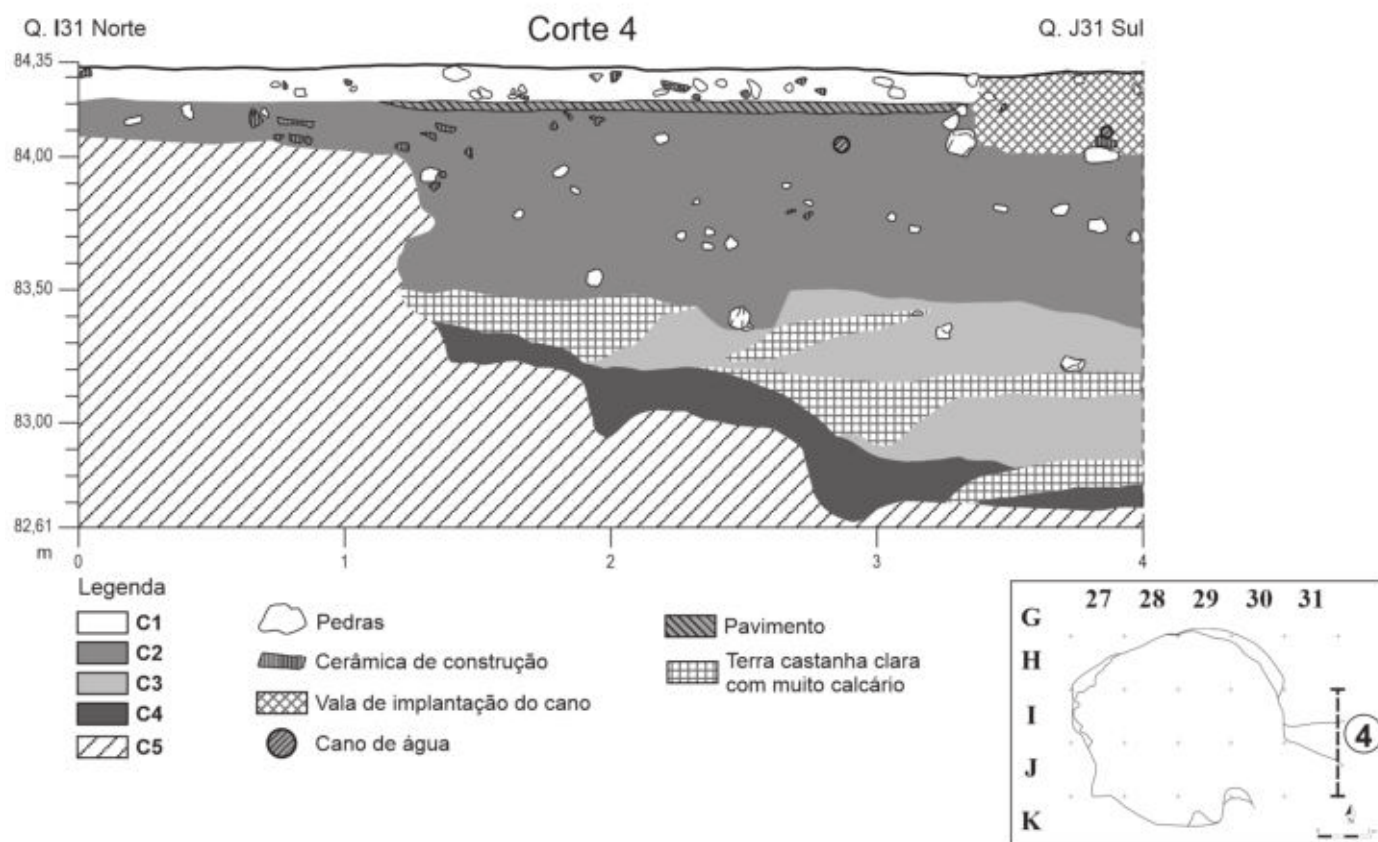


Fig. 15 – S. Paulo II. Corte estratigráfico 4, localizado no terreno na Fig. 11.
Execução gráfica de Bernardo Ferreira, supervisão de João Luís Cardoso.

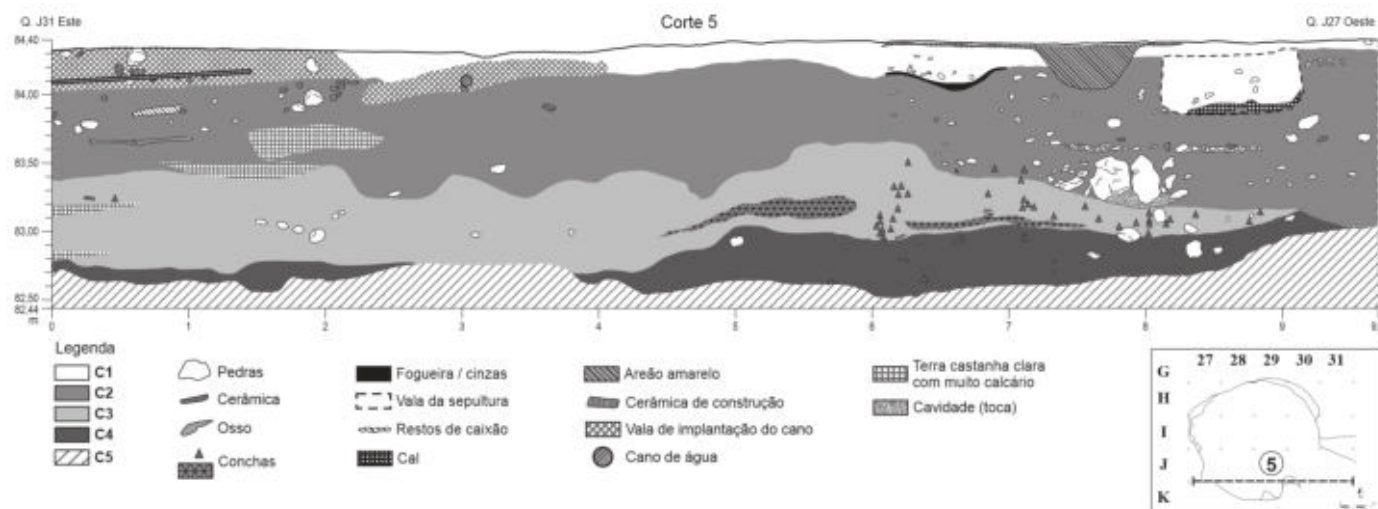


Fig. 16 – S. Paulo II. Corte estratigráfico 5, localizado no terreno na Fig. 11.
Execução gráfica de Bernardo Ferreira, supervisão de João Luís Cardoso.

Quadro 5 – S. Paulo II. Correlação entre a sequência estratigráfica registada no campo no Corte 5 e a sequência estratigráfica geral.

1989 -1991		2024	
Ref ^a	Descrição da Camada	Camada	Descrição da Camada
049 031 1	– Camada superficial (+) compacta – Camada castanha escura	C1	– Camada superficial
049 2 4	– Camada com elementos de construção – Camada castanho torrado		– Vala de implantação do cano
010	– Camada com areão amarelo/alaranjado	C2	– Areão amarelo
031 010 3 5	– Bolsa com restos de construção – Camada solta com muitos elementos de construção – Camada castanha com poucas pedras – Camada de entulho solto, “poeirenta”, com muitas pedras (em alguns sítios chegam a fazer bolsas de ar) – Camada de entulho solto – Camada de cor clara, compacta		– Camada de entulho solto com muitas pedras – Camada castanho-clara com muitos elementos de calcário (Foram verificados na foto do quadrado J31 Sul; Foto 7)
065 7	– Camada ligeiramente argilosa – Camada argilosa castanho-escuro – Camada que continha o enterramento (no perfil do J31) – Camada revolvida, misturada, idêntica à que está por baixo, com manchas da que está por cima (será resultante da abertura e fecho das sepulturas?)		– Camada misturada, de entulho, idêntica à superior
171	– Buracos/bolsas de ar		– Cavidade (toca)
059 9 8 10 11	– Camada castanha, argilosa, ligeiramente solta – Camada castanho-clara, argilosa – Camada muito calcária – Terra castanha clara, muito solta – Camada creme clara, argilosa compacta – Camada castanha escura muito argilosa – Camada castanha escura com muito material e conchas – Camada castanha com muitas conchas, pedras e cerâmica		– Camada castanha com muitas pedras, conchas e cerâmica – Verifica-se que nos vários perfis contíguos as várias camadas identificadas desaparecem abruptamente
230 12	– Camada creme-clara, húmida, argilosa compacta – Camada argilosa, amarelada, Neo/Calc. – Camada creme-clara, muito solta – Camada silto-argilosa, amarelada (Neo-Calc.)	C4	– Camada argilosa amarelada (Neo-Calc.)
245 13	– Rocha da base	C5	– Rocha da base / calcário conquífero

Este corte evidencia claramente a regularização do chão da gruta artificial, sobre o qual se acumularam potentes despejos de entulhos modernos e contemporâneos, a par de reutilização do espaço como cemitério, atestada por diversos enterramentos em caixões de madeira, seccionados pelo corte.

CORTE 6 (Fig. 11; Fig. 17; Fig. 5, em baixo)

Composto por 5 desenhos da autoria de dois intervenientes (Paulo Espírito Santo e Vítor Santos), executado na direcção Oeste-Este.

Os desenhos correspondem às quadrículas H26, H27, H28 e H29 lado sul e à quadrícula I30 lado norte (Ver localização em planta; Fig. 11).

Na Fig. 5, em baixo (perfil norte), é possível observar em pormenor as diferentes camadas identificadas e uma pequena taça completa na Camada 4.

A correlação entre as duas sequências estratigráficas encontra-se resumida no Quadro 6 seguindo os critérios utilizados anteriormente.

Quadro 6 – S. Paulo II. Correlação entre a sequência estratigráfica registada no campo no Corte 6 e a sequência estratigráfica geral.

1989 -1991		2024	
Ref ^a	Descrição da Camada	Camada	Descrição da Camada
031 1	– Camada superficial – Camada superficial, moderna, com algum material (telhas, tijolos, vidros) – Camada superficial, de cor clara, com materiais modernos (telhas, tijoleiras, vidros)	C1	– Camada superficial
2	Camada de argamassa amarelada		– Areão amarelo
010 081 065 3	– Camada de entulho, pedras – Camada acastanhada com pedras, conchas – Terra acastanhada – Camada acastanhada contendo muitas pedras provenientes do desabamento do tecto da gruta	C2	– Camada de entulho solto com muitas pedras
049 030	– Vala de implantação do cano		– Vala de implantação do cano
100 110	– Fogueira de “S. João” – Camada de terra queimada, avermelhada, com cinzas (restos de fogueiras de S. João)		– Fogueira / cinzas / carvão
059 065 4	– Camada castanha escura, com muitas pedras e muitas conchas – Camada de terra castanha escura, com restos de alimentação (conchas), pedras resultantes do desabamento do tecto da gruta e fragmentos de cerâmica	C3	– Camada castanha de entulhos acumulados em diferentes momentos, com muitas pedras, conchas e cerâmica
230 5	– Camada argilosa amarelada (Neo/Calc.) – Camada amarelada argilosa – Camada argilosa, amarelada, com muitos ossos humanos, cerâmica e pedras do tecto da gruta – Camada revolvida, de terra de cor castanha clara, muito solta, anexa a toca de animal	C4	– Camada argilosa amarelada (Neo-Calc.)
171	– Toca – Toca de animal		– Cavidade (toca)
245 6	– Rocha da base – Rocha – Rocha da base (calcário conquífero)	C5	– Rocha da base / calcário conquífero

Com base nas observações efectuadas nos 6 cortes realizados (Fig. 12 a Fig. 17), foi possível definir a sequência estratigráfica conservada na gruta artificial.

Tal sequência que, vista globalmente, assume características semelhantes, seja qual for o local onde tenha sido observada, apresenta-se fortemente perturbada por remeximentos, tanto horizontais como verticais, revelados pela dispersão dos materiais pré-históricos.

Na Fig. 8 apresentam-se dois planos (plano 5 do quadrado I29; e plano 11, do quadrado I30), demonstrativos do aspecto caótico dos materiais arqueológicos presentes, embalados em terras com abundantes blocos de média e grandes dimensões resultantes do desmoronamento das paredes e do tecto da gruta.

O estudo de dispersão de diversos recipientes cujos fragmentos foram registados tridimensionalmente no enchimento da gruta é revelador desta conclusão:

- um vaso em forma de suídeo (Fig. 68, n.º 1), composto por 20 fragmentos, dispersos por 9 quadrados e 13 camadas (Fig. 126);
- Um recipiente com decoração canelada (Fig. 31, n.º 5), composto por 11 fragmentos dispersos por 7 quadrados e 11 camadas (Fig. 122);
- Uma taça com decoração canelada (Fig. 32, n.º 5), composta por 34 fragmentos, dispersos por 5 quadrados e 10 camadas (Fig. 123);
- Uma caçoila campaniforme (Fig. 39, n.º 2), composta por 19 fragmentos dispersos, por 7 quadrados e 14 camadas (Fig. 124);
- Uma taça “tipo Palmela” (Fig. 40, n.º 3), com 25 fragmentos, dispersos por 8 quadrados e 17 camadas (Fig. 125).

Esta realidade é a clara demonstração de que a sequência estratigráfica observada, com base nos seis cortes estratigráficos realizados no enchimento da câmara da gruta artificial resultou de intensas e generalizadas perturbações antrópicas, em boa parte devidas à instalação do cemitério conventual.

Apenas foi registado um enterramento “*in situ*” (enterramento A), durante a escavação, na base do quadrado H28 (Camada 5). Trata-se da sepultura de um indivíduo jovem, que tinha junto de si uma pequena taça carenada, atribuída ao Neolítico Final, correspondente à primeira fase de utilização funerária da gruta (Fig. 10, em baixo). Esta sepultura foi datada pelo radiocarbono, conforme adiante se verá.

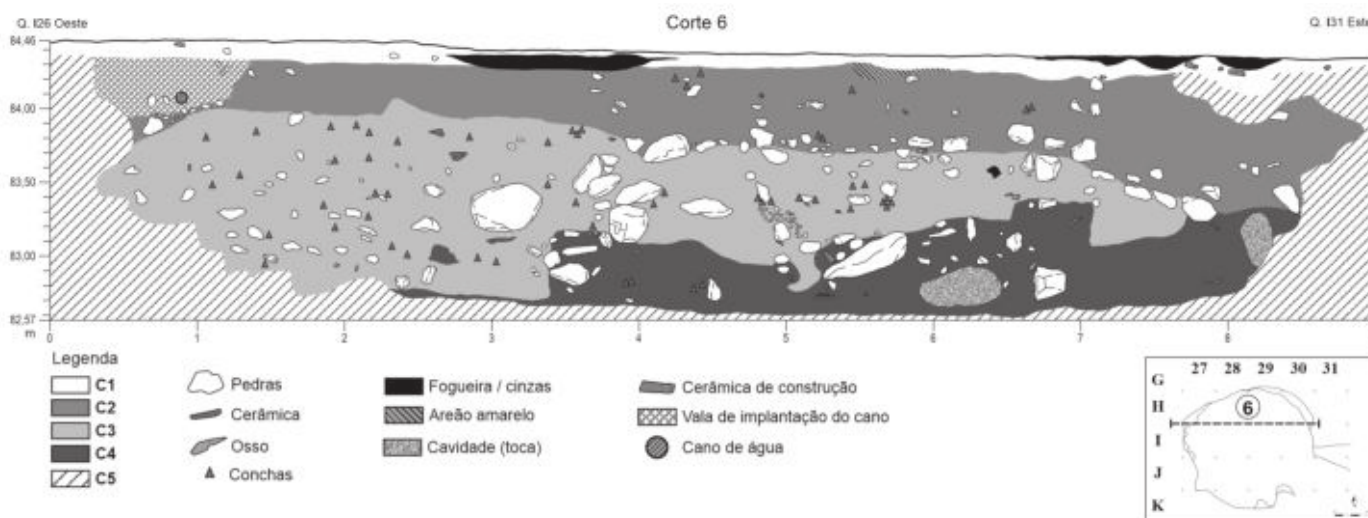


Fig. 17 – S. Paulo II. Corte estratigráfico 6, localizado no terreno na Fig. 11.
Execução gráfica de Bernardo Ferreira, supervisão de João Luís Cardoso.

4 – INVENTÁRIO GERAL DOS ESPÓLIOS

4.1 – Indústria da pedra lascada

4.1.1 – Lascas retocadas, triângulos, trapézios e truncaturas (22 ex.)

- 1 – Lasca retocada de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 3 – H27, plano 2, camada 706; comprimento máximo: 11 mm;
- 2 – Lasca retocada de cristal de rocha (quartzo hialino) – Fig. 18, n.º 4 – K28, plano 3, camada 855; comp. max.: 21 mm;
- 3 – Lasca retocada de cristal de rocha (quartzo hialino) – Fig. 18, n.º 6 – J29, plano 4, camada 208; comp. max.: 24 mm;
- 4 – Lasca retocada de sílex castanho – Fig. 18, n.º 8 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 24 mm;
- 5 – Triângulo de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 1 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 27 mm;
- 6 – Triângulo de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 2 – J31, plano 8, camada 21; comp. max.: 22 mm;
- 7 – Triângulo de sílex castanho – Fig. 18, n.º 5 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 25 mm;
- 8 – Triângulo de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 7 – H29, plano 10, camada 416; comp. max.: 24 mm;
- 9 – Triângulo de sílex castanho – Fig. 18, n.º 10 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 27 mm;
- 10 – Triângulo de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 16 – H27, plano 4, camada 710; comp. max.: 23 mm;
- 11 – Triângulo de sílex castanho – Fig. 18, n.º 17; Fig. 69, n.º 6 – I28, plano 2, camada 506; comp. max.: 28 mm;
- 12 – Triângulo de cristal de rocha (quartzo hialino) – Fig. 18, n.º 18 – H28, plano 5, camada 461; comp. max.: 20 mm;
- 13 – Triângulo de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 19 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 26 mm;
- 14 – Triângulo de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 20; Fig. 69, n.º 3 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 26 mm;
- 15 – Triângulo de sílex castanho – Fig. 18, n.º 21; Fig. 69, n.º 5 – I27, plano 3, camada 809; comp. max.: 21 mm;
- 16 – Trapézio de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 12 – I28, plano 0, camada 503; comp. max.: 23 mm;
- 17 – Trapézio de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 13 – H27, plano 2, camada 706; comp. max.: 28 mm;
- 18 – Trapézio de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 15; Fig. 69, n.º 8 – I28, plano 0, camada 502; comp. max.: 25 mm;
- 19 – Trapézio de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 22; Fig. 69, n.º 4 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 24 mm;
- 20 – Truncatura de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 9; Fig. 69, n.º 2 – K28, plano 3, camada 855; comp. max.: 28 mm;
- 21 – Truncatura de sílex cinzento – Fig. 18, n.º 11; Fig. 69, n.º 1 – H28, plano 5, camada 460; comp. max.: 27 mm;
- 22 – Truncatura de sílex castanho – Fig. 18, n.º 14; Fig. 69, n.º 7 – I27, plano 3, camada 809; comp. max.: 25 mm;

4.1.2 – Núcleos de lamelas de cristal de rocha (quartzo hialino) (4 ex.)

- 23 – Fig. 18, n.º 23; Fig. 69, n.º 14 – J30, plano 7, camada 114; comp. max.: 30 mm;
- 24 – Fig. 18, n.º 24; Fig. 69, n.º 15 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 27 mm;
- 25 – Fig. 18, n.º 25; Fig. 69, n.º 16 – Quadrado J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 17 mm;
- 26 – Fig. 18, n.º 26; Fig. 69, n.º 17 – K28, plano 3, camada 855; comp. max.: 30 mm;

4.1.3 – Lâminas sem retoques (8 ex.)

- 27 – Grande lâmina de sílex rosado, curva (Fig. 19, n.º 6; Fig. 70, n.º 8); I30, plano 2, camada 159; comp. max.: 145 mm;
- 28 – Lâmina de sílex cinzento acastanhado (Fig. 19, n.º 7; Fig. 70, n.º 9); fragmento proximal K29, plano 1, Camada 604; fragmento distal I30, plano final; comp. max.: 98 mm;
- 29 – Lâmina de sílex cinzento acastanhado (Fig. 19, n.º 9; Fig. 70, n.º 10); I27, plano 3, camada 809; comp. max.: 110 mm;
- 30 – Pequena lâmina de sílex cinzento (Fig. 20, n.º 6); I29, plano 0, camada 251; comp. max.: 31 mm;
- 31 – Fragmento proximal de pequena lâmina de sílex cinzento acastanhado (Fig. 20, n.º 3; Fig. 69, n.º 11); I27, plano 2, camada 806; comp. max.: 36 mm;
- 32 – Fragmento proximal de lâmina de sílex cinzento, com presença de córtex (Fig. 20, n.º 4; Fig. 69, n.º 10); J31, plano 7, camada 19; comp. max.: 50 mm;
- 33 – Fragmento proximal de lâmina de sílex cinzento (Fig. 20, n.º 7); H30, camada 357; comp. max.: 35 mm;
- 34 – Fragmento mesial de lâmina de sílex cinzento acastanhado (Fig. 20, n.º 5; Fig. 69, n.º 9); I30, plano 10, camada 182; comp. max.: 45 mm;

4.1.4 – Lâminas retocadas (9 ex.)

- 35 – Grande lâmina de sílex castanho-escuro (Fig. 19, n.º 1; Fig. 70, n.º 1); I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 101 mm;
- 36 – Grande lâmina de sílex castanho rosado (Fig. 19, n.º 2; Fig. 70, n.º 4); J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 103 mm;
- 37 – Lâmina de sílex cinzento acastanhado (Fig. 19, n.º 3; Fig. 70, n.º 5); J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 84 mm;
- 38 – Grande lâmina de sílex cinzento (Fig. 19, n.º 4; Fig. 70, n.º 12); fragmento proximal recolhido à superfície; fragmento mesial J27, plano 2, camada 755; fragmento distal I28, plano 0, camada 509; comp. max.: 141 mm;
- 39 – Lâmina de sílex cinzento com entalhes junto à parte distal da peça (Fig. 19, n.º 5; Fig. 70, n.º 5); fragmento proximal recolhido no K29, plano 1, camada 603; fragmento distal J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 104 mm;
- 40 – Grande lâmina de sílex cinzento-escuro (Fig. 19, n.º 8; Fig. 70, n.º 11); I27, plano 1, camada 805; e J27, plano 3, camada 759; comp. max.: 136 mm;
- 41 – Grande lâmina pontiaguda de sílex cinzento (Fig. 19, n.º 10; Fig. 70, n.º 7); J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 125 mm;
- 42 – Fragmento mesial de lâmina de sílex cinzento, com um dos bordos denticulado e presença de “lustre de cereal” (Fig. 20, n.º 8; Fig. 70, n.º 2); J29, plano 4, camada 208; comp. max.: 58 mm;
- 43 – Fragmento mesial de lâmina de sílex cinzento (Fig. 20, n.º 9; Fig. 70, n.º 6); J28, plano 2, camada 558; comp. max.: 70 mm;

4.1.5 – Furadores (2 ex.)

- 44 – Furador estreito com entalhes sobre lâmina, de sílex cinzento (Fig. 20, n.º 1; Fig. 70, n.º 13); I29, plano 3, camada 255; comp. max.: 60 mm;

45 – Furador estreito sobre lamela, de sílex cinzento acastanhado (Fig. 20, n.º 2; Fig. 70, n.º 12); H28, plano 1, camada 455; comp. max.: 41 mm;

4.1.6 – Lâminas foliáceas (2 ex.)

46 – Sílex rosado, com lascamento/retoque cobridor numa das faces, apresentando-se a outra com lascamento/retoque invasor, ainda com vestígio de córtex e presença de “lustre de cereal”, num dos lados (Fig. 20, n.º 10; Fig. 69, n.º 18) – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 68 mm;

47 – Fragmento de sílex cinzento, com lascamento/retoque cobridor bifacial (Fig. 20, n.º 11; Fig. 69, n.º 19) – I27, plano 1, camada 805; comp. max.: 49 mm;

4.1.7 – Pontas de seta (52 ex.)

4.1.7.1 – Pontas de seta de base convexa (base arredondada, base triangular, pedúnculo) (31 ex.)

48 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 4; Fig. 71, n.º 17 – Quadrado I28, plano 2, camada 506; comp. max.: 26 mm;

49 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 5; Fig. 71, n.º 15 – I28, plano 1, camada 505; comp. max.: 22 mm;

50 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 6 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 17 mm;

51 – Sílex branco – Fig. 22, n.º 7; Fig. 71, n.º 16 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 22 mm;

52 – Cristal de rocha (quartzo hialino) – Fig. 22, n.º 8; Fig. 71, n.º 10 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 27 mm;

53 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 9; Fig. 71, n.º 11 – J27, plano 1, camada 755; comp. max.: 25 mm;

54 – Sílex castanho – Fig. 22, n.º 10 – H27, plano 0, camada 701; comp. max.: 25 mm;

55 – Sílex castanho – Fig. 22, n.º 12; Fig. 71, n.º 20 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 37 mm;

56 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 13; Fig. 71, n.º 19 – I29, plano 0, camada 251; comp. max.: 26 mm;

57 – Sílex castanho – Fig. 22, n.º 14 – H27, plano 2, camada 706; comp. max.: 22 mm;

58 – Sílex castanho – Fig. 22, n.º 15 – H27, plano 2, camada 706; comp. max.: 32 mm;

59 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 17; Fig. 71, n.º 22 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 28 mm;

60 – Calcedónia – Fig. 22, n.º 18; Fig. 71, n.º 24 – I27, plano 3, camada 809; comp. max.: 28 mm;

61 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 19; Fig. 71, n.º 23 – H28, plano 5, camada 461; comp. max.: 33 mm;

62 – Sílex castanho – Fig. 23, n.º 1; Fig. 71, n.º 18 – I30, plano 9, camada 180; comp. max.: 35 mm;

63 – Sílex castanho – Fig. 23, n.º 2; Fig. 71, n.º 25 – I28, plano 2, camada 506; comp. max.: 28 mm;

64 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 3; Fig. 71, n.º 14 – I30, plano 12, camada 191; comp. max.: 28 mm;

65 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 4; Fig. 71, n.º 27 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 29 mm;

66 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 5 – I27, plano 3, camada 808; comp. max.: 22 mm;

67 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 6; Fig. 71, n.º 28 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 36 mm;

68 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 7 – J29, plano 4, camada 208; comp. max.: 28 mm;

69 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 8 – I30, plano 11, camada 188; comp. max.: 22 mm;

70 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 9 – J27, plano 2, camada 759; comp. max.: 24 mm;

71 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 10; Fig. 71, n.º 26 – H29, plano 7, camada 410; comp. max.: 32 mm;

72 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 11 – H28, plano 2, camada 457; comp. max.: 24 mm;

73 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 12 – K29, plano 1, camada 604; comp. max.: 19 mm;

74 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 13 – J29, plano 4, camada 209; comp. max.: 28 mm;

75 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 14; Fig. 71, n.º 21 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 35 mm;

- 76 – Sílex castanho – Fig. 23, n.º 15 – K29, limpeza perfil; comp. max.: 23 mm;
- 77 – Sílex cinzento – Fig. 23, n.º 16 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 25 mm;
- 78 – Sílex castanho – Fig. 23, n.º 17; Fig. 71, n.º 13 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 40 mm;

4.1.7.2 – Pontas de seta de base recta (5 ex.)

- 79 – Cristal de rocha (quartzo hialino) – Fig. 21, n.º 11; Fig. 71, n.º 9 – H28, plano 2, camada 457; comp. max.: 20 mm;
- 80 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 15 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 30 mm;
- 81 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 2 – I28, plano 3, camada 509; comp. max.: 20 mm;
- 82 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 11 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 30 mm;
- 83 – Sílex castanho – Fig. 22, n.º 16 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 28 mm;

Pontas de seta de base côncava: 13 exemplares

- 84 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 4; Fig. 71, n.º 1 – I27, plano 1, camada 805; comp. max.: 40 mm;
- 85 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 5 – I27, plano 3, camada 808; comp. max.: 32 mm;
- 86 – Sílex castanho – Fig. 21, n.º 6; Fig. 71, n.º 5 – I29, plano 4, camada 256; comp. max.: 30 mm;
- 87 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 7; Fig. 71, n.º 4 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 35 mm;
- 88 – Sílex rosado – Fig. 21, n.º 8; Fig. 71, n.º 3 – I30, plano 11, camada 188; comp. max.: 30 mm;
- 89 – Sílex castanho – Fig. 21, n.º 9; Fig. 71, n.º 2 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 38 mm;
- 90 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 10; Fig. 71, n.º 6 – I28, plano 0, camada 503; comp. max.: 35 mm;
- 91 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 12 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 10 mm;
- 92 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 13; Fig. 71, n.º 8 – H28, plano 0, camada 451; comp. max.: 28 mm;
- 93 – Sílex castanho – Fig. 21, n.º 14; Fig. 71, n.º 7 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 39 mm;
- 94 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 16; Fig. 71, n.º 12 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 44 mm;
- 95 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 1 – I30, plano 12, camada 191; comp. max.: 28 mm;
- 96 – Sílex cinzento – Fig. 22, n.º 3 – J28, plano 2, camada 558; comp. max.: 22 mm;

Pontas de seta de tipo indeterminado (3 ex.)

- 97 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 1 – H27, plano 2, camada 706; comp. max.: 24 mm;
- 98 – Sílex cinzento – Fig. 21, n.º 2 – K29, plano 1, camada 604; comp. max.: 28 mm;
- 99 – Sílex castanho – Fig. 21, n.º 3 – I28, plano 3, camada 509; comp. max.: 26 mm;

4.2 – Indústria da pedra polida

4.2.1 – Machados (4 ex.)

- 100 – Rocha negra microcristalina compatível com rocha dolerítica – Fig. 24, n.º 1; Fig. 72, n.º 2 – J30, plano 7, camada 114; comp. max.: 78 mm;
- 101 – Rocha anfibolítica – Fig. 24, n.º 3; Fig. 72, n.º 4 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 77 mm;
- 102 – Rocha anfibolítica – Fig. 25, n.º 1; Fig. 72, n.º 5 – I29, plano 0, camada 251; comp. max.: 112 mm;
- 103 – Rocha anfibolítica – Fig. 25, n.º 2; Fig. 72, n.º 3 – J30, plano 6, camada 113. comp. max.: 88 mm;

4.2.2 – Enxós (2 ex.)

- 104 – Xisto silicioso compatível com “Xisto do Ramalhão” – Fig. 24, n.º 2; Fig. 72, n.º 1 – H28, plano 3, camada 458; comp. max.: 117 mm;
- 105 – Fragmento de rocha anfibolítica – Fig. 24, n.º 4; Fig. 72, n.º 6 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 54 mm;

4.2.3 – Escopro (1 ex.)

- 106 – Rocha anfibolítica – Fig. 25, n.º 3; Fig. 72, n.º 7 – J27, plano 2, camada 759; comp. max.: 119 mm;

4.3 – Pedra afeixoadada

4.3.1 – Placas de arenito (4 ex.)

- 107 – Fig. 26, n.º 1; Fig. 73, n.º 2 – J28; comp. max.: 45 mm;
- 108 – Fig. 26, n.º 2; Fig. 73, n.º 3 – J28; comp. max.: 98 mm;
- 109 – Exemplar completo; Fig. 26, n.º 3; Fig. 73, n.º 1 – I30, plano 14, camada 196; comp. max.: 158 mm;
- 110 – Fig. 26, n.º 4 – J30;

4.3.2 – Dormente (1 ex.)

- 111 – Arenito quartzítico – Fig. 74, n.º 1 – H29, plano 8, camada 411; comp. max.: 30 mm;

4.4 – Produções cerâmicas

4.4.1 – Recipientes lisos

Forma 1 – recipiente globular (1 ex.)

- 112 – Fig. 27, n.º 6 – Diâm., 17 cm.; H28;

Forma 2 – recipiente esférico (25 ex.)

- 113 – Fig. 27, n.º 4 – SP II: 1377; Diâm., 16 cm; I29;
- 114 – Fig. 27, n.º 2 – SP II: 131; Diâm., 10,5 cm; J30, plano 7, camada 114;
- 115 – Fig. 27, n.º 1 – SP II: 1365; Diâm., 10,4 cm; J28;
- 116 – Fig. 27, n.º 3 – SP II: 313; Diâm., 6,7 cm; plano 4, camada 208;
- 117 – SP II: 1590 – Diâm., 14 cm;
- 118 – SP II: 1522 – Diâm., 18 cm;
- 119 – SP II: 1527 – Diâm., 18 cm; esp., 0,7 cm;
- 120 – SP II: 1509 – Diâm., 6 cm;
- 121 – SP II: 1500 – Diâm., 16 cm;
- 122 – SP II: 1487 – Diâm., 20 cm.; K28, camada 855;
- 123 – SP II: 1443 – Diâm., 14 cm; esp., 0,6 cm;
- 124 – SP II: 1440 – Diâm., 10 cm; esp., 0,7 cm;
- 125 – Fragmentos com marcas de roedores no interior e exterior do recipiente; SP II: 1514 – Diâm., 14 cm; alt., 10,1 cm; esp., 0,8 cm;

126 – SP II: 1517 – Diâm., 22 cm; alt., 9,9 cm; esp., 0,8 cm;
127 – SP II: 1512 – Diâm., 16 cm. I29, camada 257;
128 – SP II: 1513 – Diâm., 11 cm;
129 – SP II: 1515 – Diâm., 16 cm;
130 – SP II: 1511 – Diâm., 14 cm;
131 – SP II: 1510 – Diâm., 12 cm;
132 – SP II: 1359 – Diâm., 8,5 cm;
133 – SP II: 1361 – Diâm., 14 cm;
134 – SP II: 124 – Diâm., 14 cm;
135 – SP II: 552 – Diâm., 6 cm;
136 – SP II: 1340 – Diâm., 19,7 cm;
137 – SP II: 1412 – Diâm., 14,7 cm;

Forma 3 – Vaso esférico de bordo espessado (3 ex.)

138 – SP II: 1441 – Diâm., 14 cm;
139 – SP II: 1519 – Diâm., 36 cm;
140 – Fig. 27, n.º 5 – SP II: 1339; Diâm., 16 cm; J28;

Forma 4 – Vaso de paredes rectas / copo (7 ex.)

141 – Fig. 28, n.º 2; Fig. 75, n.º 5 – SP II: 544; Diâm., 5,4 cm; J28, plano 3, camada 560;
142 – Fig. 28, n.º 1; Fig. 75, n.º 4 – SP II: 1348; Diâm., 11 cm; I28;
143 – SP II: 1447 – Diâm., 18 cm;
144 – SP II: 1370 – Diâm., 22 cm;
145 – SP II: 1344 – Diâm., 10,8 cm;
146 – SP II: 1350 – Diâm., 20 cm. I28, camada 506;
147 – SP II: 1360 – Diâm., 16 cm;

Forma 5 – Taça carenada (7 ex.)

148 – Fig. 28, n.º 3 – SP II: 128 – Diâm., 10,3 cm. H29, plano 12, camada 422;
149 – Fig. 28, n.º 4 – SP II: 1356 – Diâm., 11,5 cm; I28, camada 509;
150 – SP II: 548 – Diâm., 13,5 cm.; I28, plano 3, camada 509;
151 – SP II: 1493 – Diâm., 14 cm; H30, camada 359;
152 – SP II: 1507 – Diâm., 9 cm;
153 – SP II: 1497 – Diâm., 14 cm;
154 – Fig. 28, n.º 5 – SP II: 1446; Diâm., 42 cm. I29;

Forma 6 – Taça de bordo “em aba” (5 ex.)

155 – Fig. 28, n.º 6; Fig. 76, n.º 3 – SP II: 1422; Diâm., 19 cm; I28;
156 – SP II: 1491 – Diâm., 24 cm;
157 – SP II: 1502 – Diâm., 24 cm;
158 – SP II: 1431 – Diâm., 28 cm;
159 – SP II: 1403 – Diâm., 27 cm;

Forma 7 – Taça em calote (55 ex.)

160 – SP II: 123 – Diâm., 14,5 cm;

- 161 – Fig. 28, n.º 10 – SP II: 171; Diâm., 11,5 cm; I29, plano 4, camada 257;
 162 – SP II: 538 – Diâm., 10 cm.; J28, plano 4, camada 561;
 163 – SP II: 1411 – Diâm., 18 cm;
 164 – SP II: 545 – Diâm., 7,1 cm.; I28, plano 3, camada 509;
 165 – Fig. 28, n.º 12 – SP II: 534; Diâm., 13 cm. H28, plano 5, camada 461;
 166 – SP II: 1498 – Diâm., 8 cm.; H27, camada 702;
 167 – SP II: 1505 – Diâm., 14 cm.; J31, camada 19;
 168 – SP II: 1508 – Diâm., 18 cm;
 169 – SP II: 1501 – Diâm., 12 cm.; I29, camada 258;
 170 – SP II: 1486 – Diâm., 12 cm;
 171 – SP II: 1494 – Diâm., 20 cm;
 172 – SP II: 1488 – Diâm., 18 cm;
 173 – SP II: 1484 – Diâm., 16 cm;
 174 – SP II: 1504 – Diâm., 8 cm. I27, camada 808;
 175 – SP II: 1485 – Diâm., 14 cm.; I30, camada 190;
 176 – SP II: 1503 – Diâm., 14 cm.; J29, camada 210;
 177 – SP II: 1444 – Diâm., 10 cm; plano 1, camada 758;
 178 – SP II: 1442 – Diâm., 16 cm;
 179 – SP II: 1445 – Diâm., 9 cm; plano 3, camada 557;
 180 – SP II: 1516 – Diâm., 14 cm;
 181 – SP II: 1518 – Diâm., 11 cm;
 182 – SP II: 1520 – Diâm., 13 cm; I30, camada 194;
 183 – SP II: 1371 – Diâm., 10 cm;
 184 – SP II: 1383 – Diâm., 14 cm;
 185 – SP II: 1374 – Diâm., 11 cm;
 186 – SP II: 1379 – Diâm., 12 cm;
 187 – SP II: 1375 – Diâm., 14 cm.; I28, camada 509;
 188 – SP II: 1373 – Diâm., 10,5 cm;
 189 – SP II: 1381 – Diâm., 25 cm;
 190 – SP II: 1413 – Diâm., 13 cm;
 191 – SP II: 1402 – Diâm., 14 cm;
 192 – SP II: 1420 – Diâm., 15 cm;
 193 – SP II: 1419 – Diâm., 11 cm;
 194 – SP II: 1418 – Diâm., 12 cm;
 195 – Com marcas de roedores junto ao bordo e fundo com “omphalos” de 1,5 cm de diâm. – Fig. 28, n.º 9 –
 SP II: 1424 – Diâm., 9 cm.; H30;
 196 – SP II: 1421 – Diâm., 20 cm;
 197 – SP II: 1433 – Diâm., 10 cm;
 198 – SP II: 1439 – Diâm., 13 cm;
 199 – SP II: 1435 – Diâm., 16 cm.
 200 – SP II: 1438 – Diâm., 17 cm;
 201 – SP II: 4 – Diâm., 17,5 cm;
 202 – SP II: 162 – Diâm., 8,5 cm; I29, plano 4, camada 256.

203 – SP II: 543 – Diâm., 11,5 cm;
 204 – SP II: 546 – Diâm., 11 cm; plano 2, camada 759;
 205 – SP II: 535 – Diâm., 11,2 cm; plano 3, camada 808;
 206 – SP II: 547 – Diâm., 9 cm.; J29, camada 210;
 207 – SP II: 550 – Diâm., 13 cm.; I28, plano 3, camada 509;
 208 – SP II: 551 – Diâm., 13 cm.; I28, talude;
 209 – Fig. 28, n.º 11 – SP II: 1347; Diâm., 13 cm.; I29;
 210 – SP II: 1351 – Diâm., 13 cm;
 211 – SP II: 1357 – Diâm., 15 cm;
 212 – SP II: 1430 – Diâm., 28,5 cm;
 213 – Fig. 28, n.º 7 – SP II: 1322; Diâm., 4,4 cm; H27, camada 710;
 214 – Fig. 28, n.º 8 – SP II: 1417; Diâm., 4,5 cm; I30;

Forma 8 – Prato (3 ex.)

215 – SP II: 1528 – Diâm., 10 cm; J30, camada 113;
 216 – SP II: 539 – Diâm., 15 cm; J28, plano 4, camada 561;
 217 – Fig. 28, n.º 13 – SP II: 542; Diâm., 14,5 cm; J28, plano 3, camada 560;

4.4.2 – Lucernas (3 ex.)

218 – Fig. 29, n.º 1; Fig. 77, n.º 2 – I29, plano 5, camada 258;
 219 – Fig. 29, n.º 2 – J29, perfil sul;
 220 – Fig. 29, n.º 3; Fig. 77, n.º 1 – I28, plano 3, camada 509;

4.4.3 – Cossoiro (1 ex.)

221 – Fig. 51, n.º 1; Fig. 93, n.º 1 – H27, plano 3, camada 708; Diâm. max.: 40 mm;

4.4.4 – Cerâmicas decoradas não campaniformes

4.4.4.1 – Cerâmicas com decoração canelada (18 ex.)

222 – Fundo de copo decorado com caneluras organizadas obliquamente para um e outro lado, interrompidas por caneluras verticais – Fig. 30, n.º 1, Fig. 79, n.º 5 – I29;
 223 – Fundo de copo decorado com caneluras organizadas obliquamente para um e outro lado, interrompidas por caneluras verticais – Fig. 30, n.º 2; Fig. 79, n.º 3 – I30, plano 4, camada 194;
 224 – Copo com perfil completo, com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 30, n.º 3 – J30;
 225 – Copo com perfil completo, com decoração canelada em torno do bordo e do fundo – Fig. 30, n.º 4 – I30;
 226 – Recipiente com decoração incisa em espinha – Fig. 30, n.º 5; Fig. 79, n.º 4 – J31;
 227 – Taça baixa com bordo espessado com decoração interna canelada organizada obliquamente – Fig. 31, n.º 1; Fig. 79, n.º 1 – H29, camada 406;
 228 – Recipiente com decoração canelada – Fig. 31, n.º 2 – H28, camada 457;
 229 – Prato com decoração interna serpentiforme – Fig. 31, n.º 3 – J29;
 230 – Taça com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 31, n.º 4; Fig. 81, n.º 3 – J30, plano 7, camada 114;

- 231 – Taça com decoração canelada, junto ao bordo, com perfuração – Fig. 31, n.º 5; Fig. 82, n.º 3 – J30;
- 232 – Taça com decoração a punção rombo, perpendiculares ao bordo – Fig. 31, n.º 6 – J28;
- 233 – Fragmento de taça com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 32, n.º 1; Fig. 81, n.º 2 – I31, camada 51;
- 234 – Fragmentos de taça com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 32, n.º 2 – J30;
- 235 – Pequena taça com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 32, n.º 3; Fig. 79, n.º 2 – J28, plano 3, camada 560;
- 236 – Fragmento de taça com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 32, n.º 4; Fig. 78, n.º 1 – J28;
- 237 – Taça, com perfil completo, com decoração canelada junto ao bordo – Fig. 32, n.º 5; Fig. 78, n.º 2 – J30;
- 238 – Taça, com perfil completo, decorada com caneluras horizontais junto ao bordo, associadas a bandas de linhas organizadas obliquamente para um e outro lado. Presença de duas perfurações junto ao bordo – Fig. 32, n.º 6; Fig. 80, n.º 1 – I29;
- 239 – Vaso de paredes verticais com decoração incisa, com caneluras associadas a motivos serpentiformes e ondulados – Fig. 50, n.º 2; Fig. 92, n.º 2 – I30;

4.4.5 – Cerâmica pintada (1 ex.)

- 240 – Vaso de paredes verticais e fundo fortemente convexo, com decoração externa pintada de coloração vermelha (orante?) – Fig. 50, n.º 1; Fig. 92, n.º 1 – J29, plano 5, camada 210;

4.4.6 – Cerâmicas campaniformes (39 ex.)

- 241 – Vaso “marítimo” de bojo arredondado, com “omphalos”. Técnica pontilhada; Fig. 33, n.º 1; Fig. 83, n.º 5 – J28, plano 2, camada 558;
- 242 – Vaso “marítimo” de bojo arredondado. Técnica pontilhada, com preenchimento a pasta branca – Fig. 34, n.º 1; Fig. 87, n.º 3 – J30;
- 243 – Fragmento de vaso de tipo “garrafa”, com decoração junto ao bordo. Técnica pontilhada – Fig. 35, n.º 1; Fig. 85, n.º 4 – I30;
- 244 – Caçoila com decoração mista (pontilhada, incisa e impressa), com “omphalos” – Fig. 35, n.º 2; Fig. 87, n.º 2 – I28, plano 3, camada 509;
- 245 – Caçoila com decoração incisa / impressa, com preenchimento a pasta branca – Fig. 35, n.º 3; Fig. 83, n.º 3 – J28;
- 246 – Fragmentos de vaso “marítimo”. Técnica pontilhada – Fig. 36, n.º 1 – H30, camada 364;
- 247 – Fragmentos de vaso “marítimo”. Técnica pontilhada – Fig. 36, n.º 2; Fig. 85, n.º 2 – H27;
- 248 – Fragmentos de vaso “marítimo”. Técnica pontilhada – Fig. 36, n.º 3 – J27;
- 249 – Fragmentos de caçoila com decoração pontilhada – Fig. 37, n.º 1; Fig. 85, n.º 1 – I27;
- 250 – Caçoila com decoração pontilhada, com preenchimento a pasta branca – Fig. 37, n.º 2; Fig. 85, n.º 3 – J30;
- 251 – Fragmentos de caçoila com decoração pontilhada – Fig. 37, n.º 3; Fig. 84, n.º 1 – H30;
- 252 – Fragmentos de caçoila com decoração pontilhada, com “omphalos” – Fig. 38, n.º 1; Fig. 86, n.º 1 – J28;
- 253 – Fragmentos de caçoila com decoração pontilhada – Fig. 38, n.º 2; Fig. 84, n.º 2 – I30, plano 12, camada 191;
- 254 – Caçoila com decoração pontilhada, com preenchimento a pasta branca – Fig. 38, n.º 3; Fig. 83, n.º 2 – J30;

- 255 – Fragmentos de caçoila com decoração mista (pontilhada, incisa e impressa), e fundo decorado – Fig. 39, n.º 1; Fig. 84, n.º 3 – J31;
- 256 – Caçoila com decoração pontilhada – Fig. 39, n.º 2; Fig. 83, n.º 4 – J28;
- 257 – Caçoila com decoração pontilhada, com “omphalos” – Fig. 39, n.º 3; Fig. 83, n.º 1 – H28;
- 258 – Taça com decoração pontilhada, com “omphalos” – Fig. 40, n.º 1; Fig. 91, n.º 2 – J28;
- 259 – Taça com decoração pontilhada, com “omphalos” e lábio decorado por conjuntos de linhas oblíquas espaçadas – Fig. 40, n.º 2 – J28;
- 260 – Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada, com “omphalos” – Fig. 40, n.º 3; Fig. 91, n.º 4 – I30;
- 261 – Taça “tipo Palmela” com decoração incisa e impressa, com “omphalos” – Fig. 41, n.º 1; Fig. 87, n.º 1 – I29;
- 262 – Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada – Fig. 41, n.º 2; Fig. 91, n.º 3 – J28;
- 263 – Taça “tipo Palmela” com decoração incisa e impressa, com “omphalos” – Fig. 42, n.º 1; Fig. 91, n.º 5 – I28;
- 264 – Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada, com “omphalos” – Fig. 43, n.º 1; Fig. 88, n.º 1 – J29;
- 265 – Taça “tipo Palmela” com decoração incisa e impressa, com preenchimento a pasta branca, com “omphalos” – Fig. 44, n.º 1 – H29;
- 266 – Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada – Fig. 45, n.º 1 – H29;
- 267 – Taça de bordo reentrante com decoração pontilhada e lábio decorado por linhas oblíquas – Fig. 46, n.º 1, Fig. 85, n.º 5 – J29;
- 268 – Taça completa com decoração pontilhada, com “omphalos” – Fig. 46, n.º 2; Fig. 91, n.º 1 – I28;
- 269 – Taça com decoração pontilhada – Fig. 46, n.º 3 – I29;
- 270 – Taça com decoração pontilhada – Fig. 47, n.º 1; Fig. 86, n.º 3 – I27;
- 271 – Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada – Fig. 47, n.º 2; Fig. 86, n.º 2 – I28;
- 272 – Taça completa com decoração pontilhada, com “omphalos” decorado – Fig. 48, n.º 1; Fig. 90, n.º 2 – J28;
- 273 – Taça completa com decoração pontilhada, com preenchimento a pasta branca, com “omphalos” – Fig. 48, n.º 2; Fig. 90, n.º 1 – I28;
- 274 – Fragmento de taça com decoração incisa – Fig. 49, n.º 1; Fig. 81, n.º 1 – J28;
- 275 – Fragmento de taça com decoração incisa / impressa – Fig. 49, n.º 2; Fig. 82, n.º 1 – I30;
- 276 – Fragmento de taça com decoração incisa – Fig. 49, n.º 3 – H28;
- 277 – Fragmento de taça “tipo Palmela”, com decoração pontilhada – Fig. 49, n.º 4 – J31, camada 19;
- 278 – Taça com decoração incisa / impressa, com “omphalos” – Fig. 49, n.º 5; Fig. 82, n.º 2 – J30;
- 279 – Taça completa com decoração incisa / impressa (pseudo-excisa), com “omphalos” – Fig. 49, n.º 6; Fig. 89, n.º 1 – H29;

4.5 – Artefactos de osso e de marfim (9 ex.)

- 280 – Fragmento mesial de furador – Fig. 51, n.º 2 – J27, plano 0, camada 754; comp. max.: 35 mm;
- 281 – Fragmentos de furador – Fig. 51, n.º 3 – J27, plano 1, camada 758 e 755; comp. max.: 30 e 39 mm;
- 282 – Espátula – Fig. 51, n.º 4; Fig. 93, n.º 2 – I27, plano 3, camada 809; comp. max.: mm;
- 283 – Recipiente cilíndrico decorado de marfim – Fig. 52, n.º 1; Fig. 94, n.º 3 – J30; comp. max.: 62 mm;
- 284 – Recipiente cilíndrico liso de osso – Fig. 52, n.º 2; Fig. 94, n.º 2 – H29; comp. max.: 52 mm;
- 285 – Recipiente cilíndrico decorado de marfim – Fig. 53, n.º 1; Fig. 94, n.º 1 – H28; comp. max.: 65 mm;

- 286 – Fragmento de recipiente cilíndrico decorado de osso – Fig. 53, n.º 2 – H28, plano 5, camada 460; comp. max.: 27 mm;
- 287 – Recipiente cilíndrico de osso – Fig. 53, n.º 3; Fig. 94, n.º 4 – Exemplar completo; H30, plano 5, camada 364; comp. max.: 64 mm;
- 288 – Recipiente cilíndrico de osso – Fig. 53, n.º 4 – I29, plano 4, camada 257; comp. max.: 43 mm

4.6 – Artefactos de cobre (11 ex.)

- 289 – Punção – Fig. 54, n.º 2; Fig. 95, n.º 3 – H29, plano 2, camada 405; comp. max.: 70 mm;
- 290 – Punção – Fig. 54, n.º 3 – H27, plano 2, camada 706;
- 291 – Punção – Fig. 54, n.º 5 – I27, plano 1, camada 805;
- 292 – Punção – Fig. 54, n.º 6 – J28, plano 4, camada 561;
- 293 – Punção – Fig. 54, n.º 7 – J29, plano 5, camada 210;
- 294 – Punção – Fig. 54, n.º 8 – J29, plano 5, camada 210;
- 295 – Punção – Fig. 54, n.º 9 – I27, plano 3, camada 808;
- 296 – Escopro ou formão – Fig. 54, n.º 1; Fig. 95, n.º 2 – J31, plano 8, camada 21; comp. max.: 74 mm;
- 297 – Escopro ou formão – Fig. 54, n.º 4 – H28, plano 5, camada 461;
- 298 – Anzol de secção sub-quadrangular – Fig. 54, n.º 10; Fig. 95, n.º 1 – I28, plano 3, camada 509;
- 299 – Fragmento distal de provável espada curta com indício de dobragem intencional – Fig. 54, n.º 11; Fig. 95, n.º 4 – H27, plano 2, camada 706;

4.7 – Adornos e peças de indumentária

4.7.1 – Defesas de javali

- 300 – Fig. 51, n.º 5; Fig. 93, n.º 3 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 119 mm;
- 301 – Fig. 51, n.º 6; Fig. 93, n.º 5 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 92 mm;
- 302 – Fig. 51, n.º 7; Fig. 93, n.º 4 – J28, camada 509; I28, camada 503; I27, camada 805; comp. max.: 111 mm;

4.7.2 – Contas de colar

- 303 – Azeviche – Fig. 55, n.º 1; Fig. 96, n.º 5 – I28, plano 3, camada 509;
- 304 – Azeviche – Fig. 55, n.º 3 – J28, plano 3, camada 560;
- 305 – Azeviche – Fig. 55, n.º 4; Fig. 96, n.º 7 – J27, plano 2, camada 759;
- 306 – Azeviche – Fig. 55, n.º 5; Fig. 96, n.º 3 – J28, plano 4, camada 561;
- 307 – Azeviche – Fig. 55, n.º 6; Fig. 96, n.º 4 – K29, limpeza perfil sul;
- 308 – Azeviche – Fig. 55, n.º 16; Fig. 96, n.º 6 – J30, plano 7, camada 114;
- 309 – Âmbar – Fig. 55, n.º 2 – J29, plano 5, camada 210;
- 310 – Âmbar – Fig. 55, n.º 15 – J28, plano 4, camada 561;
- 311 – Âmbar – Fig. 55, n.º 17; Fig. 96, n.º 2 – H29, plano 9, camada 413;
- 312 – Cristal de rocha – Fig. 55, n.º 7; Fig. 96, n.º 1 – J27, plano 0, camada 752;
- 313 – Cerâmica – Fig. 55, n.º 8; Fig. 96, n.º 10 – J27, plano 2, camada 759;
- 314 – *Trivia* sp. – Fig. 55, n.º 9 – J28, plano 3, camada 560;
- 315 – *Trivia* sp. – Fig. 55, n.º 10 – I27, plano 3, camada 809;
- 316 – *Trivia* sp. – Fig. 55, n.º 11 – J27, plano 2, camada 759;

- 317 – *Trivia* sp. – Fig. 55, n.º 12 – I27, plano 1, camada 809;
- 318 – *Nassarius* sp. – Fig. 55, n.º 13 – J28, plano 3, camada 560;
- 319 – Osso – Fig. 55, n.º 14; Fig. 96, n.º 8 – I29, plano 5, camada 258;
- 320 – Variscite – Fig. 55, n.º 18; Fig. 96, n.º 9 – I28, plano 0, camada 503;
- 321 – Colar composto por 311 contas discóides de concha ou de calcário das quais se desenharam e se indicou a proveniência dos seguintes exemplares: Fig. 56, n.º 1 – I27, plano 3, camada 809; Fig. 56, n.º 2 – I27, plano 3, 809; Fig. 56, n.º 3 – K29, plano 1, camada 604; Fig. 56, n.º 4 – I28, plano 3, camada 509; Fig. 56, n.º 5 – J27, plano 2, camada 759;
- 322 e 323 – Dois colares compostos por 349 contas discóides de xisto das quais se desenharam e se indicou a proveniência dos seguintes exemplares: Fig. 56, n.º 6 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 56, n.º 7 – J30, plano 7, camada 114; Fig. 56, n.º 8 – J30, plano 7, camada 114;
- 324 – Colar composto por 80 contas de variscite, com formatos e tamanhos diversos, das quais se desenharam e se indicou a proveniência dos seguintes exemplares: Fig. 57, n.º 1 – J30, plano 7, camada 114; Fig. 57, n.º 2 – sem contexto; Fig. 57, n.º 3 – J30, plano 6, camada 113; Fig. 57, n.º 4 – I30, plano 10, camada 182; Fig. 57, n.º 5 – sem contexto;
- Fig. 57, n.º 6 – J29, plano 5, camada 209; Fig. 57, n.º 7 – J30, plano 7, camada 114; Fig. 57, n.º 8 – J29, plano 5, camada 210; Fig. 57, n.º 9 – J29, plano 5, camada 210;
- Fig. 57, n.º 10 – H29, plano 11, camada 418; Fig. 57, n.º 11 – H30, plano 1, camada 355;
- Fig. 57, n.º 12 – sem contexto; Fig. 57, n.º 13 – sem contexto; Fig. 57, n.º 14 – sem contexto;
- 325 – Colar composto por 195 contas de variscite, com formatos e tamanhos diversos, das quais se desenharam e se indicou a proveniência dos seguintes exemplares: Fig. 58, n.º 1 – K28, plano 3, camada 855; Fig. 58, n.º 2 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 3 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 4 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 5 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 6 – K29, plano 1, camada 604; Fig. 58, n.º 7 – J28, plano 3, camada 560; Fig. 58, n.º 8 – J27, plano 2, camada 759; Fig. 58, n.º 9 – K28, plano 3, camada 855; Fig. 58, n.º 10 – K28, plano 3, camada 855; Fig. 58, n.º 11 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 12 – sem contexto; Fig. 58, n.º 13 – J27, plano 2, camada 759;
- Fig. 58, n.º 14 – H27, plano 2, camada 706; Fig. 58, n.º 15 – K29, plano 1, camada 604;
- Fig. 58, n.º 16 – J27, plano 2, camada 759; Fig. 58, n.º 17 – H27, plano 1, camada 704;
- Fig. 58, n.º 18 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 19 – J27, plano 1, camada 758;
- Fig. 58, n.º 20 – J28, plano 3, camada 560; Fig. 58, n.º 21 – K28, plano 3, camada 855;
- Fig. 58, n.º 22 – I28, plano 0, camada 503; Fig. 58, n.º 23 – sem contexto; Fig. 58, n.º 24 – I28, plano 2, camada 507; Fig. 58, n.º 25 – J27, plano 2, camada 759; Fig. 58, n.º 26 – K29, plano 1, camada 603;
- Fig. 58, n.º 27 – K28, plano 3, camada 855; Fig. 58, n.º 28 – J28, plano 4, camada 561; Fig. 58, n.º 29 – J28, plano 2, camada 558;
- Fig. 68, n.º 8 – Conta de fluorite de assinaláveis dimensões, decorada por gravação geométrica, que não foi possível localizar no acervo do Museu de Almada no decurso do presente trabalho. Esta conta foi publicada (ODRIOZOLA et al., 2021), possuindo o número de inventário – MMA – 6860.

4.7.3 – Botões campaniformes com perfuração em “V” (29 ex.)

- 326 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 2; Fig. 97, n.º 7 – J29, plano 7, camada 209; comp. max.: 38 mm;

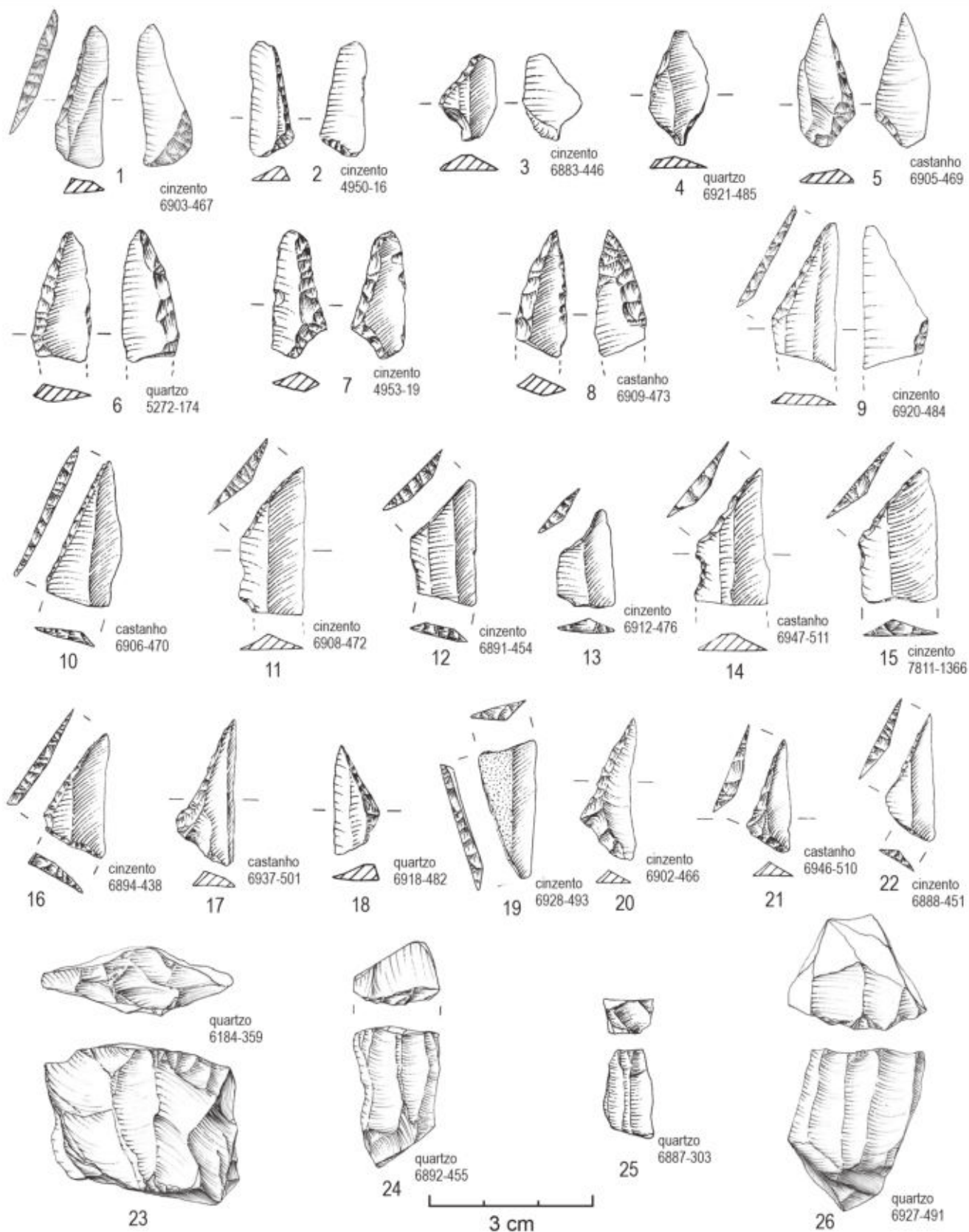


Fig. 18 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada: triângulos (n.º 1, 2, 5, 7, 10, 16 a 21); trapézios (n.º 12, 13, 15, 22); truncaturas (n.º 9, 11, 14); lascas retocadas (n.º 3, 4, 6 e 8); e núcleos (n.º 23 a 26). Desenhos de Filipe Martins.

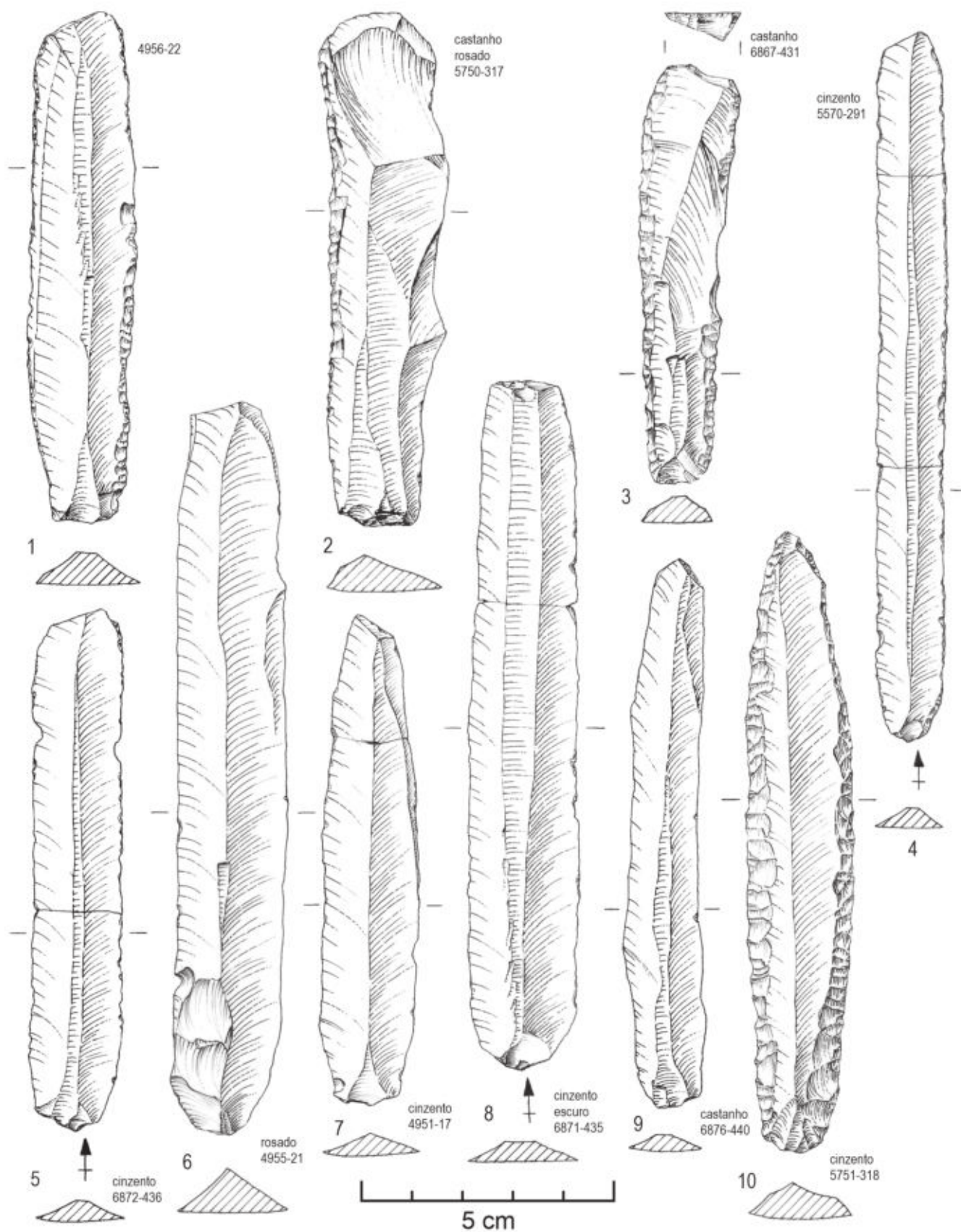


Fig. 19 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada: lâminas (n.º 1 a 10). Desenhos de Filipe Martins.

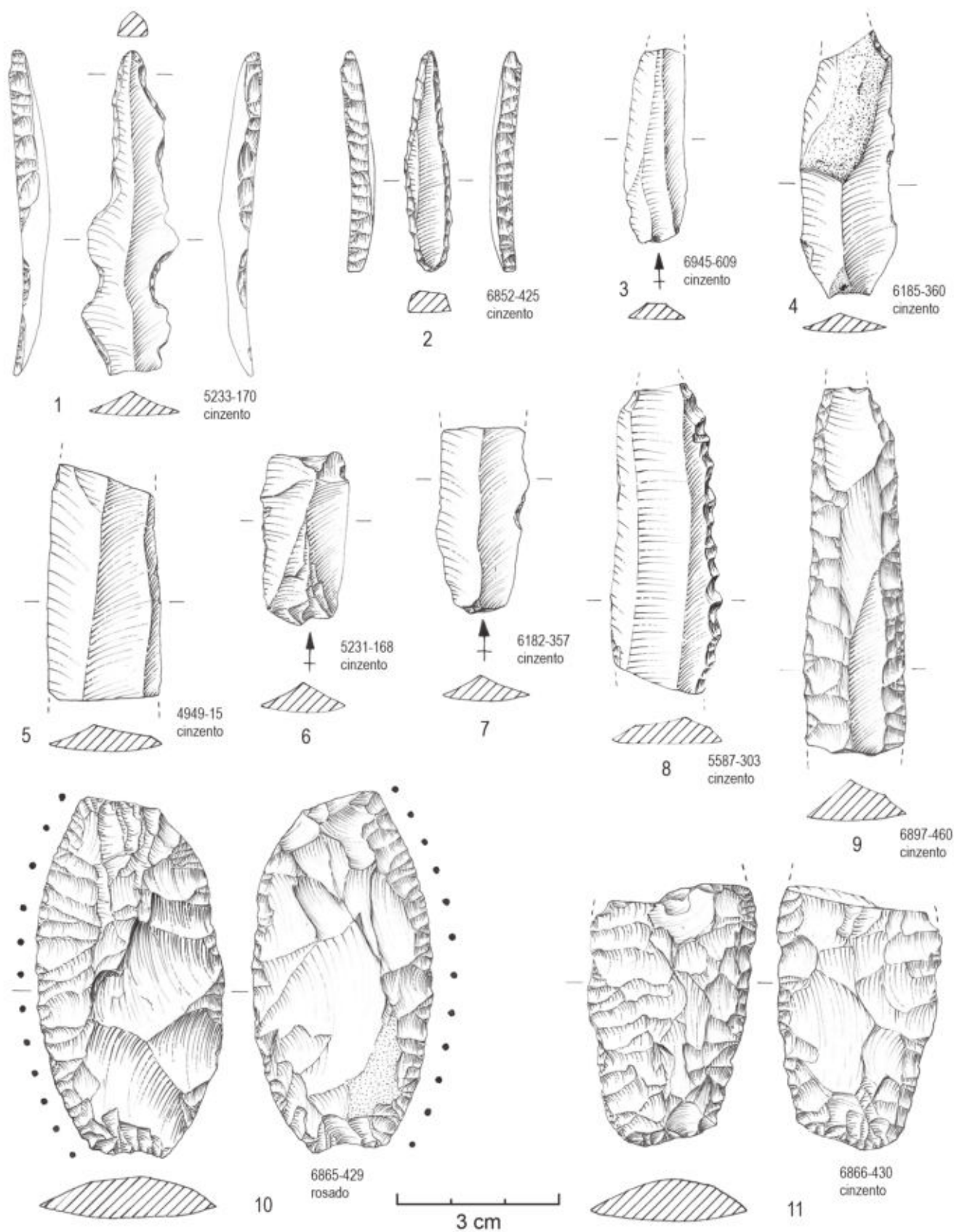


Fig. 20 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada: furadores (n.º 1 e 2); lâminas (n.º 3 a 9); lâminas foliáceas (n.º 10 e 11).
Desenhos de Filipe Martins.

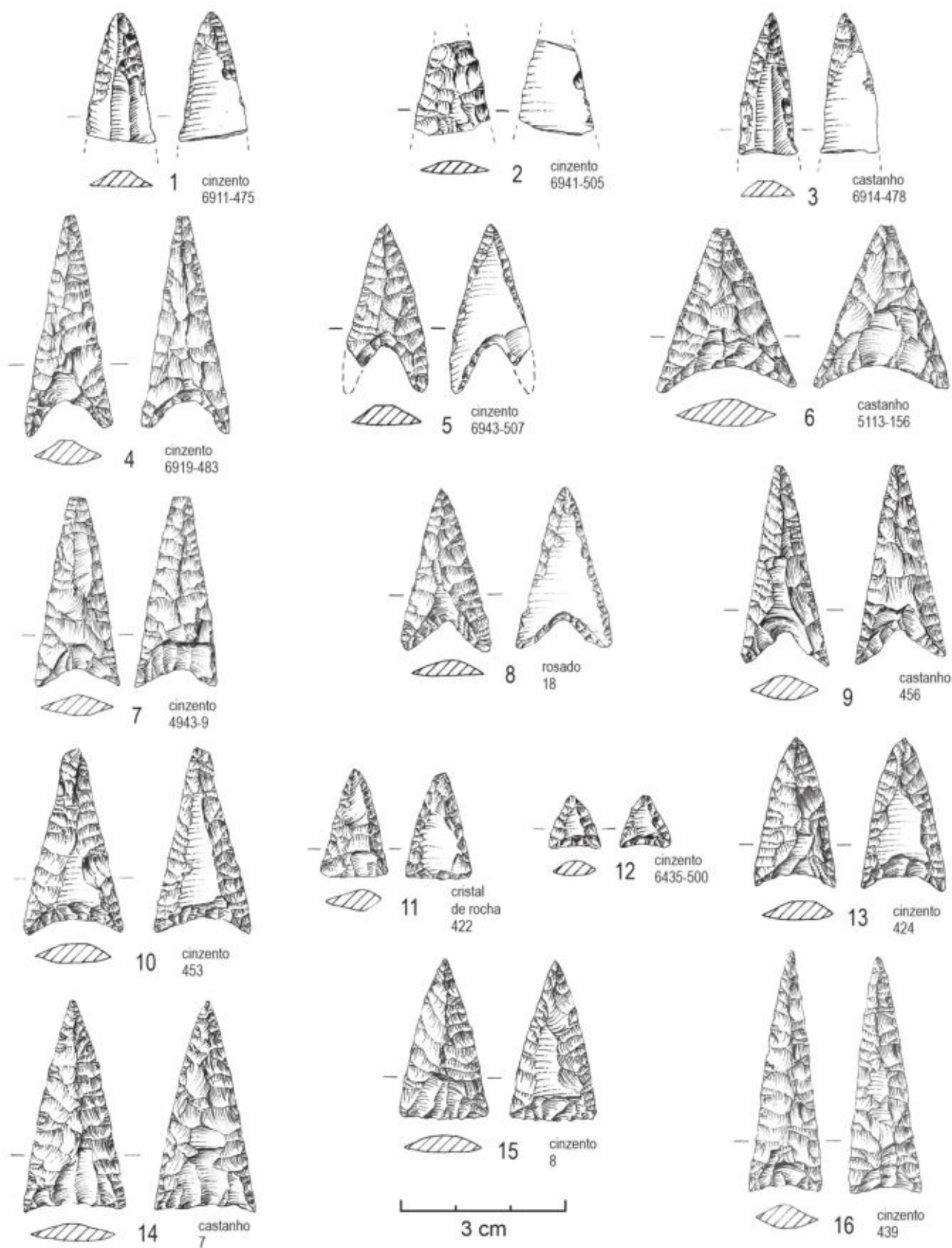


Fig. 21 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada: pontas de seta. Desenhos de Filipe Martins.

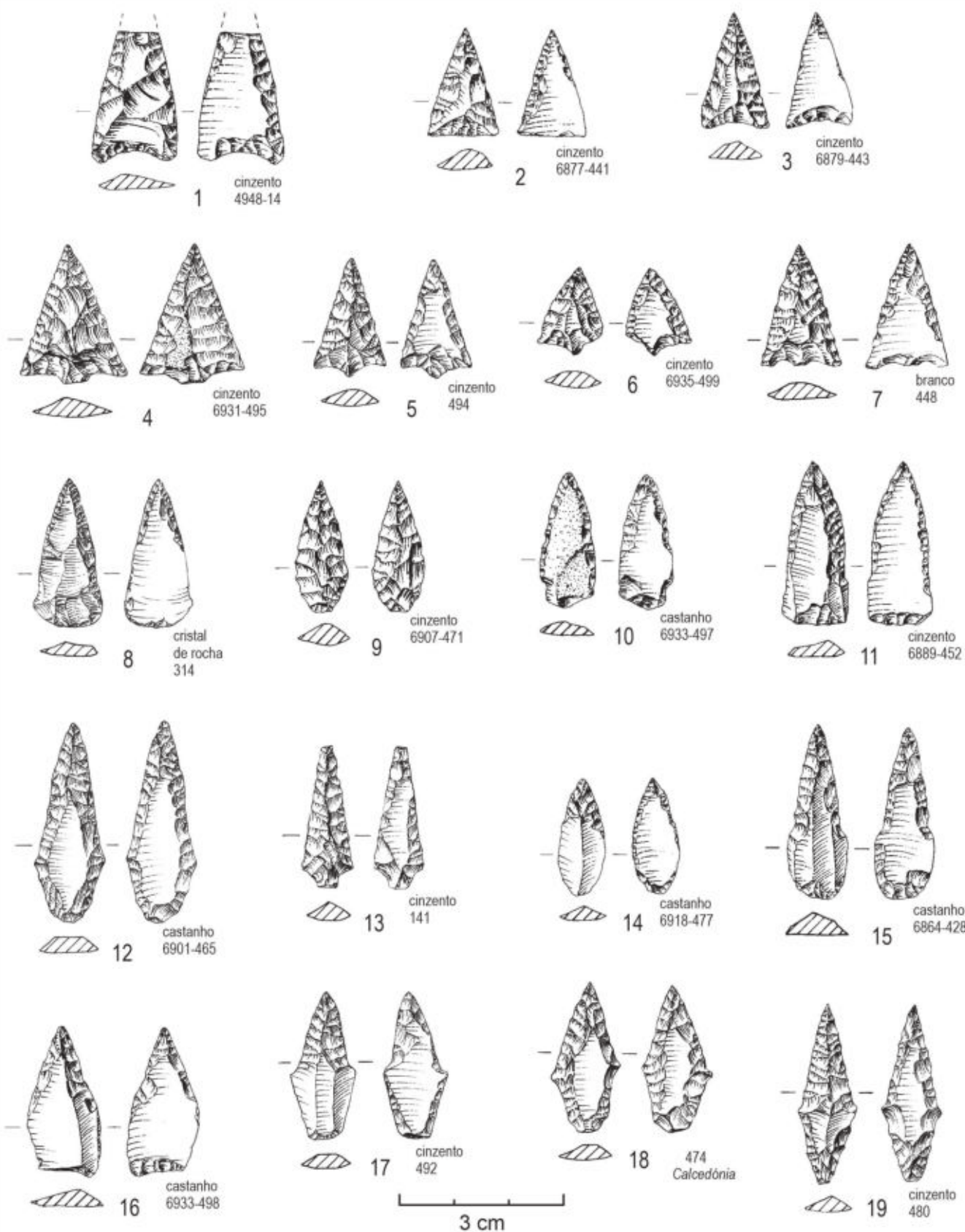


Fig. 22 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada: pontas de seta. Desenhos de Filipe Martins.

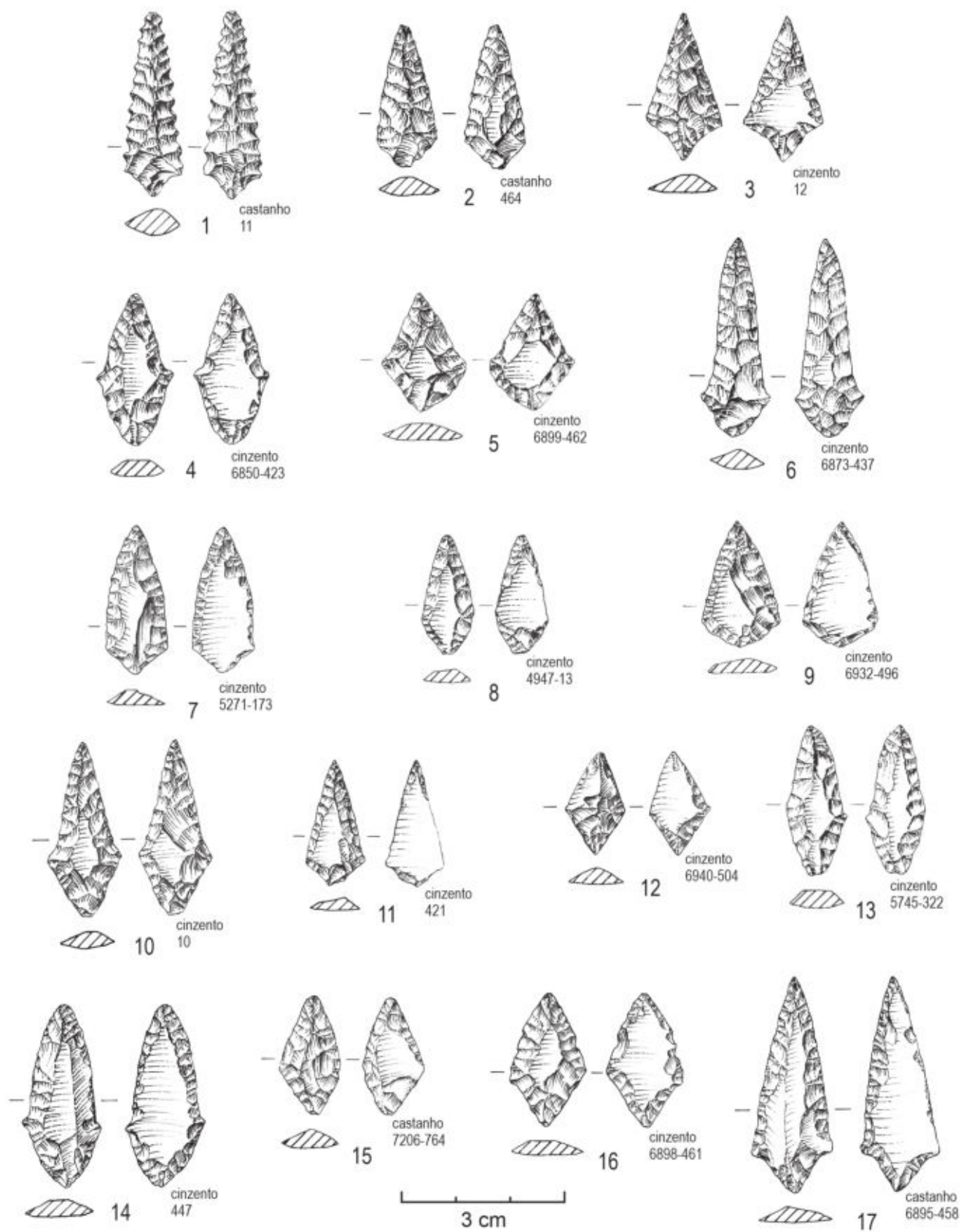


Fig. 23 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada: pontas de seta. Desenhos de Filipe Martins.

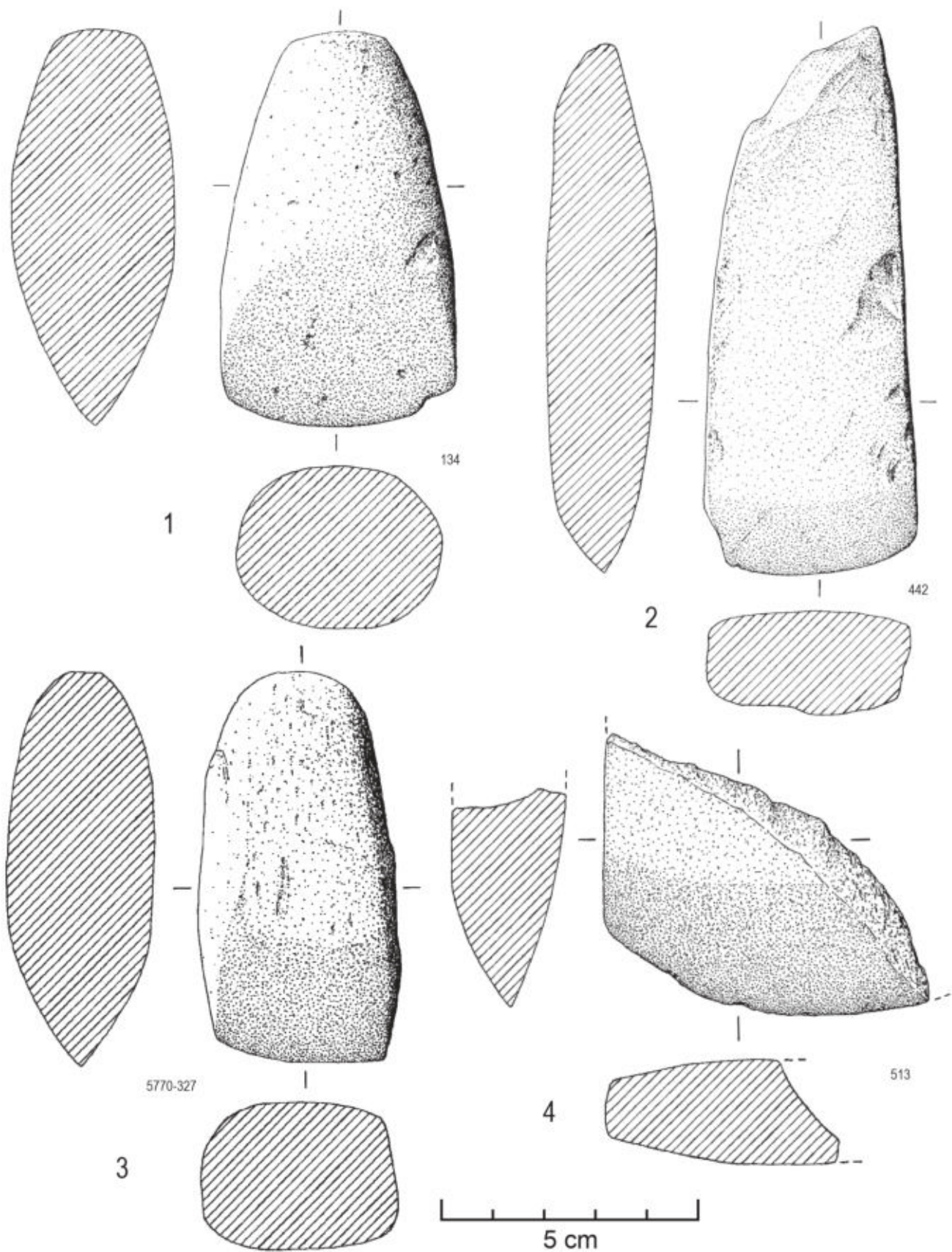


Fig. 24 – S. Paulo II. Espólios de pedra polida: machados (n.º 1 e 3); enxós (n.º 2 e 4). Desenhos de Filipe Martins.

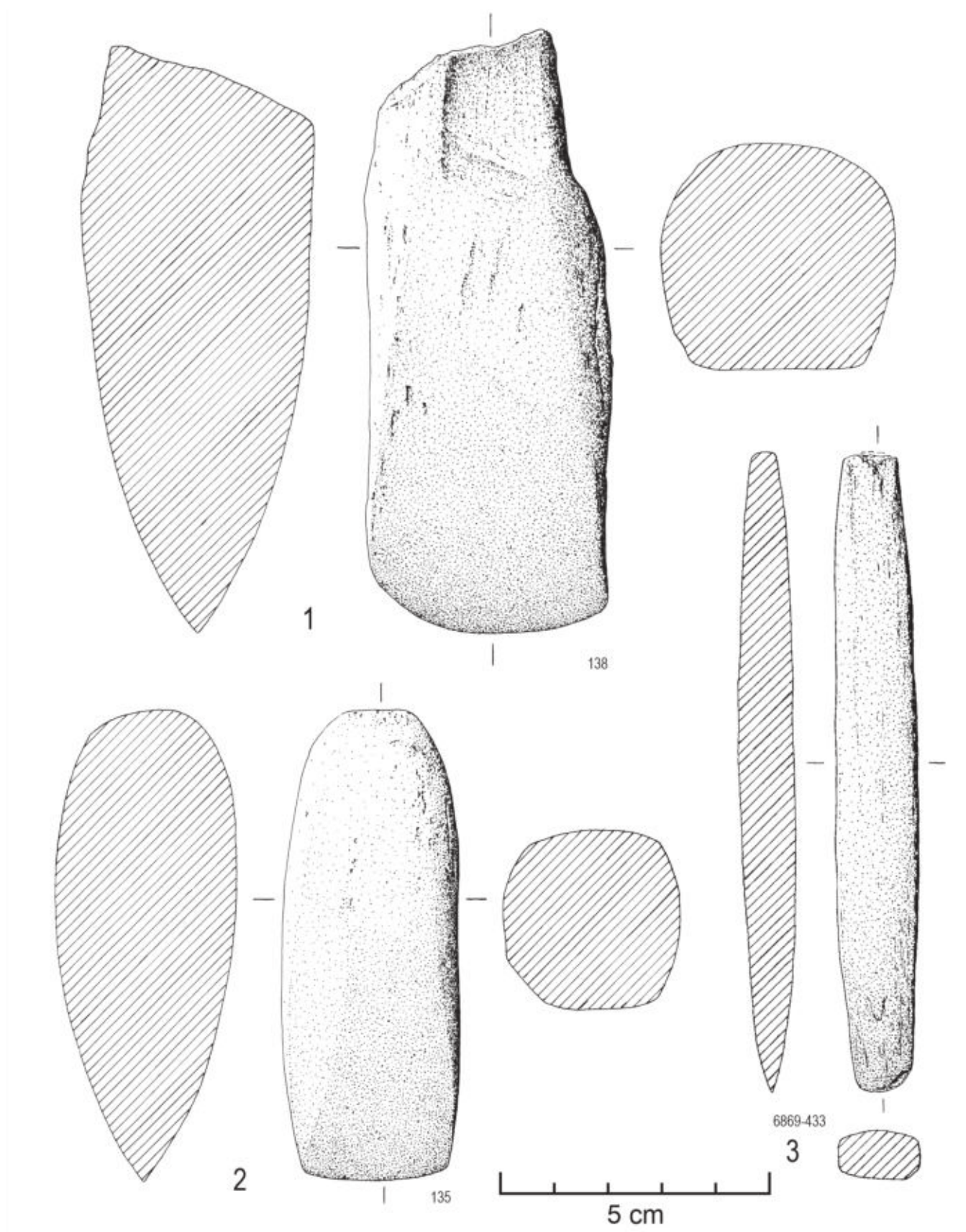


Fig. 25 – S. Paulo II. Espólios de pedra polida: machados (n.º 1 e 2); escopro (n.º 3). Desenhos de Filipe Martins.

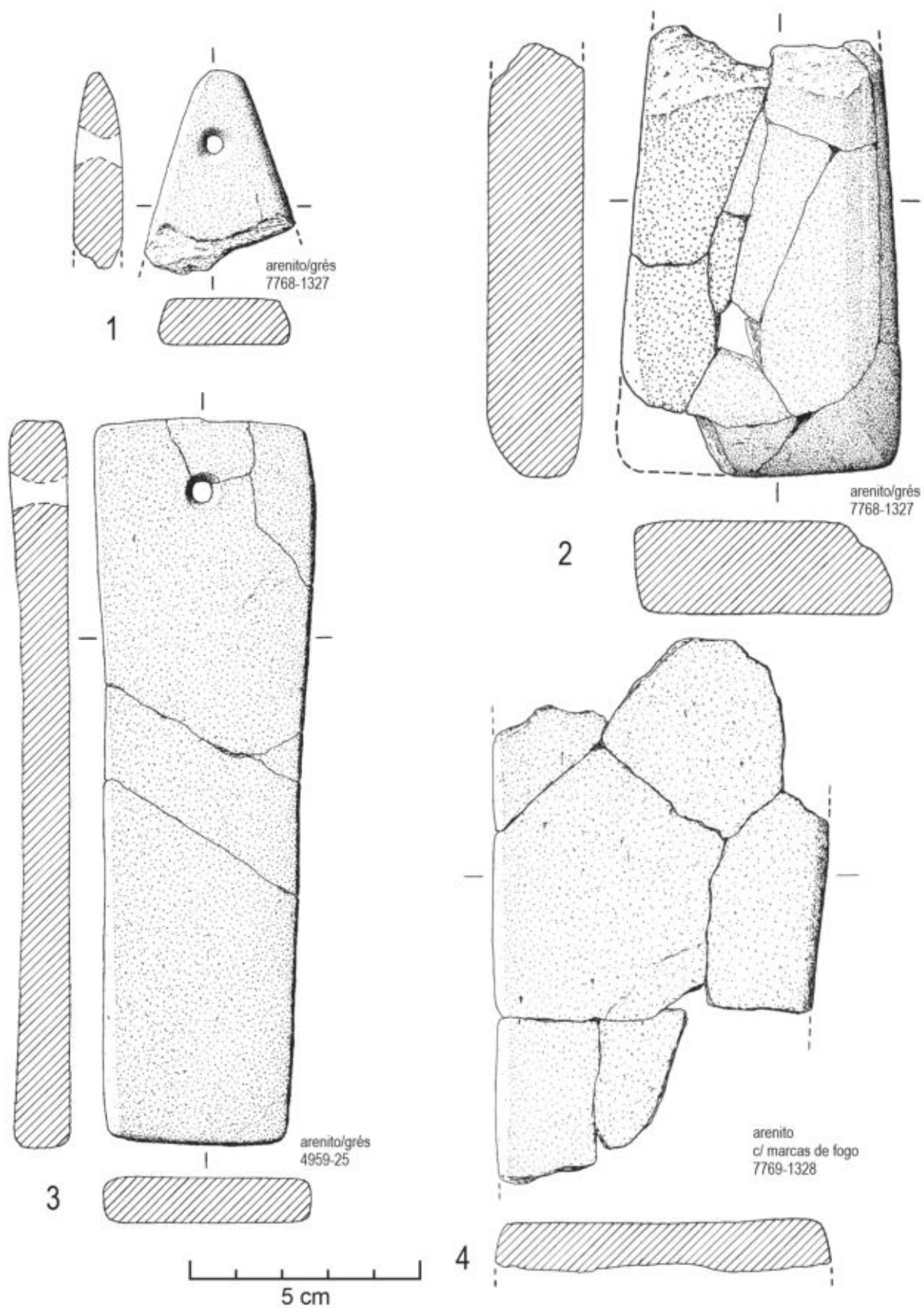


Fig. 26 – S. Paulo II. Espólios de pedra afeiçãoada: placas de arenito (n.º 1 a 4). Desenhos de Filipe Martins.

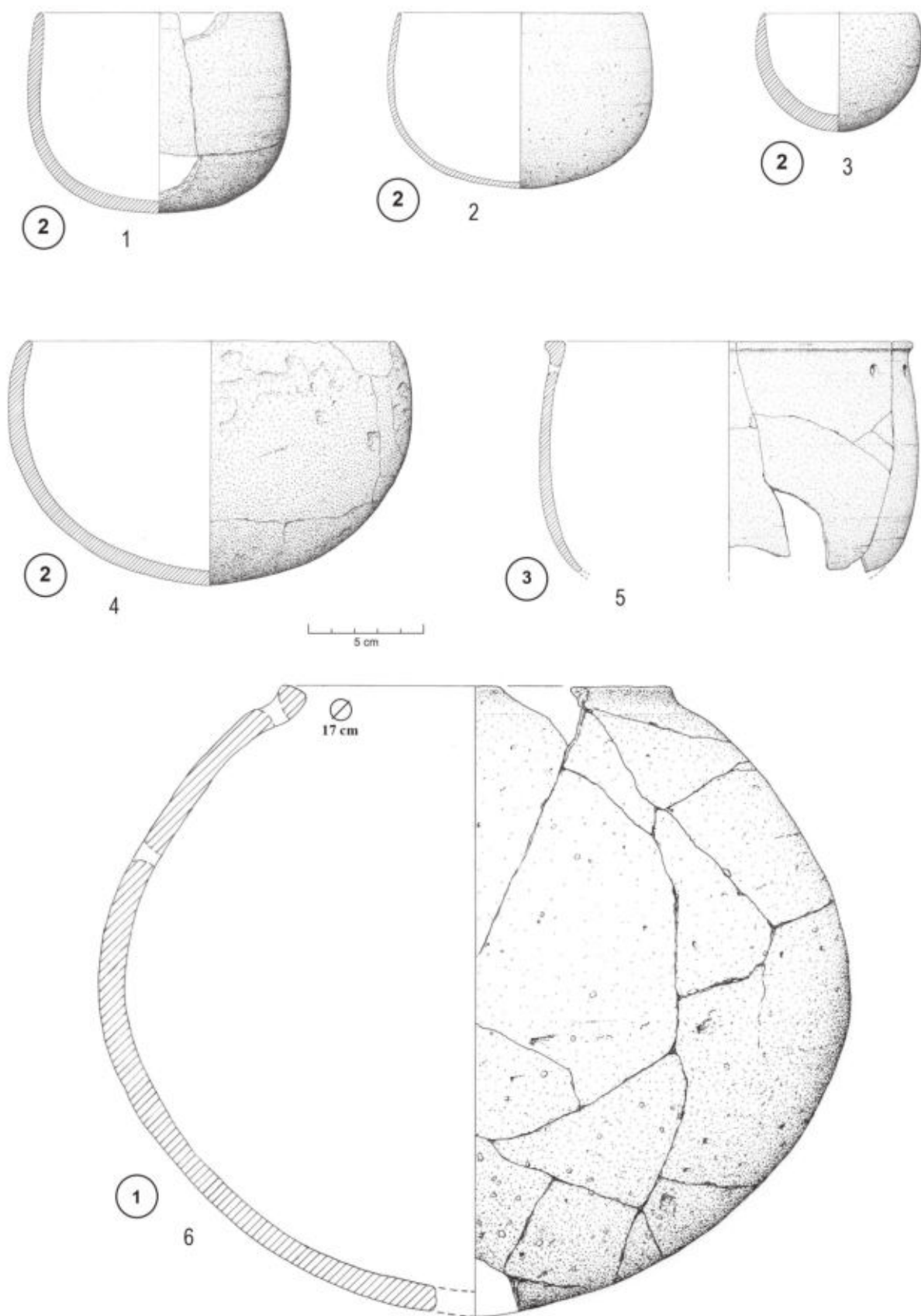


Fig. 27 – S. Paulo II. Recipientes lisos, representativos de cada um dos tipos identificados (número dentro de circunferência).
Desenhos de Filipe Martins.

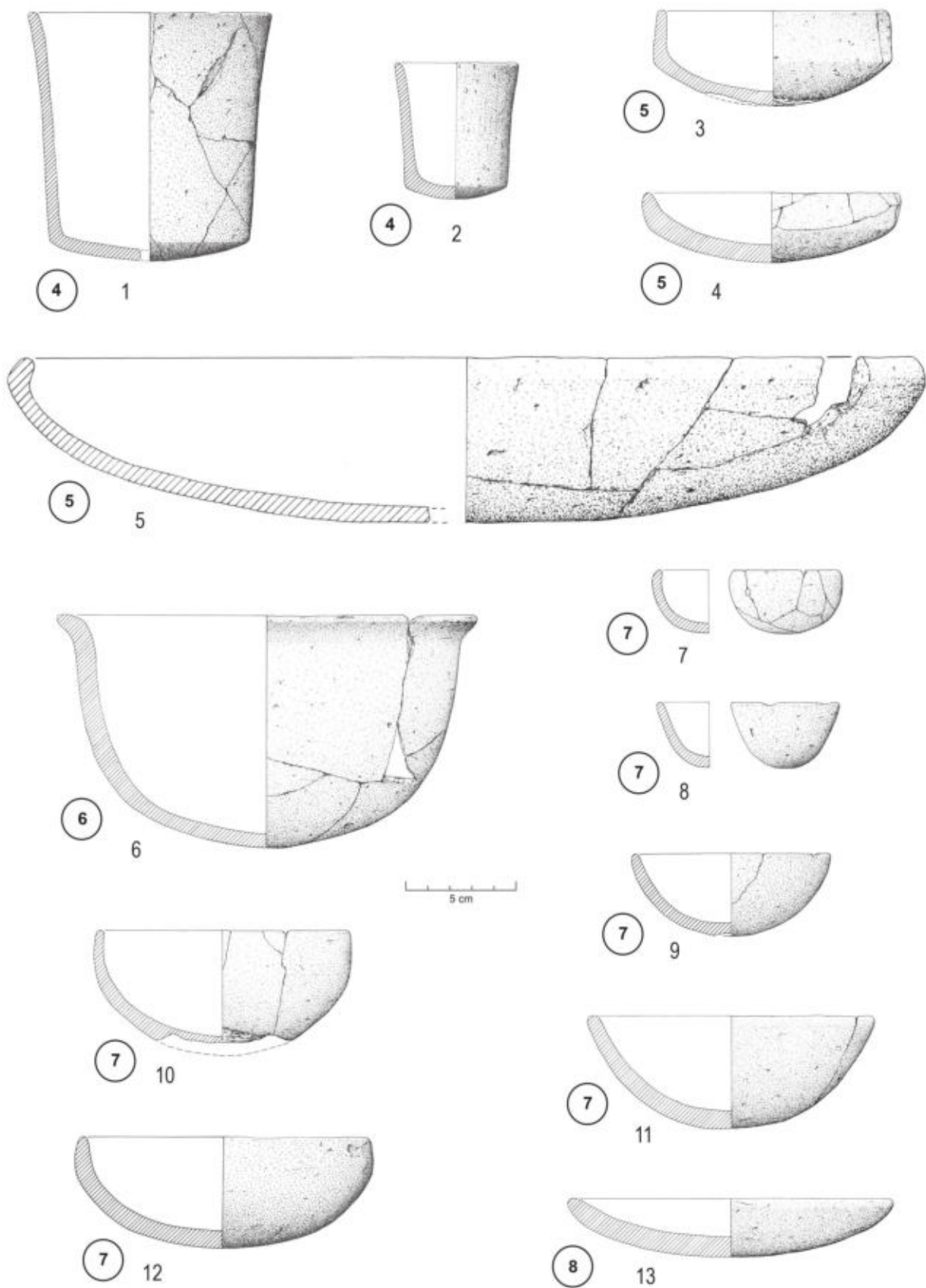


Fig. 28 – S. Paulo II. Recipientes lisos, representativos de cada um dos tipos identificados (número dentro de circunferência).
Desenhos de Filipe Martins.

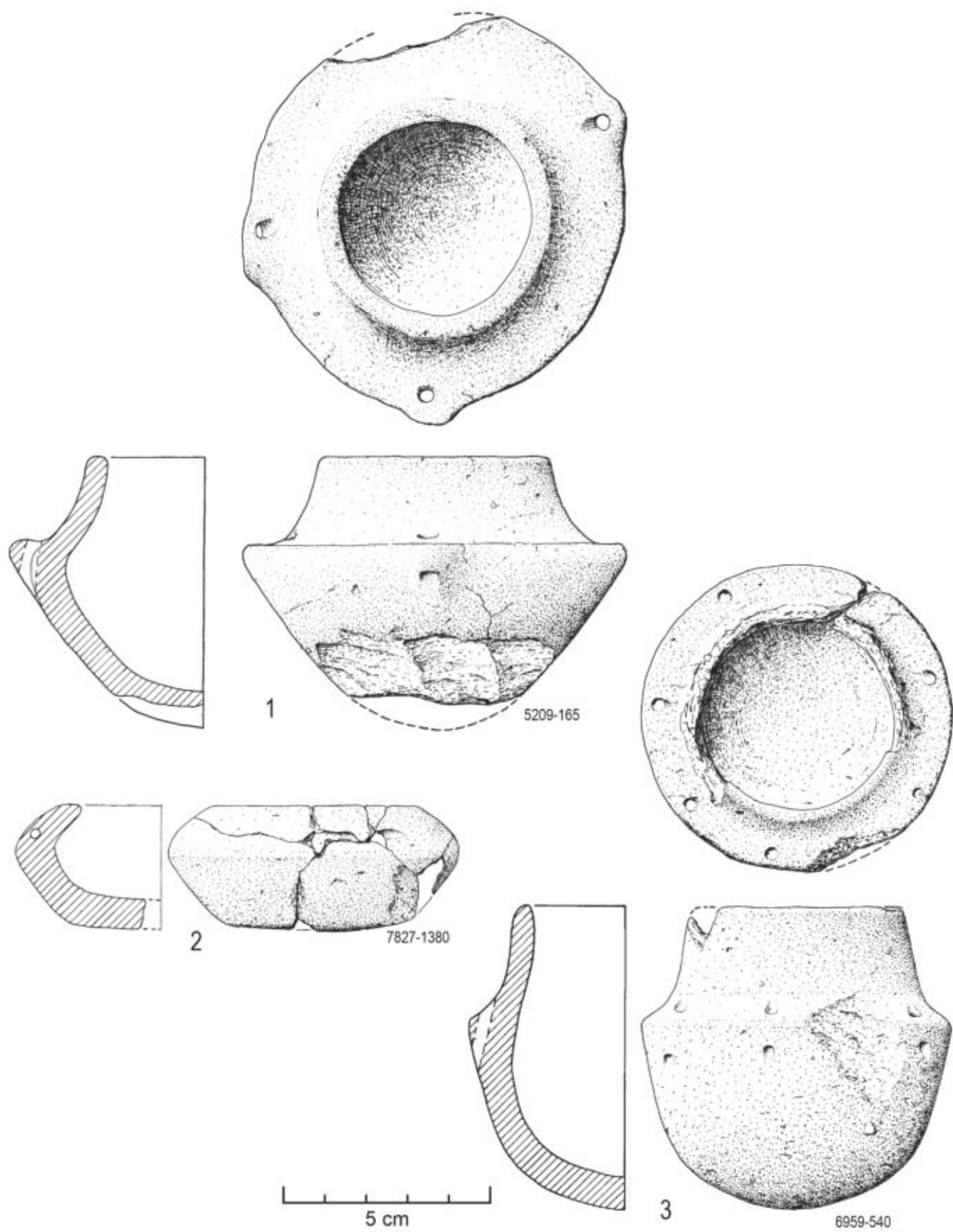


Fig. 29 – S. Paulo II. Vasos cerâmicos de suspensão (lucernas). Desenhos de Filipe Martins.

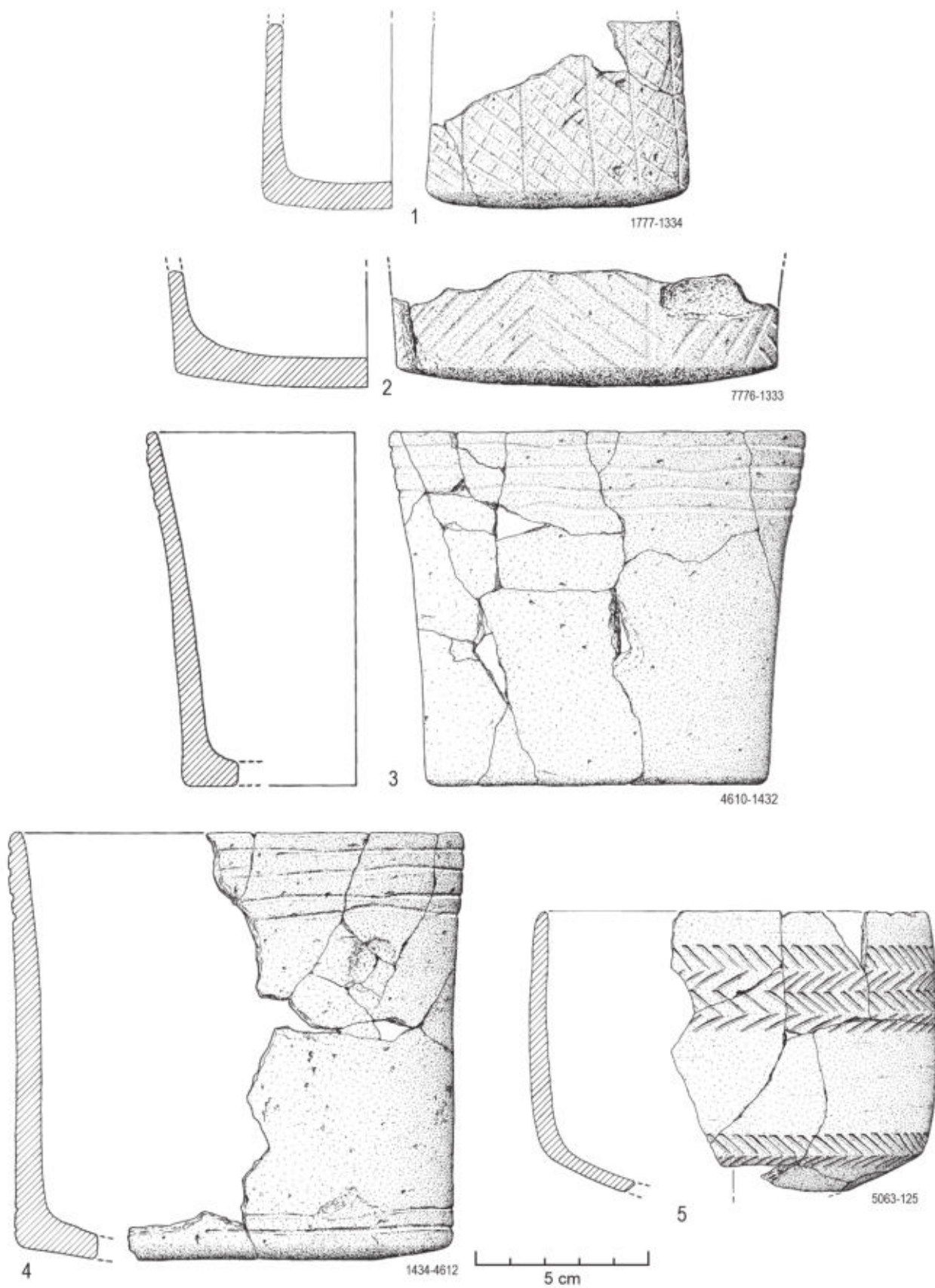


Fig. 30 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas não campaniformes. Desenhos de Filipe Martins.

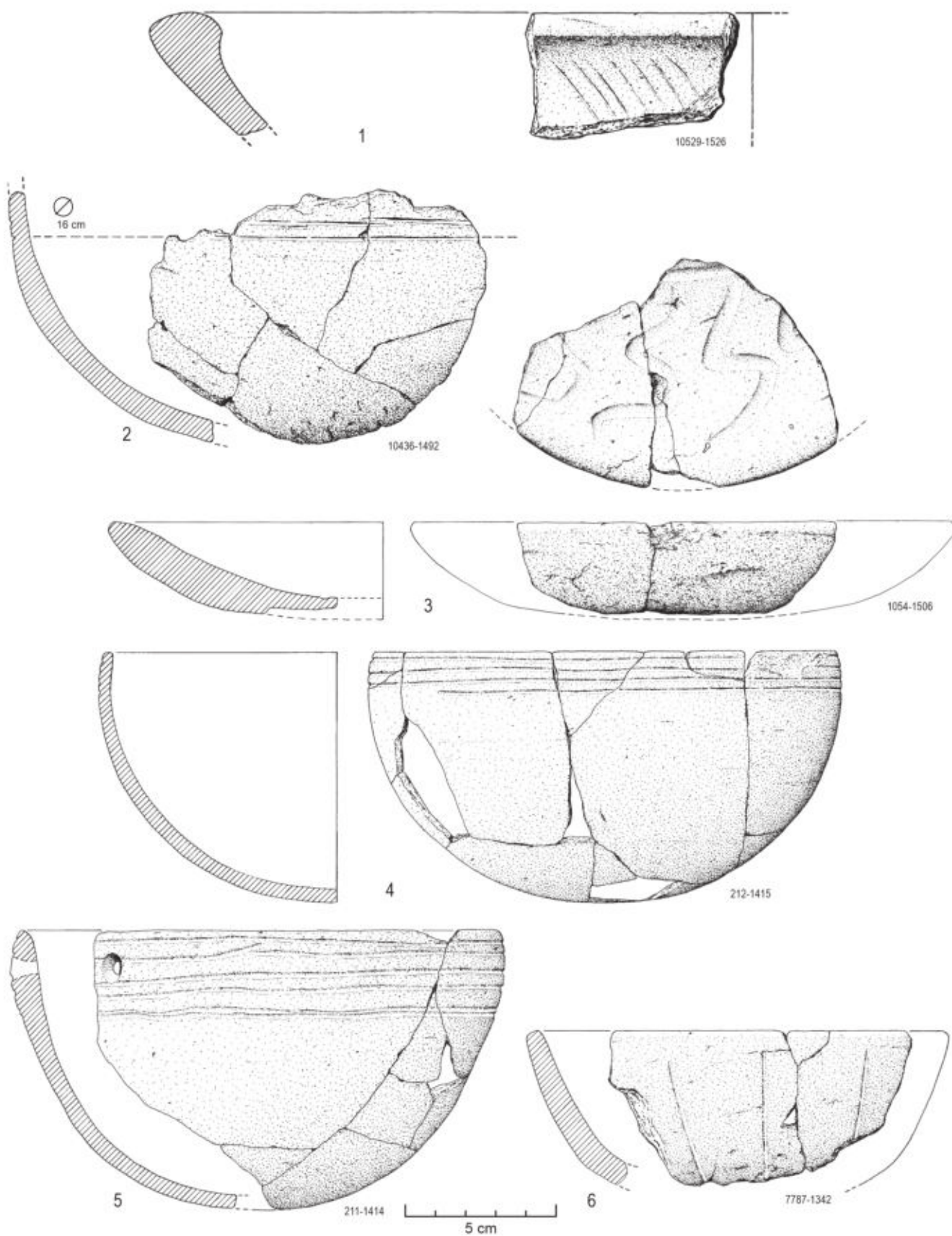


Fig. 31 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas não campaniformes. Desenhos de Filipe Martins.

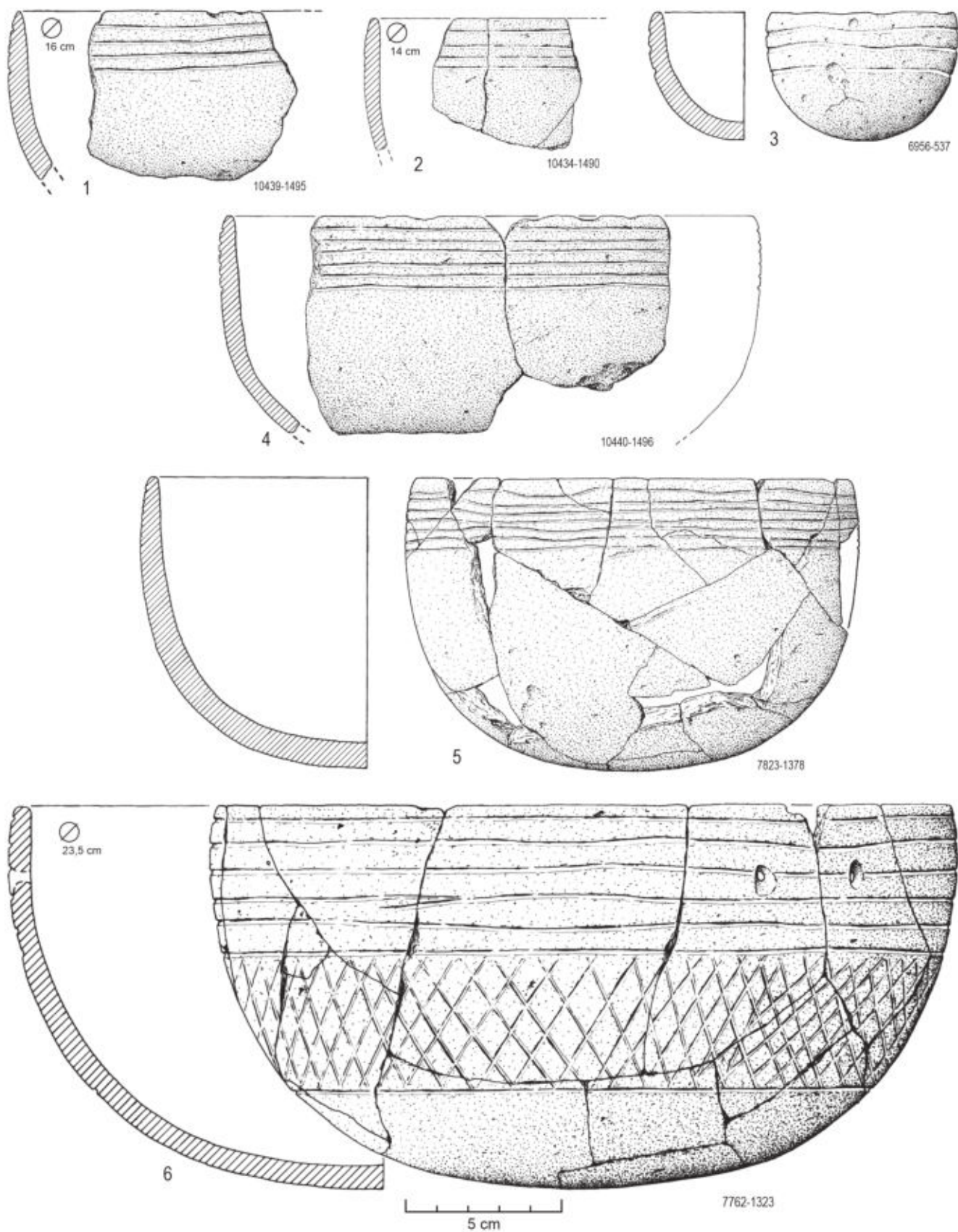


Fig. 32 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas não campaniformes. Desenhos de Filipe Martins.

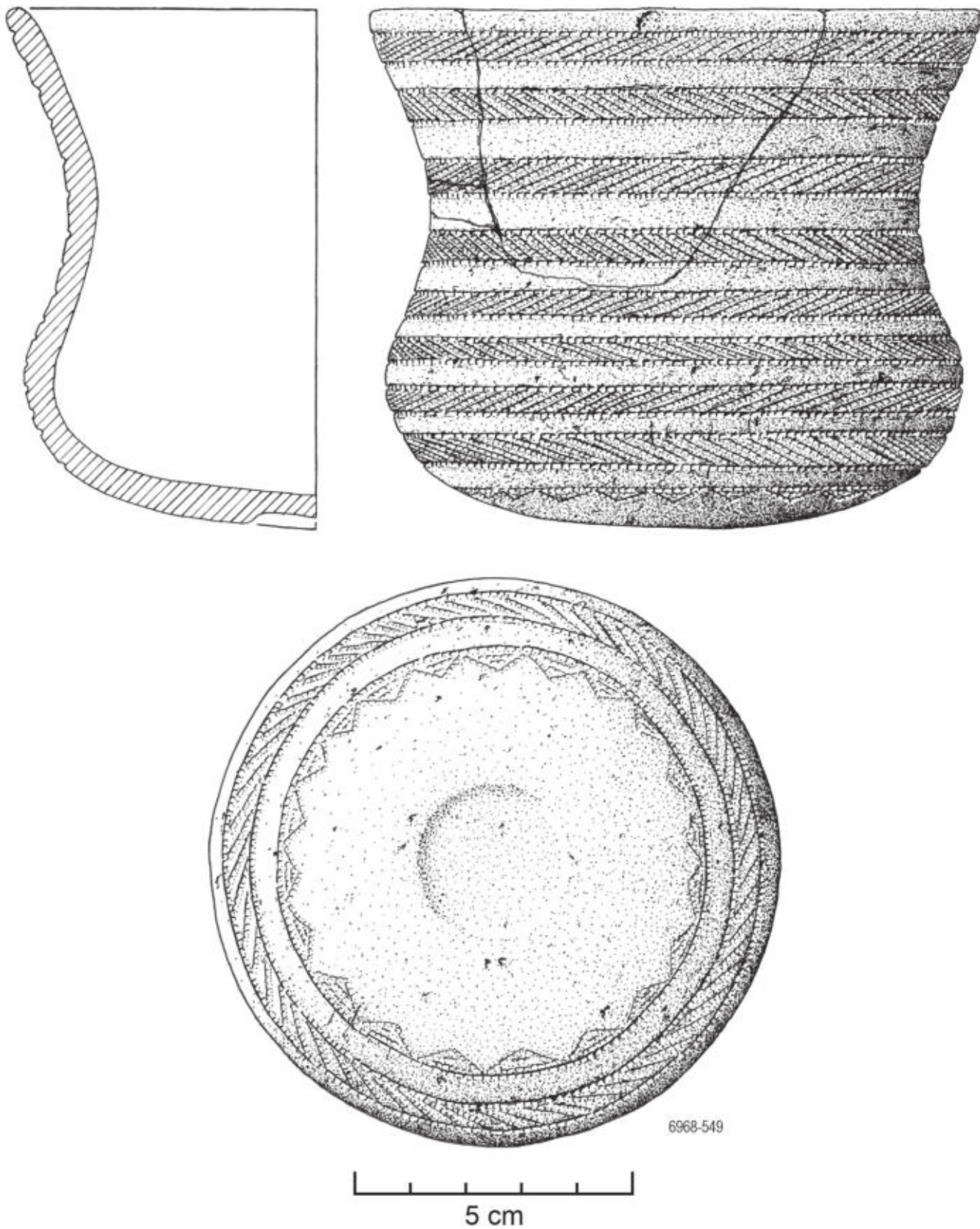


Fig. 33 – S. Paulo II. Vaso “marítimo”. Desenhos de Filipe Martins.

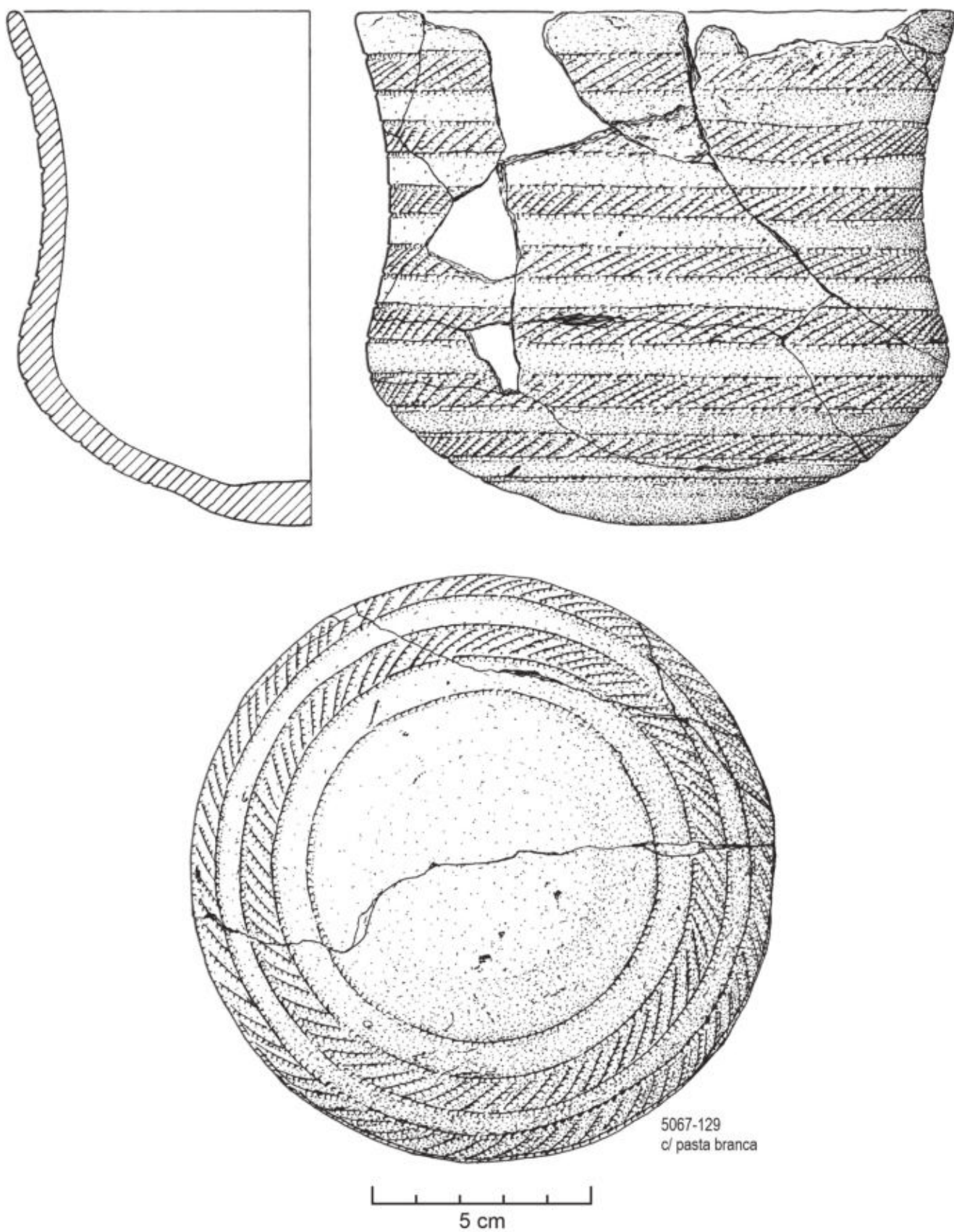


Fig. 34 – S. Paulo II. Vaso “marítimo”, com preenchimento a pasta branca. Desenhos de Filipe Martins.

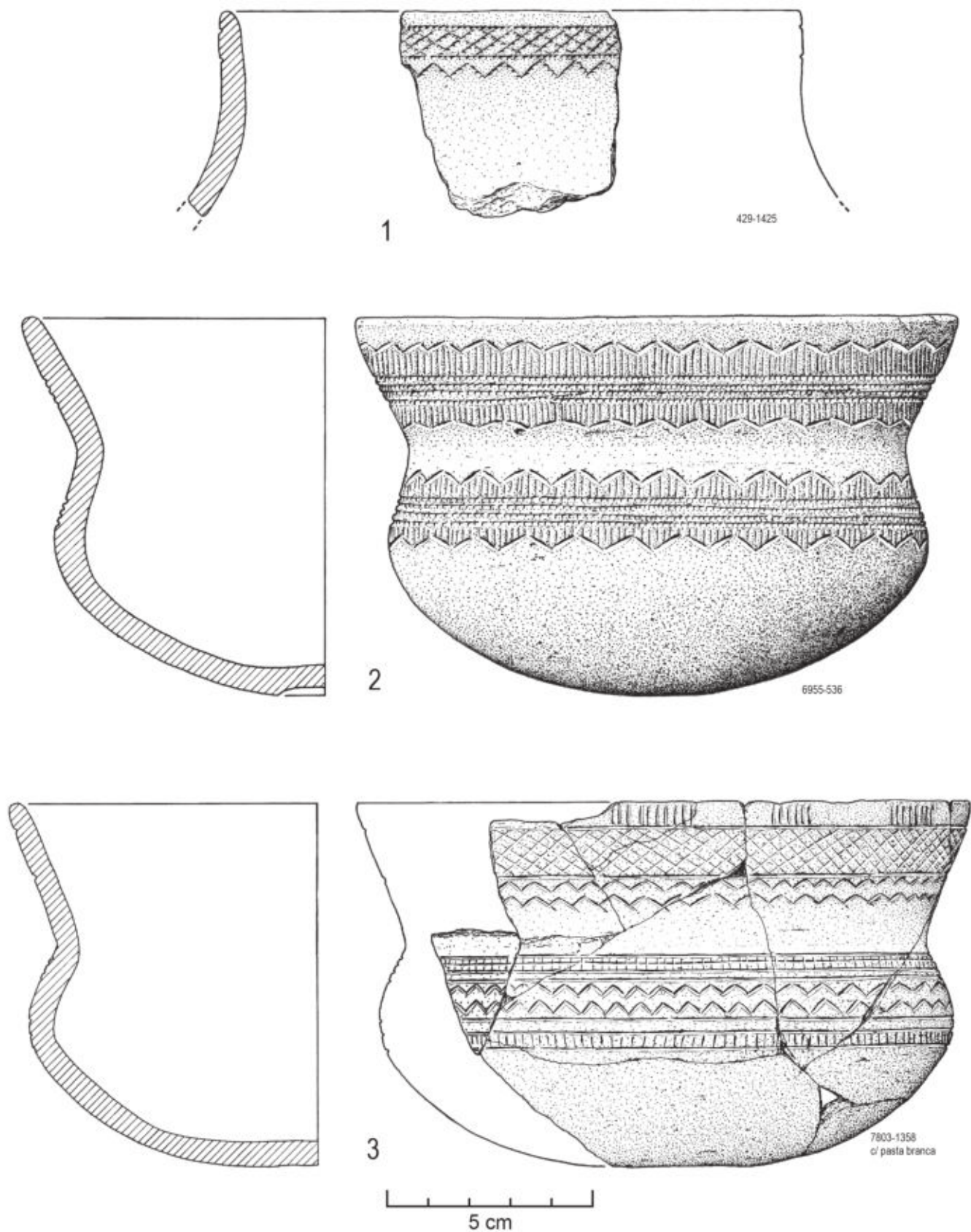


Fig. 35 – S. Paulo II. Vaso “garrafa” (n.º 1); e duas caçoilas com decoração mista (pontilhada/incisa/imprensa) (n.º 2), e incisa/imprensa (n.º 3), com preenchimento a pasta branca. Desenhos de Filipe Martins.

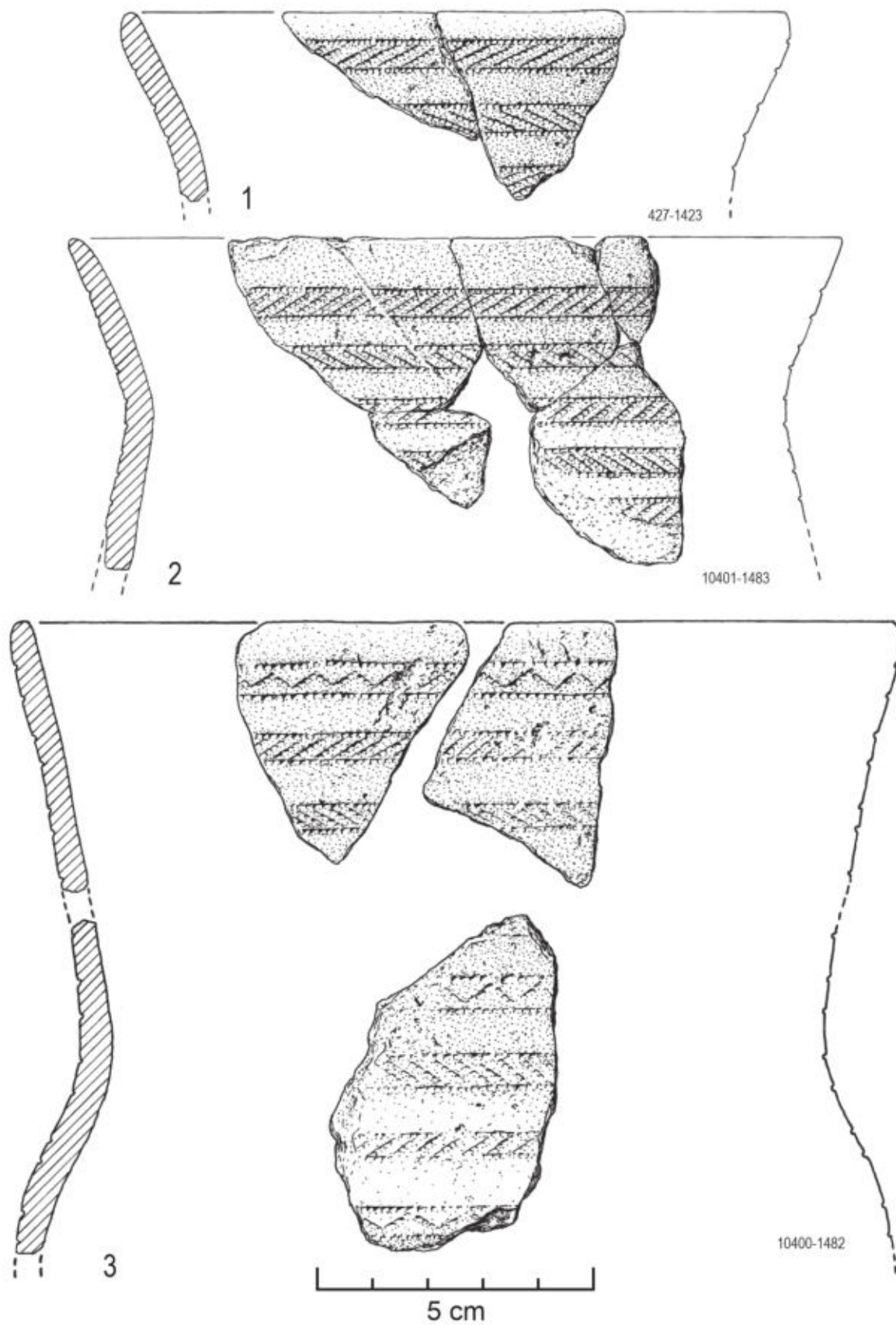


Fig. 36 – S. Paulo II. Vasos “marítimos”. Desenhos de Filipe Martins.

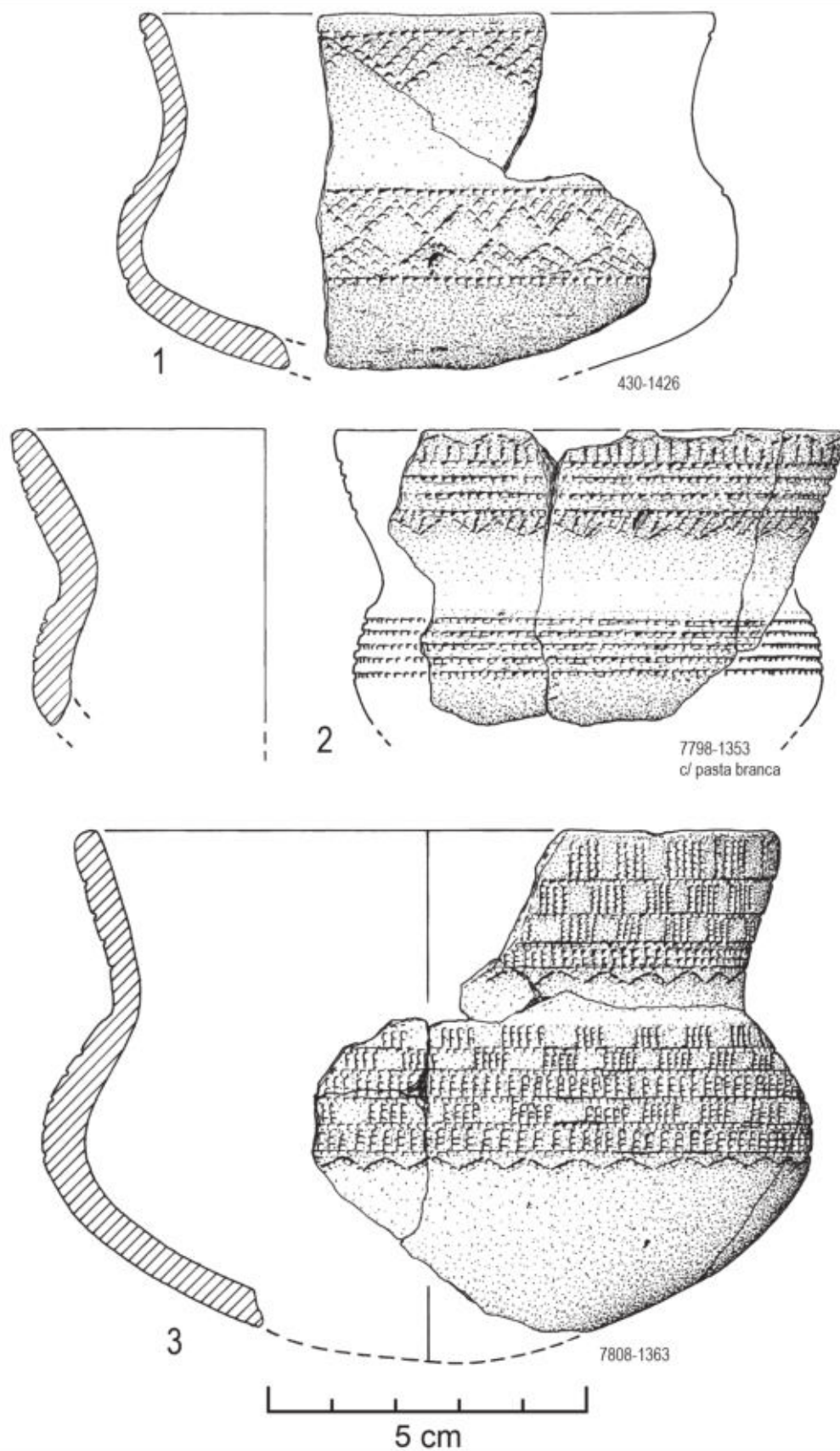


Fig. 37 – S. Paulo II. Caçoilas com decoração pontilhada. Nº 2 com preenchimento a pasta branca. Desenhos de Filipe Martins.

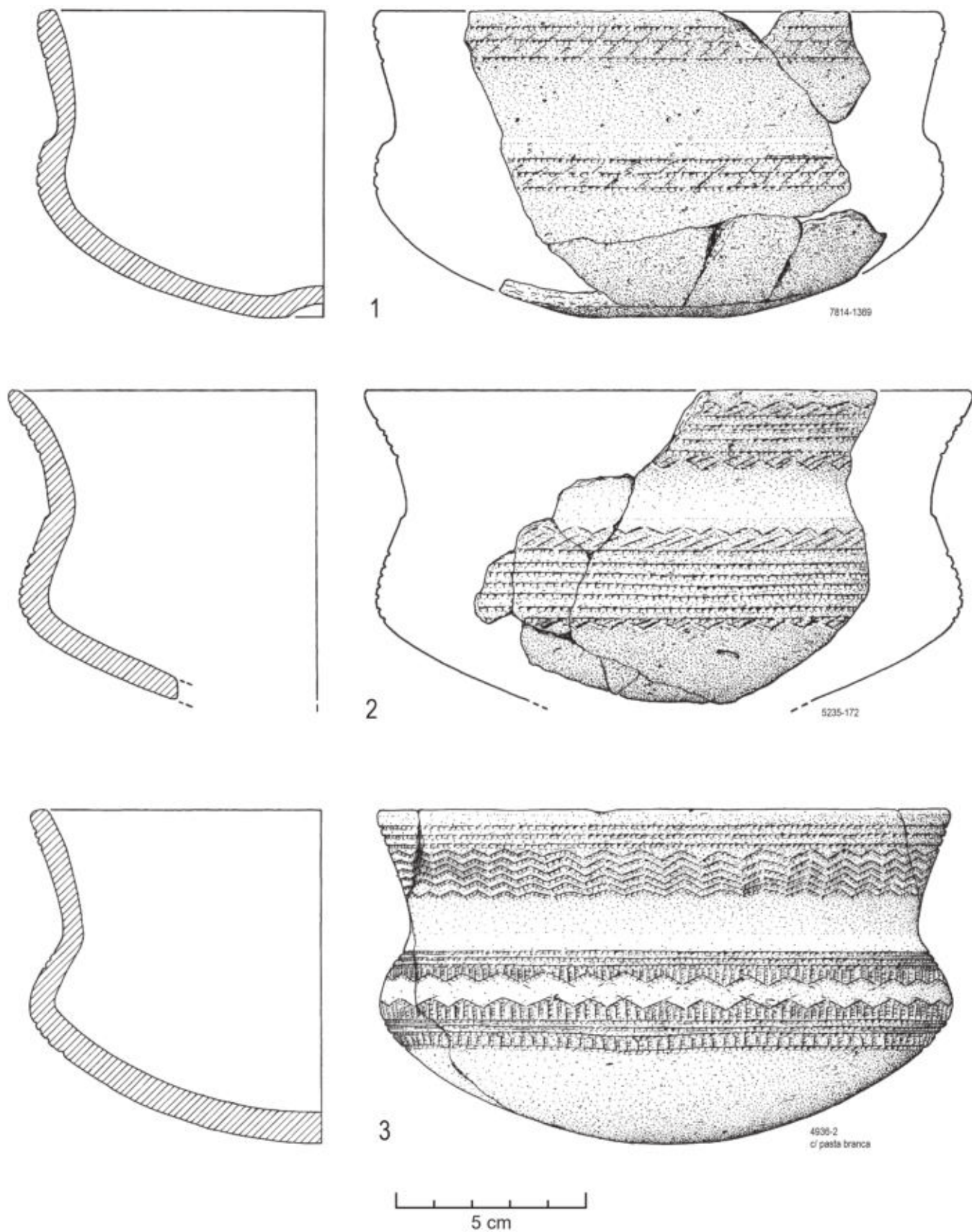


Fig. 38 – S. Paulo II. Caçoilas com decoração pontilhada. N° 3 com preenchimento a pasta branca. Desenhos de Filipe Martins.

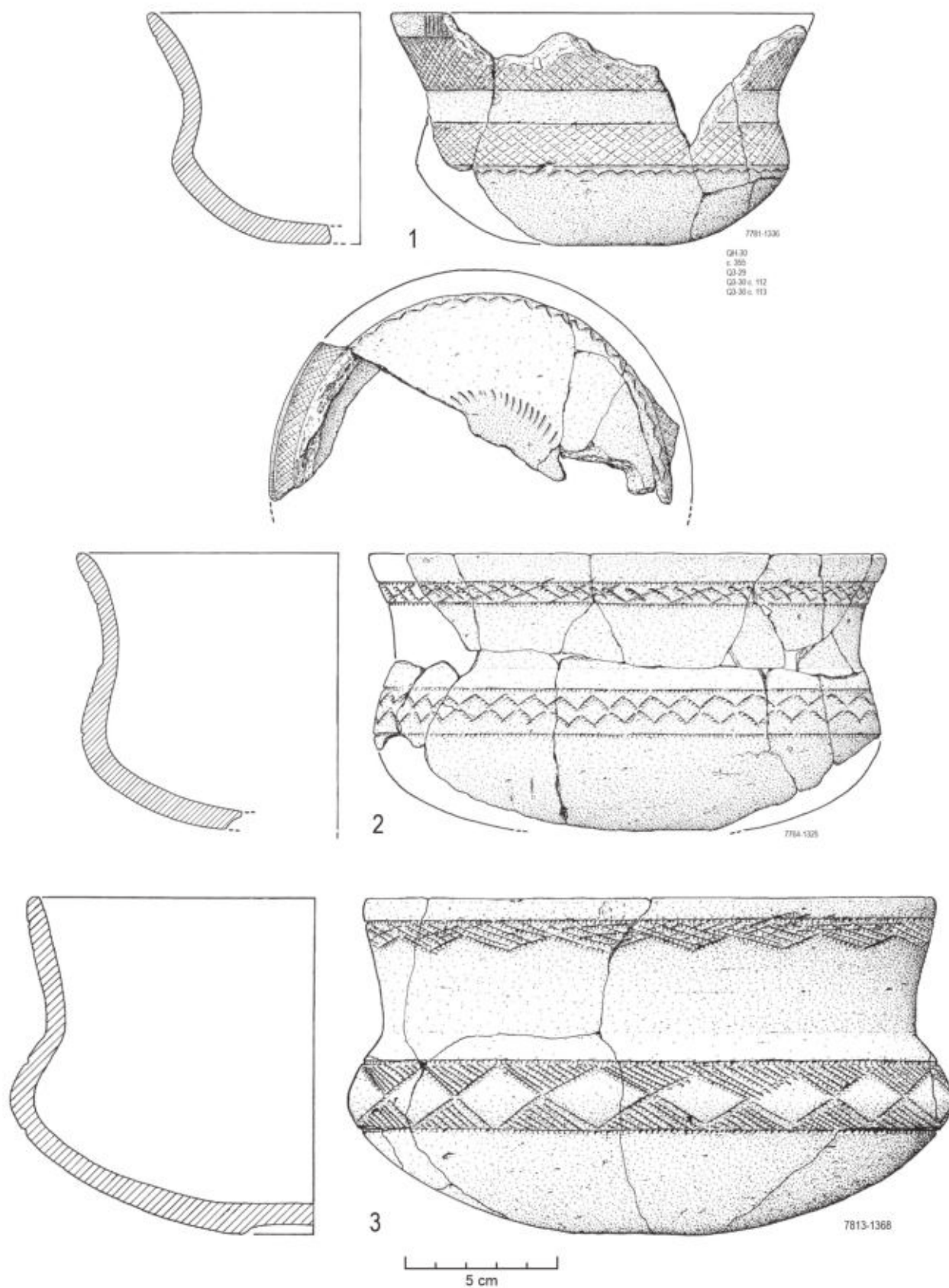


Fig. 39 – S. Paulo II. Caçoila com decoração mista (pontilhada, incisa e impressa) com fundo decorado (n.º 1); e duas caçoila com decoração pontilhada (n.º 2 e 3). Desenhos de Filipe Martins.

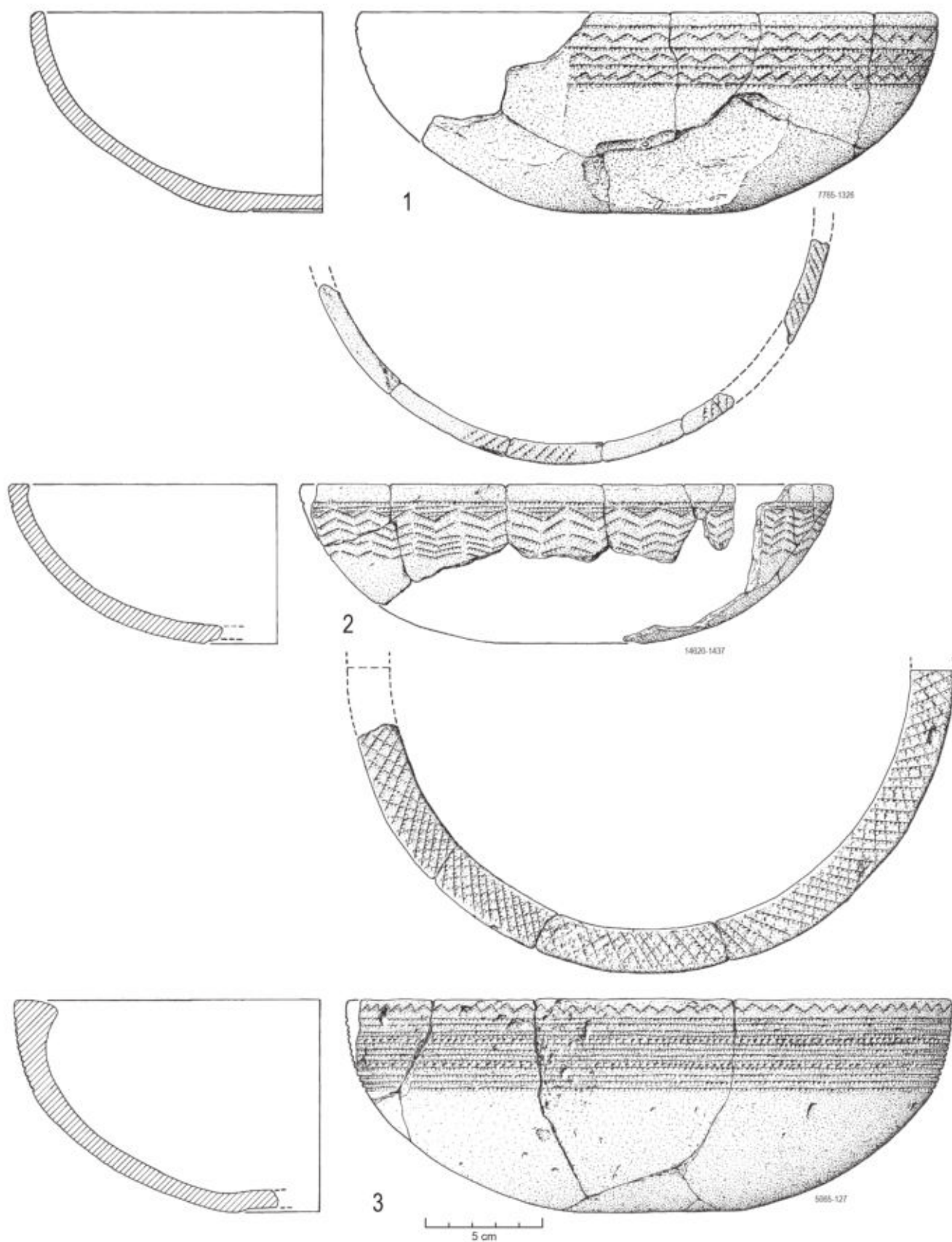


Fig. 40 – S. Paulo II. Taça com decoração pontilhada (n.º 1); taça com decoração pontilhada e bordo decorado (n.º 2); e taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada (n.º 3). Desenhos de Filipe Martins.

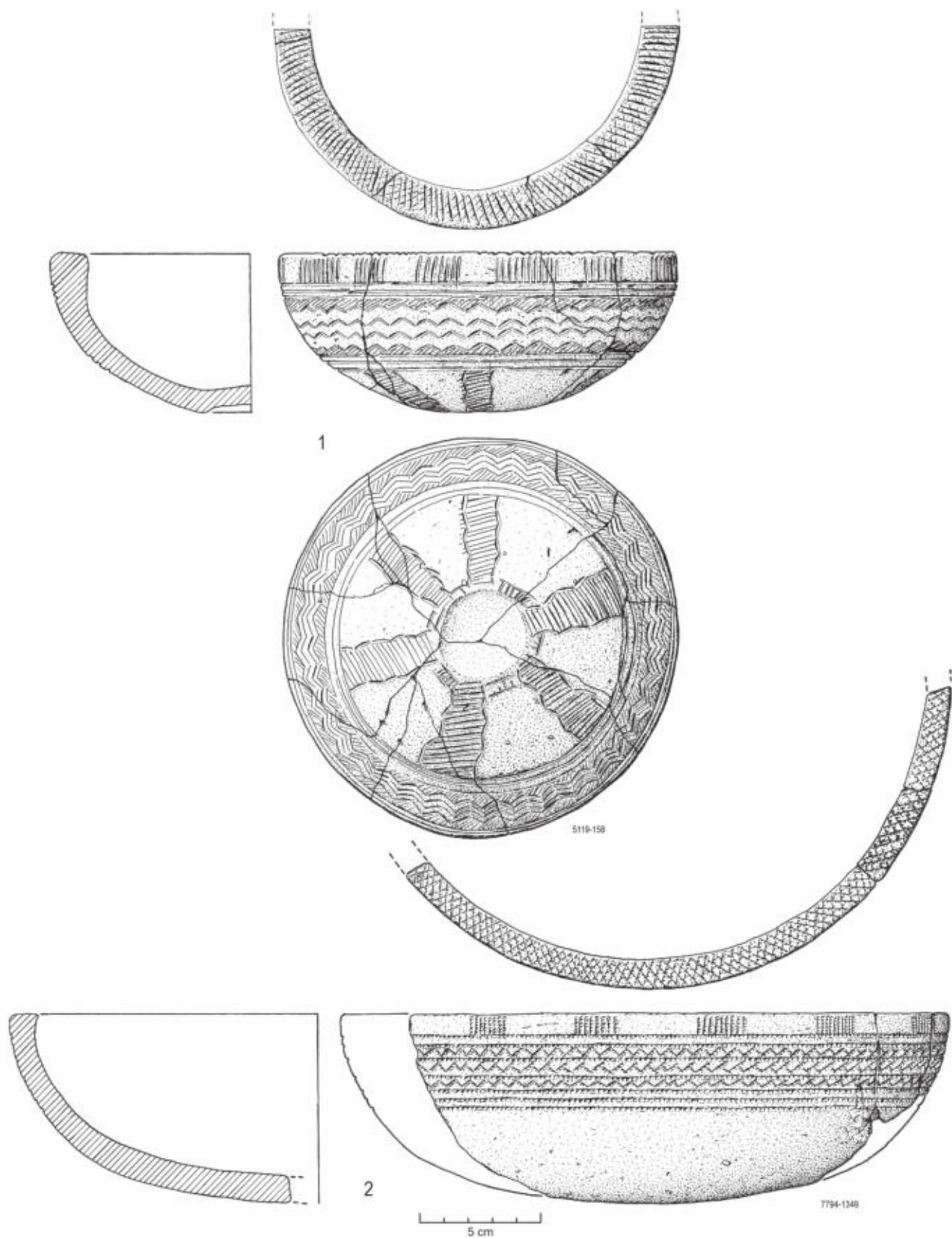


Fig. 41 – S. Paulo II. Taça “tipo Palmela” com decoração incisa e impressa (n.º 1); taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada (n.º 2).
Desenhos de Filipe Martins.

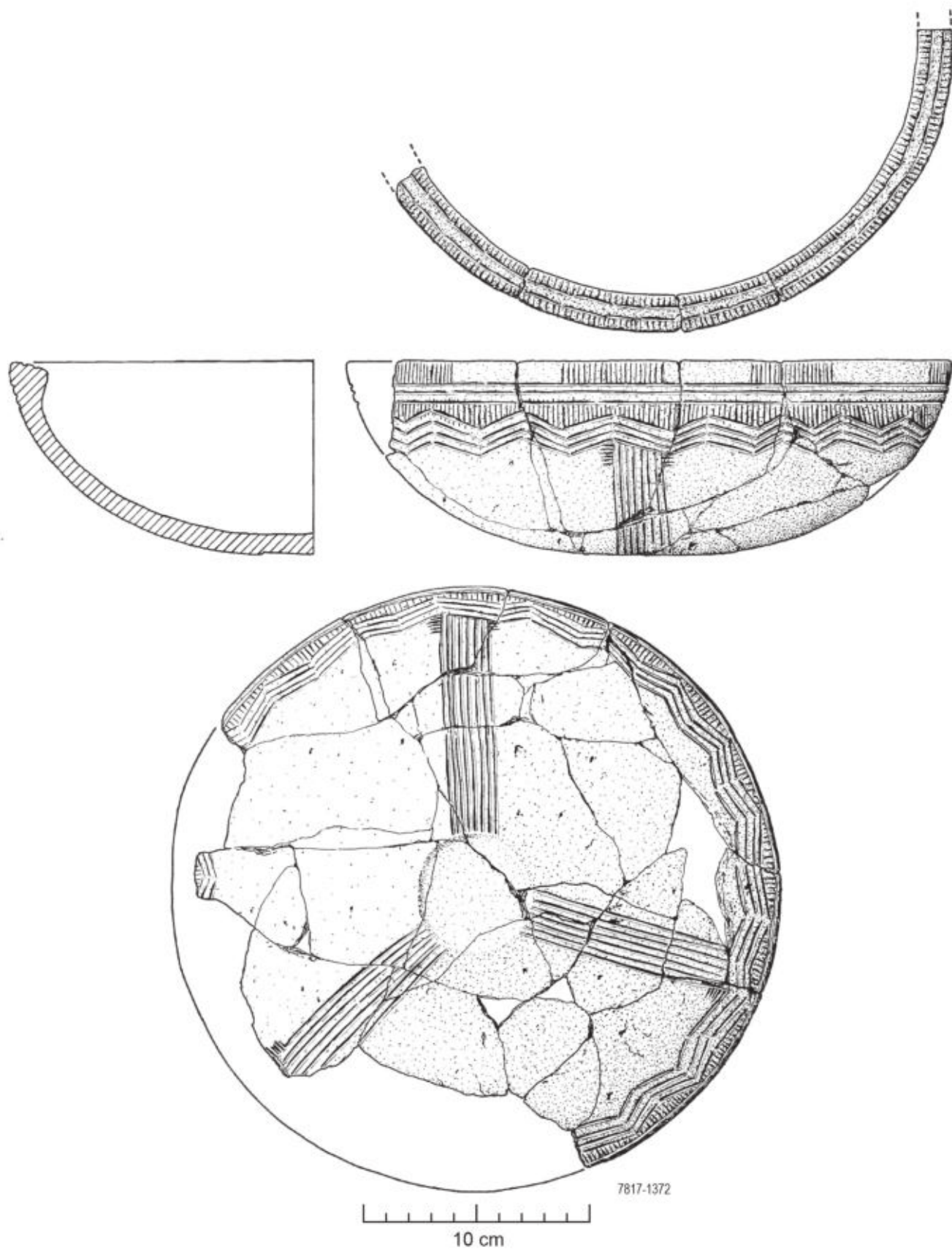


Fig. 42 – S. Paulo II. Taça “tipo Palmela” com decoração incisa e impressa. Desenhos de Filipe Martins.

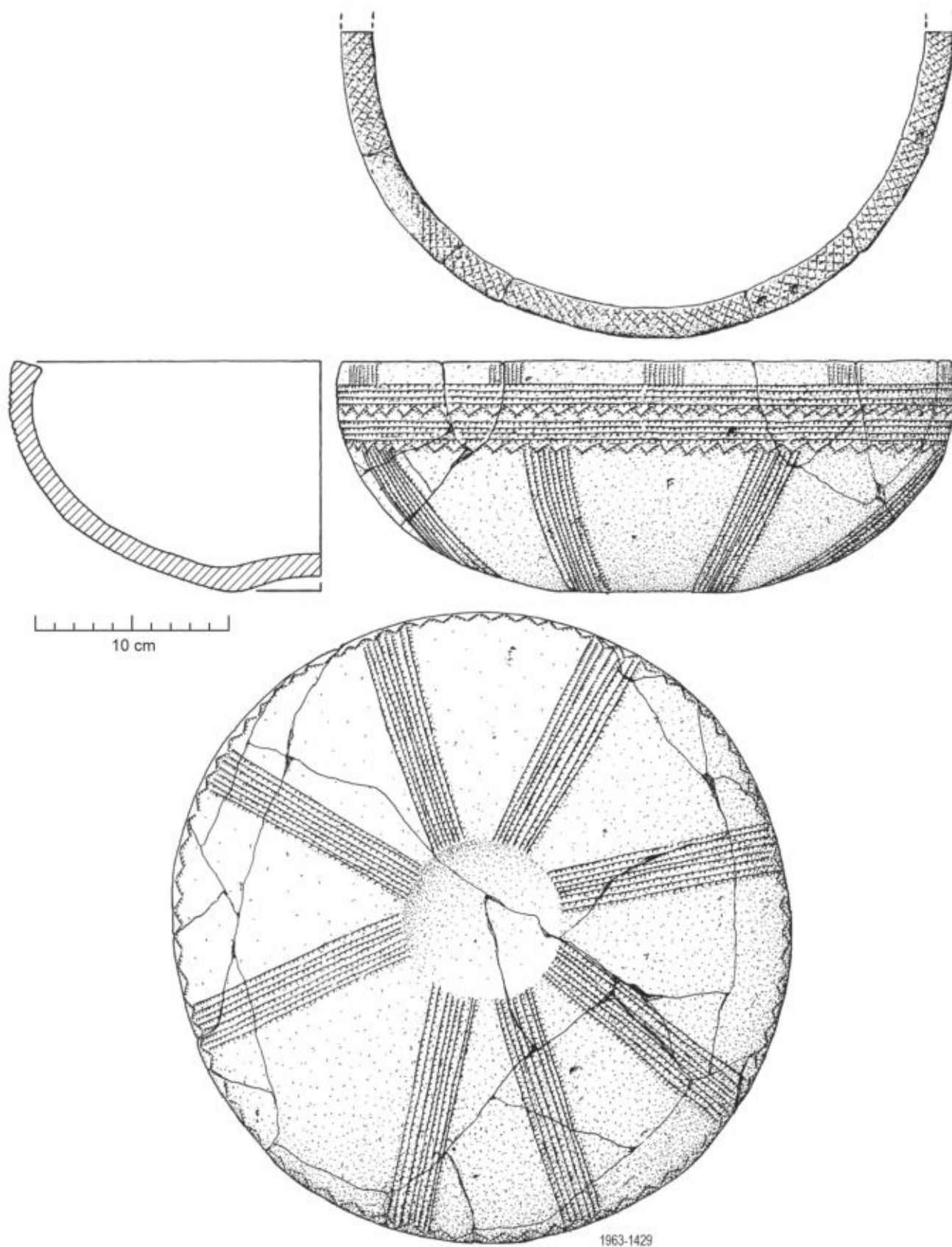


Fig. 43 – S. Paulo II. Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada. Desenhos de Filipe Martins.

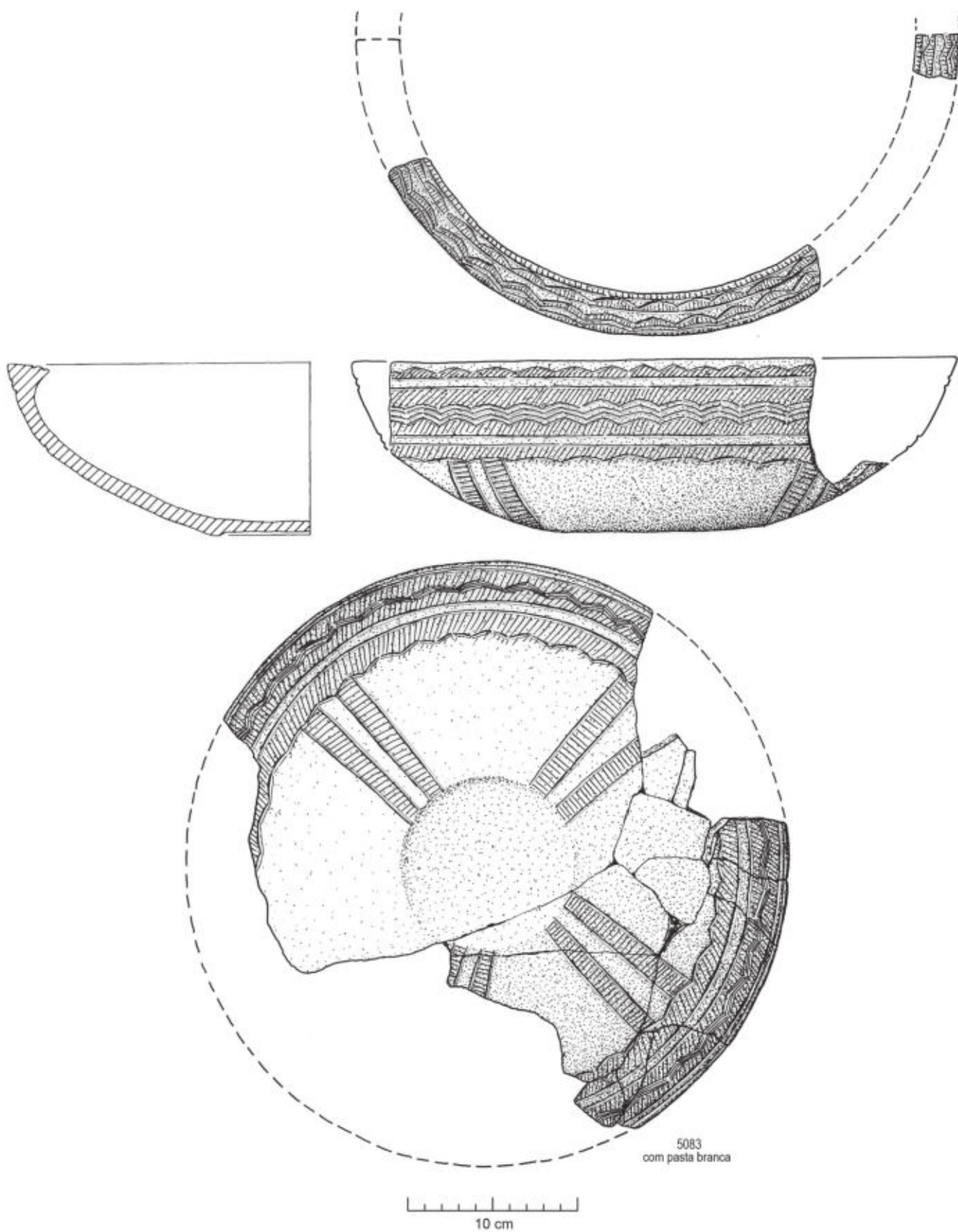


Fig. 44 – S. Paulo II. Taça “tipo Palmela” com decoração incisa e impressa, com preenchimento a pasta branca.
 Desenhos de Filipe Martins.

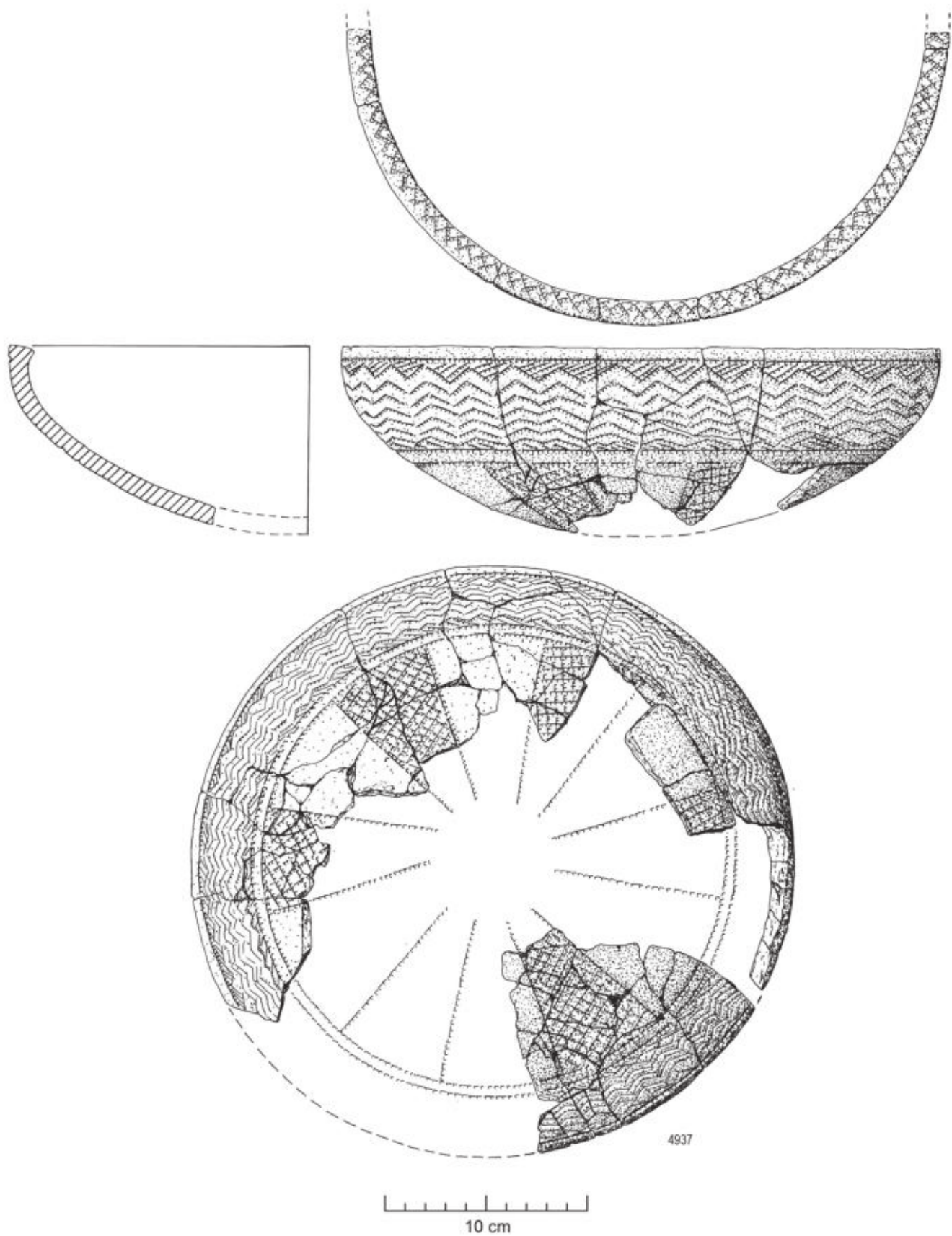


Fig. 45 – S. Paulo II. Taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada. Desenhos de Filipe Martins.

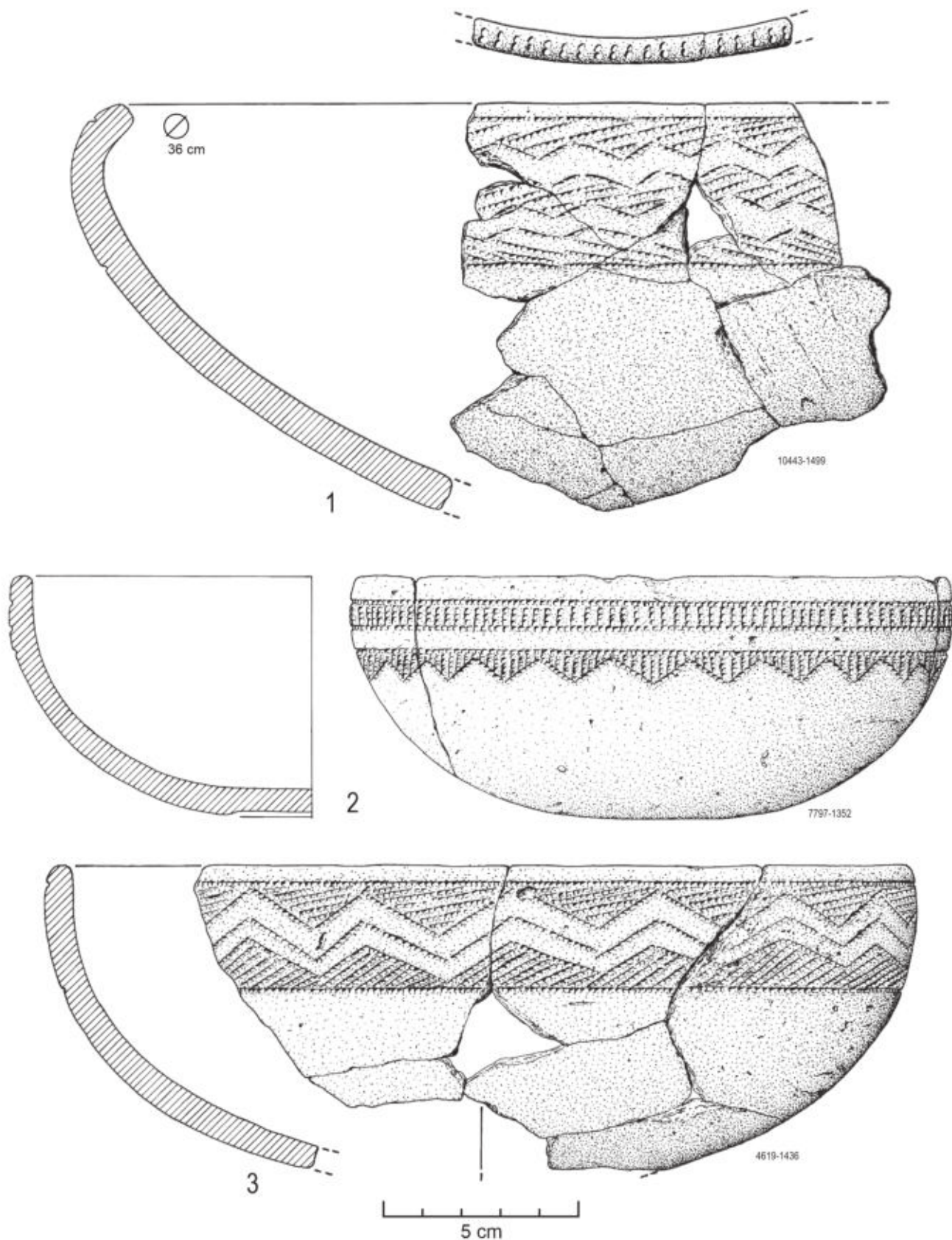


Fig. 46 – S. Paulo II. Taça de bordo reentrante com decoração pontilhada e bordo decorado (n.º 1); taça completa com decoração pontilhada (n.º 2); e taça com decoração pontilhada (n. 3). Desenhos de Filipe Martins.

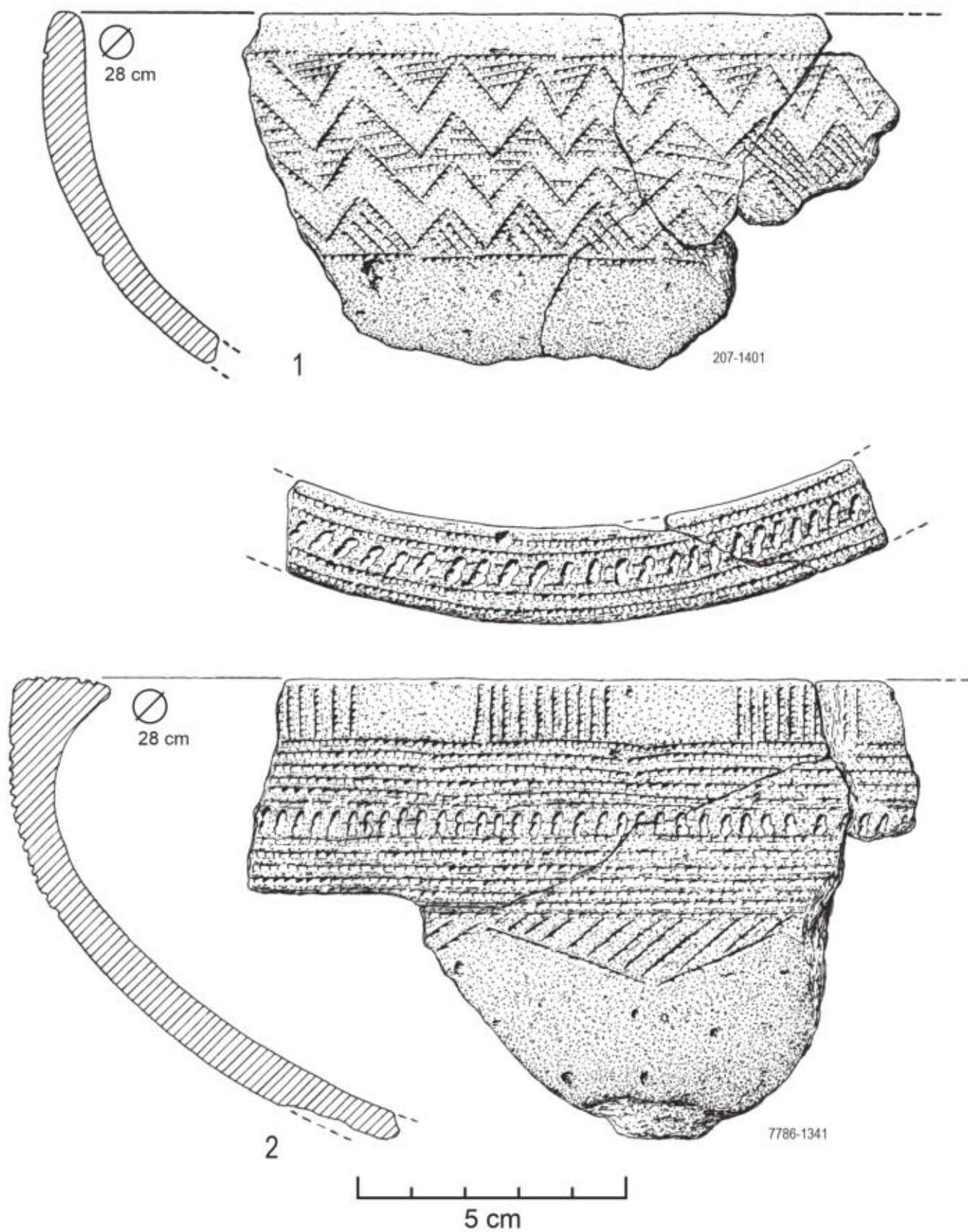


Fig. 47 – S. Paulo II. Taça com decoração pontilhada (n.º 1); e taça “tipo Palmela” com decoração pontilhada (n.º 2).
Desenhos de Filipe Martins.

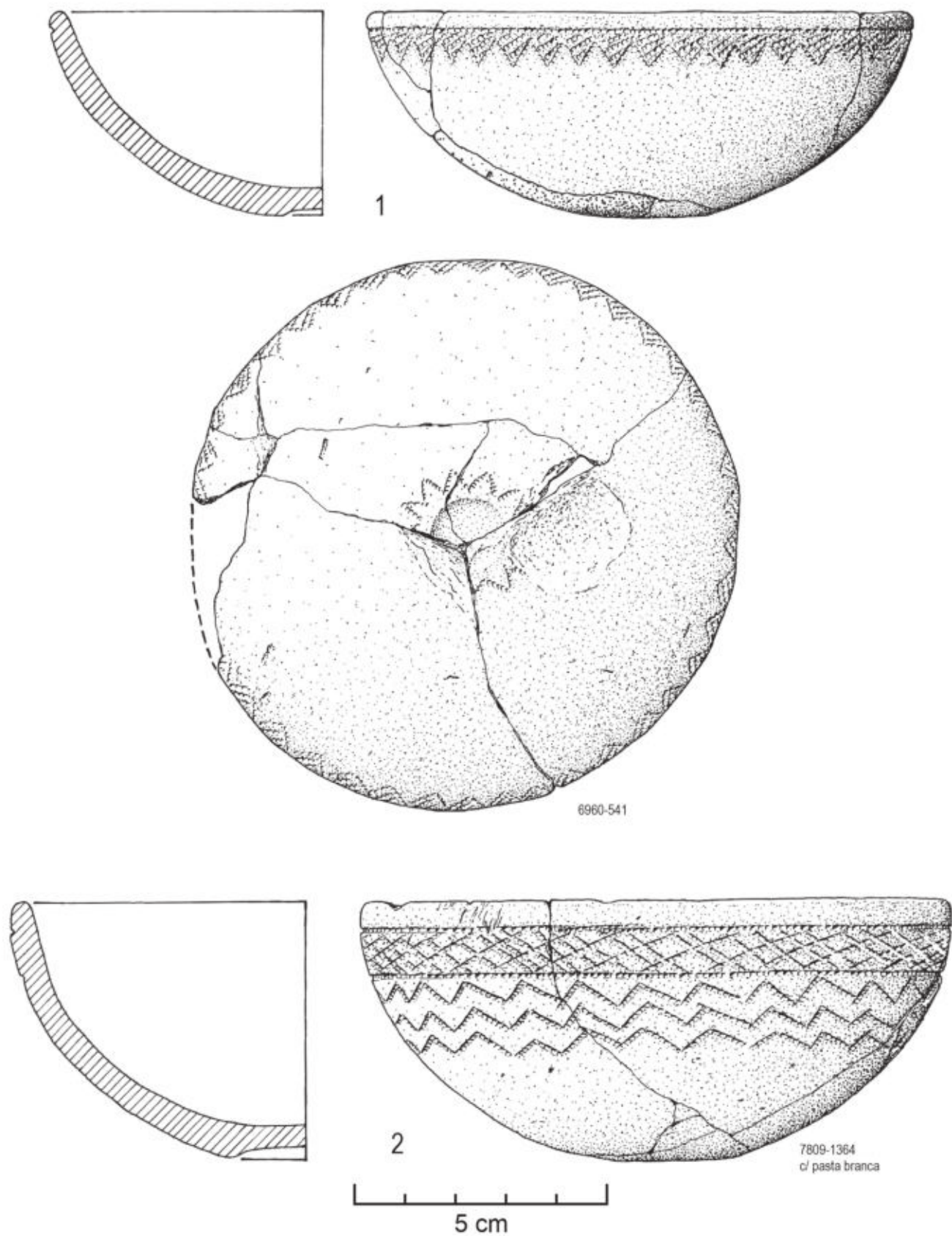


Fig. 48 – S. Paulo II. Taça completa com decoração pontilhada junto ao bordo e fundo decorado associado ao “omphalos” (n.º 1); taça com decoração pontilhada, com preenchimento a pasta branca (n.º 2). Desenhos de Filipe Martins.

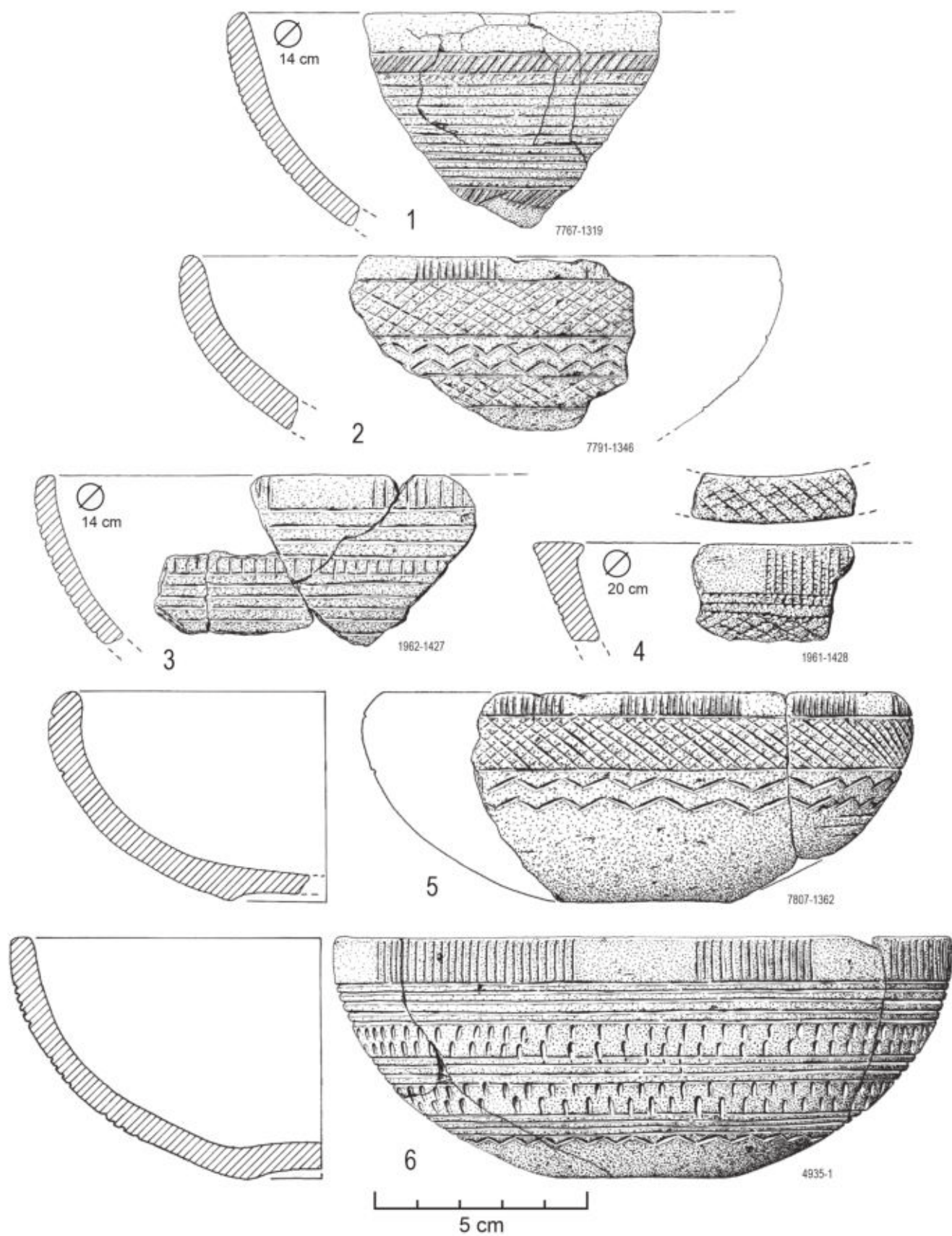


Fig. 49 – S. Paulo II. Taças com decoração incisa (n.º 1, 3); incisa/impressa (n.º 2, 5 e 6); e “tipo Palmela”, com decoração pontilhada (n.º 4).
Desenhos de Filipe Martins.

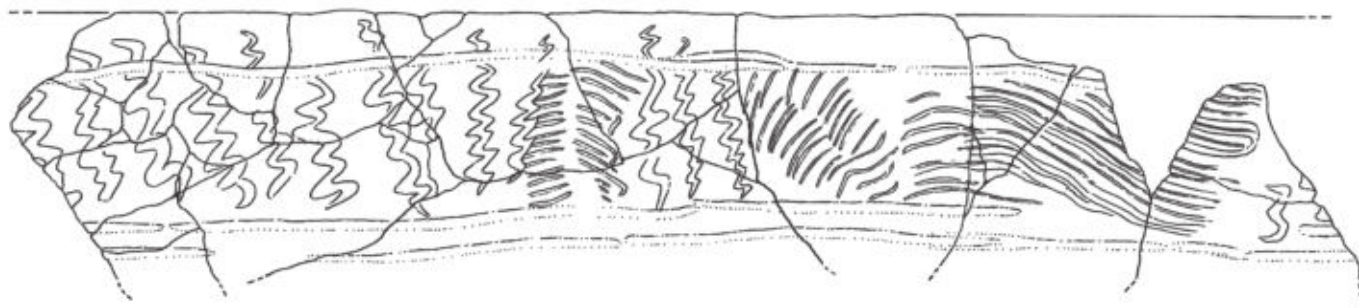
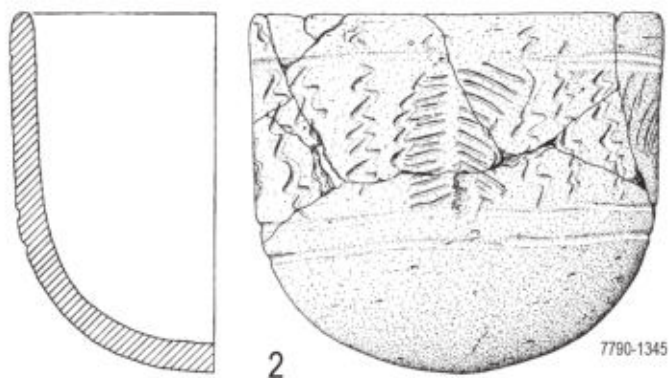
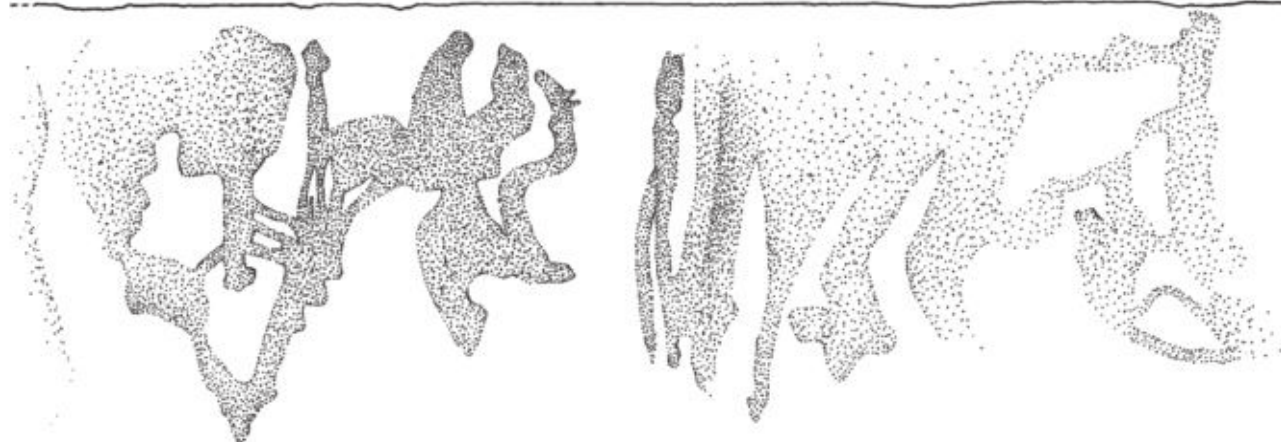


Fig. 50 – S. Paulo II. Vaso de paredes verticais com decoração externa pintada de vermelho (orante?) (n.º 1); Vaso de paredes verticais com decoração incisa, com caneluras associadas a motivos serpentiformes e ondulados (n.º 2). Desenhos de Filipe Martins.

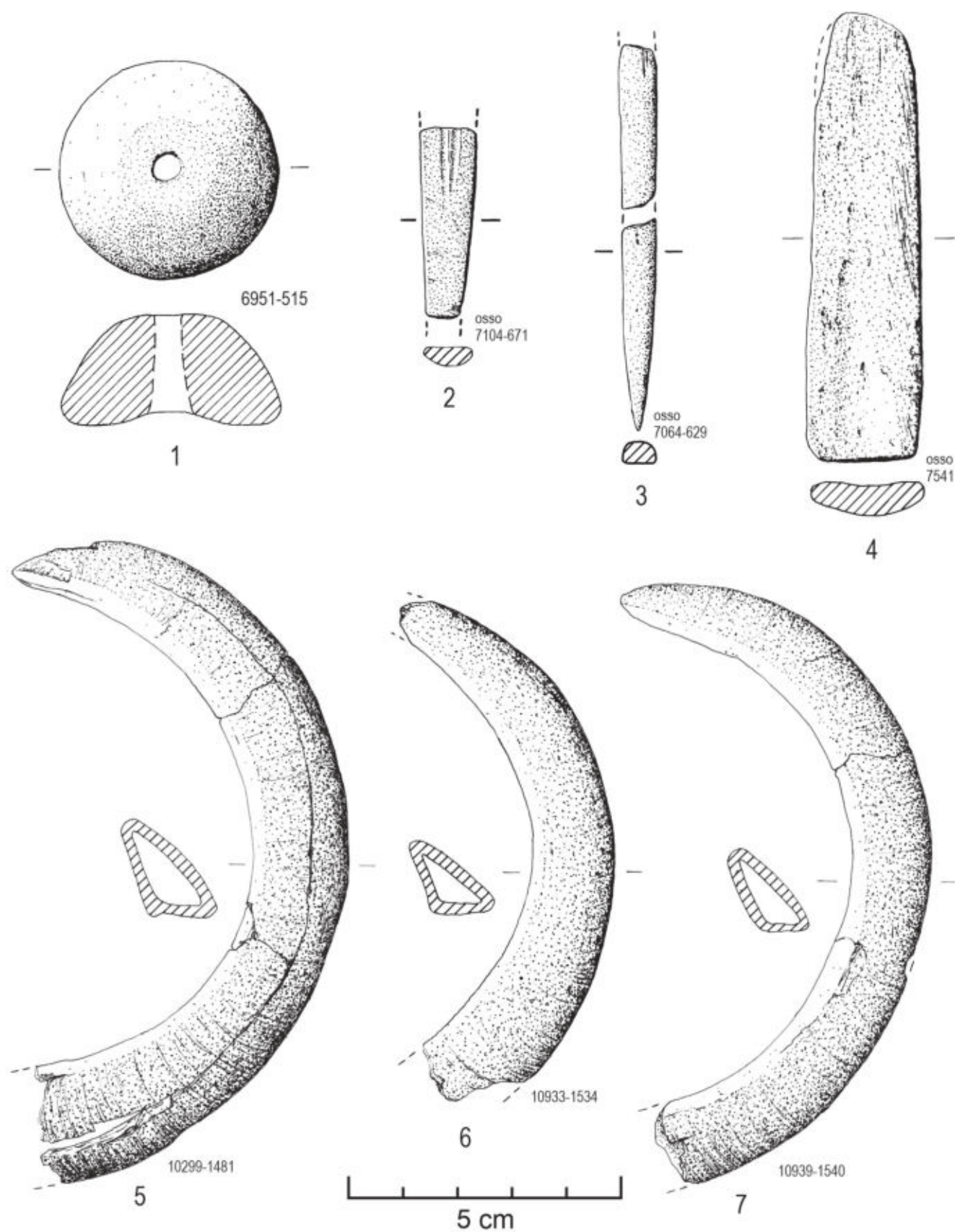


Fig. 51 – S. Paulo II. Cossioiro (n.º 1); artefactos de osso (n.º 2 a 4); presas de javali (n.º 5 a 7). Desenhos de Filipe Martins.

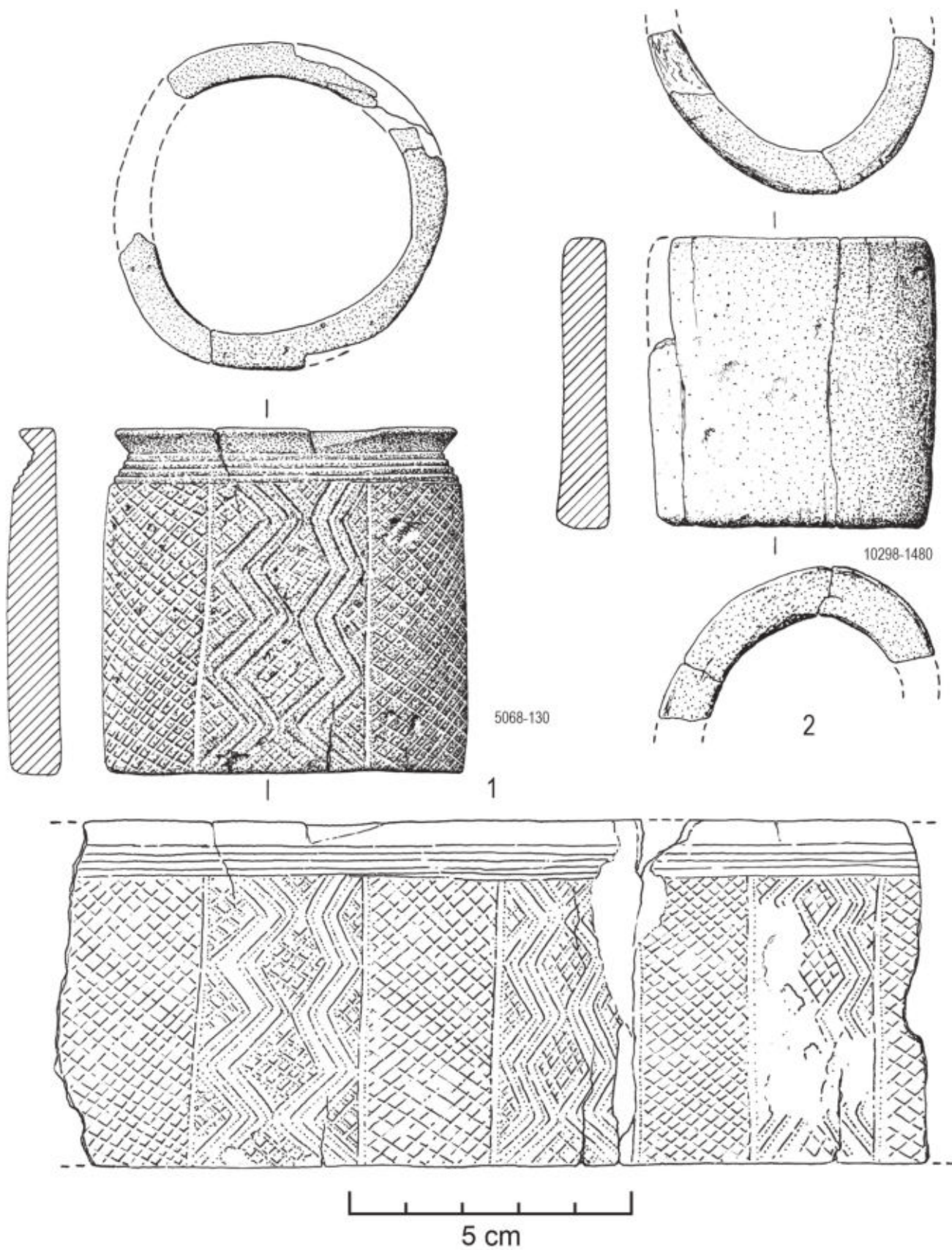


Fig. 52 – S. Paulo II. Recipiente cilíndrico decorado de marfim (n.º 1) e liso, de osso (n.º 2), de fino acabamento.
Desenhos de Filipe Martins.

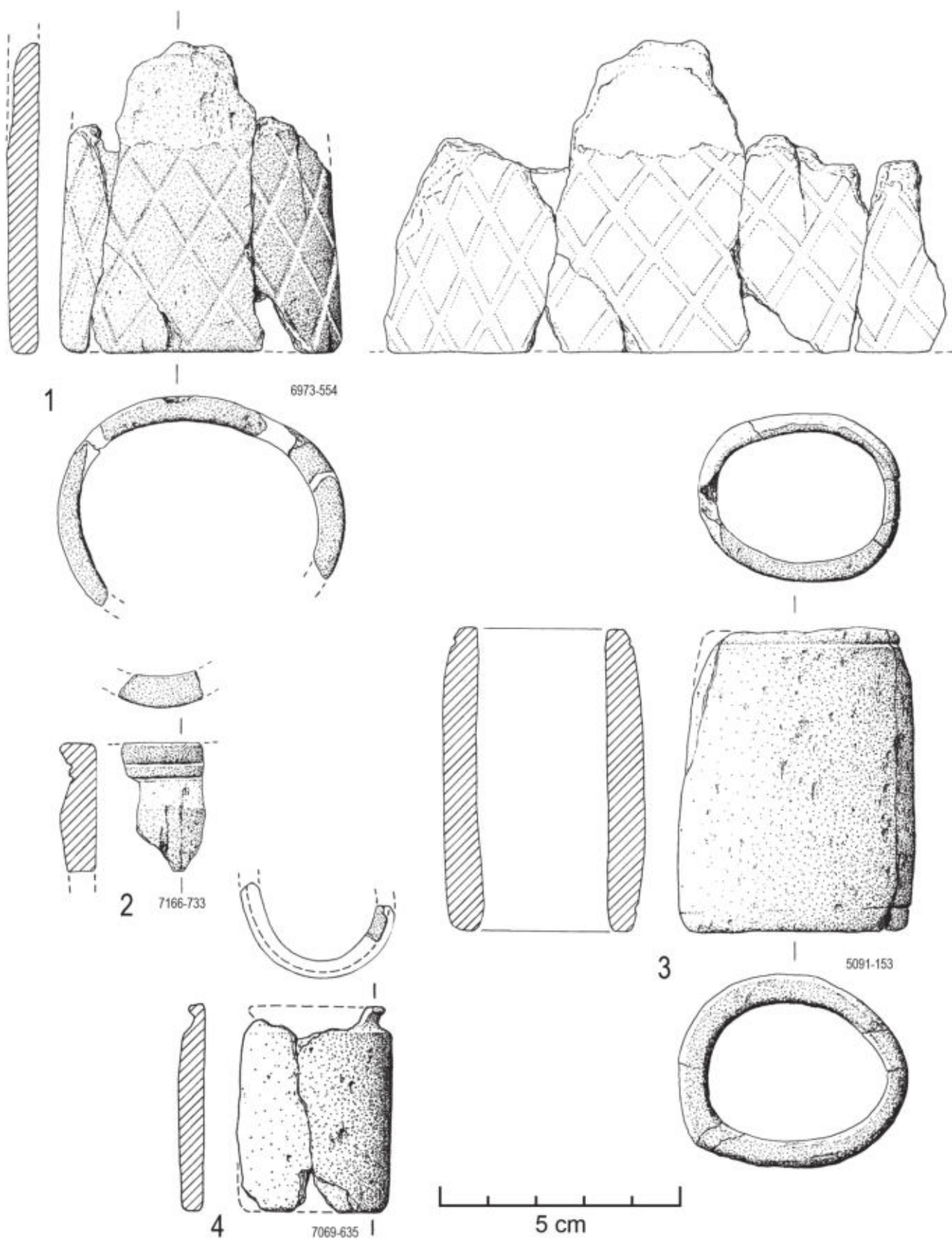


Fig. 53 – S. Paulo II. Recipiente cilíndrico decorado de marfim (n.º 1) e lisos, de osso (n.º 2 a 4), de fino acabamento.
Desenhos de Filipe Martins.

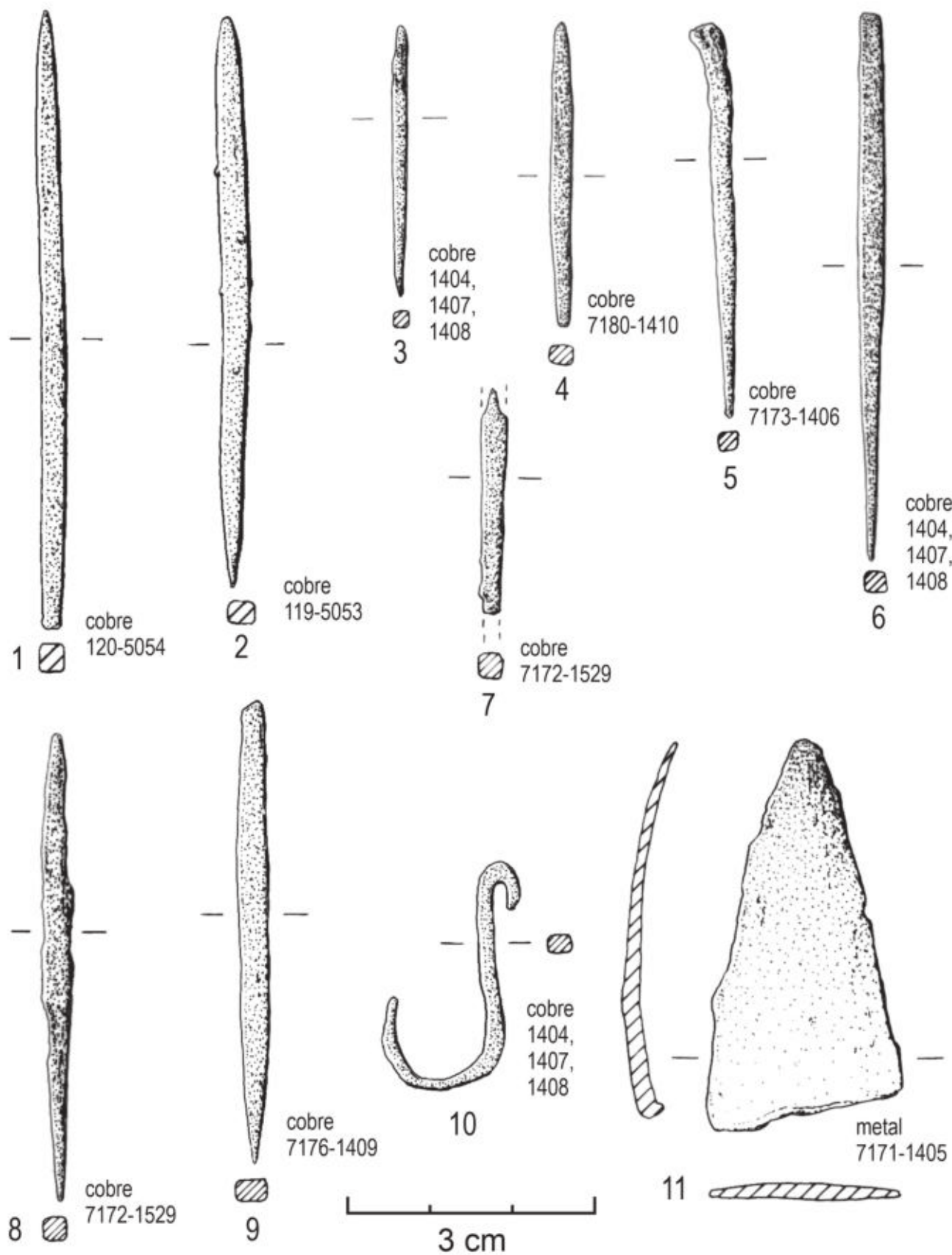


Fig. 54 – S. Paulo II. Artefactos metálicos. Desenhos de Filipe Martins.

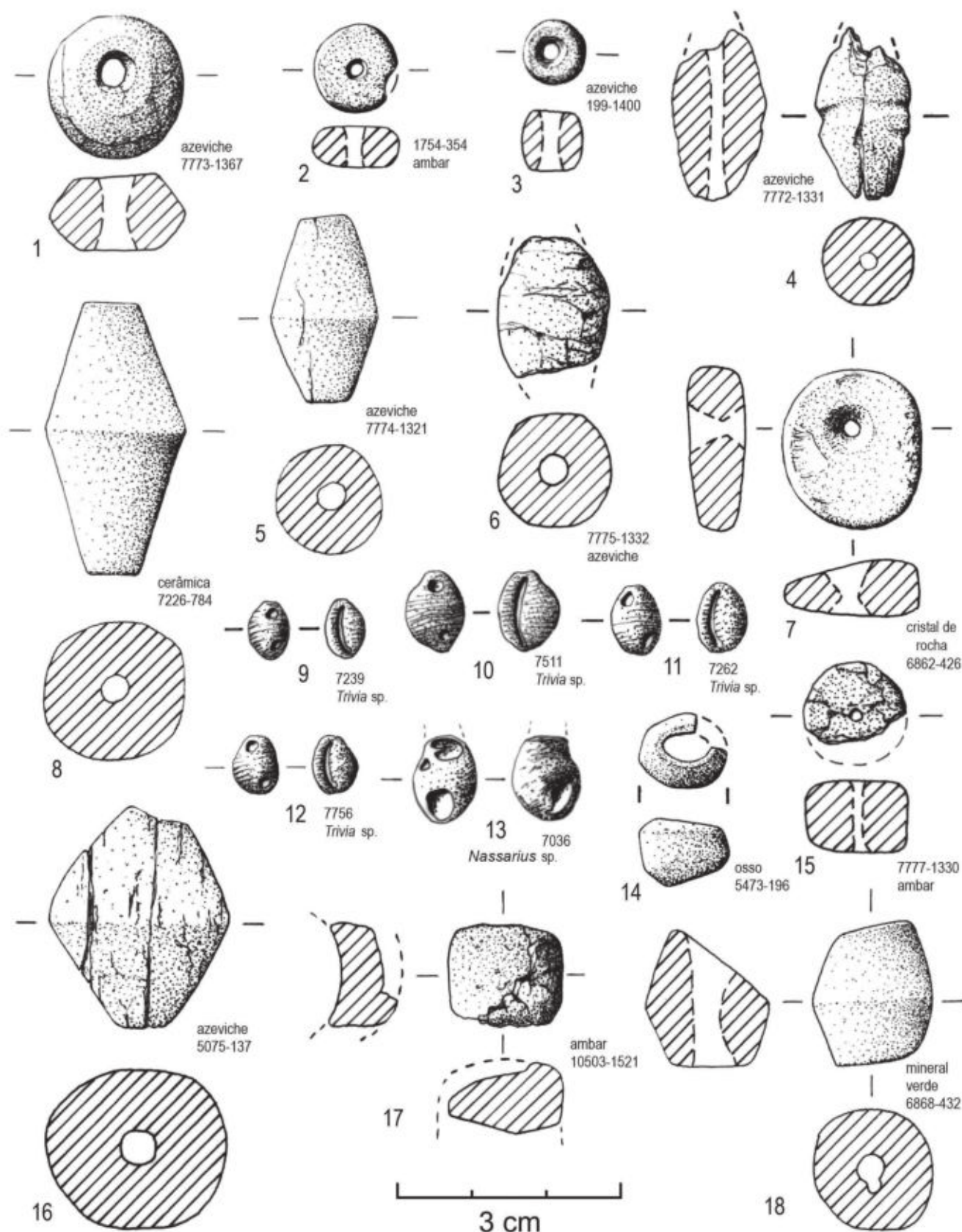


Fig. 55 – S. Paulo II. Contas de colar de azeviche (n.º 1, 2, 3, 5, 6 e 16); de âmbar (n.º 2, 15 e 17); de cristal de rocha (n.º 7); de cerâmica (n.º 8); de concha *Trivia* sp. (n.º 9 a 12); de concha *Nassarius* sp. (n.º 13); de osso (n.º 14); e variscite (n.º 18). Desenhos de Filipe Martins.

- 327 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 3; Fig. 97, n.º 1 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 30 mm;
- 328 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 4; Fig. 97, n.º 8 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 30 mm;
- 329 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 5; Fig. 97, n.º 12 – I29, plano 3, camada 255; comp. max.: 30 mm;
- 330 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 6; Fig. 97, n.º 4 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 37 mm;
- 331 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 7; Fig. 97, n.º 14 – I29, plano 4, camada 257; comp. max.: 39 mm;
- 332 – Botão de tipo “antropomórfico”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 8; Fig. 97, n.º 13 – K28, plano 3, camada 855; comp. max.: 31 mm;
- 333 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 4; Fig. 97, n.º 11 – J29, plano 5, camada 209; comp. max.: 22 mm;
- 334 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 5; Fig. 97, n.º 10 – J30, plano 6, camada 113; comp. max.: 28 mm;
- 335 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 6; Fig. 97, n.º 6 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 29 mm;
- 336 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 7; Fig. 97, n.º 2 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 25 mm;
- 337 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 8; Fig. 97, n.º 5 – I29, plano 5, camada 258; comp. max.: 29 mm;
- 338 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 9; Fig. 97, n.º 9 – I30, plano 12, camada 191; comp. max.: 30 mm;
- 339 – Botão de tipo “antropomórfico”; osso – Fig. 60, n.º 10; Fig. 97, n.º 3 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 33 mm;
- 340 – Botão de tipo “tartaruga”; marfim de cachalote – Fig. 59, n.º 1; Fig. 98, n.º 13 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 27 mm;
- 341 – Botão de tipo “tartaruga”; marfim de cachalote – Fig. 60, n.º 1; Fig. 98, n.º 12 – H29, plano 12, camada 422; comp. max.: 23 mm;
- 342 – Botão de tipo “tartaruga”; marfim de cachalote – Fig. 60, n.º 3; Fig. 98, n.º 6 – J30, plano 7, camada 114; comp. max.: 25 mm;
- 343 – Botão de tipo “tartaruga”; osso – Fig. 61, n.º 6; Fig. 98, n.º 9 – J27, plano 2, camada 759; comp. max.: 26 mm;
- 344 – Botão de tipo “tartaruga”; osso – Fig. 61, n.º 7; Fig. 98, n.º 11 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 22 mm;
- 345 – Botão de tipo “tartaruga”; osso – Fig. 61, n.º 8; Fig. 98, n.º 10 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 26 mm;
- 346 – Botão de tipo “tartaruga”; osso – Fig. 61, n.º 9; Fig. 98, n.º 4 – J27, plano 2, camada 759; comp. max.: 28 mm;
- 347 – Botão de tipo “tartaruga”; osso – Fig. 61, n.º 10; Fig. 98, n.º 7 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 35 mm;

- 348 – Botão de tipo “tartaruga”; osso – Fig. 61, n.º 11; Fig. 98, n.º 14 – J28, plano 4, camada 661; comp. max.: 29 mm;
- 349 – Botão de tipo “lenticular”; marfim de cachalote – Fig. 60, n.º 2; Fig. 98, n.º 2 – H30, plano 2, camada 357; comp. max.: 15 mm;
- 350 – Botão de tipo “lenticular”; osso – Fig. 61, n.º 1; Fig. 98, n.º 5 – G28, camada 301; comp. max.: 14 mm;
- 351 – Botão de tipo “lenticular”; osso – Fig. 61, n.º 2; Fig. 98, n.º 8 – J29, plano 4, camada 208; comp. max.: 13 mm;
- 352 – Fragmento de botão de tipo “lenticular”; osso – Fig. 61, n.º 3 – J27, camada 759; comp. max.: 15 mm;
- 353 – Botão de tipo “lenticular”; osso – Fig. 61, n.º 4; Fig. 98, n.º 1 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 19 mm;
- 354 – Tipo “lenticular”; osso – Fig. 61, n.º 5; Fig. 98, n.º 3 – H30, plano 5, camada 364; comp. max.: 17 mm;

4.7.4 – Pendentes

- 355 – Marfim – Fig. 68, n.º 4; Fig. 105, n.º 3 – I28, plano 1, camada 505; comp. max.: 35 mm;
- 356 – Dente incisivo (I2) superior direito, de *Canis* sp., com perfuração na raiz – Fig. 68, n.º 5; Fig. 105, n.º 5 – K29, plano 1, camada 603; comp. max.: 25 mm;

4.7.5 – Tira de ouro enrolada

- 357 – Folha cortada longitudinalmente com enrolamento irregular de pequenas dimensões – Fig. 68, n.º 3; Fig. 105, n.º 4 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 10 mm;

4.8 – Objectos de carácter simbólico

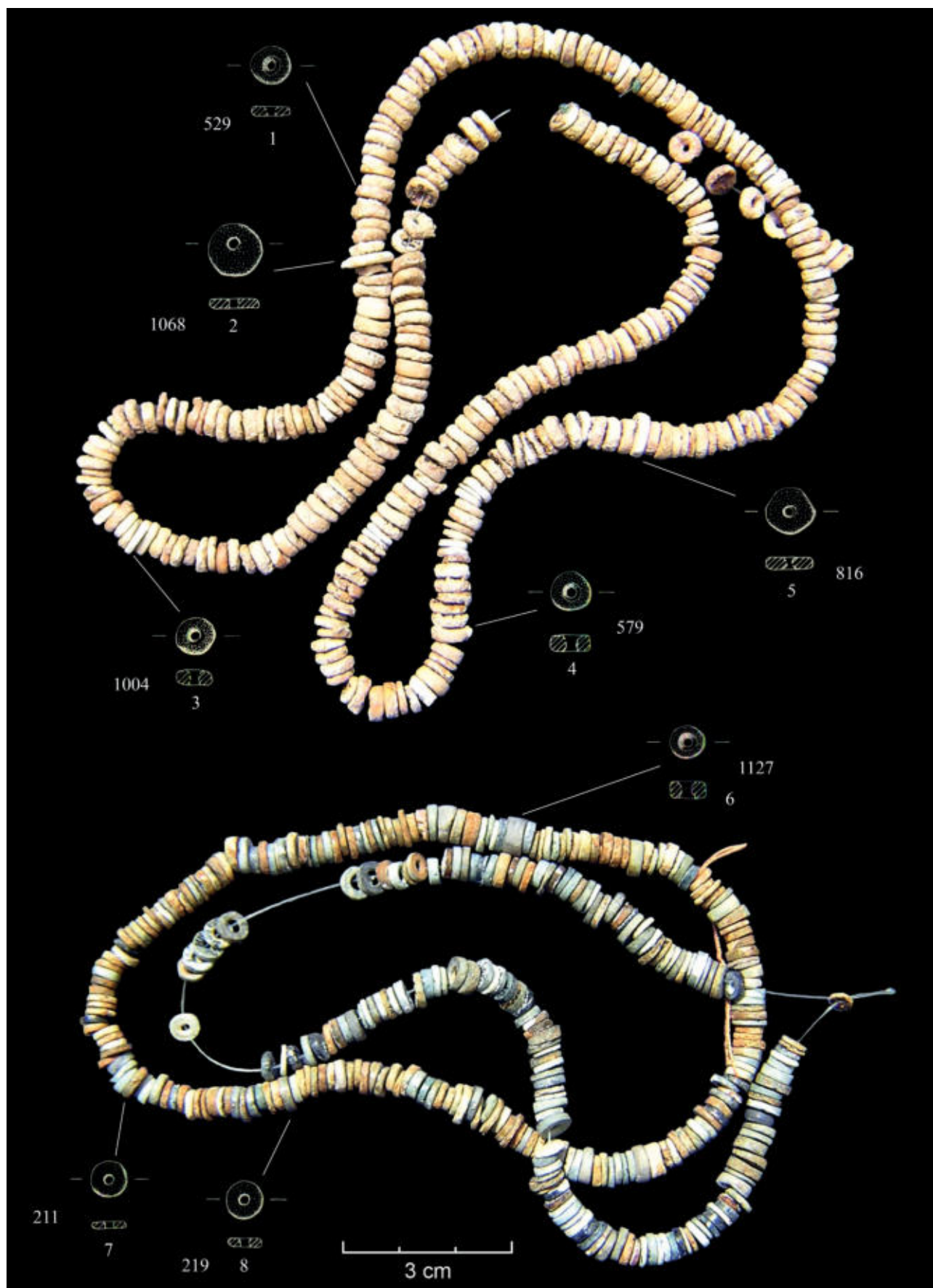
4.8.1 – Placas de xisto (5 ex.)

- 358 – Fig. 62, n.º 1; Fig. 99, n.º 1 – I28; comp. max.: 145 mm;
- 359 – Fig. 62, n.º 2; Fig. 99, n.º 2 – I28, plano 0, camada 503; comp. max.: 57 mm;
- 360 – Fig. 62, n.º 3; Fig. 99, n.º 3 – I29, plano 5, camada 258; comp. max.: 129 mm;
- 361 – Fig. 62, n.º 4; Fig. 99, n.º 4 – I30, plano 14, camada 196; comp. max.: 152 mm;
- 362 – Fig. 62, n.º 5; Fig. 99, n.º 5 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 164 mm;

4.8.2 – Ídolos de calcário e de calcite (33 ex.)

- 363 – Calcário; com tatuagem facial e pormenor de representação de olhos – Fig. 63, n.º 1; Fig. 103, n.º 5 – I27, plano 3, camada 809; comp. max.: 62 mm;
- 364 – Calcite – Fig. 63, n.º 2; Fig. 103, n.º 2 – J30, plano 5, camada 112; comp. max.: 39 mm;
- 365 – Calcário – Fig. 63, n.º 3; Fig. 100, n.º 2 – K29, plano 1, camada 604; comp. max.: 53 mm;
- 366 – Calcário – Fig. 63, n.º 4; Fig. 102, n.º 7 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 70 mm;
- 367 – Calcário – Fig. 63, n.º 5; Fig. 102, n.º 2 – J27, plano 2, camada 759; comp. max.: 53 mm;
- 368 – Calcite; com tatuagem facial – Fig. 63, n.º 6; Fig. 103, n.º 1 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 81 mm;

Fig. 56 – S. Paulo II. Foto de colares e desenho de contas de discóides de concha (n.º 1 a 5); e de xisto (n.º 6 a 8).
Fotografia de João Luís Cardoso e desenhos de Filipe Martins.



369 – Calcite – Fig. 63, n.º 7; Fig. 103, n.º 3 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 65 mm;
 370 – Calcário; com tatuagem facial – Fig. 63, n.º 8; Fig. 103, n.º 4 – I30, plano 3, camada 165; comp. max.: 80 mm;
 371 – Calcário – Fig. 64, n.º 1; Fig. 101, n.º 5 – J29, plano 7, camada 209; comp. max.: 53 mm;
 372 – Calcário – Fig. 64, n.º 2; Fig. 100, n.º 3 – H27, plano 2, camada 706; comp. max.: 40 mm;
 373 – Calcário – Fig. 64, n.º 3; Fig. 100, n.º 7 – J28, plano 2, camada 558; comp. max.: 132 mm;
 374 – Calcário – Fig. 64, n.º 4; Fig. 102, n.º 8 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 115 mm;
 375 – Calcário – Fig. 64, n.º 5; Fig. 100, n.º 10 – I28, plano 2, camada 506; comp. max.: 111 mm;
 376 – Calcário – Fig. 65, n.º 1; Fig. 101, n.º 6 – J30, plano 7, camada 114; comp. max.: 52 mm;
 377 – Calcário – Fig. 65, n.º 2; Fig. 102, n.º 3 – I29, plano 4, camada 257; comp. max.: 53 mm;
 378 – Calcário – Fig. 65, n.º 3; Fig. 101, n.º 3 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 61 mm;
 379 – Calcário – Fig. 65, n.º 5; Fig. 102, n.º 4 – I29, plano 3, camada 255; comp. max.: 89 mm;
 380 – Calcário – Fig. 65, n.º 6; Fig. 100, n.º 9 – J28, plano 4, camada 561; comp. max.: 94 mm;
 381 – Calcário – Fig. 65, n.º 7; Fig. 101, n.º 8 – H29, plano 10, camada 415; comp. max.: 75 mm;
 382 – Calcário – Fig. 65, n.º 8; Fig. 101, n.º 4 – J28, plano 1, camada 554; comp. max.: 68 mm;
 383 – Calcário – Fig. 66, n.º 1; Fig. 102, n.º 1 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 70 mm;
 384 – Calcário – Fig. 66, n.º 2; Fig. 101, n.º 1 – I30, plano 12, camada 191; comp. max.: 78 mm;
 385 – Calcário – Fig. 66, n.º 3; Fig. 100, n.º 1 – J30, plano 6, camada 113; comp. max.: 77 mm;
 386 – Calcário – Fig. 66, n.º 4; Fig. 101, n.º 10 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 70 mm;
 387 – Calcário – Fig. 66, n.º 5; Fig. 102, n.º 5 – I30, plano 11, camada 186; comp. max.: 130 mm;
 388 – Calcário – Fig. 66, n.º 6; Fig. 101, n.º 9 – I30, plano 13, camada 194; comp. max.: 74 mm;
 389 – Calcário – Fig. 66, n.º 7; Fig. 100, n.º 5 – J28, plano 3, camada 560; comp. max.: 89 mm;
 390 – Calcário – Fig. 67, n.º 1; Fig. 100, n.º 6 – J29, plano 5, camada 210; comp. max.: 46 mm;
 391 – Calcário – Fig. 67, n.º 2; Fig. 100, n.º 4 – I27, plano 3, camada 809; comp. max.: 53 mm;
 392 – Calcário – Fig. 67, n.º 3; Fig. 101, n.º 2 – I29, plano 5, camada 258; comp. max.: 54 mm;
 393 – Calcário – Fig. 67, n.º 4; Fig. 100, n.º 8 – J30, plano 5, camada 112; comp. max.: 105 mm;
 394 – Calcário – Fig. 67, n.º 5; Fig. 102, n.º 6 – I29, plano 4, camada 257; comp. max.: 99 mm;
 395 – Calcário – Fig. 67, n.º 6; Fig. 101, n.º 7 – I29, plano 3, camada 255; comp. max.: 110 mm;

4.8.3 – Recipiente cerâmico zoomórfico (suídeo)

396 – Fig. 68, n.º 1; Fig. 104, n.º 1 – I28;

4.8.4 – Figura zoomórfica (lagomorfo)

397 – Fig. 68, n.º 2; Fig. 105, n.º 6 – J29, plano 5, camada 209; comp. max.: 24 mm;

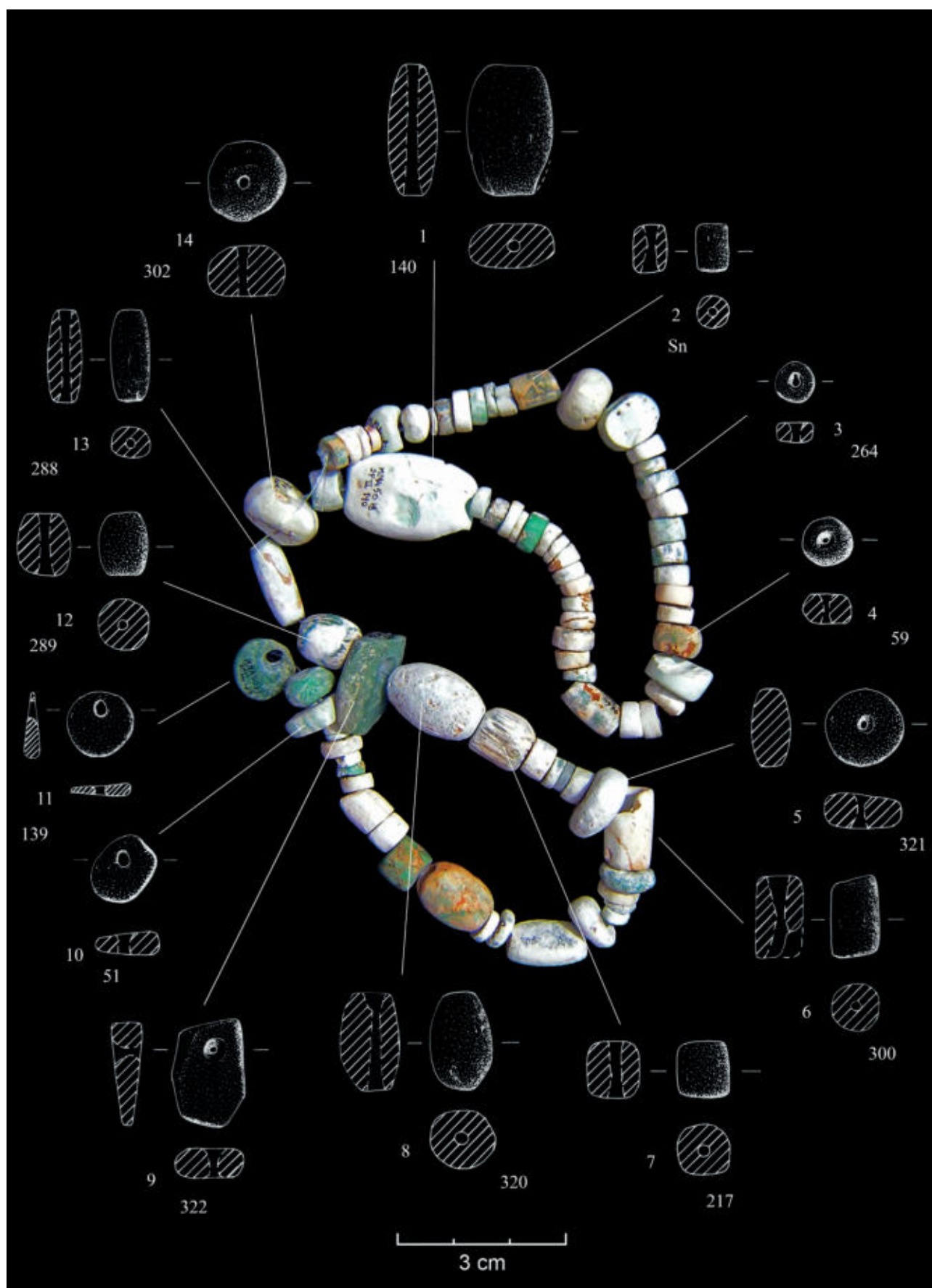
4.8.5 – Ídolos de gola (3 ex.)

398 – Calcário – Fig. 65, n.º 4; Fig. 103, n.º 6 – I29, plano 5, camada 258; comp. max.: 85 mm;

399 – Osso – Fig. 68, n.º 6; Fig. 105, n.º 1 – I30, plano final; comp. max.: 68 mm;

400 – Osso – Fig. 68, n.º 7; Fig. 105, n.º 2 – J30, plano 6, camada 113; comp. max.: 68 mm.

Fig. 57 – S. Paulo II. Foto de colar e desenho de contas de variscite de tamanhos diversos.
 Fotografia de João Luís Cardoso e desenhos de Filipe Martins.



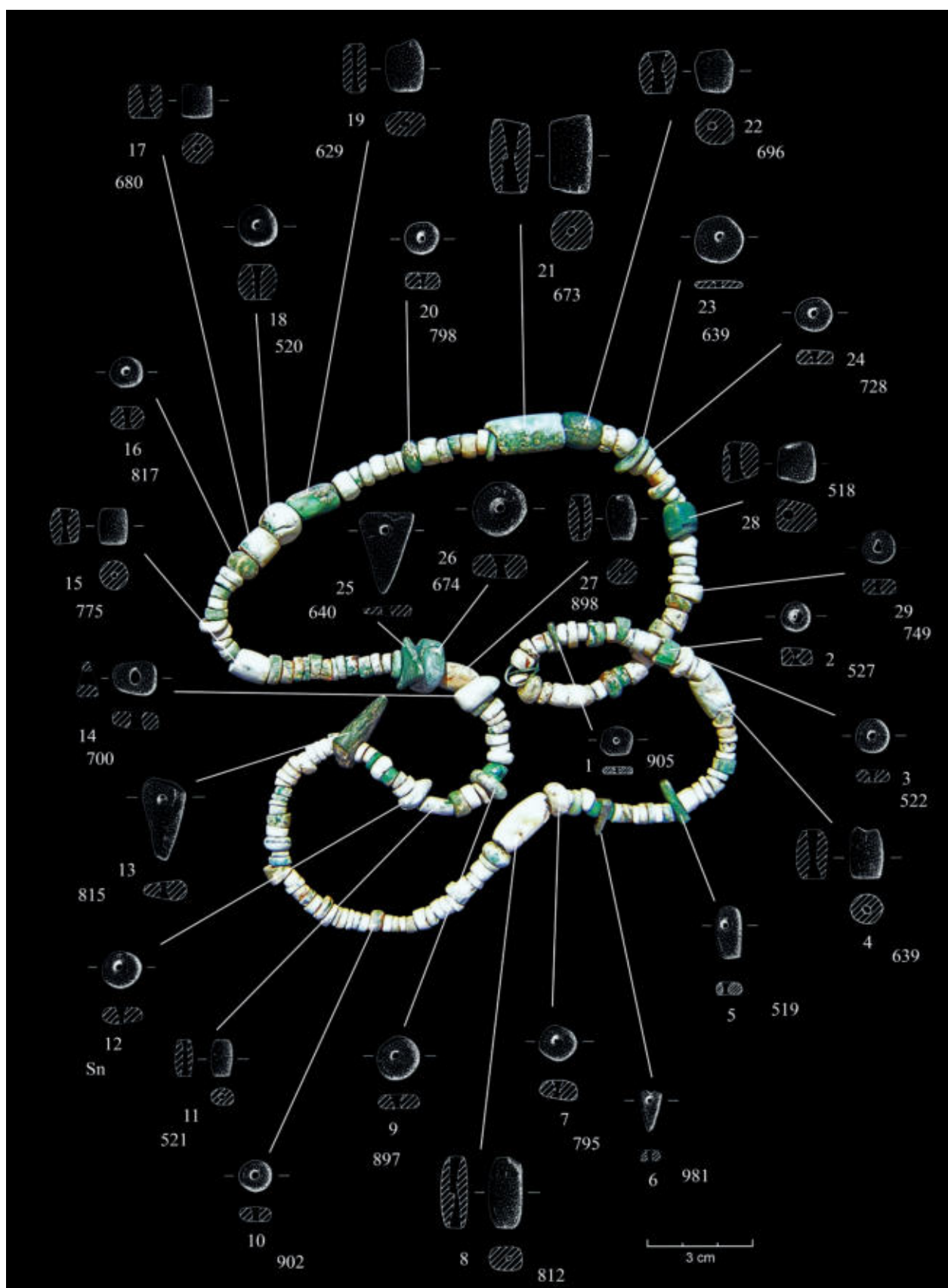


Fig. 58 – S. Paulo II. Foto de colar e desenho de contas de variscite de tamanhos diversos.
Fotografia de João Luís Cardoso e desenhos de Filipe Martins.

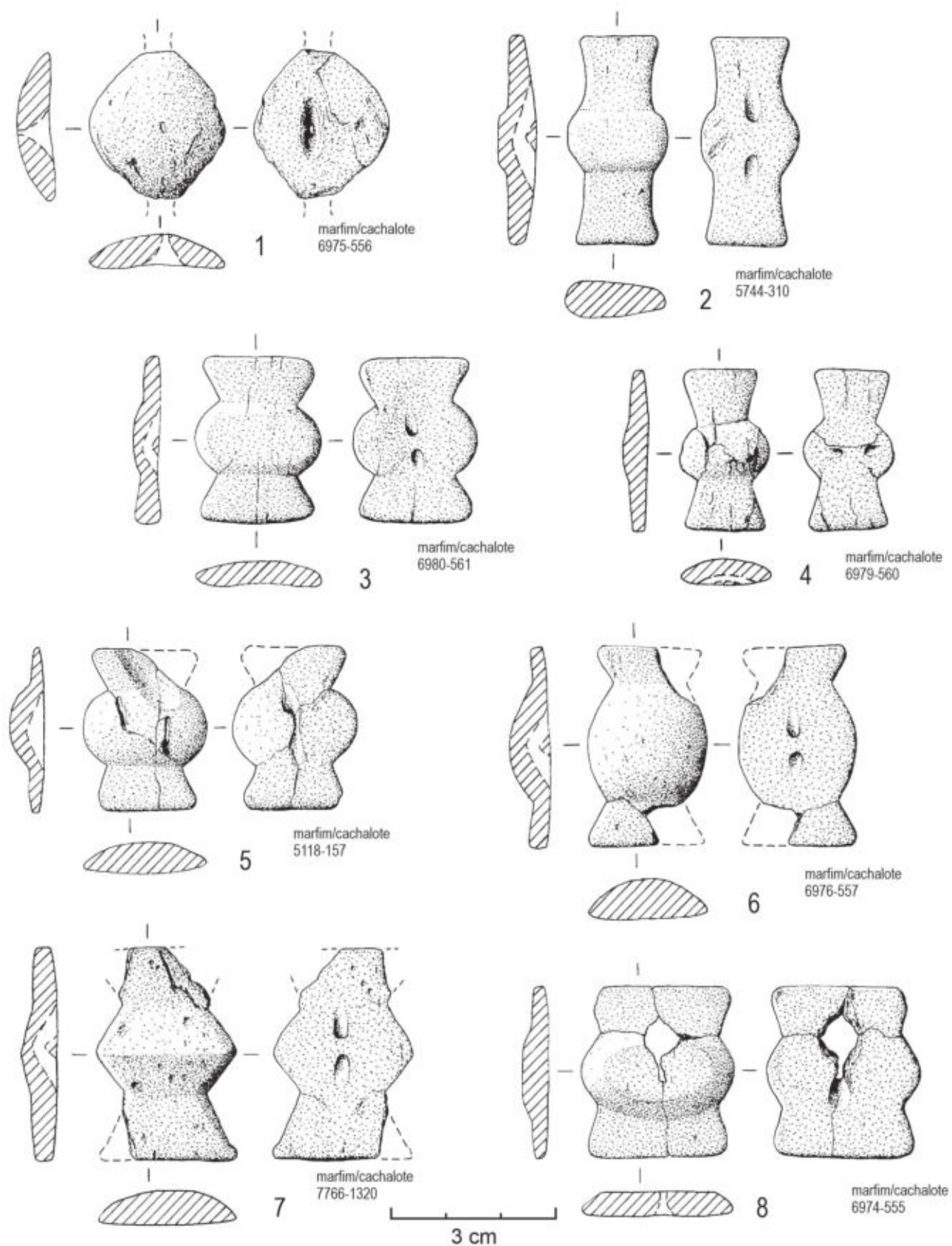


Fig. 59 – S. Paulo II. Botões de marfim de cachalote com dupla perfuração em “V” na face ventral. De tipo “de tartaruga” (n.º 1); e tipo antropomórfico estilizado (n.º 2 a 8). Desenhos de Filipe Martins.

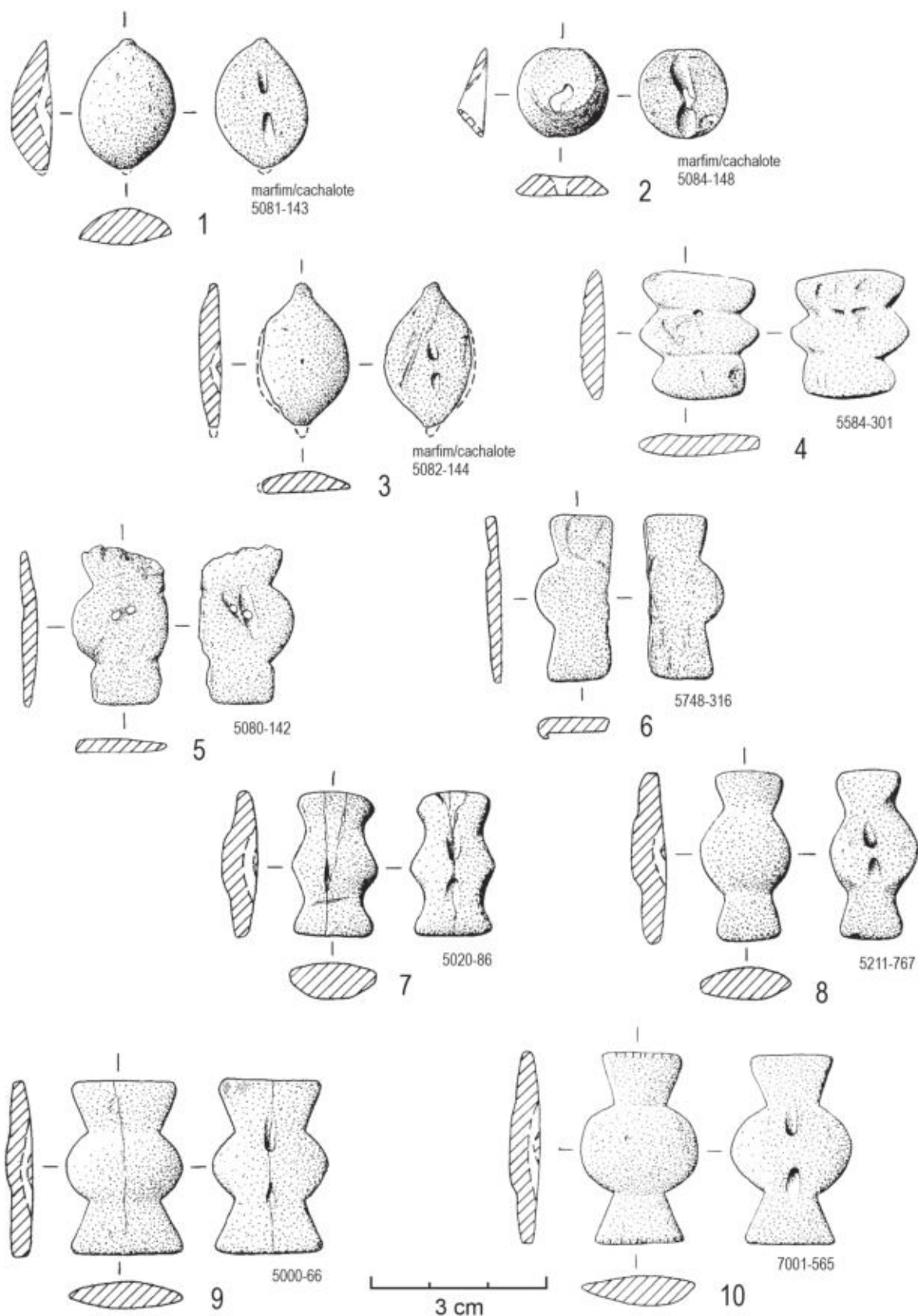


Fig. 60 – S. Paulo II. Botões com dupla perfuração em “V” na face ventral, de marfim de cachalote (n.º 1 a 3) e de osso (n.º 4 a 10). De tipo “de tartaruga” (n.º 1, 3); tipo lenticular (n.º 2); e tipo antropomórfico estilizado (n.º 4 a 10). Desenhos de Filipe Martins.

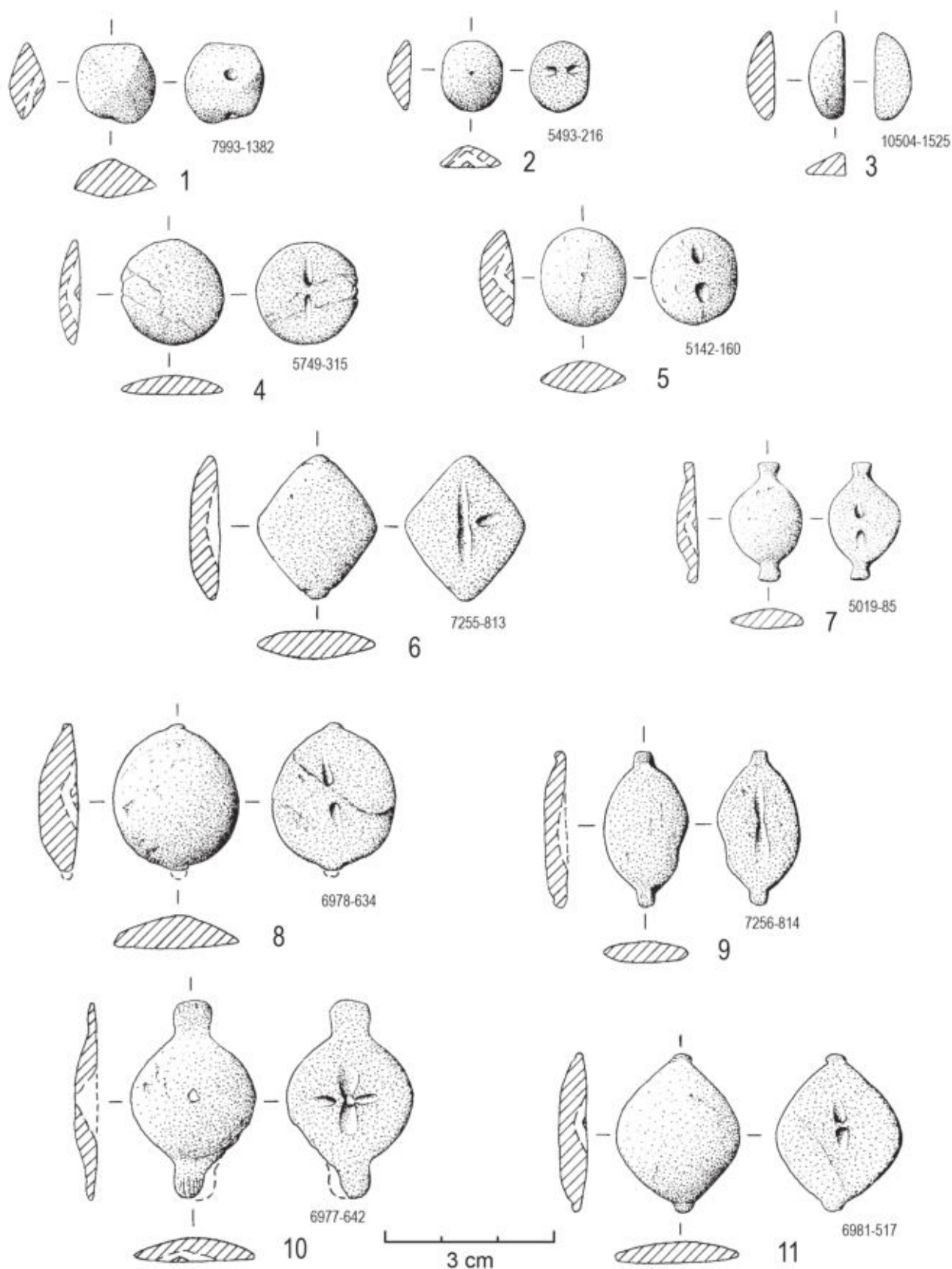


Fig. 61 – S. Paulo II. Botões de osso com dupla perfuração em “V” na face ventral. De tipo lenticular (n.º 1 a 5); e de tipo “de tartaruga” (n.º 6 a 11). Desenhos de Filipe Martins.



Fig. 62 – S. Paulo II. Placas de xisto decoradas (n.º 1, 3 a 5) e pequeno fragmento de placa decorada reutilizado (n.º 2).
Desenhos de Filipe Martins.

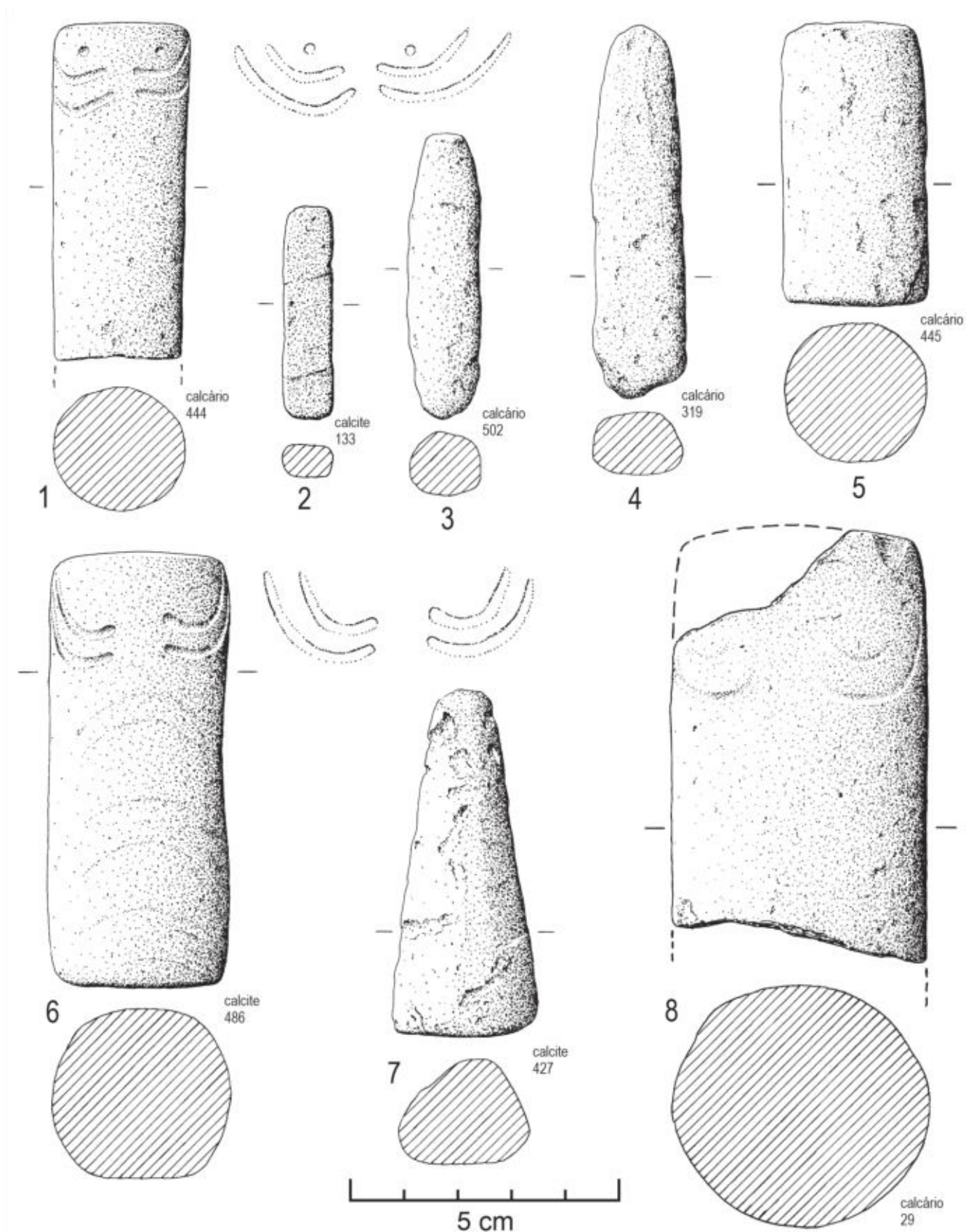


Fig. 63 – S. Paulo II. Ídolos de calcário (n.º 1, 3 a 5, 8) e de calcite (n.º 2, 6 e 7). Três exemplares possuem decoração de tatuagens faciais em torno da sua extremidade superior (n.º 1, 6 e 8), com particular destaque para o exemplar n.º 1 que exhibe também a representação de olhos. Desenhos de Filipe Martins.

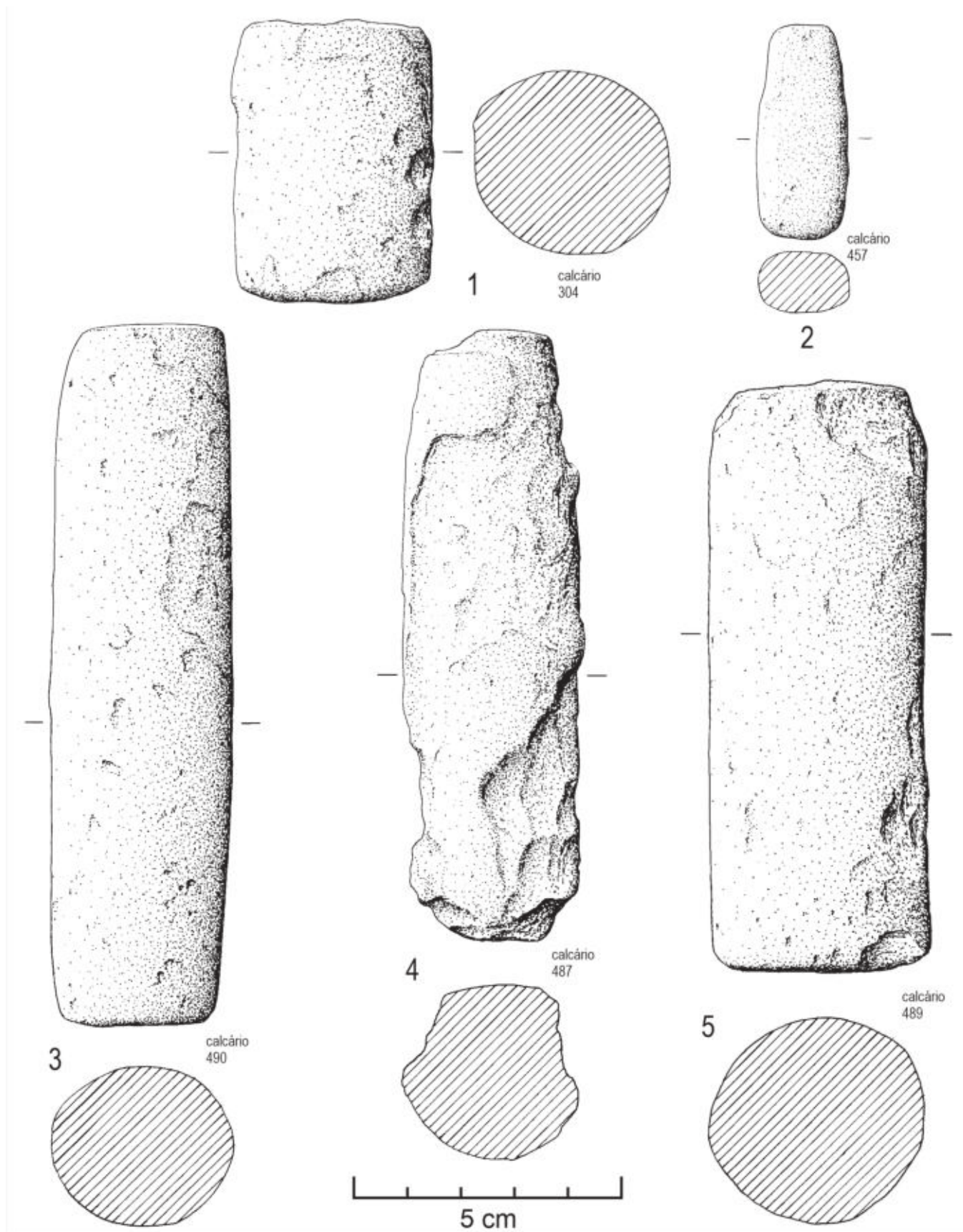


Fig. 64 – S. Paulo II. Ídolos de calcário (n.º 1 a 5). Desenhos de Filipe Martins.

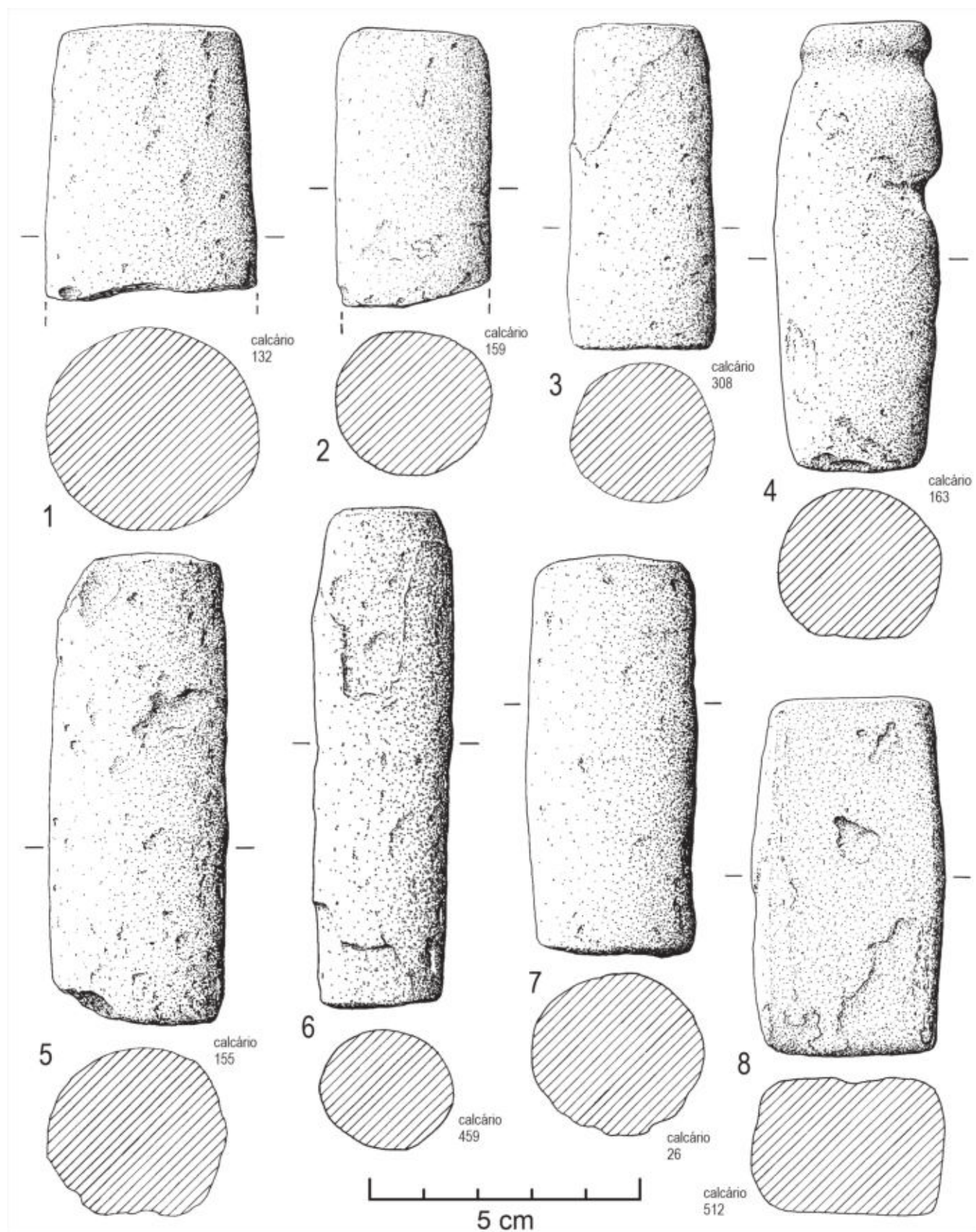


Fig. 65 – S. Paulo II. Ídolos de calcário. Particular destaque para o que possui gola, correspondente a extremidade superior (n.º 4).
Desenhos de Filipe Martins.

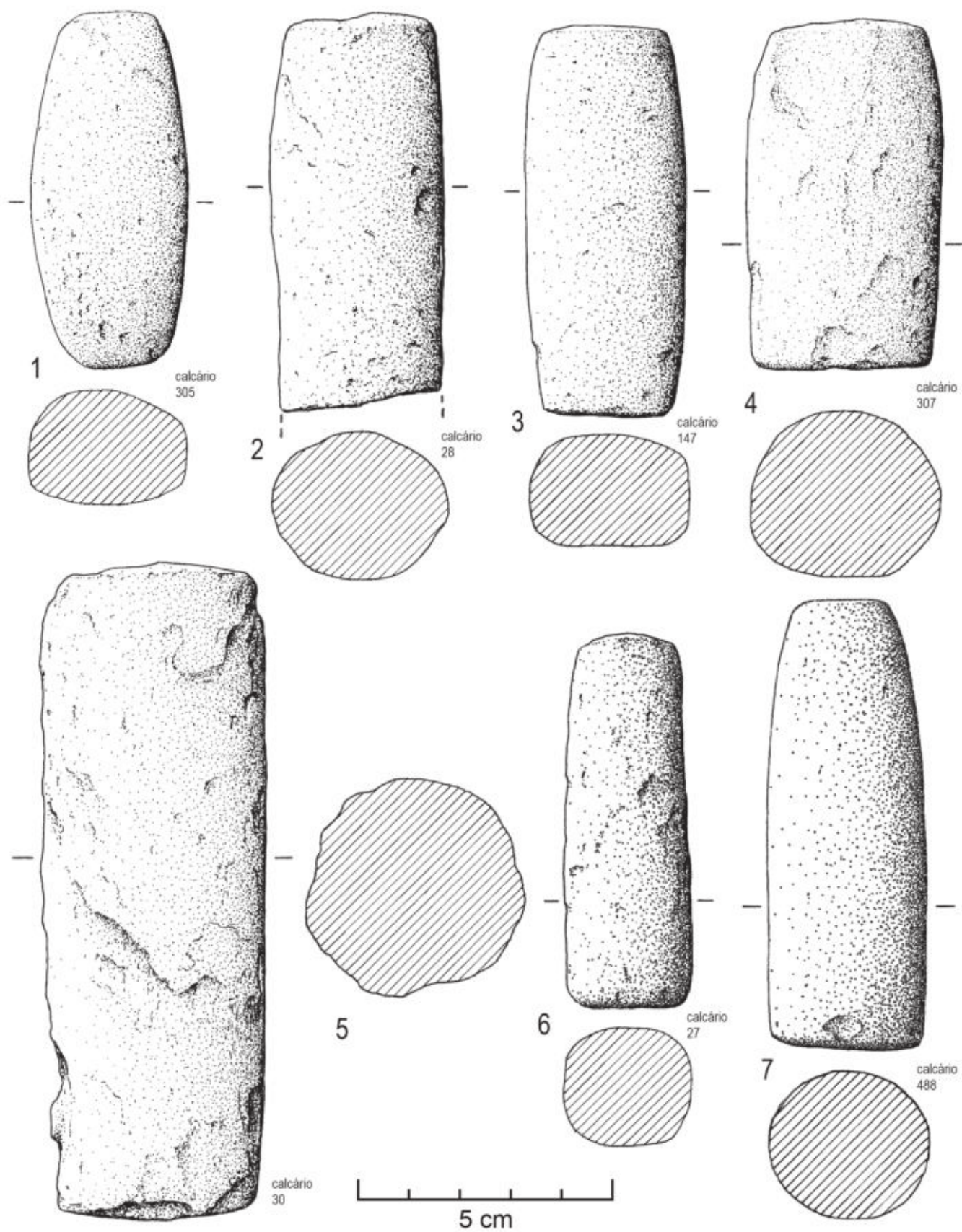


Fig. 66 - S. Paulo II. Ídolos de calcário.

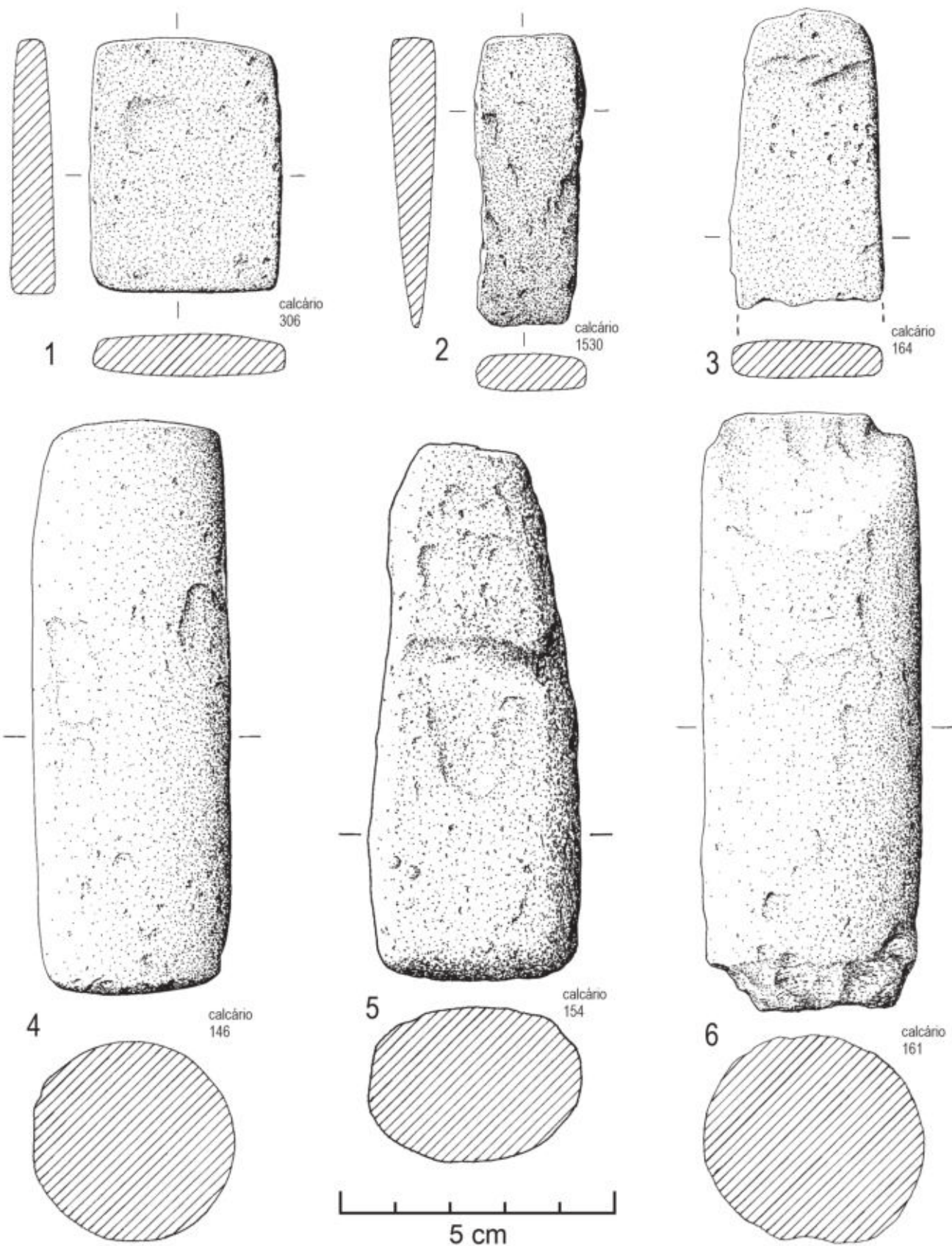


Fig. 67 – S. Paulo II. Ídolos de calcário.

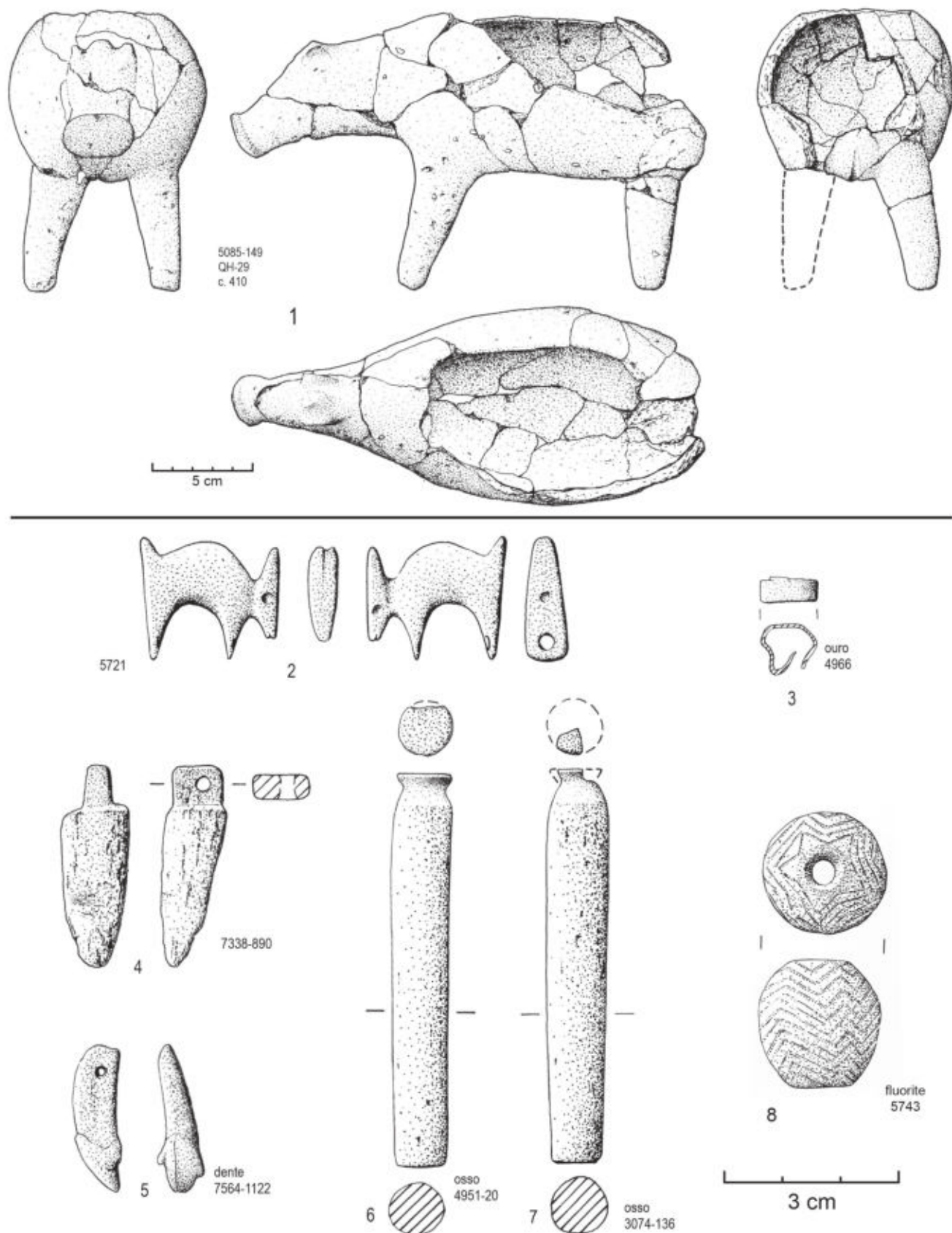


Fig. 68 – S. Paulo II. Recipiente cerâmico zoomórfico representando suídeo (n.º 1); figura zoomórfica (lagomorfo) (n.º 2); tira de ouro (n.º 3); pendente de marfim de elefante (n.º 4); dente de cão com perfuração na raiz (n.º 5); e dois “ídeos-gola” de osso (n.º 6 e 7); conta de fluorite gravada (Fig. 8). Desenhos de Filipe Martins.

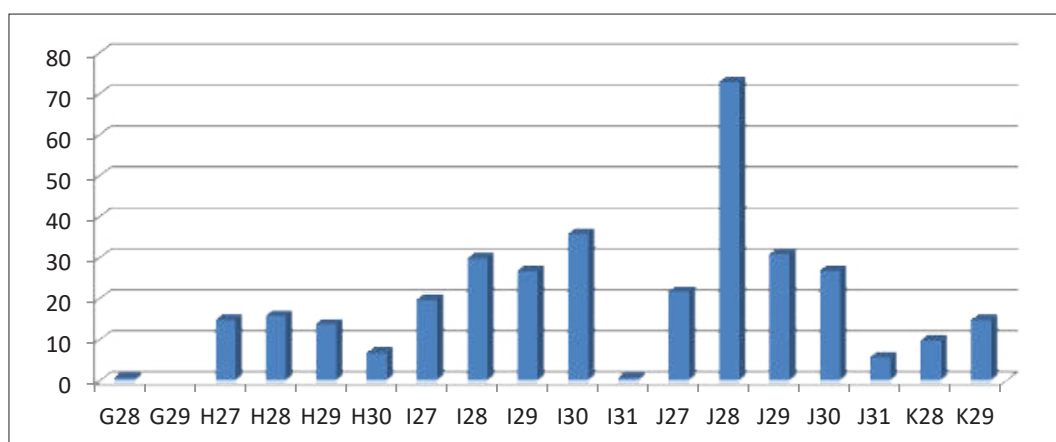
5 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESPÓLIOS PELA ÁREA ESCAVADA

A distribuição espacial dos artefactos ora estudados e desenhados, realizada com base nos respectivos registos, apresenta-se nas Fig. 106 a 126, com o objectivo de se identificarem eventuais concentrações ou associações de materiais arqueológicos.

Foram considerados 446 artefactos para os quais existia informação acerca do seu local de recolha, registada no decurso da escavação. A localização em planta de alguns recipientes cerâmicos, tendo presente a sua assinalável dispersão no terreno, foi efectuada, de acordo com o local onde o maior número de fragmentos do mesmo vaso se concentrava.

Os resultados obtidos para esta distribuição, por cada quadrado de 2 x 2m escavado, apresentam-se no Gráfico 1.

Gráfico 1 – S. Paulo II. Distribuição do número de artefactos recolhidos pelos quadrados escavados.



Verifica-se que os espólios arqueológicos possuem maior incidência na área central da gruta artificial, nos quadrados I28, I29, I30, J28, J29 e J30, representando 63,8% do número total de artefactos. Particular destaque para o quadrado J28, com a presença de 73 artefactos, ao que corresponde a 20,8% dos objectos recolhidos no monumento. Foi também esse mesmo quadrado que forneceu maior número de geométricos (7 exemplares de 22 recolhidos), pontas de seta (12 ex. de 52 recolhidos), placas de arenito (2 ex. de 4), cerâmica decorada campaniforme (9 ex. de 41), botões campaniformes (6 ex. de 29), e ídolos de calcário (7 ex. de 34).

Tal padrão não possui, porém, qualquer significado arqueológico, pois, como acima se disse, os espólios arqueológicos evidenciam fortes perturbações pós-deposicionais, comprovadas por alguns recipientes cerâmicos, cujos exemplos mais expressivos são os seguintes:

- dois vasos com decoração canelada junto ao bordo, atribuídos ao Calcolítico Inicial (Fig. 31, n.º 5; Fig. 81, n.º 3; Fig. 32, n.º 5; Fig. 78, n.º 2);
- caçoila campaniforme decorada (Fig. 39, n.º 2; Fig. 83, n.º 4);
- grande taça Palmela decorada (Fig. 40, n.º 3; Fig. 91, n.º 4);
- vaso cerâmico zoomórfico representando suídeo (Fig. 68, n.º 1; Fig. 104) composto por 20 fragmentos, dispersos por 9 quadrados e 13 camadas (Fig. 126);

- fragmentos de três lâminas de sílex recolhidos em diferentes quadrados e camadas/planos, formando posteriormente artefactos completos: numa lâmina composta por um fragmento proximal recolhido à superfície, um fragmento mesial no J27, e outro distal no I28, em camadas/planos diferentes (Fig. 19, n.º 4; Fig. 70, n.º 12); numa lâmina onde o fragmento proximal foi recolhido no K29 e o fragmento distal no J28, em camadas/planos diferentes (Fig. 19, n.º 5; Fig. 70, n.º 3); e outra lâmina cujo um fragmento foi recolhido no quadrado I27 e um outro no J27, em camadas/planos diferentes (Fig. 19, n.º 8; Fig. 70, n.º 11);
- fragmentos de duas placas de arenito (Fig. 26, n.º 1 e 4; Fig. 73, n.º 2);
- fragmentos de recipientes cilíndricos de osso, liso (Fig. 52, n.º 2; Fig. 94, n.º 2) e de marfim, decorados (Fig. 52, n.º 1, Fig. 94, n.º 3; Fig. 53, n.º 1; Fig. 94, n.º 1);
- placa de xisto (Fig. 62, n.º 1, Fig. 99, n.º 1) composto por 14 fragmentos, dispersos por 6 quadrados (G28, H28, I27, I28, J27, e K28) e 14 camadas (Fig. 99, n.º 1);

Os fragmentos destes artefactos, de diversos tipos e matérias-primas evidenciaram assinalável dispersão, tanto horizontal, como vertical, inviabilizando a valorização da componente estratigráfica na interpretação das sucessivas utilizações funerárias da gruta em época pré-histórica e na identificação de associações artefactuais (Fig. 122 a Fig. 125).

Este padrão dispersivo não inviabilizou, porém, a existência de recipientes cerâmicos completos ou quase completos, os quais, ao contrário do que poderia admitir-se, também não jaziam na sua posição original. Para além das acções antrópicas, resultantes sobretudo da utilização daquele espaço para a abertura de sepulturas de época moderna e contemporânea, observaram-se durante a escavação vestígios de tocas de roedores (“bolsas de ar”) onde os artefactos se poderiam movimentar, conclusão testemunhada pela presença de inúmeras marcas de roedores nas paredes externa e internas de vários recipientes lisos e decorados. A presença de tais animais carnívoros neste espaço confinado pode relacionar-se directamente com a das sepulturas.

A distribuição dos artefactos recuperados pelos diversos planos artificiais registados, cuja potência média foi de 15 cm, mas que variaram entre os 5 e os 20 cm, indica uma concentração de materiais nos primeiros cinco planos escavados, destacando-se o plano 3 com o maior número de elementos (Gráfico 2).

Gráfico 2 – S. Paulo II. Distribuição dos artefactos recolhidos pelos planos artificiais previamente definidos

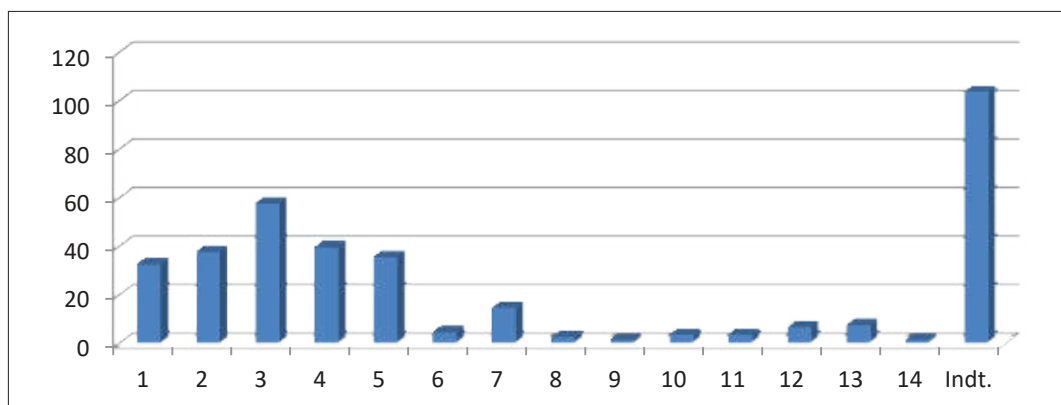


Fig. 69 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada. Truncaturas (n.º 1, 2, 7); triângulos (n.º 3, 5, 6); trapézios (n.º 4, 8); lâminas (n.º 9 a 11); furadores estreitos (n.º 12 e 13); núcleos (n.º 14 a 17); e lâminas foliáceas (n.º 18 e 19). Fotografias de João Luís Cardoso.



O conjunto constituído por 10 botões campaniformes provém maioritariamente de três planos (planos 3, 4 e 5) nos quadrados J28 (Fig. 59, n.º 1 e 6; Fig. 60, n.º 10; Fig. 61, n.º 8, 10 e 11) (Fig. 97, n.º 3 e 4; Fig. 98, n.º 7, 10, 13 e 14) e J29 (Fig. 60, n.º 4 e 6; Fig. 61, n.º 2 e 4) (Fig. 97, n.º 6 e 11; Fig. 98, n.º 1 e 8). Os restantes encontram-se dispersos pelo monumento (Fig. 119). Tal facto poderá ser indício, a admitir que tais botões integrassem uma única peça de vestuário, à semelhança do achado da gruta artificial 2 de S. Pedro do Estoril, adiante referido, que possam ter subsistido, apesar dos fortes remeximentos, algumas peças, de menores dimensões, nas posições próximas das originais.

A conclusão geral a extrair é a de que a gruta artificial terá sido sujeita a fortes perturbações, em várias épocas, durante e sobretudo após a utilização do espaço como necrópole pré-histórica.

Tais revolvimentos terão sido produzidos por acção humana e animal (roedores).

Apenas foi possível individualizar uma sepultura pré-histórica ainda na sua posição primitiva, na base do H29 (Enterramento A), assente no chão primitivo da gruta. Trata-se da tumulação de um indivíduo jovem que tinha associado uma taça carenada (Fig. 28, n.º 3; Fig. 110).

6 – DISCUSSÃO

O estudo sistemático de todos os artefactos recolhidos, agrupados tipologicamente, envolveu o estabelecimento de comparações com produções da mesma época, as quais se apresentam sem carácter sistemático, valorizando especialmente os exemplares considerados mais relevantes.

6.1 – Pedra lascada

Foram identificados 99 utensílios de pedra lascada, sendo 89 de sílex e 10 de cristal de rocha (quartzo hialino). Nas Fig. 18 a 23 representa-se a totalidade do espólio de pedra lascada recolhido no monumento.

6.1.1 – Núcleos de lamelas

Foram recolhidos quatro exemplares de núcleos prismáticos de cristal de rocha (quartzo hialino), destinados à extracção de lamelas, exibindo estádios avançados de exploração (Fig. 18, n.º 23 a 26; Fig. 69, n.º 14 a 17).

Dois exemplares provêm do quadrado J28: um do plano 3 (Fig. 18, n.º 25) e outro do plano 4 (Fig. 18, n.º 24); um exemplar foi recolhido no quadrado J30, plano 7 (Fig. 18, n.º 23); e outro no K28, plano 3 (Fig. 18, n.º 26), conforme se indica em planta na Fig. 106.

A presença de tais artefactos como oferendas funerárias foi recentemente debatida, aquando do estudo dos materiais da Lapa da Bugalheira (CARDOSO & MARTINS, 2023) e da anta de Fonte Moreira (ANDRADE & VAN CALKER, 2024).

Peças destas registaram-se em numerosos monumentos funerários do território português, destacando-se na Estremadura importantes ocorrências em grutas naturais, grutas artificiais, dolmens e sepulturas de falsa cúpula, abarcando assinalável diacronia. Procurando interpretar o seu significado em contexto funerário, é de admitir que a limpidez e transparência que exibem podem conotar-se a qualidades inerentes à pureza, talvez associada à passagem para a outra vida, o que conferia a estas peças evidente valor simbólico e estimativo

Fig. 70 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada. Lâminas (n.º 1 a 12). Fotografias de JoãoLuís Cardoso.



(CARDOSO, 2023), explicação que também anteriormente tinha sido avançada no tocante a outras ocorrências peninsulares (MORGADO et al., 2016).

A origem dos cristais de quartzo hialino, ou de quartzo fumado, recolhidos em contextos arqueológicos, pode ser situada, no que ao território português respeita, essencialmente nos pegmatitos de origem hidrotermal da Beira Interior (Panasqueira). Deste modo, a sua ocorrência nas jazidas estremenhas, distantes cerca de 300 km da região de origem, configura e prática de permutas transregionais de sentido norte-sul, favorecidas pelo rio Tejo e pelos seus afluentes da margem direita. Tal não significa, porém, que, nos filões hidrotermais de quartzo distribuídos de forma generalizada por todo o soco hercínico do Alto Alentejo, não possam recolher-se, igualmente, cristais quartzo hialino susceptíveis de possibilitarem a execução de artefactos de pedra lascada, como pontas de seta, ou lamelas. Mas tal situação – ou a recolha nos leitos de seixos rolados deles resultantes – deve ser considerada menos frequente, ou mesmo excepcional.

A presença de cristais idiomorfos ou de núcleos prismáticos de cristal de rocha (quartzo hialino) daqueles obtidos é sobejamente conhecida em sepulcros megalíticos do Sudoeste peninsular, em contextos genericamente enquadráveis num momento de apogeu do megalitismo. Existem copiosos exemplos conhecidos de tais ocorrências (LEISNER & LEISNER, 1951, 1959; LEISNER, 1965, 1998). Pelas suas dimensões consideráveis, devem referir-se os cristais recolhidos na anta do Paço 1, na anta pequena da Comenda da Igreja ou na anta do Cascalho, ou Extremoz 12, recolhido no corredor (BOAVENTURA et al., 2014/2015), estando igualmente presentes no Sepulcro 1 dos Perdigões, em exemplar com cerca de 12 cm de comprimento (VALERA, 2017, p. 214, Fig. 8), ou em número elevado na anta Grande do Zambujeiro (acervo do Museu de Évora), sendo de salientar o exemplo extremo do grande monocristal de quartzo, com mais de 20 cm de comprimento, recolhido no monumento andaluz de Alberite (RAMOS MUÑOZ & GILES PACHECO, 1996; RAMOS MUÑOZ et al., 1993, p. 70, Fig. 4). Além dos mencionados, são também de grandes dimensões os exemplares recolhidos em múltiplos sepulcros da área beirã (como na Orca de Seixas, Malhada de Cambarinho, Orca do Tanque, Carapito 1, Sobreda ou Arganil; cf. LEISNER, 1998, Taf. 3, 10, 39, 63, 93 e 112; ANDRADE & VAN CALKER, 2024).

6.1.2 – Indústria microlítica (lascas retocadas, triângulos, trapézios e truncaturas)

Estão representados, neste grupo de pequenos artefactos, 22 exemplares, assim caracterizados:

- Lascas retocadas: 4 exemplares (Fig. 18, n.º 3, 4, 6 e 8);
- Triângulos: 11 exemplares (Fig. 18, n.º 1, 2, 5, 7, 10, 16, 17, 18, 19, 20, 21; Fig. 69, n.º 3, 5 e 6);
- Trapézios: 4 exemplares (Fig. 18, n.º 12, 13, 15 e 22; Fig. 69, n.º 4 e 8);
- Truncaturas: 3 exemplares (Fig. 18, n.º 9, 11 e 14; Fig. 69, n.º 1, 2 e 7).

Alguns exemplares são de cristal de rocha: duas lascas retocadas (Fig. 18, n.º 4 e 6), e um triângulo (Fig. 18, n.º 18), sendo as restantes produções de sílex de origem provável nos afloramentos cretácicos do outro lado do Tejo, designadamente nas antigas praias fluviais outrora existentes ente Santos e Alcântara, de coloração acizentada a acastanhada.

6.1.3 – Lâminas

Integram-se esta categoria 17 exemplares (Fig. 19, n.º 1 a 10; Fig. 20, n.º 3 a 9; Fig. 69, n.º 9 a 11; Fig. 70, n.º 1 a 12). O conjunto revela um claro predomínio das peças inteiras, seguidos dos segmentos proximais e mesiais com idêntica representatividade:

Fig. 71 – S. Paulo II. Indústria de pedra lascada. Pontas de seta (n.º 1 a 28). Fotografias de JoãoLuís Cardoso.

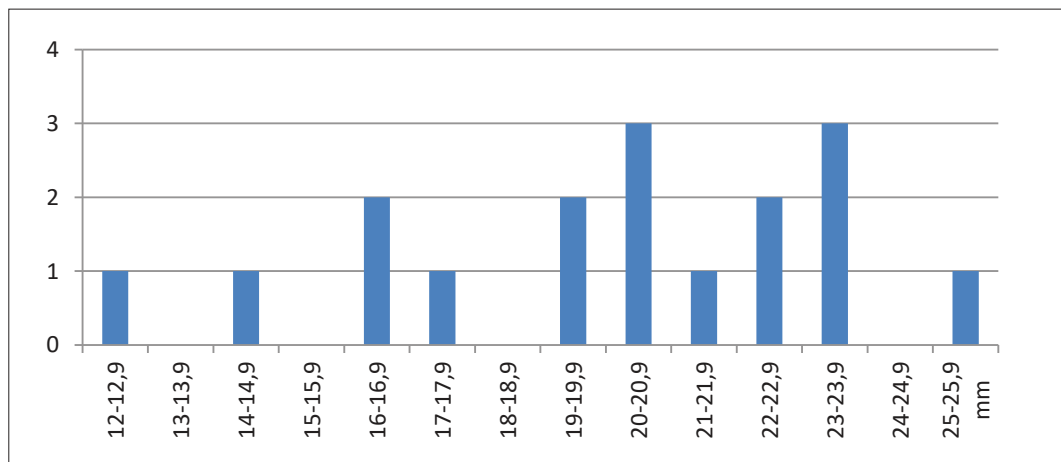


- peças inteiras: 11 exemplares (64,7%);
- porções proximais: 3 (17,6%);
- porções mesiais: 3 (17,6%).

Estão presentes 9 exemplares retocados e 8 sem retoques. Dois exemplares completos apresentam extremidade distal retocada (Fig. 19, n.º 3 e 8; Fig. 70, n.º 5 e 11), e um outro possui extremidade pontiaguda (Fig. 19, n.º 10; Fig. 70, n.º 7). O exemplar representado na Fig. 19, n.º 5 ostenta dois entalhes junto à extremidade distal (Fig. 70, n.º 3).

Os padrões métricos indicam larguras de módulos entre os 12 e os 25 mm

Gráfico 3 – S. Paulo II. Histograma de frequência de larguras das lâminas (valores absolutos).



De acordo com o Gráfico 3, há uma predominância de lâminas com mais de 19 mm de largura, representando 70,6% do conjunto.

Predomina largamente o sílex, de coloração acinzentada a acastanhada, estando presente apenas dois exemplares de coloração rosada, sendo compatível, como acima se referiu, com origem nas bancadas cretácicas outrora existentes na outra margem do Tejo (Fig. 19, n.º 2 e 6; Fig. 70, n.º 4 e 8).

6.1.4 – Furadores

Identificaram-se dois furadores estreitos, de sílex cinzento (Fig. 20, n.º 1 e 2; Fig. 69, n.º 12 e 13) com retoques abruptos, produzindo bordos espessos e robustos. Um deles, sobre lâmina, possui entalhes laterais junto à extremidade proximal (Fig. 69, n.º 13).

6.1.5 – Lâminas foliáceas

Foram recolhidos dois exemplares (Fig. 20, n.º 10 e 11; Fig. 69, n.º 18 e 19), um deles de contorno elipsoidal e com presença de “lustre de cereal” num dos bordos (Fig. 20, n.º 10; Fig. 69, n.º 18), ambos de sílex, de coloração rosado a acinzentado, compatível com a origem nas bancadas cretácicas existentes na outra margem do Tejo.

Fig. 72 – S. Paulo II. Espólios de pedra polida. Enxós (n.º 1, 6); machados (n.º 2 a 5); e escopro (n.º 7).
Fotografias de JoãoLuís Cardoso.



Exemplares comparáveis ocorrem em diversos contextos funerários estremenhos tais como em grutas artificiais, como as do Casal do Pardo (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. D, n.º 35); grutas naturais, como a do Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 22, n.º 14); *tholoi*, como o da Tituaria (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 59, n.º 3), Praia das Maças (LEISNER *et al.*, 1969, Pl. G, n.º 81), de Paimogo (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 67, n.º 331 a 334; Fig. 68, n.º 335 e 336) e do Barro (LEISNER, 1965, Tafel 1, n.º 11), entre outros. No entanto, importa registar que tais produções não estejam presentes nas grutas artificiais de S. Pedro do Estoril, nem no dólmen de Casainhos, Loures, facto que se pode relacionar eventualmente com as actividades dominantes desenvolvidas pelos tumulados naqueles monumentos.

6.1.6 – Pontas de seta

Foram inventariadas 52 pontas de seta, que correspondem ao grupo mais numeroso dos utensílios líticos identificados, com 53%. 49 são de sílex (94,2% do conjunto), sendo duas de cristal de rocha (quartzo hialino) (3,8%) e uma em calcedónia (1,9%).

Nos exemplares de sílex dominam claramente os tons cinzentos com 69,4%, sendo os restantes de coloração acastanhada, com 26,5%, e tons rosados e branco, ambos com 2%. Tais características são compatíveis com origem próxima, já apontada para outros grupos artefactuais.

Do ponto de vista tipológico observa-se a seguinte distribuição:

6.1.6.1 – Base convexa (arredondada, triangular, pedúnculo)

31 exemplares (Fig. 22, n.º 4 a 10, 12 a 15, 17 a 19; Fig. 23, n.º 1 a 17; Fig. 71, n.º 10, 11, 13 a 28);

6.1.6.2 – Base côncava

13 exemplares (Fig. 21, n.º 4 a 10, 12 a 14, 16; Fig. 22, n.º 1 e 3; Fig. 71, n.º 1 a 8, 12

6.1.6.3 – Base recta

5 exemplares (Fig. 21, n.º 11 e 15; Fig. 22, n.º 2, 11 e 16; Fig. 71, n.º 9);

6.1.6.4 – Indeterminadas

3 exemplares (Fig. 21, n.º 1 a 3);

No conjunto, dominam os exemplares de base convexa (59,6%), dos de base côncava (25%) e de base recta (9,6%).

Embora se registre a recolha de 12 pontas de setas no quadrado J28, e 8 exemplares no I30, as mesmas são no entanto provenientes de planos diferentes, pelo que não se evidencia qualquer concentração na área do monumento, ao contrário do que poderia sugerir a Fig. 108.

Relativamente aos exemplares de cristal de rocha (quartzo hialino), os mesmos têm frequentes paralelos em monumentos dolménicos do território português, podendo citar-se entre muitos outros, os seguidamente referidos. Na Beira Alta, a anta de Penedo do Com forneceu 2 exemplares (CARVALHO, 2024); na Beira Baixa,

Fig. 73 – S. Paulo II. Espólios de pedra afeiçãoada. Placas de arenito (n.º 1 a 3). Fotografias de João Luís Cardoso.



são de mencionar os dois exemplares recolhidos na Anta da Granja de S. Pedro (ALMEIDA & FERREIRA, 1971, Est. V, n.º 10 e 12), cuja tipologia é semelhante à dos dois exemplares recolhidos em S. Paulo II. No Alto Alentejo, as escavações realizadas na década de 1960 em diversos dólmens do concelho do Crato proporcionaram a recolha de 6 exemplares provenientes de e monumentos (ISIDORO, 1967). Já ao Alto Alentejo, são de reportar exemplares da anta de Nossa Senhora dos Olivais (BOAVENTURA et al., 2014/2015). O denominador comum a todos estes exemplares é a identidade tipológica que exibem com os restantes exemplares de sílex, que acompanham nos diversos sepulcros mencionados, o que faz crer que não se destinariam a finalidades diferentes, de cunho simbólico, apesar da matéria-prima de que são confeccionados. Com efeito, não se confundem com os notáveis exemplares de cristal de rocha de base profundamente cavada, que pela minúcia da sua execução e fragilidade, não se afiguram possuírem cunho funcional, recolhidos nos sepulcros megalíticos de Ontiveros e de Montelírio, Sevilha (MORGADO et al., 2016, Fig. 8 e 9). Admite-se que, tanto pela matéria-prima, mas sobretudo pela sua tipologia, correspondem a produções de evidente carácter excepcional e simbólico, com evidentes paralelos em exemplares de obsidiana provenientes de Micenas (SCHLIEMANN, 1878, Fig. 435) para se concluir que algumas produções, pelo seu carácter excepcional, poderiam cobrir distâncias de milhares de quilómetros (CARDOSO 2023). Recorde-se que, em Portugal, pontas de seta desta tipologia, das quais nenhuma delas de cristal de rocha, foram pela primeira vez recolhidas nos sepulcros de falsa cúpula de Alcalar (VEIGA, 1886), razão pela qual foram denominados entre nós como de “tipo alcalarense”.

De referir ainda o único exemplar de calcedónia, de base convexa e pedunculada (Fig. 22, n.º 18; Fig. 71, n.º 24). A calcedónia foi identificada em áreas próximas, tendo sido recentemente confirmada a sua ocorrência na Falagueira (Amadora), associada a afloramento traquiandesítico integrado no Complexo Vulcânico de Lisboa, designado por Moinho da Galega, onde se recolheram, em veios siliciosos, bons exemplares de geodes de calcedónia, de cor leitosa, com epigenia de pequenos cristais de quartzo (BRAK-LAMY, 1955, p. 42), os quais podiam ter suportado a extracção de pequenas lamelas, como as identificadas em Leceia e em outras estações pré-históricas da região, cuja exploração pode ter-se prolongado, e mesmo acentuado, em época romana (CRAVINHO & GONZÁLEZ, 2021). A calcedónia também foi identificada em formações terciárias na zona de Torres Vedras (Pg-TV-2) (JORDÃO & PIMENTEL 2019, 2021) e em Alenquer (Pg-Al-3) (JORDÃO & PIMENTEL, 2021; JORDÃO & CARDOSO, 2024). Recente estudo indica que foi utilizada em 33 artefactos em Leceia, sobretudo núcleos, lascas e lamelas, representando 0,8% do total do conjunto de pedra lascada daquele povoado (JORDÃO & CARDOSO, 2024). É, pois, no conjunto das produções neolíticas e calcolíticas do Baixo Tejo de calcedónia que o exemplar de S. Paulo II se integra.

Visto globalmente, o conjunto das pontas de seta ora estudadas encontra paralelo, tanto em número, que é expressivo, como na tipologia, nos 84 exemplares recolhidos na câmara ocidental do monumento da Praia das Maças, Sintra, onde dominam as pontas de seta de base triangular ou pedunculada (LEISNER et al., 1969, Pl.C, n.º 1 a 81; PL. III). Também numerosos são os exemplares recolhidos nas grutas artificiais do Casal do Pardo, Palmela (LEISNER et al., 1961, Pl. C) (108 ex.), com predomínio para as de base côncava, seguida das de base triangular / pedunculada (32 ex.), e por último base recta.

As pontas de seta de base triangular ou bicôncava, dominantes em S. Paulo II, podem ser integráveis no Neolítico Final, contrastando com a fraca presença em contextos domésticos neste período e região, como é o caso dos povoados de Leceia, Oeiras, com 7,1% na Camada 4, e no povoado do Penedo do Lexim, com 4,3% (UE19) (CARDOSO & MARTINS, 2013; CARDOSO, 2019 b, Quadro 19), tendendo a desaparecerem no Calcolítico.

Fig. 74 – S. Paulo II. Fragmento de dormente de mó manual de arenito quartzítico. Fotografias de João Luís Cardoso.



A distribuição tipológica dos artefactos de pedra lascada apresenta-se no Quadro 7:

Quadro 7 – S. Paulo II. Inventário da indústria em pedra lascada.

	N	%
Núcleos	4	4%
Núcleos para extracção de lamelas	4	
Lascas retocadas, triângulo, trapézios...	22	22%
Lascas retocadas	4	
Triângulos	11	
Trapézios	4	
Truncaturas	3	
Lâminas	17	17%
Lâmina sem retoques	8	
Lâmina c/ retoque simples, marginal e parcial	9	
Furadores	2	2%
Furador sobre lâmina	1	
Furador sobre lamela	1	
Lâminas foliáceas	2	2%
Pontas de seta	52	53%
Base convexa (arredondada, base triangular, pedúnculo)	31	
Base recta	5	
Base côncava	13	
Indeterminado	3	
TOTAL	99	100

6.2 – Pedra polida

O conjunto é constituído pelos seguintes tipos de artefactos.

6.2.1 – Machados

4 exemplares (Fig. 24, n.º 1, 3; Fig. 25, n.º 1 e 2; Fig. 72, n.º 2 a 5), todos completos, com o gume intacto, de secções elipsoidais a sub-circulares. Dois apresentam-se totalmente polidos (Fig. 24, n.º 1; Fig. 25, n.º 2; Fig. 72, n.º 2 e 3), e outros dois polidos apenas no gume e com os talões picotados (Fig. 24, n.º 3; Fig. 25, n.º 1; Fig. 72, n.º 4 e 5). Todos de anfibolito.

6.2.2 – Enxós

2 exemplares, um completo, de xisto silicioso compatível com “Xisto do Ramalhão” (Fig. 24, n.º 2; Fig. 72, n.º 1); e outro fracturado, correspondendo a extremidade distal, preservando ainda o gume, de rocha anfibolítica (Fig. 24, n.º 4; Fig. 72, n.º 6).

Fig. 75 – S. Paulo II. Cerâmicas lisas. Fotografias de João Luís Cardoso.



6.2.3 – Escopro

1 exemplar de rocha anfibolítica, de corpo alongado, de secção sub-rectangular e cuidadoso polimento (Fig. 25, n.º 3; Fig. 72, n.º 7). Este artefacto especializado poderia ser utilizado tal qual, ou encabado numa manga de osso, madeira ou haste de veado.

6.3 – Pedra afeiçãoada

Nesta categoria foram considerados os seguintes artefactos:

- Placas de arenito lisas: 4 exemplares (Fig. 26, n.º 1 a 4; Fig. 73, n.º 1 a 3);
- Dormente: 1 exemplar (Fig. 74).

As placas poderiam ter uma função utilitária, como polidores, assinalando-se que um exemplar possui um sulco marginal ao longo dos seus bordos, podendo ser associado a afiador de gumes ou pontas de osso (Fig. 26, n.º 2; Fig. 73, n.º 3). Apenas uma placa de arenito se apresenta completa, de forma paralelepípedica, de fina espessura e com perfuração bicónica, feita a partir de ambas as faces, junto a uma das extremidades (Fig. 26, n.º 3; Fig. 73, n.º 1); esta característica aproxima-a singularmente de um exemplar das grutas do Poço Velho, que então já fora corretamente classificado como “amoladeira” (PAÇO, 1941, Est. VI) as restantes são fragmentos de placas com diversos tipos de espessura: uma corresponde a extremidade distal, afunilada, com perfuração bicónica (Fig. 26, n.º 1; Fig. 73, n.º 2); uma extremidade proximal com os bordos cuidadosamente polidos (Fig. 26, n.º 2; Fig. 73, n.º 3); e um fragmento de corpo, com ambos os bordos laterais polidos, com marcas escurecidas pelo fogo (Fig. 26, n.º 4).

Sem carácter exaustivo podem referir-se exemplares de arenito da Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Est. 35, n.º 8); das grutas do Poço Velho (PAÇO, 1941, Est. VI; GONÇAVES, 2008, Fig. 2.251 a 2.253); e na gruta da Amoreira (CARDOSO, e.p.).

Importa não confundir estes exemplares, de carácter virtualmente funcional, com placas de arenito, mica-xisto ou grauvaque, decoradas ou lisas, de cunho claramente simbólico, representando personagens antropomórficas masculinas e/ou femininas, por vezes em alto-relevo, como é o caso de alguns dos cinco exemplares da Anta da Horta (CARDOSO, 2023, Fig. 23). Importa não confundir as placas de arenito lisas, de cunho funcional, como as agora em estudo, com exemplares igualmente lisos, de grauvaque (como o recolhido na fundação do alinhamento estelas menir de Lavajo 2, Alcoutim (CARDOSO, 2023, Fig. 22), ou de micaxisto, possuindo atributos claramente antropomórficos, observados, entre outros, no exemplar da gruta da Furninha (CARDOSO, 2023, Fig. 23), que remetem para o domínio dos objectos simbólicos.

Foi também recolhido um fragmento de dormente de arenito silicioso (Fig. 74). Este elemento possui com paralelo na inumação [1289] registada na fossa [1250] em Porto Torrão (REBELO et al., e.p.). A associação de grandes elementos de moagem a deposições funerárias tem sido circunstancialmente registada em necrópoles estremenhas, como na Lapa da Bugalheira, com vários exemplares (CARDOSO & MARTINS, 2023, Fig. 32, n.º 1 e 2), na gruta da Furninha, com um exemplar em micaxisto, com uma face côncava (CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011, Fig. 8, n.º 4) e na gruta da Amoreira (CARDOSO, e.p.). De contexto claramente Calcolítico são os três exemplares de pequenas dimensões recolhidos no *tholos* de Aqualva (FERREIRA, 1953, p. 153).

Estes exemplares são idênticos aos recolhidos em povoados de diferentes épocas pré-históricas e documentam o uso simbólico de dormentes ou moventes de mós manuais, justificado pela importância da sua própria função no âmbito da produção de alimentos, podendo assim interpretar-se, nas necrópoles onde ocorrem, como oferendas funerárias.

Fig. 76 – S. Paulo II. Cerâmicas lisas. Fotografias de João Luís Cardoso.



1

forma 7
n°10



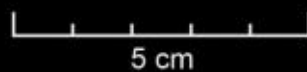
2

forma 7
n°12



3

forma 6
n°6



6.4 – Cerâmica lisa

Foram identificados 106 recipientes lisos, inteiros e fragmentados, tendo estes sido objecto de excelente trabalho de restauro.

O Quadro 8 sumariza a distribuição tipológica dos recipientes, alguns deles apresentados nas Fig. 27 e 28.

Quadro 8 – S. Paulo II (Almada). Tipologia das cerâmicas lisas.

TIPOLOGIA	FORMAS	Diâmetros	Nº. Total de frag.
Vaso globular	1 	⊙ < 20 (1)	1 (0,9%)
Vaso esférico	2 	⊙ < 20 (23) ⊙ 20-40 (2)	25 (23,6%)
Vaso esférico de bordo espessado	3 	⊙ < 20 (2) ⊙ 20-40 (1)	3 (2,8%)
Vaso de paredes rectas / copo	4 	⊙ < 20 (5) ⊙ 20-40 (2)	7 (6,6%)
Taça carenada	5 	⊙ < 20 (6) ⊙ > 40 (1)	7 (6,6%)
Taça de bordo “em aba”	6 	⊙ < 20 (1) ⊙ 20-40 (4)	5 (4,7%)
Taça em calote	7 	⊙ < 20 (51) ⊙ 20-40 (4)	55 (51,9%)
Prato	8 	⊙ < 20 (3)	3 (2,8%)
TOTAL		⊙ < 20 (92) ⊙ 20-40 (13) ⊙ > 40 (1)	106 (100%)

Legenda: ⊙ - diâmetro no bordo em cm ; (x) - quantidade de recipientes.

Fig. 77 – S. Paulo II. Vasos cerâmicos de suspensão (lucernas). Fotografias de João Luís Cardoso.



1



2



6959-540

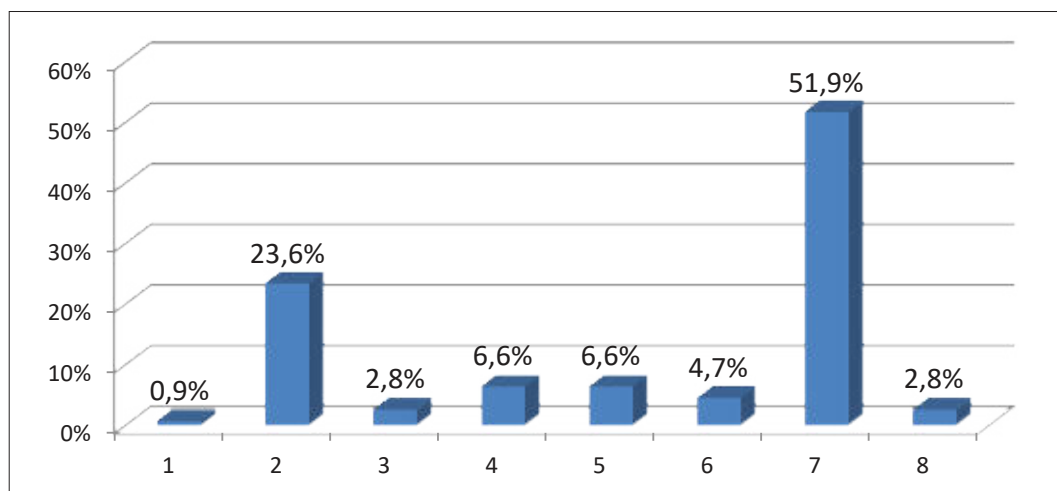


5209-165



Os resultados obtidos resumem-se no Gráfico 4, que suporta as seguintes considerações:

Gráfico 4 – S. Paulo II (Almada). Contabilização das formas das cerâmicas lisas identificadas.



As formas abertas (formas 4 a 8), dominam face às formas fechadas (formas 1 a 3).

Os recipientes de diâmetro inferior a 20 cm dominam no conjunto, em todas as formas registadas, excepto na taça de bordo “em aba” (forma 6) (Fig. 76, n.º 3).

O recipiente liso mais comum é a taça em calote (forma 7), com 51,9%. Predominam as taças de menor diâmetro, inferior a 20 cm, que poderiam ser utilizadas sobretudo para beber (51 ex.), enquanto as maiores, em menor número, serviriam essencialmente para a preparação e conservação de alimentos (4 ex.) (Fig. 28, n.º 7 a 12; Fig. 76, n.º 1 e 2). De assinalar um exemplar com “omphalo” (Fig. 28, n.º 9), de pasta muito fina, com superfície externa e interna bem alisada e polida.

Segue-se a forma 2, que corresponde a recipientes esféricos, onde predominam os recipientes com diâmetro de boca inferiores a 20 cm (23 ex.), e, em menor número, os de diâmetro entre 20 e 40 cm (2 ex.), que poderiam servir para conter oferendas como cereais (Fig. 27, n.º 1 a 4; Fig. 75, n.º 1 e 2).

Os vasos de paredes rectas / copos (forma 4), e as taças carenadas (forma 5) estão ambos representados com 6,6% do conjunto (Fig. 28, n.º 1 a 5; Fig. 75, n.º 3 a 5). Os copos, de paredes rectas e fundo em geral convexo, são típicos do Calcolítico Inicial da Estremadura, enquanto as taças carenadas, são características do Neolítico Final. Deste modo, bastaria a presença destas duas formas para documentar a utilização da necrópole nestas duas épocas. De registar, atendendo à natureza funerária do contexto, a presença de um vaso globular (forma 1), com um diâmetro de boca de 17 cm, atribuível ao armazenamento (Fig. 27, n.º 6). Recipientes de armazenamento em contextos funerários Neolíticos ou Calcolíticos são escassos. Encontram-se, entre outros, representado pelo exemplar recolhido na *tholos* de Paimogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 21, n.º 28).

Foram observados diferentes tipos de cozedura, superfície/textura e acabamentos (Fig. 75 e 76). Também foram registados, em vários exemplares, marcas de estalamento, no fundo externo, provocadas pelo calor, indicador da sujeição dos mesmos ao fogo directo (Fig. 28, n.º 3, 10).

Devido à sua localização *in situ*, importa destacar o pequeno recipiente carenado, de cozedura redutora, com 103 mm de diâmetro de boca, associado ao enterramento A (Fig. 28, n.º 3). Trata-se da única evidência

Fig. 78 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas não campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



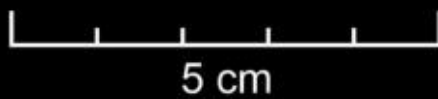
1

10440-1496



2

7823-1378



5 cm

com estratigrafia segura recolhida no decurso da escavação, no caso relacionada com a primeira utilização funerária da gruta, no Neolítico Final, como adiante se verá. Os restantes seis recipientes carenados recolhidos possuem origens diversas (Fig. 28, n.º 4 e 5). É de assinalar o diâmetro de boca da taça baixa, de carena alta e perfil muito suave da Fig. 28, n.º 5, com 42 cm, compatível com recipiente destinado à preparação e consumo de papas, sendo o único com tais dimensões. Igualmente compatível com o consumo de papas é o prato (forma 8), representado apenas por 3 exemplares, todos eles com diâmetros inferiores a 20 cm (Quadro 8), sendo portanto compatíveis com utilização individual, para consumo de alimentos sólidos, enquanto a grande taça carenada acima referida evoca a preparação e depois o consumo alimentar partilhado, pela comunidade, prática que persistiu no mundo rural até quase a actualidade.

Importante é a presença de vasos de paredes verticais e fundos suavemente convexos configurando a utilização funerária da gruta no decurso do Calcolítico Inicial (7 exemplares – Quadro 8). O conjunto recolhido em S. Paulo II constitui uma dos mais importantes até agora reunidos, quer pelo número, como pelo estado de conservação e características dos exemplares, que se apresentam-se excepcionalmente lisos (Fig. 28, n.º 1 e 2). As diferenças observadas nas suas dimensões, configuram usos distintos, porém em qualquer caso relacionados com o consumo de líquidos. Assim sendo, os exemplares de menores dimensões com diâmetro de boca na ordem dos 5 cm (Fig. 28, n.º 2) sugerem consumo de bebidas fermentadas, ao passo que os de maiores eram destinados certamente ao consumo de água.

É de destacar ainda a existência de taças em calote miniatura, com diâmetros de boca inferior a 5 cm (Fig. 28, n.º 7 e 8), podendo relacionar-se com a preparação de produtos medicinais ou cosméticos, a menos que fossem simplesmente utilizados como brinquedos. Foram registados exemplares comparáveis, ou mesmo de menores dimensões, em diversas necrópoles estremenhas, como na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Fig. 30); um exemplar ainda de menor tamanho, cuja funcionalidade, por tal motivo, é compatível com aquela hipótese, provém da gruta da Verdelha dos Ruivos (CARDOSO, 2024, Fig. 47), não sendo contudo de excluir a possibilidade de constituir oferenda simbólica.

As taças de bordo “em aba” (forma 6), com 4,7% do total, com diâmetros de boca maioritariamente entre os 20 e os 40 cm, são características do Neolítico Final e do Calcolítico, conforme se registou no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996, Quadro VIII). A decoração denteada no lábio, obtida através de impressões ou, mais raramente, de incisões aplicadas sobre o sector externo do lábio, constitui sem dúvida, a decoração mais característica do Neolítico Final da Estremadura (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996); no entanto todos os exemplares agora estudados apresentam-se lisos (Fig. 28, n.º 6; Fig. 76, n.º 3).

6.5 – Cerâmicas decoradas

6.5.1 – Produções não campaniformes

Foram recolhidos 18 recipientes decorados não campaniformes, assim caracterizados:

Copos decorados com caneluras. 4 ex.: dois copos completos com decoração canelada junto ao bordo (Fig. 30, n.º 3) e outro também com caneluras junto à base do recipiente (Fig. 30, n.º 4) e dois outros copos decorados, conservados apenas na sua parte inferior, com caneluras organizadas obliquamente para um e outro lado, interrompidas por caneluras verticais (Fig. 30, n.º 1 e 2, Fig. 79, n.º 3 e 5).

Fig. 79 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas não campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



1

10529-1526



2

6956-537



3

7776-1333



4

5063-125



5

1777-1334



Taças de paredes verticais e fundos convexos. 2 ex.: um recipiente com decoração constituída por uma banda de zigue-zagues dispostas verticalmente na parte superior da parede do vaso, acompanhados por uma linha simples de espinhados horizontais junto ao fundo (Fig. 30, n.º 5; Fig. 79, n.º 4) e um recipiente com decoração incisa, com caneluras associadas a motivos serpentiniformes, ondulados (Fig. 50, n.º 2; Fig. 92, n.º 2).

Taças em calote. 10 ex.: todos os exemplares apresentam caneluras horizontais junto ao bordo (Fig. 31, n.º 2, 4 e 5; Fig. 32, n.º 1 a 6; Fig. 78, n.º 1 e 2; Fig. 79, n.º 2; Fig. 81, n.º 2 e 3; Fig. 82, n.º 3), excepto um, com caneluras verticais que se desenvolvem para o fundo (Fig. 31, n.º 6). Outro exemplar, com perfil completo, com 23,5 cm de diâmetro de boca, possui uma faixa preenchida interiormente por reticulado oblíquo, ocupando a parte inferior do recipiente. Observam-se duas perfurações dispostas horizontalmente abaixo do bordo e de ambos os lados de uma fractura antiga, sugerindo que aquelas duas perfurações se destinariam à fixação de um “gato”, possivelmente constituído por fibra vegetal (Fig. 32, n.º 6; Fig. 80, n.º 1). Idêntica situação foi observada em recipiente liso já atrás referido (Fig. 25, n.º 5), com paralelos conhecidos em diversas necrópoles calcíticas estremenhas. Importa contudo referir que se conhecem outros exemplares munidos de pares de perfurações sem que estas se possam associar a reparações, pelo que é de admitir que tais fracturas, quando existam, sejam posteriores à execução daquelas perfurações, as quais se destinariam à passagem de fibras vegetais relacionadas com a suspensão dos recipientes. Alguns exemplares ilustrando esta alternativa foram recolhidos no monumento da Praia das Maças (GONÇALVES, 1982-1983).

Taça de bordo espessado. 1 ex.: possui decoração interna constituída por linhas caneladas oblíquas paralelas (Fig. 31, n.º 1; Fig. 79, n.º 1).

Prato. 1 ex.: possui decoração interna serpentiniforme executada por caneluras largas e pouco profundas, desde o bordo até ao fundo, o qual seria delimitado por uma circunferência parcialmente visível (Fig. 31, n.º 3).

A caracterização do conjunto das produções decoradas não campaniformes, a par das respectivas representações gráficas, permite concluir que dominam as taças em calote, representadas por 10 exemplares, seguidas pelos copos, com 4 exemplares, recipientes de paredes verticais, 2 exemplares, e, por apenas 1 exemplar, uma taça de bordo espessado e um prato, ambos com decoração interna, conforme é indicado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – S. Paulo II. Representatividade das formas dos recipientes decorados não campaniformes.

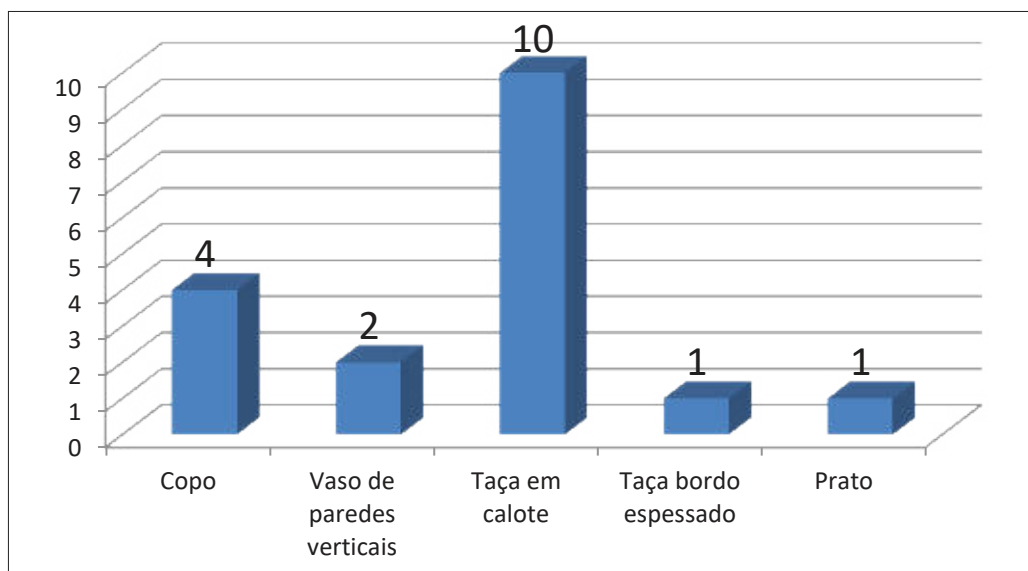


Fig. 80 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas não campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



O motivo decorativo preponderante corresponde a caneluras paralelas ao bordo, presente em “copos” (Fig. 30, n.ºs 3 e 4) e taças (Fig. 31, n.ºs 2, 4 e 5; Fig. 32, n.ºs 1 a 5), característico do Calcolítico Inicial da Estremadura, embora ocorra ainda no Calcolítico Pleno/Final da Estremadura, corporizando continuidade com outros motivos decorativos que entretanto se afirmaram. Exemplo desta constatação são os resultados obtidos no povoado fortificado do Outeiro Redondo onde os “copos” e as taças caneladas se encontram representados por assinaláveis percentagens relativas à totalidade dos exemplares decorados na Camada 3 contra-riamente à Camada 2 onde a sua presença diminui drasticamente passando paulatinamente a ostentar, no caso dos “copos” – em geral de maiores dimensões – novos padrões decorativos, com motivos em “folha de acácia” e em “crucífera”, característicos do Calcolítico Pleno / Final (CARDOSO, 2019 b). O mesmo já se tinha verificado em Leceia (CARDOSO, 2006), bem como no Zambujal (KUNST, 1996). Tal situação evidencia a ausência de roturas marcadas do ponto de vista da cultura material, ainda que a substituição das respectivas produções tenha sido realizada necessariamente em intervalos de tempo curtos e bem definidos. Importa, no entanto, este respeito, destacar a dificuldade de, no decurso de uma escavação em área aberta, separar rigorosamente as diversas camadas presentes, a par da provável mistura de materiais no decurso do processo de formação das próprios depósitos arqueológicos, mascarando as interfaces entre as sucessivas ocupações. Deste modo, as aludidas continuidades, mesmo que limitadas, poderão ser mais aparentes do que reais, tendo presente a complexa formação dos depósitos arqueológicos em um vasto povoado aberto, já devidamente salientadas, a propósito de Leceia (CARDOSO, 2006). Em contextos funerários, certamente devido a causas culturais, as produções que se teriam sucedido aos “copos” do Calcolítico Inicial, típicas do Calcolítico Pleno/Final da Estremadura, correspondentes ao grupo “folha de acácia / crucífera”, não ocorrem. É bem conhecida uma única presença de tais produções em contexto funerário, que constitui exceção, proveniente dos *tholoi* de S. Martinho de Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 32, n.ºs 54, 55, 56).

Para além da técnica e padrões decorativos, os “copos” e as taças possuem outra característica comum geralmente presente em ambas as formas: a excelente qualidade da sua manufatura de que resultou recipientes de fina espessura, cuidadosamente acabados, paredes lisas e brunidas, conferindo-lhes brilho por vezes acetinado, o que faz realçar as colorações das pastas, em geral de um castanho avermelhado a negro.

A abundante presença de “copos” e de taças com decoração canelada em São Paulo II documenta a importante utilização funerária da gruta nesta época, a qual tem paralelos na generalidade das sepulturas colectivas estremenhas do Calcolítico Inicial, independentemente das suas características arquitectónicas. A título de exemplo são de referir as magníficas taças caneladas dos monumentos megalíticos de Trigache e Conchadas (LEISNER & FERREIRA, 1959, Est. 3); no monumento da Praia das Maças, na zona do átrio e integrados culturalmente no 3.º horizonte dos quatro ali isolados, identificaram-se sete exemplares (GONÇALVES, 1982-1983). Também na gruta artificial I de S. Pedro do Estoril se recolheram 4 exemplares completos munidos de caneluras abaixo do bordo (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Estampa H, n.º 5 a 7, 10), os quais ilustram a utilização funerária de diversos tipos de monumentos (dólmenes, grutas artificiais e *tholoi*) na área estremenha no decurso do Calcolítico Inicial, pelos mesmos utilizadores evidenciando o seu eclectismo.

No tocante aos “copos” canelados, embora a sua ocorrência acompanhe a das taças, estas aparentemente sobreviveram-lhes no tempo, conforme indica a estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (FERREIRA & SILVA, 1970; SILVA, 1971). Tal evidência foi recentemente confirmada no povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo cuja primeira ocupação não ultrapassa os meados do 3.º milénio a.C., época em que a produção de copos já declinava, tal como é ilustrado pelos escassos exemplares recolhidos, contrastando

Fig. 81 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas, campaniforme (n.º 1) e não campaniforme (n.º 2 e 3). Fotografias de João Luís Cardoso.



7767-1319

1



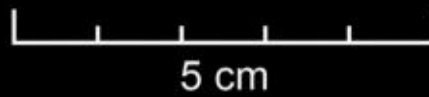
10439-1495

2



212-1415

3



5 cm

com o número de taças caneladas corporizando momento terminal do Calcolítico Inicial (CARDOSO, 2019 b, Fig. 135).

Aquela razão pode explicar a maior escassez dos “copos” face à das taças, via de regra verificada nos monumentos funerários da Estremadura com utilização Calcolítica, por lhes terem sobrevivido no tempo.

Os copos canelados de S. Paulo II encontram diversos paralelos, via de regra escassos, como é o caso de um exemplar da gruta artificial 1 do Casal do Pardo (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl.H, n.º 1; Pl. XXII, n.º 161), e em dois outros copos canelados provenientes da gruta artificial 2 de Alapraia (PAÇO, 1955, Fig. 17 e 18).

O recipiente com caneluras associadas a motivos serpentiformes e ondulados (Fig. 50, n.º 2; Fig. 92, n.º 2) encontra paralelo num recipiente, de maiores dimensões, recolhido na Camada 3, do Calcolítico Inicial, do povoado do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019 b, Fig. 138, n.º 4). Em Leceia recolheu-se igualmente na Camada 3, da mesma época, recipiente idêntico (CARDOSO, 2007, Fig. 85, n.º 9). Trata-se de exemplares de cunho excepcional, que não se integram em nenhum padrão decorativo “normalizado”, evocando simbolismo hoje em dia de difícil interpretação, onde avultam os ondulados, que poderão representar a água corrente, utilizada em possíveis cerimónias comunitárias que integravam o uso destes recipientes.

O fragmento de taça de bordo espessado com decoração interna (Fig. 31, n.º 1; Fig. 79, n.º 1) tem paralelos abundantes no povoado fortificado do Outeiro Redondo sendo o terceiro grupo mais abundante na Camada 3 (Calcolítico Inicial), com 18,9%, diminuindo acentuadamente na Camada 2 (Calcolítico Pleno/Final) para 5,1% (CARDOSO, 2019 b). Em Leceia, estes recipientes ocorrem tanto na Camada 3, do Calcolítico Inicial, como na Camada 2, do Calcolítico Pleno / Final (CARDOSO, 2007). Estas mesmas produções são igualmente comuns em contextos habitacionais do Calcolítico do Sudoeste. É interessante sublinhar, no entanto, que em outros povoados da Baixa Estremadura, como o de Moita da Ladra (CARDOSO, 2014 b) e o de Penha Verde (CARDOSO, 2010-2011), com ocupações exclusivamente atribuíveis ao Calcolítico Pleno / Final, se observa a sua ausência absoluta, sendo igualmente excepcional a sua presença em ambientes funerários estremenhos, indicando utilização essencialmente doméstica, relacionada com a preparação de alimentos e o seu consumo.

6.5.2 – Produções pintadas

Foi recolhido um vaso completo de paredes verticais com decoração externa pintada de cor vermelha, sobre um fundo de coloração esbranquiçada aparentemente produzida pela aplicação de uma aguada. Sobre esta foi desenvolvido complexo programa decorativo de difícil interpretação, que abarca a totalidade da superfície do vaso (Fig. 50, n.º 1; Fig. 92, n.º 1), avultando conjunto de linhas onduladas verticais, cuja análise por espectroscopia Raman revelou serem obtidas por hematite (FERREIRA et al., 2019). A sua cronologia é provavelmente Calcolítica, atendendo à ocupação da gruta ser quase exclusivamente daquela época. O aspecto geral da decoração evoca a arte esquemática parietal peninsular podendo divisar-se eventualmente uma figura antropomórfica associada a um serpentiforme.

Trata-se de uma ocorrência excepcional, mesmo a nível peninsular. Será preciso progredir para o mediterrâneo central e oriental para se encontrarem cerâmicas pintadas calcolíticas, destacando-se as do grupo Siciliano. Porém as temáticas decorativas são totalmente distintas, cingindo-se às de natureza geométrica (GUILAINE, TUSA & VENEROSO, 2009) afastando-se das presentes, o que sublinha o carácter simbólico e ritual do exemplar.

Fig. 82 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas, campaniformes (n.º 1 e 2) e não campaniforme (n.º 3).
Fotografias de João Luís Cardoso.



1

7791-1346



2

7807-1362



3

211-1414



5 cm

É de admitir origem exógena para este exemplar, precisamente por ser único, evocando motivos da arte rupestre levantina, ao contrário do afirmado na única publicação respeitante à sua composição química (FERREIRA et al., 2019), pelo simples facto de todos os elementos identificados na análise química realizada poderem naturalmente corresponder a outras origens das mencionadas, dada a escassa base documental comparativa utilizada.

6.5.3 – Produções campaniformes

Foram recolhidos 39 recipientes decorados integrados nas produções campaniformes s.l. (Figs. 33 a 49), com a seguinte distribuição tipológica:

- Vasos “marítimos” com decoração a pontilhado: 5 ex. (Fig. 33, n.º 1; Fig. 34, n.º 1; Fig. 36, n.º 1 a 3; Fig. 83, n.º 5; Fig. 87, n.º 3);
- Caçoilas com decoração a pontilhado: 8 ex. (Fig. 37, n.º 1 a 3; Fig. 38, n.º 1 a 3; Fig. 39, n.º 2 e 3; Fig. 83, n.º 1, 2, 4; Fig. 84, n.º 1, 2; Fig. 85, n.º 1; Fig. 85, n.º 3; Fig. 86, n.º 1);
- Caçoila com decoração incisa e impressa: 1 ex. (Fig. 35, n.º 3; Fig. 83, n.º 3);
- Caçoilas com decoração mista (pontilhada, incisa e impressa): 2 ex. (Fig. 35, n.º 2; Fig. 39, n.º 1; Fig. 84, n.º 3; Fig. 87, n.º 2);
- Taças Palmela com decoração a pontilhado: 7 ex. (Fig. 40, n.º 2 e 3; Fig. 41, n.º 2; Fig. 43, n.º 1; Fig. 45, n.º 1; Fig. 47, n.º 2; Fig. 49, n.º 4; Fig. 86, n.º 2; Fig. 88, n.º 1; Fig. 91, n.º 3 e 4);
- Taças Palmela com decoração incisa e impressa: 3 ex. (Fig. 41, n.º 1; Fig. 42, n.º 1; Fig. 44, n.º 1; Fig. 87, n.º 1; Fig. 91, n.º 5);
- Taças em calote com decoração a pontilhado: 6 ex. (Fig. 40, n.º 1; Fig. 46, n.º 2 e 3; Fig. 47, n.º 1; Fig. 48, n.º 1 e 2; Fig. 86, n.º 3; Fig. 90, n.º 1 e 2; Fig. 91, n.º 1 e 2);
- Taças em calote com decoração incisa: 2 ex. (Fig. 49, n.º 1 e 3; Fig. 81, n.º 1);
- Taças em calote com decoração incisa e impressa: 3 ex. (Fig. 49, n.º 2, 5 e 6; Fig. 82, n.º 1 e 2; Fig. 89, n.º 1);
- Taça em calote de bordo reentrante com decoração pontilhada e lábio decorado: 1 ex. (Fig. 46, n.º 1, Fig. 85, n.º 5);
- Garrafas com decoração a pontilhado: 1 ex. (Fig. 35, n.º 1; Fig. 85, n.º 4).

O estudo destes exemplares, devidamente ilustrados respectivas representações gráficas, permite apresentar as seguintes observações:

A técnica decorativa dominante é a do pontilhado, presente em 28 recipientes unicamente decorados com esta técnica (71,8%). Segue-se a associação da técnica incisa à técnica impressa, com 7 recipientes (17,9%). Estão ainda presentes recipientes com decoração incisa e mista (5,1%) (Gráfico 6).

Fig. 83 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



1

7813-1368



2

4936-2
c/ pasta bianca



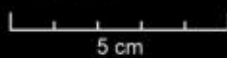
3

7803-1358
c/ pasta bianca



4

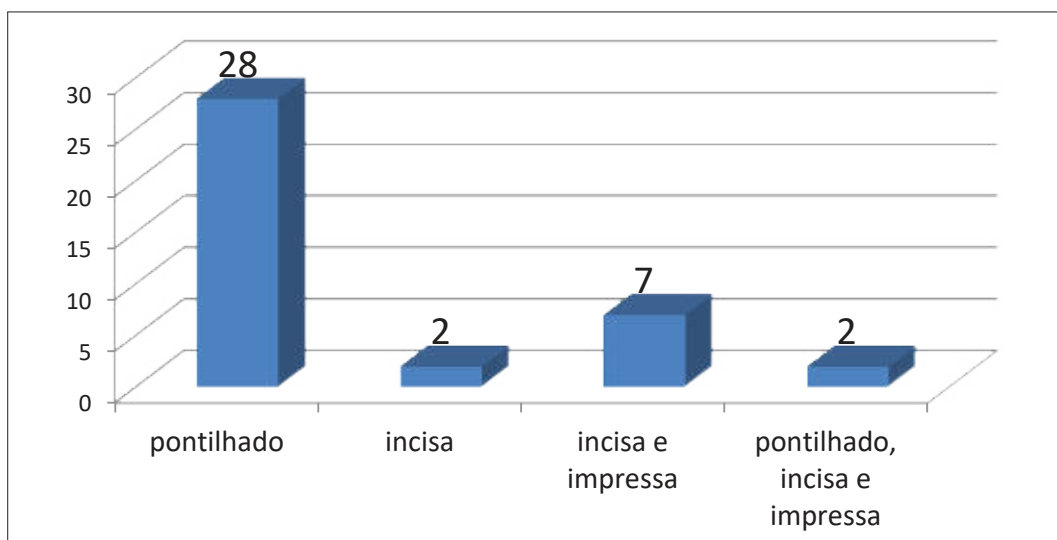
7764-1325



5

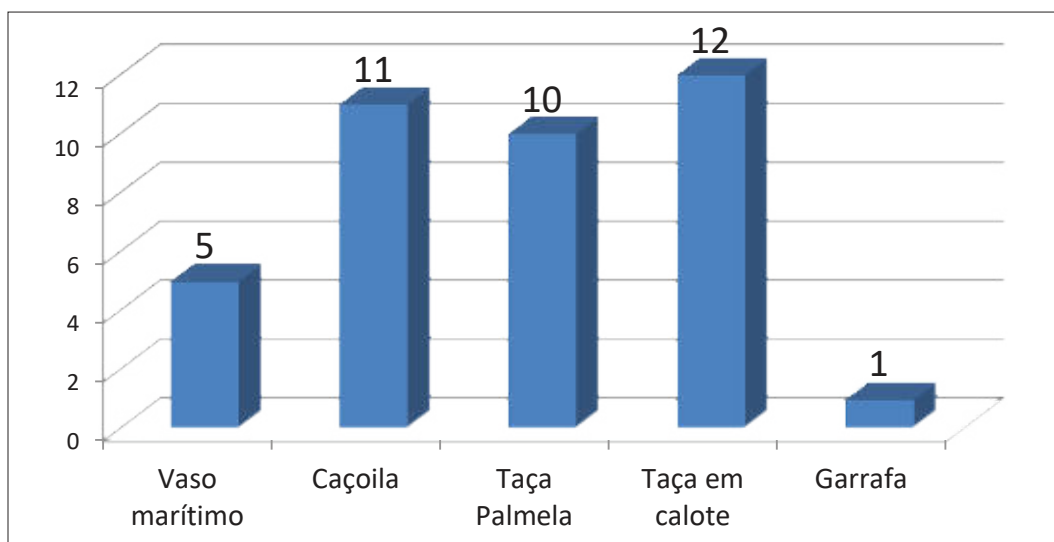
6968-549

Gráfico 6 – S. Paulo II. Técnicas decorativas utilizadas nos recipientes campaniformes identificados em S. Paulo II.



No respeitante às formas, verifica-se relativo equilíbrio entre a presença das taças em calote, caçoilas e taças Palmela, por ordem decrescente, representando 56,4% do conjunto (Gráfico 7). Os vasos “marítimos” representam 12,8% do total das cerâmicas decoradas campaniformes.

Gráfico 7 – S. Paulo II. Representatividade das formas dos recipientes decorados campaniformes.



Predominam os recipientes campaniformes com diâmetros inferiores a 20 cm, com 26 ex., que representam 66,7% do conjunto. No entanto, observam-se exemplares maiores, entre os 20 e os 40 cm (13 ex.), incluindo 7 taças Palmela pontilhadas, 2 taças Palmela com decoração incisa e impressa e 4 taças em calote decoradas a pontilhado, que correspondem a 33,3% do conjunto (Quadro 9).

Fig. 84 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



Quadro 9 – S. Paulo II (Almada). Quadro tipológico das cerâmicas decoradas de acordo com as formas, técnicas decorativas e diâmetros identificados.

Forma	Técnicas Decorativas	Diâmetros (no bordo em cm)	N.º Total Recipientes
Vaso “marítimo”	Pontilhado	< 20 (5)	5
Caçoila	Pontilhado	< 20 (8)	8
	incisa e impressa	< 20 (1)	1
	pontilhado, incisa e impressa	< 20 (2)	2
Taça Palmela	Pontilhado	20-40 (7)	7
	incisa e impressa	< 20 (1) 20-40 (2)	3
Taça em calote	Pontilhado	< 20 (3) 20-40 (4)	7
	Incisa	< 20 (2)	2
	incisa e impressa	< 20 (3)	3
Garrafa	Pontilhado	< 20 (1)	1
TOTAL		< 20 (26) 20-40 (13)	39

Nos vasos “marítimos” são excepcionais os exemplares ditos clássicos, unicamente decorados com bandas produzidas por pontilhado, preenchidas interiormente em sentidos alternado (Fig. 33, n.º 1; Fig. 36, n.º 1 a 3; Fig. 83, n.º 5), possuindo um deles os segmentos oblíquos orientados sempre para o mesmo lado (Fig. 34, n.º 1; Fig. 87, n.º 3).

Tradicionalmente, tanto pelo formato, como pelas dimensões, os vasos “marítimos” têm sido associados ao consumo de líquidos.

As 11 caçoilas identificadas são todas de pequenas dimensões, com diâmetros no bordo sempre inferiores a 20 cm. No conjunto, ocorre a variante com ombro, marcado por pequeno ressalto na ligação entre o bojo e o colo (Fig. 37, n.º 1; Fig. 39, n.º 2; Fig. 83, n.º 4; Fig. 85, n.º 1); as demais, exibem perfil suave.

Apresentam-se quase exclusivamente decoradas a pontilhado, pela impressão de uma matriz denteada (Fig. 37, n.º 1 a 3; Fig. 38, n.º 1 a 3; Fig. 39, n.º 2 e 3; Fig. 83, n.º 1, 2, 4; Fig. 84, n.º 1, 2; Fig. 85, n.º 1; Fig. 85, n.º 3; Fig. 86, n.º 1), exceptuando-se três casos: em dois observa-se a coexistência entre as técnicas pontilhada, incisa e impressa (Fig. 35, n.º 2; Fig. 39, n.º 1; Fig. 84, n.º 3; Fig. 87, n.º 2); e um outro mostra decoração incisa e impressa (Fig. 35, n.º 3; Fig. 83, n.º 3).

Nalguns casos, torna-se difícil assegurar a existência de linhas incisadas, a par da decoração a pontilhado, pelo facto de uma impressão mais profunda do pente, na pasta mole, produzir o efeito de uma linha incisa.

3 caçoilas apresentam “omphalus” (Fig. 35, n.º 2; Fig. 38, n.º 1; Fig. 39, n.º 3; Fig. 83, n.º 1; Fig. 86, n.º 1; Fig. 87, n.º 2); uma outra caçoila possui decoração em torno do fundo aplanado, constituída por circunferência radiada (Fig. 39, n.º 1; Fig. 84, n.º 3), com paralelo num fragmento recolhido em Freiria (CARDOSO *et al.*, 2013, Fig. 39, n.º 4). Esta decoração pode associar-se à representação solar, de cunho simbólico, nalguns casos também corporizada por triângulos dispostos em torno do “omphalus”, como se observa em grande taça do *tholos* de Tituaria (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 55, n.º 2).

Fig. 85 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



As taças Palmela estão representadas por 10 exemplares, atingindo nalguns casos grandes dimensões, com claro predomínio da decoração a pontilhado (7 ex. – Fig. 40, n.º 2 e 3; Fig. 41, n.º 2; Fig. 43, n.º 1; Fig. 45, n.º 1; Fig. 47, n.º 2; Fig. 49, n.º 4; Fig. 86, n.º 2; Fig. 88, n.º 1; Fig. 91, n.º 3 e 4), todas com diâmetro de bordo entre os 20 e os 40 cm. Seguem-se as taças Palmela com decoração incisa e impressa (3 ex. – Fig. 41, n.º 1; Fig. 42, n.º 1; Fig. 44, n.º 1; Fig. 87, n.º 1; Fig. 91, n.º 5).

Verifica-se, em 5 exemplares, decoração até ao fundo do recipiente, por meio de faixas verticais, radiais, a partir do fundo, as quais podem ter igualmente, uma interpretação simbólica, associada à representação solar (Fig. 41, n.º 1; Fig. 42, n.º 1; Fig. 43, n.º 1; Fig. 44, n.º 1; Fig. 45, n.º 1; Fig. 87, n.º 1; Fig. 88, n.º 1; Fig. 91, n.º 5), embora o número de faixas radiantes seja variável de exemplar para exemplar, tal como a respectiva temática decorativa. De notar que esta temática decorativa é exclusiva das taças Palmela, podendo assim relacionar-se com o seu uso específico. A distribuição internacional das produções campaniformes com este motivo decorativo evidencia, para além da região dos estuários do Tejo/Sado, uma forte presença meridional, desde a meseta ibérica até à Sicília, passando pelo litoral mediterrâneo francês, encontrando-se presente em taças com “omphalus”, na maior parte dos casos (GUILAINE, 2009 b, Fig. 21).

No conjunto das temáticas decorativas presentes nas produções campaniformes em apreço, importa ainda registar a presença de métopas em diversos tipos de recipientes, simples ou múltiplas. Esta temática foi observada em 3 caçoilas (Fig. 35, n.º 3; Fig. 37, n.º 3; Fig. 39, n.º 1; Fig. 83, n.º 3; Fig. 84, n.º 1 e 3), em 6 taças Palmela (Fig. 41, n.º 1 e 2; Fig. 42, n.º 1; Fig. 43, n.º 1; Fig. 47, n.º 2; Fig. 49, n.º 4; Fig. 86, n.º 2; Fig. 87, n.º 1; Fig. 88, n.º 1; Fig. 91, n.º 3 e 5), e em 4 taças em calote (Fig. 49, n.º 2, 3, 5 e 6; Fig. 82, n.º 1 e 2; Fig. 89, n.º 1), sendo acompanhada por abundantes ocorrências na região em apreço; as quais foram inventariadas, até finais da década de 1970 (LEITÃO et al., 1978). Foram então isoladas duas variantes, as métopas simples e as métopas múltiplas, organizadas pela sobreposição de métopas dispostas alternadamente em bandas horizontais, ao longo do bordo dos recipientes. É importante observar que tal técnica foi observada também em vasos campaniformes ao contrário do verificado na presente colecção.

A distribuição geográfica internacional desta temática decorativa é extensa, atingindo a Europa Central e Oriental, embora na Península Ibérica, a mesma seja residual em certas áreas, como é o caso do grupo de Carmona/El Acebuchal (HARRISON; BUBNER & HIBBS, 1976).

Seis taças Palmela apresentam “omphalus” (Fig. 40, n.º 2 e 3; Fig. 41, n.º 1; Fig. 42, n.º 1; Fig. 43, n.º 1; Fig. 44, n.º 1), juntando-se assim ao conjunto das caçoilas que também o exibem. Dado que o fundo se conserva apenas em 6 exemplares, todos munidos de “omphalus”, pode concluir-se que esta característica deveria ser comum à totalidade das taças Palmela de S. Paulo II.

– As taças em calote de bordo simples com decorações campaniformes são os recipientes dominantes em S. Paulo II, com 12 exemplares de vários tamanhos (QUADRO 9) (Fig. 40, n.º 1; Fig. 46, n.º 1 a 3; Fig. 47, n.º 1; Fig. 48, n.º 1 e 2; Fig. 49, n.º 1 a 3, 5 e 6; Fig. 81, n.º 1; Fig. 82, n.º 1 e 2; Fig. 85, n.º 5; Fig. 86, n.º 3; Fig. 89, n.º 1; Fig. 90, n.º 1 e 2; Fig. 91, n.º 1 e 2). Tal realidade configura usos distintos, podendo associar-se os exemplares menores, com diâmetros de boca inferior a 20 cm (8 ex.), para o consumo de líquidos, e os restantes sobretudo ao consumo de alimentos sólidos, com diâmetros entre os 20 cm e os 40 cm (4 ex.).

Sete taças em calote possuem decoração a pontilhado, formando faixas horizontais que se desenvolvem abaixo do bordo, segundo padrões decorativos de grande diversidade, a ponto de não se identificarem dois exemplares idênticos, pois todos exibem particularidades evidentes, ilustrando a criatividade dos artífices (Fig. 40, n.º 1; Fig. 46, n.º 1 a 3; Fig. 47, n.º 1; Fig. 48, n.º 1 e 2; Fig. 85, n.º 5; Fig. 86, n.º 3; Fig. 90, n.º 1 e 2;

Fig. 86 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



1

7814-1369



2

7786-1341



3

207-1401



5 cm

Fig. 91, n.º 1 e 2). No tocante aos dois exemplares exclusivamente incisos (Fig. 49, n.º 1 e 3; Fig. 81, n.º 1), ambos com um diâmetro de boca de 14 cm, observa-se faixa decorada proporcionalmente mais larga que as presentes nos exemplares a pontilhado, estendendo-se pela parte inferior dos recipientes. Por fim, dos três exemplares com decoração mista, incisa e impressa (Fig. 49, n.º 2, 5 e 6; Fig. 82, n.º 1 e 2; Fig. 89, n.º 1), dois ostentam bandas horizontais constituídas por faixas preenchidas por reticulado oblíquo, associadas a linha em zigue-zague obtidas por impressão de matriz linear (Fig. 49, n.º 2 e 5; Fig. Fig. 82, n.º 1 e 2), sendo o restante decorado por duas faixas com decoração pseudo-excisa (Fig. 49, n.º 6; Fig. 89, n.º 1), com paralelos em Freiria (CARDOSO *et al.*, 2013, Fig. 33, n.º 17 e Fig. 36, n.º 10), numa taça Palmela recolhida na gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 46, n.º 1) e em diversas estações campaniformes do concelho de Sintra, como o Casal dos Planos, Pombal e Alto do Montijo (CARDOSO & CARREIRA, 1996, Fig. 4, n.º 1, Fig. 12, n.º 2 e 4). Este padrão exibe influência da Meseta, sendo frequente no grupo campaniforme de Ciempozuelos.

No grupo das taças em calote de bordo simples, uma possui bordo reentrante com decoração pontilhada e lábio também ele decorado (Fig. 46, n.º 1, Fig. 85, n.º 5), a qual encontra paralelo num fragmento recolhido em Freiria (CARDOSO *et al.*, 2013, Fig. 37, n.º 2). Outra taça destaca-se pelo seu fino acabamento, de superfície bem polida, com faixa decorada sob o bordo e motivo estrelado em torno do “omphalus”, a pontilhado (Fig. 48, n.º 1; Fig. 90, n.º 2). Este padrão decorativo vem associar-se ao já observado em caçoila (Fig. 39, n.º 1; Fig. 84, n.º 3), de plausível cunho simbólico, conforme atrás se referiu. A decoração simples, por baixo do bordo, de uma faixa de triângulos invertidos, preenchidos com traços diagonais a pontilhado encontra paralelo em fragmentos recolhido na Cabana FM de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1998; Fig. 37, n.º 1; Fig. 38, n.º 1 e 2).

A forma de “garrafa” encontra-se representada por um fragmento decorado, junto ao bordo, a pontilhado (Fig. 35, n.º 1; Fig. 85, n.º 4). Esta forma possui escassos paralelos na Baixa Estremadura, referindo-se os exemplares da Cabana EN de Leceia (CARDOSO, 1997/1998, Fig. 50, n.º 6 e 11), do pequeno núcleo do Monte do Castelo, Oeiras (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 6, n.º 1), de Freiria (CARDOSO *et al.*, 2013, Fig. 26, n.º 9), das grutas da Cova da Moura (TRINDADE & FERREIRA, 1971) e da Senhora da Luz (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 47, n.º 2), e dólmen de Montum, (LEITÃO *et al.*, 1978, Fig. 16, n.º 61 e 62), todos com decoração incisa. Com efeito, foi apenas compulsado, para além do exemplar agora publicado, um outro decorado a pontilhado recolhido na gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 46, n.º 5).

Esta forma possui evidente raridade no quadro das produções campaniformes, tal como foi também observado em outros países.

Seis exemplares ostentam decorações preenchidas por pasta branca, com a intenção de acentuar o seu efeito visual. Esta evidência foi registada em um vaso “marítimo” pontilhado (Fig. 34, n.º 1; Fig. 87, n.º 3); em duas caçoilas com decoração a pontilhado (Fig. 37, n.º 2; Fig. 85, n.º 3; Fig. 38, n.º 3; Fig. 83, n.º 2); em uma caçoila com decoração incisa e impressa (Fig. 35, n.º 3; Fig. 83, n.º 3); em uma taça Palmela com decoração incisa e impressa (Fig. 44, n.º 1); e em uma taça em calote com decoração pontilhada (Fig. 48, n.º 2; Fig. 90, n.º 1).

Trabalho recente veio demonstrar que a composição química de tais preenchimentos, invariavelmente brancos, variava consoante a área geográfica considerada. Assim, na Galiza, foi utilizado uma massa constituída por talco, enquanto que na região da Meseta (campaniformes de tipo Ciempozuelos) e na região do Guadalquivir (campaniformes de tipo El Acebuchal), foi utilizado carbonato de cálcio; enfim, na região do sudoeste peninsular, incluindo alguns exemplares portugueses, do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) e da Lapa do Bugio (Sesimbra), recorreu-se ao osso moído (ODRIOZOLA *et al.*, 2012). Conforme sublinham estes autores, embora o resultado final fosse idêntico, as tecnologias de produção eram muito distintas, pois,

Fig. 87 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



enquanto que a utilização de uma pasta de carbonato de cálcio teria de ser aplicada forçosamente depois da cozedura dos recipientes, já a utilização de uma massa óssea moída antecederia o cozimento dos mesmos. Estas diferenças explicam-se por tradições culturais distintas, inerentes aos oleiros que laboravam em cada uma das regiões consideradas.

No povoado aberto de Freiria, a presença destes preenchimentos observa-se exclusivamente em exemplares incisos (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013, Fig. 15, n.º 12; Fig. 20, n.º 3; Fig. 22, n.º 3 e 16; Fig. 25, n.º 3 e 15; Fig. 29, n.º 13; Fig. 31, n.º 9; Fig. 33, n.º 17; Fig. 39, n.º 11; Fig. 40, n.º 13), de provável fabrico local, sendo a pasta branca produzida essencialmente à base de osso moído, conforme os resultados anteriormente apresentados para esta mesma região; o mesmo se verificou num fragmento de taça campaniforme de Vila Nova de S. Pedro cuja pasta branca, meio de análise mineralógica por microespectroscopia Raman, foi possível identificar como sendo constituída à base de fosfato de cálcio ($\text{Ca}_3(\text{PO}_4)_2$) (CHAVES, 2022, Fig. 6.9); contudo, para os exemplares de S. Paulo II só a realização de análises poderá confirmar esta possibilidade.

6.6 – Produções industriais

6.6.1 – Lucernas

Sob esta designação incluem-se três recipientes, que configuram duas formas bem diferenciadas: a primeira, de colo médio a alto, corresponde a dois exemplares fechados munidos de múltiplas perfurações verticais no colo (Fig. 29, n.º 1 e 3; Fig. 77, n.º 1 e 2); a segunda corresponde a recipiente fechado/baixo com carena diametral e perfurações horizontais acima da mesma, representada por um exemplar (Fig. 29, n.º 2).

O exemplar da Fig. 29, n.º 1 possui marcas de estalamento na superfície externa do fundo, provocadas pelo calor, indício da sujeição do mesmo a fogo directo (Fig. 77, n.º 2).

A funcionalidade desses pequenos vasos como lucernas, ou queimadores de produtos aromáticos, é hipótese a ser considerada, uma vez que em geral se apresentam escurecidos devido ao aquecimento e/ou queima do combustível neles introduzido.

Todos os exemplares são munidos de furos de suspensão, de modo a poderem ser colocados em local elevado permitindo melhor iluminação ou difusão dos aromas.

Possuem paralelos registados em diversas necrópoles, onde poderiam ser utilizados para alumiar o interior dos espaços sepulcrais, ao mesmo tempo que as substâncias queimadas disfarçava os maus odores ali existentes. Assim se poderão explicar os exemplares recolhidos na gruta artificial de S. Pedro do Estoril 1 (LEISNER; PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. H, n.º 3; LEISNER, 1965, Tafel 89; GONÇALVES, 2003, Fig. 4.18, n.º 3); nas grutas do Poço Velho (GONÇALVES, 2008, p. 403); nos megálitos da Horta Velha do Reguengo (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 9, 6.6); Brissos 1 e Brissos 6 (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 21, 1.14; Tafel 22, 1.28); Anta do Curral da Castelhana, no *tholos* do Monte do Outeiro; no *tholos* OP2b, em Reguengos de Monsaraz (GONÇALVES, 2003, Est. 31); e no povoado de fossos de Porto Torrão (CARDOSO et al., e.p.), entre outros.

6.6.2 – Cossoiro

Trata-se de exemplar tronco-cónico de cozedura fortemente redutora (Fig. 51, n.º 1; Fig. 93, n.º 1), o qual pode ser atribuído ao Calcolítico.

Fig. 88 – S. Paulo II. Cerâmica decorada campaniforme. Fotografias de João Luís Cardoso.



Embora mais expressivos em contextos domésticos, devido ao seu evidente carácter funcional e utilização quotidiana, este tipo de artefacto ocorre também em contextos funerários, de que se referem os seguintes: hipogeu 3 do Casal do Pardo (SOARES, 2003); anta da Torre do Ervedal 3 (ANDRADE, 2009, Fig. 172); e Lapa da Bugalheira (CARDOSO & MARTINS, 2023, Fig. 29, n.º 3).

Tais elementos, de evidente cunho funcional, quando ocorrem em contextos funerários devem ser interpretados como artefactos votivos, eventualmente relacionados com a ocupação do indivíduo inumado, ou com a importância económica e simbólica da actividade que representam (COSTEIRA, 2017).

6.7 – Artefactos de osso e de marfim

Foram recolhidos fragmentos de dois furadores e de uma espátula de osso, alongada, que poderia ter sido utilizada como alisador para cerâmica (Fig. 51, n.º 2 a 4; Fig. 93, n.º 2). Trata-se de exemplares funcionais que no ambiente funerário em causa teriam a função de oferendas.

Identificaram-se 6 recipientes cilíndricos: quatro lisos, de osso, (Fig. 52, n.º 2; Fig. 53, n.º 2 a 4; Fig. 94, n.º 2 e 4) e dois decorados de marfim (Fig. 52, n.º 1; Fig. 53, n.º 1; Fig. 94, n.º 1 e 3), com vários paralelos em contextos calcolíticos estremenhos, sobretudo funerários.

Os exemplares de osso foram provavelmente obtidos de diáfises de ossos longos de bovínio (*Bos taurus* ou *Bos primigenius*). Três possuem gola sob o bordo, presumivelmente para facilitar a fixação de tampa (Fig. 53, n.º 2 a 4; Fig. 94, n.º 4). São idênticos aos dois exemplares lisos, um de marfim de fino acabamento e outro de osso, recolhidos na gruta da Verdelha dos Ruivos (CARDOSO, 2024, Fig. 37), e a vários exemplares recolhidos na *tholos* de Paimogo (GALLAY et al., 1973, Fig. 69; Est. XIII, a), em Vila Nova de S. Pedro, Palmela, São Martinho de Sintra, Monte Abraão, Rotura, Barro, Serra da Vila, Alqueves, Poço Velho e Zambujal, conforme inventário realizado por T. X. Schuhmacher (SCHUHMACHER, 2012, p. 245).

O único exemplar liso de osso desprovido de gola (Fig. 52, n.º 2; Fig. 94, n.º 2) tem igualmente paralelo em vários exemplares de marfim, de diversas estações arqueológicas: Paimogo (GALLAY et al., 1973, Fig. 69; Est. XIII, b); Vila Nova de S. Pedro; Casal do Pardo; São Martinho de Sintra; Monte Abraão e Rotura (SCHUHMACHER, 2012, p. 245).

Dos dois exemplares decorados, os únicos de marfim que foram agora identificados, um deles ostenta decoração em métopas verticais, alternando campos reticulados e linhas em zigue-zagues com espaços intermédios reticulados, formando alinhamento de losangos preenchidos (Fig. 52, n.º 1; Fig. 94, n.º 3). Encontra paralelo em exemplares recolhidos nas *tholoi* de Paimogo (GALLAY et al., 1973, Fig. 69, n.º 357 e 362), Tituarria (CARDOSO et al., 1996, Fig. 40, n.º 10), e Várzea, conforme se pode ver pelos materiais em exposição no MASMO/CMS.

O outro exemplar decorado (Fig. 53, n.º 1; Fig. 94, n.º 1) ostenta reticulado largo oblíquo ocupando toda a superfície da peça, com paralelo em exemplares recolhidos na *tholos* de Paimogo, Lourinhã (GALLAY et al., 1973, Fig. 69, n.º 359; Est. XII, e); em Vila Nova de S. Pedro (SCHUHMACHER, 2012, p. 240, n.º 19, 21 a 24, 26); Samarra (SCHUHMACHER, 2012, p. 240, n.º 17); Lapa do Bugio (SCHUHMACHER, 2012, p. 240, n.º 18); Serra da Vila (SCHUHMACHER, 2012, p. 240, n.º 20); Zambujal (SCHUHMACHER, 2012, p. 240, n.º 28) e Perdigões (VALERA, 2020, Fig. 7, n.º 1).

Estes recipientes cilíndricos decorados com caneluras e reticulados parecem expressão mais característica na Estremadura. Contudo estas peças, e os respectivos padrões decorativos, também ocorrem na Extremadura

Fig. 89 – S. Paulo II. Cerâmica decorada campaniforme. Fotografias de João Luís Cardoso.



espanhola, no baixo Guadalquivir e na Andaluzia oriental (SCHUHMACHER, 2012), tanto de marfim como de outras matérias-primas (VALERA, 2020). Poderiam ser utilizados para guardar unguentos, cosméticos, ou outras substâncias, por exemplo de carácter medicinal. Embora não se tenha jamais encontrado uma destas peças munida de fundo, nem de tampa, tal facto pode explicar-se por serem de materiais perecíveis, cortiça ou madeira, como acontece com recipientes actuais feitos de corno. Tal conclusão é ilustrada pelo facto de alguns deles possuírem perfurações junto do fundo, destinadas à fixação daquele elemento, como se observa em diversos exemplares de Paimogo.

6.7 – Artefactos de cobre

Os artefactos de cobre são 11, assim distribuídos:

- Sovelas, punções ou furadores de secções sub-quadrangulares a sub-rectangulares: 7 exemplares (Fig. 54, n.º 2, 3, 5 a 9; Fig. 95, n.º 3), um deles incompleto. São idênticos aos recolhidos, nos povoados calcolíticos da Estremadura, de que são exemplo os de Leceia (CARDOSO et al., 2020) do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019 b), característicos de contextos do Calcolítico Pleno/Final, da 2.ª metade do 3.º milénio A. C., onde ocorrem em grande número. Esta realidade explica-se pelo facto de poderem assegurar com muito maior eficácia as funções desempenhadas pelos seus equivalentes líticos ou de osso, sendo, por tal razão, produzidos em larga escala, em contexto doméstico.
- Pequenos escopros ou formões, de secções sub-quadrangulares a sub-rectangulares: 2 exemplares (Fig. 54, n.º 1 e 4; Fig. 95, n.º 2). Trata-se de peças maiores que as anteriores cuja existência se pode explicar pela eficácia na execução das tarefas pretendidas, possuindo também assinaláveis paralelos em povoados calcolíticos da Estremadura portuguesa.
- Anzol: 1 exemplar; (Fig. 54, n.º 10; Fig. 95, n.º 1), com 28 mm de altura de haste e 13 mm de comprimento, de secção sub-rectangular, tal como alguns dos recolhidos em Leceia (CARDOSO, 1997, p. 91), no Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019 b, Fig. 152) e no povoado da Rotura (GONÇALVES, 1971, Est. 26), cuja tipologia é caracterizada pela ausência de barbela e pelo empate simples, constituído pela curvatura da extremidade proximal.

No povoado do Outeiro Redondo foi possível, pela primeira vez, evidenciar-se assinalável diferença de tamanhos, relacionada com as diferentes espécies de pescado que se pretendiam capturar. Trata-se assim de uma especialização funcional (CARDOSO, 2019 b), que acompanha a crescente diversificação das produções ao longo da segunda metade do 3.º milénio a.C. na Estremadura portuguesa. Naturalmente, a sua ocorrência torna-se visível apenas nos povoados directamente relacionados com a exploração dos recursos marinhos, como os referidos.

– Fragmento distal de provável espada curta, com indício de dobragem intencional (Fig. 54, n.º 11; Fig. 95, n.º 4). Este exemplar encontra o seu paralelo mais próximo na porção distal de espada curta recolhida na Camada 2 (Calcolítico Pleno / Final) do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019 b, Fig. 154, n.º 10), integrando as primeiras espadas do final do Calcolítico peninsular; no território português sublinha-se o exemplar completo de Pinhal dos Melos (PAÇO & FERREIRA, 1957) com estreito paralelo na adaga longa da sepultura da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (FORTES, 1906). Na Meseta ocorrem diversos exemplares em contextos campaniformes de Ciempozuelos (GARRIDO-PENA, 2000, Lám. 18, n.º 15; Lám. 99, n.º 8), destacando-se, entre

Fig. 90 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



1

7809-1364
c/ pasta branca



2



5 cm

6960-541

todas, a “espada de Santiago” (*in* GUILAINE, 2019, Fig. 57), equivalente da de Pinhal dos Melos. O exemplar de s. Paulo II faz assim parte do restrito número das mais antigas espadas conhecidas, pertencentes ao final do Calcolítico peninsular.

6.8 – Adornos e peças de indumentária

6.8.1 – Defesas de javali

Foram recolhidos 3 exemplares desprovidos de modificações (Fig. 51, n.º 5 a 7; Fig. 93, n.º 3 a 5). Exemplares análogos são conhecidos em necrópoles estremenhas, como as grutas naturais da Furninha (CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011, Fig. 32, n.º 5 a 7); do Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 26, n.º 3); da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.º 11); da Senhora da Luz (Gruta II) (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 32, n.º 7 a 10); da Lapa da Galinha (inédito, Museu Nacional de Arqueologia); da Cova da Moura (SPINDLER, 1981, Tf. 26, n.º 519) e da Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Fig. 14, n.º 6 e Fig. 36, n.º 6). Trata-se de exemplares, na maioria dos casos, reportáveis ao Neolítico Final, embora existam ocorrências em contextos funerários calcolíticos, como é o caso da jazida de Samarra (FRANÇA & FERREIRA, 1958, Est. 7, n.º. 18 e 19); e da *tholos* de Agualva (LEISNER, 1965, Tf. 51, n.º. 52), para só referir alguns exemplos.

A ocorrência destas peças em contextos funerários pode relacionar-se com o simbolismo de força e vitalidade atribuído ao javali, detendo deste modo significado mágico-religioso (FERREIRA, 1953, p. 162), sendo de considerar a hipótese de poderem ser utilizados no vestuário como adereços.

A relevância do javali, na superestrutura cognitiva destas populações relevava da sua força e violência, o que justificaria então, como hoje, a colecção de troféus, que poderiam ser usados tal qual, ou sujeitos a transformação por polimento ou perfurações, que facilitariam assim a sua suspensão ou aplicação. Está neste caso uma porção proximal de muralha dentária, totalmente afeçoada, de canino inferior, recolhida na gruta II da Senhora da Luz, cuja extremidade possui duas perfurações (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 31, n.º 4), para fixação ou para suspensão. Esta última finalidade corresponde ao pendente recortado, terminando em ponta e com a extremidade oposta munida de um furo, da gruta da Cova da Moura (SPINDLER, 1981, Tf. 26, n.º 518); já no caso dos dois exemplares recolhidos na Cova da Presa, Lourinhã (REGALA & LUÍS, 2007), será plausível outro tipo de utilização. Trata-se de dois exemplares conservando todo o comprimento original das defesas inferiores em que foram afeçoados, possuindo duas perfurações na extremidade proximal (tal qual o exemplar da Senhora da Luz) e uma perfuração junto à ponta, interpretadas como fazendo parte de “adorno compósito ou complemento de indumentária, que englobaria um conjunto destas peças” (*op. cit.*, p. 22). Assim se poderiam, também, interpretar, os elementos desprovidos de qualquer perfuração, como é o caso dos presentemente em estudo, dado ser possível, como se referiu, a respectiva fixação através de diversas formas (CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011).

6.8.2 – Contas de colar

As contas, de diversas substâncias, formatos e dimensões, possuem um elemento comum, que é a presença de uma perfuração central, constituindo grupo importante em S. Paulo II, onde foram diferenciadas de acordo com a matéria-prima utilizada.

Fig. 91 – S. Paulo II. Cerâmicas decoradas campaniformes. Fotografias de João Luís Cardoso.



1

7797-1352



2

7765-1326



3

7794-1349



4

5065-127



5

7817-1372



10 cm

6.8.2.1 – Contas discóides de concha e/ou de calcário

Dada a pequenez dos exemplares, afigurou-se difícil a separação entre as contas de uma e/ou de outra daquelas matérias-primas. Foram formados dois colares compostos por 373 exemplares. O primeiro, com por 311 contas (Fig. 56, n.º 1 a 5), e o segundo, constituído por 62 contas. É de destacar a destreza do artífice em conseguir produzir exemplares de tamanho diminuto, tendo presente a grande fragilidade das matérias-primas. A sua dispersão no interior da gruta evidencia, uma vez mais, os intensos remeximentos nela verificados.

6.8.2.2 – Contas discóides de xisto

Foram formados dois colares compostos por 349 contas discóides de xisto (Fig. 56, n.º 6 a 8). Trata-se de pequenos discos de xisto, com perfuração central, bem representados em necrópoles entre Tejo e Atlântico, por vezes em grandes quantidades, como nas grutas naturais da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996), Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 20, n.º 10; Fig. 32, n.º 7) do Poço Velho, Cascais (PAÇO, BARTHOLÓ & BRANDÃO, 1959) e a Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, p. 110). A ocorrência destas contas em regiões onde a matéria-prima de que são feitas não existia, como é o caso da Estremadura, só se pode explicar por intercâmbios de objectos manufacturados entre esta região e o interior alentejano, onde ocorrem, também em grandes quantidades, em numerosos monumentos megalíticos.

São válidas as observações sobre as dificuldades de sua execução acima referidas para as homólogas de concha e/ou de calcário, sublinhando-se, igualmente, a sua assinalável diacronia, neolítica e calcolítica, substituindo, nas necrópoles da Estremadura, as contas de *Dentalium* sp., presentes em contextos desde pelo menos o Neolítico Antigo e o Neolítico Médio, como é o caso da gruta do Lugar do Canto (CARDOSO & CARVALHO, 2008). No entanto, em alguns destes contextos, como no Algar de Bom Santo, tais exemplares convivem já com contas de xisto (DEAN & CARVALHO, 2014, Fig. 5.4.4), comprovativas de que a conexão alentejana já então se tinha iniciado. Com efeito, a sua utilização torna-se comum no Neolítico Final, constituindo prova inquestionável da importância das relações estabelecidas entre estas duas regiões.

6.8.2.3 – Contas de minerais verdes, genericamente atribuíveis a variscite

São numerosas as contas de minerais verdes, designados genericamente por variscites (276 contas no total), grupo mineralógico a que pertencem a grande maioria dos exemplares recolhidos em estações portuguesas (GONÇALVES, 1979).

Foram formados dois colares destas contas, de tipologia e tamanhos diversos, sem que se possa estabelecer qualquer relação entre elas no interior do monumento. Um colar é composto por 80 contas (Fig. 57, n.º 1 a 14), e outro por 195 contas (Fig. 58, n.º 1 a 29), a que se soma uma conta individualizada bitroncocónica (Fig. 55, n.º 18; Fig. 96, n.º 9). Apresentam diversas colorações, resultantes em parte da alteração superficial mais ou menos intensa, o que não significa, necessariamente, origens distintas.

No respeitante à forma, podem distinguir-se quatro grupos principais, a saber: discoidais (Fig. 57, n.º 3 a 5, 9 a 11; Fig. 58, n.º 1 a 3, 5 a 7, 9, 10, 12 a 14, 20, 23 a 26); subcilíndricas (Fig. 57, n.º 1, 2, 6, 7, 13; Fig. 58, n.º 4, 8, 11, 15, 17, 19, 21, 27, 28); globulosas (Fig. 57, n.º 8, 12 e 14; Fig. 58, n.º 16, 18); e bitroncocónicas (Fig. 55, n.º 18; Fig. 58, n.º 22; Fig. 96, n.º 9).

Fig. 92 – S. Paulo II. Vaso de paredes verticais com decoração externa pintada de vermelho (orante?) (n.º 1); e vaso de paredes verticais com decoração incisa, com caneluras associadas a motivos serpentiformes e ondulados (n.º 2). Fotografias de João Luís Cardoso.



1

5704-328



2

7790-1345



5 cm

Largamente divulgada a sua produção e utilização no Calcolítico, encontram-se documentadas aparentemente desde o Neolítico Antigo na gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1992, Fig. 8.8). Esta situação encontra explicação no quadro da crescente intensificação económica, associada à interacção cultural estabelecida entre populações de áreas geográficas muito distintas, com base em redes de troca a longa distância de diversos tipos de produtos e de matérias-primas, entre os quais se contavam os minerais verdes, em bruto ou já manufacturados.

Dois estudos recentes realizados de forma independente sobre exemplares de contextos calcolíticos estre-menhos, tanto funerários como habitacionais, vieram sugerir que a principal fonte de abastecimento se situaria na região de Palazuelo de las Cuevas, província de Zamora (ODRIOZOLA *et al.*, 2018; DOMÍNGUEZ-BELLA *et al.*, 2019), em detrimento de fontes mais próximas e acessíveis, situadas na região de Badajoz, onde existem minas pré-históricas de variscite (Pico Centeno) (CARDOSO, 2023).

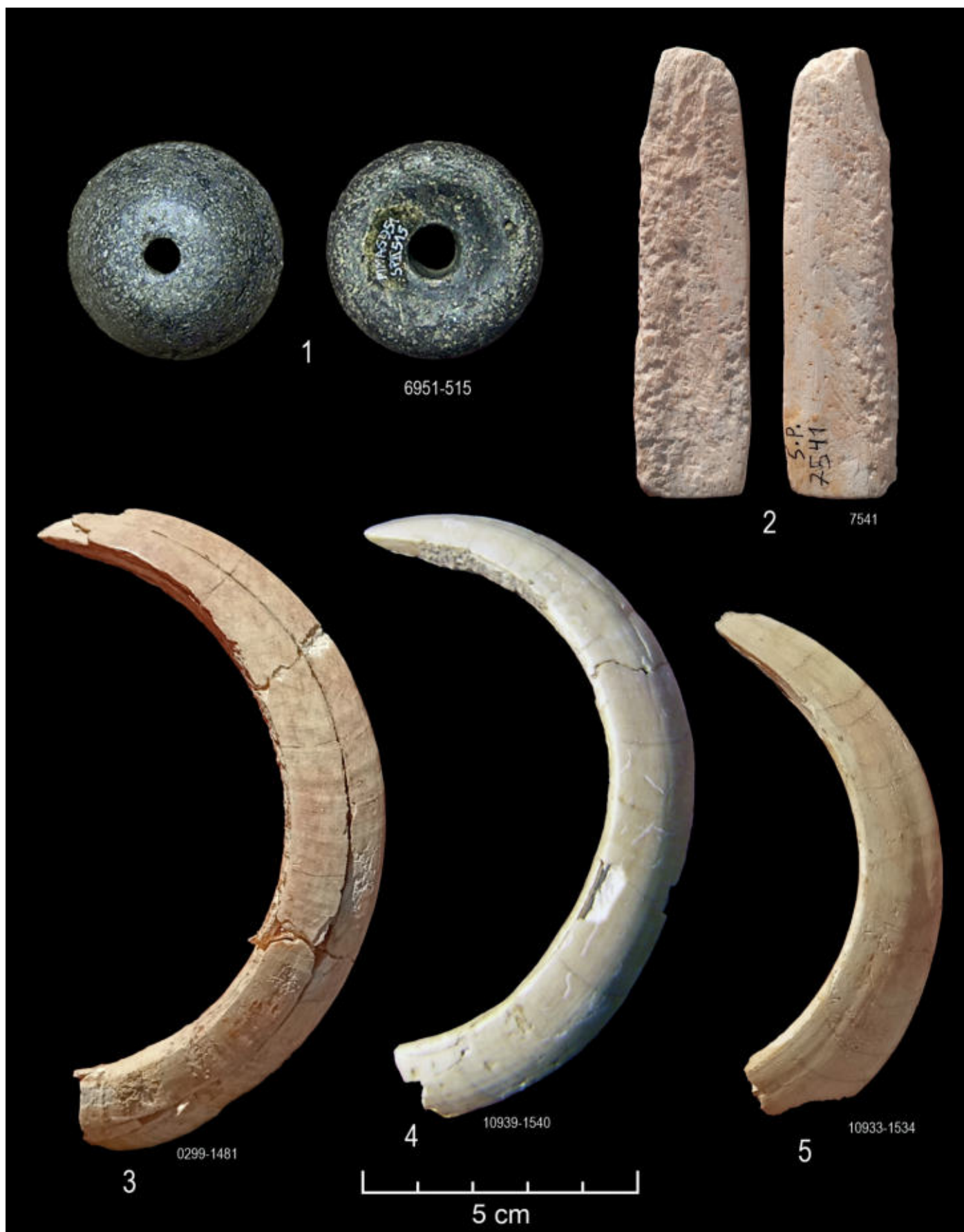
6.8.2.4 – Contas de azeviche

Foram recolhidos 6 contas em matérias carbonosas, compatíveis com azeviche (variedade de hulha) ou com variedades compactas de lignite, afeiçoadas maioritariamente de forma bitroncocónica, de coloração castanho-anegrada ou mesmo negra. Apresentam-se em geral muito frágeis, por se encontrarem fortemente dissecadas pela alteração da estrutura lenhosa original (Fig. 55, n.º 1, 3 a 6, 16; Fig. 96, n.º 3 a 7).

Contas análogas são conhecidas em vários sítios funerários da Baixa Estremadura. Sem preocupações exaustivas, são de assinalar ocorrências na gruta da Cova da Moura (SPINDLER, 1981); na gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 20, n.º 1 a 3; Fig. 32, n.º 4 e 5); na Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 53, n.º 22 a 27); nas grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964), e, a sul do Tejo, nas grutas artificiais do Casal do Pardo (LEISNER, FERREIRA & ZBYSEWSKI, 1961) e na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992). Mais rara é a forma bombeada, com um exemplar (Fig. 55, n.º 3) com paralelo na gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003, Fig. 20, n.º 4).

Pode, pois, concluir-se, que contas de lignito/azeviche ocorrem com certa frequência em necrópoles do Neolítico Final e do Calcolítico da Baixa Estremadura. Podem ter resultado da exploração ou simples recolha superficial, de níveis carbonosos do Jurássico Superior da região da Batalha e de Peniche, a partir de onde seriam comercializadas, em bruto ou já manufacturadas. Esta mineração encontra-se registada em épocas históricas, para a produção de adornos que seriam depois largamente difundidos. Em 1822, e no seguimento de informações anteriores apresentadas por António Carvalho da Costa, primeiro, e depois de João Baptista de Castro, refere-se que na região da Batalha existia em actividade uma importante mina de azeviche, “dont les habitants tirent un grand parti en faisant des ouvrages qui circulent dans tout le Portugal” (BALBI, 1822, p. 135), sem prejuízo de ser possível a mineração de ocorrências azeviche de boa qualidade, em menores quantidades, a partir de afloramentos disseminados por região muito mais vasta da Bacia Lusitânica, como na região do Cabo Mondego. Tais contas ocorrem por vezes a distâncias assinaláveis das fontes de matéria-prima conhecidas, como é o caso dos exemplares recolhidos na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992), ou, ainda mais para sul, no dólmen da Pedra Branca (FERREIRA *et al.*, 1975). Excepcionalmente, o azeviche foi utilizado para a confecção de objectos ideotécnicos, como é o caso de exemplar antropomórfico recolhido na anta das Corgas da Matança, Fornos de Algodres (CRUZ, CUNHA & GOMES, 1988/1989), revelando a longa distância que separa esta ocorrência das fontes de matéria-prima conhecidas na Estremadura portuguesa. A relativa

Fig. 93 – S. Paulo II. Cossoiro (n.º1); espátula de osso (n.º 2); defesas de javali (n.º 3 a 5). Fotografias de João Luís Cardoso.



abundância de contas de azeviche, em contextos funerários estremenhos do Neolítico Final ou do Calcolítico, contrasta com a sua raridade em outros contextos peninsulares (COSTA CARAMÉ *et al.*, 2011), possivelmente em resultado da raridade da matéria-prima em contextos geológicos, contrariamente ao que se verifica em Portugal (CARDOSO, 2023).

6.8.2.5 – Contas de âmbar

Foram recolhidos 3 exemplares (Fig. 55, n.º 2, 15 e 17; Fig. 96, n.º 2). A sua presença ascende pelo menos ao Calcolítico, de acordo com o estudo pioneiro de O. da Veiga Ferreira que inventariou em 1966 as ocorrências então conhecidas no território português (FERREIRA, 1966); a maioria das contas então inventariadas é de cronologia incerta, podendo ser tanto calcolíticas como do Bronze Final, mas em todo o caso pré-históricas, atendendo à presença, na mesma estação, de ocupações mais tardias, tanto em povoados, como é o caso de Pragança, Cadaval como em necrópoles, de que é exemplo o monumento da Bela Vista, Colares, e o *tholos* do Barranco da Nora Velha, Ourique (CARDOSO, 2023).

Seguramente calcolíticas são apenas as que se recolheram em contextos em que a única presença remonta àquela época, como é o caso, entre outras, dos exemplares de Alcalar 3, Portimão (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 79, n.º 41) e dos recolhidos na Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo) (CARDOSO, 2023, Fig. 58), para além das que se puderam associar directamente a datas de radiocarbono, recentemente inventariadas (GARRIDO-CORDERO *et al.*, 2024). Da observação dos resultados apresentados por estes autores, pode concluir-se que, nos contextos calcolíticos, é característico o âmbar siciliano, enquanto que nos contextos do Bronze Final/Idade do Ferro, domina ou é exclusivo o âmbar báltico, em resultado das distintas vias de circulação comerciais estabelecidas em cada uma daquelas épocas (CARDOSO, 2023). No caso dos três exemplares de S. Paulo II, embora os mesmos não tenham sido analisados, é possível que, sendo Calcolíticos, a sua origem se reporte à Sicília. No entanto, tendo presentes os materiais, ainda que escassos, da I Idade do Ferro, a origem báltica não pode ser excluída.

Em recente visita efectuada à Escola Secundária Fernando Lopes Graça, na Parede, foram observadas, por gentileza das Dras. Margarida Soares e Isabel Morais Rosa, do Clube Ciência Viva, pelo primeiro signatário, amostras de rochas recolhidas nas arribas de rochas mesozoicas do litoral adjacente, com porções de âmbar translúcido de coloração castanho-alaranjado, as quais integram a colecção geológica da Escola. Esta ocorrência encontra-se em curso estudo por equipa da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, como depois se veio a saber.

Assim sendo, para além da hipótese do abastecimento de âmbar siciliano no decurso do Calcolítico do ocidente peninsular, haverá que considerar a possibilidade de, eventualmente, uma parte das contas recolhidas na Estremadura possa ter resultado de mineração local.

6.8.2.6 – Contas de *Trivia* sp.

Foram recolhidas 19 contas de *Trivia* sp. perfuradas (Fig. 55, n.º 9 a 12), compatíveis com *T. europaea*. Vários exemplares atribuíveis a esta espécie provêm de necrópoles estremenhas, desde o Neolítico Médio, como o Algar do Bom Santo (DEAN & CARVALHO, 2014, p. 202 e 203), passando pelo Neolítico Final como a Lapa do Bugio, (CARDOSO, 1992, p. 110) atingindo a época campaniforme, a que pertencem quatro exemplares do hipogeu do Convento do Carmo (VALENTE, 2019); também do povoado fortificado de Leceia provêm

Fig. 94 – S. Paulo II. Recipientes cilíndricos lisos (n.º 2 e 4) e decorados (n.º 1 e 3), de fino acabamento.
Fotografias de João Luís Cardoso.



1

6973-554



2

10298-1480



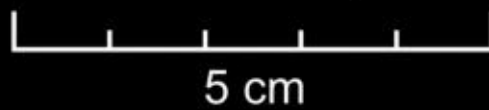
3

5068-130



4

5091-153



5 cm

um exemplar, do Calcolítico Pleno Final (CARDOSO, 1989, Fig. 109, n.º 5). Tal realidade documenta a assinalável utilização diacrónica desta espécie como elemento de adorno, ainda que sempre através de escasso número de exemplares. Na actualidade, esta espécie continua a ocorrer ao longo de todo o litoral português, podendo ser recolhido na baixa-mar (MACEDO, 1999).

6.8.2.7 – Conta de *Nassarius* sp.

Identificou-se conta de *Nassarius* sp., perfurada (Fig. 55, n.º 13), compatível com *N. reticulatus*, molusco abundante na actualidade no litoral português, onde pode ser recolhido na zona intertidal (MACEDO, 1999). Pela robustez da concha, foi espécie frequentemente utilizada como elemento de adorno, mediante simples perfuração, como é o caso do exemplar de S. Paulo II, que ostenta intenso desgaste, resultante da sua utilização. Contas de *N. reticulatus* ocorrem escassamente em contextos pré-históricos estremenhos, tanto funerários, como a gruta da Lapa do Bugio, Sesimbra, do Neolítico Final (CARDOSO, 1992, p. 110), como habitacionais, como o exemplar calcolítico recolhido no povoado fortificado de Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 109, n.º 6).

6.8.2.8 – Conta de cristal de rocha

Foi recolhido um exemplar, de formato tabular com perfuração bitroncocónica, totalmente afeiçoado por polimento. Trata-se de ocorrência excepcional (Fig. 55, n.º 7; Fig. 96, n.º 1) nos contextos funerários neolíticos e calcolíticos do território português. Remete-se o leitor para os comentários acerca da importância na Pré-História desta matéria-prima, acima apresentados

6.8.2.9 – Conta de cerâmica

Trata-se de conta de cerâmica bitroncocónica (Fig. 55, n.º 8; Fig. 96, n.º 10), com paralelos, entre outras estações na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992) e, acompanhando duas tumulações campaniformes, no dólmen de Montum, Melides, Santiago do Cacém (FERREIRA et al., 1975). Em contextos habitacionais calcolíticos estremenhos identificaram-se exemplares de dimensões semelhantes mas de diferentes formatos. De corpo esférico são os exemplares provenientes dos povoados do Outeiro de S. Mamede (CARDOSO E CARREIRA, 2011, Fig. 70, n.º 4 a 6) e Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019 b, Fig. 145, n.º 4 a 6), cuja funcionalidade se considerou indefinida. Já os seis exemplares recolhidos no povoado do Outeiro da Assenta, possuem formato elipsoidal a cilíndrico (CARDOSO & MARTINS, 2009, Fig. 46, n.º 1 a 6), os quais morfologicamente se aproximam dos pesos de rede de chumbo da actualidade.

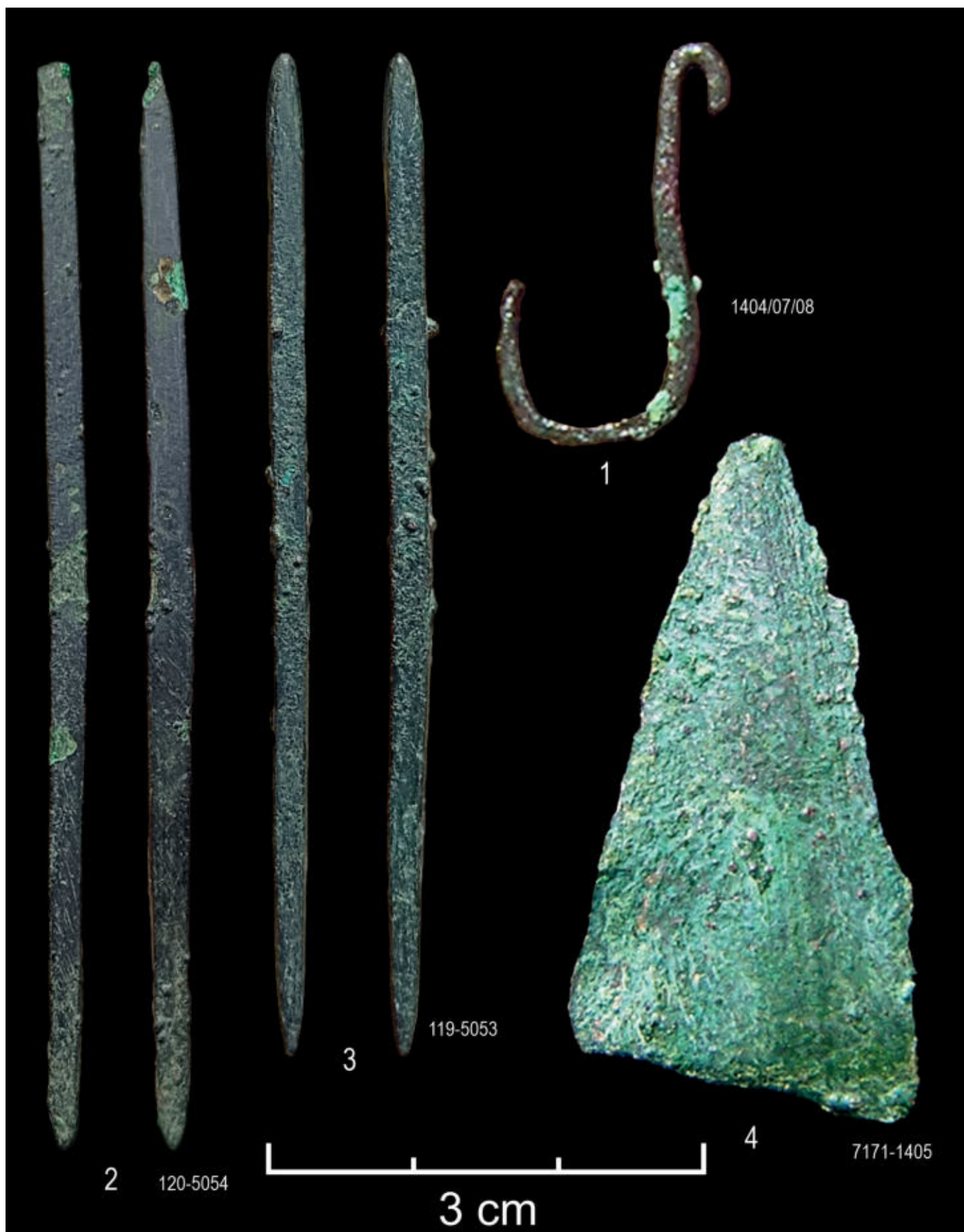
6.8.2.10 – Conta de osso

Identificou-se fragmento de conta tubular de osso, totalmente polida (Fig. 55, n.º 14; Fig. 96, n.º 8), matéria-prima com escassos paralelos pré-históricos em artefactos desta natureza.

6.8.3 – Botões campaniformes com perfuração em V

Os botões com dupla perfuração em V na face ventral são uma das produções campaniformes mais características. Todos os exemplares em estudo possuem polimento cuidadoso e conservam, como habitualmente, a referida perfuração dupla na face ventral.

Fig. 95 – S. Paulo II. Artefactos metálicos. Anzol (n.º 1); furadores (n.º 2 e 3); e porção distal de faca ou serra (n.º 4).
Fotografias de João Luís Cardoso.



Foram identificados 11 exemplares atribuíveis a marfim de cachalote. A estes, juntam-se mais 18 exemplares de osso, totalizando desta forma 29 botões, que constitui também a colecção mais numerosa do território português.

A identificação de alguns botões desta colecção como tendo sido feitos em marfim de cachalote foi realizada por análise macroscópica por T. X. Schuhmacher, contendo, por tal motivo, alguma margem de incerteza. Terão resultado de aproveitamento de animais arrojados à costa, com paralelo em uma costela utilizada como bigorna, recolhida no povoado calcolítico fortificado de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995).

A utilização do marfim de cachalote para o fabrico de botões foi primeiramente referido por J. L. Cardoso e T. X. Schuhmacher (2012), com base em exemplares recolhidos na gruta funerária campaniforme da Verdelha dos Ruivos, ulteriormente publicados em artigo específico (SCHUHMACHER et al., 2013). Mais tarde, outros exemplares se publicaram da gruta do Almonda (ZILHÃO, SOARES & GONÇALVES, 2022; CARDOSO, 2024, Fig. 35).

Os restantes 18 botões foram confeccionados em osso ou em marfim de elefante africano (*Loxodonta africana*), suportando, no caso de se confirmar esta alternativa, o intercâmbio então estabelecido com a costa atlântica de Marrocos, já claramente demonstrado no tocante ao Calcolítico do centro e sul do território português (CARDOSO & SCHUHMACHER, 2012).

Não foi possível estabelecer nos exemplares de S. Paulo II qualquer relação geométrica existente entre eles, dado o estado de remeximento dos espólios no interior do monumento (Fig. 119). Ao contrário, em S. Pedro do Estoril, no nível 0,65-0,56 m, identificou-se alinhamento de 11 botões, ainda “in situ”, vestígios do “casaco” que envolvia o tumulado (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Estampa C). Esta observação, já apresentada pelos autores da referida publicação (op. cit., p. 56), vem documentar que a deposição do inumado foi realizada na posição de decúbito dorsal estendido, na zona central da câmara. Por outro lado, verifica-se que, na abotoadura do “casaco”, se utilizaram botões de diferentes tipologias: 4 eram lenticulares; 2 de contorno elipsoidal alongado; 2 de tipo “tartaruga”; e 3 de tipo “antropomórfico”, com extremidades trapezoidais.

Do ponto de vista tipológico, o primeiro ensaio de classificação tipológica dos botões campaniformes do território português remonta a 1953, a propósito do único exemplar recolhido na *tholos* de Agualva, Cacém (FERREIRA, 1953, Fig. 6). Seguiu-se, em 1961, a apresentação de outra proposta de classificação dos botões de dupla perfuração em “V” do território português, com cinco tipos principais (ROCHE & FERREIRA, 1961):

- 1 – Botões redondos, de corpo achatado ou ligeiramente bombeado; 2 – botões cónicos, semelhantes aos anteriores mas cuja secção é triangular, alguns deles obtidos sobre otólitos de teleósteos; 3 – botões em forma de “tartaruga”, correspondendo a exemplares de forma oval cuja extremidades terminam em ponta simples ou por apêndices mais ou menos desenvolvidos; 4 – botões “antropomórficos” correspondendo a exemplares cuja parte central é arredondada, prolongada lateralmente por duas extremidades de contorno trapezoidal com semelhanças com o contorno dos chamados “ídeos almerienses”, que justificaram a designação adoptada; 5 – botões piramidais, representados no território português por apenas um exemplar recolhido no povoado de Vila Nova de S. Pedro

Em 1964, os 21 botões recolhidos na Gruta II de S. Pedro do Estoril foram agrupados em três tipos principais, a saber: “Tipo I: corpo redondo ou oval com dois pequenos anexos estreitos enfrentando-se (tipo chamado “de tartaruga”); Tipo II: corpo redondo ou oval, em parte oval em sentido transversal. Anexos maiores, trape-

Fig. 96 – S. Paulo II. Contas de colar. Conta de cristal de rocha (n.º 1); de âmbar (n.º 2); de azeviche (n.º 3 a 7); de osso (n.º 8); de variscite (n.º 9); e de cerâmica (n.º 10). Fotografias de João Luís Cardoso.



zoidais. Perfurações em sentido longitudinal; Tipo III: botões redondos e ovais, sem anexos” (LEISNER; PAÇO & RIBEIRO, 1964, p. 33 e 34).

Na gruta de S. Paulo II, os 29 botões recolhidos, distribuem-se pelos seguintes tipos, de acordo com as tipologias anteriormente enunciadas:

- de tipo “antropomórfico”: 14 exemplares – sete confeccionados em osso/marfim de elefante (Fig. 60, n.º 4 a 10; Fig. 97, n.º 2, 3, 5, 6, 9, a 11); e sete de marfim de cachalote (Fig. 59, n.º 2 a 8; Fig. 97, n.º 1, 4, 7 e 8, 12 a 14). Apresentam comprimento máximo entre os 22 mm e os 39 mm;
- De tipo “tartaruga”: 9 exemplares – seis confeccionados em osso/marfim de elefante (Fig. 61, n.º 6 a 11; Fig. 98, n.º 4, 7, 9 a 11, 14); e três em marfim de cachalote (Fig. 59, n.º 1; Fig. 60, n.º 1 e 3; Fig. 98, n.º 6, 12 e 13). Apresentam comprimento máximo entre os 22 mm e os 35 mm;
- De tipo “lenticular”: 6 exemplares – cinco confeccionados em osso/marfim de elefante (Fig. 61, n.º 1 a 5; Fig. 98, n.º 1, 3, 5 e 8); e um de marfim de cachalote (Fig. 60, n.º 2; Fig. 98, n.º 2). Apresentam comprimento máximo entre os 13 mm e os 19 mm.

Um exemplar, incluído neste último tipo (Fig. 60, n.º 2; Fig. 98, n.º 2), executado em marfim de cachalote, encontra-se incompleto na extremidade apical, podendo corresponder ao único botão de formato cónico do conjunto em apreço. Neste caso, integraria o tipo 2 da classificação de Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, não representado na Gruta II de S. Pedro do Estoril, e apenas definido por um único exemplar do território português proveniente de Vila Nova de São Pedro (ROCHE & FERREIRA, 1961, Fig. 1, n.º 12).

Estudo da distribuição tipológica dos botões com perfuração em “V” na Península Ibérica (USCATESCU, 1992) evidenciou forte concentração dos mesmos em quatro áreas principais, das quais uma corresponde à Baixa Estremadura, onde se encontram representados os tipos “lenticular”, “cónico”, e, sobretudo, “tartaruga” e “antropomórfico”, este designado no referido trabalho por tipo “tortuga doble apend. trapezoidal”, incluindo uma variante criada pela autora, designada por tipo “XIV”. Conclui-se, da distribuição apresentada, que os tipos “tartaruga” e “antropomórfico” são praticamente exclusivos da Baixa Estremadura, conferindo uma evidente identidade a esta região (op. cit., Fig. 35). Com efeito, no litoral mediterrâneo andaluz, tais produções escasseiam, embora se prolonguem pelo litoral mediterrâneo francês, atingindo a costa ocidental da Sardenha, evidenciando nítidas conexões mediterrâneas deste tipo de botões (GUILAINE, 2009, Fig. 23).

6.8.4 – Pendentes

Identificaram-se apenas dois exemplares: um pendente de marfim (Fig. 68, n.º 4; Fig. 105, n.º 3) e um pendente executado em incisivo superior (I2) direito, de *Canis* sp., com perfuração na raiz (Fig. 68, n.º 5; Fig. 105, n.º 5); comp. max.: 25 mm.

Este tipo de peças ocorre raramente em contextos arqueológicos. No caso de se tratar de um dente de lobo, as razões do seu aproveitamento não serão muito distintas da utilização dos dentes de javali, anteriormente estudados. Trata-se de espécie igualmente muito agressiva, susceptível de conferir qualidades idênticas a quem possuísse um seu talismã. No caso de corresponder a um dente de cão doméstico, a posse de um tal exemplar poderia ser o reflexo da relação especial estabelecida entre esta espécie e a correspondente comunidade humana tumulada em S. Paulo II. Com efeito, a importância do cão doméstico como animal de companhia ou de trabalho, continuou presente em épocas posteriores, conforme evidenciam os objectos de adorno,

Fig. 97 – S. Paulo II. Conjunto de botões com dupla perfuração em “V” na face ventral, de marfim de cachalote (n.º 1, 4, 7 e 8, 12 a 14) e de osso (n.º 2 e 3, 5 e 6, 9 a 11). Fotografias de João Luís Cardoso.



análogos ao exemplar em estudo, executados em dentes de cão doméstico perfurados, de que é exemplo o canino recolhido na Gruta II da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 35, n.º 5). Conhecem-se outros exemplares semelhantes, mas de menor tamanho, executados em caninos de raposa, desde o Neolítico Antigo, provenientes do povoado do Carrascal (CARDOSO, 2021, Fig. 34, n.º 2), e da gruta do Almonda, galeria da Cisterna (CARVALHO, 2008, Est. 42, n.º 1).

6.8.5 – Tira de ouro

Trata-se de fragmento de fina folha de ouro, lisa, cortada longitudinalmente, batida e dobrada, com enroscamento irregular, com cerca de 10 mm de comprimento máximo (Fig. 68, n.º 3; Fig. 105, n.º 4). É exemplar muito raro em contextos calcolíticos, registando-se paralelo na gruta funerária campaniforme de Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (CARDOSO & BOTTAINI, 2024, Fig. 4), correspondente a folha recortada e dobrada curva, compatível com anel, onde possível observar, com grandes ampliações, marcas superficiais rectilíneas e interrompidas, indício de corte e serragem, sugerindo a utilização de uma lâmina de sílex ou de cristal de rocha para tal efeito (CARDOSO & BOTTAINI, 2024, Fig. 5). O mesmo pormenor foi observado no exemplar de S. Paulo II, evidenciado no desenho da peça (Fig. 68, n.º 3). Pelas suas pequenas dimensões, não é aceitável a hipótese de anel, sendo preferível a sua utilização como adereço de cabelo ou da barba, funcionalidade que pode igualmente ser atribuída a outros artefactos como as espirais de ouro finamente enroladas, como as três recuperadas na gruta sepulcral campaniforme da Verdelha dos Ruivos (CARDOSO & BOTTAINI, 2024, Fig. 6); e as do monumento de Bela Vista (MELLO *et al.*, 1961), do hipogeu do Convento do Carmo (VALÉRIO *et al.*, 2019, Fig. 1 CVC 034) e a da Galeria da Cisterna (ZILHÃO, 2022). Esta evidente escassez reflecte a raridade desta produção nos contextos calcolíticos peninsulares, tendo-se identificado, apenas, mais um exemplar no enterramento campaniforme de Pago de la Peña (Zamora, Espanha) (DELIBES DE CASTRO, 1977, Fig. 30).

O território português tem revelado assinalável número de objectos de ouro calcolíticos, os quais se concentram na Baixa Estremadura, em resultado das condições naturais especialmente favoráveis oferecidas por esta região no tocante à fixação da numerosa população, que aqui desenvolveu ao longo do 3.º milénio a.C. diversificadas actividades económicas, cujo sucesso esteve na origem da aquisição de bens sumptuários, entre os quais os adornos de ouro. Esta região, caracterizada a Oeste por uma ampla frente oceânica, a leste pelo estuário do Tejo e a sul pelo estuário do Sado, corresponde, de facto, a uma das maiores concentrações de produções auríferas calcolíticas da Península Ibérica, realidade bem evidenciada desde há muito (PEREA, 1991, Fig. 1). À realidade económica descrita junta-se a riqueza aurífera do rio Tejo, que se manteve, embora muito diminuída, até à actualidade e teve um máximo de exploração na época romana, justificando a bem conhecida designação de “*aurifer Tagus*” para o grande rio peninsular (CARDOSO; GUERRA & FABIÃO, 2011). Foi certamente nas aluviões do médio Tejo, ou dos seus afluentes laterais, que terá tido origem o ouro utilizado nesta e em outras jóias calcolíticas recolhidas em necrópoles e povoados calcolíticos da Estremadura (CARDOSO & BOTTAINI, 2024).

Apesar de certos autores sugerirem que a maioria dos mais antigos objectos de adorno em ouro encontrados em território português seria produzida a partir de uma única pepita de ouro (CORREIA, 2013, p. 31), torna-se evidente, pelas pequenas dimensões das pepitas ou palhetas de ouro aluvionar, a necessidade do ouro ter sido previamente preparado, seja no caso da produção de peças que exigiam maior quantidade de ouro,

Fig. 98 – S. Paulo II. Conjunto de botões com dupla perfuração em “V” na face ventral, de marfim de cachalote (n.º 2, 6, 12 e 13) e de osso (n.º 1, 3 a 5, 7 a 11, 14). Fotografias de João Luís Cardoso.



como o exemplar do Outeiro Redondo (CARDOSO & BOTTAINI, 2024, Fig. 2), seja no caso de exemplares de menores dimensões. Nesse procedimento, pequenas pepitas ou palhetas de ouro seriam reunidas e previamente fundidas num cadinho, com o objectivo de homogeneizar a massa metálica e formar pequenos lingotes, os quais seriam, posteriormente, transformados em objectos (PEREA, 1991, p. 35; MURILLO-BARROSO et al., 2015, p. 571). É relevante salientar que, do ponto de vista tecnológico, tal preparação não teria representado um desafio significativo para os artesãos do Calcolítico. Conforme documentado em vários sítios na Estremadura portuguesa, como Leceia (CARDOSO et al., 2020) e o Outeiro Redondo (CARDOSO et al., 2023), entre outros, essas comunidades já possuíam os conhecimentos e a tecnologia necessários para fundir o cobre, o que acontece a uma temperatura de 1085°C. Dessa forma, considerando que o ponto de fusão do ouro é ligeiramente inferior ao do cobre, situando-se aproximadamente a 1064°C, parece evidente que os ourives do Calcolítico já dispunham da tecnologia necessária para fundir duas ou mais pepitas de ouro, com o intuito de criar massas metálicas para a produção de objectos de maiores dimensões (CARDOSO & BOTTAINI, 2024).

As metalografias realizadas em peças de cobre de Vila Nova de São Pedro (PEREIRA et al., 2013), e em objectos de ouro dos Perdígões (SOARES et al., 2012), evidenciam a habilidade dos metalurgistas do Calcolítico em dar forma aos metais conforme o desejado. Esse processo envolvia ciclos alternados de martelagem e recozimento. No caso específico do ouro, o propósito desse trabalho seria obter folhas metálicas que seriam posteriormente cortadas conforme as necessidades, possivelmente utilizando ferramentas líticas, como acima se referiu (CARDOSO & BOTTAINI, 2024), exactamente o processo que se evidencia na única peça aurífera recolhida em S. Paulo II.

6.9 – Objectos de carácter simbólico

6.9.1 – Placas de xisto

Foram recolhidos 5 exemplares gravados (Fig. 62, n.º 1 a 5; Fig. 99, n.º 1 a 5). Dois apresentam contorno sub-rectangular (Fig. 62, n.º 1 e 4; Fig. 99, n.º 1 e 4), a que se soma fragmento de placa reaproveitada (Fig. 62, n.º 2; Fig. 99, n.º 2); sendo as duas restantes de contorno sub-trapezoidal (Fig. 62, n.º 3 e 5; Fig. 99, n.º 3 e 5), as quais foram já anteriormente publicadas (GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2004).

Do ponto de vista da gramática decorativa, trata-se de motivos comuns, exclusivamente geométricos, constituídos por sequências de triângulos isósceles com o vértice apontado para cima, presentes em três exemplares (Fig. 62, n.º 1, 3 e 5), ou métopas de zigue-zagues, também preenchidas interiormente por linhas intersecantes, representado por um exemplar (Fig. 62, n.º 4). O exemplar reaproveitado poderia também pertencer a este grupo (Fig. 62, n.º 2; Fig. 99, n.º 2). As perfurações, simples em três casos e duplas em dois, abrem-se na parte superior, ao centro, em espaço triangular não decorado, como é vulgar em tais casos.

As placas de xisto gravadas são abundantes em contextos funerários da Estremadura, avultando, tanto pela proximidade, como pela quantidade de exemplares recolhidos, as necrópoles do Casal do Pardo (LEISNER et al., 1961, Pl. V) e da Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992).

A recolha de um fragmento de placa de xisto gravada na *tholos* da Tituaria (CARDOSO et al., 1996, Fig. 41, n.º 1), demonstra a sobrevivência, no Calcolítico estremenho, de tais peças, aliás comprovada por outras ocorrências em monumentos funerários e povoados na Estremadura. São exemplo os exemplares recolhidos no povoado calcolítico do Pedrão (SOARES & SILVA, 1975, Est. XVII, n.º 23), no de Vila Nova de S. Pedro

Fig. 99 – S. Paulo II. Conjunto de placas de xisto decoradas. O n.º 2 corresponde a um fragmento de placa decorada reutilizado.
Fotografias de João Luís Cardoso.



1

6882-463



2

6950-514



3

5210-166



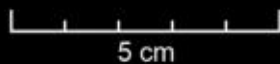
4

4957-23



5

4958-24



(JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, n.º 1, 2 e 4), do Zambujal e do Monte da Tumba (GOMES, 2005, p. 172). Porém, poder-se-ia argumentar que se tratariam de exemplares correspondentes a relíquias, recuperadas pelos habitantes desses povoados calcolíticos em sepulcros mais antigos da própria região; e nalguns casos tal hipótese poderá de facto corresponder à verdade. Contudo, a prova cabal de que produções de placas de xisto continuaram a ser utilizadas – e fabricadas – no decurso do Calcolítico, é fornecida pelo notável conjunto recuperado na tholos do Escoural (SANTOS & FERREIRA, 1970), a que se juntam outras evidências como as placas das sepulturas campaniformes da câmara do dólmen de Pedra Branca, Montum (FERREIRA et al., 1975).

A existência de placas de xisto ardoso decoradas por motivos geométricos em estações funerárias da orla ocidental, essencialmente atribuíveis ao Neolítico Final, onde tal matéria-prima não existe, deve ser interpretada como contributo do interior alentejano, especialmente do Alto Alentejo Ocidental, onde tais placas são muito abundantes, resultantes sobretudo da exploração de ardósias de idade silúrica ali existentes, juntando-se à grande quantidade de contas de xisto também dali oriundas e acima estudadas. Pela sua assinalável presença na região litoral atlântica, pode aquilatar-se a importância dos influxos de natureza cultural oriundos, no Neolítico Final, do interior alentejano sob a forma de exemplares já acabados, destinados a uso funerário (CARDOSO & VILAÇA, 2020). No entanto existem placas que iconograficamente são características da região atlântica, o que pressupõe um fabrico regional, conforme evidenciam os motivos que exibem, claramente distintos dos conhecidos no domínio alentejano (CARDOSO, MEDEIROS & MARTINS, 2018).

Dois exemplares foram registados fotograficamente aquando da sua descoberta. A placa da Fig. 62, n.º 5, foi recolhida no quadrado I30, encontrando-se associada a diversos ossos humanos e fragmentos de cerâmica campaniforme, e a poucos centímetros do chão da gruta (Fig. 9). Da mesma quadrícula, mas sem associação ao exemplar anterior, provém a placa gravada da Fig. 62, n.º 4. O acentuado revolvimento do interior do monumento, torna-se também evidente pela distribuição dos 14 fragmentos que compõem a placa de xisto representada na Fig. 62, n.º 1, dispersos por 6 quadrados (G28, H28, I27, I28, J27, e K28) e 14 camadas distintas (Fig. 99, n.º 1). Tal situação deve relacionar-se com a abertura de sepulturas na época histórica que depois vieram a ocupar o mesmo espaço.

O fragmento de placa de xisto reutilizada de contorno sub-rectangular, com perfuração (Fig. 62, n.º 2; Fig. 99, n.º 2), apresenta fina espessura, conservando um dos lados maiores da peça original, sendo o lado oposto totalmente polido. A decoração é bastante comum, abrangendo vasta área geográfica. O reaproveitamento deste tipo de objectos ocorre na Estremadura e a sul do Tejo, tanto em contextos funerários como habitacionais entre o Neolítico Final (último quartel do 4.º milénio a.C.) e o Calcolítico Pleno/Final (segunda metade do 3.º milénio a.C.) (CARDOSO & VILAÇA, 2020). Estas placas, resultantes do aproveitamento de exemplares ocasional ou intencionalmente fracturados, podem ter mantido o simbolismo dos exemplares primitivos, associados ao mundo funerário e ao culto dos antepassados. Assim se explica o terem sido de novo utilizadas, mas agora em vida por elementos da mesma comunidade, como amuletos ou relíquias (e daí a sua identificação também em contextos habitacionais calcolíticos), acompanhando depois os seus novos utilizadores no sepulcro, de que constituem excelente exemplo, entre outros, os três exemplares recolhidos na Lapa do Fumo, Sesimbra (CARDOSO & VILAÇA, 2020). Trata-se pois, de um artefacto que acompanhou diversas gerações da mesma comunidade, assim se explicando a sua relativa abundância, conforme evidencia o inventário de 46 exemplares reutilizados, oriundos de 32 sítios, no qual foi já considerado a placa proveniente de S. Paulo II (LILLIOS, 2010, p. 44).

Fig. 100 – S. Paulo II. Conjunto de ídolos de calcário. Fotografias de João Luís Cardoso.



6.9.2 – Ídolos de calcário e de calcite

Foram recolhidos 33 ídolos: 30 de calcário (Fig. 63, n.º 1, 3 a 5, 8; Fig. 64, n.º 1 a 5; Fig. 65, n.º 1 a 3, 5 a 8; Fig. 66, n.º 1 a 7; Fig. 67, n.º 1 a 6; Fig. 100, n.º 1 a 10; Fig. 101, n.º 1 a 10; Fig. 102, n.º 1 a 8; Fig. 103, n.º 4 e 5), alguns muito corroídos à superfície, e 3 de calcite (Fig. 63, n.º 2, 6 e 7; Fig. 103, n.º 1 a 3).

Os três exemplares de calcite possuem paralelo, no tocante à matéria-prima, entre outros, em exemplar de Pêra, Silves (CARDOSO, 2002, Fig. 2, n.º 6). O uso da calcite para a obtenção de objectos de carácter ideotécnico ou de adorno remonta no território português pelo menos ao Neolítico Antigo, conforme ilustra o pendente de calcite recolhido no povoado da Encosta de Sant'Ana, Lisboa (LEITÃO, CARDOSO & MARTINS, 2021, Fig. 43, n.º 1). Estudo recente permitiu a identificação de diversas contas deste mineral por processos químicos não destrutivos (GARRIDO-CORDERO *et al.*, 2020). Estão também neste caso exemplares recolhidos na Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), a anta de Trigache 3 (Odivelas), a gruta natural do Cabeço da Ministra (Alcobaça) e a Buraca da Moura de Rexaldia (Torres Novas). Entre todas, é de reter uma conta notável de calcite totalmente afeiçãoada por polimento, de assinaláveis dimensões, em forma de lágrima, com uma perfuração bitroncocónica na extremidade apical proveniente da gruta II da Senhora da Luz (Rio Maior) (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 22, n.º 7), cuja cronologia poderá remontar ao Neolítico Antigo. É ainda de reter a ocorrência em Leceia de um cristal de calcite não perfurado, de forma euédrica (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 3), que sublinha a importância dos produtos cristalinos ou translúcidos na confecção de objectos de adorno e simbólicos em várias épocas.

Os ídolos agora em apreço são de formato maioritariamente cilíndrico e lisos (91 %), com excepção de três exemplares decorados com “tatuagens faciais”: dois são de calcário, com as extremidades distais fracturadas (Fig. 63, n.º 1 e 8; Fig. 103, n.º 4 e 5), ostentando um deles duas pequenas depressões, centradas com as linhas laterais, executadas por incisão, interpretadas como a representação de olhos (Fig. 63, n.º 1; Fig. 103, n.º 5); o terceiro é de calcite (Fig. 63, n.º 6; Fig. 103, n.º 1), de dimensões consideráveis (comp. max.: 81 mm; diâm.: 33 mm).

As representações de tatuagens faciais, associadas ou não a “olhos” punctiformes, obtidas por pares simples de linhas curvilíneas simétricas, são características da região estremenha, onde ocorrem em exemplares cilíndricos de calcário tanto em povoados como em necrópoles calcolíticas, recentemente inventariadas, a que se juntam os presentes em estudo (MARTINS *et al.*, 2021). Em contrapartida, no Sudoeste peninsular avultam os ídolos com representações de olhos radiados, integrando iconografia antropomórfica mais rica, embora a forma do suporte seja a mesma (BASÍLIO & CARVALHO, 2024). Trata-se dos designados “ídolos de tipo Moncarapacho”, com base no exemplar oriundo da localidade algarvia epónima. A distribuição exclusivamente meridional desta variante iconográfica, alentejana e algarvia, com passagem à Andaluzia, é mais uma indicação de que seio do conjunto rico e variado de produções ideotécnicas calcolíticas de calcário, ocorrem produções de cunho regional mais ou menos circunscrito (CARDOSO, 2023).

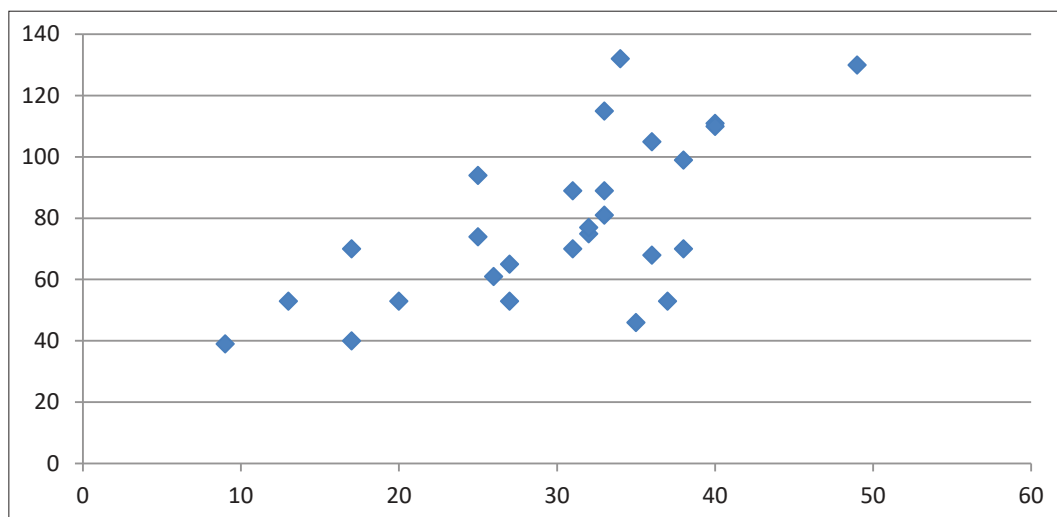
Predominam os exemplares com secção circular (20 ex.), seguidos pelos de secção sub-rectangular, com as arestas arredondadas (6 ex.), ovais (5 ex.), sub-quadrangulares (1 ex.); finalmente, há um exemplar de secção sub-triangular, totalizando 27 exemplares completos e 6 fracturados.

Nos exemplares completos, as dimensões variam entre 39 mm e 132 mm de comprimento e entre 9 mm e 49 mm de diâmetro, mostrando assim uma diversidade dimensional assinalável conforme se observa no Gráfico 8.

Fig. 101 – S. Paulo II. Conjunto de ídolos de calcário. Fotografias de João Luís Cardoso.



Gráfico 8 – S. Paulo II. Relação entre o diâmetro máximo (eixo das abcissas) e o comprimento máximo (eixo das ordenadas) dos ídolos de calcário e de calcite (dimensões em mm).



A relação entre o comprimento e o diâmetro máximos dos exemplares aponta para apenas 5 exemplares de formato estreito (4 de calcário e 1 de calcite), de pequenas dimensões (Fig. 63, n.º 2 a 4; Fig. 64, n.º 2; Fig. 67, n.º 2; Fig. 100, n.º 2, a 4; Fig. 102, n.º 7; Fig. 103, n.º 2).

Caso particular é constituído por exemplares por secção sub-rectangular, mais ou menos espessa (Fig. 65, n.º 8; Fig. 67, n.º 1 a 3), chegando mesmo a assumir formato tabular, o que faz aproximar tais exemplares das placas de arenito anteriormente mencionadas ainda que desprovidas, neste caso, de uso utilitário.

Um exemplar de calcite apresenta a extremidade distal afunilada (Fig. 63, n.º 7; Fig. 103, n.º 3), sublinhando a forma antropomórfica, à maneira dos “bétilos” de maiores dimensões. Outro exemplar possui diversos pontos de impacto, presentes em ambas as extremidades (Fig. 67, n.º 6; Fig. 101, n.º 7). Esta situação sugere peça reaproveitada, à semelhança de exemplar de Leceia (CARDOSO, 2009, Fig. 25), evidenciando a perda da sua carga simbólica, assim transformada, tal como o cilindro de Leceia, em simples artefacto utilitário afigurando-se ser esta a segunda vez em que tal se observou.

Não foi registada qualquer concentração de ídolos no interior do monumento, conforme se observa na Fig. 121, afigurando-se, ao contrário, que todos os exemplares jaziam em posição secundária, reforçando o remeximento verificado no interior do sepulcro.

Como acima se disse, os ídolos cilíndricos de calcário são um dos grupos de artefactos simbólicos mais frequentes em contextos calcolíticos, funerários ou domésticos, da Estremadura e do Sudoeste, sendo a colecção em apreço uma das mais importantes até ao momento estudadas em contexto funerário.

O calcário utilizado para a confecção destes artefactos ideotécnicos prova a ausência de relação entre a raridade ou o valor intrínseco das matérias-primas utilizadas e o valor simbólico das respectivas peças, uma vez que se trata um tipo de rocha banal na região em causa. Porém, a sua coloração branca poderia estar associada à noção de pureza e imaterialidade, talvez evocativa dos mortos a que estariam conotadas (CARDOSO, 2023), evocando, por outro lado, o ambiente cultural mediterrâneo de que fariam parte integrante.

Fig. 102 – S. Paulo II. Conjunto de ídolos de calcário. Fotografias de João Luís Cardoso.



6.9.3 – Recipiente cerâmico zoomórfico representando suídeo

Trata-se de recipiente zoomórfico, com o comprimento máximo de 235 mm, representando uma porca, com a área genital bem vincada, observada num fragmento ainda inédito pertencente ao mesmo vaso (Fig. 68, n.º 1; Fig. 104, n.º 1), o qual já anteriormente tinha sido em parte publicado, faltando-lhe este atributo essencial (VALERA et al., 2014).

O vaso, com uma ampla cavidade, larga e funda, com paredes finas e altas, integra presentemente 20 fragmentos disseminados por 10 quadrados (H30, I27, I28, I29, J27, J28; J29, J30, K28 e K29) e provenientes de 13 camadas distintas, conforme se indica na Fig. 126, o que vem, uma vez mais reforçar as intensas perturbações produzidas no interior da câmara do monumento.

Embora raras, são conhecidas algumas representações de figuras zoomórficas em cerâmica, estando por vezes associadas a recipientes, apresentando tendencialmente dimensões reduzidas, em contextos dos finais do 4.º milénio e durante o 3.º milénio a.C.. Foram executadas quase exclusivamente em cerâmica; apenas uma se conhece ter sido executada em calcário branco e compacto, identificada em contexto calcolítico no povoado fortificado de Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958).

Ocorrem tanto em contextos domésticos como funerários. No primeiro caso integram-se para além do referido exemplar de Olelas, os recolhidos nos povoados fortificados de Leceia e de São Pedro, e em grandes recintos de fossos, como os Perdigões, La Pijotilla, e Valencina de la Concepción.

As representações afiguram-se esquemáticas semi-naturalistas, de várias espécies de animais, como os bovídeos, suídeos e as aves, ocorrendo, de forma muito pontual, os cervídeos e os equídeos, podendo corresponder a pequenas esculturas maciças, fabricadas em barro cozido, ou a vasos com modelagem zoomórfica e interior vazado. O exemplar registado em S. Paulo II enquadra-se nesse segundo grupo. Os provenientes de contextos funerários são maioritários (VALERA, et al., 2014, Tab.1).

Os paralelos mais relevantes para o exemplar de S. Paulo II, por corresponderem a recipientes de natureza ritual com representação de suídeos, correspondem aos exemplares de Olelas (Sintra), munido de uma ampla cavidade oval na face dorsal, de calcário branco sacaroide, acima referido, e o recipiente da gruta do Carvalho (CARTAILHAC, 1886; SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 21), possuindo igualmente ampla abertura dorsal, de contorno elipsoidal fechado. A estes três exemplares de vasos rituais representando suídeos pode somar-se um outro, fracturado, recolhido pela empresa Neoépica, no povoado de Porto Torrão, provavelmente pertencente igualmente a suídeo, onde se observa a representação de parte traseira de animal, com a exibição da cauda junto ao corpo e o arranque dos membros traseiros (CARDOSO et al., e.p.). Com efeito, daquele sítio conhecia-se já uma cabeça de suídeo, de terracota, pertencente provavelmente a um recipiente, já anteriormente publicado (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 4). É ainda de referir fragmento de recipiente recolhido na Lapa do Fumo (Sesimbra) munido presumivelmente de quatro pés, dos quais se conservam dois, muito incompletos, de animal indeterminado (CARDOSO & MARTINS, 2018, Fig. 5, n.º 1).

A representação de suídeos é também recorrente sob a forma de estatuetas maciças de barro. Avultam, entre todas, as duas recolhidas em contexto do Neolítico Final do povoado de Leceia, representando duas porcas na época do cio, conforme se evidencia pela área sexual conservada numa delas, muito bem modelada, tal como o próprio corpo do animal (CARDOSO, 1996; CARDOSO, 2009, Fig. 3). A representação explícita do sexo feminino, observada no único exemplar que conserva a parte genital, também se encontra presente no

Fig. 103 – S. Paulo II. Conjunto de ídolos de calcário (n.º 4 a 6) e de calcite (n.º 1 a 3). 1, 4 e 5 – possuem decoração de tatuagens faciais em torno da sua extremidade superior; 6 – “ídolo-gola”. Fotografias de João Luís Cardoso.



exemplar em apreço, sublinha o carácter reprodutivo desta espécie, e a sua conotação com o culto da fecundidade. De Vila Nova de São Pedro conhecem-se também duas estatuetas zoomorfas (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, n.º 6 e 7), uma delas atribuída a suídeo, hipótese sustentada pela sua morfologia maciça e arredondada. Para além de mamíferos, foram representadas aves em recipientes de cunho naturalmente ritual, tal como os seus homólogos acima referidos. São de referir, em território português, um fragmento de um possível recipiente na Anta Grande do Zambujeiro (VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Plate 7, n.º 5); e um vaso zoomórfico completo da *tholos* de Marcela, Cacela (Vila Real de Santo António) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2023, p. 85, n.º 6; FILIPE, 2017, Fig. 43), este último com estreito paralelo em exemplar do dólmen de La Zarcita, Huelva (CERDÁN MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952, Lám. 86). A escolha de aves tem simbolismo que hoje nos escapa, podendo relacionar-se com animais sacrificados às divindades, tal como se verificou na época romana.

Os paralelos extra-peninsulares, do Próximo-Oriente ou da região mediterrânea oriental, são muito abundantes, na larga maioria dos casos, da Idade do Bronze. De época calcolítica registam-se os recipientes com cabeça e corpo de suídeo de Troia II, com asa e bocal para a saída do líquido correspondente a parte posterior do corpo do animal (MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, n.º 28; CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 5), e a estatua ou vaso de terracota de Abu-Hamid, Jordânia (o interior é oco, desconhecendo-se se possuía abertura, por se encontrar fracturado naquela zona); trata-se da representação de bovídeo, datável de cerca 3850 AC (DOLLFUS & KAFARI, 1992, Fig. 9). BUCHHOLZ & KARAGEORGHIS (1973, n.º 1187) reproduzem estatua de terracota que hesitam em classificar como de ursídeo ou de suídeo, suportando adiante pequeno recipiente com os membros anteriores, do Cicládico antigo de Syros (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 2). Não se pode, porém, atribuir demasiada importância a estes paralelos longínquos, ainda que coevos; as afinidades formais que documentam poderiam resultar, apenas, de fenómenos de convergência, além de que, nestes casos, se observa a representação de uma multiplicidade de outros animais.

O seu uso poderia ocorrer em cerimónias litúrgicas, ou num contexto de cultos agrários de fertilidade, da terra e das sementeiras, tal como foi sugerido em trabalho realizado em 1996 por um de nós (JLC) aquando da publicação dos fragmentos de porcas de terracota recolhidos no povoado de Leceia (CARDOSO, 1996).

6.9.4 – Pendente zoomórfico (lagomorfo)

Trata-se de pendente de osso, representando lebre ou coelho, com furos de suspensão (Fig. 68, n.º 2; Fig. 105, n.º 6).

Este tipo de figurinhas, fabricadas em osso ou em minerais diversos, com furos de suspensão, são frequentes em contextos funerários nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal, tendo sido inventariados por O. da Veiga Ferreira em 1970 (FERREIRA, 1970) e, mais recentemente por António Valera e colaboradores, que demonstraram a sua extensão geográfica ao Sudoeste peninsular (VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014), aliás já conhecida anteriormente pelos trabalhos de Georg e Vera Leisner, incluíse em Portugal, na região de Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1951).

Na maioria dos casos são estatuetas simples de contorno recortado, como o exemplar da gruta artificial de S. Paulo II, mas por vezes apresentam-se geminadas como o exemplar da Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992), com diversos paralelos bem conhecidos. A atribuição a coelho tem sido nalguns casos preterida a favor da

Fig. 104 – S. Paulo II. Recipiente cerâmico zoomórfico representando suídeo, com pormenor da cabeça e da parte posterior evidenciando-se o realismo com que foi representada a região vaginal. Fotografias de João Luís Cardoso.



mais genérica designação de “roedores” ou esculturas zoomorfas. Porém, para certos autores (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 146) não haverá dúvidas nas atribuições a *Oryctolagus cuniculus*, no que se está de acordo, por se tratar de espécie abundante na fauna das estações neolíticas e calcolíticas da Estremadura. Neste caso, como em outros, trata-se de um pendente com significado mágico-religioso, facto sugerido pela uniformidade da escolha daquele animal a que se tem associado a ideia da fecundidade, dada a sua grande capacidade de reprodução. Nalguns, há indícios da representação sexual; seis exemplares aparentam ser do sexo feminino, através duma pequena concavidade na base (extremidade posterior), enquanto que um exemplar das grutas de Cascais terá o sexo masculino explicitado (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 146).

Exemplar excepcional corresponde a um pendente zoomórfico em contorno recortado, em placa de mineral translúcido, de coloração amarelada, afim da opala, proveniente da anta da Tapada de Matos, Castelo de Vide (CARDOSO, 2023, Fig. 59).

6.9.5 – Ídolos de gola

Neste grupo estão incluídos 3 exemplares: um de calcário (Fig. 65, n.º 4; Fig. 103, n.º 6); e dois exemplares idênticos de osso, de menores dimensões (Fig. 68, n.º 6 e 7; Fig. 105, n.º 1 e 2), que correspondem ao modelo usual deste tipo de produções.

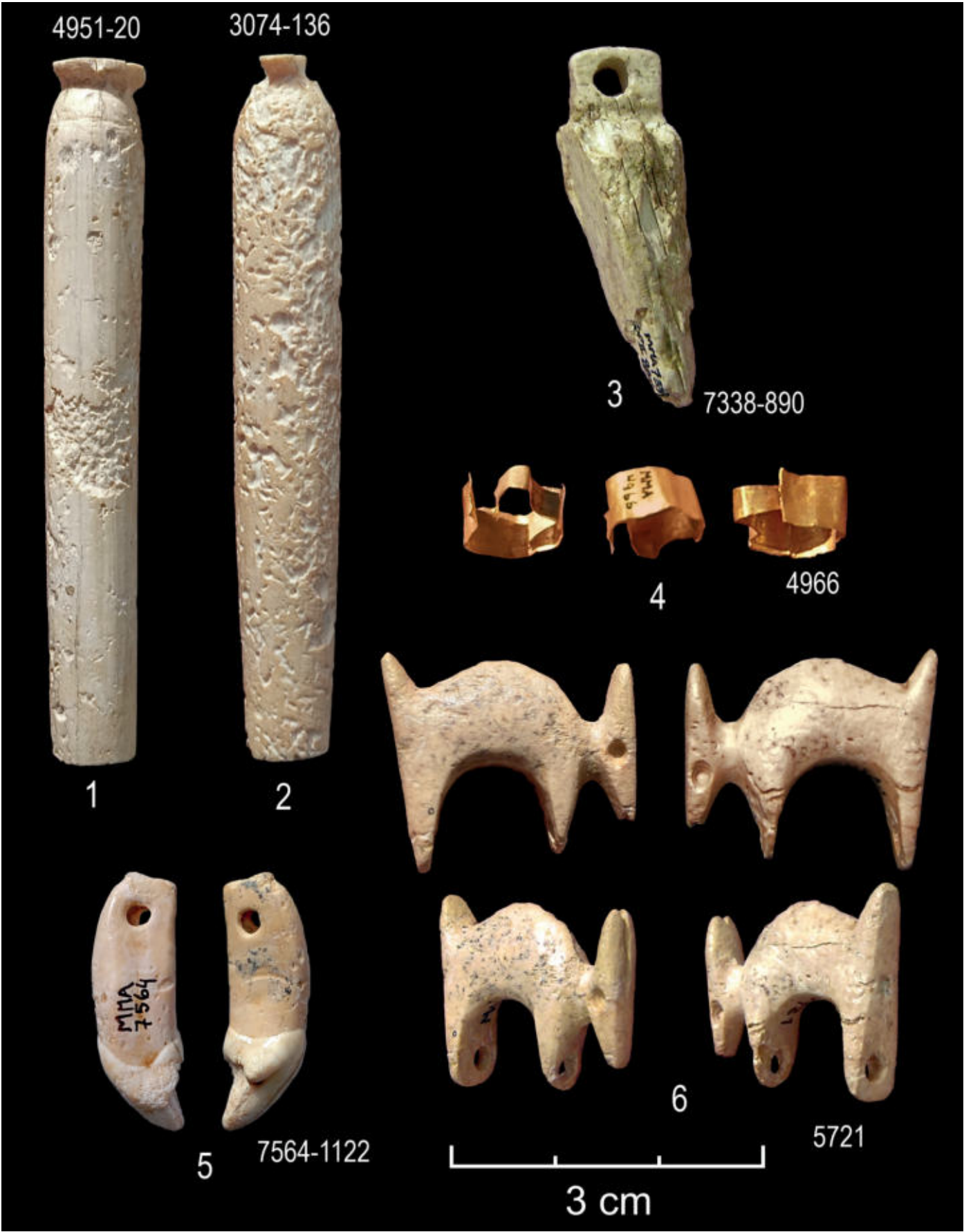
O exemplar de calcário apresenta-se distinto dos tradicionais ídolos cilíndricos de calcário por possuir uma gola junto a uma das extremidades, que justifica a classificação para ele adoptada (Fig. 65, n.º 4; Fig. 103, n.º 6). Trata-se do único exemplar de calcário deste tipo de que há conhecimento, reforçando a natureza simbólica deste tipo de produções, associadas à representação antropomórfica sublinhada, nestes casos, pela identificação explícita da cabeça. Foi recolhida no quadrado I29 e apresenta as seguintes dimensões: comp. máx. 85 mm; diâmetro máximo 31 mm.

Os dois exemplares de osso, são idênticos (Fig. 68, n.º 6 e 7; Fig. 105, n.º 1 e 2), possuindo o comp. máx. de 68 mm. Encontram numerosos paralelos em contextos calcolíticos estremenhos tanto funerários como domésticos, documentando, nestes últimos casos, a existência de pequenos altares no interior das áreas habitadas. Com efeito, afigura-se inverosímil a hipótese de poderem constituir adereços associados a pendentes labiais (GOMES, 2005), até porque a “gola” neles presente, pela sua pequena expressão, não seria eficaz para aquela função de fixação ao lábio. Com efeito, o cilindro de calcário ora estudado, de assinaláveis dimensões, vem reforçar a conotação destas produções a objectos de natureza simbólica.

6.9.6 – Conta de fluorite

Trata-se de grande conta decorada, translúcida e esverdeada, cuja análise revelou ser deste mineral, encontrando-se profusamente decorada por linhas em zigue-zague horizontais (Fig. 68, n.º 8). Pelas suas características ímpares, associadas também à decoração, que constitui particularidade de excepção entre as suas congéneres pré-históricas, a par da matéria-prima respectiva, é peça com marcado cunho simbólico, conforme é referido na respectiva publicação GARRIDO-CORDERO et al., 2021, Fig. 2). As contas de fluorite no território português foram pela primeira vez inventariadas em trabalho de síntese publicado em (CARDOSO; DOMÍNGUEZ-BELLA & MARTÍNEZ LÓPEZ, 2012), tendo depois dado origem a diversos contributos, integrados no território peninsular (ODRIOZOLA et al., 2018; GARRIDO-CORDERO et al., 2021). Não foi possível localizar o presente exemplar, à data da realização e publicação deste estudo, no Museu de Almada.

Fig. 105 – S. Paulo II. Objectos de carácter simbólico e de adorno: 1 e 2 – “ídolos-gola” de osso; 3 – pendente de marfim; 4 – tira de ouro com enrolamento irregular; 5 – dente de canídeo (I2, sup., direito) perfurado na raiz; 6 – figura zoomórfica (lagomorfo). Fotografias de João Luís Cardoso.



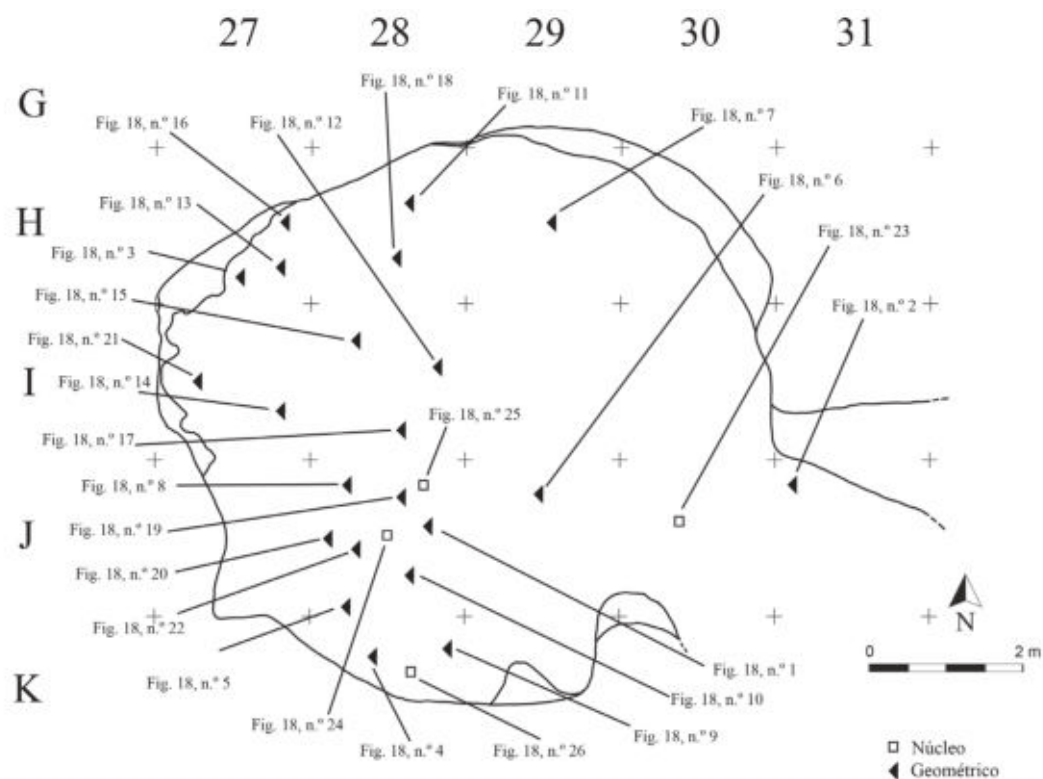


Fig. 106 – S. Paulo II. Localização de núcleos e geométricos recolhidos na área escavada.

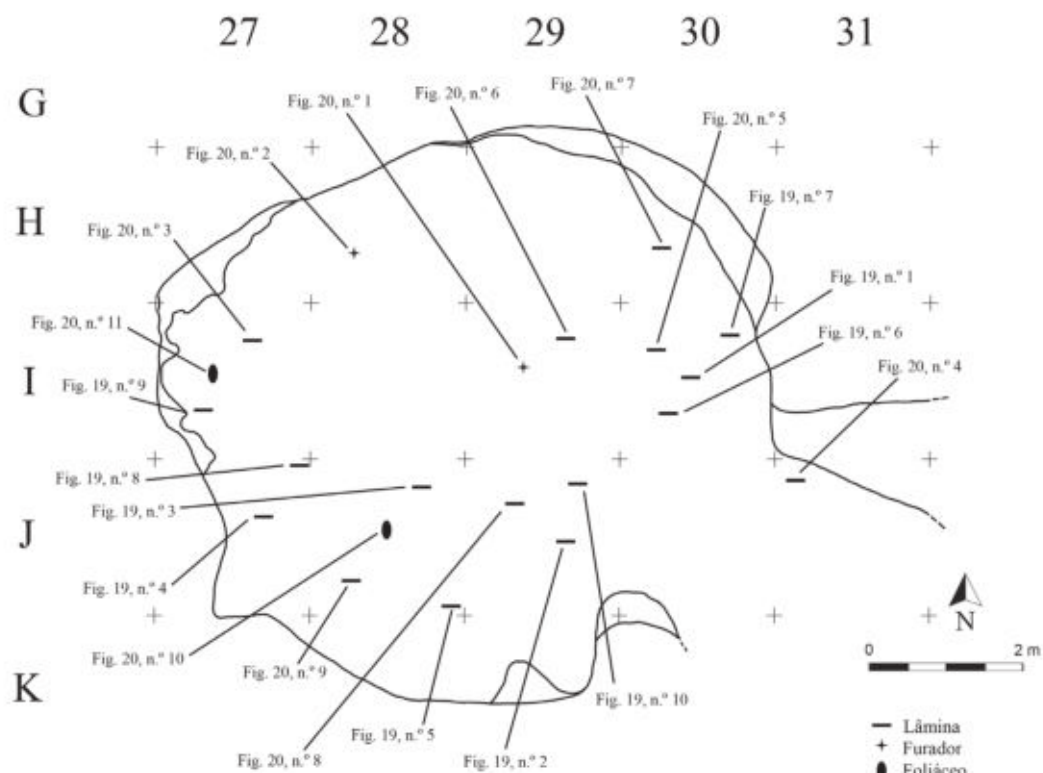


Fig. 107 – S. Paulo II. Localização das lâminas, furadores e foliáceos recolhidos na área escavada.

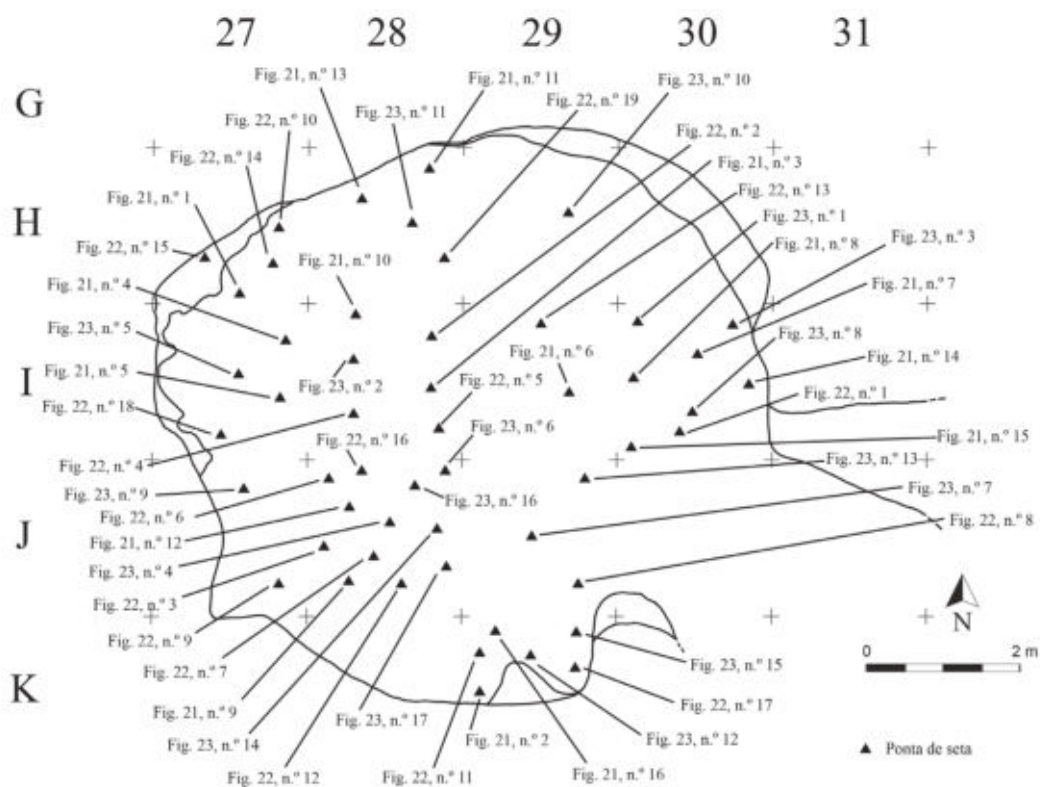


Fig. 108 – S. Paulo II. Localização das pontas de seta recolhidas na área escavada.

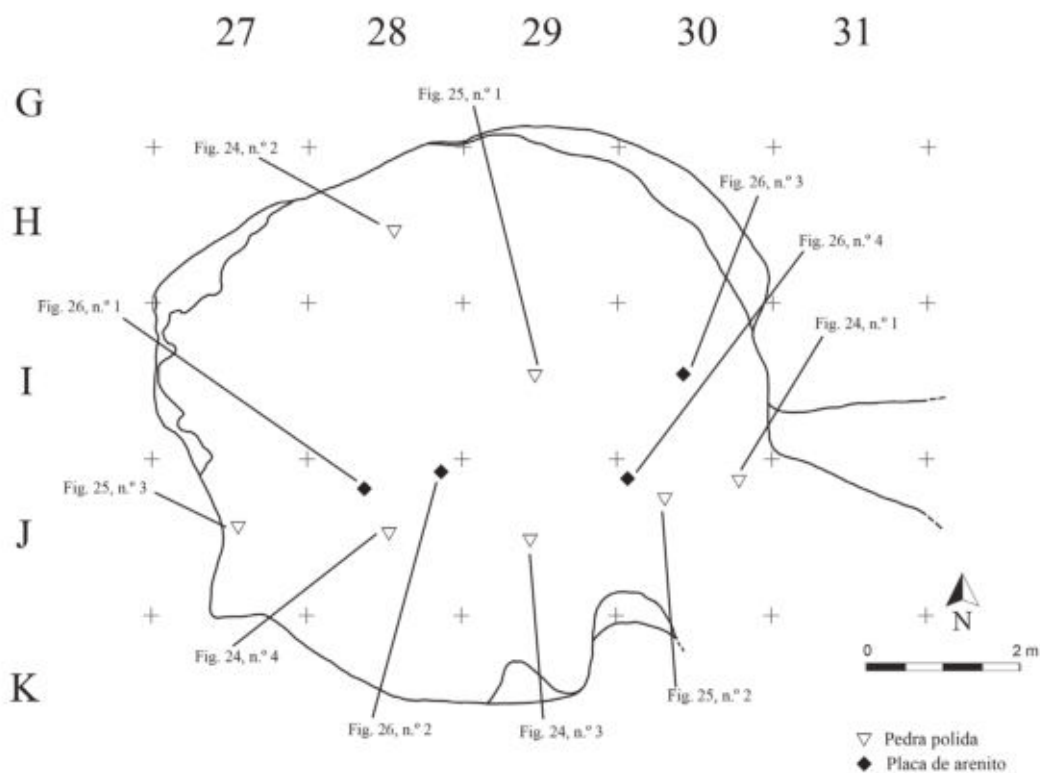
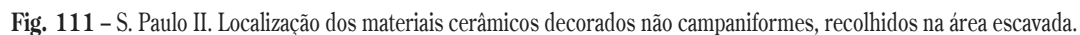


Fig. 109 – S. Paulo II. Localização dos artefactos em pedra polida e afeiçoada, recolhidos na área escavada.





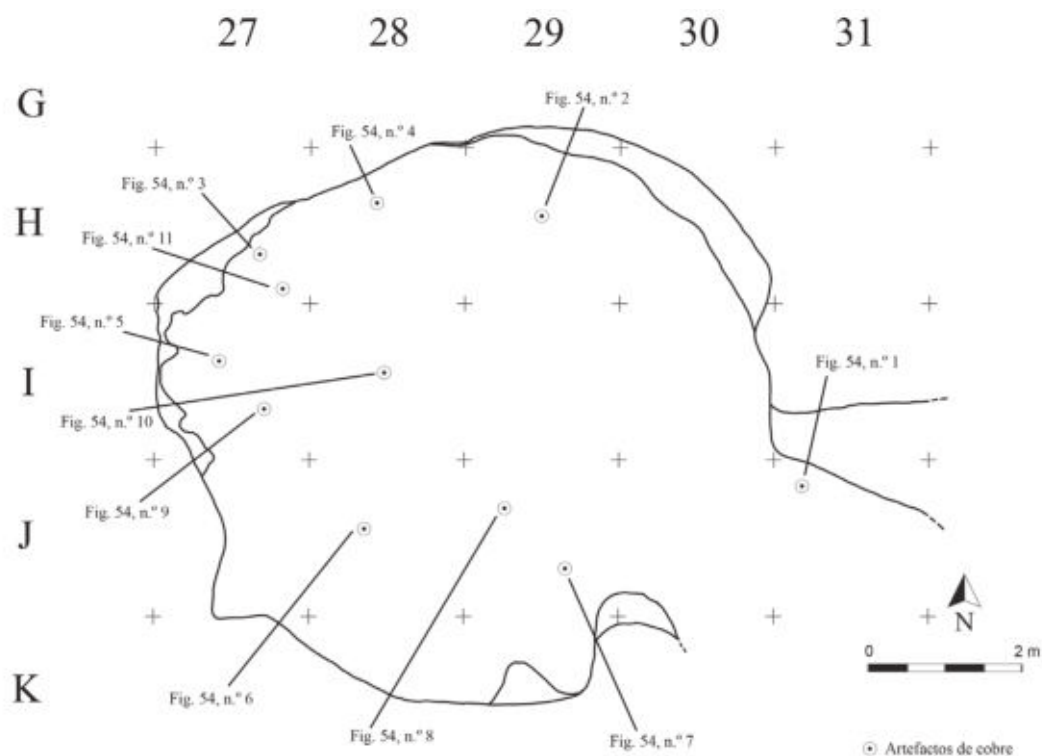


Fig. 114 – S. Paulo II. Localização dos artefactos de cobre, recolhidos na área escavada.

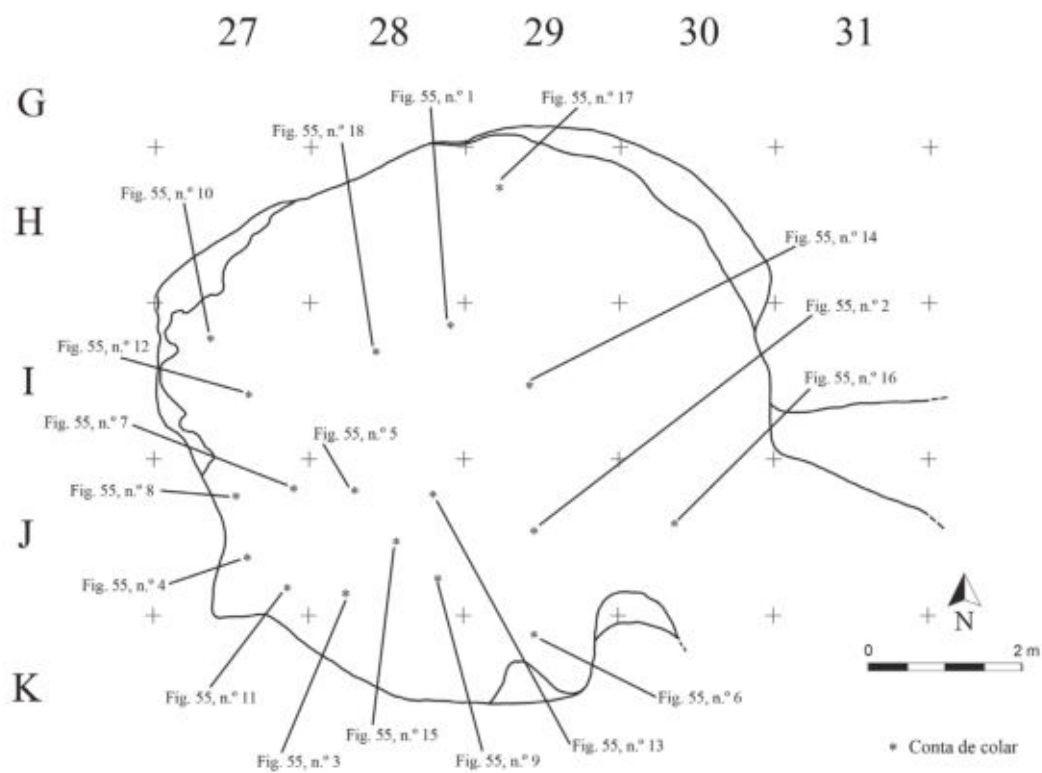


Fig. 115 – S. Paulo II. Localização das contas de colar desenhadas, recolhidos na área escavada.

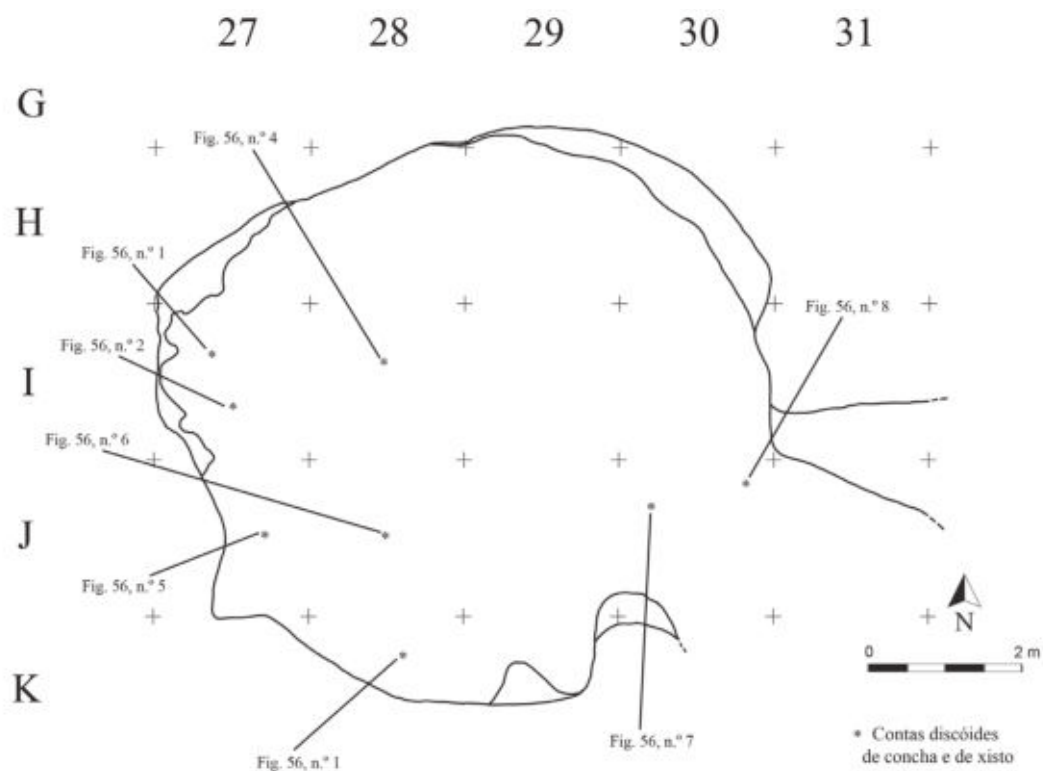


Fig. 116 – S. Paulo II. Localização das contas de colar discóides desenhadas, de concha e de xisto, recolhidos na área escavada.

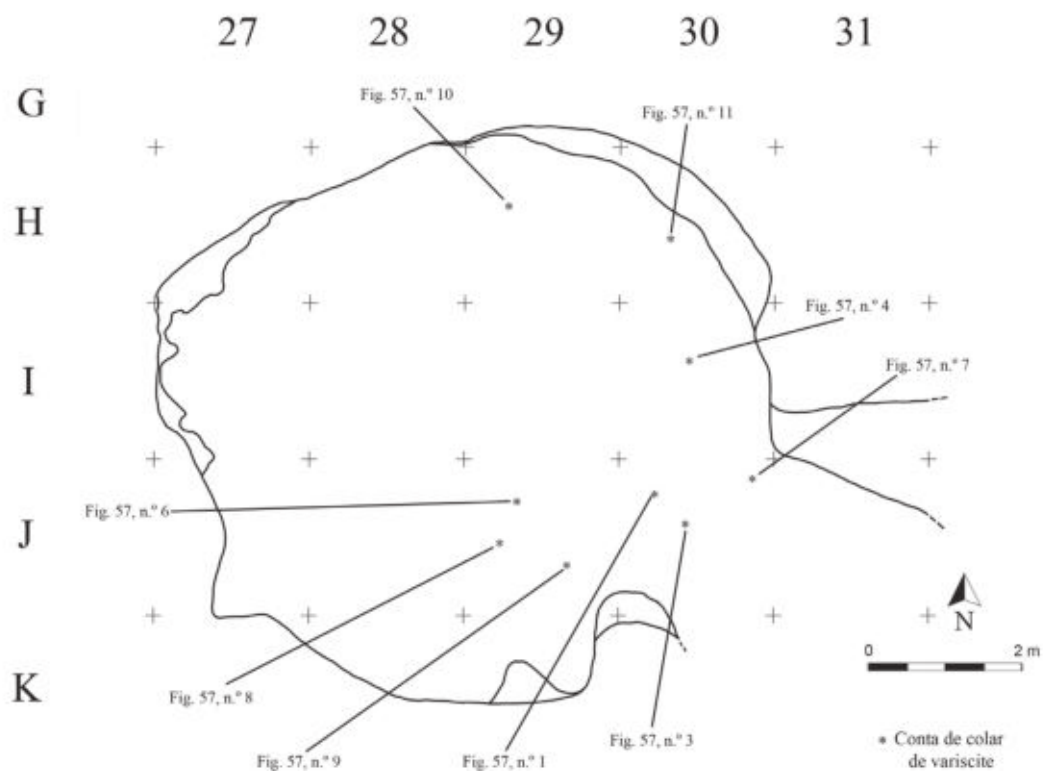


Fig. 117 – S. Paulo II. Localização das contas de colar de variscite, desenhadas, recolhidos na área escavada.

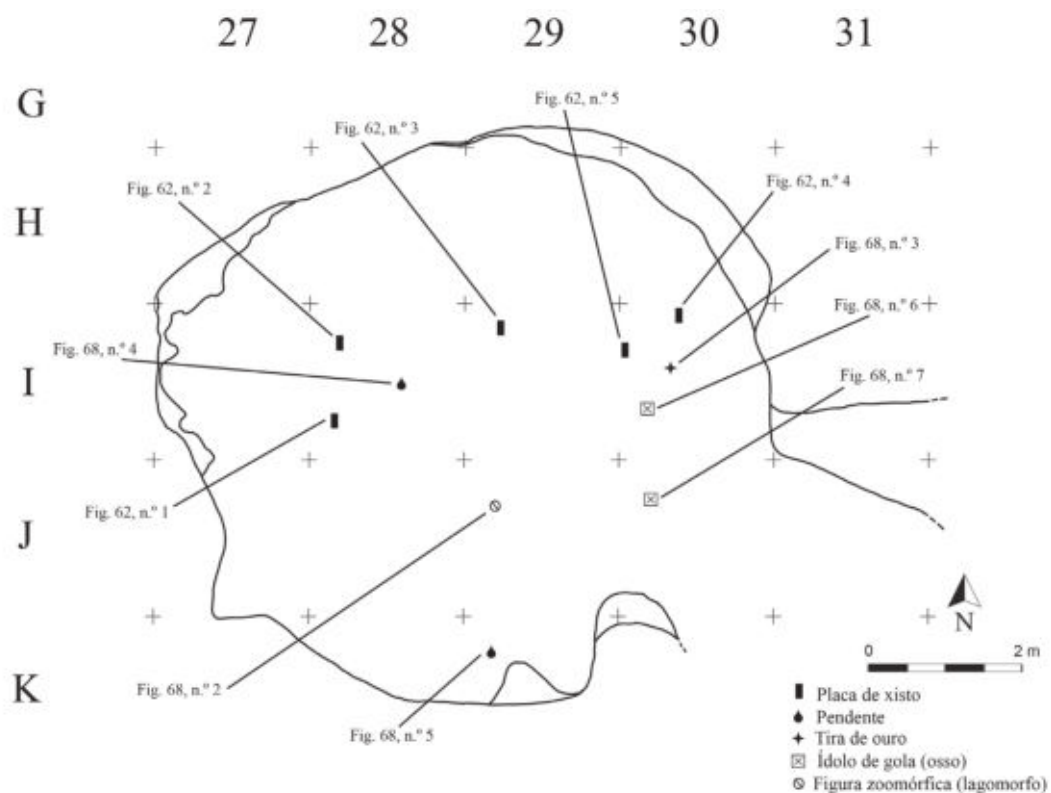


Fig. 120 – S. Paulo II. Localização de vários artefactos de carácter simbólico e de adorno, recolhidos na área escavada.

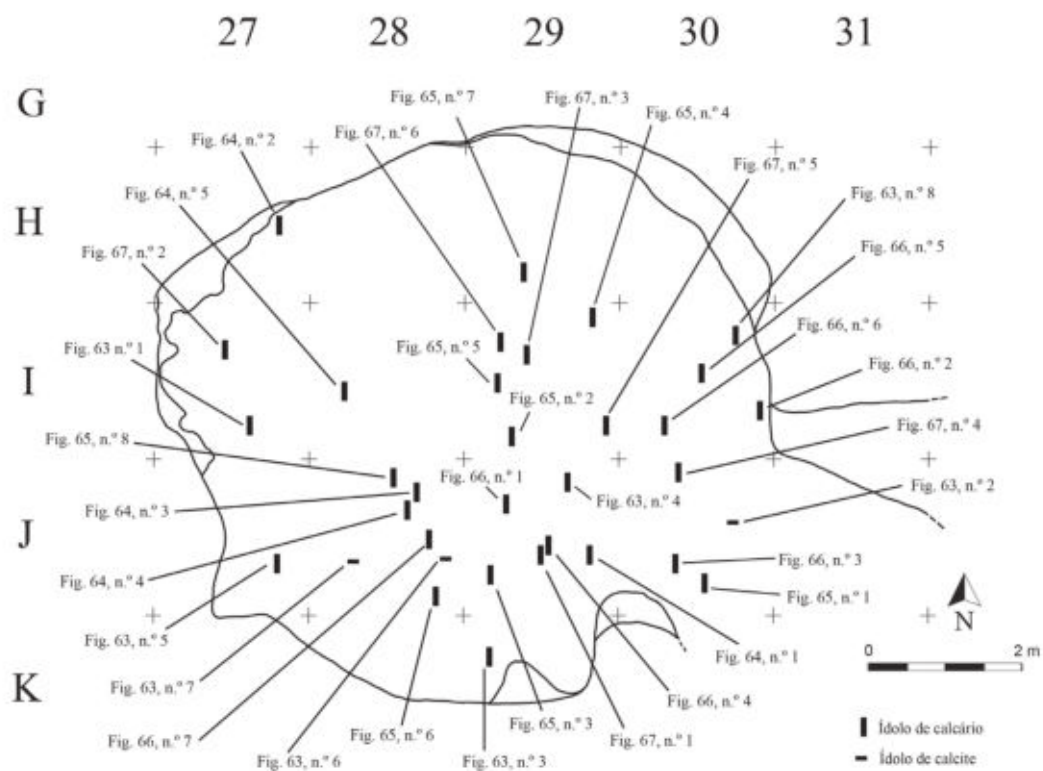


Fig. 121 – S. Paulo II. Localização de ídolos de calcário e calcite, recolhidos na área escavada.

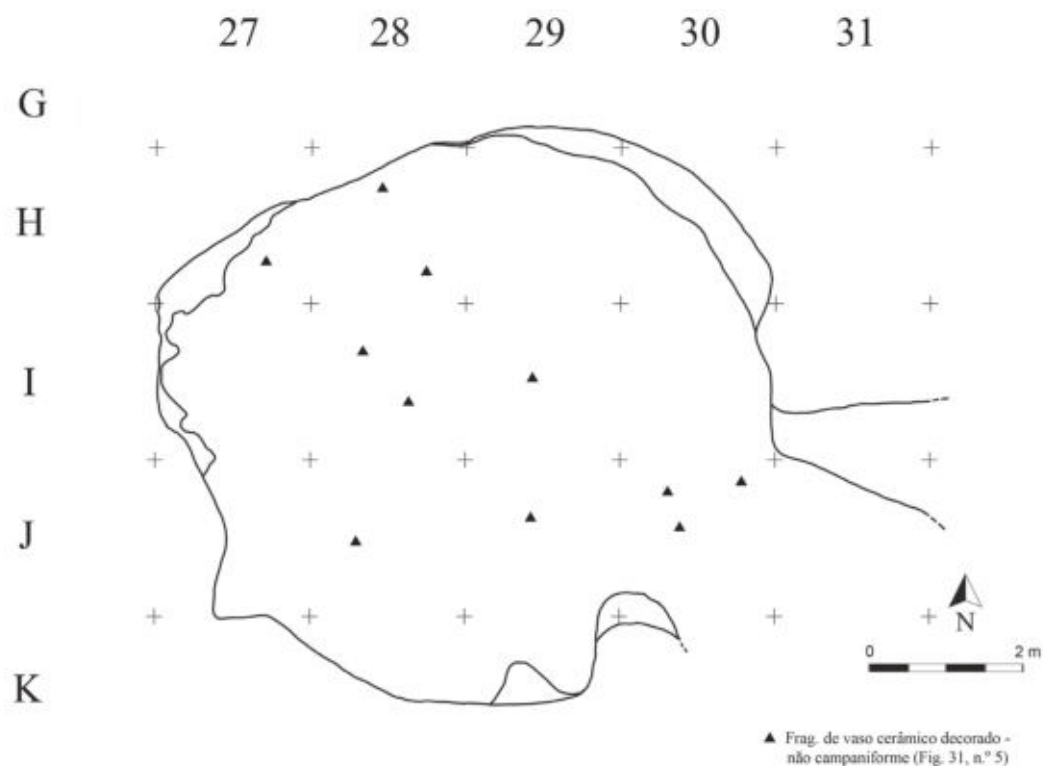


Fig. 122 – Distribuição do número de fragmentos de recipiente com decoração canelada junto ao bordo, representado na Fig. 31, n.º 5. Composta por cerca de 12 fragmentos dispersos por 7 quadrados (H27; H28; I28; I29; J28; J29 e J30) e entre 11 camadas.

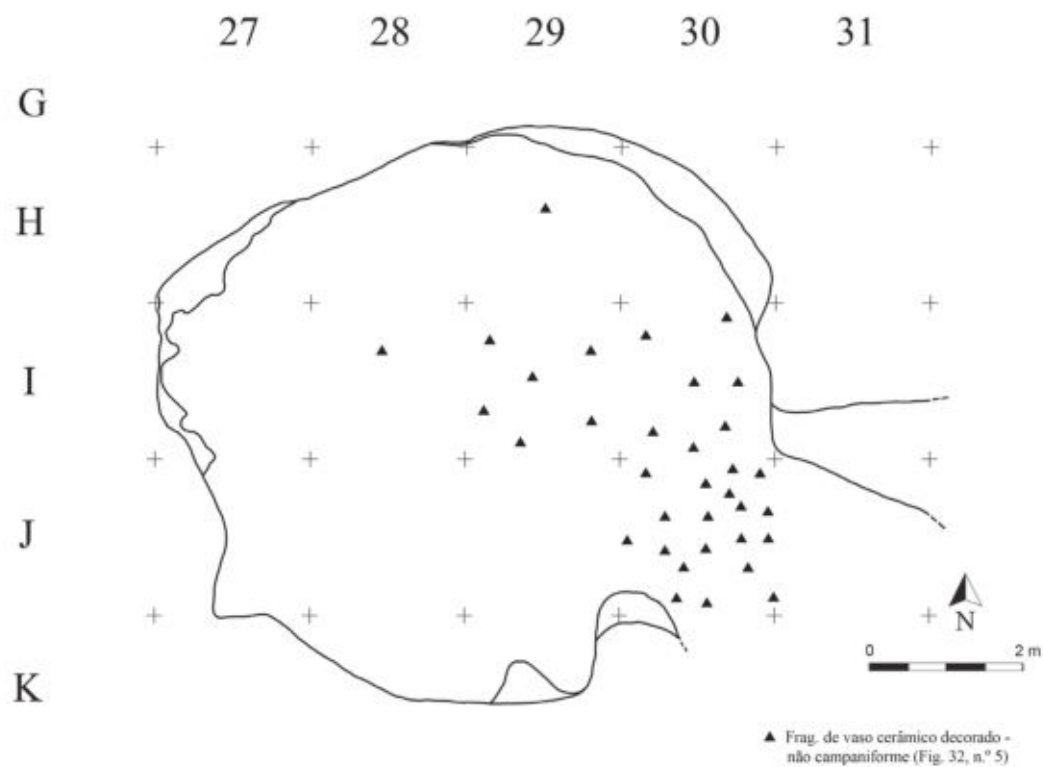


Fig. 123 – Número de fragmentos dispersos de uma taça reconstituída, com perfil completo, com decoração canelada junto ao bordo (Fig. 32, n.º 5). Composta por cerca de 37 fragmentos, dispersos por 5 quadrados e 10 camadas.

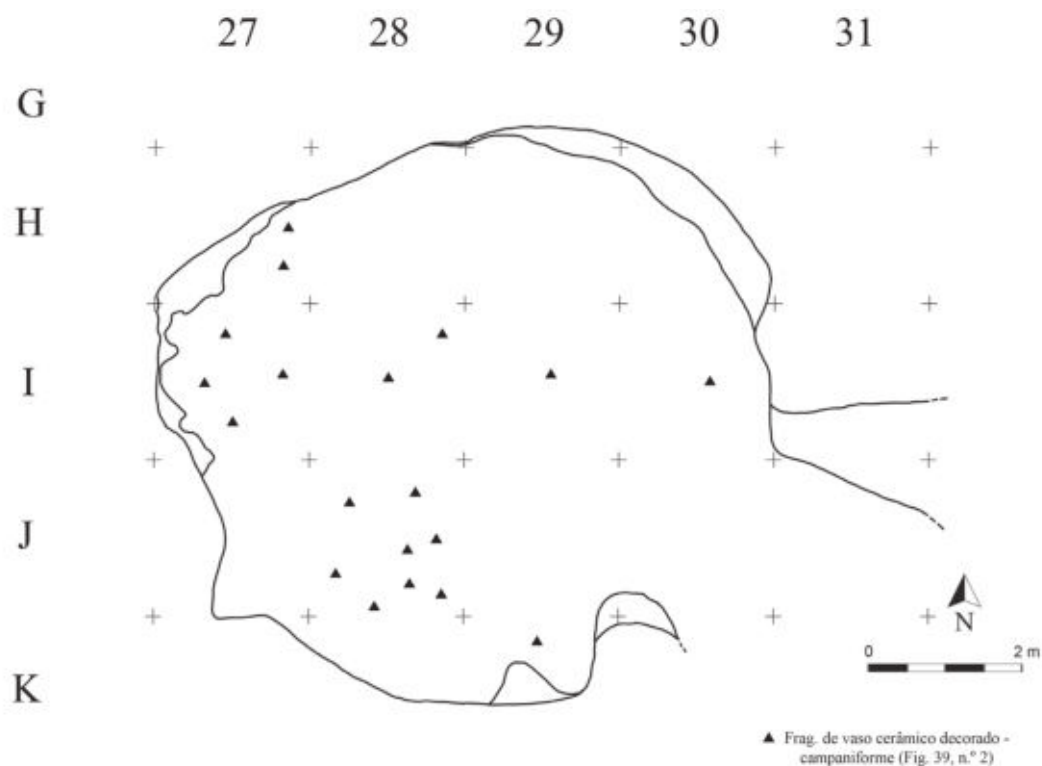


Fig. 124 – Dispersão de cerca de 19 fragmentos de uma caçola com decoração pontilhada impressa em duas bandas, uma junto ao bordo e outra na pança (Fig. 39, n.º 2), por 7 quadrados e 14 camadas.

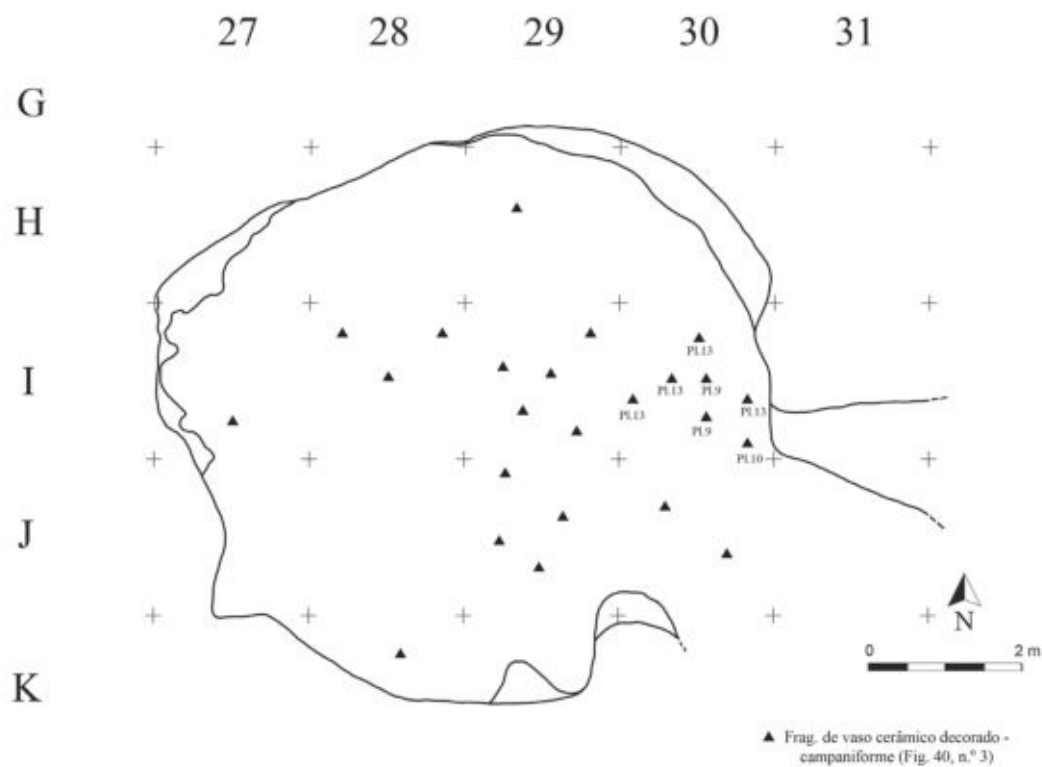


Fig. 125 – Cerca de 25 fragmentos de uma taça “tipo Palmela” (Fig. 40, n.º 3) dispersos por 8 quadrados e 17 camadas.

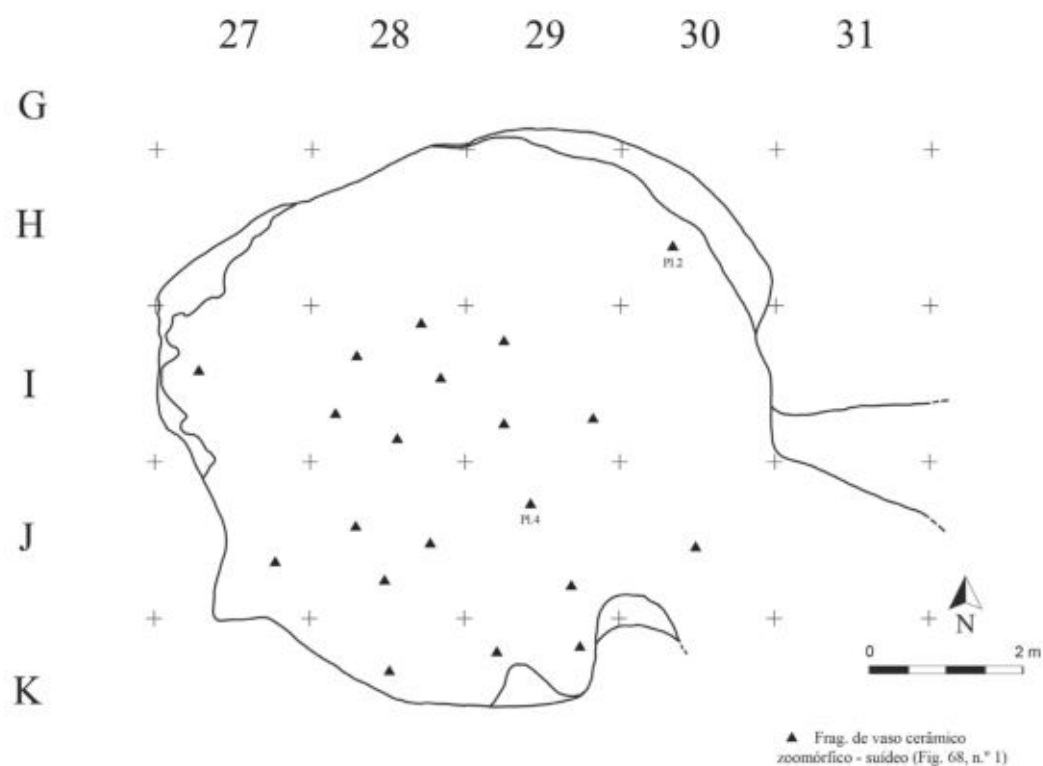


Fig. 126 – Vaso cerâmico zoomórfico representando um suídeo (Fig. 68, n.º 1) composto por 20 fragmentos, dispersos por 9 quadrados e 13 camadas.

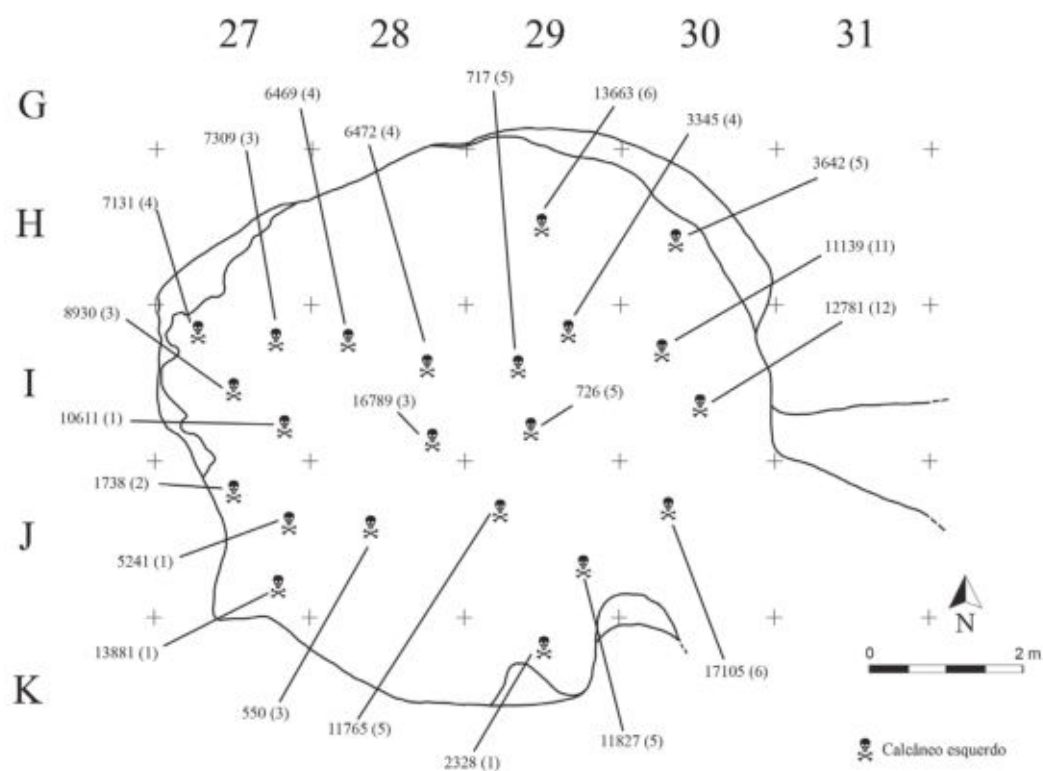


Fig. 127 – Indicação da proveniência das amostras de calcâneo objecto de datação radiocarbónica recolhidos na área escavada.

7 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

A análise antropológica e paleobiológica dos restos ósseos dos indivíduos correspondentes à ocupação pré-histórica permitiu estimar um número mínimo de 255 indivíduos nela inumados, sendo 131 adultos e 124 não adultos (SILVA, 2018). Os restos ósseos foram todos recuperados sem que qualquer conexão anatómica tivesse sido observada entre eles. Exceptua-se, apenas, um enterramento em que os restos se encontravam ainda em conexão anatómica, a cerca de 7 cm acima do chão rochoso da câmara funerária. Trata-se de um indivíduo não adulto, de idade entre 7 e 8 anos, o qual se encontrava depositado em posição flectida acompanhado de uma taça de cerâmica carenada. Dada a sua localização na câmara, a dádiva funerária que o acompanhava e a circunstância dos seus restos ósseos se encontrarem ainda em conexão anatómica, indicia que se trataria de um enterramento da primeira fase de utilização funerária do monumento, do Neolítico Final.

Se a atribuição cronológico-cultural das diversas ocupações registadas na gruta de S. Paulo II foi desde cedo proposta, já a atribuição cronológica mais fina e precisa da ocupação funerária se encontra ainda por fazer.

Ana Maria Silva publicou duas datas: UBAR-629 3960 ± 190 BP e UBAR-630 3870 ± 70 BP (SILVA, 2012, p.53-54, Tabela 1) com base em amostras ósseas de dois indivíduos cujos restos não se encontravam em conexão anatómica, ignorando-se também a sua posição estratigráfica. Estas datações pouco acrescentavam às inferências resultantes da análise tipológica das oferendas uma vez que, dado os elevados desvios-padrão, apenas permitiam atribuir um dos enterramentos ao 3.º milénio a.C. (a primeira data), enquanto o outro teria ocorrido na 2.ª metade do 3.º milénio a.C. (segunda data).

A mesma investigadora procurou ulteriormente datar o único indivíduo encontrado em conexão anatómica, conforme foi acima referido. Obteve-se a data Beta-307275 4100 ± 30 BP a qual, convertida em anos de calendário originaria o intervalo de (2 σ) 2860 – 2500 cal BC (SILVA, 2018, p. 51). Este resultado levantava dúvidas sobre se o primeiro momento de utilização do monumento teria ocorrido ainda no Neolítico Final.

Na tentativa de esclarecer todas estas questões e dado saber-se a localização exacta, na câmara funerária, de uma grande parte dos restos ósseos, procurou-se datar por radiocarbono uma série de amostras distribuídas por diversas localizações estratigráficas (Fig. 127). Cada amostra correspondeu a um calcâneo esquerdo, assegurando assim que cada data obtida correspondia a um indivíduo distinto. Procurava-se, assim, obter uma cronologia mais fina para a utilização funerária do monumento através de uma estatística robusta (bayesiana). No Quadro 10 apresentam-se as datas convencionais de radiocarbono obtidas, todas elas, no Laboratório de Espectrometria de Massa com Acelerador, de Vilnius, Lituânia (“Vilnius Radiocarbon-Accelerator Mass Spectrometry Laboratory”).

Neste Quadro, as datas convencionais de radiocarbono apresentam-se ordenadas por ordem decrescente do seu valor médio. Verifica-se que as datas já publicadas são compatíveis com as agora obtidas. Por outro lado, os valores determinados para as amostras SP 17105 e SP 12781 não são fiáveis como é indiciado pelos valores de C/N (e %N), e, por isso, não serão mais consideradas. Também a data da amostra SP 10611 2253 ± 33 BP ou é um *outlier*, devido a qualquer problema não identificado, surgido aquando do processamento da amostra pelo laboratório, ou corresponde a um enterramento da Idade do Ferro, sendo mais provável esta segunda alternativa, até por se ter identificado uma ocupação de carácter não doméstica daquela época, com base nos materiais exumados no decurso da escavação (LACUEVA, 2020).

Na Fig. 128 assinalam-se as datas cujo valor médio é superior a 4000 BP (rectângulos vermelhos (10 datas), as quais correspondem a amostras com uma idade que se insere na 1.ª metade do 3.º milénio a.C., bem como a data do enterramento que poderá ser atribuído à Idade do Ferro. As restantes 9 datas têm um valor médio inferior a 4000 BP, correspondendo a amostras com idades integráveis na 2.ª metade do 3.º milénio a.C. No

Quadro 10 – Datas convencionais de radiocarbono para as tumulações da gruta artificial de S. Paulo II (Almada).

Ref. Laboratório	Ref. Amostra	Plano	C/N	N (%)	C (%)	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	$\delta^{15}\text{N}$ (‰)	Dieta Marinha (%)	Data ^{14}C (BP)
FTMC-QC87-1	SP 11827	5	3,16	7,21	19,55	-19,53	7,69	--	4351±32
FTMC-NJ10 -7	SP 7364	--	3,26	11,88	32,28	-17,93	10,24 *	34	4302±32
FTMC-NJ10 -3	SP 7309	3	3,32	12,9	35	-18,43	8,88	--	4264±33
FTMC-NJ10 -6	SP 1738	2	3,02	8,61	23,64	-18,45	9,80 *	29	4257±33
FTMC-QC87-10	SP 11139	11	3,15	9,61	25,94	-19,25	8,20	--	4240±31
FTMC-NJ10 -2	SP 3345	4	2,96	11,47	31,87	-19,34	10,52 *	21	4202±33
FTMC-NJ10 -8	SP 8930	3	3,06	9,68	26,62	-18,82	10,16 *	26	4175±39
FTMC-NJ10 -5	SP 550	3	3,26	11,7	31,64	-20,23	7,20	--	4171±33
FTMC-QC87-8	SP 6472	4	3,14	12,89	34,70	-19,37	8,09	--	4103±32
FTMC-QC87-5	SP 5241	1	3,17	10,92	29,64	-19,74	7,05	--	4101±31
FTMC-QC87-3	SP 6469	4	3,15	12,83	34,60	-18,92	7,52	--	4081±30
FTMC-QC87-7	SP 726	5	3,18	10,84	29,51	-18,38	8,96	--	3998±31
FTMC-QC87-4	SP 13881	1	3,18	10,21	27,84	-18,94	8,70	--	3997±32
FTMC-QC87-9	SP 13663	6	3,12	10,91	29,15	-19,62	7,53	--	3990±30
FTMC-QC87-6	SP 11765	5	3,15	11,0	29,70	-19,90	7,16	--	3944±31
FTMC-NJ10 -4	SP 16789	3	3,24	11,29	30,63	-19,74	8,18	--	3927±32
FTMC-NJ10-10	SP 7397	--	3,24	14,02	38,18	-20,01	7,27	--	3923±32
FTMC-QC87-2	SP 2328	1	3,15	12,57	33,97	-19,49	8,07	--	3913±32
FTMC-NJ10-9	SP 3642	5	3,07	10,25	28,78	-19,95	8,85	--	3882±32
FTMC-NJ10-14	SP 7131	4	3,35	8,09	22,14	-19,04	8,69	--	3822±33
FTMC-NJ10-12	SP 717	5	3,25	12,36	33,69	-19,97	8,46	--	3791±32
FTMC-NJ10-1	SP 10611	1	3,27	11,96	32,15	-19,22	7,90	--	2253±33
FTMC-NJ10-11**	SP 17105	6	4,05	4,51	15,66	--	--	--	3237±31
FTMC-NJ10-13**	SP 12781	12	3,68	6,17	19,45	--	--	--	3536±33
Beta-307275	--	12(?)	--	--	--	--	--	--	4100±30
UBAR-629	--	--	--	--	--	--	--	--	3960±190
UBAR-630	--	--	--	--	--	--	--	--	3870±70

* Valores de razões isotópicas indicativas de um componente de dieta de origem marinha não desprezável.

** Valores de C/N, N(%) e C(%) não aceitáveis, além de que o rendimento de obtenção do colágeno para as amostras SP 17105 e SP 12781 foi de 0,11% e 0,02% (informação do Laboratório de Radiocarbono de Vilnius), respectivamente, pelo que as datas obtidas não têm fiabilidade.

Quadro 11 apresenta-se a distribuição das amostras datadas pelos diversos planos de escavação registados na intervenção de campo.

Por outro lado, tendo ainda presente a Fig. 128, verifica-se que, no tocante ao Quadrado I27, foram obtidas quatro datas; dos Quadrados I28, I29 e J27 obtiveram-se três datas em cada um; e dos restantes, apenas uma data em cada, ou mesmo nenhuma.

Das quatro datas respeitantes ao Quadrado I27, a do Plano 1 integra-se na Idade do Ferro, duas do Plano 3 têm valores médios de 4264 e 4175, enquanto a do Plano 4, que devia corresponder à idade mais antiga, tem o valor médio de 3822, correspondente, portanto, a uma idade mais recente do que as duas do Plano 3.

Considerando o Quadrado I29, verifica-se que a data relativa ao Plano 5, que devia ter o maior valor médio, tem o valor de 3791, a do Plano 4 4202 e a do Plano 3 3998.

É, pois, fácil de concluir, quer pela observação do Quadro 11, quer pela Fig. 128, que não existe qualquer padrão na distribuição dos valores das datas de radiocarbono pelos diversos planos nem pelos diversos Quadrados onde as amostras datadas foram recolhidas, o que inviabiliza a utilização de uma estatística bayesiana para o tratamento dos dados cronológicos.

Quadro 11 – Distribuição das amostras datadas pelos diversos planos de escavação.

Número de amostras datadas								
Plano nº	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P11	P12
Datas > 4000 BP	1	1	3	3	1	--	1	--
Datas < 4000 BP	2	--	1	1	4	1	--	--

Em conclusão: a distribuição no terreno dos resultados das datações obtidas apresentada na Fig. 128 vem evidenciar que não é possível atribuir as amostras datadas a uma qualquer sequência estratigráfica, reforçando assim a observação de fortes perturbações na disposição dos materiais no interior do monumento.

No Quadro 12 apresentam-se as datas de radiocarbono calibradas, representadas graficamente na Fig. 129, com exceção da data da amostra SP 10611, pelos motivos acima expostos, sendo correspondente à utilização funerária pré-romana da gruta. Todas as outras datas obtidas se integram no 3.º milénio a.C. Facilmente se verifica, observando esta figura, que 12 datas correspondem à 1.ª metade do 3.º milénio a.C., enquanto 8 se integram na 2.ª metade e outras três se encontram na transição da 1.ª para a 2.ª metade deste milénio, abrangendo toda a cronologia do Calcolítico (não se tomou em consideração a datação “antiga” UBAR~629, uma vez que, devido ao seu elevado desvio-padrão, a data calibrada correspondente (2 σ) abarca todo o 3º milénio: 2920-1923 cal BC).

Quadro 12 – Datas de radiocarbono calibradas para os enterramentos humanos na gruta artificial II de S. Paulo (Almada), fazendo uso da curva IntCal20 (REIMER *et al.*, 2020) e conjuntamente com a curva Marine20 (HEATON *et al.*, 2020) no caso das quatro datas assinaladas com asterisco (ver Quadro 10). Nestes quatro casos utilizaram-se os valores determinados para a percentagem de dieta marinha (ver Quadro 10) e o valor de $\Delta_{20}R = -100 \pm 17$ anos ^{14}C , determinado para a costa ocidental portuguesa (SOARES & VALÉRIO, 2023/2024).

Ref. Laboratório	Ref. Amostra	Plano	Data ^{14}C (BP)	Data Calibrada (cal BC)	
				1 σ	2 σ
FTMC-QC87-1	SP 11827	5	4351 $\pm$ 32	3011-2910	3082-2898
FTMC-NJ10 -7*	SP 7364	--	4302 $\pm$ 32	2868-2681	2891-2588
FTMC-NJ10 -3	SP 7309	3	4264 $\pm$ 33	2909- 2879	3002-2704
FTMC-NJ10 -6*	SP 1738	2	4257 $\pm$ 33	2854-2635	2877-2582
FTMC-QC87-10	SP 11139	11	4240 $\pm$ 31	2904-2781	2913-2701
FTMC-NJ10 -2*	SP 3345	4	4202 $\pm$ 33	2849-2584	2877-2506
FTMC-NJ10 -8*	SP 8930	3	4175 $\pm$ 39	2835-2497	2861-2472
FTMC-NJ10 -5	SP 550	3	4171 $\pm$ 33	2877-2679	2884-2631
FTMC-QC87-8	SP 6472	4	4103 $\pm$ 32	2846-2579	2866-2501
FTMC-QC87-5	SP 5241	1	4101 $\pm$ 31	2846-2578	2865-2500
FTMC-QC87-3	SP 6469	4	4081 $\pm$ 30	2837-2505	2857-2493
FTMC-QC87-7	SP 726	5	3998 $\pm$ 31	2568-2471	2580-2461
FTMC-QC87-4	SP 13881	1	3997 $\pm$ 32	2567-2471	2618-2459
FTMC-QC87-9	SP 13663	6	3990 $\pm$ 30	2566-2470	2577-2460
FTMC-QC87-6	SP 11765	5	3944 $\pm$ 31	2558-2349	2568-2305
FTMC-NJ10 -4	SP 16789	3	3927 $\pm$ 32	2470-2348	2560-2297
FTMC-NJ10-10	SP 7397	--	3923 $\pm$ 32	2469-2348	2557-2295
FTMC-QC87-2	SP 2328	1	3913 $\pm$ 32	2466-2346	2475-2289
FTMC-NJ10-9	SP 3642	5	3882 $\pm$ 32	2454-2302	2466-2210
FTMC-NJ10-14	SP 7131	4	3822 $\pm$ 33	2340-2201	2452-2144
FTMC-NJ10-12	SP 717	5	3791 $\pm$ 32	2286-2146	2342-2062
FTMC-NJ10-1	SP 10611	1	2253 $\pm$ 33	388-229	394-204
Beta-307275	--	12(?)	4100 $\pm$ 30	2845-2578	2864-2500
UBAR-629	--	--	3960 $\pm$ 190	2849-2202	3005-1922
UBAR-630	--	--	3870 $\pm$ 70	2461-2211	2565-2140

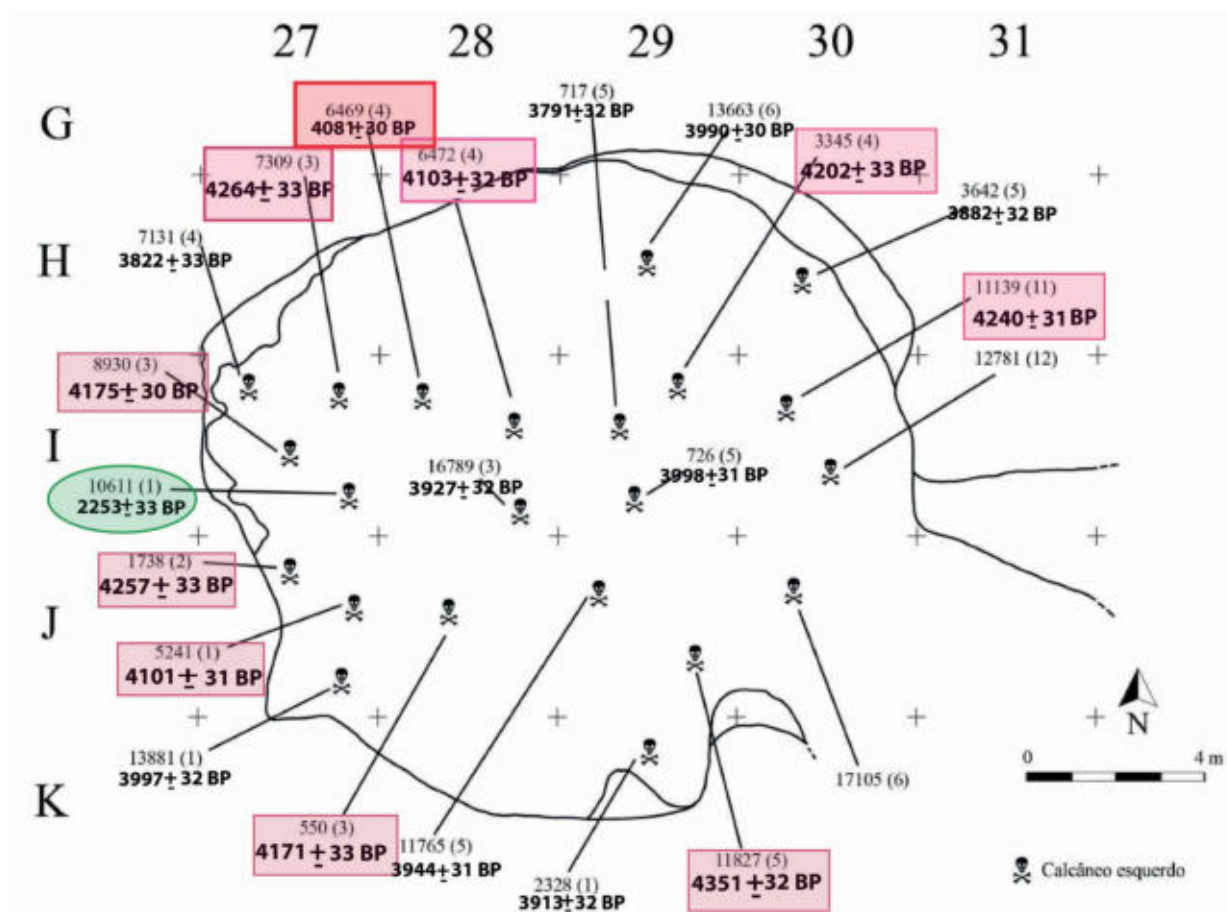


Fig. 128 – Indicação das datas de radiocarbono determinadas de acordo com a proveniência das amostras. As datas cujo valor médio é superior a 4000 BP estão indicadas com um rectângulo vermelho; as restantes têm um valor médio inferior a 4000 BP.

Os resultados da datação por AMS, de 22 amostras de calcâneos esquerdos, agora publicados pela primeira vez, confirmam plenamente os dados obtidos do estudo tipológico dos materiais, podendo concluir-se seguramente que a utilização funerária da gruta artificial ocorreu ao longo de todo o 3.º milénio a.C. A inumação mais antiga objecto de datação pelo radiocarbono, corresponde uma idade de 3011-2910 cal BC (1σ) ou 3082-2898 cal BC (2σ) (ver Quadro 12), pelo que se coloca a questão de saber se esta deposição funerária pode ou não ser ainda inscrita no Neolítico Final.

Como é reconhecido, o povoado de Leceia constitui um dos sítios do Neolítico Final e do Calcolítico com um dos maiores e mais coerentes conjuntos de datas de radiocarbono para estas épocas pré-históricas na Estremadura portuguesa. O conjunto de datas obtidas foi objecto de tratamento estatístico (CARDOSO & SOARES, 1996), pelo que se julgou que seria oportuno realizar tratamento estatístico mais robusto (bayesiano) que o efectuado há já 30 anos, utilizando as curvas de calibração mais recentes, as mesmas utilizadas neste trabalho no respeitante à gruta artificial de S. Paulo II.

Na Fig. 130 apresenta-se o diagrama correspondente às datas da Camada 4 (Neolítico Final) e da Camada 3 (Calcolítico Inicial) de Leceia integradas numa sequência bayesiana. Este exercício estatístico permitiu determinar os intervalos de confiança para os limites ou fronteiras iniciais e finais do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial de Leceia, as quais se apresentam no Quadro 13.

Quadro 13 – Intervalos de confiança para os limites (fronteiras bayesianas) do Neolítico Final e Calcolítico Inicial de Leceia, fazendo uso de uma sequência e com base no conjunto de datas de radiocarbono publicadas (CARDOSO & SOARES, 1996).

Fronteiras (intervalos de confiança)	1 σ	2 σ
Neolítico Final (Front. inicial)	3575 – 3366	3672 - 3139
Neolítico Final/Calcolítico Inicial	3010 – 2905	3116 - 2836
Calcolítico Inicial (Front. final)	2686 – 2459	2830 - 2376

Se se considerar que estas fronteiras são representativas e aplicáveis ao Neolítico Final e ao Calcolítico Inicial da Estremadura portuguesa, então a inumação mais antiga datada da gruta II é atribuível ao Neolítico Final, estando representada por um único exemplar datado (um calcâneo esquerdo) o que reforça a ilação retirada da análise do espólio material do monumento, isto é, de que a sua construção e primeira utilização terá ocorrido durante o Neolítico Final, mas já no ocaso deste período ou, por outras palavras, já muito próximo do início da Calcolítico. Importa ter presente que a única inumação ainda conservando a conexão

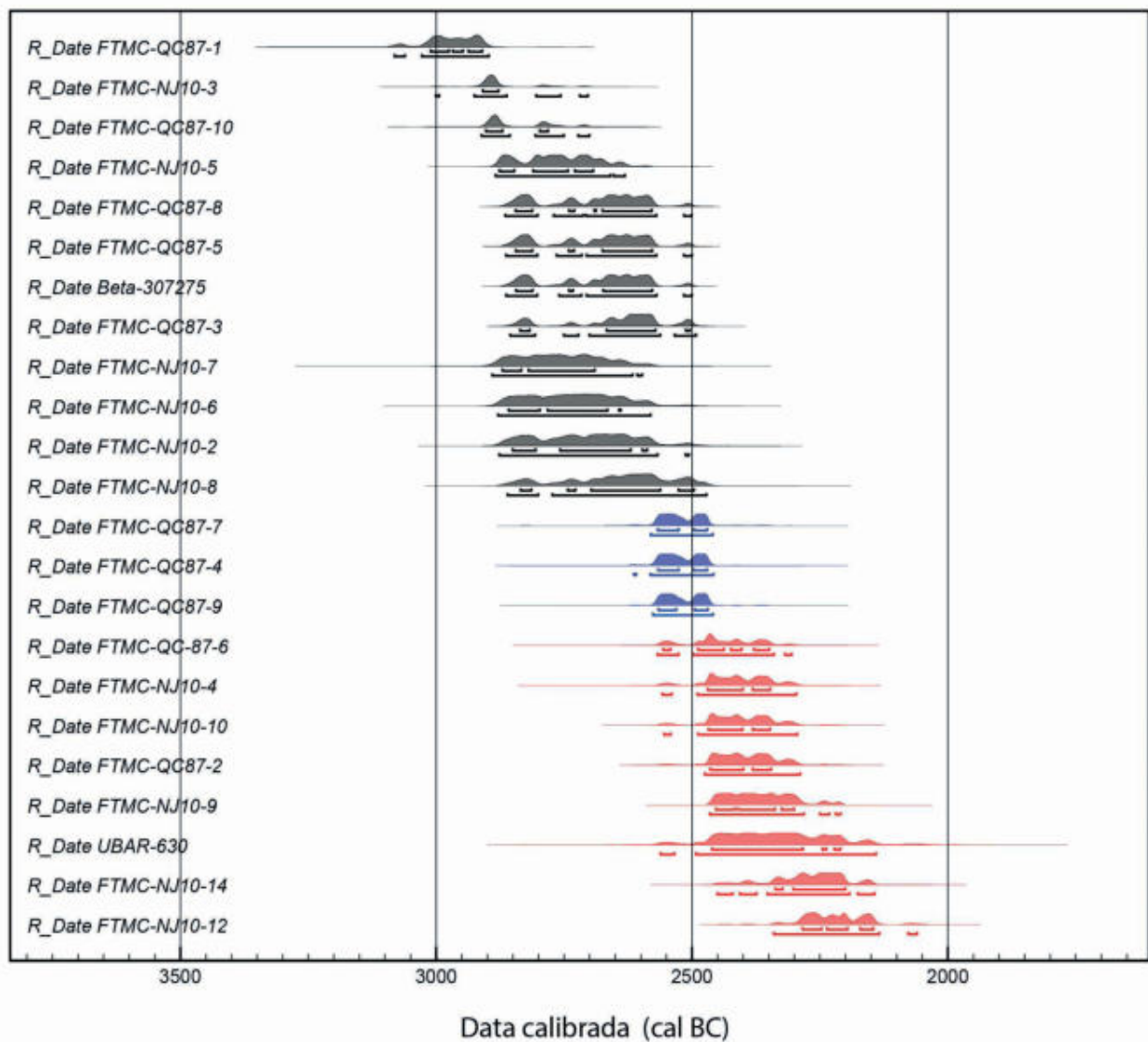


Fig. 129 – S. Paulo II. Distribuição gráfica das datas de radiocarbono calibradas obtidas.

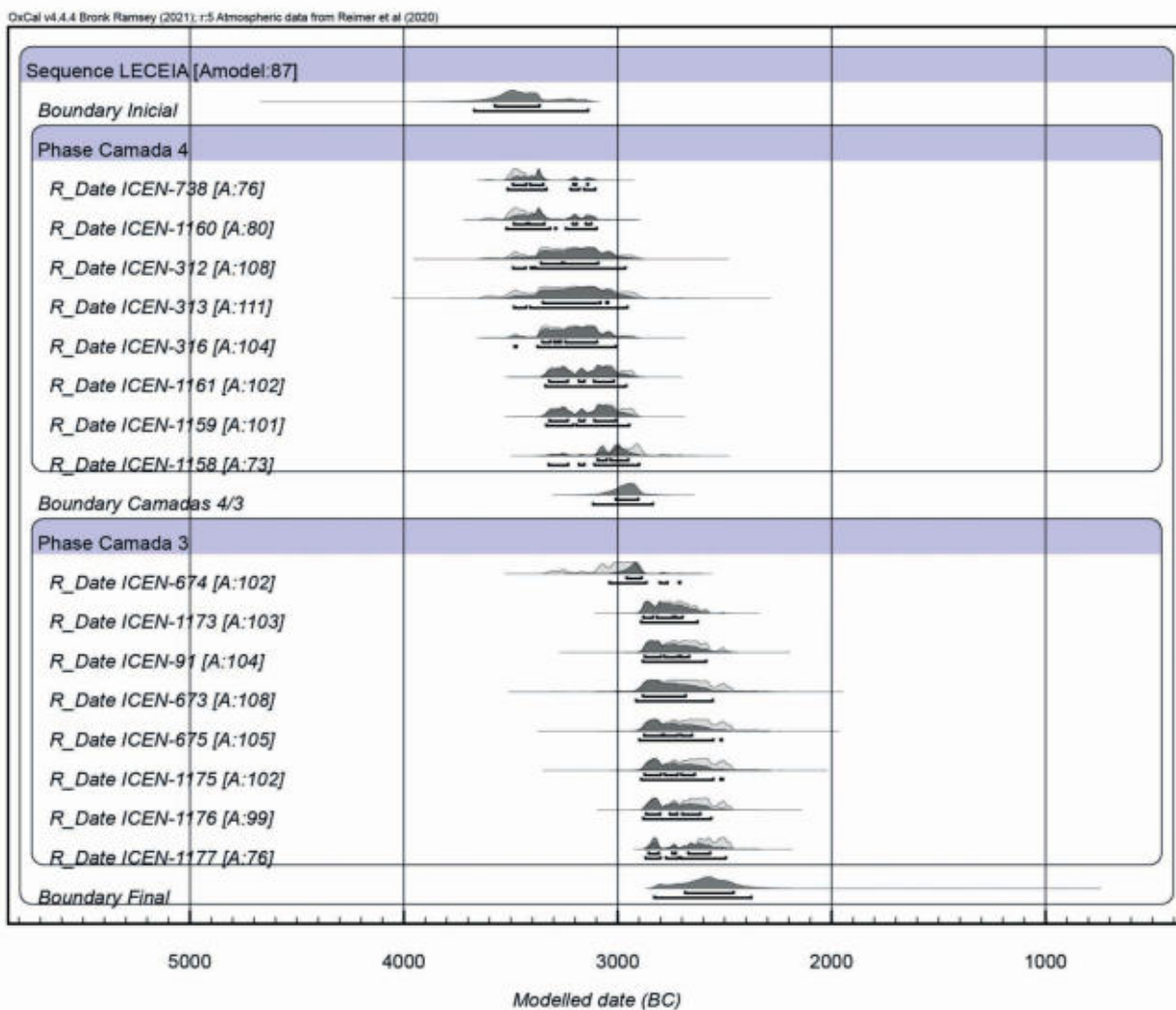


Fig. 130 – Distribuição gráfica das datas da Camada 4 (Neolítico Final) e da Camada 3 (Calcolítico Inicial) de Leceia, Oeiras, integradas numa Sequência bayesiana.

anatômica dos elementos ósseos, identificada perto do chão primitivo da gruta, se encontrava acompanhada de um recipiente carenado, típico do Neolítico Final da Estremadura. A sua cronologia absoluta é inserível neste período de transição, mas ligeiramente mais moderna do que a acima referida, o que reforça a continuidade da ocupação do monumento verificada entre Neolítico Final e os primórdios do Calcolítico, nos quais a utilização de recipientes carenados poderia continuar a observar-se, conforme se verificou em Leceia (CARDOSO, 2006).

8 – PALEODIETAS

No Quadro 10 apresentam-se os valores das razões isotópicas de carbono ($\delta^{13}\text{C}$) e azoto ($\delta^{15}\text{N}$) obtidos por IRMS (Isotope-Ratio Mass Spectrometry) no laboratório atrás mencionado, para as amostras de calcâneos esquerdos utilizadas no estabelecimento da cronologia absoluta da ocupação funerária da gruta artificial de S. Paulo II.

Os valores destas razões isotópicas resultam do grau de fraccionamento isotópico ocorrido aquando do processo ou processos específicos que estão na origem da formação da matéria orgânica analisada (no nosso caso, do colagénio).

Define-se o factor de fraccionamento isotópico Δ do carbono (e de modo semelhante para o azoto) do colagénio pela seguinte expressão matemática (PASSEY *et al.*, 2005):

$$\Delta_{\text{col.-dieta}} = \delta^{13}\text{C}_{\text{col.}} - \delta^{13}\text{C}_{\text{dieta}}$$

A composição isotópica em carbono e azoto pode, por conseguinte, ser usada na determinação da dieta de cada um dos indivíduos analisados, ao mesmo tempo que é indicativa da curva de calibração que se deverá usar na conversão das datas de radiocarbono convencionais em anos de calendário solar.

É, por conseguinte, usual a utilização da composição isotópica em carbono e azoto do colagénio dos ossos como base para a determinação de dietas de mamíferos, designadamente dos humanos. Na Europa, em que os processos fotossintéticos das plantas são predominantemente do tipo C3, o colagénio dos animais terrestres, incluindo os humanos, que comem plantas ou outros animais terrestres, tem um valor de $\delta^{13}\text{C}$ de cerca de -20‰. Já quanto aos valores de $\delta^{15}\text{N}$, estes podem variar entre +4 e +10‰ (RICHARDS & HEDGES, 1999).

Por outro lado, se a dieta tiver uma componente de origem marinha, o valor de $\delta^{15}\text{N}$ será superior a 10‰, enquanto o $\delta^{13}\text{C}$ estará também mais enriquecido tomando, normalmente, valores superiores a -18‰, podendo atingir um valor extremo de -12‰ (RICHARDS & HEDGES, 1999).

É aconselhável, em estudos de paleodietas, determinar, para uma maior fiabilidade dos resultados a obter, uma “baseline” construída a partir das composições isotópicas do colagénio da fauna (especialmente herbívoros) contemporânea e da mesma região dos indivíduos cuja dieta se pretende determinar.

Uma “baseline” deste tipo aplicável ao conjunto dos dados isotópicos em causa não foi determinada, nem se julga que exista ainda na literatura. Existem, no entanto, alguns métodos que permitem estimar, a partir das razões isotópicas de carbono e azoto do colagénio dos ossos, a percentagem de alimentos marinhos ou de origem marinha na dieta. A seguinte expressão matemática, segundo Ambrose (1993), permite determinar a relação entre as dietas de origem marinha e terrestre de um determinado indivíduo:

$$\% \text{ dieta marinha} = [(\delta^{13}\text{C}_{\text{col.}} - \delta^{13}\text{C}_{\text{t}} - \Delta_{\text{col.-dieta}}) / (\delta^{13}\text{C}_{\text{m}} - \delta^{13}\text{C}_{\text{t}})] \times 100$$

em que $\delta^{13}\text{C}_{\text{col.}}$ é a razão isotópica do carbono no colagénio do osso analisado, $\delta^{13}\text{C}_{\text{t}}$ e $\delta^{13}\text{C}_{\text{m}}$ os valores médios dessa razão isotópica nos alimentos de origem terrestre e marinha, respectivamente. Devido à imprecisão com que se conhecem os valores de $\delta^{13}\text{C}_{\text{t}}$, $\delta^{13}\text{C}_{\text{m}}$ e $\Delta_{\text{col.-dieta}}$ a incerteza associada ao valor calculado para a % dieta marinha, fazendo uso da equação anterior, é da ordem dos 10%.

Considerando os valores das razões isotópicas, $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$, apresentados no Quadro 10, verifica-se que, pelo menos, para os quatro casos assinalados (amostras SP 7364, 1738, 3345 e 8930) a percentagem de dieta marinha não será desprezável, uma vez que os valores de $\delta^{15}\text{N}$, mais discriminantes que os de $\delta^{13}\text{C}$, são muito próximos de 10 ou superiores a este valor, o que é indicativo que organismos de origem marinha seriam componentes da dieta dos indivíduos a que aquelas quatro amostras pertencem. Não será de estranhar dietas deste tipo na comunidade pré-histórica inumada na gruta de S. Paulo II, uma vez que esta se situa margem sul do estuário do Tejo e, por conseguinte, não seria raro que, da dieta dessa população, fizessem parte organismos marinhos.

Assumido que $\delta^{13}\text{C}_{\text{t}} = -26,5\text{‰}$, $\delta^{13}\text{C}_{\text{m}} = -16\text{‰}$ e $\Delta_{\text{col.-dieta}} = +5\text{‰}$ (AMBROSE, 1993, p. 84) obtiveram-se os valores de % dieta marinha apresentados no Quadro 10.

Se estes dados são importantes para uma melhor caracterização das populações do 3.º milénio a.C. que vivem junto à costa, também são válidos para uma calibração criteriosa e fiável das datas de radiocarbono obtidas sobre os seus restos ósseos. Assim, utilizou-se a curva IntCal20 (REIMER et al., 2020) para as datas dos indivíduos em cuja dieta a componente de organismos marinhos seria desprezável e, conjuntamente com essa curva, a curva Marine20 (HEATON et al., 2020) para as datas das amostras SP 7364, 1738, 3345 e 8930 (ver Quadro 10). Utilizou-se, para a calibração, o “software” OxCal v4.4.4 (BRONK RAMSEY, 2021) e um valor do efeito de reservatório oceânico $\Delta_{20}R = -100 \pm 17$ anos ^{14}C (SOARES & VALÉRIO, 2023/2024).

9 – SÍNTESE CONCLUSIVA

O estudo sistemático e completo dos espólios recolhidos no decurso das escavações arqueológicas realizadas entre 1989 e 1991 na gruta artificial de S. Paulo II, agora concretizado, a par da informação obtida através das 22 datações de radiocarbono realizadas, veio comprovar que a primeira utilização desta gruta artificial remonta ao Neolítico Final da Estremadura. Tal conclusão é fundamentada pela presença de produções características dessa etapa cronológico-cultural da Pré-História da Estremadura: 7 fragmentos de vasos carenados, a par das abundantes pontas de seta de base convexa (arredondada, triangular e pedunculada, com e sem aletas laterais), que constitui o conjunto mais numeroso (31 ex.) de entre os 52 exemplares recolhidos. A esta primeira utilização funerária da gruta corresponde uma única datação de radiocarbono, entre as 22 realizadas por AMS sobre calcâneos esquerdos humanos, no âmbito do presente trabalho, sendo assim de notar a aparentemente relativa escassez dos restos humanos correspondentes a esta primeira fase de utilização face à presença de materiais arqueológicos compatíveis. Tal facto poderá explicar-se pela provável limpeza, que seria recorrente, da câmara sepulcral, por forma a permitir a continuidade das deposições funerárias; de facto, só assim se poderá compreender o notável número mínimo de 255 indivíduos ali sepultados (SILVA, 2012; SILVA, 2018). A esta primeira utilização funerária da gruta corresponde um único calcâneo datado inserível no final do Neolítico Final da Estremadura, tendo presente os resultados obtidos em Leceia para esta fase cronológico-cultural, como acima se referiu. Esta conclusão é compatível com a informação recolhida em outras grutas artificiais da região, cuja primeira ocupação remonta igualmente ao Neolítico Final. É o caso da Gruta II de Alapraia, com base na presença de pelo menos 7 fragmentos de vasos com bordo denteado (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 38). Por via dos espólios e das datações obtidas, tal é também a situação respeitante à câmara ocidental do monumento da Praia das Maças (CARDOSO & SOARES, 1995, Quadro 2). Outra gruta artificial, actualmente desaparecida com tumulações do Neolítico Final, comprovadas por via da datação de restos humanos é a do Monte do Castelo (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991; CARVALHO & PETCHEY, 2013).

O segundo momento de utilização funerária pré-histórica da gruta encontra-se corporizado pelo notável conjunto constituído pelas produções cerâmicas com decoração canelada, correspondentes aos bem conhecidos “copos” e às taças de fino acabamento, características do Calcolítico Inicial da Estremadura, acompanhados de outros artefactos, impossíveis de serem associados a estas produções devido ao profundo remeximento verificado nos depósitos. Podem reportar-se a este segundo momento o mais importante conjunto de datações de radiocarbono atribuíveis ao intervalo entre cerca de 2800 e 2500 a.C., incluindo três datas situadas na transição da primeira para a segunda metade do 3.º milénio a.C. A esse momento de transição podem atribuir-se algumas das taças caneladas, já sem a presença de “copos” que entretanto teriam deixado de ser produzidos.

Contudo, importa referir que, em meados do 3.º milénio a.C., já eram conhecidas na região produções campaniformes. Estas corporizam o terceiro e último momento da ocupação funerária do sepulcro colectivo,

estendendo-se por toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., conforme indicam oito datações correspondentes a tal intervalo.

O conjunto campaniforme, pela sua diversidade e abundância, assume-se como um dos mais importantes até agora publicados em Portugal, sendo comparável apenas, pelas razões mencionadas, ao recolhido nas vizinhas grutas do Casal do Pardo, Palmela, tornadas célebres desde a época da sua escavação, em 1876 (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961; LEISNER, 1965).

A cronologia da emergência das cerâmicas campaniformes na foz do Tejo ascende a cerca de 2700 a.C. conforme comprovam as datações de radiocarbono obtidas na Cabana FM de Leceia (CARDOSO, 2014 a, c; CARDOSO, 2017; CARDOSO, 2019 a), a que se juntou, ulteriormente, a gruta natural sepulcral da Verdelha dos Ruivos, em que a fase mais antiga da necrópole campaniforme ali instalada remonta igualmente àquela cronologia (CARDOSO, 2024). Sendo admissível que tais produções se tenham iniciado pelo fabrico local de vasos “marítimos”, tão bem representados em S. Paulo II, os mesmos rapidamente vieram a associar-se a outros tipos de recipientes, igualmente muito bem representados em S. Paulo II, abarcando boa parte da segunda metade do 3.º milénio a.C. até cerca de 2150 cal BC: trata-se do notável conjunto de caçoilas, de taças Palmela e de taças de bordo simples, a par de outros recipientes ostentando decorações campaniformes.

Sendo admissível que a utilização de vasos “marítimos” fosse reservada às elites, a sua ocorrência conjunta com vasos mais grosseiros e de maiores dimensões pode consubstanciar a ideia de que este sepulcro colectivo se destinasse à totalidade dos membros de uma única comunidade, cuja elite, sediada num sítio alto e defensável, ainda não identificado na região, controlaria os espaços adjacentes explorados por pequenos núcleos de cariz familiar entregues de forma intensiva à agro-pastorícia nos quais a presença de vasos marítimos seria excepional. Tal realidade possui paralelo comprovado na margem norte do estuário do Tejo. Ali, enquanto em sítios elevados e fortificados como os povoados de Leceia, Penha Verde ou Zambujal são os vasos “marítimos” que mais abundam nas áreas intramuros, já os espaços adjacentes, correspondentes a encostas mais ou menos desenvolvidas, eram ocupados por núcleos agro-pastoris de pequenas dimensões, nos quais os vasos “marítimos” escasseiam ou se encontram mesmo ausentes. Tal situação não pode ser explicada por critérios cronológicos, já que as datações de radiocarbono vieram demonstrar a contemporaneidade destes diversos tipos de estabelecimentos domésticos.

Assim sendo, é lícito admitir que as diferenças observadas na qualidade da manufactura das produções campaniformes sejam o resultado do estatuto próprio dos seus respectivos utilizadores. Assim, enquanto que os sítios altos e defensáveis, como os referidos, eram ocupados pelas elites campaniformes, utilizando produções finas no seu dia-a-dia, como os vasos “marítimos”, já as populações entregues à produção agro-pecuária, dispersas por casais agrícolas pelos campos envolventes, pontuados também de pequenos povoados abertos, como o de Freiria (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013) eram sobretudo utilizadoras de recipientes mais grosseiros, incluindo os contentores para o armazenamento dos produtos produzidos.

A diferenciação social observada no interior destas comunidades campaniformes é acompanhada, por seu turno, pela diferenciação verificada entre comunidades campaniformes e não campaniformes, que partilhavam o mesmo tempo – a segunda metade do 3.º milénio a.C. – e o mesmo espaço – a Baixa Estremadura. É o que indica a presença, nalguns casos claramente diferenciada, entre as produções campaniformes, e as produções não-campaniformes, representadas na Baixa Estremadura pelas produções cerâmicas dos grupos “folha de acácia/crucífera”, que com elas coexistiram no tempo, mas por vezes não no mesmo espaço. Com efeito, em dois dos mais relevantes sítios calcolíticos desta região – os povoados calcolíticos fortificados do Penedo do Lexim (SOUSA, 2021), e do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019 b) – verifica-se ausência total ou quase total de produções campaniformes, muito embora ambos se situem na área de maior concentração geográfica

destas produções. Tal constatação remete para a discussão da existência de diversas comunidades de tradições e raízes culturais distintas, mas que, apesar de tudo, souberam conviver no mesmo espaço geográfico (CARDOSO, 2014 a, c; CARDOSO, 2017; CARDOSO, 2022).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. & FERREIRA, O. da V. (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Ministério da Educação Nacional. Coimbra, p. 163-168.
- AMBROSE, S. H. (1993) – Isotopic analysis of paleodiets: methodological and interpretative considerations. In M.K. Sandford (ed.), *Investigations of Ancient Human Tissue. Chemical Analyses in Anthropology*. University of North Carolina at Greensboro: Gordon and Breach Science Publishers, p. 59-130.
- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo) – definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Tese de mestrado em arqueologia. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vol.
- ANDRADE, M. A. & VAN CALKER, D. (2024) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho: a Anta de Fonte Moreira (Alcanena) e o megalitismo ortostático na Alta Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 34, p. 53-112.
- BALBI, A. (1822) – *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires.
- BARROS, L. & ESPIRITO SANTO, P. (1997) – Gruta artificial de S. Paulo. *Setúbal Arqueológica*, Vol. 11-12, p. 217-220.
- BARROS, L.; ESPIRITO SANTO, P. & SANTOS, V. (1991) – *Relatório de trabalhos arqueológicos de emergência – S. Paulo* (não publicado). Departamento da Arqueologia, Arquivo de Arqueologia Portuguesa, Património Cultural IP. (5-12-1991).
- BASÍLIO, C. & CARVALHO, A. F. (2024) – Figurinhas antropomórficas do Neolítico e Calcolítico do Alentejo e Algarve. Ensaio de síntese tipológica e distribuição. In BUENO-RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. *Ídolos miradas milenarias desde el extremo suroccidental de Europa*. Huelva: Junta de Andalucía, p. 161-181
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & NUKUSHINA, D. (2014/2015) – Estremoz 7 ou anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 175-235.
- BRAK-LAMY, J. (1955) – Novos elementos para o conhecimento do Complexo Basáltico dos arredores de Lisboa. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 12, p. 39-86.
- BRONK RAMSEY, C. (2001) – Development of the radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. 43(2A), p. 355-363.
- BUCHHOLZ, H-G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) – *Prehistoric Greece and Cyprus*. Phaidon Press. London.
- BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. A. (2023) – Figuritas Ibéricas entre el IV y el III milénio antes de la era. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Miradas Milenarias desde el Extremo suroccidental de Europa*. Guía catálogo, Junta de Andalucía, p. 70-89.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia - resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapã do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1995) – Ossos de cetáceo utilizados no Calcolítico da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 193-198.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 91-106.

- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*. S. 4, vol. 20, p. 61-76.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2009) – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p. 73-96.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-551.
- CARDOSO, J. L. (2014 a) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1), p. 56-75 (doi: 10.3989/tp.2014.12124).
- CARDOSO, J. L. (2014 b) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L. (2014 c) – A presença campaniforme no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 295-348.
- CARDOSO, J. L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 126-141.
- CARDOSO, J. L. (2019 a) – Os mais antigos vasos marítimos e sua difusão a partir do estuário do Tejo (Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 25, p. 47-74.
- CARDOSO, J. L. (2019 b) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2021) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras): resultados das escavações realizadas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 28, p. 9-96.
- CARDOSO, J. L. (2022) – *O povoado pré-histórico de Leceia cinquenta anos de trabalhos arqueológicos (1972-2022)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 31).
- CARDOSO, J. L. (2023) – Mineração, circulação e transformação de produtos geológicos não metálicos no Neolítico e no Calcolítico do Ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 33, p. 169-252.
- CARDOSO, J. L. (2024) – A necrópole da gruta da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira) e a génese do Complexo Campaniforme na região da foz do Tejo (Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 34, p. 249-310.
- CARDOSO, J. L. & BOTTAI, C. (2023) – Os artefactos metálicos recolhidos no povoado calcolítico muralhado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Estudos composicionais com recurso ao método da espectrometria de fluorescência de raios X. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 32, p. 43-60.
- CARDOSO, J. L., & BOTTAI, C. (2024) – Os ouros calcolíticos do povoado pré-histórico muralhado do Outeiro Redondo (Sesimbra) e da gruta funerária campaniforme da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 34, p. 311-324.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11, p. 97-228.

- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras (Homenagem a O. da Veiga Ferreira)*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2010/2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 333-392.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2009) – O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, p. 261-356.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): Estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 357-524.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2018) – A ocupação do Neolítico Antigo da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 99-124.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2023) – A Lapa da Bugalheira (Torres Novas): revisão dos espólios recuperados na intervenção arqueológica ali realizada em 1941. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 33, p. 109-168.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. II série, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1996) – Contribution d'une série de datations 14C, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolithique de l'Estremadura portugaise. *Actes du colloque de Périgueux 1995, Supplément à la Revue d'Archéométrie*, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L. & SCHUHMACHER, T. X. (2012) – Marfiles calcolíticos en Portugal. Estado de la cuestión. *Elfenbeinstudien*. Faszikel 1. Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental. Darmstadt/Mainz: Verlag Philipp von Zabern (Iberia Archaeologica Band 16,1 faszikel 1), p. 95-110.
- CARDOSO, J. L. & VILAÇA, R. (2020) – Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Akra Barbarion*, Sesimbra, cultura e património, Câmara Municipal de Sesimbra, 4, p. 13-30.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & ENCARNÇÃO, J. d' (2013) – O campaniforme de Freiria. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. & AGUIAR, D. (1991) – O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Nº 2.
- CARDOSO, J. L.; DOMÍNGUEZ-BELLA, S. & MARTÍNEZ LÓPEZ, J. (2012) - Ocorrência de contas de fluorite no Neolítico Final e no Calcolítico da Baixa Estremadura (Portugal). *IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011)*. Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (2012), p. 35-42. (Estudos Arqueológicos de Oeiras 19).
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da V. & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L., GUERRA, A. & FABIÃO, C. (2021) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In CARDOSO, J. L. & ALMAGRO GORBEA (ed.), *Lucius Cornelius Bocchus Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa/Madrid (2011): Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia, p. 169-188.
- CARDOSO, J. L., MEDEIROS, S. & MARTINS, F. (2018) – 150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21(1), p.57-69.
- CARDOSO, J. L., SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 47-89.
- CARDOSO, J. L., BOTTAINI, C., MIRÃO, J., SILVA, R. J. & BORDALO, R. (2020) – O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) inventariação e estudo analítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26, p. 41-66.

- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da V.; NORTH, C. T.; NORTON, J., MEDEIROS, J. & SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les Âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CARVALHO, A. F. (2008) – A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve ocidental. *Promontoria Monográfica 12*. Faro: Universidade do Algarve.
- CARVALHO, A. F. & PETCHEY, F. (2013) – Stable Isotope Evidence of Neolithic Palaeodiets in the Coastal Regions of Southern Portugal. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*, 8 (3), p. 361-383.
- CARVALHO, P. S. de (2024) – MEG – Rota do megalitismo Viseu-Dão-Lafões-Sever do Vouga. Viseu/Dão/Lafões: Comunidade Intermunicipal.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C.; LEISNER G. & LEISNER, V. (1952) – Los sepulcros megalíticos de Huelva. Excavaciones Arqueológicas del plan nacional 1946. *Informes y Memorias*, 26. Madrid: Ministerio de Educacion Nacional.
- CHAVES, R. F. M. C. (2022) – *Cerâmica Calcolítica da região de Lisboa: Caracterização arqueométrica de cerâmica pré-histórica*. Tese de Doutoramento em Conservação e Restauro do Património. Universidade Nova de Lisboa. Departamento de Conservação e Restauro. Lisboa.
- CORREIA, V. H. (2013) – A ourivesaria arcaica no Ocidente peninsular. Estado da questão, problemáticas arqueológicas e perspetivas de desenvolvimento do campo de estudo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 5, 3, p. 15-80.
- COSTEIRA, C. (2017) – Reflexão acerca dos cossoiros e da fição nos contextos calcolíticos do Sudoeste da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo). *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 671-686.
- COSTEIRA, C. (2017) – *No 3º milénio a.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*. Tese de doutoramento. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vol.
- COSTA CARAMÉ; GARCIA SANJUÁN, L.; MURILLO-BARROSO, M.; PARRILLA GIRÁLDEZ, R. & WHEATLEY, D. W. (2011) – Artefactos elaborados en rocas raras en los contextos funerarios del IV-II milénios cal ane en el sur de España: una revisión. *Menga*. Volume monográfico. 1, p. 253-293.
- CRAVINHO, G. & GONZALEZ, A. (2021) – A calcedónia no mundo romano e a sua provável exploração na Falagueira, Amadora. In FABIÃO, C.; NOZES, C. & CARDOSO, G. (coord. cient.) *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora)*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 203-221.
- CRUZ, D. J.; CUNHA, A. M. L. da & GOMES, L. F. C. (1988/1989) – A orca de Corgas da Matança. *Portugália*. Porto. Nova Série, 9/10, p. 31-48.
- DEAN, R. M. & CARVALHO, A. F. (2014) – Faunal remains, adornments and bone tools. In CARVALHO (eds.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. *Promontoria Monográfica*, 17, Universidade do Algarve, p. 195-206.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1977) – *El vaso campaniforme en la Meseta Norte española*. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- DOLLFUS, G. & KAFARI, Z. (1992) – Abu Hamid, un asentamiento fundado en el V.º milenio en el valle del Jordan (Jordania). *Arqueología Prehistórica del Próximo Oriente. Treballs d’ Arqueologia*, 2, Universitat Autònoma de Barcelona, p. 99-125.
- DOMÍNGUZZ-BELLA, S.; QUERRÉ, G.; CALLIGARO, T.; MARTÍNEZ LÓPEZ, J. & CARDOSO, J. L. (2019) – *Iberian variscite: ICP-MS-LA and PIXE analysis of recent prehistory beads and pendants from Spain and Portugal*. G. QUERRÉ; S. CASSEN & E. VIGIER (edts.), *La parure en callaïs du Néolithique européen*. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd., p. 201-239.

- FERREIRA, O. da V. (1953) – O Monumento prehistorico de Agualva (Cacem). *Zephyrus*, 4. Universidad de Salamanca, Homenaje a Cesar Moran Bardon, p. 145-166.
- FERREIRA, O. da V. (1966) – Os artefactos pré-históricos de âmbar e sua distribuição em Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 76 (1-2), p. 61-66.
- FERREIRA, O. da V. (1970) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. IV. Lisboa, p. 165-173.
- FERREIRA, O. da V. & SILVA, C. T. (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *Actas I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, vol. II, p. 203-225.
- FERREIRA, L. F. V.; BARROS, L.; MACHADO, I. F.; PEREIRA, M. F. M. & CASIMIRO, T. M. (2019) – An archaeometric study of a Late Neolithic cup and coeval and Chalcolithic ceramic sherds found in the São Paulo Cave, Almada, Portugal. *Journal of Raman Spectroscopy*, 51 (3), p. 483-492.
- FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & SOUSA, H. R. (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- FILIPPE, A. M. V. (2017) – (Re)Descobrir o Museu Archeologico do Algarve de Estácio da Veiga. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.
- FORTES, J. (1906) – La sépulture de Quinta da Agua Branca près Porto (Portugal). *Revue préhistorique*, n.º 5, Paris, 21 p.
- FRANÇA, J. C. & FERREIRA, O. da V. (1958) – Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 61-86.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. V. (1973) – O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GARRIDO-PENA, R. (2000) – El Campaniforme en La Meseta Central de la Península Ibérica (c. 2500-2000 AC.). *BAR International Series* 892.
- GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2020) – Distribution and consumption of fluorite and translucent beads in the Iberian Peninsula from 6th to 2nd millennia BC. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (2), p. 274-284.
- GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; ROMERO-GARCÍA, G.; SÁNCHEZ-GÓMEZ, D.; MARTÍNEZ BLANES, J. M.; LÁZARICH, M.; ZAMBRANA-VEJA, M. D. & GONÇALVES, J. L. V. (2024) – Amber provenance as a Chrono-Cultural Proxy: Insights from FTIR analysis in the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science: Reports* 57. Elsevier, p. 1-12.
- GOMES, M. V. (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. In Arnaud, J. M. & Fernandes, C. V. (eds.), *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 165-178.
- GONÇALVES, A. H. B. (1979) – Elementos de adorno de cor verde provenientes de estações arqueológicas portuguesas. Importância do seu estudo mineralógico. 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal (Porto, 1978). Actas. Porto: GEAP, p. 209-225.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-1983) – Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra) Notícia preliminar. *Sintria*. Sintra, I-II (1), pp. 29-57.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – O castro da Rotura e o vaso campaniforme. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal). Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (2008) – As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais). Câmara Municipal de Cascais. Cascais tempos antigos, 3.

- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. & PEREIRA, A. (2004) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7(2), p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S., SOUSA, A. C., SANTOS, M., BOTTANI, C. & MIRÃO, J. (2018) – The use of Gold at the Rock-cut Tomb Necropolis of Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela, 3200-2000 BCE). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 59, p. 66-96.
- GOUVEIA, L. A. (1979) – *Relatório da Estação de S. Paulo* (não publicado). Centro de Arqueologia de Almada. Arquivo de Arqueologia Portuguesa, Património Cultural IP.
- GUILAINE, J. (2009) – La Sicile et l'Europe campaniforme. In GUILAINE, J.; TUSA, S. & VENEROSO, P. (2009) – La Sicile et l'Europe campaniforme, la collection Veneroso à Sciacca. *Archives d'Écologie Préhistorique*, Toulouse, p. 135-195.
- GUILAINE, J. (2019) – La question campaniforme: sur quelques débats d'hier et d'aujourd'hui. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, v. 25, p. 9-46.
- GUILAINE, J.; TUSA, S. & VENEROSO, P. (2009) – La Sicile et l'Europe campaniforme, la collection Veneroso à Sciacca. *Archives d'Écologie Préhistorique*, Toulouse, 217 p.
- HARRISON, R. J.; BUBNER, T. & HIBBS, V. A. (1976) – The beaker pottery from el Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madrider Mitteilungen* 17, p. 79-141.
- HEATON, T. J.; KÖHLER, P.; BRONK RAMSEY, C.; BUTZIN, M.; HATTÉ, C.; ...; REIMER, P. J. (2020) – Marine20 - The Marine Radiocarbon Age Calibration Curve (0-55.000 cal BP). *Radiocarbon*. 62(4), p. 779-820.
- ISIDORO, A. F. (1967) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20 (3/4), p. 285-297.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da Necrópole de Alapraia. *Anais*, Vol. IV, p.107-145.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JORDÃO, P. & CARDOSO, J. L. (2024) – Estudo petroarqueológico de proveniência de matérias siliciosos de Leceia, Barotas e Monte do Castelo (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 34, p. 181-232.
- JORDÃO, P. & PIMENTEL, N. (2019) – O potencial dos terraços do rio Sizandro para o provisionamento em sílex na Pré-História da Estremadura. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C., CAESSA, A.; MARQUES, A. & CAMEIRA, I. (eds.) – *Fragmentos de Arqueologia de Lisboa. Extrair e Produzir... dos primeiros artefactos à industrialização*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 45-55.
- JORDÃO, P. & PIMENTEL, N. (2021) – Flint sources and mobility at the Chalcolithic (3500–2200 BCE) settlement of Zambujal (Portugal). *Geoarchaeology*. 37, p. 522-543.
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 257-286.
- LACUEVA, C. (2020) – A ocupação da Idade do Ferro da gruta artificial de São Paulo 2 (Almada). Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen, Band 1/3).
- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co., 1 (4).
- LEISNER, V. & FERREIRA, O. da V. (1959) – Os monumentos megalíticos de Trigache e de A-de-Beja. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa, vol. 1, P. 187-195.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).

- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co., 1 (2).
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – Grutas artificiais de São Pedro do Estoril. Lisboa, s/editor.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (memória n.º 8 – nova série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da V. (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos*. Lisboa; Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 16 – nova série).
- LEITÃO, V., CARDOSO, J. L., & MARTINS, F. (2021) – A estação do neolítico antigo da Encosta de Sant’Ana (Lisboa). Resultados das campanhas de escavação de 2004 a 2006. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 28, p. 97-198.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da V. & ZBYSZEWSKI, G. (1978) – La céramique de la culture du vase campaniforme du Portugal essai de systématisation. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, LXIII, Lisboa, p. 449-520.
- LILLIOS, K. T. (2010) – Mnemonic practices of the Iberian Neolithic: the production and use of the engraved slate plaque relics. In *Material Mnemonics*, LILLIOS, K. T. & TSAMIS, V., ed. Oxbow Books, p. 40-72.
- MACEDO, M. C. C. (1999) – *Conchas Marinhas de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- MARTINS, A., DINIZ, M., NEVES, C. & ARNAUD, J. M. (2021) – O simbólico em Vila Nova de São Pedro: ídolos, estatuetas e simbologia. In Primitiva Bueno Ramírez & Jorge A. Soler Diaz (Eds.), *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 103-121.
- MELLO, O. A. P., FORTUNA, V., FRANÇA, J. C., FERREIRA, O. da V. & ROCHE, J. (1961) – O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 237-249.
- MORGADO, A.; LOZANO, J. A.; GARCÍA SANJUÁN, L.; LUCIAÑEZ TRIVIÑO, M.; ODRIOZOLA, C.; LAMARCA IRISARRI, D. & FERNÁNDEZ FLORES, A. (2016) - The allure of rock crystal in Copper Age southern Iberia: Technical skill and distinguished objects from Valencina de la Concepcion (Seville, Spain). *Quaternary International*. 424, p. 232-249.
- MÜLLER-KARPE, H. (1974) - *Handbuch der Vorgeschichte*. Band III. Kuperzeit. München.
- MURILLO-BARROSO, M., ELEAZAR COSTA CARAMÉ, M., DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, M., GARCÍA SANJUÁN, L. & MORA MOLINA, C. (2015) – A Reappraisal of Iberian Copper Age Goldwork: Craftmanship, Symbolism and Art in a Non-funerary Gold Sheet from Valencina de la Concepción. *Cambridge Archaeological Journal*. 25(3), p. 565-596.
- GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2021) – Shine on you crazy diamond: Symbolism and social use of fluorite ornaments in Iberia’s late prehistory. *Journal of Lithic Studies* 8(1), p. 1-17.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO, V.; GUERRA DOCE, E.; CRUZ-AUÑÓN, R. & DELIBES DE CASTRO, G. (2012) - Los rellenos de pasta blanca en cerámicas campaniformes y su utilización en la definición de límites sociales. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*. 19, p. 143-154.
- ODRIOZOLA, C.; GARRIDO CORDERO, J. A.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2018) – Translucent beads, shinier worls. A preliminar approach to fluorite beads from the Iberian Peninsula. *XVIII Congrès Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques (Paris, 4-7 Juin 2018)*. Poster.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal*. Tomo XXII, Lisboa, p. 47-84.
- PAÇO, A. do (1955) – Necrópole de Alapraia. *Anais*, II série, Vol. 6, p. 27-140.
- PAÇO, A. do & FERREIRA, M. E. (1957) – Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres). *XXIII Congresso Luso-Espanhol. Associação Portuguesa para a o Progresso das Ciências*, Coimbra, p. 357-386.

- PAÇO, A. do; BÁRTHOLO, M. L. & BRANDÃO, A. (1959) – Novos achados arqueológicos das Grutas de Cascais. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. V.1, Lisboa, p. 147-159.
- PASSEY, B. H.; ROBINSON, T. F.; AYLIFFE, L. K.; CERLING, T. E.; SPONHEIMER, M.; DEARING, M. D.; ROEDER, B. L.; EHLENGER, J. R. (2005) – Carbon isotope fractionation between diet, breath CO₂, and bioapatite in different mammals. *Journal of Archaeological Science*. 32, 1459-1470.
- PEREA, A. (1991) – *Orfebreria prerromana: Arqueología del oro : [exposición, Casa del Monte, julio-agosto 1991]*. Comunidad de Madrid: Cons. de Ed. y Cultura.
- PEREIRA, F., SILVA, R. J. C., SOARES, A. M. M. & ARAÚJO, M. F. (2013) – The role of arsenic in Chalcolithic copper artefacts – insights from Vila Nova de São Pedro (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 40 (4), p. 2045-2056.
- RAMOS MUÑOZ, J. R. & GILES PACHECO, F. (1996) – *El dolmen de Alberite (Villamartín): aportaciones a las formas económicas y sociales de las comunidades neolíticas en el noreste de Cádiz*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- RAMOS MUÑOZ, J. R.; GILES PACHECO, F.; DOMÍNGUEZ-BELLA, S.; CASTAÑEDA FERNÁNDEZ, V.; PÉREZ RODRÍGUEZ, M.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M.; LAZARICH GONZÁLEZ, M.; MORATA CÉSPEDES, D.; MARTÍNEZ PECES, C.; CÁCERES SÁNCHEZ, I. & FELÍU ORTEGA, M. J. (1993) – Informe arqueológico del dolmen de Alberite (Villamar tin). Excavación, analítica y balance histórico. *Anuario Arqueológico de Andalucía*/93. 3, p. 64-79.
- REGALA, F. T. & LUÍS, R. F. (2007) – Os dentes de javali afeiçoados da Cova da Presa, em Ribamar – Lourinhã. *Algar. Torres Vedras*. 5, p. 18-23.
- REIMER, P. J.; AUSTIN, W. E. N.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BLACKWELL, P. G.; ...; TALAMO, S. (2020) – The IntCal Northern Hemisphere Radiocarbon Age Calibration Curve (0-55 cal kBP). *Radiocarbon*. 62(4), p. 725-757.
- RICHARDS, M. P.; HEDGES, R. E. M. (1999) – Stable isotope evidence for similarities in the types of marine foods used by Late Mesolithic humans at sites along the Atlantic coast of Europe. *Journal of Archaeological Science*. 26, p. 717-722.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. da V. (1961) – Révision des boutons perforés en V de l'Énéolithique portugais. *L'Anthropologie*. T. 65, n.º 1-2, p. 67-73.
- SANTOS, M. F. & FERREIRA, O. da V. (1970) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. O Arqueólogo Português. Lisboa. Série III, 3, p. 37-62.
- SCHLIEMANN, H. (1878) – *Mycenae. A narrative of researches and discoveries at Mycenae and Tiryns*. London: John Murray.
- SCHUHMACHER, T. X. (2012) – *Elfenbeinstudien*. Faszikel 2. Darmstadt/Mainz: Verlag Philipp von Zabern (Iberia Archaeologica Band 16 faszikel 2).
- SCHUHMACHER, T. X.; BANERJEE, A.; DINDORF, W.; SASTRI, C. & SAUVAGE, T. (2013) – The use of sperm whale ivory in Chalcolithic Portugal. Madrid. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 70 (1), p. 185-203.
- SILVA, A. M. G. (2012) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico. Textos universitários de ciências sociais e humanas*. Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- SILVA, A. M. G. (2018) – “Gentes” do 4º e 3º milénios AC.: os restos ósseos humanos do Neolítico Final/Calcolítico recuperados das grutas artificiais 1 e 2 de São Paulo (Almada, Portugal). *Estudos do Quaternário*, 19, p. 49-62.
- SILVA, C. T. da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, p. 175-192.
- SILVA, C. T. da & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

- SOARES, J. (2003) – *Os Hipogeus da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-153.
- SOARES, A. M. M., ALVES, L. C., FRADE, J., VALÉRIO, P., ARAÚJO, M. F., CANDEIAS, A., SILVA, R. J. C. & VALERA, A. C. (2012) – Bell Beaker Gold Foils from Perdigões (Southern Portugal) – Manufacture and Use. *Proceedings of the 39th International Symposium for Archaeometry*, Leuven.
- SOARES, A. M. M.; VALÉRIO, P. (2023-2024) – A conversão em datas de calendário das datas de radiocarbono de organismos marinhos colhidos na costa atlântica portuguesa: a nova curva de calibração Marine20. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 26-27, p. 75-91.
- SOUSA, A. C. (2021) – *O Penedo do Lexim (Mafra) no Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Lisboa: DGPC, C. M. Mafra, UNIARQ/FLUL (Trabalhos de Arqueologia, 56).
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals von Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Philipp von Zabern. Mainz am Rhein.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da V. (1974) – Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/Portugal. *Madrid Mitteilungen*, 15, p. 28-57.
- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da V. (1971) – Vaso campaniforme “tipo garrafa bojuda” do Museu de Torres Vedras. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 261-264.
- USCATESCU, A. (1992) – Los botones de perforación en “V” en la Península Ibérica y las Baleares durante la Edad de los metales. *Temas de Arqueología*, n.º 2, Madrid.
- VALENTE, M. J. (2019) – Meso e macrovertebrados e elementos de adorno em concha. In CARVALHO, A. F. (coord.) – *Hipogeu campaniforme do Convento do Carmo (Torres Novas)*. Torres Novas: Município de Torres Novas (Coleção Estudos e Documentos 12), p. 59-64.
- VALERA, A. C. (2017) – The «Exogenous» at Perdigões. Approaching Interaction in the Late 4th and 3rd Millennium BC in Southwest Iberia. In BARTELHEIM, M.; BUENO RAMÍREZ, P. & KUNST, M. (eds.) – *Key Resources and Socio-cultural Developments in the Iberian Chalcolithic*. Tübingen: Tübingen Library Publishing (Ressourcen Kulturen, Band 6), p. 201-224.
- VALERA, A. C. (2020) – Interação e recursos exóticos na Pré-História Recente: a circulação e consumo de marfim em Portugal”. In Vilaça, R. & Aguiar, R. S. (coords.), *(I) mobilidades, recursos, objectos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 135-181.
- VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S. & CASTANHEIRA, P. (2014) – Zoomorphic figurines and the problem of human-animal relationship in the neolithic and chalcolithic southwest Iberia. *Menga, Revista de Prehistoria de Andalucía*, 5, p. 15-41.
- VALÉRIO, P., SOARES, A. M. M., ARAÚJO, M. F. & SILVA, R. J. C. (2019) – Os metais: caracterização elementar e microestrutural. In Carvalho, A. F. (ed.), *Hipogeu campaniforme do Convento do Carmo (Torres Novas)*. Município de Torres Novas, p. 11-151.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZILHÃO, J. (1992) – Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo. *Trabalhos de Arqueologia*, 6, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 326 p.
- ZILHÃO, J.; SOARES, A. M. M. & GONÇALVES, A. P. (2022) – Sperm-whale V-perforated buttons from Galeria da Cisterna (Almonda Karst System, Torres Novas, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 79 (1), p. 131-140.

DA PRÉ-HISTÓRIA À ÉPOCA CONTEMPORÂNEA: OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS EM TORNO DO PALÁCIO DO MARQUÊS DE POMBAL, OEIRAS, PORTUGAL NAS ESCAVAÇÕES PREVENTIVAS REALIZADAS EM 2020 E 2021

FROM PREHISTORY TO CONTEMPORARY PERIOD: THE ARCHAEOLOGICAL REMAINS IDENTIFIED AROUND THE MARQUÊS DE POMBAL PALACE, OEIRAS, PORTUGAL IN PREVENTIVE EXCAVATIONS CARRIED OUT IN 2020 AND 2021

Raquel Gonzaga¹

Abstract

The rehabilitation project of the roofs and façades of the Palace of Marquês de Pombal (Oeiras, Portugal) was carried out between 2020 and 2021. Among the various restoration works, the installation of geodrains around the building's façades was particularly noteworthy. This intervention required the execution of two archaeological surveys and the archaeological supervision of the trenching process for the geodrains installation.

Despite the shallow depth of the trenches, a significant amount of archaeological material and structures emerged. This demonstrates the archaeological potential of the site.

Along with the palace designation as a National Monument, its importance is further enhanced by the archaeological remains identified, from the prehistoric period to the contemporary era.

Keywords: Prehistory; Contemporary; Marquês de Pombal Palace; Historical Center of Oeiras; Preventive archaeology

1 – INTRODUÇÃO

Entre 2020 e 2021, decorreu o projecto de reabilitação de coberturas e fachadas do Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras. No âmbito dos trabalhos de recuperação a realizar, destacou-se a colocação de geodrenos em torno das fachadas do edifício, sendo necessário, para a implantação destas tubagens, a realização de duas sondagens de diagnóstico e o acompanhamento arqueológico da abertura das valas de drenagem.

Apesar da parca profundidade das valas abertas para a colocação dos geodrenos, os trabalhos realizados demonstraram o considerável potencial arqueológico do Palácio, classificado como Monumento Nacional. A relevância histórica do monumento, é agora também ilustrada pelos vestígios arqueológicos identificados, que abrangem uma diacronia ocupacional desde a pré-história ao período contemporâneo.

¹ Arqueóloga. raquelgonzaga.lx@gmail.com

Os testemunhos mais antigos identificados nas proximidades do Palácio do Marquês de Pombal englobam os achados isolados realizados nas Antas e a Rua João Teixeira Simões, onde se recolheram cerâmicas inte-gráveis nas tipologias correntes do Neolítico e do Calcolítico (CARDOSO & CARDOSO, 1993). A presença materiais dos inícios I milénio a.C. foi, por seu turno, demonstrada nas imediações do Palácio do Marquês, em pleno centro histórico da vila de Oeiras, correspondendo a fragmentos cerâmicos com ornatos brunidos, característicos do Bronze Final, recolhidos nas escavações realizadas no local onde mais tarde se veio a implantar a *pars urbana* da *villa* romana de Oeiras, na Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2011; CARDOSO, 2016/2017). Com efeito, as intervenções realizadas no subsolo do imóvel setecentista situado na Rua das Alcássimas, n.ºs 28 a 38, em pleno Centro Histórico de Oeiras, documentam a continuidade da ocupação daquele espaço nas épocas subsequentes. Os espólios e as estruturas identificadas confirmam as sucessivas presenças humanas ali verificadas desde a Idade do Ferro até à Antiguidade Tardia (CARDOSO et al, 2023).

O sítio arqueológico da Rua das Alcássimas ou Alcássimas foi objecto de vários estudos e publicações, sendo porém até há pouco conhecido apenas pela presença de vestígios romanos dados a conhecer no início do século XX por José Leite de Vasconcelos (CARDOSO & CARDOSO, 1993; ENCARNAÇÃO, 2013), de que se destaca a presença de um belo mosaico policromo, estudado exaustivamente, o qual integraria o triclínio da habitação (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996). As escavações ali realizadas entre 2005 e 2007, sob a direcção do Prof. Doutor João Luís Cardoso no local, para além de terem posto a descoberto outras estruturas daquela época, permitiram a recolha de espólios arqueológicos que documentam *continuum* na ocupação do local, desde a época romana até à época contemporânea (CARDOSO et al., 2022; CARDOSO et al., 2023).

Tais informações foram completadas pelos resultados das escavações realizadas ulteriormente em local mais próximo do Palácio do Marquês de Pombal, na Rua do mesmo nome n.ºs 2 a 7, igualmente dirigidas pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso. Os trabalhos arqueológicos puseram a descoberto estruturas da época romana, alto-medieval e moderna. As estruturas romanas podem corresponder a uma *domus* da *pars rustica* da própria *villa* das Alcássimas, enquanto os muros alto-medievais estão associados a remodelações feitas nas estruturas romanas (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018; CARDOSO et al., 2021). Por seu turno, os muros da época moderna ali identificados pertenciam a habitações da antiga povoação de Oeiras, pré-existente à expansão urbanística verificada em Oeiras a partir do século XVIII, enquanto que os vestígios da época contemporânea, dizem respeito às próprias remodelações do actual imóvel, recuperado no âmbito do Programa Habitação Jovem, promovido pelo Município de Oeiras (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018; CARDOSO et al., 2021; CARDOSO et al., 2022). No entanto, apesar das estruturas mais antigas ali identificadas serem de época romana, durante o seu desmonte, recolheram-se vários materiais arqueológicos mais antigos, do período pré e proto-histórico, em particular elementos de foice da Idade do Bronze e um fragmento de prato da Idade do Ferro. (CARDOSO et al., 2021; CARDOSO et al., 2022), tal qual o anteriormente observado nas escavações anteriormente realizadas na Rua das Alcássimas.

Em suma, pode concluir-se as excelentes condições geográficas oferecidas por este local, situado em encosta suave no centro da actual vila de Oeiras, nas imediações da ribeira da Laje e junto à via de ligação a *OlisipoUlishbona*, explica a implantação da *villa* romana, ainda no final do período republicano, conforme indica o traçado da rede viária romana a nível local (CARDOSO & CARDOSO, 2005), compaginado com o conhecimento da distribuição dos vestígios identificados no terreno (CARDOSO & ANDRÉ, 2020).

O terreno correspondente à implantação de esta *villa*, a Norte, coincide com o sítio da “Junção do Bem” (outrora designado “Quinta do Costa”) onde, no século XIX e nos inícios do século XX, foram identificadas diversas lápides funerárias romanas e explorado, por José Leite de Vasconcelos, um cemitério paleocristão (CARDOSO & CARREIRA, 1996; CARDOSO & CARDOSO, 2022). Dada a sua proximidade e contempora-

neidade, considerou-se o sítio da “Junção do Bem” como necrópole da *villa* romana da Rua das Alcássimas (CARDOSO & CARDOSO, 1993; CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018; CORREIA, 1913; ENCARNÇÃO, 2010; GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996).

Importa sublinhar as informações respeitantes à época medieval: as evidências arqueológicas recentemente exumadas nas escavações realizadas Rua das Alcássimas e na Rua Marquês de Pombal documentam a presença em continuidade, desde o Baixo Império até à Alta e à Baixa Idade Média, passando pela Antiguidade Tardia, como documenta as produções de cerâmicas focenses, originárias do Mediterrâneo oriental recolhidas nas escavações da Rua Marquês de Pombal (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018). Com efeito, os materiais recolhidos indicam uma cronologia alargada que, desde o século V d.C., se prolonga até aos finais da Idade Média, estando representados dentro desse intervalo, espólios dos séculos XII e XIII. Trata-se de uma época dos finais da presença islâmica e primórdios da nacionalidade, até então completamente desconhecida em Oeiras, revelada por via da Arqueologia (CARDOSO et al., 2021; CARDOSO et al., 2022). Importa sublinhar que a presença islâmica se encontra comprovada por materiais cerâmicos recolhidos na Rua das Alcássimas, publicados pouco depois (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009), a que se juntaram mais alguns interessantes vestígios daquela época, exumados na Rua Marquês de Pombal, entre os quais uma torre de roca, de osso (CARDOSO et al., 2022).

Fontes documentais do século XIV incluem este território no conjunto de povoações do termo de Lisboa, sem grande destaque e desprovido de quaisquer regalias. Este território caracterizava-se assim, por dois domínios distintos, mas semelhantes a nível toponímico: o Reguengo de Oeiras e o pequeno território autónomo Reguengo A-par-de-Oeiras.

O Reguengo de Oeiras consideravelmente mais extenso, contemplava como limites administrativos, o Reguengo de Algés, de Sintra e de Cascais.

O Reguengo A-par-de-Oeiras situado no meio deste vasto território, ocuparia um espaço reduzido, sendo por vezes denominado naquelas fontes, por “Reguenguinho”. Este pequeno território mantendo a sua autonomia até ao século XVIII, tinha como sede a vila de Bucicos, e localizava-se a poente da ribeira da Lage em área onde mais tarde se implantaria o complexo agro-industrial (adega, lagares e celeiro) do Palácio do Marquês de Pombal (GOMES, 1998; MIRANDA, 2017).

Até aos inícios do século XVIII, a ocupação do território de Oeiras caracterizava-se por casais e quintas de lavoura que Paulo de Carvalho e Ataíde (tio-avô de Sebastião de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal) foi adquirindo a partir de 1676. Entre as demais aquisições contam-se as terras de Lourenço de Anvers, as terras no Selão, Goelão, Minhoteira e Várzea, a Quinta de Nossa Senhora das Mercês e a Quinta Valverde.

Assim, desde finais do século XVII até aos princípios do século XVIII, vão se adquirindo, paulatinamente, terrenos que dariam origem à grande propriedade que viria a ser chamada de “Quinta de Baixo”, onde posteriormente seria construído o actual Palácio do Marquês de Pombal (DIAS, 2009; GOMES, 1998; MIRANDA, 2017) (Fig. 3).

Entre 1715 e 1730, Paulo de Carvalho e Ataíde faz construir um solar joanino estrategicamente localizado no ponto mais elevado e sobranceiro, a nascente da ribeira da Laje. Foi neste local, onde a ribeira da Laje, configura uma curva apertada resultante da falha geológica de S. Julião (DIAS, 2009), o local escolhido para o Palácio do Marquês de Pombal (DIAS, 2009).

Em 1737, o solar joanino e os terrenos adjacentes são deixados em testamento a Sebastião de Carvalho e Melo e aos seus irmãos, o que permitiu iniciar o grande projecto da Quinta de Oeiras, um dos melhores exemplares da casa senhorial portuguesa da sua época, com estilo e tradição barroca e rococó.

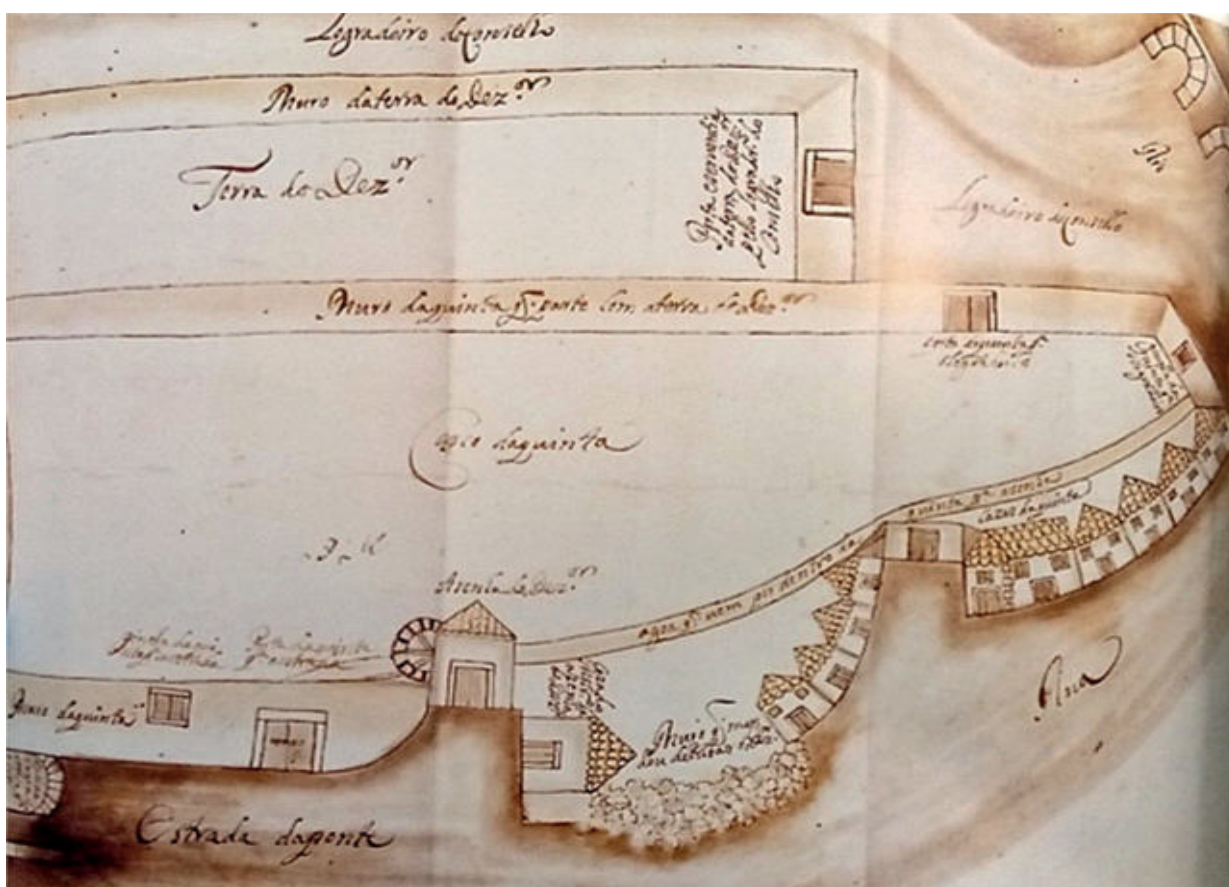


Fig. 3 – Planta da Quinta Velha de Oeiras (1715) (MIRANDA, 2017).

Carlos Mardel, arquitecto e engenheiro que se destacou na reconstrução da cidade de Lisboa após o terramoto de 1755, foi o escolhido para a edificação do palácio (MELO, 2013). Assim, a partir do solar já existente (também designado “quarto velho”), e com aproveitamento das pré-existências, foi projectado o novo edifício que seria constituído por dois blocos distintos unidos pela capela da Nossa Senhora das Mercês, padroeira da família Carvalho (DIAS, 2009).

O bloco joanino daria lugar à área social e de aparato do palácio, enquanto o novo corpo pombalino foi destinado à área reservada ao quotidiano familiar (FRANÇA, 1987) (Fig. 4).



Fig. 4 – Vista aérea da estrutura arquitectónica do Palácio do Marquês de Pombal (adaptação da imagem Google Maps).

A evolução arquitectónica do Palácio foi indissociável da família Carvalho e Melo; por via da acção governativa de Sebastião José de Carvalho e Melo, este ascende a primeiro conde de Oeiras, sendo a povoação elevada a vila e criado o concelho de Oeiras. Nos anos seguintes, a vila de Bucicos é extinta e substituída por Carcavelos, para mais tarde ser anexada definitivamente a Oeiras (MIRANDA, 2017).

Da situação acima descrita praticamente não chegaram até nós registos cartográficos, com excepção da antiga planta da “Quinta Velha de Oeyras” e das cartas topográficas ilustradas a partir do século XIX. A primeira planta não apresenta grande rigor, e as cartas mais recentes ilustram o palácio tal como o vemos actualmente (BOIÇA, 2003) (Fig. 5).



Fig. 5 – Carta topográfica e cadastral (arredores de Lisboa) – Catálogo Pina Manique 1843. Assinala-se a vermelho a localização do Palácio (GOMES, 1998).

3 – METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

Os trabalhos realizados no âmbito do projecto de reabilitação do Palácio do Marquês de Pombal consistiram na abertura de duas pequenas sondagens e no acompanhamento arqueológico das movimentações de terra durante a abertura das valas de drenagem.

As valas drenantes foram implantadas em redor do Palácio e no interior dos dois pátios internos: o pátio principal e o pátio de acesso à cozinha. Esta intervenção teve como propósito mitigar os problemas de infiltração de água que comprometiam a preservação e integridade do edificado.

Dada a sensibilidade do monumento e a proximidade das sapatas de fundação, bem como a reduzida profundidade necessária para a colocação dos geodrenos, todas as valas foram escavadas manualmente, sem recurso a maquinaria.

A sondagem I foi aberta no pátio interior, na área prevista para a implantação da vala nº 9, com o propósito de diagnosticar vestígios arqueológicos e prever medidas de mitigação antes da sua abertura.

Relativamente à sondagem de diagnóstico II, esta foi aberta no designado Pátio das Araucárias, na área destinada à vala nº 5 que nunca chegou a ser executada.

No que concerne às restantes valas, numeradas do nº1 ao nº11, por condicionantes relacionadas com o próprio projecto, até 2021 foram apenas executadas as valas nº1 (junto à entrada principal), nº2 e nº3 (fachada Este/Nordeste); nº9 e nº10 (no pátio principal de entrada) e nº11 (no pátio interno de acesso à cozinha) (Fig. 6).

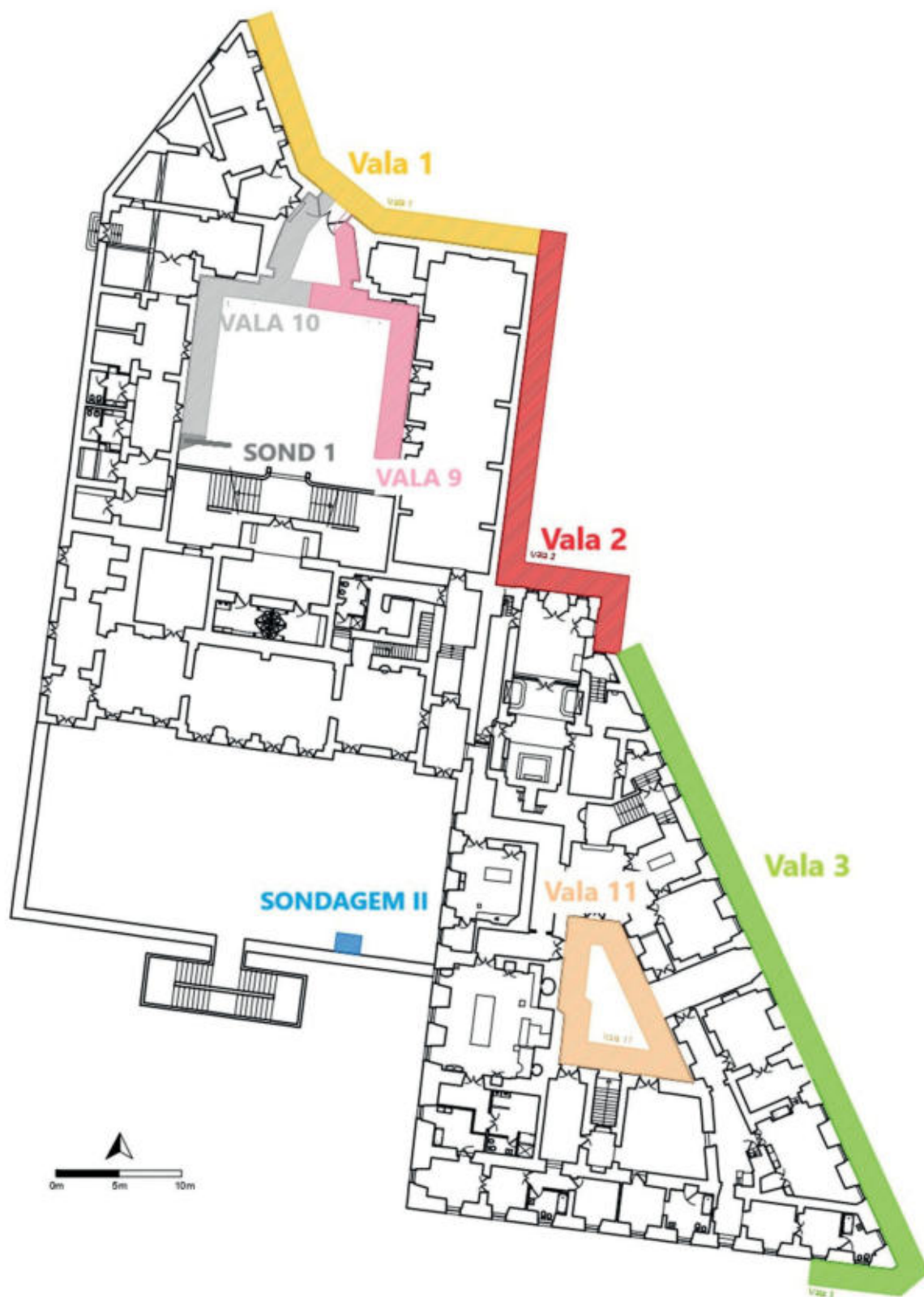


Fig. 6 – Planta do Palácio com localização dos trabalhos arqueológicos (sondagens manuais e valas).

4 – VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS

4.1 – Época pré ou proto-histórica

No decurso dos trabalhos de abertura da vala n.º3, adjacente à fachada Nordeste do Palácio, foram identificados os vestígios arqueológicos mais antigos. Durante a escavação manual desta vala, sob a calçada de circulação actual, foi identificado sedimento [301] heterogéneo e de tonalidade castanha, composto por vários fragmentos de material contemporâneo. Após a remoção deste depósito e a pouca profundidade, atingiu-se o substrato calcário onde foram identificadas quatro estruturas negativas (318) e (319), sendo as primeiras a ser registadas. A estrutura negativa [318] destacou-se pela sua morfologia regular, circular e de paredes rectas, de pequenas dimensões (c. 6cm).

Em contraste, a estrutura negativa [319] apresentou uma morfologia irregular, em forma de funil, com aproximadamente 25cm de largura. Esta estrutura encontrava-se preenchida pelo depósito [320], de tonalidade castanha avermelhada, no qual foram recolhidos vários fragmentos de núcleos de barro (Fig. 7).

A cerca de 2 metros a sul das interfaces [318] e [319], registaram-se mais duas estruturas negativas, igualmente escavadas na rocha natural e cobertas pelo depósito [301].

Uma delas é a estrutura negativa circular [316] com paredes regulares e afeiçãoadas, sugerindo ter sido alvo de acção humana. Mede cerca de 25cm de largura e apresenta grande profundidade, sendo que só foi possível escavar cerca de 50cm de profundidade, uma vez que a estrutura [316] é muito estreita e o seu enchimento é consideravelmente argiloso e muito compacto. No seu interior recolheram-se fragmentos de cerâmica manual e núcleos de barro de pequena e média dimensão.



Fig. 7 – Plano das estruturas negativas [318] e [319] escavadas na rocha calcária.



Fig. 8 – Núcleos de barro recolhidos no interior da estrutura negativa [319].

A interface [321], última estrutura negativa identificada, apresenta morfologia irregular com cerca de 28 cm de largura e o seu enchimento continha núcleos de barro, fragmentos de cerâmica manual comum e sem decoração e elementos líticos produzidos em sílex, incluindo uma lâmina (Fig. 9 a Fig. 12).



Fig. 9 – Estruturas negativas [316] à esquerda e [321] à direita.



Fig. 10 – Cerâmica manual recolhida no enchimento da estrutura negativa [316].

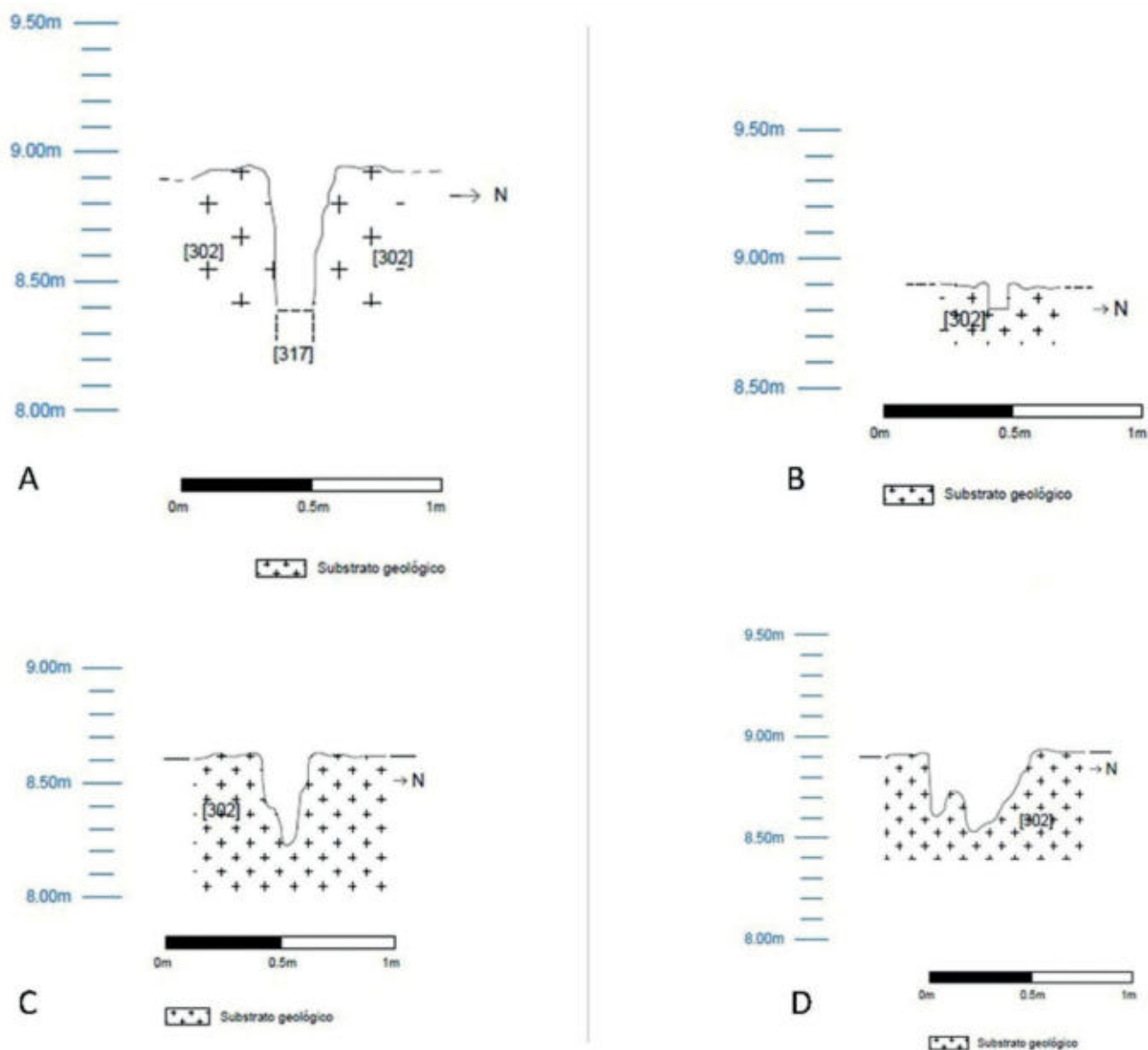


Fig. 11 – Secção das estruturas negativas. Interfaces A - [316]; B - [318] C - [319]; e D - [321].

4.2 – ÉPOCA MODERNA E/OU CONTEMPORÂNEA

4.2.1 – Calçadas e possíveis pavimentos de circulação

Durante o acompanhamento arqueológico, foram identificadas várias concentrações pétreas sem ligante, que parecem não corresponder a calçadas. Foram também registadas várias concentrações de argamassas, que poderão corresponder a vestígios de antigos pavimentos de circulação.

Não obstante, para esta publicação, foram incluídas apenas as calçadas claramente identificadas como tal. Abriu-se apenas uma pequena excepção para os vestígios da Sondagem I, que serão descritos em seguida.

Devido à presença de diversas infraestruturas que dificultavam a execução dos trabalhos, decidiu-se abrir a Sondagem de diagnóstico I. Esta pequena sondagem trapezoidal (1,50 m x 60 cm) foi aberta junto à designada ‘estátua do ciclope’ localizada no pátio central do Palácio Marquês de Pombal.

A abertura desta sondagem permitiu uma escavação manual mais controlada, bem como um diagnóstico preliminar que proporcionou a implementação de medidas mitigatórias para a instalação das novas tubagens.

Após a remoção da calçada actual, escavou-se um grande depósito de aterro [1001], constituído por lixo contemporâneo, incluindo plásticos e fragmentos de betão, que cobria quase toda a área da sondagem I. Sob o aterro [1001], encontrava-se o sedimento [1007] e, subsequentemente, o aterro [1008].

O sedimento [1007] distingue-se pela sua tonalidade castanha e é composto por frequentes nódulos de argamassa de pequena e média dimensão, em contraste com o aterro [1008] de cor bege e areno-argiloso.

Sob o aterro [1008] e também sob o aterro [1001], que afectou todas estas realidades arqueológicas, registou-se o pavimento [1006].

Apesar das reduzidas dimensões da sondagem, que dificultam a leitura das realidades arqueológicas, observou-se que a U.E. [1006], é composta por pedras calcárias de média dimensão (preservadas no canto Este da sondagem), consolidadas por uma argamassa muito compacta, regular e bastante nivelada, com ocasionais fragmentos de cerâmica de construção de reduzida dimensão, e que se estende por toda a área da sondagem I (Fig. 13).

A escavação da Sondagem I também permitiu observar o alçado Norte da sapata da estátua do ciclope, composta por grandes blocos calcários dispostos de forma regular unidos por uma argamassa muito compacta de cor amarela, encontrando-se assente num depósito castanho, heterogéneo e de pouca compactação. A colocação da estátua do ciclope, por sua vez, também afectou o hipotético pavimento [1006].

Além do pavimento [1006], foram identificadas mais duas calçadas nas valas n.º 2 e n.º 3. Estas calçadas encontrar-se-iam em bom estado de preservação, sem as afectações das actuais infraestruturas.

A calçada [217], foi identificada junto à esquina da capela da Nossa Senhora das Mercês. É composta maioritariamente por basaltos de média dimensão, com raros calcários dispostos de forma irregular. Não foi observável qualquer tipo de argamassa como ligante entre os elementos pétreos.

A calçada [217] encontrava-se coberta pelo sedimento [216], areno-argiloso e de tonalidade castanha-escura, no qual foram recolhidos apenas, pontuais fragmentos de vidro de pequenas dimensões. A escassez de mate-



Fig. 12 – À esquerda a lâmina de sílex e, à direita, dois fragmentos de sílex recolhidos no interior da estrutura negativa [321].



Fig. 13 – Sondagem I junto à estátua do ciclope e a pequena calçada identificada no corte.

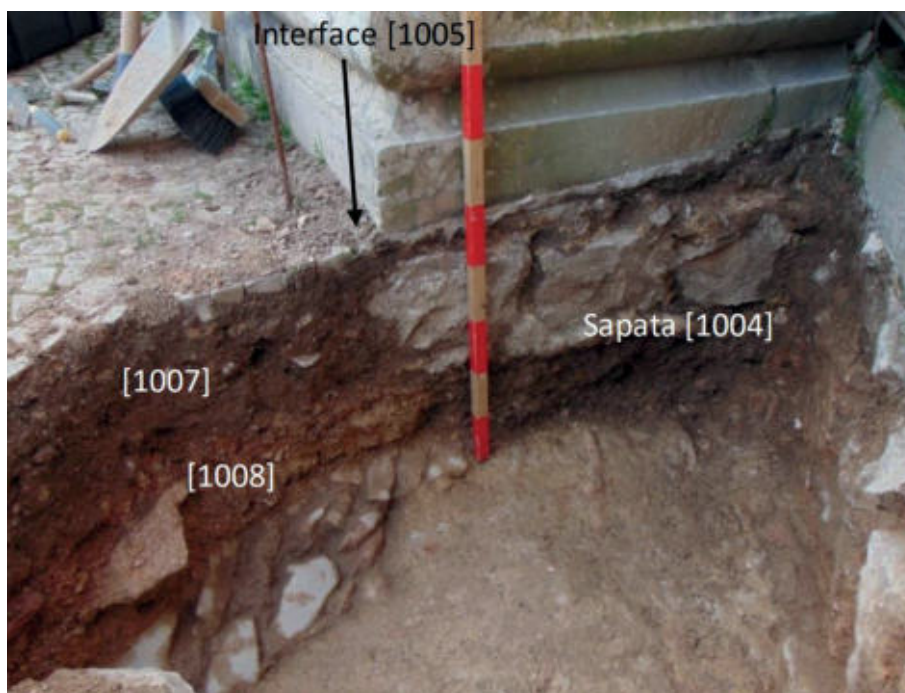


Fig. 14 – Corte Sul da Sondagem I com possível calçada [1006].

riais arqueológicos não permitiu estabelecer um enquadramento cronológico para o momento de desuso deste pavimento.

Ainda no que concerne às relações estratigráficas, verificou-se que a calçada (217) encontra-se adossada ao piso lajeado de entrada da capela da Nossa Senhora das Mercês (Fig. 15).

Na vala n.º3, registou-se a calçada [330] a cerca de 40 metros a Sul da calçada [217], e a poucos metros da porta lateral do Palácio, no acesso à cozinha.



Fig. 15 – Calçada [217] da capela da Nossa Senhora das Mercês.

A calçada [330] estava coberta pelo sedimento [329], um depósito fino e heterogêneo de tonalidade amarelada, com frequentes inclusões de argamassas e nódulos de cal. Contudo, não foram recolhidos materiais cerâmicos que permitissem datar este depósito estratigráfico.

Encostada à fachada do Palácio do Marquês de Pombal, a calçada [330] é composta por basaltos e calcários de média dimensão, dispostos de forma arbitrária e sem ligante entre os elementos pétreos.

Tanto a calçada [217] quanto a calçada [330] não foram escavadas na íntegra, e desconhecem-se os seus limites físicos, pelo que se estendem para além dos cortes estratigráficos das valas. Ambas as calçadas foram protegidas com manta geotêxtil e preservadas *in situ* (Fig. 16 e Fig. 17).

4.2.2 – Algeroz

O pequeno algeroz registado como U.E. [307] foi identificado na vala n.º3 após a remoção do depósito castanho e heterogêneo [301]. Trata-se de uma estrutura com duas paredes rectilíneas, com orientação Oeste-Este, construída com pedra calcária e argamassa amarela-escura, semelhante ao ligante utilizado na fachada do edifício. Numa primeira leitura, parecia trata-se de um caneiro sem cobertura, contudo, a continuidade dos trabalhos permitiu o reconhecimento de uma estrutura associada ao escoamento de águas pluviais [307] por meio de elemento cerâmico embutido na fachada do palácio.

Este algeroz [307] encontrava-se obstruído pelo enchimento [308] castanho muito escuro, homogêneo e pouco compacto no qual não se recolheram materiais arqueológicos.

Numa tentativa de conferir um enquadramento cronológico a este algeroz, admitiu-se que se trata de uma estrutura contemporânea do Palácio do Marquês de Pombal. Contudo, o algeroz apresenta a particularidade de se encontrar imediatamente abaixo de uma das janelas do edifício. Apesar de não terem sido realizadas sondagens parietais que permitissem uma leitura integral destas realidades, é possível considerar a hipótese de estarmos perante diferentes fases construtivas do palácio. O algeroz [307] deveria estar embutido na parede e, em terminado momento, com a construção das janelas no piso térreo, acabou por ser obstruído ou até mesmo destruído (Fig. 18 e Fig. 19).



Fig. 16 – Calçada [330] afectada por duas infraestruturas.

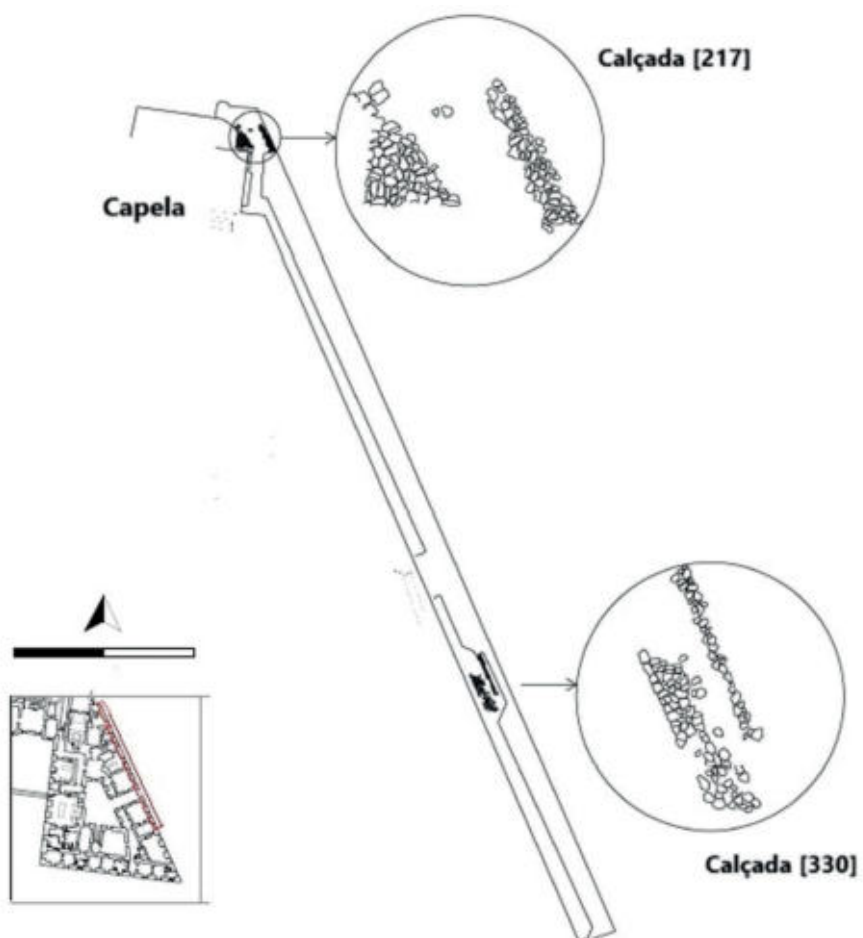


Fig. 17 – Calçadas [217] e [330] junto à fachada Nordeste do Palácio.



Fig. 18 – Algaroz [307] inserido na fachada Nordeste do Palácio.

4.2.3 – Pré-existências ou primeiras fases construtivas do Palácio

Os dois muros [1114] e [1115] foram intervencionados na vala nº11, situada no pátio interno de configuração trapezoidal, que dá acesso à actual cozinha do Palácio. Esta área localiza-se no designado “Corpo Pombalino” do Palácio que, segundo as fontes históricas, foi construído após 1737, ano em que o solar joanino e os terrenos adjacentes foram herdados por Sebastião José de Carvalho e Melo e pelos seus irmãos.

Na extremidade Norte do pátio da cozinha, após a remoção da calçada actual, observou-se um abatimento do terreno que causou a formação de aberturas no sedimento [1104]. Removido este depósito, foi identificada a pouca profundidade a estrutura [1114], de pequenas dimensões e de orientação Oeste-Este. A identificação das realidades arqueológicas e o contínuo abatimento do solo nesta zona do pátio, claramente resultante da infiltração de águas, impossibilitava a execução do projecto. Perante estas dificuldades, determinou-se o alargamento da vala de forma a identificar a origem da infiltração e instalar uma nova caleira de escoamento, contornando as realidades arqueológicas e minimizando o seu impacto.

Após o alargamento da vala, foi possível verificar que a infiltração de águas era resultante da ruptura de uma manilha e registaram-se dois pequenos muros adjacentes: o muro [1114] e o [1115].

Os muros [1114] e [1115] apresentam o mesmo aparelho construtivo: são compostos por blocos calcários de média dimensão e por pontuais fragmentos de material de construção, unidos por uma argamassa amarela-escura muito compacta. Ainda que não estejam perfeitamente orientados, o muro [1114] apresenta orientação Oeste-Este, enquanto o muro [1115], orientação Norte-Este. Em conjunto, as duas estruturas formam uma planimetria em “L”.

Embora não tenha sido possível obter uma leitura integral dos dois muros, tanto em extensão como em profundidade, o que impossibilitou interpretações a nível funcional ou tipológico, foi possível verificar que estes muros não seguem a mesma orientação e alinhamento da configuração actual do Palácio Marquês de Pombal, apresentando um desfasamento em relação à configuração trapezoidal do seu pátio interno (Fig. 20 a Fig. 22).



Fig. 19 – Alçado Nordeste com representação gráfica do Algeroz.

Infelizmente, os poucos materiais cerâmicos recolhidos nesta área, grosso modo cerâmica comum, não permitem estabelecer uma cronologia segura para estes espólios arqueológicos. Embora a análise interpretativa destas estruturas seja insuficiente, estas foram protegidas com manta geotêxtil e mantiveram-se preservadas *in situ*.

4.2.4 – Vestígios no Pátio das Araucárias – particularidades da Sondagem II

A Sondagem II foi aberta no designado “Pátio das Araucárias”, uma plataforma sobrelevada acessível por uma grande escadaria revestida com azulejos. Este espaço é composto por áreas ajardinadas e por namoradeiras.

A arquitectura do pátio foi concebida e projectada de forma a facilitar o escoamento das águas das áreas ajardinadas, que se encontram no topo da plataforma, através de pequenas bicas em redor dos alçados do terraço procurando obter, para além da sua funcionalidade, uma componente estética, criando efeitos de cascata.

A abertura da Sondagem II (Fig. 23) teve como propósito identificar e analisar uma destas estruturas de escoamento de águas, associada a uma bica em meia-cana localizada num dos muros do pátio. Esta pequena bica em pedra calcária (Fig. 24) encontra-se alinhada com uma das namoradeiras do jardim e estaria relacionada, teoricamente, com uma canalização integrada no circuito hidráulico do Palácio.

A sondagem II foi efectuada com as dimensões de 2m de comprimento x 1,5m de largura, observando-se com particular atenção o seu registo estratigráfico. Após a remoção da calçada actual, registou-se o depósito [501], de tonalidade castanha com nuances amarelas, que se estendia por toda a área da sondagem.

Sob este primeiro depósito [501], foram registados dois sedimentos: o [502] de tonalidade castanha-alaranjada com concentrações de materiais cerâmicos; e o sedimento [503] de tom castanho-escuro junto à namoradeira.

Foi primeiramente observada a sequência estratigráfica do depósito [503]. Sob este, registou-se o sedimento [506], moderadamente compacto e de grão fino.

Após a remoção do sedimento [506] atingiu-se a sapata [508] do muro da namoradeira do Pátio das Araucárias. Trata-se de estrutura rectangular composta por fiadas regulares de blocos calcários de média

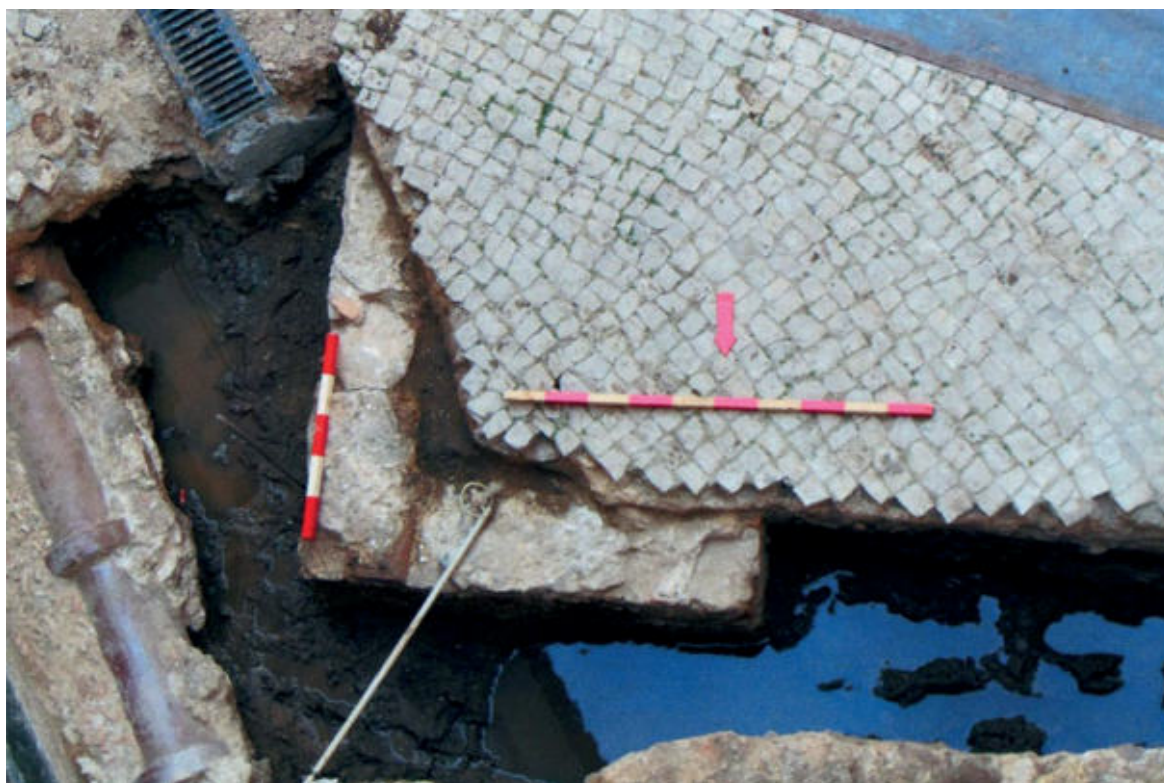


Fig. 20 – Muros [1114] e [1115] na vala nº11.



Fig. 21 – Alçado Norte do muro [1114].



Fig. 22 – Muros identificados no pátio interno de acesso à cozinha.



Fig. 23 – Assinalado a vermelho a localização da Sondagem II no Pátio das Araucárias.

dimensão e por ocasionais fragmentos de cerâmica de construção. Estes elementos são consolidados por argamassa de cor acinzentada bastante compacta. Verificou-se que as unidades estratigráficas [503] – [506] e [508] preenchem a vala de fundação [510], que interrompe os depósitos subjacentes.

A partir do sedimento [502] castanho-alaranjado, a sequência estratigráfica aparentou ser linear. Sob este, registou-se o sedimento [504] heterogéneo e de cor laranja, que, subsequentemente, cobria a U.E. [509].

A U.E. [509] é heterogénea, de cor branca com nuances castanhas, areno-argilosa e pouco compacta, com características semelhantes a cascalho. Dadas as suas componentes sedimentares, bem como a sua regularidade e estado de preservação, configura a presença de antigos níveis de circulação do Pátio das Araucárias (Fig. 25).

Nas áreas onde a preservação da [509] era menor, observou-se o depósito [505]. Após a escavação integral da [509], foi possível ver em extensão toda a U.E. [505], com excepção da área de afectação da vala [510] de fundação da sapata [508].

A U.E. [505] caracterizou-se por grande pacote sedimentar, no qual se recolheram numerosos materiais arqueológicos, como fragmentos de cerâmica comum, cerâmica de construção, cerâmica vidrada e modelada, fauna mamalógica e malacológica. Recolheram-se também em grande quantidade fragmentos de porcelana e faiança com as mais diversas decorações.

Destacam-se ainda dois bojos de um pote *martaban* (Fig. 31) e uma pequena peça oval metálica, possivelmente um medalhão (Fig. 29). Infelizmente, este objecto de adorno não apresenta leitura, com excepção de uma pequena moldura em seu redor.



Fig. 24 – Pequena bica localizada no muro do Pátio das Araucárias.

As características sedimentares do próprio depósito [505], bem como o grande volume de materiais recolhidos, parecem indicar que se trata de um grande pacote de aterro. O conjunto cerâmico recolhido configura uma baliza cronológica entre os séculos XVII e XVIII.

Tendo em conta, a cota em que se encontra a bica de meia-cana, a equipa responsável, procedeu à remoção do aterro [505] com o objectivo de identificar a vala de fundação da estrutura de escoamento de águas. Contudo, durante a escavação do depósito [505], não foi identificada qualquer interface, mas justamente o caneiro [507]. Aparentemente, esta estrutura encontrava-se completamente aterrada pelo depósito [505].

O caneiro [507], com orientação Norte-Sul, encontra-se, em termos gerais bem preservado (Fig. 26 e Fig. 27). Apresenta uma cobertura composta por blocos calcários e por cerâmica de construção, de morfologia quadrangular e de média dimensão, dispostos de forma relativamente regular. Estes elementos estão consolidados por uma argamassa amarela de grão fino relativamente compacta.

Atendendo às necessidades do projecto, deu-se por concluída a abertura da sondagem II não se atingindo maior profundidade. A leitura estratigráfica neste pequeno espaço de 2 m x 1,5 m, induz-nos à premissa de que a área do Pátio das Araucárias parece ter sido concebida de forma bastante premeditada, com um sistema hidráulico previamente planeado. Deste modo, o caneiro [507] estará relacionado com a fonte circular situada a escassos metros entre as duas grandes araucárias.

Após a construção de todos os caneiros que atravessariam esta área, a mesma terá sido aterrada, de modo a criar uma plataforma em terraço, que caracteriza o Pátio das Araucárias. Entre os aterros e despejos utilizados neste processo inclui-se o grande pacote sedimentar [505].

Esta hipótese justifica o facto de o caneiro [507] se encontrar coberto pelo aterro [505] em toda a extensão da sondagem.

Depois de aterrado o Pátio das Araucárias, seria necessário terraplanar e criar níveis de circulação no terraço. Dadas as características sedimentares e a própria regularidade, é aqui que se enquadra o depósito branco tipo cascalho [509] e o depósito cor-de-laranja [504], que cobrem subsequentemente o aterro [505].

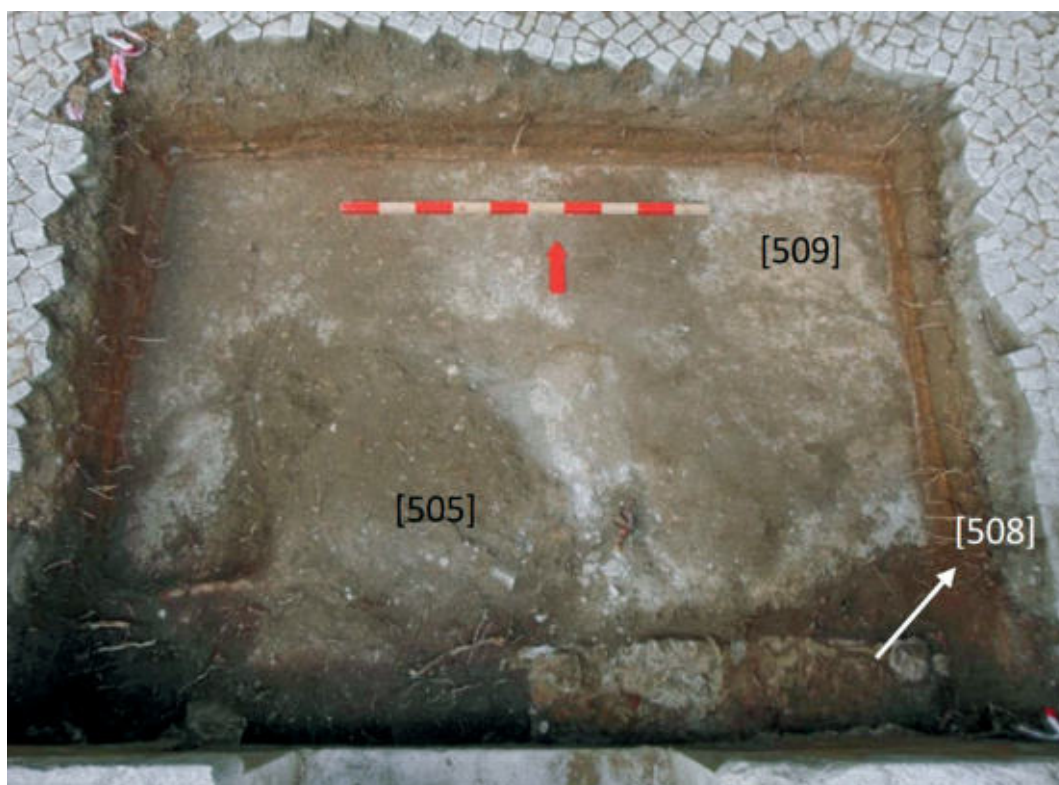


Fig. 25 – Possíveis vestígios de pavimento [509] e sapata [508] do muro.

A fase construtiva mais recente do Pátio das Araucárias corresponde à construção ou remodelação do muro do terraço e das namoradeiras, cuja vala de fundação [510] corta todos os sedimentos [502], [503], [504], [505] e [509].

A interface [510] encontrava-se preenchida pelo enchimento [503] e [506], dos quais foram recolhidos materiais cerâmicos datados entre os séculos XVIII e XIX.

A plataforma do Pátio das Araucárias corresponde seguramente, à fase mais antiga sendo provável que, em determinado momento, tenham sido realizadas alterações no muro do terraço e remodelações no caneiro [507], levando à abertura da vala [510].

Importa frisar que a interface [510] e respectiva edificação da sapata [508] não afectaram o caneiro [507], observando-se um espaço entre a sapata [508] e o caneiro [507]. Esta evidência sugere que, durante a remodelação do muro, a existência do caneiro [507] era já conhecida, tendo a construção da sapata [508] sido cuidadosamente adaptada para evitar a afectação da estrutura hidráulica (Fig. 28).

5 – CONCLUSÕES

Os trabalhos do projecto de reabilitação do Palácio Marquês de Pombal implicaram a abertura de valas e respectiva movimentação de terras a cerca de 50 cm de profundidade. Apesar da pouca profundidade atingida, nas escavações efectuadas, estes trabalhos demonstraram o considerável e significativo potencial arqueológico da área onde se encontra implantado o Palácio.



Fig. 26 – Plano final com o caneiro [507] de ligação à bica.



Fig. 27 – Alçado da namoradeira com o caneiro [507].

Embora neste artigo tenham sido apresentadas apenas as evidências mais relevantes, em todas as valas abertas foram identificados vestígios arqueológicos.

Os restantes testemunhos arqueológicos correspondem ao período contemporâneo e o espólio recolhido engloba vários objectos em ferro, fragmentos de vidro, fauna mamalógica e malacológica, azulejos, cerâmica comum e vidrada, loiça pó de pedra, porcelanas, bem como faianças azuis e policromas que apontam para uma cronologia entre os séculos XVIII e XX. Pontualmente recolheram-se, juntamente com materiais contemporâneos, fragmentos de porcelanas chinesas com decorações atribuíveis aos séculos XVII-XVIII. As faianças identificadas neste projecto, com decoração composta por semi-círculos concêntricos (Fig. 30), são semelhantes à amostra recolhida na Rua Marquês de Pombal e na Rua das Alcássimas (CARDOSO *et al*, 2021; CARDOSO *et al*, 2022).

Assim sendo, as informações arqueológicas ora apresentadas vieram juntar-se às anteriormente conhecidas, proporcionando mais conhecimentos acerca da ocupação humana no centro histórico de Oeiras nos séculos XVII e XVIII, a par das dinâmicas construtivas verificadas no edifício palaciano.

A maioria dos testemunhos identificados enquadram-se nos finais da época moderna e sobretudo na época contemporânea, estando directamente relacionados com a própria edificação do palácio. Porém, merecem destaque os singelos testemunhos da pré-história identificados: as quatro estruturas negativas escavadas na rocha natural e o espólio material referido.

Apesar das diminutas dimensões da vala n.º 3, foi possível identificar quatro interfaces, quase à superfície e sob um fino depósito que continha materiais modernos/ contemporâneos. Em contraste, as interfaces encontram-se preenchidas por materiais de época pré-histórica à semelhança do que foi descrito na breve síntese respeitante ao registo arqueológico do Centro Histórico de Oeiras.

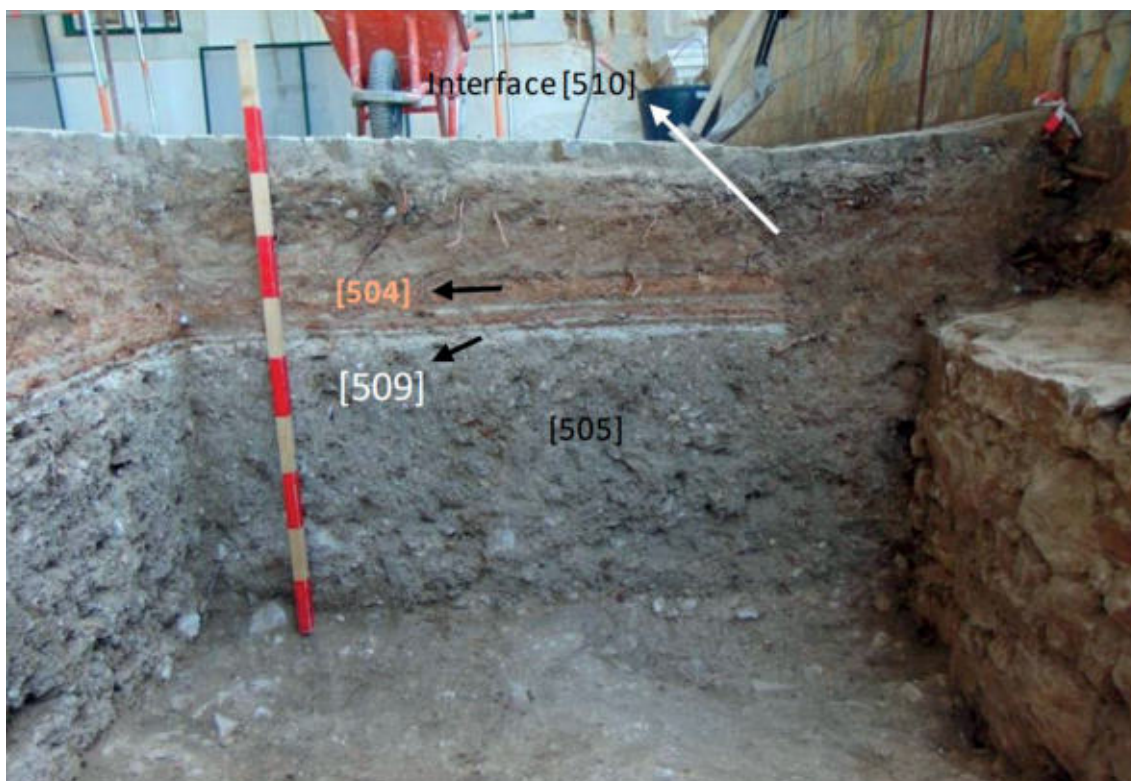


Fig. 28 – Corte Este da Sondagem II.

As características morfológicas irregulares de três das estruturas negativas parecem indicar que são resultantes de um processo natural da acção da água. Todavia, a estrutura negativa [318] e [316] distingue-se seguramente pela sua configuração circular, de paredes rectas verticais, sem todavia a sua morfologia se poder associar seguramente à intervenção humana, cuja presença, contudo, poderá ter aproveitado a forma pré-existente.

Com excepção das quatro estruturas negativas e respectivos enchimentos, não se identificaram outras evidências com cronologias tão recuadas. Verifica-se assim, no local, um grande hiato cronológico entre os vestígios mais antigos de uma fase pré-histórica e os testemunhos associados à construção do edifício pombalino, sendo de sublinhar a total ausência de vestígios romanos, que ocorrem a escassas centenas de metros, a cotas mais elevadas, na Rua Marquês de Pombal.

Com base nas evidências arqueológicas identificadas, podem ser consideradas duas hipóteses para explicar este hiato cronológico. A primeira hipótese está relacionada com a construção do Palácio, cuja implantação sobre o substrato rochoso, terá afectado os contextos arqueológicos mais antigos. Foi tal razão que pode explicar a preservação localizada das quatro estruturas negativas identificadas.



Fig. 29 – Objecto de adorno (possível medalhão) recolhido na U.E. [505] da Sondagem II.

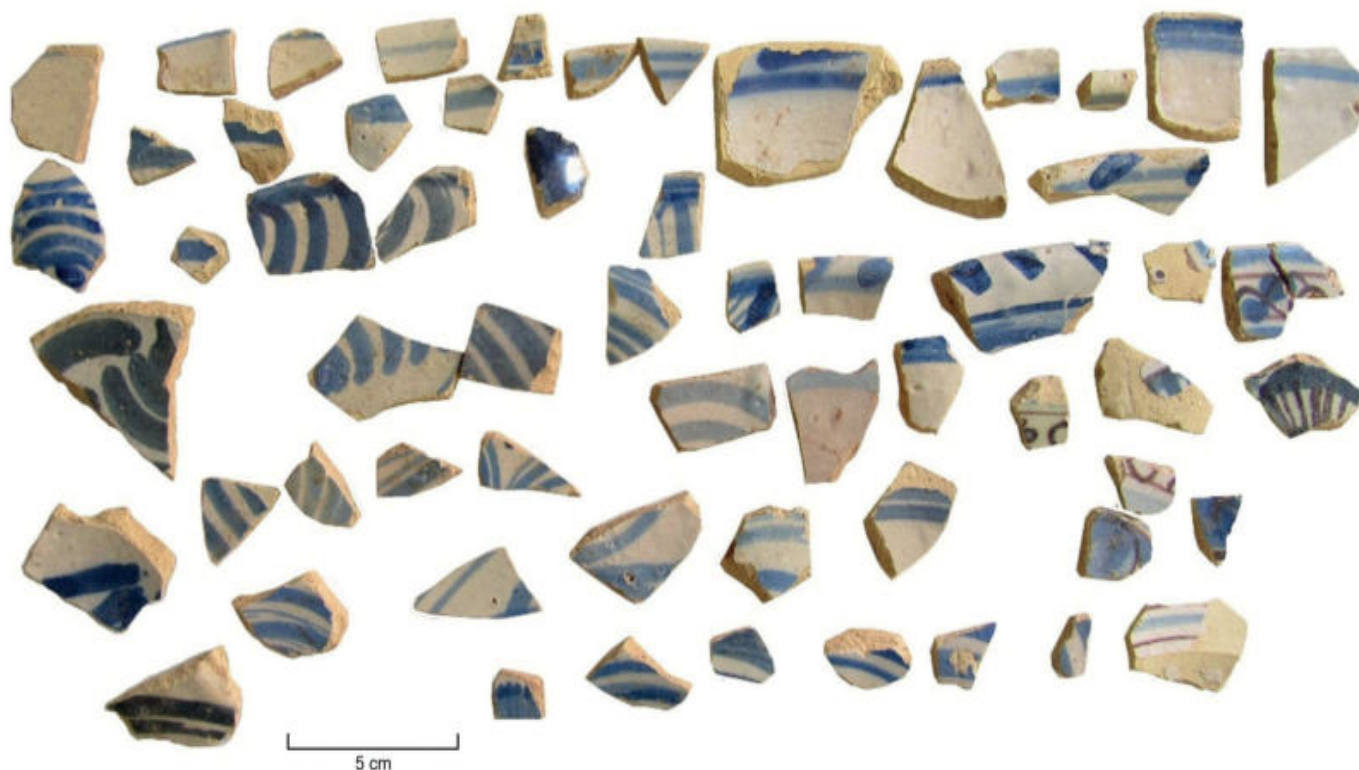


Fig. 30 – Conjunto de faianças recolhidas na U.E. [505] da Sondagem II.

A segunda hipótese não está relacionada com a construção do palácio, mas com a própria área em que este se localiza. Situado numa zona limítrofe à ribeira de Lage, esta área é frequentemente sujeita a inundações, tendo o Palácio, inclusivamente, sofrido com as cheias dos inícios dos anos 80. Dadas tais circunstâncias, talvez as populações humanas pré-históricas tenham preferido estabelecer-se em áreas sobranceiras e mais protegidas, como a Rua das Alcássimas e a Rua Marquês de Pombal, situada a c.300 m a Nordeste, onde se implantou a *villa* romana e onde foram identificadas, nas suas proximidades, ocupações comparáveis.

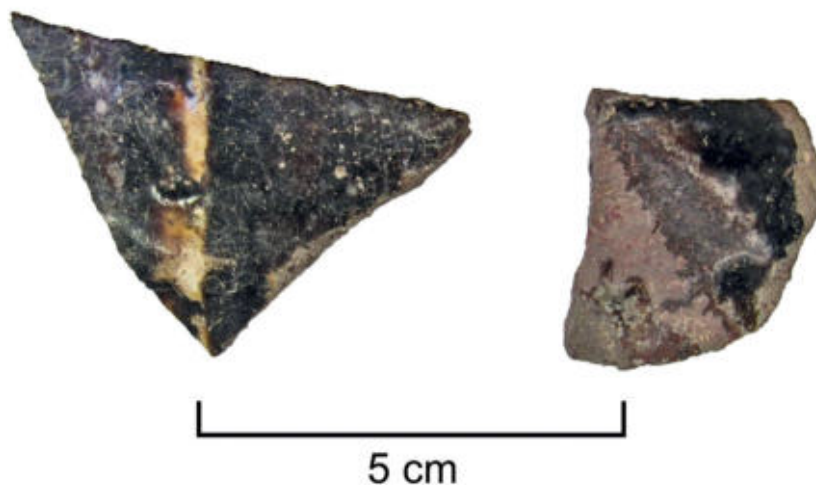


Fig. 31 – Dois fragmentos de martaban recolhidos na U.E. [505] na Sondagem II.

Relativamente aos vestígios de época moderna e contemporânea, foram identificadas várias calçadas, dois muros e um caneiro.

As calçadas foram encontradas no exterior, e ao longo dos muros exteriores do Palácio, sendo ainda identificado no pátio principal, um piso de circulação.

Entre as demais calçadas, destaca-se a calçada [217], localizada perto da capela, e a calçada [330], alguns metros a Sul. Ambas estavam cobertas por depósitos com escasso e pouco representativo material arqueológico. Sobre a calçada [217] recolheu-se apenas um bojo de faiança e cerâmica vidrada plumbífera melada. Sobre a calçada [330] recolheram-se espólios de vidro, fauna, três pregos, um bordo de uma caçola e um bojo de faiança decorada a azul e vinoso. Estes elementos sugerem, embora com pouca segurança, uma cronologia entre os séculos XVII-XVIII correspondendo a fase de desuso destas calçadas.

No que concerne à calçada identificada no pátio principal do Palácio, foi limitada a informação recolhida, dadas as reduzidas dimensões da Sondagem I. Apesar de se poder enquadrar genericamente na época moderna ou contemporânea, dada a sua implantação a uma cota inferior, é de considerar a possibilidade de corresponder a um pavimento de circulação do antigo solar, anterior ao actual Palácio.

Os muros localizados no pátio interno de acesso à cozinha, permitiram apenas leituras parciais devido à limitada extensão da vala n.º 11. Ainda assim, estas duas estruturas levantam questões sobre eventuais fases construtivas do Palácio ou até mesmo sobre pré-existências do actual edifício.

Associados aos dois muros [1114] e [1115] recolheu-se pequeno conjunto de fauna mamalógica, de faiança com motivos vegetalistas e com linhas azuis decorativas, de cerâmica manual e de construção, e de cerâmica comum, nomeadamente um arranque de asa de uma panela. O material arqueológico recolhido parece apontar para cronologia que pode ascender ao século XVI ou XVII, contudo, dada a escassez da amostra, tal conclusão é pouco segura.

No entanto, as orientações dos muros, desalinhadas com o actual edifício pombalino, juntamente com os materiais cerâmicos pontualmente recolhidos, reforçam a hipótese de se tratarem de pré-existências, possivelmente correspondentes às quintas adquiridas no século XVII pelo avô paterno de Sebastião de Carvalho

e Melo. Contudo, apenas a escavação integral desta área do pátio interior do palácio poderá confirmar esta hipótese.

Por fim, o caneiro identificado na Sondagem II, localizada no Pátio das Araucárias, fornece informações sobre o sistema hidráulico que alimenta os diversos tanques e fontes do Palácio. Esta estrutura parece demonstrar que houve um planeamento prévio do circuito hidráulico à construção da plataforma do pátio, que foi subsequentemente aterrada e terraplanada no século XVIII. Esta conclusão tem por base a análise do espólio arqueológico realizada e vai ao encontro do que nos é transmitido nas fontes históricas relativas à construção do bloco pombalino.

Embora pontuais, os vestígios arqueológicos de época moderna e contemporânea identificados proporcionaram mais um contributo para a compreensão das realidades construtivas do Palácio do Marquês de Pombal. Estas estruturas arqueológicas permitiram complementar a escassa documentação gráfica e topográfica respeitante às plantas do Palácio e da própria vila. As poucas plantas existentes são elaboradas a escalas que não permitem o registo de informação detalhada e datam apenas do século XIX, momento em que o palácio já se apresentava com a configuração actual.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor João Luís Cardoso, pelo convite endereçado em publicar este contributo nas páginas da presente revista, por si dirigida, e por ter facultado importantes informações, aquando da revisão que realizou do mesmo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. de (1988) – *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros horizonte.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais arqueológicos inéditos do povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 27-45.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (2016/2017) – A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L. (2022) – O povoado pré-histórico de Leceia. Cinquenta anos de trabalhos arqueológicos (1972-2022). *Estudo Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 31.
- CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2020) – O povoamento romano do concelho de Oeiras: antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C. a V d.C.). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 349-376.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. (1993) – Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 4.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (2004) – A ocupação agrária do concelho de Oeiras na época romana. *VI Encontro de História Local do concelho de Oeiras (Oeiras, 2003)*. Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 41-55.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (2022) – As necrópoles da Antiguidade Tardia na região de Cascais e Oeiras. In CARDOSO, G. & NOZES, C. (coord. cient.), *A morte no ager olisiponensis*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 106-117.

- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – A necrópole tardo-romana e alto-medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 407-417.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & MARTINS, F. (2018) – Oeiras na Antiguidade Tardia: alguns materiais recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas na Rua Marquês de Pombal, 3-7 (Centro Histórico de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 24, p. 471-482.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; BATALHA, L. & MARTINS, F. (2021) – A presença romana, visigótica, islâmica e portuguesa no centro histórico de Oeiras: resultados da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 28, p. 277-336.
- CARDOSO, J. L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G.; ANDRÉ, M. C. (2022) – Da Alta Idade Média à Época Contemporânea: resultados dos trabalhos arqueológicos realizados no centro histórico de Oeiras (Rua das Alcássimas) entre 2000 e 2007. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 30, p. 89-188.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; BATALHA, L. & ANDRÉ, M. C. (2023) – Da Idade do Ferro ao final do Império Romano no Centro Histórico de Oeiras: o contributo dos espólios recuperados nas escavações realizadas entre 2000 e 2007. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 32, p. 263-346.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L.; LOPES, F. P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 301-316.
- CORREIA, V. (1913) – Sepultura romana nos arredores de Oeiras. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 18, p. 93-95.
- DIAS, I. (2017) – Arqueologia Urbana em Oeiras. *Almadán*. Almada. IIª Série, 21 (2), p. 43-53.
- DIAS, R. A. R. (2009) – *A Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras
- ENCARNÇÃO, J. d' (2010) – Oeiras Romana: a compreensível convivência. *Encontros de História e Património. Diálogos em Noites de Verão 2006-2007*. Oeiras, p. 22-37.
- FERNANDES, I. C. F.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2009) – Cerâmicas muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 97-115.
- FRANÇA, J.-A. (1987) – *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Bertrand.
- GOMES, M. (1998) – *O Morgadio e a Vila de Oeiras*. Mem Martins: Câmara Municipal de Oeiras.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 367-406.
- GONZAGA, Raquel (2021) – *Projecto de Reabilitação de Coberturas e Fachadas do Palácio Marquês de Pombal – Trabalhos arqueológicos*. [Relatório final não publicado]
- LEITE, A. C. (1988) – *O jardim em Portugal nos séculos XVII e XVIII – Arquitecturas, programas, iconografias*. Dissertação de Mestrado em História de Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MELO, J. (2013) – O recheio desaparecido do palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras. *Casa Senhorial entre Lisboa e o Rio de Janeiro (sécs XVII, XVIII e XIX) Anatomia dos interiores*. Actas da conferência no Palácio Marquês de Fronteira. p. 105-125.
- MIRANDA, J. (2017) – *Pombal e Oeiras*. Câmara Municipal de Oeiras/Associação Espaço e Memória.
- PEREIRA, M. L. (2018) – *Caracterização geotécnica de rochas vulcânicas de Lisboa – um contributo*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Geológica defendida na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- SANTOS, M. H. C. dos (1984) – *Pombal revisitado: comunicações ao Colóquio Internacional das Comemorações do 2º Centenário da Morte do Marquês de Pombal*. 1. Lisboa: Editora Estampa.
- SERRÃO, J. V. (1982) – *O Marquês de Pombal: o Homem, o Diplomata e o Estadista*. Lisboa: Câmaras Municipais de Lisboa, Oeiras e Pombal.
- VASCONCELOS, J. L. de (1916) – Mosaicos romanos de Portugal: 4. Mosaico de Oeiras. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 142-145.

WOMEN ARCHAEOLOGISTS. A LONG FIGHT AGAINST INVISIBILITY: DOROTHY GARROD, GERTRUDE CATON-THOMPSON, VIRGÍNIA RAU

Ana Ávila de Melo¹

Abstract

Gender Studies in Archaeology and other scientific domains have stressed, over the last three decades, that Women, as much as men, have also developed an important role in all scientific subjects, but the awareness of this fact is far from having the same impact and recognition as the achievements of their male colleagues.

This article wants to emphasize the important work of two Women Archaeologists from the United Kingdom – Dorothy Garrod and Gertrude Caton-Thompson – who developed the main part of their work until the first half of the 20th century. The third case study will present a remarkable Portuguese medievalist – Virginia Rau – who wanted to be archaeologist, but couldn't achieve her aim.

In order to understand the scientific work of these three women, the geographical, social and economic context of their backgrounds will be described, to help understanding their exceptional scientific work.

Keywords: Archaeology, Gender Studies, Dorothy Garrod, Gertrude Caton-Thompson, Virginia Rau

1 – INTRODUCTION

Virginia Woolf asked herself almost a century ago, in an essay, “What is a woman?” and wrote that “I do not believe that anybody can know until she has expressed herself in all the arts and professions open to human skill...” (1931, p. 27). Her words resume the aim of this article – to show how women scientists, and particularly archaeologists had to fight against invisibility and how the increase of Gender and Feminist studies have “rescued” their work from oblivion.

In the last decades, Gender and Women Studies integrate the European and North American universities' curricula, and raised the theoretical debate around the methodologies of feminist historiography. The idea that Women have a different genealogy from that of men has a long tradition in feminist studies. Meanwhile, it is common sense in the domain of Women's History in its initial phase of establishment as an academic discipline. The use of memories and family stories, told by mothers and grandmothers, emerged as a methodology for the Studies of Women in the academic world. According to Andrea Petö and Berteke Waaldijk (2006, p. 17) the idea that the History of Women can be documented through private memories and stories contributed to a reflection on the distinction and hierarchy between the private and the public domains. For the first histo-

¹ ICArEHB (Universidade do Algarve). anaavilamelo@gmail.com

rians, at the turn of the century XX, as the American Mary Beard or the Dutch Johanna Naber (*apud* PETÖ & WAALDIJK 2006, p. 17), the main argument has been that the History of Women was kept invisible because official history described but the public sphere and the History of Women took place, at least most of it, in the private sphere.

Today we can argue, based on facts and documents, that even when Women become social agents and intellectual actors in public domains, their achievements are still overshadowed by the dominant male ideology, and in the majority of cases subject to complete scientific oblivion.

This reality affected all Women who were pioneers in all areas of scientific research. Women Archaeologists, as scientist Women in other domains, were deeply engaged with archaeological research and fieldwork, since the beginning, but they had to fight for the role they played, as their opportunities were not the same as the ones of male archaeologists. Women Archaeologists had to fight for the academic acceptance and the possibility to obtain a University degree.

Since the end of the last century, many articles and books have been published about Women pioneers in Archaeology, the role they played on the development of this science and their forgotten works and personal history. These publications defined new trends on the field of the History of Archaeology, stressing the importance of recovering the biographies and work of all Pioneer Women Archaeologists as means for raising the self-consciousness for all Women Archaeologists in the present “post-modern” society. This was in fact a huge first step.

In this article we will present three case studies of outstanding Women Archaeologists from the United Kingdom – Dorothy Garrod and Gertrude Caton-Thompson – and a Portuguese Medieval Historian – Virginia Rau – who wanted to be an Archaeologist and published several articles on Paleolithic at the beginning of her academic career. Why the choice of these three researchers and not others? The first reason is that all three were interested in Prehistory, both Garrod and Rau knew, in different contexts, the most renowned French Prehistorian Abbé Breuil and Caton-Thompson began her fieldwork in Egypt with Flinders Petrie and Margaret Murray. The fact that all these Women had an academic career, with special emphasis on D. Garrod and V. Rau, was another motive, and the fact that all these three researchers were wealthy, and therefore could continue the research they wanted, in the case of both English Archaeologists. V. Rau, as we shall see, had to change her main research area to Medieval History where she reached an outstanding career, due to the Portuguese Academic context at that time – Archaeology was definitely a male research domain, and even more the Palaeolithic, her main interest.

To understand the contribution of Women in Archaeology it is essential to study their lives, the work they developed, the bibliography about their work and to study the documents in the archives, whenever it is possible, which we did. The contributions of other Women Archaeologists could have been studied, but as we have pointed above, the similarities of the social status and economic contexts of all of these three Women and their main interest in Prehistory was the “link” that lead us to analyse and study these three case studies.

2 – DOROTHY GARROD: A WOMAN BETWEEN MEN IN PALEOLITHIC RESEARCH

For decades, the biography of Dorothy Garrod (1892-1968) was poorly known, and in the academic “milieu” the idea that all her archive was lost was almost a certainty, as no letters, fieldwork notes, paper drafts or photos were known.

In the last decade of the 20th century, while researching the S. de Saint-Mathurin archives at MAN (Musée Archéologique National, Saint-Germain en Laye, France) for her PhD, Pamela Jane Smith found, mixed with the documents of the French Archaeologist, Dorothy Garrod's archive. This was a huge discovery, which led in 1997 to the publication of an article relating this discovery and showing some documents and photos (SMITH *et al.*, 1997). The mixing of these two archives wasn't easy to explain, but two facts were known – both women had excavated together in France, and Dorothy Garrod had many connections with this country (Fig. 1).

Dorothy Garrod was born in Oxford and came from a wealthy family; her father was Regius Professor of Medicine at Oxford University. Both her maternal and paternal grandfather and her uncle were physicians, and her brothers were expected to follow her father and grandfather's career and received a formal education, while Dorothy Garrod, as a girl, wasn't supposed to have a career – by then “even in the most enlightened families, education for daughters was viewed differently from that of sons” (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 381). Dorothy Garrod went to Newnham College, Cambridge and there she obtained a Second Class degree in History in 1916. After leaving Cambridge, during World War I, she served in the Ministry of Munitions and followed her brothers to France with the Catholic Women's League. She was demobilized in 1919 in Germany and joined her parents in Malta, where her father was the head of war hospitals. There she visited the island's spectacular prehistoric antiquities and in 1921 the family moved to Oxford because Dorothy Garrod's father was appointed Regius Professor of Medicine at Oxford. In Oxford Dorothy Garrod registered for the university diploma course in Anthropology, under the direction of Robert Ranulph Marret. According to her student Mary Kitson Clark, “the determination to be a prehistorian, and particularly in the Stone Age, came over her in one second, like a conversion...” (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 382).

In 1921, after obtaining her diploma with distinction, Dorothy Garrod got a “Travelling Scholarship” from the Newnham College, Cambridge, and went to France where she met Abbé Breuil, who agreed to take her as a pupil for two years at the Institut de Paléontologie Humaine in Paris. According to Bar-Yosef and Callender “During her two years with the Abbé Breuil, Garrod showed herself capable of sustained intensive work. In this formative age of French prehistory, no chance could be lost to work with the great men who inspired her as they had inspired her tutor. The French prehistorians were a powerful network and Breuil's patronage inestimable. It is a testament to her abilities and the potential they observed in her that they welcomed this still comparatively young Englishwoman in the field” (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 384). By the end of her stay in France, she had already excavated at Les Eyzies with Denis Peyrony and at La Quina with Henri-Martin, with whose daughter, Germaine Henri-Martin, she became a lifetime friend.



Fig. 1 – Dorothy Garrod at Mount Carmel, Palestine, in 1931. On the left Theodore D. McCown, on the right Francis Turville-Petre. Pitt Rivers Museum Archives, Oxford University (MELO, 2015).

In 1926 the Oxford University Press published Dorothy Garrod's first book *The Upper Paleolithic Age in Britain*, with a preface by Abbé Breuil, who praised Garrod's work (GARROD, 1926a). Dorothy Garrod's first book established her "as a significant figure in British prehistory, and she was ready to begin her own field project. Breuil gave her the opportunity. During a mission to Gibraltar delivering dispatches for his embassy, he had spent a spare hour exploring a Mousterian rock shelter he had found at the foot of the northern front of the Rock, the nearby ruined and picturesquely named "The Devil's Tower." The discovery gave Breuil the right to excavate, but his interests at this time lay more in northern France and England. He therefore suggested that Garrod should take his place" (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 386).

In November 1925, Dorothy Garrod began the first of three excavation seasons at the Devil's Tower (GARROD, 1926b). In her first season she identified seven layers of archaeological material containing Mousterian artifacts resembling those she had seen at La Quina, in France, when she excavated with Henri-Martin. While she worked there, 27 Neanderthal individuals were recovered during the excavations, and particularly important fragments of a juvenile cranium were also recovered. According to Bar-Yosef and Callender "She resumed digging at Devil's Tower in April 1926. On June 11, a controlled explosion to remove a large rock extending into Layer 4 revealed the frontal bone and left parietal of a human skull in the surrounding travertine. During the final season, in October, Layer 4 yielded a mandible, right maxilla, and right temporal 5.50 meters from the location of the first fragments. Despite the distance, Garrod concluded they all belonged to the same, very young individual, whose skull had been removed and preserved "either as a trophy or in fulfilment of a pious rite." Some features were identical to the juvenile from La Quina, and she concluded that these were the remains of a male Neanderthal child aged about five years. This discovery, on her first major excavation, at once established Garrod in her chosen field of Paleolithic study" (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 387). In 1928 her work *Excavation of a Mousterian Rock-Shelter at Devil's Tower, Gibraltar* was published by the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland (GARROD et al., 1928) (Fig. 2).

In this same year she went to Palestine to visit Zuttiyeh cave where her former colleague at Oxford, Francis Turville-Petre, had found a human skull, supposedly Neanderthal in 1925. While in Palestine she visited the Shukbah cave in the Wadi-en-Natuf, where four years earlier the Jesuit Père Alexis Mallon had "collected flint artifacts nearby and noticed more embedded with many bones in a mass of breccia inside the cave. Père Mallon waived his own right to the excavation in favour of Garrod (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 390). The archaeological excavations in Shukbah cave took place from April to mid-June 1928, and Dorothy Garrod had the collaboration of George and Edna Woodbury; they focused on the main chamber, the largest of the cave's three chambers (GARROD, 1928). "Garrod's preliminary observations were published almost imme-

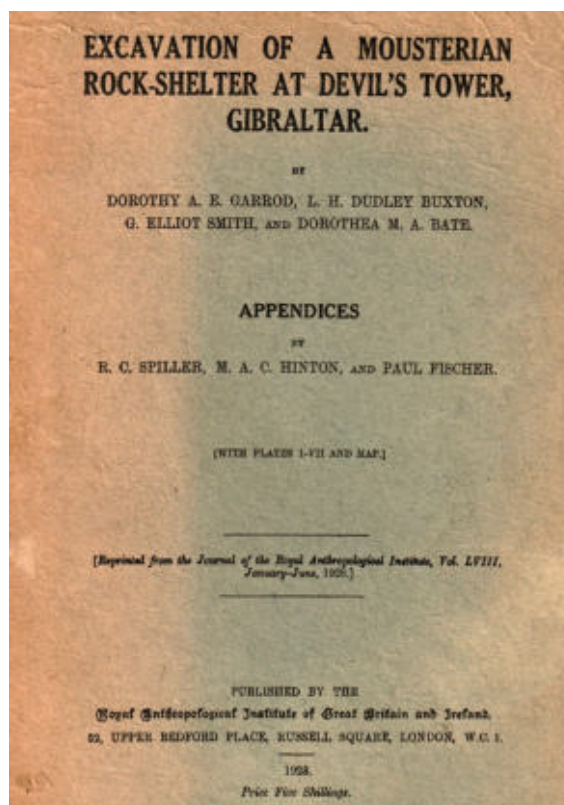


Fig. 2 – Dorothy Garrod's publication of the excavation results at Devil's Tower rock shelter, Gibraltar. Author's Library.

diately after closing the dig, and a fuller description of the burials is given in her later report. The microlithic industry of layer B had been noticed already in Palestine surface deposits, but this was the first time it had been found in stratified deposits. At first Garrod classified it, cautiously, “as a Mesolithic industry of Capsian affinities,” but she later recognized the originality of the composition of this industry, which included sickle blades, lunates and perforators, always accompanied by a rich bone industry. She therefore named it Natufian, after the wadi in which the cave was located” (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 393-392).

Dorothy Garrod returned home on September 1928 and she was unanimously elected president of the Prehistoric Society of East Anglia for this year and, giving her presidential address in London, in the Society of Antiquaries. This was a crucial year in her career, with the publication of Gibraltar’s excavations and the beginning of her archaeological research in Palestine where she identified the Natufian culture (GARROD, 1932, 1957).

Ernest T. Richmond, Director of Antiquities for Palestine asked Dorothy Garrod to direct and begin excavating at Mount Carmel, which she did, starting in spring 1929. The excavations at Mount Carmel had lasted seven years. Mary Kitson Clark, a young graduate from Girton College, Cambridge that was part of the team since the first season and Jacquetta Hopkins (later Hawkes) give a powerful testimony of the ambiance they lived during the excavations under Dorothy Garrod’s direction. They both recall that, during leisure times, her natural shyness disappeared and she showed her strong sense of humour and gladly discussed music, art and literature. Dorothy Garrod’s final season in Mount Carmel was in 1934, and then she began preparing the huge amount of data for publication.

Dorothy Garrod’s work in Palestine undoubtedly laid the foundations for the study of the Palaeolithic in the Middle East and particularly in Palestine, but she also worked in Kurdistan and she visited the Jisr Banat Yaqub in northern Jordan valley with the geologist Elinor Gardiner, where they found Acheulean bifaces and “the typology and associated fauna convinced Garrod that these were older, probably much older, than anything found in the caves” (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 401). She identified the famous site Gesher Benot Ya’aqov that has been excavated for the last decades under the direction of the Israeli archaeologist Naama Goren-Inbar.

During her working seasons in Palestine she had the collaboration of the pioneer archaeozoologist Dorothea Bate, who has worked with other pioneer Women Archaeologists, like Margaret Murray or Gertrude Caton-Thompson. Dorothea Bate joined her in Mount Carmel last excavation season in 1934. In 1937 she published the first volume of *The Stone Age of Mount Carmel* (GARROD & BATE, 1937), that “marked a formidable achievement in the prehistory of the Levant ... Hence Garrod’s volume established a new standard for its time. Oxford University recognized this achievement by awarding her a B.S. degree. Even today, the volume is a useful source of information...” (BAR-YOSEF & CALLENDER, 2009, p. 402).

She returned to Cambridge and in May 1939, the accomplished Palaeolithic archaeologist, Dorothy Garrod was elected Cambridge’s Professor of Archaeology – The Disney Chair -, becoming the first woman to hold a Chair at either Cambridge or Oxford. Let us add that the Disney Professorship of Archaeology was created in 1851 and until today, Dorothy Garrod was the first and the only female archaeologist to hold this Chair.

In 1952 Dorothy Garrod, like Gertrude Caton-Thompson before, was elected Fellow of the British Academy, and again like Gertrude Caton-Thompson before her, she presented in 1962 the Huxley Lecture entitled *The Middle Paleolithic of the Near East and the Problem of Mount Carmel Man*. The Huxley Lecture was instituted in 1900 in memory of Thomas Henry Huxley and is the highest honour at the disposal of the Royal Anthropological Institute. It is awarded annually, by ballot of the Council, to a scientist, British or foreign, distinguished in any field of anthropological research in the widest sense. The lecture is normally given at a

special meeting of the Institute in November and is followed by the presentation of the medal, and published by the Royal Anthropological Institute. In 1965 she received the “Order of the British Empire (OBE)” and in 1968 the Society of Antiquaries assigned her the Gold Medal, again becoming the first woman to receive it in two hundred years.

William Davies and Ruth Charles edited a book in her honour in 1999, to celebrate 60 years of her appointment to the Disney Chair. Colin Renfrew, then the holder of the Chair, wrote in the Preface “Dorothy Garrod’s work has a continuing relevance today, which outlives that of many of her contemporaries. It is remarkable, thirty years after her death (and well beyond a century after her birth), that a volume of studies should be dedicated to her memory and to the issues in prehistory which she raised. On reflection it is even more remarkable that her contributions have not been more widely recognised, and that is the first such volume to be published... and so far there are no published biographies devoted to her life and work (where Childe has been subject of at least three)... She illuminated, indeed in some cases she initiated, avenues of research which seem even more clearly today than thirty years ago to address some of the central issues of prehistoric archaeology.” (1999, p. IX).

3 – GERTRUDE CATON-THOMPSON: BETWEEN EGYPT AND ZIMBABWE

Gertrude Caton-Thompson (1888-1985) was born into a well-to-do family, was privately educated and had sufficient means to lead a comfortable life of leisure. But in 1910 she moved with her mother to London and engaged herself as suffragette to fight for British Women voting rights and become joint secretary of the London branch of the association. In 1911 she helped organizing a meeting at the Albert Hall that raised four thousand pounds. She could – and did for a while – enjoy a pleasant life as a wealthy woman, but after working as Arthur Salter’s private secretary in 1919 in the Peace Conference in Paris after the I World War she decided that she wanted to be an archaeologist (DROWER, 2009, p. 351) (Fig. 3).

She had by then decided to train for a career in archaeology, and in the summer of 1921 enrolled in Egyptology classes at University College London with Flinders Petrie and Margaret Murray. She also studied Palaeontology with Dorothea Bate at the Natural History Museum. Gertrude Caton-Thompson’s career as archaeologist began in October 1921 when she joined Petrie’s excavation team at Abydos, Egypt. At that time Egypt’s prehistory was scarcely known, and even the director of the Egypt’s Geological Survey, Dr. Hume, stated “that the Paleolithic did not exist in Egypt” (DROWER, 2009, p. 355), but she found quantities of flint implements of Mousterian date on her way back to Cairo, before she returned to England.

These two first major archaeological excavations paved the path for Gertrude Caton-Thompson’s futures expertise as a major fieldwork archaeologist and a keen archaeological researcher. After she returned to England she went to Cambridge, where she developed her knowledge in areas such as Geology, Palaeontology or Anthropology, which she deemed important to conduct archaeological research in Prehistory.

She returned to Egypt after her three-term stay in Cambridge, and one might say that she had innumerable important achievements during her remarkable archaeological excavations at Badari. She first excavated the tombs with Petrie’s assistants, Guy and Winifred Brunton, but then she decided to look, on her own initiative, for a settlement, which she did at Hammamiya. In 1928 the British School of Archaeology in Egypt published Gertrud Caton-Thompson and Guy Brunton’s *The Badarian civilisation and predynastic remains near Badari* that presented the results of their work in the Badari region (BRUNTON & CATON-THOMPSON, 1928) (Fig. 4).



Fig. 3 – Gertrude Caton-Thompson, Cambridge, 1938. The Royal Anthropological Institute (MELO, 2015).

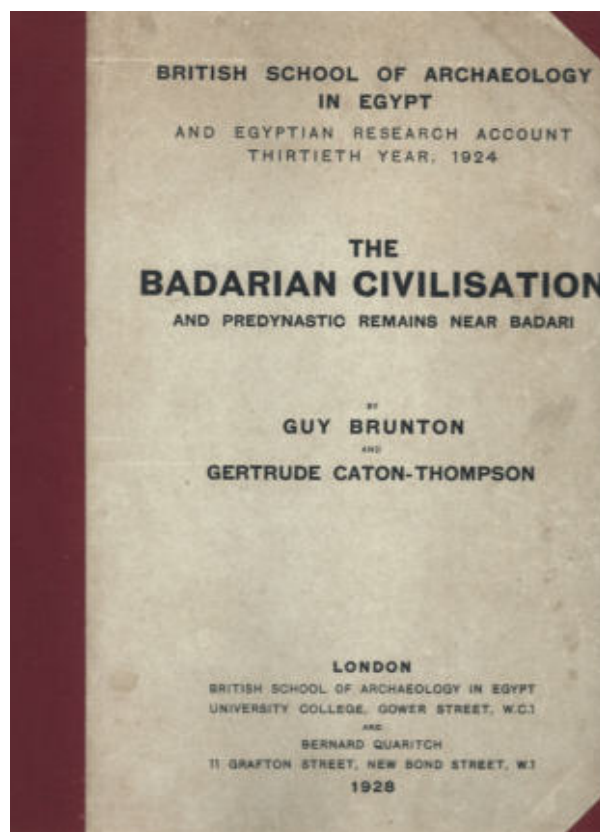


Fig. 4 – G. Brunton and Gertrude Caton-Thompson, *The Badarian Civilization and the Predinastyc Remains near Badari*, 1928. J.L. Cardoso's Library.

In the late 1920s Gertrude Caton-Thompson and the geologist Elinor Gardiner, a Cambridge graduate, started the survey of the Fayum desert with the financial support of the Royal Anthropological Institute. The first results were published under the title *Explorations in the Northern Fayum* in *Antiquity's* first volume in 1927, and in 1934 the Royal Anthropological Institute published in two volumes *The Desert Fayum* by Gertrude Caton-Thompson and Elinor Gardiner (CATON-THOMPSON & GARDINER, 1934).

In 1928 she was invited to conduct archaeological excavations in the stone-built ruins of Great Zimbabwe, in order to shed light on its origins and the true identity of its builders. Again she chose two young women to help her on this huge task: D. Norie, an architectural student that did all the drawings, including those for the final publication, and a young archaeologist, recently graduated from Oxford, Kathleen Kenyon who also became famous for her new excavation method and the archaeological work she conducted in the Middle East. This is very interesting because it shows that these Women Archaeologists were not isolated cases and were able to establish a sort of network with other younger Women Archaeologists, e.g. the case of Margaret Murray with Caton-Thompson, and of Caton-Thompson with Kathleen Kenyon. In fact, Gertrude Caton-Thompson did most of her fieldwork and archaeological research with other women. Again she published the first results of Zimbabwe's expedition in *Antiquity's* volume 3, in 1929 but in 1931 Oxford Clarendon Press published her work entitled *The Zimbabwe Culture: Ruins and Reactions* (CATON-THOMPSON, 1931) (Fig. 5).

(a)
↓

PLATE XV



← (b)

← (c)

I

↑
(d)



2

ZIMBABWE: MAUND RUINS

1. Platform 10, with abutting Daga Mound IV (a). (b) Entrance 10-11 with door-jamb. (c) Cement floor, overlying flagged pattern (d)
2. Platform 26. (1) Hill-wash. (3) Granite cement floor. (4) Daga Mound VII which blocked Entrance 27-28

Fig. 5 - G. Caton-Thompson, *The Zimbabwe Culture. Ruins and Reactions*, 1931.
Photos of the excavations directed by the author. J.L. Cardoso's Library.

The GEOGRAPHICAL JOURNAL

Vol LXXX No 5



November 1932

THE PREHISTORIC GEOGRAPHY OF KHARGA OASIS:
A paper, read at the Evening Meeting of the Society on 9 May 1932, by

G. CATON-THOMPSON AND E. W. GARDNER

IT is gratifying to address a Geographical Society on prehistoric archaeology. For prehistory, that strange compound of archaeology and geology, is still too often thought to be an alarming subject, comprehensible only to its own specialized disciples; and to lie in an exclusive territory of its own, out of reach from the more popular adjacent countries governed by the geographical sciences on the one side, and archaeology on the other. The time has come when those old restrictive frontiers must be revised in the interests of mutual progress; and this Society, each time it opens its doors to the discussion of a subject from over the old boundary, such as "The Prehistoric Geography of Kharga Oasis," is helping on this needed revision. It is clear that any regional geographic study would be considered incomplete if it ignored the historic past. We wish to show that it would be equally defective if it ignored the prehistoric past. Yet that is a study which receives little attention from geographers.

The work in the Kharga depression during the past two seasons, still unfinished, has been a prehistoric survey of a defined area unexplored from that point of view. It has striven to trace human history in that region from the time of man's first appearance in it; to examine the climatic conditions under which, at succeeding stages, he lived; and to synthesize both with the physiological development of the depression. Whilst therefore the intentions of this research are ultimately archaeological and will be dealt with as such in final publication, the lines of approach have been largely geological and physiological. Geography, geology, and archaeology, both historic and prehistoric, have been laid under contribution about equally. This paper brings into prominence the more purely geographical aspects of the results, leaving discussion of the geological and archaeological data to their own specialist publications.¹ Since however the geographical time-scale here established owes its

¹Those already published are: E. W. Gardner, "Problems of the Pleistocene Hydrography of Kharga Oasis," *Geol. Mag.*, September 1932; G. Caton-Thompson, "Prehistoric Research Expedition Reports," *Man*, May 1931 and June 1932; "Kharga Oasis," *Antiquity*, June 1931.

Fig. 6 – First page of *The Geographical Journal*, from November 1932, whose first article corresponds to the preliminary study dedicated to the Kharga Oasis (CATON-THOMPSON & GARDNER, 1932). J. L. Cardoso's Library.

Gertrude Caton-Thompson reached Zimbabwe by land, and shared the journey with an American friend, Mrs Stout, camping in Fayum from where they continued the trip by train and reached Kharga, where she engaged in prospections for a week. What she saw impressed her so much that she wrote to Elinor Gardiner about her findings and obtained the financial support of the Royal Anthropological Institute of London. She published several reports of her expeditions to the Kharga Oasis in 1931 in several journals such as *The Geographical Journal* of the Royal Geographical Society (CATON-THOMPSON & GARDNER, 1932) (Fig. 6) but the complete work *Kharga Oasis in Prehistory* was only published in 1952 by the University of London and thanks to the influence of V. Gordon Childe (CATON-THOMPSON, 1952).

In August 1932, she went to Malta with Margaret Murray and Dr. Edith Guest, Margaret Murray's friend, and there she excavated the Ghar Dahlam cave that revealed some Neolithic pottery and an underlying large amount of animal bones. It is interesting to notice that an article about Dr. Edith Guest's stay in Portugal was also published recently by the author and J. L. Cardoso (MELO & CARDOSO, 2019). The purpose of this expedition was to investigate the megalithic temple of Borg en Nadur. While Murray and Guest were excavating the temple, Caton-Thompson excavated the cave, near the temple where in 1890s several human teeth were found. It was important to confirm whether Neanderthals inhabited the cave, and Caton-Thompson's excavation proved that there was no evidence of Neanderthal occupation of this cave.

The recognition came and in 1932, as she received the Peake Award of the Royal Geographic Society and in 1934 the Rivers Medal of the Royal Anthropological Institute. She was the first woman to be President of the Prehistoric Society, from 1940 to 1946, and the second woman to be accepted as Fellow of the British Academy in 1944. In 1946 Gertrude Caton-Thompson was invited to give the Huxley Lecture entitled *The Aterian Industry: Its Place and Significance in the Paleolithic World*.

The question is, if she did such an important work and was recognised in her lifetime, why is she scarcely mentioned in the majority books on the History of Archaeology?

4 – VIRGÍNIA RAU AND PREHISTORY

In this article I focused on the professional career of Virginia Rau (1907-1973), who wasn't an archaeologist. Given that Virginia Rau was an outstanding Portuguese Medieval Historian, what is the reason for choosing her when debating Women and Archaeology? Precisely because she wanted to be an archaeologist, and just like Garrod and Caton-Thompson she desired to study Prehistory, and also like these two British archaeologists she was a wealthy woman who could afford to pay her education, and didn't depend only of the University's salary to survive. What happened then, that prevented this outstanding medieval historian to become an archaeologist, as she wished to be? (Fig. 7).

Let's go back to 1939, when Dorothy Garrod was appointed to the Disney chair, the II World War begun and Virginia Rau, who had been living abroad for the past ten years, returned to Portugal and enrolled at the University of Lisbon. She wrote on her resume that she finished the High School in 1926 and in 1927 she was admitted in the Faculty of Letters of the University of Lisbon to study Geography, but in 1928 she interrupted the Geography course and went abroad and there she lived for ten years. We don't know the reason why she went abroad, and the little information we have about these years is provided by her resume in which she mentions living in France and Germany, where she attended holiday courses for foreigners and began to do historical research in foreign libraries and archives (MELO & CARDOSO, 2014, p. 514). In the summer of 1939 she worked at the National Library of Paris to conclude her research on Dona Catarina de Bragança, daughter

of the Portuguese king João IV, who became queen of England when she married King Charles II. In spite of the declaration of war in the summer of 1939, she concluded the research and published the biography of Dona Catarina de Bragança (RAU, 1941).

The war brought Virginia Rau back to Portugal. At that time she was already an experienced researcher with several articles and a book published. When she returned to Lisbon she enrolled again in the Faculty of Letters, but now to study History. By then Manuel Heleno was the Archaeology professor at the Lisbon Faculty of Letters. World War II brought to Portugal the famous prehistorian Abbé Breuil who stayed in our country for 17 months, from June 1941 until November 1942. Since the 1930s, Manuel Heleno had excavated important Paleolithic sites such as Arneiro (Rio Maior, Portugal), as well as numerous megalithic graves. He searched international approval for his archaeological excavations and research among foreign archaeologists, such as Hugo Obermaier and the couple Georg and Vera Leisner, in order to have the financial support of the Portuguese authorities for his research purposes. The presence of Abbé Breuil in Portugal during wartime was an opportunity he couldn't waste and Manuel Heleno invited

Abbé Breuil to teach Prehistory at the University of Lisbon in 1942. At that time, Virginia Rau was a finalist student at the Faculty and because she was fluent in French, Manuel Heleno asked her to take notes of Abbé Breuil's lectures and translate them, what she did (MELO & CARDOSO, 2014, p. 530). Abbé Breuil's lectures increased her interest in Archaeology, and particularly in Prehistory. At that time Abbé Breuil had also connections to the Portuguese Geological Survey, namely with the French geologist and archaeologist Georges Zbyszewski and therefore she made the acquaintance with Georges Zbyszewski. Abbé Breuil left Portugal in November 1942, but by then Virginia Rau and Georges Zbyszewski had become friends and worked together at the Portuguese Geological Survey.

In 1943, after her graduation, she was invited by Manuel Heleno to become his assistant in Archaeology, and the majority of her lectures took place at the facilities of the Portuguese Geological Survey (MELO & CARDOSO, 2014, p. 535, 536-537), where she had Georges Zbyszewski's support. Manuel Heleno entrusted her with all the academic tasks, and spent most of the time excavating. She wanted to accompany him in archaeological excavations, particularly in Rio Maior, where he was excavating Paleolithic sites, but he always avoided her presence. Virginia Rau wrote on her resume that in 1945 she went to Arraiolos in southern Portugal with Manuel Heleno and the couple Georg and Vera Leisner and attended the excavation of the Igrejinha dolmen (MELO & CARDOSO, 2014, p. 536). She never did archaeological excavations with Manuel Heleno and she soon understood that it wouldn't ever happen, so she decided to apply for a PhD in Medieval History.



Fig. 7 – Virginia Rau. Portuguese Academy of History Archive (MELO & CARDOSO, 2014).

Although she had chosen to pursue a career in Medieval History, she published several articles on Prehistory, alone or with Georges Zbyszewski as co-author. In 1945 she published an article entitled *Da originalidade do paleolítico inferior no litoral português* in the Spanish journal “Las Ciencias” (RAU, 1945). Later that year, she published with Georges Zbyszewski, R. Flaes and M. Mendes Leal the article *Dos nuevos yacimientos paleolíticos del litoral português* in the Spanish journal “Ampurias” (RAU & ZBYSZEWSKI, 1946).

Although she had obtained her PhD on Medieval History, *summa cum laude*, on February 4th, 1947, she published three more articles on prehistory and archaeology. In 1948 she published *Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940* in the Italian journal “Rivista di Scienze Preistoriche” (RAU, 1948) (Fig. 8). In 1949 she participated on the 16th International Congress of Geography that was held in Lisbon (*XVI^e Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949*), and she published in the proceedings *La Toponymie et le Peuplement du Portugal aux Temps Préhistoriques* (RAU, 1949). She also published with Georges Zbyszewski a guidebook for one of the excursions organized for the International Geography Congress, entitled *Estremadura et Ribatejo. Livret-guide de L'Excursion D* (RAU & ZBYSZEWSKI, 1949) (Fig. 9).

Her work in Prehistory ended with these publications of the International Geography Congress in 1949, even though she maintained several memberships with scientific associations related to Archaeology, such as *Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Portuguese Archaeologist Association), *Instituto de Arqueologia, História e Etnografia* (Institute of Archaeology, History and Ethnography), *Sociedade de Geografia de Lisboa* (Lisbon Geography Society) *Société Préhistorique Française* (French Prehistoric Society) and *The Society of*

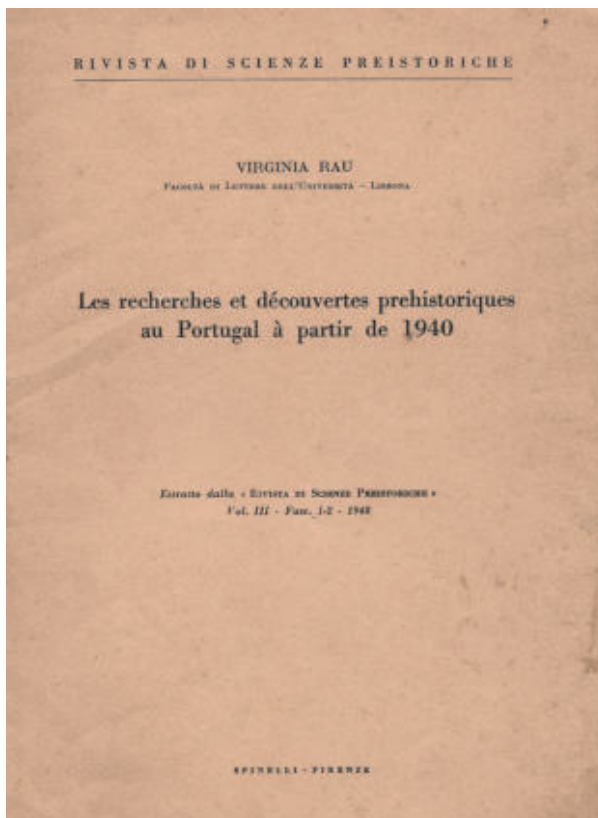


Fig. 8 – Virginia Rau “Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940”. *Rivista di Scienze Preistoriche*, 1948. J.L. Cardoso’s Library..

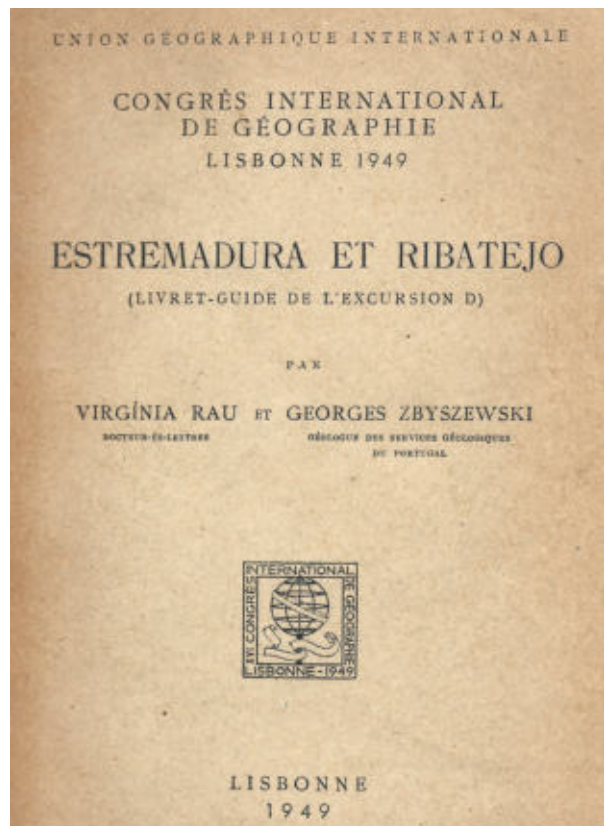


Fig. 9 – V. Rau & G. Zbyszewski *Estremadura et Ribatejo (livret-guide)*, 1949. J.L. Cardoso’s Library.

Woman Geographers through all her academic life. She gave up Prehistory and Archaeology, but her friendship with Georges Zbyszewski remained until her death.

In 1950 she left for the USA, to teach at Berkeley University, being the first Portuguese citizen to teach there. During her first stay in the USA she was invited to be consultant in Portuguese Studies by the Library of Congress in Washington. Her outstanding international career took her later on to other famous universities, such as Columbia, Harvard, Yale, Oxford, Cambridge, University of London and Sorbonne, where she was invited to give lectures and to teach. She had the recognition of European historians, such as Pierre Chaunu, M. Mollat, F. Mauro, F. Braudel, M.M Postan, Ch. Verlinden, Trevor-Roper or Charles Boxer among others. She was awarded the commander degree of the “Al Merito della Repubblica Italiana” Order by the Italian Republic in 1961 and in 1966 she was awarded the “L’Ordre des Palmes Académiques” by the French Republic (MELO & CARDOSO 2014, p. 522, 526). Her last contribution was published in the volume in honour of Fernand Braudel, *Mélanges en l’Honneur de Fernand Braudel*. She died on the November 2nd, 1973 and her international prominence and recognition was ignored and forgotten, even at the Faculty of Letters of Lisbon, where she taught for decades, held a chair on Medieval History and had been the Faculty dean from 1964 to 1969.

5 – AND NOW, CAN WE SPEAK WITH OUR OWN VOICES?

All these three women, Gertrude Caton-Thompson, Dorothy Garrod and Virginia Rau hid themselves behind their scientific work and it was rather difficult for me to “hear their voices.” Only Gertrude Caton-Thompson wrote, at the end of her long life, her *Mixed Memoirs* at the demand of her friends (CATON-THOMPSON, 1983). In this almost unreachable book one has a glimpse of a woman with commitment to women’s rights, archaeological research, a fine sense of humour and with a profound love for music. One of the most moving passages of this book is precisely what she said about Dorothy Garrod’s death in 1968. She wrote “with Dorothy Garrod’s death in December 1968 ended my last direct link with pioneer field-work in the Near East, and a friendship of 46 years. She had set her stamp on Palaeolithic Prehistory, particularly in Lebanon, which will endure for generations” (CATON-THOMPSON, 1983, p. 332) (Fig. 10).

Dorothy Garrod remained more mysterious for decades, and many stories have been told about how she had burned her personal records, until Pamela Jane Smith found her archive, by a lucky hazard, in France, in the late 1990s (SMITH et al. 1997, SMITH, 2000). In some letters Garrod wrote her fine sense of humour appears again. Virginia Rau wrote about herself on her resume just this sentence “Born in Lisbon on the 4th December 1907” but the offprints of her articles she offered Georges Zbyszewski have dedications that show a woman full of joy as well as a scientist with a strong sense of humour. It has been often argued that Women have kept their life stories, feelings and opinions to themselves so they could “protect” their scientific work and be able to obtain at least some recognition of their contemporary fellow archaeologists (MELO, 2015, p. 71).

Colin Renfrew and Paul Bahn wrote one of the most popular Archaeology books, *Archaeology: Theories, Methods, and Practice*, with an important chapter on the History of Archaeology, but only two pages are dedicated to Women pioneers in Archaeology; this scarcely bears witness to the role and the importance of Women pioneer archaeologists on the development of Archaeology and in paving the way for new trends in archaeological research. In this book, Dorothy Garrod has a small entry among male archaeologists where it is written “In 1937 Dorothy Garrod became the first woman professor in any subject at Cambridge, and probably the first woman prehistorian to achieve professorial status anywhere in the world. Her excavations at Zarzi in Iraq and Mount Carmel in Palestine provided the key to a large section of the Near East, from the Middle

Paleolithic to the Mesolithic, and found fossil human remains crucial to our knowledge of the relationship between Neanderthals and Homo sapiens. With her discovery of the Natufian culture, the predecessor of the world's first farming societies, she posed a series of new problems still not fully resolved today" (RENFREW & BAHN, 2016, p. 34)." Gertrude Caton-Thompson instead has a small entry on the two pages dedicated to Women Pioneers of Archaeology.

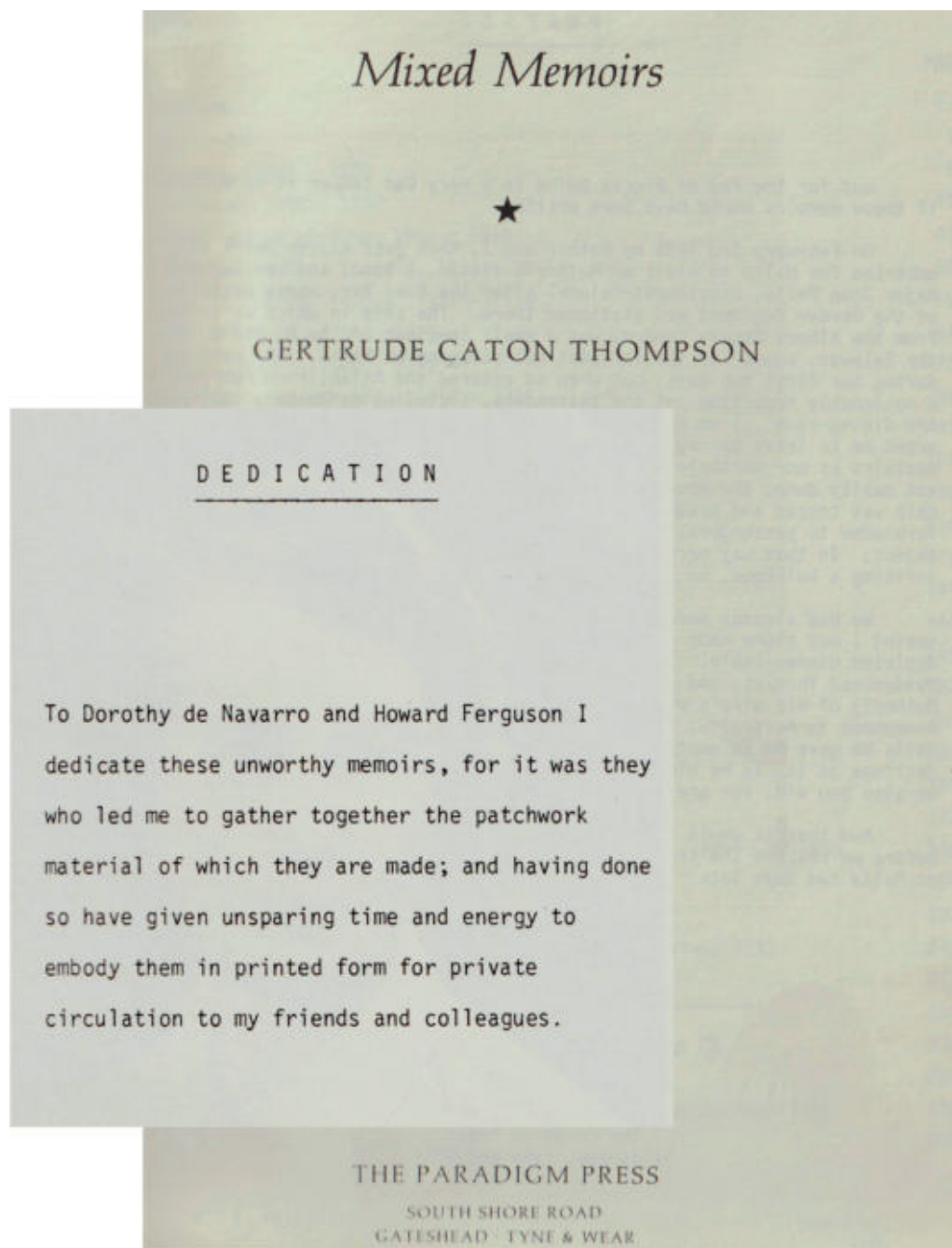


Fig. 10 – Gertrude Caton-Thompson, *Mixed Memoirs*, 1983. Author's Library.

Margaret C. Root comments that “Carolyn Heilbrun notes with great analytical astuteness that autobiographies by women such as our first-generation pioneers, born in the mid-nineteenth century, have a narrative flatness that belies their exciting lives: Above all, in the lives of Victorian and post-Victorian women, the public and private life cannot be linked to the male narrative. These women are able to write exemplary lives; they do not have to offer themselves the models, but only the exceptions chosen by destiny and chance. “(2009, p. 26-27).

According to Margaret C. Root “Any woman of this age who ventured into the archaeological field was clearly a radical nonconformist. The personal histories and motivating forces leading to such nonconformities were, however, highly individual. Some of the pioneer women were feminists or at least had connections to feminists and to the “suffrage movement” (2009, p. 19). This was undoubtedly the case of Gertrude Caton-Thompson, as well as her teacher and Flinders Petrie’s collaborator Margaret Murray. Others, such as Dorothy Garrod or Virginia Rau took their destiny in their own hands and lived the lives they had chosen. As Dorothy Garrod explained “*pas de la chance, c’est courage et persévérance*”, contradicting her student Lorraine Copeland’s remark that she had been lucky (BAR-YOSEF & CALLENDER 2009, p. 414).

Nowadays many Women Archaeologists write and publish about the lives and achievements of these Women pioneers demonstrating that, contrary to what can be deduced from the written official history of the early days of Archaeology, as a scientific discipline, many Women archaeologists were working ever since the beginning of this discipline and developed their research in all possible archaeological domains. Their role in the development of the discipline was fundamental but over time their voices have been silenced and their works strategically forgotten by their fellow male and women colleagues. Why? For Ruth Behar “Women writing self-reflexively are condemned to emotional and pejoratively female; It is considered to be good exposition because it conforms to the established hegemonic code of authorial voicing and pseudo-objectivity. This gendered hierarchy in scholarly writing also operates in archaeological circles - even today. “(*apud* ROOT, 2009, p. 27).

One important issue is to enhance a fact that has always been omitted - these pioneering Women archaeologists have never been alone; they maintained scientific cooperation and interpersonal relationships, and in some cases were linked by bonds of deep friendship with other Women.

Invisibility and silence guided the past and the present of Women pioneers of Archaeology and Prehistory, so now the time has come to rescue their works and their voices. It is therefore necessary to rescue not only the voices but the choir of our predecessors (MELO, 2015, p. 75).

6 – CONCLUSION

This article’s main purpose is to show and stress all the main issues regarding Women invisibilities, particularly in Archaeology, until today, using three case studies and comparing the lives and achievements of the British Women Archaeologists Gertrude Caton-Thompson and Dorothy Garrod, as well as the Portuguese medieval historian Virginia Rau, in order to understand “the path to invisibility”. One may argue that the life and career circumstances of the British Women Archaeologists and the Portuguese Medieval Historian are rather different – that is a fact – but the work and achievements of all these Women have been forgotten and made invisible to the majority of scholars until recent days.

This is an important step, but the question now is “can we speak with our own voices”? Are we aware of our own realities as Women and can we finally answer Virginia Woolf’s question “What is a woman?” Besides being

archaeologists, are we self-identified Women researchers that can acknowledge and value the work of our predecessors Pioneer Women archaeologists? Have we the commitment to rescue them from the shadows of oblivion and bring them to the front stage, to the place they deserve by their own right? The reality is changing and in the last decades many publications about Women Archaeologists bear witness to this turning point. (CONKEY & GERO, 1991; DÍAZ-ANDREU & SORESENSEN, 1998; COHEN – JOUKOWSKY, 2009 just to cite a few pioneer studies on this subject).

Gender studies clearly helped to identify the issue of Women invisibilities during the last decades of the past century. Now, in the 21st century, *we cannot forget and*, for the sake of a clear understanding of different scientific pathways, *should* definitely take into account Feminist theories while approaching Women in Archaeology and science. Having tried to answer Virginia Woolf's question "What is a Woman?" shall we now be able to change Alice Miller's cultural statement *Du sollst nicht merken* and be sufficiently self-identified Women scientists so that, as Women, we can enhance and value the fact that we have a different epistemological subjectivity and performativity? Can we go yet another step further and "be aware", in our scientific and daily lives, of the complexity of the different subjectivities that each one of us represent, thereafter paying respect to the diversity of the *Weltanschauungen* we embody as scientific thinkers? Women are not a minority! In fact there are more women than men in the world. The reality is that we were kicked out of History in all possible domains. If we don't have a commitment and a daily practice of this kind of awareness of our different subjectivities that allows us to *speak with our own voices* (IRIGARAY, 1977), and fight for the respect that it is due to our scientific efforts and contributions, Women will go on being erased from History and our scientific achievements will be strategically silenced, will be "forgotten", although plagiarized and maintained in darkness for centuries to come.

ACKNOWLEDGMENTS

The author would like to thank Professor J. L. Cardoso for the invitation to publish this article, as well as for the provision of some photographs that illustrate it.

The author also thanks Armando Lucena for the final review of the text in English.

REFERENCES

- BAR-YOSEF, O. & CALLANDER, J. (2009) – Dorothy Annie Elizabeth Garrod, 1892-1968. In COHEN, G. M. & JOUKOWSKY, M. S., eds. – *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 380-424.
- BRUNTON, G. & CATON-THOMPSON, G. (1928) – *The Badarian Civilization and the Predynastic Remains near Badari*. London: British School of Archaeology in Egypt.
- CATON-THOMPSON, G. (1931) – *The Zimbabwe Culture. Ruins and Reactions*. Oxford: Clarendon Press.
- CATON-THOMPSON, G. (1952) – *Kargha Oasis in Prehistory*. University of London: The Athlone Press.
- CATON-THOMPSON, G. (1983) – *Mixed Memoirs*. Gateshead Tyne and Wear: The Paradigm Press.
- CATON-THOMPSON, G. & GARDNER, E. W. (1932) – The Prehistoric Geography of Kharga Oasis: a paper, read at the Evening Meeting of the Society on 9 May 1932. *The Geographical Journal*. London. 80, (5), p. 369-409.

- CATON-THOMPSON, G. & GARDNER, E. (1934) – *The Desert Fayum*. The Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.
- COHEN, M. G. & JOUKOWSKY, M. S., eds. (2009) – *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press.
- CONKEY, M. & GERO, J., eds. (1991) – *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*. Oxford: Basil Blackwell.
- DAVIES, W. & CHARLES, R., eds. (1999) – *Dorothy Garrod and the Progress of the Palaeolithic: Studies in the Prehistoric Archaeology of the Near East and Europe*. Oxford: Oxbow Books.
- DÍAZ-ANDREU, M. & SORENSEN, M. L. S., eds. (2011) – *Excavating Women. A history of women in European archaeology*. London; New York: Routledge.
- DROWER, M. (2009) – Gertrude Caton-Thompson, 1888-1985. In COHEN, G. M. & JOUKOWSKY, M. S., eds. – *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 355-379.
- GARROD, D. A. E. (1926a) – *The Upper Paleolithic Age in Britain*. Oxford: Clarendon Press.
- GARROD, D. A. E. (1926b) – Excavation of a Mousterian Site and Discovery of a Human Skull at Devil's Tower, Gibraltar. Abstract and title. *Report of the British Association for the Advancement of Science, Section H*, p. 385-386.
- GARROD, D. A. E. (1928) – Excavation of a Paleolithic cave in Western Judea. *Quarterly Statement of the Palestine Exploration Fund*. 60: 182-185.
- GARROD, D. A. E. (1932) – A new Mesolithic industry, the Natufian of Palestine. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. 62, p. 257-269.
- GARROD, D. A. E. (1934) – The Stone Age of Palestine. *Antiquity*. 30, p. 133-150.
- GARROD, D. A. E. (1946) – *Environment, Tools and Man*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GARROD, D. A. E. (1957) – The Natufian culture: the life and economy of a Mesolithic people in the Near East. *Proceedings of the British Academy*. 43, p. 211-227.
- GARROD, D. A. E. & BATE, D. M. A. (1937) – *The Stone Age of Mount Carmel. Vol.1*. Oxford: Clarendon Press.
- GARROD, D. A. E.; BUXTON, L. H. D.; SMITH, G. E. & BATE, D. M. A. (1928) – *Excavation of a Mousterian Rock-Shelter at Devil's Tower, Gibraltar*. London: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.
- GOUDART, A. (2011) – Archaeology of French Women and French Women in Archaeology. In DÍAZ-ANDREU, M. & SORENSEN, M. L. S., eds. - *Excavating Women. A history of women in European archaeology*. London; New York: Routledge. p. 61-85.
- IRIGARAY, L. (1977) – *Ce sexe qui n'est pas un*. Paris: Les Editions de Minuit.
- MELO, A. Á. (2015) – A Invisibilidade Feminina – Uma Longa Narrativa. Women's Invisibility – A Long Narrative. *Conimbriga*. 54, p. 45-79.
- MELO, A. Á. & CARDOSO, J. L. (2014) – Virginia Robertes Rau: uma medievalista na Pré-História. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, p. 513-548.
- MELO, A. Á. & CARDOSO, J. L. (2019) – An Englishwoman in the Alentejo: Edith Guest and the Study of Megalithism in Portugal in the 1930s. *The Antiquaries Journal*. 99, p. 1-17. <http://dx.doi.org/10.1017/S0003581519000052>
- MILLER, A. (1981) – *Du Sollst Nicht Merken*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- PETÖ, A. & WAALDIJK, B., eds. (2006) – *Teaching with Memories: European Women's Histories in International and Interdisciplinary Classrooms*. Galway: University of Ireland.

- PRICE, K. M. (2009) – One vision, one faith, one woman: Dorothy Garrod and the crystallization of Prehistory. In HOSFIELD, R.T.; WENBAN-SMITH, F.F. & POPE, M.I. – *Great Prehistorians: 150 years of Paleolithic Research, 1859-2009*. London: Lithic Studies Society. p. 135-155. <https://www.academia.edu/469410/>
- RAU, V. (1941) – *D. Catarina de Bragança – Rainha de Inglaterra*. Coimbra: Instituto de Coimbra. 330 p. il.
- RAU, V. (1945) – Da originalidade do Paleolítico Inferior no Litoral Português. *Las Ciencias*. Madrid. X, 3, p. 3-12 + 2 est.
- RAU, V. (1948) – Les Recherches et Découvertes Pré-Historiques au Portugal à partir de 1940. *Rivista di Scienze Preistoriche*. III: 1-2, p. 58-83.
- RAU, V. (1952) – La Toponymie et le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques. In *Comptes Rendues du Congrès International de Géographie de Lisbonne, 1949*. Lisbonne: Union Géographique Internationale. Vol, IV, p. 213-217 + 1 mapa.
- RAU, V. (1953) – Raízes Antigas da Nacionalidade. *Independência*. Lisboa, XI-XIII, n.^{os}, 11-13, p. 67-69.
- RAU, V. & ZBYSZEWSKI, G. (1946) - Dos Nuevos yacimientos paleolíticos del litoral português. *Ampurias*. Barcelona. VII-VIII, p. 23-26 + 7 est.
- RAU, V. & ZBYSZEWSKI, G. (1949) – *Estremadura et Ribatejo (Livret-guide de L'Excursion D)*. Congrès International de Géographie de Lisbonne, 1949. Lisboa. 146 p. + 15 est. + 10 mapas.
- RENFREW, C. (1999) – Foreword. In DAVIES, W. – Charles, R. (eds.) - *Dorothy Garrod and the Progress of the Palaeolithic: Studies in the Prehistoric Archaeology of the Near East and Europe*. Oxford: Oxbow Books.
- RENFREW, C. & BAHN, P. (2016) – *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. London: Thames and Hudson. 7th edition.
- ROOT, M. C. (2009) – Introduction. Women in the field, defining the gendered experience. In COHEN, M. G. & JOUKOWSKY, M. S., eds. - *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 1-33.
- SMITH, P. J. (2000) – Dorothy Garrod, first woman Professor at Cambridge. *Antiquity*. 74, p. 131-136.
- SMITH, P. J.; CALLANDER, J.; BAHN, P. & PINÇON, G. (1997) – Dorothy Garrod in words and pictures. *Antiquity*. 71, p. 265-270.
- WOOLF, V. (1931) – Professions for Women. In *The Death of the Moth, and other essays*. Adelaide: The University of Adelaide. E-book. Available online. <https://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/w91d/chapter27.html>

**HUGO OBERMAIER, PRIMER CATEDRÁTICO DE PREHISTORIA
DE LA UNIVERSIDAD DE MADRID (1922-1939) Y EL INICIO DE LA ARQUEOLOGÍA
ESTRATIGRÁFICA EN ESPAÑA**

***HUGO OBERMAIER, FIRST PROFESSOR OF PREHISTORY AT THE UNIVERSITY
OF MADRID (1922-1939) AND THE BEGINNING OF STRATIGRAPHIC
ARCHAEOLOGY IN SPAIN***

Alfredo Mederos Martín¹

Abstract

Hugo Obermaier was, together with Henri Breuil, the most important Palaeolithic archaeologist in Europe between 1910 and 1939. The excavation of El Castillo Cave (Santander), between 1910 and 1914, with the best stratigraphic sequence for the Upper Palaeolithic in Europe and the writing of *Fossil Man*, the reference manual on the origin of human being, the phases of the Palaeolithic and Rock Art, published in German, Russian, Spanish and English (1912, 1913, 1916/1925 and 1924), consolidated his position.

After beginning to teach in 1921 at Madrid, he became a Professor of Primitive History of Man at the Faculty of Philosophy and Letters of the Central University of Madrid on March 15, 1922; obtained Spanish nationality on June 13, 1924; was named a member of the Royal Academy on June 12, 1925, and attained the rank of civil servant on January 31, 1928. His adaptation to Spanish life led him to resign from the chair of Prehistory at Berlin in 1932 and 1936, which remained vacant pending a change in his opinion.

Until 1925 his main scientific effort was the preparation of a second revised edition of *Fossil Man* for its English (1924) and Spanish (1925) editions. In 1924 and 1925 he attempted to resume the excavation of an important cave in Altamira, but he did not have a comparable stratigraphy and, with the effort, at the age of 48, he fell ill for a few months.

In the second half of the 1920s and the first half of the 1930s, in addition to teaching, the direction of the monthly magazine *Investigación y Progreso – Research and Progress* – (1927-36) occupied a good part of his time, while he was preparing a third, expanded edition, of *Fossil Man*.

By reducing his field work, Obermaier's research was concentrated on North Africa, both in the Paleolithic, in particular the Capsian, and in the Rock Art of Spanish Morocco and French Algeria together with L. Frobenius, and the Rock Art of South Africa whose roots he believed to come from the Capsian, with H. Kuhn. He works also with the publication of a new monograph of the excavations in the Altamira Cave with Breuil, to which they incorporated the new drawings of the 1932 campaign. After the discovery by Porcar in 1934 of an important group of paintings of Levantine Art such as Cueva Remigia and Les Dogues, at the age of 58, he returned to field work together with Breuil.

His main disciples, whose theses he directed or were his assistants, were José Pérez de Barradas, Julio Martínez Santa – Olalla, Martín Almagro Basch, Francisco Esteve Gálvez and Domingo Fletcher Valls.

Keywords: Hugo Obermaier, El Castillo Cave, stratigraphy, Palaeolithic, Rock Art, Chair of Prehistory, University of Madrid, University of Berlin.

¹ Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid. Facultad de Filosofía y Letras. Campus de Cantoblanco. 28.049 Madrid. E-mail: alfredo.mederos@uam.es

1 – INTRODUCCIÓN

Hugo Max Joseph Obermaier nació en Ratisbona – Regensburg – (Baviera) el 21 de enero de 1877, hijo del Director de la Biblioteca Real de Ratisbona, Antonio Obermaier y Josepha Grad, ambos católicos (AGA caja 32/16164; AGUCM P – 628). Su padre era aficionado al coleccionismo arqueológico, principalmente monedas. Este gusto lo heredó su hijo, que al terminar los estudios secundarios, en 1895, con 18 años, realizó con sus compañeros una excavación en la cueva de Kelheim (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 284).

La relación de la familia con la casa real de Baviera, Otón I von Wittelsbach, rey de Baviera entre 1886 y 1913, aunque por enfermedad mental el poder lo ejercía su tío, el Príncipe Leopoldo de Baviera hasta 1912, marcó el carácter de Obermaier, que siempre disfrutaba relacionarse con la clase noble, lo que también le sucedió en España con el conde de la Vega del Sella, el duque de Alba o la reina Victoria Eugenia de Battenberg.

Inició estudios teológicos hasta ordenarse sacerdote católico el 10 de junio de 1900, cuando dio su primera misa (PÉREZ DE BARRADAS, 1948, p. 9). Este aspecto determinó su personalidad, que le dio un carácter de universalista católico, aspecto que priorizó a una nacionalidad. Su país, Baviera, era un estado católico, tradicionalmente orientado hacia otro país católico, el Imperio Austro – Húngaro, hasta que con la victoria prusiana sobre los austriacos en 1866, se integró Baviera en el Segundo Reich en 1870. Los estudios de Obermaier marcan esta dirección, primero a la capital bávara, Munich, y después a Viena. Otro aspecto que suele olvidarse es que su apellido paterno, Obermaier, podía corresponder a una familia con lejanos antecedentes judío-alemanes.

2 – ESTUDIOS UNIVERSITARIOS Y DE DOCTORADO

Empezó a estudiar en 1900-01 en la Universidad de Munich, cuando entonces estaba haciendo su habilitación Ferdinand Birkner, quien la defendió en 1904, si bien no entró en la universidad de Munich como Profesor Auxiliar hasta 1909, escribiendo años después *Der diluviale Mensch in Europa* – El hombre diluvial en Europa – (1916).

Hugo Obermaier continuó sus estudios de licenciatura en la Universidad de Viena entre 1901-04, recibiendo clases de Albrecht Penck, catedrático de Geografía Física de la Universidad de Viena entre 1885-1906, que después pasó a la Universidad de Berlín entre 1906-1925 como director del *Geographischen Instituts* en la Friedrich – Wilhelms – Universität. Su segundo profesor clave fue el padre Moriz Hoernes, entonces *Privatdozent* o Profesor Auxiliar de Arqueología Prehistórica entre 1899 – 1910 y después catedrático entre 1911-17. Hoernes fue un gran especialista en el Paleolítico, con libros como *Die Urgeschichte des Menschen* – La Prehistoria del Hombre (1892), *Urgeschichte der bildenden Kunst in Europa* – Prehistoria del Arte en Europa (1898), *Die diluviale mensch in Europa. Die kulturstufen der älteren steinzeit* – El hombre diluvial en Europa. Las fases culturales de la antigua Edad de Piedra – (1903) y *Natur – und Urgeschichte des Menschen* -Naturaleza y Prehistoria del Hombre (1909).

Se licenció el 19 de julio de 1904 (ZÜCHNER, 1995, p. 51), a los 27 años, con un trabajo de fin de curso sobre *Die Verbreitung des Menschen während des Eiszeitalters in Mitteleuropa* – La expansión humana durante la Edad del Hielo en Centroeuropa – y se doctoró el mismo año con su *Beiträge zur Kenntnis des Quartärs in den Pyrenäen* – Contribuciones al conocimiento del Cuaternario en los Pirineos – (1904), que señala ya su interés por la prehistoria de Francia y la Península Ibérica, de la cual publicó dos resúmenes (OBERMAIER, 1906a y b).

En ambos trabajos se ve la huella de Penck, quien publicó años después *Die Alpen im Eiszeitalter* – Los Alpes en la Edad del Hielo (PENCK & BRÜCKNER, 1909), donde se definieron los cuatro periodos glaciales e interglaciares del cuaternario, Würm, Riss, Mindel y Günz. Además había trabajado sobre España en su artículo de 1894, *Das Klima Spaniens während der jüngeren Tertiärperiode und der Diluvialperiode* – El clima en España durante el último periodo Terciario y el periodo Diluvial –. También se refleja en su primer artículo, *Le Quaternaire des Alpes et la nouvelle classification du Professeur A. Penck* (OBERMAIER, 1904).

3 – LAS PLAZAS DE *PRIVATDOZENT* EN LAS UNIVERSIDADES DE FRIBURGO Y VIENA

En 1904 se había convocado una plaza de *Privatdozent* o Profesor Auxiliar en Prehistoria y Etnografía en la Universidad católica de Friburgo (Suiza), que firmaron Obermaier y Breuil, quien también acababa de licenciarse en 1904. Ambos tenían la misma edad, siendo Obermaier un mes mayor.

Henri Breuil partía con ventaja porque había matriculado su tesis de habilitación en la Facultad de Ciencias de Friburgo, que leyó en julio de 1905, sobre la *Stylisation des figures en ornements dans l'art mobilier de l'Époque du Renne* y contaba con el apoyo del padre Jean Bruhnes (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 59-60), quien detentaba la cátedra de Geografía en la Universidad de Friburgo desde 1896, pasando en 1907 a la cátedra de Geografía Humana de la Universidad de Lausanne.

Después de conocerse en París, pues Obermaier deseaba ampliar allí estudios, un día le comentó a Breuil, “Pienso que en Francia, como eclesiástico, tendrá grandes dificultades en hacer una carrera científica y que, sin duda, yo conseguiré realizar la mía en Viena. Por otra parte, prefiero su amistad antes que la cátedra [sic] de Friburgo, a la que renuncio y le dejo el campo libre” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 162). Este puesto de Profesor Auxiliar lo detentó Breuil entre 1905-08, pasando luego a Profesor Extraordinario entre 1908-10. Esa generosidad fue correspondida por Breuil, quien tres veces en semana pasaba con él las tardes y le enseñaba el Paleolítico francés, el tema de la futura habilitación de Obermaier (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 162). Paralelamente, lo acompañó por buena parte de los principales yacimientos paleolíticos de Francia. Finalmente, con sólo 28 años, ambos figuraron en la secretaría del XIII *Congreso Internacional de Antropología y Arqueología Prehistórica* de Mónaco, pues Breuil ya lo había sido en el congreso de París de 1900. El de Mónaco lo presidía E.T. Hamy y su Secretario General fue René Verneau, beneficiándose que en el lugar previsto inicialmente, Viena, no se celebró.

Ya pronto Obermaier mostró su destreza en lenguas e interés en publicar sus artículos en varios idiomas, y a su primer trabajo en francés (OBERMAIER, 1904), continuó otro sobre los eolitos en alemán (OBERMAIER, 1905a), del cual publicó después una versión resumida en inglés (OBERMAIER, 1905b). Por entonces, los ingresos de Obermaier dependían de la celebración de la misa diaria en un colegio católico como capellán de la Congregación del Sagrado Corazón de Viena (ZÜCHNER, 1997, p. 18).

Se habilitó en la Universidad de Viena en 1908 con *Die Steingeräte des französischen Altpaläolithikums* – Los instrumentos líticos del Paleolítico Inferior francés –, publicada ese mismo año (OBERMAIER, 1908).

El director de la habilitación de Obermaier fue Eduard Brückner, licenciado en la Universidad de Munich en 1885, donde se doctoró en 1886, la universidad donde empezó a estudiar Obermaier. Nacido el 29 de julio de 1862 en Jena (Turingia), al norte de Baviera, Brückner fue Profesor de Geografía Física y Climatología en la Universidad de Berna (Suiza) de 1888 a 1903 y después de la Universidad de Halle entre 1904-06, hasta que pasó a la cátedra en la Universidad de Viena hasta su muerte el 20 del mayo de 1927. Fue coautor de Los Alpes

en la Edad del Hielo con Penck, en el cual utilizaron los afluentes del Danubio en Baviera, Riss, Günz, Mindel y Würm, para dar nombre a las glaciaciones cuaternarias.

Sin embargo, cuando se presentó a una plaza de *Privatdozent* o Profesor Auxiliar en la Universidad de Viena, tuvo en contra a su director. Es erróneo el dato de Breuil (1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 162) que lo cree Profesor agregado en Viena ya en octubre de 1907. Parece que impartía una asignatura equivalente a *Historia Primitiva del Hombre* (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 287).

La principal razón pudo haber sido la marcha de Albrecht Penck, catedrático de Geografía Física de la Universidad de Viena hasta 1906, cuando pasó a la misma cátedra de la Universidad de Berlín. Penck había sido profesor de Obermaier durante sus estudios hasta su licenciatura en 1904, pero no había tenido un trato directo con Brückner que seguramente pasó a ser su director de la habilitación por su amistad con Penck y sucederle en la cátedra de Geografía Física a partir del curso 1906-07, pero no porque tuviese una buena relación de profesor – discípulo. En cualquier caso, ambos estaban redactando su libro más importante, *Los Alpes en la Edad del Hielo* (PENCK & BRÜCKNER, 1909) y la opinión de Penck no era buena sobre Obermaier (1905a y b, 1906a y b) por poner en discusión su modelo glacial en los Pirineos y la interpretación de los eolitos, lo que enfadó a Penck como quedó manifiesto en una conferencia en 1908 en la Sociedad Geológica de Viena, según le señaló Obermaier a Breuil en una carta de mayo de 1908 (LANZAROTE, 2011, p. 67).

Es posible que también influyera en la decisión de Brückner que Obermaier había comenzado a colaborar con otro de sus profesores, Josef Szombathy, por entonces director del Departamento de Antropología del Museo de Historia Natural de Viena. Szombathy había excavado en Willendorf durante 1883-84, al localizarse el yacimiento por la extracción de loess y las actuaciones fueron reanudadas en 1908, debido a la construcción de una vía férrea, bajo su dirección, por un equipo formado por Hugo Obermaier y Josef Bayer entre mayo y julio de 1908, quienes recolectaban materiales. La excavación se inició el 29 de julio, durante la cual se localizó la Venus de Willendorf el 7 de agosto, terminando la campaña en septiembre (NIGST *et al.*, 2008, p. 34-35). Una nueva campaña comenzó en abril, hasta julio de 1909, con Szombathy y Bayer, pero ya no estuvo presente Obermaier.

4 – EL INSTITUT DE PALÉONTOLOGIE HUMAINE EN ESPAÑA Y LA EXCAVACIÓN DE LA ESTRATIGRAFÍA DE LA CUEVA DEL CASTILLO

En 1909 comenzó su investigación en España, a través del príncipe Alberto I de Mónaco, al que conocía del Congreso Internacional de Antropología y Arqueología Prehistórica de Mónaco, quien entonces invitó a Breuil y Obermaier a una cena en el palacio con otros miembros del comité científico (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 129).

El príncipe Alberto señaló a Breuil su interés de iniciar excavaciones en cuevas de Santander, próximas a Altamira, el 31 de diciembre de 1908, proponiendo Breuil la colaboración de Obermaier. Primero visitaron los hallazgos de arte rupestre de H. Alcalde del Río, y después comenzaron sus excavaciones, primero en la Cueva del Valle de Rasines entre el 29 de julio y el 10 de agosto, y después en la Cueva de Hornos de la Peña desde el 11 de agosto. Ya en otoño, desde el 13 de octubre de 1909, el Príncipe Alberto le comentó su intención de fundar un *Institut de Paléontologie Humaine*, una idea de Marcel Boulé, en el cual pensaba contar con Breuil y Obermaier, del que Breuil le entregó un proyecto detallado el 21 de diciembre. Su creación fue anunciada públicamente el 28 de marzo de 1910, la fundación fue el 24 de julio y finalmente la contratación de ambos como profesores el 25 de enero de 1911 (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 129-130, 132, 163-164).

La plantilla estaba formada por Breuil en Etnología Prehistórica, Obermaier en Geología del Cuaternario, Boule en Paleontología y Verneau en Antropología. La falta de salario en su docencia en Viena y los problemas que había tenido con su director para acceder al puesto de Profesor Auxiliar explican que renunciase a continuar en Viena.

Esto empujó a Obermaier a presentar sus primeras breves valoraciones sobre el Paleolítico en la Cordillera Cantábrica (OBERMAIER, 1909 y 1910). A partir de julio hasta septiembre de 1910, se reiniciaron las actuaciones en Santander, ahora centradas en las excavaciones de la Cueva del Castillo, que en la primera campaña se centraron en el desescombro de la cueva. En la segunda campaña, entre abril y mediados de agosto, ya se hizo un primer sondeo y se documentó arte mueble (BREUIL & OBERMAIER, 1912, p. 9-10 Fig. 11, 12 Fig. 13), mientras que Breuil pasó a dedicarse a sus estudios de arte rupestre. La Cueva del Castillo había sido descubierta por Herminio Alcalde del Río (1906, p. 4, 38-39, Fig. 3) en noviembre de 1903, director de la Escuela de Artes y Oficios de Torrelavega, que previamente había gozado del patrocinio para sus prospecciones del príncipe Alberto, donde realizó un primer sondeo de 2 x 1 m, participando significativamente en las tres primeras campañas (BREUIL & OBERMAIER, 1912, p. 9-10; OBERMAIER & BREUIL, 1913, p. 361) y publicó con el *Institut* en 1911 la monografía sobre las cuevas de la región cantábrica (ALCALDE DEL RÍO, BREUIL & SIERRA, 1911) (Fig. 1).

Avisado por un obrero, Hugo Obermaier y Paul Wernert localizaron la Cueva de La Pasiega con arte rupestre el 23 de mayo de 1911, que Breuil comenzó a calcar con ellos desde el 21 de junio, y publicaron como *La Pasiega à Puente Viesgo (Santander – Espagne)* (BREUIL, OBERMAIER & ALCALDE DEL RÍO, 1913, p. 1).



Fig. 1 – Hugo Obermaier y Paul Wernert en la campaña de 1914 en la Cueva de El Castillo (Santander).
Museo de San Isidro, Fondo Pérez de Barradas, FD2005 – 1 – 2727.

En 1912 ampliaron Breuil y Obermaier su área de investigación, visitando el 6 de abril abrigos con arte levantino de Alpera y Tortosilla en Albacete; continuando a otros de Almería en Lubrín, Filabres y Vélez Blanco el 11 de abril; la Cueva de la Pileta (Benaoján, Málaga) el 19 de abril, que publicaron con su descubridor años después, *La Pileta à Benaoján (Malaga, Espagne)* (BREUIL, OBERMAIER & VERNER, 1915); y finalmente los abrigos con pintura esquemática de Fuencaliente (Almadén, Ciudad Real), para terminar en la campaña anual de la Cueva del Castillo (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 164). Obermaier incorporó en 1912 a Paul Wernert para una larga campaña entre abril y agosto que ya completó la secuencia de la cueva (OBERMAIER & BREUIL, 1913, p. 362 fig.).

Este yacimiento fue el centro de la investigación de Obermaier entre 1913-14, y también le sirvió para contactar con otros colegas europeos que asistieron a la excavación. En la primera campaña de 1910 ya les visitó Ferdinand Birkner de la Universidad de Munich. En la siguiente participaron el Dr. Robert Rudolf Schmidt, *Privatdozent* en la Universidad de Tübingen, con su ayudante Paul Wernert, Karl H. Jacob – Friesen, director del Museo de Hanover y Karl Wule, director del Museo Etnográfico de Leipzig en 1911. El barón Gian Alberto Blanc de la Universidad de Roma, el Prof. MacCurdy en la Universidad de Yale en New Haven y el Prof. Henry Fairfield Osborn, futuro Director del *American Museum of Natural History* de Nueva York en 1912. El Prof. Miles Crawford Burkitt de la Universidad de Cambridge, el Padre Teilhard de Chardin, Nels C. Nelson, conservador del *American Museum of Natural History*, el Prof. Jewis Hillebrand de la Universidad de Brno, el Prof. Weule, Director del Museo de Etnografía de Leipzig y Hans Kal Jacob – Friesen, Director del Museo de Hannover, participaron entre 1913-14 (OBERMAIER en CABRERA VALDÉS & BERNALDO DE QUIRÓS, 2002, p. 150-151). Lo que no sorprende porque era el yacimiento del Paleolítico Superior más importante de Europa la estratigrafía más completa del Pleistoceno Superior en Europa, con 18 m de potencia, 26 niveles, , que presentaba entre *ca.* 150.000 y el 9.000 AC (Fig. 2a – 2b).

Durante la estancia de 10 días durante la campaña de 1912 de MacCurdy cerró un acuerdo con Obermaier para hacer una sección sobre la Cueva del Castillo en el American Museum of Natural History, que enviará Nels C. Nelson en julio de 1913 quien remitió seis cajas con útiles, fauna y muestras sedimentológicas para preparar un perfil estratigráfico de la cueva en el museo, aunque la Ley de 7 de julio de 1911 lo prohibía y tampoco informó a M. Boule, director del *Institut de Paléontologie Humaine* (TEJERO *et al.*, 2010: 7-8 Fig. 1).

El estallido de la Primera Guerra Mundial paralizó las excavaciones y aunque en junio y julio de 1932, Breuil, Obermaier y Wernert trabajaron “para acabar de redactar el estudio de los materiales arqueológicos” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 168), éste nunca se publicó.

Esta etapa es el inicio de la madurez científica de Obermaier, quien con 35 años terminó su primera obra importante, *Der Mensch der Vorzeit* (1912), un libro de 592 páginas, del que se editaron 10.000 ejemplares, traducido al ruso en 1913 en San Petesburgo (AGA caja 32/16164), que luego actualizó en una versión más breve para España, *El hombre fósil* (1916), de 397 páginas y sólo 200 ejemplares de tirada. En esta segunda edición española revisada, sus aportaciones más novedosas fueron en el arte paleolítico, como resultado de sus investigaciones con Breuil e información de campo recopilada por todos los miembros de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, en la que empezó a trabajar desde 1914.

Un aspecto importante de esta obra, como resaltó Pérez de Barradas (1947-48, p. 13), es que “era necesario acudir a la Etnología en busca de paralelos etnológicos” al redactar una obra tan voluminosa sobre el Paleolítico. Por ello, “Procedió a la reconstrucción etnológica del hombre paleolítico, ocupándose de las viviendas, del adorno y vestido, de la casa y alimentación en general, del canibalismo, del arte, de las sepulturas y del culto al cráneo, aduciendo ejemplos comparativos de pueblos primitivos actuales como australianos, malayos, micronesios, melanesios, etc”.

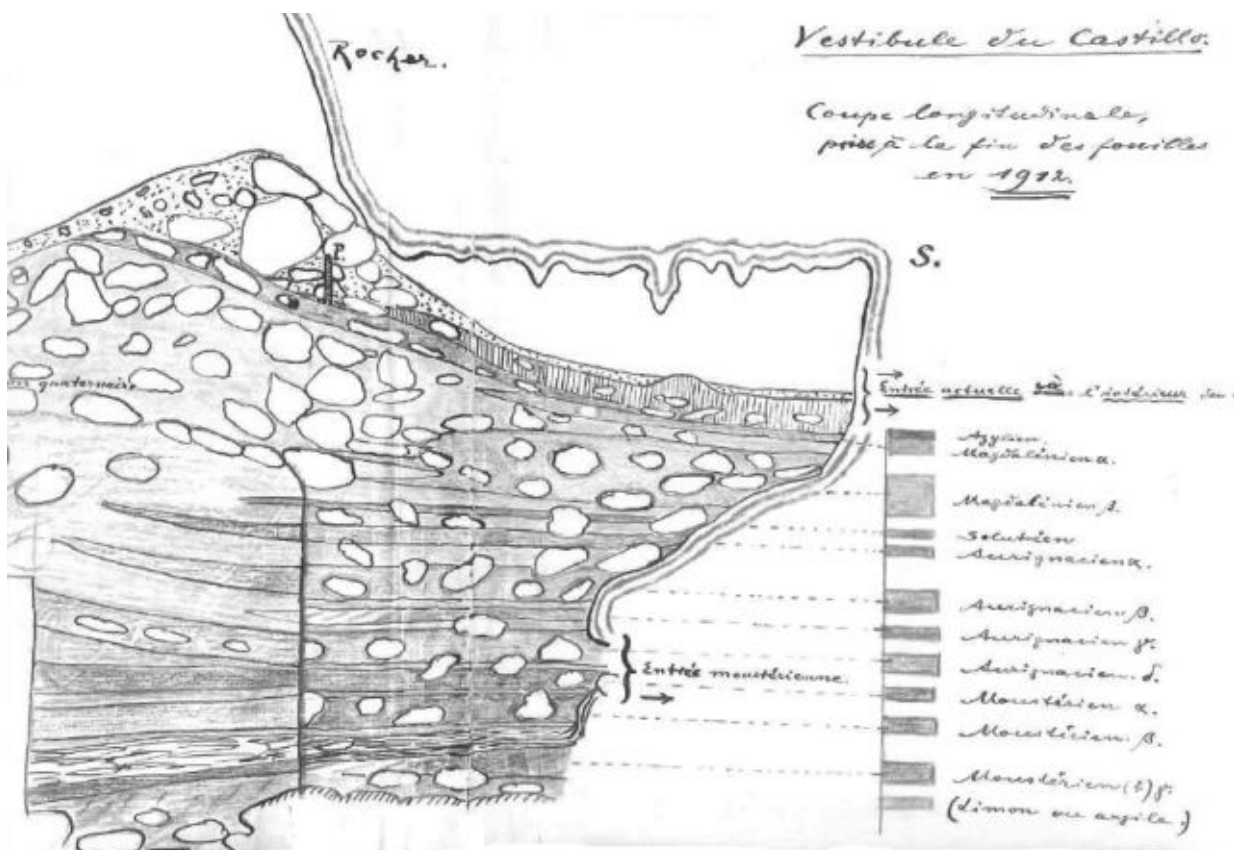


Fig. 2a – Dibujo de Hugo Obermaier de la primera estratigrafía completa de la Cueva de El Castillo, campaña de 1912. *Institut de Paléontologie Humaine* (Lanzarote, 2011, p. 71, Fig. 5).

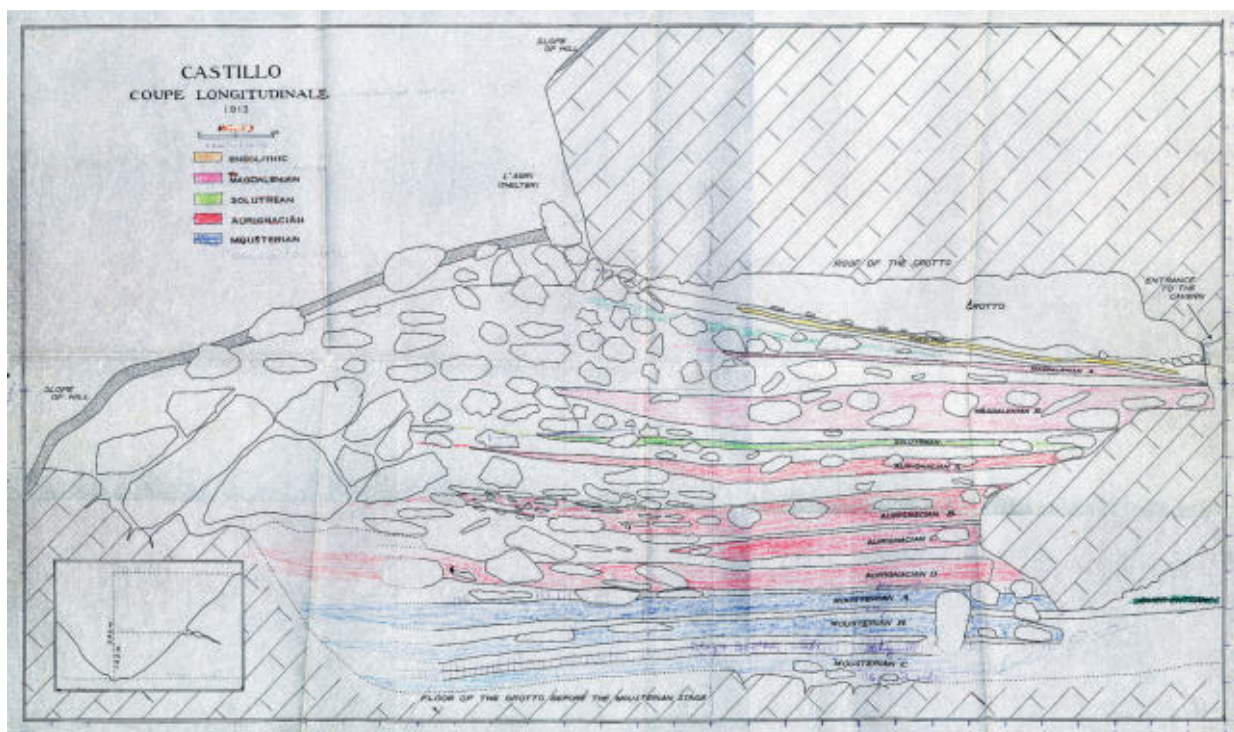


Fig. 2b – Dibujo de Nels C. Nelson de la estratigrafía de la Cueva de El Castillo, campaña de 1913. *American Museum of Natural History* (Tejero, 2010, p. 8 Fig. 1).

El estallido de la Primera Guerra Mundial supuso el final del proyecto que se había creado a través del *Institut de Paléontologie Humaine*, en el que tantas ilusiones pusieron Breuil y Obermaier. Boule lo cesó por su nacionalidad alemana, su casa en París fue saqueada (CARBALLO, 1956, p. 50) y sus deseos de incorporarse al frente como capellán castrense o enfermero militar del ejército alemán se vieron imposibilitados de realizarse por no poder atravesar Francia, aunque pensó embarcar desde Barcelona hacia Génova (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 165; CARBALLO, 1956, p. 51). Su compañero, el padre Pierre Teilhard de Chardin, movilizado por Francia, estuvo como camillero toda la guerra. En marzo de 1921 el gobierno francés le requisó el dinero que tenía en Francia (CASTANEDO & FERNÁNDEZ ACEBO, 2019, p. 55 n. 149). No olvidó esta humillación y dejó de publicar en francés, lengua que dominaba mejor que el español, hasta 1930.

Permaneció durante un mes en Santander en casa de Jesús Carballo (1956, p. 51). Al pensar Obermaier que ya era demasiado tiempo, Carballo (1956, p. 51-52) habló con el conde de la Vega del Sella que le dijo que podía quedarse en Nueva (Llanes, Asturias) durante el tiempo que necesitase a donde se desplazó desde octubre de 1914.

5 – PROFESOR AGREGADO EN LA COMISIÓN DE INVESTIGACIONES PALEONTOLÓGICAS Y PREHISTÓRICAS

Ya desde 1913, había sido propuesto Obermaier como Correspondiente de la Real Academia de la Historia por el marqués de Cerralbo, siendo elegido el 7 de mayo. Mientras trabajaba en la Cueva de El Castillo (Santander), durante el verano de 1914, había otra excavación en la Cueva de la Paloma (Soto Regueras, Asturias), integrada por miembros de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, que presidía el marqués de Cerralbo, donde estaban el conde de la Vega del Sella, Eduardo Hernández Pacheco y Juan Cabré, que conocieron el cese de Obermaier y le propusieron a éste y a Paul Wernert que se incorporasen al Museo Nacional de Ciencias Naturales de Madrid según García y Bellido (1947, p. 288), aunque se ha sugerido que fue el conde de la Vega del Sella y Carballo (1956, p. 52) quienes se lo propusieron a Hernández Pacheco, como director de la sección de Geología, ante de la preocupación de Obermaier de la continuidad de la guerra y tener que quedarse aún más tiempo en Nueva. La propuesta era que Obermaier entrara como Profesor Agregado (AGA caja 32/16164) en Geología, y Wernert como Ayudante Agregado. Los dos se desplazaron a Madrid a inicios de diciembre de 1914 según una carta de Wernert al conde de la Vega del Sella del día 13 (MÁRQUEZ URÍA, 1988).

Ya no disponía de los recursos económicos que había tenido en el *Institut de Paléontologie Humaine*, que le permitía excavaciones anuales y publicaciones a gran formato, por lo que reorientó su investigación hacia el glaciario, el arte rupestre y mantener siempre actualizada su síntesis, *Der Mensch der Vorzeit*. El trabajo de campo lo centró en las inmediatas terrazas paleolíticas del valle del río Manzanares en Madrid.

Esta etapa potenció su carácter introspectivo, dedicándose a prospectar buena parte de las montañas de la península ibérica en compañía de Juan Carandell Pericay, para estudiar el glaciario cuaternario, que suponen además sus primeros trabajos en castellano, en un intento de conocer la climatología cuaternaria de la Península Ibérica (OBERMAIER & CARANDELL, 1914). Las zonas estudiadas incluyeron los Picos de Europa (OBERMAIER, 1914), acompañado por Wernert, Sierra de Gredos (OBERMAIER & CARANDELL, 1916a), Sierra Nevada (OBERMAIER & CARANDELL, 1916b), la Sierra de Guadarrama (OBERMAIER & CARANDELL, 1917a), la Cordillera Central (OBERMAIER & CARANDELL, 1917b), o el sector de Ordesa

(Huesca) en los Pirineos (OBERMAIER, 1921), durante los cuales “ha pasado semanas enteras en las cumbres, durmiendo sobre la roca viva, al aire libre, junto a los neveros” (PÉREZ DE BARRADAS, 1948, p. 10).

Si en cambio valoramos su colaboración con los temas de prehistoria, esta se redujo a una monografía con Eduardo Hernández – Pacheco y Obermaier (1915), *La mandíbula Neandertaloide de Bañolas*. Hernández – Pacheco era catedrático de Geografía y Geología Dinámica de la Universidad de Madrid desde 1920 y el jefe de trabajos de campo y director de publicaciones desde el 3 de junio de 1912 en la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. También destaca la publicación de las pinturas rupestres de la Cueva del Buxu (Asturias) con su primer protector, el conde de la Vega del Sella, la cual había sido descubierta en 1916 por un ayudante del conde, Cesáreo Cardín (OBERMAIER & VEGA DEL SELLA, 1918). Además excavó con el conde de la Vega del Sella en 1916 en La Cueva (Ribadesella, Asturias) y durante octubre de 1916 en la Cueva del Valle (Rasines, Santander) (MÁRQUEZ URÍA, 1974, p. 832), y colaboró con Hernández – Pacheco en el estudio de las pinturas rupestres de Minateda (Hellín, Albacete) (HERNÁNDEZ – PACHECO, 1959, p. 311 y 470; BREUIL, 1920 y 1935/4, p. 46-57).

6 – DAÑOS COLATERALES DE LA PRIMERA GUERRA MUNDIAL, LA ELECCIÓN ENTRE BREUIL O CERRALBO

La razón de esta escasa colaboración estuvo vinculada con su distanciamiento del marqués de Cerralbo, Enrique de Aguilera y Gamboa, por defender a Breuil. La relación entre el marqués de Cerralbo y Breuil era mala desde el enfrentamiento de Breuil con Juan Cabré, miembro de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas desde 1912. Según comenta Breuil en una carta a Bonsor del 4 de febrero de 1914, Cabré se había aprovechado de un yacimiento rupestre de Almería que había visitado cuando trabajaba a las órdenes de Breuil, porque le pagaba a través del *Institut de Paléontologie Humaine* (MAIER, 1999, p. 108-109 carta).

Por otra parte, Breuil (1914 y 1915) se había dedicado a descalificar los estudios de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, sus nuevos competidores (DÍAZ – ANDREU, 2000, p. 374-375; RASILLA & SANTAMARÍA, 2004, p. 22-23). Así escribió dos duras reseñas de los libros, *Las pinturas prehistóricas de Peña Tú* (HERNÁNDEZ – PACHECO, CABRÉ & VEGA DEL SELLA, 1914), la segunda memoria de la comisión, y posteriormente de la tercera monografía, *Avance al estudio de las pinturas prehistóricas del extremo sur de España (Laguna de la Janda)* (CABRÉ & HERNÁNDEZ – PACHECO, 1914), acusándoles incluso de copiar sus calcos, lo que motivó una carta de protesta de Hernández – Pacheco (1915) a la revista *L'Anthropologie*.

En cambio, el marqués de Cerralbo, claramente pro – alemán y contrario al colonialismo científico que existía en el arte rupestre, decidió reservar el n° 1 de las memorias de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas para el libro que estaba preparando Cabré, *El arte rupestre en España*, tema sobre el que estaba trabajando Breuil para una gran monografía, que tardó muchos años en publicarse (BREUIL, 1935). El libro apareció a fines de 1915, cuando ya se habían publicado 6 memorias de la comisión, entre ellas las antes citadas, con prólogo del marqués de Cerralbo, y fue objeto de durísimas críticas por Breuil (1916a y 1916b).

Por otra parte, Breuil era miembro del Servicio Naval francés y realizaba labores de espionaje y propaganda en España, incluyendo una conferencia que dio en el *Institut Français* de Madrid el 19 de mayo de 1915 sobre “La idolatría de la fuerza en Alemania y sus consecuencias”. Al enterarse del texto, poco antes de su

celebración, el marqués de Cerralbo, le criticó duramente en un periódico, a través de uno de sus familiares, el conde de Doña Marina, Narciso José de Liñán y Heredia, lo que supuso la ruptura de relaciones entre ambos.

Como venganza, Breuil incluyó al marqués de Cerralbo en una lista negra de enemigos de Francia, cuando “estaba destacado en el Servicio Naval y estaba al servicio de las fichas de la lista negra, le redacté una con mi firma y, después de la guerra, nunca pudo volver a Francia” como turista (BREUIL, 1943, p. 404 en GONZÁLEZ REYERO, 2007, p. 115).

Dentro de esta batalla, Obermaier no tomó partido por su nuevo jefe, el marqués de Cerralbo, que dirigía la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, sino que justificó a Breuil, ya que éste había hecho lo propio con él cuando fue cesado por Boule. Por medio de Breuil, el príncipe de Mónaco le había llegado a ofrecer incluso apoyo económico para seguir excavando en la Cueva de El Castillo, que Obermaier rechazó porque Boule quería mantener el control de los hallazgos (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002: 165).

La segunda y más importante razón es que a través de Carballo había entrado en estrecha relación con el duque de Alba. Breuil, por entonces trabajando con el coronel Verner, había conocido en 1914, a través de éste a uno de sus mejores amigos, el XIV duque de Peñaranda de Duero, Hernando Fitz – James Stuart y Falcó, que era hermano de Jacobo Fitz – James Stuart y Falcó, el duque de Alba, con el que poco después entró en contacto. Según Ripoll Perelló (1964, p. 21 y 1995, p. 135) Breuil pidió al duque de Alba que protegiese a Obermaier y lo hizo capellán de su casa. Sin embargo, este hecho se lo atribuye Carballo (1956, p. 56-57) a su relación con el duque de Miranda, Luis María de Silva y Carvajal, mayordomo mayor de palacio del rey Alfonso XIII, pues a veces el duque de Alba los llamaba a los dos a comer en Madrid y un día Carballo le habló de Obermaier, invitándolos poco después a los dos al palacio de Liria, donde Obermaier le dedicó su libro sobre *El Hombre Fósil*, que parece la versión más coherente. A partir de fines de 1919 se reunían los dos con el duque de Alba para analizar el proyecto de conservación de la cueva de Altamira (CASTANEDO & FERNÁNDEZ ACEBO, 2019, p. 58 n. 154).

Otros autores consideran que en el conflicto de Obermaier con Hernández – Pacheco y Cabré subyacen problemas “de clanes” (ALMAGRO GORBEA, 2008, p. 422), aunque debió primar la rivalidad científica entre Hernández – Pacheco y Breuil.

No está claro, sin embargo, que Obermaier fuera conciente de las actividades de espionaje que realizaba Breuil, aunque sí mantenían una estrecha relación, por los viajes que éste hizo a España “en el curso de la guerra de 1914-1918, pude verle con mucha frecuencia” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 165).

En la Primera Guerra Mundial, Breuil era miembro de los servicios secretos, como también lo era Raymond Lantier (1957), que en su necrológica de Breuil señala, “Fue en el curso de *la otra guerra*, durante la cual *usted y yo servimos en España*, el momento en que se sitúa nuestro primer encuentro (...) ese día de mayo de 1915”. Ambos se dedicaron a reconocer la costa de Alicante, para vigilar movimientos de los submarinos alemanes, localizando un depósito de combustible para abastecerlos cerca del Peñón de Ifach (CARBALLO, 1956: 54; RIPOLL PERELLÓ, 1995, p. 132, 135), a la vez que estudiaban algunos yacimientos protohistóricos como La Villa y el Tolmo de Minateda (Albacete) (LANTIER & BREUIL, 1930; BREUIL & LANTIER, 1945).

Henri Breuil era una persona muy beligerante, así en la Segunda Guerra Mundial, antes de exiliarse a Sudáfrica el 28 de septiembre de 1942 y trabajar en el *Archaeological Survey* que dirigía su colega C. van Riet Lowe desde su creación en 1935, le indicaba en una carta al Mariscal de Campo británico Jan Christiaan Smuts, Presidente de la Unión Sudafricana entre 1939 – 48, que había que “aniquilar” a los alemanes, lo que sirvió para que este militar le contestase, con cierta ironía, que “Bajo la apariencia de un hombre de paz, usted es un bandido” (RIPOLL PERELLÓ, 1964, p. 30).

La situación llegó a un punto que el marqués de Cerralbo supuestamente “denunció” a Obermaier a la Embajada de Alemania, en 1917. Según Breuil, “Con la ayuda de algunos de sus protegidos, dicho Marqués entregó a la Embajada de Alemania unas cartas mías y de otros franceses recomendando a nuestro colaborador exiliado (...) Se le pidieron explicaciones que dio con dignidad, declarando que sus amistades francesas era[n] demasiado profundas para poder alimentar hacia nuestro país unos malos sentimientos y que todo esto no le impedía ser un leal ciudadano de su patria”. Breuil considera que Cerralbo actuó también irritado porque Obermaier “había discutido las conclusiones megalómanas sobre el yacimiento (...) de Torralba” (BREUIL, 1950 en RIPELL PERELLÓ, 2002: 166). Parte de las acusaciones, que debió aprovechar Cerralbo, venían de los miembros de una expedición etnográfica alemana, dirigidos por el médico y antropólogo físico Hubert Deselaers, procedentes del Camerún que habían pasado a Guinea donde fueron repatriados a España y que estaban trabajando durante la guerra en el Museo Nacional de Ciencias Naturales, que ya acusó de traidor a Obermaier frente a Carballo (1956, p. 53) en el café de *Henar* en la calle de Alcalá y en el *Deutsche Zeitung fur Spanien* de Barcelona a Breuil por sus actividades secretas (CASTANEDO & FERNÁNDEZ ACEBO, 2019, p. 54 n. 148).

Finalmente, según Breuil, en 1921 “el *Koelnische Zeitung* imprimió, bajo la firma del profesor español E. Hernández – Pacheco una denuncia formal contra Obermaier por estar al servicio de Francia” (BREUIL, 1950 en RIPELL PERELLÓ, 2002, p. 166), aunque otros lo atribuyen a Deselaers (CARBALLO, 1956, p. 54). Por el contrario, según Alonso del Real (1991, p. 152), alumno suyo, Obermaier fue “espía alemán”. Si tenemos en cuenta la buena consideración que tenía Obermaier en el Ministerio de Asuntos Exteriores alemán después de la Primera Guerra Mundial, su supuesta colaboración con Francia carece de rigor.

7 – CESE DE LA COMISIÓN DE INVESTIGACIONES PALEONTOLÓGICAS Y PREHISTÓRICAS

Con estos precedentes se entiende mejor la surrealista situación en el barranco de la Valltorta (OBERMAIER & WERNERT, 1919), indicativo de la ruptura de relaciones, cuyas críticas fueron respondidas por Hernández – Pacheco (1919a). Después de las primeras prospecciones de Wernert y de un viaje de Obermaier a fines de marzo de 1917, cuando ambos estaban realizando los calcos entre el 8 y 25 de abril, se presentó a inicios de ese mes Juan Cabré, enviado con seguridad por el marqués de Cerralbo y Hernández – Pacheco en nombre de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, quien realizó con rapidez calcos de las pinturas rupestres y los presentó al mes siguiente, en mayo de 1917, durante el Congreso de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias celebrado en Sevilla.

A ello se sumó la división del barranco con miembros del Instituto de Estudios Catalanes, encabezados por Bosch Gimpera, también interesados en el calco de las pinturas, optándose por “dividir el territorio en dos mitades aproximadas, una para cada grupo, las cuales, después de un plazo señalado, cambiaríamos deportivamente” (DURÁN i SANPERE, 1961; GÓMEZ – TABANERA, 1985, p. 13).

La polémica no terminó aquí y el siguiente trabajo de Hernández – Pacheco, *La Caverna de La Peña de Candamo (Asturias)* (1919b), volvió a ser criticado por Obermaier (1920) en una reseña.

Obviamente, si uno se plantea como pudo continuar Obermaier dos años más hasta 1919, hasta que fue cesado junto con Wernert en la *Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas* (MOURE, 1996, p. 29). No deja de llamar la atención que precisamente uno de sus últimos trabajos con la Comisión, con la que estaba enfrentada desde 1917, fuese la excavación en junio de 1918 del dolmen de Matarrubilla, en Sevilla (OBERMAIER, 1919), alejado de la cordillera cantábrica.

Una de las razones debió ser el conde de la Vega del Sella, desde que residió en su casa de Asturias entre 1914-16, al que después Obermaier (1925, p. vii) dedicó la segunda edición de *El Hombre Fósil* “en testimonio de sincera amistad” y fue su confesor personal. De la familiaridad de los hijos del conde, que llamaban a Obermaier el “tío Hugo” (MÁRQUEZ URÍA, 1988, p. 492), surgió el nombre que luego utilizaron a veces Martínez Santa – Olalla y Pérez de Barradas para referirse en su correspondencia a Obermaier. Otra debió ser el duque de Alba, al menos en 1919, con quien el marqués de Cerralbo no querría entrar en conflicto.

La situación de Obermaier acabó siendo muy incómoda. Al precedente de su enfrentamiento en Viena con su supervisor en 1909, con el estallido de la Primera Guerra Mundial se encontró expulsado de Francia por su nacionalidad en 1914, acusado por otros alemanes en la embajada alemana en España de colaboracionista con los franceses por su amistad con Breuil en 1917 y finalmente cesado de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas en 1919.

8 – EL COLEGIO DE LA VIRGEN DEL PILAR DE LA COMPAÑÍA DE MARÍA EN MADRID Y CAPELLÁN DEL PALACIO DEL DUQUE DE ALBA

Su único medio de subsistencia regular era la misa diaria que impartía en el Colegio de la Virgen del Pilar desde 1914 (CARBALLO, 1956, p. 56), en la calle Melchor Fernández Almagro, de los marianistas o Compañía de María, residiendo inicialmente en el Colegio de los Marianistas en la calle Castelló, que había sido fundada por Guillermo José Chaminade en Burdeos en 1817. La Compañía de María tuvo que marcharse de Alsacia cuando los alemanes anexionaron este territorio después de la Guerra Franco – Prusiana de 1870, emigrando a varios países, entre ellos España, donde se instalaron. La rama femenina es la Sociedad de Hijas de María Inmaculada.

Durante tan mala situación económica, Carballo se enteró del próximo matrimonio del duque de Alba y la marquesa de San Vicente del Barco, María del Rosario de Silva y Gurtubay, dama de la reina Victoria Eugenia, que se produjo en Londres el 7 de octubre de 1920, supuso que el duque abriría el oratorio que tenía cerrado hacía años en el palacio y le sugirió a Obermaier que se propusiese como capellán, lo que fue aceptado por el duque de Alba (CARBALLO, 1956, p. 57; GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 289).

Hugo Obermaier también debía seleccionar y distribuir las ayudas económicas que daba a la caridad el duque de Alba pues Breuil (1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 166) lo llama “limosnero” del duque.

9 – LA TRADUCCIÓN DE *EL HOMBRE FÓSIL*

En este contexto también hay que situar una acción discutible de Obermaier. Él había comenzado excavando en España en 1909, antes de promulgarse la Ley de Excavaciones y Antigüedades de 1911, eso implicaba un sentido de la propiedad de las piezas arqueológicas obtenidas en la excavación que luego se fue superando. Además, los materiales arqueológicos obtenidos de la excavación de la Cueva del Castillo se enviaban a París para su estudio. Por otra parte, estaba en una situación económica difícil. Teniendo en cuenta estas dos premisas, nos encontramos que el 22 de noviembre de 1920, antes que empezase a gestionarse de manera más intensa la solicitud de una cátedra para él por el duque de Alba, escribió al *American Museum of Natural History*, que años atrás le habían solicitado piezas paleolíticas de sus excavaciones, y les ofreció un regalo “gift”, nunca una venta, “never to sell”, a cambio de los costes de envío 176 pesetas, más “700 pesetas” por los

“costes” de excavación en 1914 de “viaje, almacenaje, trabajadores, etc”, que él consideraba buen precio, pues en 1920 los costes de viaje y excavación serían cuatro o cinco veces mayores, indicando que nunca debería figurar su nombre sólo “Mr. B”. Las piezas musterienses, magdalenenses y azilienses procedían de Cueva Morín (Villaescusa, Cantabria), asturiense de la Cueva de la Franca o Mazaculos (Ribadedeva, Asturias), donde el conde de la Vega del Sella excavó en diciembre de 1915, y quizás piezas paleolíticas de las terrazas del río Manzanares, que acabaron llegando el 8 de marzo de 1921 a Nueva York (WHITE, 2006, p. 69-70, 72; MÁRQUEZ URÍA, 1974, p. 830).

Un tema a valorar es si las piezas de Cueva Morín procedían de la excavación de 1920 que dirigió el conde de la Vega del Sella (1921), en la cual Obermaier colaboró, aunque Obermaier (en WHITE, 2006, p. 69) habla de “la parte interior la cual yo excavé con Magdaleniense y Musteriense (...) y también algunos ‘relictos’ de Aziliense”, y procederían entonces de cuando descubrió la cueva con Wernert en 1910.

Aparte del modesto beneficio económico que podía puntualmente necesitar, la clave última estaba en que quería acelerar la traducción inglesa de su edición de 1916 de *El Hombre Fósil* que en esa fecha, 22 noviembre de 1920, sólo se había realizado un capítulo. Si que lo logró y ya el 10 de diciembre el presidente del museo, Henry Fairfield Osborn, le indicó que los capítulos 2 y 3 ya estaban traducidos, y la traductora estaba esperando sus adiciones y correcciones para el capítulo 4, sugiriéndole incluso que quizás estaría publicado en 1921, pues pensaban remitirle los capítulos 8 al 10, con el índice y la bibliografía en julio de 1921, dedicándose en exclusiva la traductora a este trabajo a partir del mes de mayo (WHITE, 2006. p. 70-73). Sin embargo, la traducción inglesa no se publicó hasta 1924 (OBERMAIER, 1924a y 1924b), edición que sirvió a Obermaier para ir actualizando el texto de 1916, que finalmente tuvo una nueva edición castellana en 1925 (OBERMAIER, 1925a). Sin trabajo en 1921, una nueva actualización de su trabajo clave, además publicado en inglés, podía permitirle presentarse a plazas de universidades importantes fuera de España, quizás incluso en Norteamérica, opción que pudo estar barajando pues Europa aún estaba empezando a recuperarse de la Primera Guerra Mundial, acabada en 1918.

10 – APOYO DE LA MONARQUÍA Y DEL DUQUE DE ALBA PARA LA CREACIÓN DE LA CÁTEDRA DE HISTORIA PRIMITIVA DEL HOMBRE

Fue entonces cuando intervino el duque de Alba, Jacobo Fitz – James Stuart y Falcó, que se reunió con el conde de la Vega del Sella, para presionar en el Ministerio de Instrucción Pública y lograr la creación de una cátedra destinada a Obermaier. Las gestiones comenzaron desde 1919, pues ya lo menciona Bosch Gimpera en una carta a Pericot del 15 de marzo de 1919 (GRACIA, FULLOLA & VILANOVA, 2003, p. 102-103) que se estaban realizando, probablemente ante su incómoda situación dentro de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Primero se solicitó al Ministerio y Rector una cátedra de Prehistoria en la Facultad de Ciencias de la Universidad Central de Madrid. La vinculación de Obermaier había sido a través del Museo Nacional de Ciencias Naturales y a esta institución estaba adscrita la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Sin embargo, la petición se trasladó también por el Rector a la Facultad de Filosofía y Letras, donde el duque de Alba contaba con más apoyos.

En estos años Obermaier colaboraba estrechamente con el conde de la Vega del Sella, estudiando en julio de 1920 la Cueva de la Peña en Panes (Peñamellera Baja, Asturias), donde realizaron una cata de sondeo (MÁRQUEZ URÍA, 1974, p. 831) y en 1921 la Cueva de Rascaño en Mirones (Miera, Cantabria), que Obermaier decidió excavar, financiado por primera vez por el duque de Alba, por lo que los materiales los depositó en

el Palacio de Liria (OBERMAIER, 1923, p. 8-9; MÁRQUEZ URÍA, 1974, p. 832; STRAUS, 1981; GONZÁLEZ ECHEGARAY & BARANDIARÁN, 1981).

Los primeros meses de 1921 impartió en la Universidad Central un curso de “Historia Primitiva del Hombre (Prehistoria)” el cual “tuvo un éxito notabilísimo”, lo que le permitió acceder a la cátedra con la figura previa de Profesor Encargado de Cursos (AGA caja 32/16164), e iniciar un contacto diario con sus futuros compañeros de facultad. Este curso debe ser parecido al que poco después impartió en la Universidad de Santiago de Compostela entre el 10 de octubre y el 1 de noviembre de 1922. Estaba formado por los temas: 1) Orígenes de la humanidad. 2) Glaciaciones. Flora y fauna de la época cuaternaria. Pintura paleolítica en cuevas. 3) Flora y fauna de los periodos interglaciares. Condiciones de vida en el Paleolítico. Industrias líticas. 4) Paleolítico. Flora y fauna. Hábitat en cuevas. Cultura material. Origen del arte. 5) Paleolítico. Yacimientos de Santander, Guipúzcoa. Asturias y Galicia. 6) Paleolítico superior. Pintura en cuevas. 7) Arte rupestre cuaternario en la España oriental. Problemática del arte rupestre levantino. 8) Arte rupestre levantino. Investigaciones en la Cueva del Castillo. Antropología física. 9) Antropología física. Evolución humana. 10) Fases de transición del cuaternario. Arte prehistórico. 11) Fases proto – neolíticas. Aziliense y Asturiense. Neolítico y sedentarización. Cultura material. 12) Final del Neolítico. Aparición de la metalurgia. Minería y metalurgia en Europa y la Península. Culto a los muertos y megalitismo. 13) Arquitectura dolménica. Megalitismo en la Península. Ajuares y objetos metálicos. 14) Megalitismo. Dólmenes en Asturias e Irlanda. Menhires. 15) Edad del Bronce. Difusión de la metalurgia. Minería. El Argar. Monumentos de las Baleares. 16) Edad del Hierro. Hallstatt y La Tene. Cultura ibérica. Cerro de los Santos. Exvotos ibéricos. 17) La civilización celta en Galicia. Diferencias con la cultura ibérica. Castros y citanias (ARMADA, 2008, p. 201 Fig. 2), donde probablemente focalizó el ámbito céltico en Galicia.

Por otra parte, se dio gran protagonismo a Obermaier en la Exposición de *Arte Prehistórico Español*, celebrada entre el 25 de mayo y el 30 de junio de 1921, al mismo nivel que Elías Tormo y Hernández – Pacheco, lo que sorprende a de la Rasilla y Santamaría (2004, p. 14). Seguramente había dos buenas razones, por una parte, ya se había realizado la solicitud formal de la cátedra a las facultades de Ciencias y Filosofía y Letras. Por otra, Obermaier tenía ingresos muy reducidos y eso explica que fuera el principal conferenciante con 5 charlas, frente a Tormo con 3, Hernández Pacheco con 2, Cabré con 1 o Mélida con 1. En la foto oficial de la inauguración en el *ABC* aparecen Tormo, Hernández – Pacheco, Obermaier, Alfonso XIII como presidente de Honor de la Sociedad Española de Amigos del Arte y la infanta Isabel como presidenta de dicha sociedad.

Ya se ha señalado por de la Rasilla y Santamaría (2004, p. 18-19) la especial cobertura que dio el diario *El Sol*, vinculado a Ortega y Gasset, durante junio de 1921, a sus 5 conferencias y sobre sus méritos, con el texto más largo de todos los conferenciantes.

Sin embargo, aún sin clausurarse la exposición, como quizás se preveía, la Facultad de Ciencias se mostró disconforme según remitió su decano un informe el 15 de junio de 1921, argumentando que ya se disponía de una cátedra de Antropología que detentaba Francisco de las Barras de Aragón desde el 21 de abril de 1920, sustituyendo a Manuel de Antón y Ferrándiz, jubilado a los 70 años el 29 de diciembre de 1919, en la cual un tercio de sus contenidos incluían la Prehistoria (AGA 32/16164; MOURE, 1996, p. 31-32). Además, también el año anterior había ingresado Hernández – Pacheco, desde el 18 de julio de 1920, como nuevo catedrático de Geografía y Geología Dinámica.

Según el decano de Ciencias, José Rodríguez Carracido, “la Prehistoria, circunscribiéndose a hechos paleontológicos, geológicos y etnográficos, es propia de las Ciencias Naturales. Existe en esta Facultad desde que se creó la Cátedra de Antropología, cuyo programa en su tercera parte contiene esa ciencia que fue iniciada por Don Juan Vilanova, Catedrático de la Facultad de Ciencias. La parte de la Prehistoria propia de las Ciencias

Históricas, es decir de la cual hay documentos escritos en objetos, monumentos, etc., es un pequeño capítulo realmente fuera de la verdadera Prehistoria” (AGA 32/16164; MOURE, 1996, p. 32).

Ante la previsible negativa de la Facultad de Ciencias se había realizado otra petición a la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Central, donde el duque de Alba había movilizado a sus relaciones como Manuel Gómez – Moreno, catedrático de Arqueología Árabe, Antonio Vives y Escudero, catedrático de Epigrafía y Numismática o Ramón Menéndez Pidal, catedrático de Filología Románica (CARBALLO, 1956, p. ms. 102 en MOURE, 1996, p. 31), todos académicos de la Real Academia de la Historia, que consiguieron que el decano, Adolfo Bonilla y San Martín, solicitara la creación de una cátedra especial de Prehistoria, sugiriéndose que el nombre de la plaza fuera de cátedra de Historia Primitiva del Hombre para eliminar el conflicto con la Facultad de Ciencias, el 14 de junio de 1921 (AGA 32/16164), un día antes del informe negativo de la Facultad de Ciencias.

La clave era aprovechar la dotación de la cátedra vacante de Literatura Contemporánea de las Lenguas Neolatinas, que incluían el español, portugués, francés e italiano, recientemente vacante sólo un mes antes, cátedra extraordinaria otorgada el 2 de mayo de 1906 para la primera mujer de la facultad, que había detentado la escritora Emilia Pardo Bazán y de la Rúa Figuerola, II condesa pontificia de Pardo Bazán, título ratificado por Alfonso XIII el 16 de mayo de 1908, hasta que cambió su denominación a condesa de la Torre de Cella el 1 de mayo de 1916, cátedra que tuvo Pardo Bazán hasta su muerte el 12 de mayo de 1921.

Convocada la cátedra por Real Orden el 15 de enero de 1922, para la elección del candidato eran precisos informes del Real Consejo de Instrucción Pública, la Real Academia de la Historia el 28 de febrero y la Facultad de Filosofía y Letras, en los cuales habían personas próximas al duque de Alba y a la propia Facultad de Filosofía y Letras. El Real Consejo de Instrucción Pública estaba presidido por Elías Tormo y Monzó y su secretario era Federico Rubio. Otros miembros del Consejo eran José Ramón Mélida, catedrático de Arqueología; Pío Zabala y Lera, catedrático de Historia de España; José Rodríguez Carracido, catedrático de Química Biológica; Eloy Bullón Fernández, catedrático de Geografía Política y Descriptiva y R. Marín. Como puede observarse, no sólo varios eran catedráticos de la Facultad de Filosofía y Letras como Tormo, Mélida y Zabala, sino que tanto Tormo como Mélida habían participado con Obermaier como conferenciantes en la Exposición de *Arte Prehistórico Español*.

Propuesto Obermaier por el Real Consejo de Instrucción Pública el 21 de febrero, la Real Academia de la Historia el 28 de febrero y por el claustro de la Facultad de Filosofía y Letras, donde sólo tuvo un voto negativo, transmitida por el rector el 13 de febrero, fue aprobado por Pío Zabala y Lera, como Subsecretario de Instrucción Pública el 14 de marzo, y se materializó con su nombramiento al día siguiente por Real Orden del 15 de marzo de 1922, equivalente a un *Ordinarius für Urgeschichte*, tomando posesión el 1 de mayo, aunque no figura hasta el 1 de julio de 1922 como catedrático por turno extraordinario, apoyándose en los artículos 238 y 239 de la Ley de Instrucción Pública de 9 de septiembre de 1857, con sueldo de 7.500 pesetas, no incorporándose al escalafón de catedráticos hasta que se nacionalizó español el 13 de junio de 1924 (AGA 32/16164; AGUCM, P – 628), aunque ya desde finalizar su primer curso de 1922-23 debió decidir nacionalizarse, pues está solicitando documentación para su nacionalización en diciembre de 1923 (AGUCM, P – 628/30).

Se trataba de una cátedra para el doctorado en la Facultad de Filosofía y Letras, “de lección alterna y matrícula libre”, con nombramiento temporal, un quinquenio, como periodo de prueba, “por ser catedrático de fuera del escalafón y súbdito extranjero” (AGA 32/16164), incorporándose a la universidad el 19 de septiembre de 1922 (AGUCM, P – 628).

El nombramiento tuvo apoyo también desde la Casa Real, como sugiere Hernández – Pacheco (1958, p. 275), cuando comenta que entre sus principales valedores estaban “Ortega y Gasset, el duque de Alba

y las altas esferas palatinas de la Monarquía”, seguramente la mujer de Alfonso XIII, Victoria Eugenia de Battenberg. Hay que tener en cuenta que la reina tenía confesión anglicana y antes de su boda en 1906, el obispo de Nottingham celebró su conversión al catolicismo en el oratorio del palacio de Miramar de San Sebastián. El dato lo confirma Gómez – Tabanera (1985, p. 13) quien señala que llegó “a ser confesor ocasional de S.M. la Reina” en el palacio de Oriente, a la que también le dio algunas lecciones de prehistoria junto a damas de la corte.

Debió influir los orígenes alemanes de la princesa Victoria Eugenia de Battenberg, nacida en Escocia porque su padre, Enrique de Battenberg se había casado con la princesa Beatriz, la hija menor de la reina Victoria de Inglaterra, que a cambio le exigió residir en Gran Bretaña. La familia procedía de Battenberg, provincia de Hesse – Nassau, creada después de la victoria prusiana contra los austriacos en 1866, con las regiones previamente independientes de Hesse – Kassel, el Ducado de Nassau, la ciudad libre de Frankfurt, el Gran Ducado de Hesse y regiones del Reino de Baviera, donde nació Obermaier. Por otra parte, su religión inicial protestante anglicana era mejor comprendida por Obermaier, acostumbrado a la coexistencia en Baviera de protestantes luteranos, que por un sacerdote católico español.

Su incorporación implicaba dar una dimensión internacional a la Universidad de Central de Madrid, en una disciplina que carecía, al contratar a un investigador de reconocido prestigio, y además extranjero frente a la endogamia dominante, como ha resaltado Almagro Gorbea (2008, p. 422).

No obstante, no faltan voces críticas que señalan que su acceso a la cátedra “no supuso el beneficio esperable para la prehistoria hispana” (RASILLA & SANTAMARÍA, 2004, p. 29, 32). Las razones serían “el carácter de la cátedra (del ‘turno extraordinario de notabilidades’), porque la asignatura era de doctorado, y porque Obermaier redujo progresivamente su participación en excavaciones arqueológicas a partir de 1914, con lo que la unión docencia – práctica arqueológica a fecha de 1922 y años posteriores se vio muy mermada”.

11 – LA RENUNCIA A DIRIGIR EL CENTRO DE INTERCAMBIO INTELECTUAL GERMANO – ESPAÑOL

Una clara confirmación de la seguridad que tenía Obermaier en la obtención de la cátedra de Historia Primitiva del Hombre desde la primera resolución de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Central el 14 de junio de 1921 y probablemente ya desde que comenzó como Profesor Encargado de Curso a inicios de 1921 a impartir su curso de Historia Primitiva del Hombre en la Universidad Central, fue que renunció a la dirección del *Arbeitsstelle für Deutsche – spanische Wissenschaftsbeziehungen* o *Centro de Intercambio Intelectual Germano – Español* a inicios de 1921.

El embajador de Alemania en España, Langwerth von Simmern, se lo propuso a inicios de 1921 y después repetidamente, por haber defendido la creación de este centro como equivalente a otros institutos arqueológicos que dependían del Ministerio de Asuntos Exteriores, su reconocida competencia científica, larga estancia en España y condición de católico, que facilitaría el desarrollo del centro, pero Obermaier planteó que sus ocupaciones científicas le impedían una dedicación exclusiva, aunque se comprometió a colaborar estrechamente desde el diseño de centro, como se plasmó en el proyecto elaborado junto a W. Neuss y el embajador, el cual se remitió al *Auswärtiges Amt*, Ministerio de Asuntos Exteriores o literalmente de Negocios Extranjeros, el cual fue aprobado por decreto el 27 de agosto de 1921 (HERA, 2002, p. 41, 43 – 44, 45 n. 20, 46).

12 – LA INVESTIGACIÓN DEL PALEOLÍTICO EN LAS TERRAZAS DEL JARAMA (MADRID)

A partir de 1916, Obermaier empezó a implicarse en el estudio del Paleolítico de las terrazas fluviales de los ríos Manzanares y Jarama. Inicialmente fue su estudio del arenero de Las Carolinas en 1916 (OBERMAIER, 1917), continuado a fines de 1917 con el estudio de la estación de ferrocarril de Las Delicias (OBERMAIER & WERNERT, 1918). En su equipo incorporaron a un joven estudiante, José Pérez de Barradas, en el verano de 1918, que acababa de terminar su primer curso en la Facultad de Ciencias y acudía a los laboratorios del Museo Nacional de Ciencias Naturales. A partir de entonces, Pérez de Barradas fue regularmente a prospectar con Wernert, trabajos que se sistematizaron a partir de 1919 con apoyo económico de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, donde retomaron el estudio de la trinchera del ferrocarril desde Las Delicias hacia el puente que atravesaba el río Manzanares (WERNERT & PÉREZ DE BARRADAS, 1921a; OBERMAIER, PÉREZ DE BARRADAS & WERNERT, 1921; OBERMAIER & PÉREZ DE BARRADAS, 1930).

Sorprende lo pronto que Pérez de Barradas se responsabilizó el estudio de los yacimientos paleolíticos de los valles del Manzanares y Jarama desde 1920-21, como puede apreciarse en las memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, donde figura como Delegado – Director. Esto pudo estar motivado por el cese de Obermaier y Wernert como miembros de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas en 1919. Así, si el primer año, 1919-20, pues comenzaron el 15 de julio de 1919, el informe lo redactaron conjuntamente Wernert y Pérez de Barradas (1921a), el del año siguiente, de 1920-21, ya sólo lo redactó Pérez de Barradas (1921). La Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades financió los trabajos en 1920 con 1.500 pesetas y en 1922 con 2.500 pesetas (CARRERA, 2008, p. 225). El regreso de Wernert a Estrasburgo debió ser después de finalizar esta campaña el 1 de enero de 1920, terminada la Primera Guerra Mundial y cesado del Museo Nacional de Ciencias Naturales, debió también influir en la asunción de la dirección de la investigación en el Manzanares y Jarama por Pérez de Barradas.

13 – LA REVISTA *INVESTIGACIÓN Y PROGRESO* Y EL CENTRO DE INTERCAMBIO INTELLECTUAL GERMANO – ESPAÑOL

La derrota y el retraso científico que supuso la Primera Guerra Mundial impulsó la rápida creación por el *Deutsches Reich* – Imperio Alemán – , durante la etapa de la República de Weimar, entre 1919-33, de un organismo que aportara financiación adecuada a la compra de instrumentación científica, bibliografía y revistas que no habían llegado a las bibliotecas del país durante la guerra, contratación de ayudantes de universidad, concesión de becas, ayudas de viaje para congresos o expediciones científicas, etc. Este organismo, creado en 1920, un año después de fundarse la República de Weimar el 11 de agosto de 1919, fue la *Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaften* – Sociedad Alemana para la Preservación y el Fomento de la Investigación – presidida por Friedrich Schmidt – Ott, mientras que Fritz Haber fue su vicepresidente.

Su rápida creación fue consecuencia del completo boicot científico y cultural que los aliados trataron de aplicar sobre el *Deutsches Reich*, excluyendo a sus ciudadanos de los congresos científicos internacionales y los organismos que debían dar nuevo impulso a estas iniciativas, boicot que se mantuvo hasta los años treinta.

En este contexto internacional, algunos países se habían mantenido neutrales y había habido un claro sector progermano en la sociedad durante la Primera Guerra Mundial, como España.

El embajador de Alemania en España, Langwerth von Simmern, remitió en mayo de 1921 al *Auswärtiges Amt*, Ministerio de Asuntos Exteriores o literalmente de Negocios Extranjeros, el proyecto de creación de un

Centro de Intercambio Intelectual Germano – Español, asesorado por Hugo Obermaier y el historiador del arte religioso en las biblias, W. Neuss, de la Universidad de Bonn, el cual fue aprobado por decreto el 27 de agosto de 1921 (HERA, 2002, p. 41, 45 n. 20).

Realmente el candidato que quería el *Auswärtiges Amt* era el propio Hugo Obermaier, tema debatido entre agosto de 1921 y marzo de 1923, a quien se le debió proponer incluso desde inicios de 1921 y después repetidamente, por haber defendido la creación del centro como equivalente a otros institutos arqueológicos que dependían del Ministerio de Asuntos Exteriores, su reconocida competencia científica, larga estancia en España y condición de católico, que facilitaría el desarrollo del centro, pero Obermaier planteó que sus ocupaciones científicas le impedían una dedicación exclusiva, aunque se comprometió a colaborar estrechamente desde el diseño de centro (HERA, 2002, p. 43-44, 46).

La persona elegida por el embajador Langwerth von Simmern y Obermaier fue el hijo de pastores protestantes, Gerhard Moldenhauer, especialista en Filología Románica, que entonces investigaba la literatura portuguesa, quien aceptó la dirección en abril de 1924 y fue el director del centro desde su creación en 1924 hasta su marcha la Universidad de Halle en 1929. El centro estuvo instalado en el Colegio Alemán de Madrid, situado en la calle Fortuny 15 hasta 1927, cuando se trasladó a la calle Zurbano 28, muy próximo al *Centro de Estudios Históricos*. Fue sustituido por el católico Alfons Adams el 1 de diciembre de 1929, a propuesta del embajador Welczeck, a pesar de la opinión contraria de Moldenhauer (HERA, 2002, p. 43 n. 17, 46-47, 89).

En España, el principal proyecto editorial de Obermaier fue la dirección de la revista *Investigación y Progreso* (1927), órgano de la *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, que tomó como modelo la revista alemana, *Forschung und Fortschritt*, fundada en 1925, y tuvo el patrocinio económico del *Arbeitsstelle für deutsch – spanische Wissenschaftsbeziehungen* – Centro de Intercambio Intelectual Germano – Español –, organismo fundado en 1924, publicándose a menudo como pequeños artículos las conferencias impartidas en el Centro de Intercambio para que tuviesen una mayor difusión. Al ser una publicación mensual su coordinación debió ser un trabajo significativo. En una carta de Obermaier a Pericot en septiembre de 1932 (BC FLP caja 22) indica que tenía una importante tirada de 4.000 ejemplares.

Es significativo que aunque dejó la dirección de la revista en 1936, con el inicio de la Guerra Civil, siguió colaborando con ella incluso durante la Segunda Guerra Mundial, con textos también publicados en la versión alemana o inglesa, *Research and Progress*, como uno sobre la caza del mamut (OBERMAIER, 1939 y 1940) u otro sobre el oso de las cavernas (OBERMAIER, 1941).

14 – ACADÉMICO DE LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA Y FUNCIONARIO

Después de la obtención de la nacionalidad española, el 13 de junio de 1924, Obermaier pudo ser propuesto como Numerario de la Real Academia de la Historia por el duque de Alba; Bernardino de Melgar y Abreu – marqués de San Juan de Piedras Albas –, especialista en estudios de Santa Teresa y San Juan de Jesús, y Antonio Ballesteros Beretta -conde de Beretta –, catedrático de Historia de España e íntimo amigo del decano de la Facultad de Filosofía y Letras, quien había leído la contestación a su discurso de ingreso, siendo elegido el 12 de junio de 1925. La culminación fue su nombramiento como funcionario el 31 de enero de 1928, con entrada en el escalafón de catedráticos (AGA 32/9614 – 2).

Por entonces, su principal esfuerzo científico era la preparación de una tercera edición revisada de *El Hombre Fósil* (OBERMAIER, 1924a – b y 1925a), que le tenía muy ocupado la navidad de 1923-24 (MSI FJMSO, 9-12-1923) y se publicó finalmente en castellano la primera semana de noviembre de 1925 (MSI

FJMSO, 15-10-1925). Si bien, como señala Emiliano Aguirre, “Hay en el fondo un trabajo de equipo (...) en verdad, sin Ismael del Pan y Pablo Wernert, no habría realizado Obermaier su proyecto. La cesión de materiales inéditos de diversas localidades y excavaciones por Cerralbo, Hernández – Pacheco, el padre Sierra y Vega del Sella, y de calcos originales también inéditos por el propio Eduardo Hernández – Pacheco y por Cabré” (AGUIRRE, 1985, p. 64), se trata de un trabajo propio de Obermaier que aporta una gran visión de conjunto y un estudio detallado por fases (Fig. 3).

15 - LAS CUEVAS DE ALTAMIRA Y EL PENDO Y EL ASTURIENSE

Su investigación de campo se centró en la cueva de Altamira, donde excavó primero una campaña breve, entre el 20 de agosto y el 10 de septiembre de 1924, que fue financiada con 7.000 pesetas por la Junta Superior de Excavaciones Arqueológicas (JSEA) coincidiendo con la creación del Patronato el 2 de agosto (GRACIA, 2021, p. 493, 492 tabla), que amplió con otra larga de 2 meses, entre el 15 de julio y el 15 de septiembre de 1925, tras partir de Madrid el 11 de julio (MSI FJMSO, 10-7-1925), financiada por el duque de Alba, pero ya con 48 años la larga campaña le pasó factura y enfermó haciendo después una estancia en Extremadura “para buscar más sol y calor” y aún seguía mal de salud en las navidades de 1925-26 (MSI FJMSO, 3-1-1926).

Tres años después recibió 3.000 pesetas adicionales de la JSEA concedidas el 2 de agosto de 1928 para prospectar una cueva próxima a Altamira (GRACIA, 2021, p. 515, 526) donde se localizó un esqueleto humano (OBERMAIER, 1929c), aunque Obermaier ya se encontraba allí desplazado desde el 20 de julio (MSI FJMSO, 20-7-1928).

La segunda campaña de excavación de Obermaier se orientó a confirmar la estratigrafía documentada por Herminio Alcalde del Río en 1902. Para ello abrió en el vestíbulo de la cueva, incluyendo a parte de la trinchera de 30 m de Alcalde del Río, un corte de 7.5 x 4.5 m, donde se identificaron dos niveles arqueológicos, uno primero del Solutrense Superior, continuado por otro del Magdalenense Inferior.

Estas campañas se complementaron años después con una revisión de las pinturas por Breuil. “Por iniciativa del Duque de Alba, el año 1932 se realizó una nueva copia de los grandes frescos y todas las demás representaciones pintadas y grabadas de Altamira, preparado todo en fotografía por Obermaier y cuyas copias llevé a cabo en dos estancias a su lado (del 14 al 27 de marzo y del 7 al 15 de octubre)” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002: 167), publicando ambos una monografía que puso al día los conocimientos sobre la



Fig. 3 – Hugo Obermaier en Pamplona (Navarra), 15 de julio de 1924. Hugo Obermaier Gesellschaft, Erlangen.

cueva, también con apoyo económico del duque de Alba y la *Hispanic Society* (BREUIL & OBERMAIER, 1935). Paralelamente, estudiaron la cueva de Cudón (Miengo, Cantabria), con pinturas rupestres, que había sido descubierta en 1929.

Ese verano de 1932, en junio y julio, trataron en París de organizar los materiales y diarios para redactar la monografía de la cueva de El Castillo, con la colaboración también de Wernert, pero no tuvieron suficiente tiempo (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 168). No obstante, se seguía trabajando con las analíticas, la fauna por P. Vaufrey, la avifauna por E.T. Newton y la malacología por P. Fisher, que redactaron unas listas de las especies presentes (CABRERA, 1984, p. 413). Después de la muerte de Obermaier, Breuil le pidió a Wernert que organizase toda la documentación para su publicación, pero tampoco se completó (LANZAROTE, 2011, p. 78 n. 29).

También hubo un intento de excavar la cueva de El Pendo, Escobedo (Camargo, Cantabria), bien conocida desde la publicación de un bastón perforado por Cendrero (1915). Otro bastón de mando excepcional apareció al iniciarse las excavaciones (CARBALLO, 1927), que fue vuelto a publicar en alemán por Martínez Santa – Olalla (1929). Poco después, probablemente en 1931, cuando acababa de volver de Alemania, Martínez Santa – Olalla pretendió excavar en El Pendo, aprovechando el parón de las excavaciones de Carballo. También “quiso Obermaier explorar esta importantísima gruta, cuando vio conmigo su inmensa riqueza (...) pero quería él hacerlo sólo, sin mi compañía (...) y eso era ya un verdadero atropello al que me negué. Desde entonces, debido a sus manejos, ya no recibí nunca más subvención: porque Obermaier lo impedía” (GRACIA, 2009a, p. 249).

La cueva del Pendo, descubierta por Sanz de Sautuola desde 1878, aparentemente había tratado de excavarla Jesús Carballo entre 1915-20, recibiendo siempre informes negativos de Obermaier en la Junta Superior de Excavaciones Científicas (CABRERA VALDÉS & BERNALDO DE QUIRÓS, 2002, p. 163), aunque en sus memorias Carballo (1956, p. 42) sólo menciona haberla visitado en 1925. A pesar de su interés en la excavación, la opinión pública de Obermaier (1925, p. 181) era que “este yacimiento ha sido completamente destruido por los aldeanos, que sacaron los huesos fósiles para abonar sus campos”. Jesús Carballo (1956, p. 43) le pidió a Obermaier que apoyase su solicitud de financiación en la Junta Superior de Excavaciones Científicas, pero pese a la amistad de ambos, Obermaier le contestó que no podía hacerlo y “que se buscara otra cueva con yacimiento”.

Finalmente, Carballo consiguió autorización realizando una primera actuación financiada por la Junta Superior de Excavaciones Científicas en 1924 con 2.000 pesetas, y al año siguiente con 3.000 pesetas de la Diputación Provincial de Santander para dotar de materiales al museo provincial de Prehistoria, recién creado en 1925. Desde 1926, las excavaciones fueron pagadas personalmente por Carballo (GONZÁLEZ ECHEGARAY, 1980, p. 20), hasta que en 1930 realizó una campaña junto a J. MacCurdy de la *American School of Prehistoric Research* (CARBALLO, 1931). Es presumible que Martínez Santa – Olalla intentase continuar los trabajos en 1931. Sin embargo, por entonces Obermaier (1932) debía tener ya fotografiadas las piezas de arte mueble del Magdaleniense Final de las excavaciones de Carballo, que le pidió para uso docente y años después publicó, señalando como descubridor del bastón de la campaña de 1926 a Dámaso Arce, en vez de citar a Carballo (1956, p. 44), quien escribió al director de la revista para protestar y señalar que él era el director de las campañas arqueológicas. Las excavaciones fueron reanudadas por un médico Blas Larín Pelea en 1932 y continuadas junto con Carballo entre 1933-34 (CARBALLO & LARÍN, 1933), aunque su colaboración es desmerecida por Carballo (1956, p. 46-47) indicando que “ni una cuartilla había escrito este médico” y lo acusa de haber intentado quedarse con la dirección del yacimiento durante una enfermedad suya en la campaña de 1944.

La relación de Carballo y Obermaier, que durante años fue muy estrecha, empeoró por la financiación de la excavación de El Pendo, así como la negativa de Carballo a reconocer una fase Asturiense que había propuesto Obermaier (1916, p. 182, 334 – 336), tras tener conocimiento de los resultados de la excavación del conde de la Vega del Sella en la cueva de El Penical y Cueto de la Mina (Asturias) entre 1914-15 (VEGA DEL SELLA, 1914 y 1916), como le señala Carballo en una carta a Martínez Santa – Olalla y “un día en Madrid tuvimos por ello la ruptura de relaciones” (MSI FJMSO, 8-11-1942) (CASTANEDO & FERNÁNDEZ ACEBO, 2019. p. 60 n. 162). Era un tema por el que Obermaier tenía especial interés y había colaborado en las excavaciones del conde de la Vega del Sella en las cuevas de Arnero, Balmori y La Riera (VEGA DEL SELLA, 1923, p. 42 y 1930; OBERMAIER, 1925, p. 184, 188) y en función de la sucesión de niveles entre el Aziliense y el Asturiense en la cueva de La Riera pasó a considerar el Asturiense una cultura Protoneolítica, separada del Epipaleolítico (OBERMAIER, 1925, p. 361-362; FANO, 2006, p. 173-176).

16 – LA VISIÓN CRISTIANA DE LA EVOLUCIÓN DURANTE LA CAMPAÑA DE ALTAMIRA EN 1925 Y LA CONCILIACIÓN DE LA TEORÍA DE LA EVOLUCIÓN CON LA FE CATÓLICA

Durante la campaña de 1925 en Altamira, el abate Breuil (1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 150), Hugo Obermaier y el conde Henri Bégouën (1945), con el visto bueno del duque de Alba y el conde de la Vega del Sella, redactaron el 20 de agosto un texto que se envió al Papa Pío XI por medio del primado de Bélgica en 1906 y cardenal desde 1907, Désiré Joseph Mercier, partidario de una apertura de la iglesia, tratando de buscar una explicación para la evolución humana coherente con la iglesia católica, según la cual Dios se habría manifestado de manera directa durante el origen de la materia, el origen de la vida y el origen del alma o inteligencia, retomando la idea de Cuvier de una creación repetida para defender que la sucesión de especies era fruto de una creación divina permanente (BÉGOUËN, 1945; ESTÉVEZ y VILA, 2006, p. 52-53; VILA & ESTÉVEZ 2010, p. 41-42). Trataban de contrapesar las opiniones del cardenal español, Rafael Merry del Val y Zulueta, antiguo secretario de Estado de la Santa Sede (1903-1914) con Pío X, que era partidario de que el Papa Pío XI (1922-39) condenarse las ideas evolucionistas de la prehistoria (Fig. 4).

Según Breuil la carta la redactó el mismo junto con Obermaier y Bégouën. “En una de aquellas jornadas (20 de agosto), estando también presentes del Conde H. Bégouën, el Duque de Alba y el Conde de la Vega del Sella, discurrimos la forma que debía tener una carta al Soberano Pontífice exponiéndole los riesgos muy graves de la acción desconsiderada e incompetente de la autoridad romana que ciertos prelados de la Curia preconizaban y contra las cuales el Cardenal Mercier no dudó en actuar ante Pío XI. Esta carta, firmada por nosotros tres, fue entregada al Papa por el Nuncio de entonces. Es sabido que las temidas reformas quedaron en nada” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 150, 166). En un trabajo posterior, Obermaier y García y Bellido (1941, p. 40) precisan más su punto de vista sobre la evolución, partidario de larga mutaciones.

Esta base cristiana ha llevado a algunos autores a considerar su enfoque teórico en un idealismo metafísico, donde los materiales son resultados del espíritu, “derivan de una constitución espiritual semejante y debido a una actitud coincidente se parecen”, por tanto, respuestas culturales similares vienen de una organización metal y no de una identidad funcional (LÓPEZ JUNQUERA, 1985, p. 47; VILA & ESTÉVEZ, 2010, p. 36).

El libro de *El Hombre Fósil* de Obermaier fue fundamental para que se atenuase la polémica de la evolución que había marcado a la Prehistoria en España en el último cuarto del siglo XIX, que empezó a ser encauzada con la entrada del primer prehistoriador creacionista como Juan Vilanova y Piera en la Real Academia de la Historia en 1889 con el apoyo de Cánovas del Castillo (MEDEROS, 2013, p. 232-239), hasta ser admi-



Fig. 4 – Conde de la Vega del Sella, Henri Breuil, el conde de Bégouen y Hugo Obermaier trillando sedimentos en Altamira, campaña de 15 de julio – 15 de septiembre de 1925. Hugo Obermaier Gesellschaft, Erlangen.

tida desde los grupos sociales católicos y las élites nobiliarias. Después de la Guerra Civil tuvo continuidad con trabajos posteriores como *La Evolución* de los paleontólogos Miguel Crusafont, Bermudo Meléndez y el también jesuita Emiliano Aguirre (1966) publicado por la Biblioteca de Autores Cristianos o las tesis actuales defendidas por el Papa Francisco en octubre 2014, “Dios (...) creó los seres humanos y los dejó desarrollarse según las leyes internas que Él dio a cada uno, para que se desarrollase, para que llegase a la propia plenitud (...) La evolución de la naturaleza no se contrapone a la noción de creación, porque la evolución presupone la creación de los seres que evolucionan”.

Durante la etapa inicial su vida en Madrid, Obermaier residió parcialmente en el Colegio de Primera y Segunda Enseñanza de los Marianistas, Compañía de María, alsacianos, del Padre Chaminade, con sede en la calle de Castelló del barrio de Salamanca, donde por mediación del Superior, su amigo y aficionado a la arqueología, Luis Heintz Loll, diariamente celebró misa diaria desde que empezó a vivir a Madrid en la capilla del colegio (CARBALLO, 1956, p. 52), presumiblemente hasta que se trasladó a vivir a su piso de la avenida de Menéndez Pelayo 15.

En el Colegio del Pilar trabajaba el padre Fidel Fuidio Rodríguez, que residió en el centro entre 1910 y 1933, muy aficionado a las prospecciones arqueológicas en las terrazas del río del Manzanares, doctorado en la Universidad Central de Madrid en 1934 con una tesis sobre la Carpetania romana (FUIDIO, 1934), que colaboró en varios artículos con Pérez de Barradas (y FUIDIO, 1927a, 1927b, 1928 y 1929).

A pesar del comentario de García y Bellido (1946, p. 299), que prácticamente nunca había visto en ropa de culto a Obermaier en la Universidad Central de Madrid, donde iba siempre de seglar con traje negro, como señala Gómez – Tabanera (1985, p. 11-12), aún en mayo de 1936, pudo seguir impartiendo misa diaria en el Colegio de la Virgen del Pilar y preparó al propio Gómez-Tabanera en su Primera Comunión a los 9 años.

17 – LA RUTINA DIARIA COMO INVESTIGADOR Y PROFESOR

Según el *Anuario de la Universidad de Madrid*, en los cursos 1922-23, 1924 – 25 y 1925-26, Obermaier residía en la calle Alcalá 143, 1.º derecha (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 264 n. 9), una carta a Leite de Vasconcelos del 28 de noviembre de 1922 y otra de diciembre de 1922 a Martínez Santa-Olalla lo confirma (CARDOSO, 2009, p. 122; MSI FJMSO, 22-12-1922) hasta otra de marzo de 1927 (MSI FJMSO, 12-3-1927) y otra de 1 de abril a Leite de Vasconcelos (CARDOSO, 2009, p. 128), y a partir del curso 1927-28 ya pasó a residir en la calle Menéndez Pelayo 15, figurando en una carta de noviembre de 1928 (MSI FJMSO, 6-11-1928).

Su casa en la calle Menéndez Pelayo era “un cuarto piso del que tenía alquiladas tres habitaciones externas sobre el frondoso parque del Retiro, y otra interior; el dormitorio, sin más que la cama -coronada por un sencillo crucifijo -, un lavabo y una mesa; el comedor, que era el sitio habitual de trabajo y de visita; y las dos restantes habitaciones, una de ellas doble, ocupadas por (...) estanterías llenas de libros muy bien ordenados” (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 296).

“Vivía solo y no tenía más relaciones que las de sus colegas y discípulos, mas las de algunos compatriotas”. “Le gustaba destinar un día de la semana a la simple conversación, pero jamás rechazaba un visita a destiempo y siempre la atendía con la máxima generosidad y sin premuras. Los domingos los empleaba en contestar a las numerosas cartas que recibía de todas partes durante la semana”. “El día lo dedicaba a redactar sus publicaciones y las noches a leer y anotar (...) sus advertencias marginales (...) los párrafos subrayados lo están ¡con regla! (...) con negro, azul y rojo”. “En sus libros de cierta importancia (...) empleaba el procedimiento de encuadernar un ejemplar intercalado entre hoja y hoja impresas una en blanco sobre la cual iba anotando (...) las adiciones o correcciones oportunas, la nueva bibliografía, etc. (...) Las anotaciones las hacía en su lengua vernácula, pero empleaba también el francés y más raramente el castellano” (...) Sus escritos españoles fueron siempre redactados en alemán luego por [Pérez de] Barradas” (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 296-297).

“Vestía siempre de seglar, de negro”. “Iba a clase siempre con una gran cartera (...) llena de diapositivas, de papeles, de libros y aun de objetos, elementos de estudio perfectamente clasificados y preparados de antemano para ir luego en clase sacándolos” (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 295-296, 299). Las clases en la nueva facultad de la Ciudad Universitaria las impartía lunes, martes y miércoles a las 10 a.m. en el aula 215 (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 252). “Hablaban el castellano despacio, sin fluidez y sus clases eran metódicas en grado extremo. Desarrollaba en ellas las mismas ideas que en sus libros y escritos, pero sin el brillo que tenían algunos de ellos” según su alumno de doctorado entre 1933 – 34, Julio Caro Baroja (1972/1997, p. 218-219).

En la docencia de la asignatura de Historia Primitiva del Hombre, que comenzó a impartir en el doctorado desde el curso de 1923-24, con 12 alumnos, de los cuales 6 eran de doctorado (MSI FJMSO, 9-12-1923). Correspondía a una Prehistoria General mundial según el programa que se conserva de 1930. A pesar que en teoría abarcaba el Paleolítico (temas II-XII), Epipaleolítico (XIII-XVI), Neolítico (XVII-XXI), Calcolítico (XXII-XXIX), Edad del Bronce (XXX-XXXIV) y Edad del Hierro (XXXV-XLI) (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 252, 268-270), por su gran extensión, que probablemente impedía su impartición completa, cada año Obermaier seleccionaba una parte, lo que explica sus diferentes denominaciones en el *Anuario de la Universidad de Madrid*, “Las edades de la piedra y del bronce. El arte prehistórico” en el curso 1932-33; “Prehistoria de la Península Ibérica (Edades de la Piedra y del Bronce)” en el curso 1934-35 o “Prehistoria. Curso de orientación general” en el curso 1935-36.

18 – PALEOLÍTICO Y ARTE RUPESTRE DEL NORTE DE ÁFRICA

Junto a la investigación sobre la cueva de Altamira, si algo destaca en los trabajos de Obermaier entre 1925-35 es su creciente interés por el Paleolítico y el arte rupestre norteafricano. Esta tendencia, que ya se apreciaba bien en la primera edición española de *El Hombre Fósil* (OBERMAIER, 1916), se acentuó en la segunda edición revisada (OBERMAIER, 1925).

La publicación de *El Hombre Fósil* (1916) favoreció la implantación definitiva en la península ibérica de las tesis africanistas del Capsiense Superior, que evolucionaría a un Capso – tardenosiense, las cuales supusieron el abandono de los resultados obtenidos por las excavaciones de L. Siret en el Sureste.

El interés de Obermaier fue concentrándose en África del Norte con artículos como *El Paleolítico del África Menor* (OBERMAIER, 1927 y 1927/1930), en particular regiones concretas en *El Paleolítico del Marruecos Español* (OBERMAIER, 1928) y fases específicas, *Das Capsien-Problem im westlichen Mittelmeergebiet* – El problema capsiente en el Mediterráneo Occidental (OBERMAIER, 1934). Valoró más en detalle los restos antropológicos, *Die diluvialen menschlichen Skelettfunde Nordafrikas* -Los fósiles humanos diluviales del Norte de África (OBERMAIER, 1931a) y *La antigüedad del Arte rupestre del Norte de África* (OBERMAIER, 1931b y 1931b/1932a, 1931b/1932b). El trabajo más destacado fue publicado en colaboración con Leo Frobenius, *Hádschra Máktuba. Urzeitliche Felsbilder Kleinafrikas* – Hádschra Máktuba. Arte rupestre primitivo de África Menor (FROBENIUS & OBERMAIER, 1925), nombre que le daban los indígenas, *hádschra máktuba* o piedras escritas, a los grabados rupestres en el Atlas sahariano.

Una prolongación para el estudio del arte rupestre del Sur de África es su segunda monografía de este periodo, que publicó en colaboración con el director del *Prähistorisches Institut* de la Universidad de Colonia y *Professor für Vorgeschichte* entre 1930-35, Herbert Kühn, *Bushman Art. Rock Painting of South Africa* (OBERMAIER & KUHN, 1930), con una selección de los 500 abrigos pintados situados en las montañas Drakenberg, las más altas de Suráfrica. Kühn fue depurado en diciembre de 1935 por la ascendencia judía de su mujer y apartado de su cátedra desde 1936 (SCHÄFER, 2006), hasta que pudo reincorporarse como catedrático en la Universidad de Mainz en 1946.

Debe tenerse en cuenta que según Obermaier (1932, p. 252) “el Arte Rupestre del Sur de África tenga sus raíces en el Capsiense del África Menor, desde donde emigró a lo largo de los Grandes Lagos para llegar al otro lado del Ecuador a formar en el Sur un nuevo centro floreciente de arte”.

En cambio, los grabados del Norte de África serían principalmente neolíticos, por las mejores condiciones climáticas entonces existentes. Estos “grabados se colocan sin dificultad alguna en el clima favorable del Neolítico del Sahara, que se adentra profundamente en la época actual, tal vez hasta próximamente el año 1000 antes de J.C., ya que por la ausencia casi completa de la Edad del Bronce en estas regiones, sigue al Neolítico la Edad del Hierro”, señalando que entre los animales representados aparecen animales domésticos como el carnero o cabras domésticas que portan un collar (OBERMAIER, 1931/1932a, p. 245-246, 248). Esta distancia cronológica le hace considerar “errónea la hipótesis del próximo parentesco entre el arte rupestre del Sáhara y Atlas y las pinturas rupestres del Levante de España” (OBERMAIER, 1931/1932a: 250).

La otra razón estaba en el origen africano de las industrias paleolíticas, así ya “que el verdadero Chelense falta por completo en la Europa Central, se impone necesariamente la conclusión de que esta civilización tuvo su origen en el Continente africano, de donde pasó a Francia e Inglaterra por intermedio de España e Italia. Idéntico camino siguieron el Acheulense, el Pre-capsiente y el Musteriense ibero-mauritánico” (OBERMAIER, 1925, p. 227).

Respecto al inicio del Paleolítico Superior, de acuerdo con los hallazgos en Murcia, Almería, Granada y Málaga, “tienen muy grandes analogías con el Capsiense africano y la de que España formaba durante el periodo auriñaciense una región de tránsito entre África y Francia” (OBERMAIER, 1925, p. 228), Capsiense que sitúa geográficamente en “el S. de Argelia y Túnez” (OBERMAIER, 1934c, p. 272).

A su juicio, en Málaga, Almería o Murcia, durante el “Epi-auriñaciense, aparecen los primeros rastros del Capsiense, demostrando la invasión, en un principio apenas perceptible, del Capsiense superior del Norte de África” (OBERMAIER, 1934c, p. 270).

En el Paleolítico Superior Final, “Solutreo – Magdalenense. La parte meridional de España estaba en absoluto bajo la influencia del Capsiense superior del África del Norte” (OBERMAIER, 1925, p. 229).

Su propuesta siempre fue contraria a la tesis de Vaufreij (1933), que acabó imponiéndose, quien consideraba el Capsiense superior y su facies del Ibero – Mauritaniense como industrias mesolíticas, las cuales Obermaier asignaba al Paleolítico Superior. Así lo señala en sus notas inéditas de su ejemplar interfoliado de *El Hombre Fósil*, donde indica “el microburil es paleolítico, y no tipo principal a partir del Mesolítico como supone Vaufreij” (OBERMAIER en LÓPEZ JUNQUERA, 1985, p. 48).

Desde otro punto de vista, esta influencia africana fue combatida por Breuil, partidario de situar en Francia el área más dinámica del Paleolítico Superior, comentando que Obermaier “se dejó influir en exceso por un ‘espejismo africano’” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002: 165).

La localización en la excavación de la cueva de Parpalló, durante la campaña de 1930, de puntas de flecha con pedúnculo y retoque plano que Pericot relacionó con el Solutrense francés, supuso un cambio en las regiones de procedencia, propuesta que acabó aceptando Obermaier (1934) vinculándolo a una penetración por la costa mediterránea.

19 – LA ATRIBUCIÓN DEL ARTE LEVANTINO Y ESQUEMÁTICO AL PALEOLÍTICO SUPERIOR Y EPIPALEOLÍTICO

Una de las razones del interés de Obermaier por el Norte de África era el estudio del arte rupestre levantino que situaba cronológicamente a lo largo de todo el Paleolítico Superior. Desde su punto de vista, “Las tribus del Capsiense [Final] fueron las autoras de aquel arte tan notable del Oriente de España, que según sabemos tiene como distintivo numerosas reproducciones de la figura humana” (OBERMAIER, 1925, p. 365). Las “pinturas naturalistas de Levante, que se deben sin duda a los artistas del Capsiense, que (...) era una civilización sincrónica y equivalente al Auriñaciense, Solutrense y Magdalenense del N. de España y Francia” (OBERMAIER, 1925, p. 276 y 1937, p. 479) y “cuya edad paleolítica no puede ponerse en duda con base seria” (OBERMAIER, 1931/1932a, p. 250 y 1934c, p. 271), considerando que los investigadores más competentes estaban de acuerdo en la cronología pleistocena y paleolítica del arte levantino (OBERMAIER, 1937, p. 478, 490).

En colaboración con Breuil realizó en marzo de 1926 el estudio de las pinturas rupestres de Tormón, en la vertiente sudeste de la Sierra de Albarracín (Teruel), donde critican la atribución mesolítica de Hernández Pacheco para el arte levantino (OBERMAIER & BREUIL, 1927, p. 518) y creen localizar algún animal de edad pleistocena como dos posibles bisontes (OBERMAIER & BREUIL, 1927, p. 527, 529), aunque, ya sin Breuil, no deja de manifestar sus dudas, al igual que sobre otros posibles bisontes en Cogul, Minateda y Gasulla (OBERMAIER, 1937, p. 485 n. 1).

20 – ESTUDIOS SOBRE EL MEGALITISMO

En la primera mitad de los años treinta también se advierte una progresiva tendencia a ampliar el marco cronológico de sus investigaciones, generalmente en forma de notas, como un brazalete de la Edad del Bronce (OBERMAIER, 1935), el casco griego de Huelva (OBERMAIER, 1931), el altar de Pérgamo (OBERMAIER, 1933), cerámica pintada ibérica (OBERMAIER & HEISS, 1929; OBERMAIER, 1930) o la fortaleza celtibérica de Termancia (OBERMAIER, 1934).

Otro aspecto que tampoco debe olvidarse es su interés por los grabados atlánticos, *Die bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien)* – Los grabados rupestres de la Edad del Bronce del Noroeste de España (Galicia) – (OBERMAIER, 1925b).

Esa ampliación del horizonte cronológico quizás esté vinculada a la redacción de un nuevo manual de síntesis en alemán (OBERMAIER, 1931), lo que le llevó a superar el ámbito paleolítico para incluir la prehistoria reciente, del que se publicó su traducción castellana, *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad* (OBERMAIER, 1932), con el apoyo de Ortega y Gasset y su editorial de la Revista de Occidente, que por su buena acogida, tuvo varias reediciones después de la Guerra Civil, actualizadas con la ayuda de García y Bellido (OBERMAIER & GARCÍA y BELLIDO, 1941, 1943 y 1947).

Respecto al Calcolítico, tras el descubrimiento del dolmen de Matarrubilla el 22 de septiembre de 1917 en un viñado, cuya entrada fue abierta con explosivos por Francisco Ordóñez, su propietario, Obermaier (1919, p. 43-44, 46, lám. 3) visitó la sepultura en la primavera de 1918 y ya con autorización de la Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas realizó una campaña de excavación y dibujo junto con Francisco Benítez y Francisco Pacheco.

Un segundo trabajo fue el estudio del dolmen de Soto (Trigueros, Huelva), que excavó su propietario, Armando de Soto, durante 8 meses, tras su descubrimiento el 1 de enero de 1923, localizando 8 enterramientos asociados con ajuar como 10 hachas de piedras o 14 láminas de sílex, y cuyo trabajo estaba bastante avanzando cuando el 1 de mayo visitaron el dolmen por primera vez Obermaier y el duque de Alba (OBERMAIER, 1924c, p. 2-5, 20-21, 23-24, lám. 8-9). En su estudio resalta la procedencia lejana desde 37 – 38 km de las rocas de granito que fueron usadas (OBERMAIER, 1924c, p. 7), la amplia serie de grabados (OBERMAIER, 1924c, p. 9-19, lám. 5-7), evidencias de una reutilización campaniforme con un posible fragmento inciso y una punta de Palmela (OBERMAIER, 1924c, p. 25 Fig. 18, lám. 10f, lám. 9e) o la presencia de materias primas foráneas como una pieza de marfil (OBERMAIER, 1924c, p. 26, lám. 10d).

Sus propuestas sobre el fenómeno megalítico están fuertemente influidas por su maestro Moriz Hörnes, partidario de un origen oriental para dichas construcciones, que en Oriente habrían tenido un “rápido avance a una gran arquitectura sepulcral”, mientras en la Europa Occidental se desarrollaba “una evolución puramente regional”. Lo que explicaría que no hubiese *tholoi* en el Mediterráneo Oriental, ya que por las fechas que maneja no es partidario de su correlación con los *tholoi* micénicos, que considera correctamente más tardíos.

La ausencia de megalitos en Grecia e Italia era, a su juicio, una prueba de que habría habido “una navegación costera segura” y que su difusión “se efectuó principalmente a lo largo de la costa africana”, ya que la distancia del trayecto “no es extraordinaria”. Estos contactos se remontarían al Neolítico, puesto que desde Andalucía se “ha exportado (...) el mismo cobre bruto, a sus próximos vecinos del África, sin utilizar ella misma estas riquezas metalúrgicas. Desde aquí este primer ‘comercio’ se prolongaba por etapas cortas a lo largo de la costa africana, hasta el Este del Mediterráneo, siendo alentado y mantenido por el Oriente”.

Similar antigüedad veía en las redes comerciales de Europa Occidental que, sin necesidad del conocimiento del cobre, mantendrían “relaciones comerciales puramente regionales (con esclavos, sílex, armas e

instrumentos de piedras exóticas, calais, ámbar, etc.)”, rutas que aprovecharía el horizonte megalítico para difundirse.

Ambas redes comerciales funcionarían a escala reducida, es decir, “los productos exportados no tienen más valor para el productor indígena que el obtener otras mercancías por él deseadas de sus vecinos, quedando totalmente desconocidas para el primer comerciante el destino y uso del producto”, lo que a su juicio explicaría la exportación del mineral de cobre en bruto, desconociéndose en España su uso (OBERMAIER, 1919, p. 71, 73-74, 77, 80).

El conocimiento de la metalurgia procedía “de los grandes centros de civilización del Próximo Oriente”, difundiendo al Mediterráneo desde Egipto, alcanzando la península ibérica “a fines del Neolítico” (OBERMAIER, 1932d, p. 173).

Al seguir inicialmente la cronología de Hubert Schmidt (1915), situará correctamente los dólmenes de cúpula del eneolítico entre el 3000 – 2500 a.C. (OBERMAIER, 1919, p. 61 y 1924c, p. 29) y la cerámica campaniforme hacia el 2500 a.C., ubicando en España el origen del tipo Ciempozuelos (OBERMAIER, 1919, p. 12 – 13, 82).

Un tercer estudio de un dolmen fue acometido entre 1925-27 en Guadalperal (Peraleda de la Mata, Cáceres), en terrenos propiedad del duque de Peñaranda de Duero, Hernando Fritz – James Stuart, hermano del duque de Alba, donde tenía su casa particular, pero apenas se conserva información sobre el tema del que informó Obermaier a Georg Leisner en diciembre de 1930 (LEISNER & LEISNER, 1960). El duque fue fusilado en noviembre de 1936 en Paracuellos del Jarama lo que debió afectar a Obermaier por haberlo tratado personalmente.

Posteriormente revisó su propuesta de origen del fenómeno megalítico, que situó, siguiendo a Bosch Gimpera, “en las zonas media y septentrional de Portugal” durante el Neolítico (OBERMAIER, 1932, p. 179).

También aprovechó para criticar la identificación por Gómez – Moreno (1905) y alguno de sus discípulos como Mergelina del megalitismo andaluz como una “arquitectura tartesia” (OBERMAIER, 1924c, p. 30-31), señalando que lo “tartesio fue (...) unos 1200 o 1500 años más tarde del florecimiento de la cultura megalítica” (OBERMAIER, 1932, p. 178-179).

Por entonces, un antiguo colaborador de Frobenius en el Instituto de Morfología Cultural de Frankfurt entre 1924-27 y antiguo oficial del ejército hasta el final de la Primera Guerra Mundial, Georg Leisner, se desplazó a España entre 1927-30, donde fue animado por Obermaier a estudiar el megalitismo ibérico, doctorándose en la Universidad de Marburgo bajo la dirección de Gero von Merhart (LEISNER, 1932) sobre el megalitismo en Galicia y el Norte de Portugal, tras la cual retomó en 1932 su trabajo de campo en la península ibérica (ALMAGRO BASCH, 1957-58, p. 294), desplazándose a Portugal en marzo de 1933, según carta de presentación de Obermaier a Leite de Vasconcelos a los que califica de “excelentes amigos”, interesados en los dólmenes que conservaban pinturas (CARDOSO, 2009: 132).

21 – PARTICIPACIÓN EN CONGRESOS Y EVENTOS INTERNACIONALES

Invitado por la Institución Cultural Argentina-Germana de Buenos Aires, fundada en 1922, marchó a Argentina para impartir conferencias entre el 15 y el 30 de septiembre de 1926 en Buenos Aires y La Plata (AGA 32/9614 – 2; MSI FJMSO, 21-10-1926), viaje en el que debió recoger su nombramiento como socio correspondiente de la Sociedad Argentina de Historia Natural, que lo eligió miembro poco antes de su viaje, el 23 de julio de 1926. También lo hizo la Sociedad Argentina de Estudios Geográficos, que lo nombró socio correspondiente el 11 de agosto de 1926 y al año siguiente la Institución Cultural Argentina – Germana, el 16

de abril de 1927. En Argentina seguía a finales de agosto de 1926, indicándole en una postal a Martínez Santa – Olalla que ahora se iba a Brasil y estaría de vuelta en Madrid el 15 de octubre (MSI FJMSO, 29-8-1926).

El éxito que tuvieron sus conferencias llevó a que poco después fuese invitado por otros centros culturales de Chile o Brasil para que impartiese conferencias, pero por sus múltiples ocupaciones acabó declinando viajar de nuevo a Suramérica (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 292).

Dentro de su línea de investigación africanista, Obermaier asistió como delegado del Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes al VI Congreso del Institut Français de Hautes Études Marocaines, celebrado en 1928 (AGA 32/9614-2), presentando una comunicación sobre el paleolítico (OBERMAIER, 1929), acompañado por el catedrático de Arqueología Árabe, Manuel Gómez – Moreno.

En agosto de 1928 se desplazó a la Universidad de Chicago para impartir conferencias y supervisar la instalación de un gran panel con la estratigrafía de El Castillo según recoge el *Diario Montañas* (21-8-1928). En postal enviada a Pericot le señala el 16 de noviembre de 1928 que acaba de retornar de Estados Unidos (BC FLP caja 22).

Ese mismo año lo hizo en el XXIII Congreso Internacional de Americanistas en Nueva York entre el 17 y 22 de septiembre de 1928, representando a la Real Academia de la Historia, que cubrió sus gastos (AGA 32/9614 – 2), probablemente por el apoyo del duque de Alba.

Volvió a representar a la Real Academia de la Historia en el XXIV Congreso Americanista de Hamburgo en 1930, nuevamente sin presentar ningún trabajo en ellos, estando representado el gobierno español en Hamburgo por Ballesteros Beretta, que tampoco participó con una comunicación (CASADO & MEDEROS, 2020, p. 339).

En 1929 se propuso a Obermaier junto al duque de Alba, miembro honorario, Mélida y Bosch Gimpera, miembros ordinarios, para su pronunciar una conferencia en el centenario del Instituto Arqueológico Alemán en Berlín, pero el duque de Alba se excusó por un acto en Huelva por la inauguración del monumento a Colón, mencionando que “España estará representada allí por los Sres. Mélida y Obermaier” (MARZOLI *et al.*, 2013, p. 302-307, doc. 1-2), excluyendo a Bosch Gimpera por su orientación catalanista. Se ha sugerido que Obermaier no era miembro del Instituto Arqueológico Alemán (ALMAGRO GORBEA, 2013, p. 175), pero sí lo era desde el 21 de abril de 1925 (ZÜCHNER, 1997, p. 20) y así figura en un listado de miembros del Instituto en España redactado en Berlín en junio de 1939 (MARZOLI *et al.*, 2013, p. 316-319, doc. 5).

Dos años después participó en el V Congreso Internacional de Arqueología Clásica, celebrado en abril de 1930 en Argel, donde representó a la Real Academia de la Historia (AGA 32/9614 – 2). El Congreso Internacional de Arqueología Clásica de Argel fue importante porque los elegidos por el ministerio, Bosch Gimpera y Obermaier, junto con Mergelina y Taracena, sustituyendo a Gómez – Moreno y Mélida, además de José de Calasanz Serra Ràfols, fueron al año siguiente a la reunión del Consejo Permanente de los futuros congresos internacionales de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas en París de 1931 (BOSCH GIMPERA, 1980: 137, 140). Allí se nombró a los representantes oficiales de España, y junto a Bosch Gimpera se eligió a Serra Ràfols de Barcelona, Obermaier de Madrid y a Taracena del Museo Numantino de Soria, en sustitución de Mélida, que había dejado la dirección del Museo Arqueológico Nacional en 1930. En Argel, Obermaier (1930) presentó un trabajo sobre el arte rupestre norteafricano, Bosch Gimpera (1930) otro sobre las relaciones del Neolítico africano con la Península Ibérica, Mergelina (1930) sus excavaciones en Santa Tecla y Taracena (1930) las suyas en cuevas de Soria, que quedaron todos inéditos salvo el trabajo de Obermaier (1931b).

Este V Congreso Internacional de Arqueología Clásica ha sido confundido con el VI congreso celebrado en Berlín (RAH EP HO; MOURE, 1996, p. 42), retrasado desde 1933, que se celebró en Berlín entre el 21 y 26 de agosto de 1939.

Durante la celebración en octubre de 1930 del centenario del Instituto Arqueológico Alemán, se va a plantear en un restaurante la creación de un congreso internacional de prehistoria por el “comité de los cinco” que participaban en el almuerzo, Hugo Obermaier, Gerhard Bersu, Wilhelm Unverzagt, Raymond Lantier y como secretario Pedro Bosch Gimpera (1980, p. 139), un francés, un español y 3 alemanes, uno nacionalizado español, que se amplió con una segunda reunión entre el 24 y 25 de febrero en el Museo de Saint – Germain – en – Laye donde asistió también Raymond Vaufrey y John Myres que vino de Londres. Allí se convocó una reunión formal preparatoria para constituir un congreso de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas el 28 y 29 de mayo en el Museo Histórico de Berna, donde Bosch Gimpera, que presidió la reunión, con Obermaier, representaron a España, y al final de la misma, el “comité de los cinco” se fueron al cabaret *Chiquito* junto con la esposa de Lantier (BOSCH GIMPERA, 1980, p. 139-140).

El 3 y el 11 de julio de 1932, Obermaier se encontraba en París según postal y carta enviada a García y Bellido, trabajando en el *Institut de Paleontologie Humaine* (RAH FAGB). Al mes siguiente asistió al I Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, celebrado en Londres entre el 1 y 6 de agosto de 1932, donde sólo asistieron los dos españoles con representación oficial, a los que se les cubría el coste del viaje según propuesta del Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes de 21 de junio de 1932 (GRACIA, 2011, p. 238). En el congreso, Obermaier no presentó comunicación, y Bosch Gimpera (1933) defendió su visión de las migraciones con los campos de urnas. Bosch Gimpera (1980, p. 140) también presentó las dos comunicaciones de Pericot (1934a – b), quien además fue objeto de un elogio especial por Obermaier (GRACIA, FULLOLA & VILANOVA, 2002, p. 212), lo que amplificó su importancia. También viajó Siret (1934), quien defendió la existencia de una etapa específica del Eneolítico respecto a la Edad del Bronce.

La navidad de 1932-33, Obermaier viajó a Lisboa y Portugal del 15 de diciembre de 1932 al 5 de enero de 1933, visitando a José Leite de Vasconcelos en el Museo de Belem el día 16 (CARDOSO, 2009, p. 131).

Entre el 22 y 29 de julio de 1933 debía marchar a Estados Unidos y participar en el XVI Congreso Geológico Internacional celebrado en Washington (OBERMAIER, 1936a) con el tema “Der diluviale Mensch auf der Pyrenäenhalbinsel”, pero sólo debió enviar su comunicación pues las fechas coincidieron con el crucero universitario por el Mediterráneo.

Se ha sugerido que Obermaier dio la lectura final en el Primer Congreso Internacional de Ciencias Antropológicas y Etnológicas, celebrado en Londres entre el 30 de julio y el 4 de agosto de 1934, situando su celebración en Estocolmo (ZÜCHNER, 1997, p. 13, 21 y 2009, p. 150), aunque Obermaier no tuvo la representación de España, que correspondió a L. de Hoyos Sainz (Madrid), mientras en comité en España estaba formado por J.M. de Barandiarán (San Sebastián), F. de las Barras y de Aragón (Madrid) y L. Pericot (Barcelona), actuando como secretarios J. Pérez de Barradas (Madrid) y S. Alcobé (Barcelona).

22 – EL CONFLICTO POR LA CÁTEDRA DE ARQUEOLOGÍA DE MADRID ENTRE LAS ESCUELAS DE OBERMAIER Y GÓMEZ – MORENO

Tras la jubilación de José Ramón Mélida y Alinari, el 26 de octubre de 1927 (CASTAÑEDA, 1934, p. 10), no se cubrió la cátedra de Arqueología de la Universidad de Madrid, mientras Mélida continuó siendo director del Museo Arqueológico Nacional hasta 1930. Mélida intentó evitar que un alumno de Gómez – Moreno le sustitu-

yese en la cátedra, y buscó una alternativa ante dos posibles candidatos, ya catedráticos, Juan de Mata Carriazo en Sevilla y Cayetano de Mergelina, en Valladolid. La plaza se convocó por primera vez en 1930, presidida por José Ramón Mélida, con un tribunal compuesto por José Vicente Amorós i Barra, Pedro Bosch Gimpera, José Ferrandis Torres y Francisco Álvarez – Ossorio, pero fue declarada desierta (GARCÍA SANTOS, 2003 – 05, p. 273 tabla 1). Se ha sugerido que la plaza se convocó en 1931 y no se presentó (MORA, 2020, p. 55). No obstante, Obermaier, en una carta del 1 de diciembre de 1930, ya le da el tratamiento de catedrático de universidad (RAH FAGB) antes de ganar la oposición, quizás porque cubría interinamente la cátedra.

Entre una nueva generación de estudiantes, Antonio García y Bellido había cursado la carrera de Filosofía y Letras entre 1920-24 y realizado los cursos de doctorado en 1924-25. No obtuvo el título de licenciado hasta el 24 de mayo de 1928, después de haber aprobado una Reválida el 27 de septiembre de 1927 (AGA, 21/20.505). En el curso 1926-27 comenzó a colaborar en el Centro de Estudios Históricos, preparando una tesis doctoral de Historia del Arte, *Estudios del Barroco español. Avance para una monografía de los Churriguerras*, bajo la supervisión de Elías Tormo, que defendió el 8 de octubre de 1929, con un tribunal formado por Pío Zabala, Manuel Gómez – Moreno, José Ferrandis, Francisco de Amat y Elías Tormo (BLÁNQUEZ & PÉREZ RUIZ, 2005, p. 32-33; MEDEROS, 2010, p. 66). Su título de doctor fue expedido el 8 de octubre de 1929 (AGA, 21/20.505). Hasta fechas inmediatas a la oposición había sido discípulo de Elías Tormo y Manuel Gómez – Moreno en la sección de Arte del Centro de Estudios Históricos, bajo cuya dirección había trabajado durante 5 años, entre 1925-30, como él mismo indica (JAE/60 – 131/2, 22-6-1930; MEDEROS, 2010, p. 66).

Durante tres años académicos, 1927-28, 1928-29 y 1929-30, García y Bellido estuvo realizando las sustituciones de Mélida, quizás como Ayudante encargado de Clases Prácticas, pero sin ningún contrato formal como docente, porque la docencia oficial tenía que estar adjudicada a algún profesor que finalmente no la impartía, y se le señala como mérito a la hora de su contratación como Profesor Auxiliar de 2º grupo de Historia, que fue efectiva por primera vez el 2 de junio de 1930, tomando posesión el 14 de junio, habiendo constancia que ejerció durante 8 meses y 18 días hasta el 2 de marzo de 1931 (AGA, 21/20.505; MEDEROS, 2010, p. 66), estando la oposición a la cátedra ya convocada por segunda vez desde el 10 de enero. García y Bellido figura como Ayudante de Arqueología en el encabezado de una carta enviada por Obermaier el 16 de febrero de 1928 (RAH FAGB) y en un curriculum suyo indica 1927 (BLÁNQUEZ & PÉREZ RUIZ, 2004, p. 33 nota 13), curso 1927-28. Debe tenerse en cuenta que al no ser doctor, hasta iniciado el curso 1929-30, García y Bellido no estaba autorizado a impartir docencia formal, ni siquiera como Auxiliar interino gratuito, lo que ya fue posible desde el curso 1930-31 (MEDEROS, 2010, p. 66).

La cátedra de Arqueología de la Universidad Central fue vuelta a convocar el 10 de enero de 1931 (AGA, 21/20.505). El tribunal estaba formado por José Ramón Mélida, como presidente; José Vicente Amorós i Barra como secretario, catedrático de Arqueología, Epigrafía y Numismática de la Universidad de Barcelona; Hugo Obermaier, catedrático de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid; y el académico de la Historia e historiador de la España musulmana, Antonio Prieto y Vives, los cuales votaron a García y Bellido, que entonces contaba con 28 años, y sólo Gómez – Moreno votó a Carriazo, entonces con 32 años. Otros dos miembros del tribunal, Andrés Ovejero Bustamante, catedrático de Historia del Arte de la Universidad Central y Antonio Ballesteros Beretta, académico y catedrático de Historia de España no figuran en el acta final porque no comparecieron al segundo ejercicio (DÍAZ – ANDREU, 2004, p. xcix – c; BLÁNQUEZ & PÉREZ RUIZ, 2005, p. 36 n. 14; MEDEROS, 2010, p. 65 – 69; GRACIA, 2021, p. 251). La propuesta del tribunal presidido por Mélida fue elevada el 4 de diciembre de 1931, con 4 votos a favor, y el nombramiento se hizo efectivo el 15 de diciembre, tomando posesión García y Bellido el 17 de diciembre (AGA, 21/20.505; MEDEROS, 2010, p. 65-66). Ha sido considerado “el más querido de sus discípulos” de Obermaier (GRACIA, 2009a, p. 98) y

también de Mérida (GRACIA, 2021, p. 182), pero realmente sólo tuvo una estrecha relación en la fase final de su vida, durante la primera mitad de la década de los treinta, particularmente a partir de su estancia en Alemania de 6 meses en 1932, una vez catedrático, antes de marchar Obermaier al extranjero en 1936, pues no hay ninguna carta de Obermaier a García y Bellido durante sus dos primeras estancias de verano en Alemania en 1930 y 1931, principalmente en Coblenza (RAH FAGB). Durante agosto de 1931 Obermaier estuvo con su hermana y su cuñado en Baviera según una carta del día 8 a Leite de Vasconcelos (CARDOSO, 2009, p. 122: 130). En cambio, otros investigadores como Pérez de Barradas o Martínez Santa – Olalla le preceden como discípulos importantes y otros fueron posteriores como Martín Almagro Basch, Francisco Esteve Gálvez, que leyó su tesis doctoral bajo su dirección, *Estudio acerca de la cerámica cardial y el origen del vaso campaniforme* (ESTEVE, 1935), Domingo Fletcher Valls que fue su alumno de doctorado en 1934-35 y ayudante en 1935-36 y cuya tesis quedó interrumpida por la Guerra Civil o Julio Caro Baroja, alumno de doctorado entre 1933 – 34, que acabó optando por la Etnografía, que fue el tema de todos sus artículos entre 1933-35. Dada la diversidad de pareceres científicos entre sus discípulos “si no se puede decir que constituyeron escuela, sí que formaron un grupo fecundo de investigadores” (ALMAGRO BASCH, 1947d, p. 200). En todo caso, la necrológica que le dedicó García y Bellido (1947) a su muerte muestra lo bien que lo conocía desde un punto de vista personal.

El resultado de la oposición, de paso, le permitió a Obermaier promocionar a Julio Martínez Santa – Olalla, quien accedió como Profesor Auxiliar Temporal de Arqueología, Numismática, Epigrafía e Historia Primitiva del Hombre mediante concurso – oposición durante cuatro cursos académicos, 1932-36 (AGA, 21/20.505; MEDEROS, 2011-12, p. 340), por lo que no sólo fue Profesor Auxiliar de Obermaier, sino también de García y Bellido.

Esto propició a su vez que Martínez Santa – Olalla dejase vacante la ayudantía de la cátedra de Historia Primitiva del Hombre, que pasó a ocupar después un nuevo alumno de doctorado de Obermaier desde octubre de 1933, Martín Almagro Basch, con 22 años, el 1 de diciembre de 1933 (AGUCM P – 435; MEDEROS, 2011-12, p. 340).

La ayudantía implicaba llevar el Seminario de Historia Primitiva del Hombre (JAE/4 – 199/2 y 7, 31-1-1934 y 26-1-1935; MEDEROS, 2011-12, p. 340), como lugar de trabajo al estilo alemán donde confluía con sus discípulos y estudiantes de doctorado, llevando a veces las discusiones al exterior en la cervecería *Gabrinus* de la calle Zorrilla, cerca del Centro de Estudios Históricos (ALMAGRO GORBEA, 2013, p. 173).

23 – EL CRUCERO UNIVERSITARIO POR EL MEDITERRÁNEO DE 1933

Entre las actividades docentes en las que se vio involucrado Obermaier, quizás la más llamativa fue el crucero universitario por el Mediterráneo realizado en el verano de 1933. Obermaier había estado trabajando unos días en París pues le escribió a García y Bellido el 3 de julio desde el *Institut de Paléontologie Humaine* (RAH FAGB).

Se embarcaron en el *Ciudad de Cádiz*, barco de Transmediterránea que habitualmente viajaba a Canarias. La expedición estaba compuesta por 192 personas, de los cuales 123 eran estudiantes de las secciones de Historia de las Universidades de Madrid, Valladolid, Zaragoza, Barcelona, Valencia y Sevilla, 19 estudiantes de las Escuelas de Arquitectura de Madrid y Barcelona con un profesor de Madrid, 15 catedráticos, 13 profesores auxiliares o ayudantes, 15 antiguos alumnos en el cuerpo de archiveros y bibliotecarios o en institutos y 2 funcionarios del Patronato de Turismo para promocionar a España. El precio del viaje fue de 1.600 pesetas. La

salida del grupo de Madrid fue el 15 de junio llegando a las 11 de la mañana a Barcelona (GÓMEZ – MORENO RODRÍGUEZ, 1995, p. 408-409; GRACIA & FULLOLA, 2006, p. 66-67).

La salida del barco fue de Barcelona a las 4 de la tarde del 15 de junio, iniciando la ruta hacia Túnez – Cartago (17-6), Susa – Kairuán, Túnez (18-6), La Valette, Malta (19-6), Alejandría – El Cairo (22-6), El Cairo (22-6/24-6), El Cairo – Alejandría (25-6), Jaffa, Israel (26-6), Jaffa – Jerusalén (27-6), Jerusalén (28-6), Jerusalén – Jaffa (29-6), La Candia, Creta (1-7), Knossos – La Candia (2-7), Rodas (3-7), Esmirna (4-7/5-7), Constantinopla, Turquía (6-7/10-7), Salónica, Grecia (11-7/13-7), Atenas (14-7/16-7), Nauplia – Micenas – Tirinto (17-7), Itéa – Delfos (18-7), Catácolo – Pyrgos – Olimpia (19-7), Siracusa, Sicilia (20-7/21-7), Palermo, Sicilia (22-7/23-7), Nápoles (24-7), Pompeya – Herculano (25-7), Paestum – Salerno (26-7), Nápoles (27-7/28-7), Mahón, Menorca (30-7), Palma de Mallorca (31-7) y Valencia (1-8) (GÓMEZ – MORENO RODRÍGUEZ, 1995, p. 408-409; GRACIA & FULLOLA, 2006, p. 80-81). Dos visitas previstas inicialmente, Beirut en el Líbano, como punto de partida para una excursión a Damasco en Siria, y una posterior escala en Chipre, se descartaron antes de la partida, la primera por razones de seguridad y de precio en la ciudad de Beirut, y la segunda, al descartarse la anterior escala, se optó por navegar directamente a Creta (GRACIA & FULLOLA, 2006, p. 79).

En las visitas los mismos alumnos se agrupaban siempre con cada profesor, teniendo Obermaier a su cargo 10 chicos, entre los que se encontraban Martín Almagro Basch y Carlos Alonso del Real, y 10 chicas, que coordinaba Francisco Esteve Gálvez (1933/2009, p. 38), “encargándome yo, como si fuese el cabo, de transmitir órdenes y llevar el control del grupo”. A veces iban separados, como cuando visitaron en un coche con el hijo de Temi Zammit algunos de los templos malteses, en el cual García y Bellido, Martínez Santa-Olalla y Esteve (1933/2009, p. 56) acompañaron a Obermaier. Al acabar el viaje, Obermaier recomendó a Esteve de nuevo a Pericot “que merece, por su celo, toda su protección” (BC FLP caja 22, 2 -11-1933).

El 19 de junio, Obermaier dio una conferencia sobre monumentos megalíticos de la isla de Malta (BLÁNQUEZ & PÉREZ RUIZ, 2004, p. 48 tabla 1) y durante la estancia en Jerusalén, el 29 de junio, Obermaier acompañó al impartir una misa en el Santo Sepulcro, que fue la única ocasión en que García y Bellido (1947, p. 299) le vio vestido de sacerdote. Como señala más discretamente Esteve (1933/2009, p. 121), “Unos pocos asistimos a la misa que cada día celebra el superior de los padres franciscanos en el Santo Sepulcro”.

Durante todo el trayecto, la tensión resultante de la oposición a la cátedra de Arqueología en la Universidad de Madrid se siguió reflejando, como recoge Pericot (1972, p. 16) durante dicho Crucero, “don Manuel [Gómez – Moreno] no sintió excesivo afecto por la ciencia y erudición extranjeras y lamentó muchas veces, en sus conversaciones conmigo, la relación que nuestra escuela de Barcelona mantenía con sabios prehistoriadores de más allá del Pirineo (...) ya que la escuela de Barcelona fundada por Bosch Gimpera, formado a su vez en Alemania, se hallaba científicamente ligada al profesor Obermaier (...) Quienes recuerden todavía el comedor del ‘Ciudad de Cádiz’ en su fantástico derrotero de mes y medio por el Mediterráneo [15 – junio – 1 agosto 1933], recordarán que la escisión a que me refiero se simbolizaba en las dos alas del comedor principal”. “[García y] Bellido, con Taracena y conmigo [Pericot], acompañábamos a D. Hugo Obermaier en la mesa del rincón del comedor del ‘Ciudad de Cádiz’, en la situación opuesta a donde se sentaba D. Manuel Gómez-Moreno con su hija M.^a Elena y sus discípulos Mergelina y Carriazo” (PERICOT, 1975, p. 13-14), junto con Emilio Camps Cazorla, María Elena Gómez-Moreno, una amiga suya del doctorado procedente de Granada, Elena Rodríguez Danilewsky y Antonio Tovar, alumno de Mergelina en Valladolid (GÓMEZ-MORENO RODRÍGUEZ, 1995, p. 411). Los alumnos denominaban con ironía al grupo de prehistoriadores y arqueólogos clásicos alrededor de Obermaier “la Caverna” (GARCÍA y BELLIDO, 1947, p. 300).

En el caso de Blas Taracena, “aunque no se hubiese formado en nuestra escuela, pertenecía al grupo de Bosch, que le protegió constantemente, y en cierto modo se podía considerar como el lazo de unión entre uno de los grupos de Madrid [de Mérida] y nuestro grupo de Barcelona” (PERICOT, 1963, p. xxv).

La rivalidad entre Obermaier y Gómez-Moreno también era resultado de sus diferentes puntos de vista en la aproximación a la Prehistoria, con el rechazo de Obermaier al coleccionismo arqueológico y el comercio de antigüedades entre investigadores, a la redacción erudita sin presentar datos arqueológicos concretos, a las miradas estilísticas más próximas a la historia del Arte frente a criterios cronológicos o estratigráficos, a la primacía del clientelismo frente a los méritos científicos que había que demostrar, etc. En contraste, Obermaier es uno de los primeros ejemplos de una formación muy próxima a Ciencias, con especialización en Geología, Geomorfología y Prehistoria.

Los alumnos también formaban grupos regulares en las mesas al comer y en una de ellas de cinco personas se sentaban Francisco Esteve Gálvez (1933/2009, p. 314), Martín Almagro Basch y Carlos Alonso del Real.

Al regresar del crucero, Obermaier pasó una semana en Madrid, para marchar después a Santander donde impartió un curso con 6 conferencias sobre “El hombre diluvial y su arte” en la Universidad de verano Menéndez y Pelayo de Santander (MADARIAGA & VALBUENA, 1981, p. 77), el primer año que se impartía después de su fundación en agosto de 1932, permaneciendo el resto del verano en Nueva (Santander) con el conde de la Vega del Sella, indicativo de su estrecha amistad, al menos hasta el 18 de septiembre de 1933 que volvió a Madrid. Su grado de amistad dentro de la familia del conde hacía que fuese llamado el “tío Hugo” (MÁRQUEZ URÍA, 1988, p. 492). En una carta a García y Bellido del 7 de septiembre (RAH FAGB; MORA, 2020, p. 60), aprovecha para criticar a Cabré, que trabajaba con Gómez – Moreno, pues acababa de publicar unas pinturas rupestres de la cueva de Socampo (Nueva, Asturias) (CABRÉ, 1933), que considera “¡falsificaciones sin valor!”.

El éxito del crucero universitario de 1933 llevó a la Universidad de Barcelona a organizar otro ya trasatlántico hacia América en el verano de 1934 (DÍAZ – PLAJA & JIMÉNEZ LEÓN, 2015), que hizo escala Las Palmas, Puerto Rico, Santo Domingo, La Guayra, Puerto Cabello, Curacão, Puerto Colombia, Barranquilla, Cristóbal Balboa, Colón, Panamá, Puerto Limón y Puerto Barrios, La Habana y vuelta desde Nueva York, entre los cuales participó como profesor el antropólogo Francisco de las Barras y Aragón.

24 – EL OFRECIMIENTO DE LA CÁTEDRA DE PREHISTORIA DE LA UNIVERSIDAD DE BERLÍN ENTRE 1932-36

En 1932 se le ofreció la cátedra de Prehistoria de Berlín que había tenido Max Ebert, fallecido el 15 de noviembre de 1929, por el *Preussischen Ministeriums für Wissenschaft, Kunst und Volksbildung* – Ministerio Prusiano de Ciencia, Arte y Educación Nacional – el 9 de junio de 1932, para comenzar su docencia el 1 de octubre de 1932 (HÄNSEL, 1991; ZÜCHNER, 1995, p. 52, 1997, p. 13 y 2009, p. 150; MEDEROS & ESCRIBANO, 2011: 84-88), aunque se ha sugerido también la fecha de 1933 (ALMAGRO GORBEA, 2013, p. 174). La renuncia inicial que hizo Obermaier tuvo trascendencia pública pues en sesión del 30 de noviembre de 1932, la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, de la que Obermaier era vicepresidente en 1932, mostró a solicitud de Martínez Santa – Olalla su satisfacción por su continuidad en la cátedra de Madrid (Fig. 5).

La Universidad de Madrid incluso había barajado hacerle una subida salarial excepcional hasta 20.000 pesetas para que no marchase a la Universidad de Berlín, pero ya ese año tuvo una mejora salarial de 2.000 pesetas cuando fue nombrado director del Departamento de Prehistoria en el Museo Nacional de Antropología,

al pasar Hernández Pacheco como director del Departamento de Geología en el Museo Nacional de Ciencias Naturales (ZÜCHNER, 1997, p. 13 y 2009, p. 150).

Es posible que tampoco fuera una coincidencia que el 24 de marzo de 1932, Martínez Santa – Olalla firmase la plaza de Profesor Auxiliar de Arqueología, Numismática, Epigrafía e Historia Primitiva del Hombre de la Universidad Central de Madrid, fue nombrado el 27 de mayo y tomó posesión el 6 de junio, comenzando a impartir docencia en dos asignaturas, Historia Primitiva del Hombre y Arqueología, Numismática y Epigrafía (AGA 31/01539; MEDEROS, 2019: 113), por si tenía que hacerse cargo también de la docencia de Obermaier a partir de octubre, dejando en Madrid a su principal ayudante.

La Universidad de Berlín buscaba un catedrático de Prehistoria importante que siguiese la estela dejada por Ebert, y Obermaier había sido uno de los principales colaboradores del *Reallexikon der Vorgeschichte* – Enciclopedia de Prehistoria – en 15 tomos entre 1924-29, publicados por la editorial berlinesa Walter de Gruyter, con la que siguió colaborando hasta la finalización de la Enciclopedia en 1932, con unas 130 aportaciones. Realmente, Ebert había sido una incorporación tardía a la Universidad, *Ordentlicher Professor für Ur-und Frühgeschichte*, catedrático de Prehistoria e Historia Antigua, entre 1927 y 1929, después de haber sido *Professor für Vorgeschichte* o Prehistoria en la Universidad de Königsberg entre 1922-24, donde se había habilitado bastante tarde, ya con 39 años, en 1918.

El 4 de noviembre de 1932 le comentaba Obermaier a García y Bellido que había decidido quedarse en España (RAH FAGB), “la situación político – social general en Alemania es extremadamente preocupante. Nuestras universidades ciertamente no perecerán (¡mucho menos las de Berlín!), pero la situación puede complicarse todavía más, de modo que nos encontraremos con grandes obstáculos para grandes excavaciones, viajes, etc.”, resaltando las ventajas en Madrid por las numerosas manifestaciones de apoyo por parte de colegas, la Facultad, el nuevo campus en Ciudad Universitaria que fue inaugurado el 15 de enero de 1933 y la mejora salarial.

Las negociaciones continuaban meses después porque Obermaier escribió el 28 de marzo de 1933 a F. Schmitt – Ott sobre los problemas que tenía aceptar la plaza (ZÜCHNER, 1995, p. 52), los cuales se habían agravado con el nombramiento de Adolf Hitler como Canciller de Alemania, al ser elegido por el presidente Paul von Hindenburg el 30 de enero de 1933. El 27 de febrero, el edificio del Reichstag, sede del Parlamento de la República de Weimar, fue incendiado, lo que le sirvió a Hitler para recortar drásticamente los derechos civiles y finalmente ganar las elecciones el 5 de marzo, aunque sólo con el 44% de los escaños. Para conseguir dos tercios en el Parlamento ordenó la detención de todos los diputados comunistas del KPD *Kommunistische*



Fig. 5 – Hugo Obermaier en Brinn-Brno (Chequia), 1931.
Hugo Obermaier Gesellschaft, Erlangen.

Partei Deutschlands y parte de los socialistas, a los que acusó del incendio, antes de la apertura del Parlamento el 21 de marzo. Dos días después, el 23 de marzo, el nuevo Parlamento aprobó la Ley para aliviar las penurias del pueblo y del Reich o ley habilitante que lo convertía en dictador *de facto*, aunque aún existía la posibilidad de veto por Hindenburg, que tuvo 441 votos a favor y 94 en contra de los diputados del Partido Socialdemócrata SPD *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* que quedaban.

Sólo 5 días después, ya enterado Obermaier, escribía preocupado a su amigo Friedrich Schmitt – Ott. Antiguo *Preussischen Kultusminister* – Ministro Prusiano de Cultura – en 1917, era en 1933 la persona más influyente en investigación de Alemania. Fue presidente entre 1920-34 de la *Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaften* – Sociedad Alemana para la Preservación y el Fomento de la Investigación – y entre 1920-37, segundo vicepresidente de todos los institutos del *Kaiser Wilhelm Gesellschaft* – Sociedad Kaiser Wilhelm –.

El 10 de mayo Hitler declaró ilegal el Partido Socialdemócrata utilizando la nueva ley, el 5 de junio al Partido católico de Centro *Deutsche Zentrumspartei*, aprovechando la firma de un nuevo concordato con la Santa Sede y finalmente convirtió el 15 de julio al *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – Partido Nacional – Socialista de los Trabajadores Alemanes – en el único partido autorizado en Alemania.

Otro factor importante a tener en cuenta fue que durante el curso 1933-34, Eugen Fischer sustituyó a Eduard Kohlrausch como Rector de la Universidad Friedrich – Wilhelms de Berlín, lo que favoreció la continuación de las negociaciones, debido a la relación que existía entre Obermaier y Fischer, colegas en el proyecto conjunto de investigación sobre las Islas Canarias (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 32-38).

En 1934 entró Hans Reinerth, con 33 años, como catedrático de Prehistoria, *Ordentlicher Professor für Vorgeschichte*, en la Universidad Friedrich-Wilhelms de Berlín. Era miembro del Partido Nacional-Socialista desde 1931. Nacido el 13 de mayo de 1900 en Bistriz (Rumanía), se había licenciado en 1921 en la Universidad de Tübingen, leyendo su habilitación sobre *Die jüngere Steinzeit in der Schweiz* – El periodo Neolítico en Suiza (1925), publicada al año siguiente (REINERTH, 1926), entrando como Profesor Auxiliar de la Universidad de Tübingen desde 1925 hasta 1933. Reinerth (1936) consideraba que no había que prestar atención a la “historia de Roma o de los Eslavos, culturas foráneas en suelo germano”.

No era un profesional consolidado, ni podía compararse con Obermaier que ya con 56 años se había habilitado en 1908, era catedrático desde 1922, Doctor *Honoris causa* por la Universidad Albert – Ludwigs de Freiburg desde julio de 1925, internacionalmente conocido y escribía todos los artículos sobre Paleolítico en el *Reallexikon der Vorgeschichte*, que siguió editándose después de la muerte de Ebert hasta 1932.

Si tenemos en cuenta que Reinerth entró en octubre de 1934 en la Universidad Friedrich – Wilhelms de Berlín (KRALL, 2005, p. 41), es presumible que mientras Fischer fue el Rector en el curso 1933-34 no se contrató a ningún catedrático, esperando una decisión finalmente favorable de Obermaier.

Fischer mantuvo un contacto regular con Obermaier por lo menos hasta 1936, como evidencia una carta del 22 de enero (LÓPEZ JUNQUERA, 1985, p. 50), informándole de un análisis realizado por Othenio Abel sobre un diente de Altamira con marcas de uso que pertenecía a un delfín.

La realidad es que la plaza de Ebert siguió sin cubrirse, pues la Universidad también contaba hasta su fallecimiento el 20 de diciembre de 1931 con el Profesor Extraordinario de Prehistoria, *ausserordentlicher Professor für Vorgeschichte*, específicamente centrado en Arqueología Alemana, Gustaf Kossinna, a quien realmente sustituyó Reinerth. Kossinna, nacido en Tilsit -después Solvetsk en Kalinigrado – en 1858, fue Profesor Extraordinario desde 1902 hasta 1926, a la vez que trabajó durante este mismo periodo en la Biblioteca de la Universidad de Berlín, pues había sido previamente Conservador de la *Königlichen Bibliothek* – Biblioteca Real – de Berlín entre 1892-1902.

El peso científico de Obermaier se reforzó en 1934, cuando el *Forschungsinstitut für Kulturmorphologie* – Instituto de Investigación de Morfología Cultural de la Universidad de Frankfurt, que dirigía Frobenius, le concedió la Medalla *Georg Schweinfurth* el 15 de enero de 1934 y poco después de que hubiera sido nombrado Doctor *Honoris Causa* por la Universidad de Lisboa, el 26 de marzo de 1934 (ZÜCHNER, 1997, p. 21), aunque se ha asignado también a la universidad de Oporto (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 292). Sin embargo, una nota en las *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* de 1935 señala que “Lisboa: La Universidad ha nombrado doctor honoris causa a H. Obermaier”. No obstante, la amplia correspondencia de Obermaier con Leite de Vasconcelos, con 35 cartas, no señala nada, ni sobre los preparativos para la solicitud, ni sobre su posible concesión (CARDOSO, 2009, p. 109), a lo que se suma las gestiones realizadas por J.L. Cardoso (com. pers.) en las universidades de Lisboa y Oporto que no han dado ningún resultado positivo. En conclusión, hay que admitir que la información que apoya el nombramiento de Obermaier como Doctor Honoris Causa de la Universidad de Lisboa es de momento no probada. Sin embargo, Obermaier estuvo en Lisboa en 1934, y fue recibido en la Asociación de Arqueólogos Portugueses, siendo Joaquim Fontes el encargado del respectivo saludo (FONTES, 1934).

Se ha sugerido que Obermaier hizo un posicionamiento público en el I Congreso Internacional de Ciencias Antropológicas y Etnológicas, celebrado en Londres y Oxford entre el 30 de julio y el 4 de agosto de 1934, realizando un discurso de cierre donde criticó las restricciones que se estaban poniendo a la investigación en Alemania (ZÜCHNER, 1997, p. 13, 21 y 2009, p. 150), aunque indica como lugar de celebración en Estocolmo, en vez de Londres, tampoco coincide con el II Congreso celebrado en Copenhagen, Dinamarca, en 1938 y no se aporta documentación adicional.

La celebración del I Congreso de Prehistoria del Mediterráneo Occidental tuvo una problemática especial por el pronunciamiento de Lluís Companys el 6 de octubre de 1934 en Cataluña y la proclamación del Estado Catalán, que llevó a prisión temporal a Bosch Gimpera por delito de rebelión militar el 27 de octubre y después a su suspensión como Director del Museo de Arqueología el 27 de noviembre, hasta el sobreseimiento de la causa el 11 de diciembre, si bien, ese mismo día, se produjo su cese como Rector. Todos estos sucesos afectaron al prestigio de Pedro Bosch Gimpera, excusándose de asistir al congreso de Barcelona en septiembre de 1935, Obermaier y Taracena entre los españoles, todos los británicos, italianos y alemanes, además de parte de los franceses (GRACIA, 2011, p. 276-298).

La cuestión es que la Universidad de Berlín volvió a intentar contratar a Obermaier, quizás mientras permanecía en Berlín y con su hermana Emma y su cuñado Kaspar en Baviera, que debió ser hasta la navidad de 1936. En este periodo, entre los cursos 1934-37, el Rector fue el Catedrático en Anatomía Veterinaria, Wilhelm Krüger. Otra posibilidad sería que haya sido durante el mandato de sucesor, el historiador del altomedievo interesado en pueblos germanos y eslavos, Willy Hoppe, Rector entre 1937-42. La información la conocemos a través de Pérez de Barradas (1948, p. 14), quien menciona que “En 1936-38 volvió a rechazar la misma propuesta”, que ahora sí tuvo consecuencias “y entonces la intransigencia política le cerró las puertas de su patria y de su querida Viena”.

Dos elementos sugieren que la nueva oferta de la cátedra fue quizás a inicios de 1936, antes del estallido de la Guerra Civil. Por una parte, lo supo Pérez de Barradas, probablemente antes de marcharse a Colombia a inicios de julio de 1936, quien después de la guerra tuvo nulo contacto con Obermaier. Por otra, el hecho que Martínez Santa – Olalla solicitase el 27 de marzo de 1936 permanecer en Madrid como Profesor Auxiliar de la Universidad Central de Madrid, y no se incorporarse a la Cátedra recién ganada de Historia del Arte, Arqueología y Numismática en Santiago de Compostela, perdiendo prestigio y dinero (MEDEROS &

ESCRIBANO, 2011, p. 123-127). Sólo si pensaba que podía aspirar a hacerse cargo de la docencia de Obermaier tendría lógica esta actitud.

Sabemos que Hugo Obermaier marchó fuera de España al menos desde el 20 de febrero al 14 de marzo de 1936. Tras el viaje, presumiblemente a Alemania, volvió vía Holanda hasta París, donde llegó el 7 de marzo, pero no pudo coincidir con Breuil que pensaba viajar por entonces a Inglaterra y al que finalmente vio antes de volver a España el 14 de marzo (PORCAR, 1965/2010, p. 48 cartas 36-37, 49 carta 38). Cabe presumir una entrevista entre Obermaier y Martínez Santa – Olalla entre el 15 y el 26 de marzo que explique la solicitud de permanencia en Madrid de Martínez Santa – Olalla.

Si vemos el contexto político resulta más entendible el viaje de Obermaier y su vuelta a reconsiderar la cátedra en Berlín y probablemente valorar directamente en persona y hablando con amigos la situación en las universidades alemanas. El 16 de febrero de 1936 ganó el Frente Popular las elecciones en España, dimitiendo el presidente Manuel Portela. El día 17 se produjo el asalto a sedes de partidos y periódicos de derecha, por lo que José María Gil – Robles pidió la declaración de estado de guerra y la ley marcial, por lo que es posible que poco después se marchase Obermaier y no esperase al día 20. El 18 de febrero se declaró el estado de alarma por el Gobierno durante 8 días, normalizándose un poco la situación con el nombramiento por Manuel Azaña de un nuevo gobierno el 19 de febrero con una coalición de Izquierda Republicana y Unión Republicana, excluyendo al PSOE. El 14 de marzo, el día de su regreso, se declaró ilegal Falange Española y su líder, José Antonio Primo de Rivera, fue detenido por posesión de armas.

25 – LAS ÚLTIMAS INVESTIGACIONES SOBRE ARTE LEVANTINO EN CASTELLÓN

Su última monografía fue el estudio de las pinturas de La Gasulla (Ares del Maestre, Castellón) (PORCAR, OBERMAIER & BREUIL, 1935), que suponía ampliar su trabajo en el barranco de la Valltorta (Castellón) (OBERMAIER & WERNERT, 1919). El libro publicado sólo recoge una parte de las pinturas porque Breuil cayó enfermo de fiebres tifoideas cuando copiaba las pinturas de El Cingle de La Gasulla (Castellón) y otra parte de los calcos de las pinturas de Cueva Remigia que estaban en el despacho de Obermaier en la Ciudad Universitaria fueron destruidas en 1937 (RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 171). Los calcos de las pinturas de El Cingle en La Gasulla fueron cedidos por Breuil a Ripoll Perelló (1963) quien los acabó publicando.

La correspondencia para realizar este trabajo permite seguir la trayectoria de Obermaier entre finales de 1934 y 1936. El 29 de julio de 1934 una residente de Villafrana del Cid localizó las pinturas del barranco de La Gasulla e informó al pintor Juan Bautista Porcar que exploró en detalle localizando los abrigos de Mas Modesto, Cueva Remigia y Mola Remigia (OBERMAIER, 1935, p. 107-108). Porcar escribió primero a Bosch Gimpera, quien presumiblemente ocupado en labores administrativas como rector, no contestó al mensaje de Porcar (1965/2010, p. 25), por lo que le escribió a Obermaier, quien contestó el 4 de octubre con prontitud. El 9 de octubre de 1934, tras recibir fotos y calcos, aceptó el inicio de una posible colaboración para el estudio de las pinturas (PORCAR, 1965/2010, p. 32 carta 2), indicándole que reservase el estudio como descubridor ante la Junta Superior de Excavaciones (PORCAR, 1965/2010: 32 carta 3), que gestionó rápidamente Obermaier ante Álvarez – Ossorio el 18 de octubre, por lo que “el estudio y la publicación oficial nos quedan definitivamente reservados” (PORCAR, 1965/2010, p. 33 carta 4) y le permitía solicitar financiación. Porcar siguió prospectando en zonas próximas y localizó nuevas pinturas en los barrancos de Dogues, Single y Más Blanc (OBERMAIER, 1935, p. 108). Aunque Porcar (1934) realizó una publicación preliminar sobre las pinturas del barranco de la Gasulla, el interés de Obermaier era redactar “nuestra monografía definitiva” (PORCAR,

1965/2010, p. 33 carta 5). Tras impartir conferencias en Bilbao en diciembre, gestionó con Breuil su participación también en el trabajo, “es, para nosotros, de una importancia capital, y nos asegura una monografía ‘ideal’” (PORCAR, 1965/2010, p. 34 carta 7). Hugo Obermaier siempre trabajaba con un dibujante, entre los cuales destacó Francisco Benítez Mellado, que seguía sus criterios de cuidadoso control de las proporciones y motivos representados, frente al dibujo a mano alzada que hacían Breuil o Cabré. Obermaier se ocupaba de la planta y alzado de los abrigos, plano general, fotografía y control de los dibujos.

Después de dos intentos frustrados de verse en marzo de 1935 en Valencia y en mayo de Madrid, al tener que marchar Obermaier a Santander a la Junta de la Cueva de Altamira, ya el 20 de mayo le confirma que tenían concedidas 5.000 pesetas por la Dirección General de Bellas Artes para el barranco de la Gasulla y que Julio Caro Baroja les ayudaría en las copias (PORCAR, 1965/2010, p. 36 carta 12). La presencia del maestro de Benassal, José Chocomeli Galán, llevó a Porcar a denunciarlo el 13 de junio a Obermaier y ante la Dirección General de Bellas Artes (PORCAR, 1965/2010, p. 38 cartas 15 – 16; ARASA, 2018, p. 20) “del Maestro Chocomeli (...) el Sr. Ossorio le ha además comunicado 2 veces, que está fuera de la ley y se expone a graves consecuencias” (PORCAR, 1965/2010, p. 39 carta 17). El problema se generó porque J. Chocomeli, colaborador del Servicio de Investigación Prehistórica en 1935, excavó un enterramiento en el Cingle de la Mola Remigia, cuyo hallazgo le comunicó el 16 de mayo, “Como supongo que los de Cultura Castellonense no están en condiciones de excavar y se trata de estratos que tanta luz podrían arrojar quizás respecto a las pinturas se lo comunico a V. por si le pareciera conveniente que hiciera el Servicio [I.P.] la denuncia antes de que se enteren los de M[adrid]”. Sin embargo, esta denuncia del hallazgo del enterramiento no lo realizó I. Ballester, según le comunicaba el 21 de junio, “con los de Castellón, con quienes no quiero chocar de ningún modo”. En respuesta de Chocomeli de 1 de julio señala que “Porcar (...) estaba quejoso porque tocamos el enterramiento (...) Han debido marear algo en Madrid valiéndose de Obermaier (...) los objetos debían de ser entregados”. La excavación se había realizado el 28 y 29 de mayo con cuatro personas, uno de ellos, J. Guerrero, que se había presentado como capataz del SIP (ARASA, 2018: 16-17, 19).

Entre el 5 y el 18 de julio de 1935, como había hecho el verano de 1933, Obermaier impartió un curso en la Universidad de verano Menéndez y Pelayo de Santander, la “Prehistoria y el origen del hombre sobre la tierra” (MADARIAGA & VALBUENA, 1981, p. 140. 142), volvió a Madrid hasta el 29 de julio y debía salir con Caro Baroja para Castellón el 30 de julio en dirección a Valencia, para después tomar tren o autobús para Castellón, pues Breuil tenía previsto llegar el 1 de agosto, aunque al final se retrasó hasta el día 3 de agosto, viniendo desde Génova (PORCAR, 1965/2010, p. 39 carta 17, 41 carta 21).

El trabajo de campo se realizó durante agosto de 1935. “Para nuestra expedición en agosto necesitamos cuatro sacos colchones; para Vd. [Porcar], el Sr. Baroja, el Sr. Breuil y para mi [Obermaier] (...) Si es posible preferiría, dormir en el abrigo” (PORCAR, 1965/2010, p. 38 carta 15). “Respecto a los víveres creo, que no necesitamos ni cerveza, ni aguas minerales, puesto que tenemos una buena fuente cerca de Remigia. Como vino, beberemos el excelente vino del país mismo. Nos hará, sobre todo falta: Té (marca Horniman), Cacao (en buena cantidad; marca Van Houten, si es posible), Café (buena cantidad), Coñac” (PORCAR, 1965/2010, p. 40 carta 20).

La campaña duró todo agosto volviendo Obermaier a Madrid el 30 de agosto, partiendo muy poco después hacia París a visitar a Breuil en su casa de campo en los alrededores de París, que había caído enfermo durante la realización de los calcos, regresando el 19 de septiembre (PORCAR, 1965/2010, p. 41-42 cartas 22-23). Obermaier y Porcar habían estado trabajando en Cova Remigia, mientras el trabajo de Breuil en unos diez abrigos en la parte alta del Cingle de la Gasulla quedó interrumpido a los 8 días al enfermar seriamente, marchándose después de una semana de reposo a Tarragona el 22 de agosto (PORCAR, 1965/2010, p. 27 y

1975, p. 187, 189, 190 carta 1). Antes de salir de Madrid había caído enfermo Caro Baroja, que no pudo asistir (PORCAR, 1965/2010, p. 26). Tuvieron la ayuda del fotógrafo Eduardo Codina.

Desde finales de septiembre, Obermaier se puso a corregir las pruebas del libro de Altamira, que llevaban 3 meses paradas por la lentitud de la imprenta (BREUIL & OBERMAIER, 1935; PORCAR, 1965/2010, p. 42 carta 24). Mientras tanto, Porcar continuó con el calco de varios abrigos en el barranco de la Gasulla que “facilitará enormemente nuestra tarea del verano que viene” de 1936 (PORCAR, 1965/2010, p. 43 carta 26).

El 8 de noviembre de 1935 ya iniciaron los preparativos de la solicitud del nuevo permiso a nombre de Porcar y Obermaier para completar el estudio del barranco de la Gasulla pues “quedan todavía por hacer unos 6 abrigos pintados en el Cingle de la Mola Remigia (Barranco de la Gasulla) y otros en los barrancos vecinos: Racó de Gasparo, Racó de Molero, Barranco les Dogues, Mas Blanc y Barranco Cingle” (PORCAR, 1965/2010, p. 44 carta 27). La idea inicial era realizar la campaña en mayo según señala Breuil el 1 de enero de 1936 (PORCAR, 1975, p. 191 – 192 carta 3).

Para acabar la redacción de la memoria para su publicación, Obermaier marchó de Madrid el 15 de diciembre para llegar a Castellón el día 16, quedándose en casa de Porcar una semana hasta el viernes 20 o sábado 21, y regresando a Madrid el 22 de diciembre (PORCAR, 1965/2010, p. 45 carta 31, 46 carta 33). Pasó todas las navidades con la redacción de la memoria hasta el inicio de las clases el 9 de enero de 1936, recibiendo el capítulo redactado por Porcar (1965/2010, p. 47 cartas 34-35). Las pruebas del libro se las remitió a Porcar el 18 de abril, que se las devolvió revisadas el 29 de abril (PORCAR, 1965/2010, p. 52 cartas 44-45). Del libro, Obermaier quitó “todo lo que se refiere al abrigo de Les Dogues, pues el conjunto del combate figurará tan solo en la segunda monografía” (PORCAR, 1965/2010, p. 53 carta 47). La impresión del libro estaba prevista para fines de junio o inicios de julio de 1936 (PORCAR, OBERMAIER & BREUIL, 1936; PORCAR, 1965/2010, p. 55 carta 49). Parte de la tirada se perdió, pero Porcar pudo recuperar una caja con 40 ejemplares entre las ruinas, tras un bombardeo de la imprenta de la Editorial Archivos de Olózaga en Madrid, con la ayuda de uno de los antiguos empleados en diciembre de 1938 (PORCAR, 1965/2010, p. 29).

La nueva subvención solicitada para la segunda campaña de 1936 fue nuevamente de 5.000 pesetas según le informó Obermaier, aunque no descartaba que fuese reducida (PORCAR, 1965/2010, p. 50 cartas 39-40), pero “Mr Breuil, que está actualmente en Italia, me ruega (...) decirle, que en vista de la situación inquieta no irá este año a España” (PORCAR, 1965/2010, p. 52 carta 45). La autorización llegó el 4 de mayo de 1936, indicándole que tenían que hacer los trabajos de campo en el segundo trimestre, entre abril y junio de 1936 (PORCAR, 1965/2010, p. 53 carta 46). La subvención se recibió finalmente a inicios de julio de 1936 y fue cobrada por Porcar, “Vd. y el amigo Codina pueden emprender y seguir todas las investigaciones, copias, fotografías, etc. y yo mismo iré a Castellón en octubre, después de mi regreso. Entonces dedicaremos unas 2 semanas a visitar juntos los sitios nuevos, a repasar, las copias de Vd. en la mano, los diferentes abrigos, a tomar las notas necesarias, etc. (...) No se olvide Vd. de hacer un croquis de conjunto de todos los barrancos, donde hay abrigos, que servirán de ‘mapa – bosquejo’ de la monografía nº 2” (PORCAR, 1965/2010, p. 54 carta 48, 56 carta 50). La campaña había empezado realmente a inicios de junio y se continuó durante buena parte de julio, pero dada la falta de seguridad por el inicio de la Guerra Civil, en agosto se devolvieron los fondos restantes a la Delegación de Hacienda en Castellón (PORCAR, 1965/2010, p. 28).

Desde 1935, Obermaier ayudó a Leo Frobenius para volver a estudiar algunas estaciones de arte parietal en la Península Ibérica que buscaban ampliar los fondos iconográficos de la *Forschungsinstitut für Kulturmorphologie* (FK), tras una primera visita entre el 30 de junio y el 8 de agosto de 1934 que incluyó la Roca dels Moros de Cogul (Lérida) y la Cova del Civil en el barranco de la Valltorta (Castellón), aunque carecía de los permisos necesarios, pues Frobenius quería compararlas con el arte rupestre del desierto de Libia que

presentaba también escenas de caza o de guerra, donde había realizado trabajos de campo en 1933 (GRACIA, 2009b, p. 177, 183-185). Para sus campañas en España, Libia y Transjordania contaron con una importante partida económica del gobierno de Hitler en febrero de 1935 de 30.000 RM (GRACIA, 2009b, p. 185, 197). La solicitud de permiso se realizó desde la embajada de Alemania el 28 de septiembre de 1935, pero fue rechazada el 18 de octubre por el subsecretario de Instrucción Pública y Bellas Artes porque se pedía una autorización general, sin especificar los casos específicos que se pretendían estudiar, contando con el asesoramiento de Obermaier, quien el 10 de noviembre escribió a Frobenius advirtiéndole de complicaciones para la obtención del permiso (GRACIA, 2009b, p. 187-188). Esto llevó a reconsiderar la solicitud, especificando el 14 de enero de 1936 el interés de realizar una campaña por el litoral mediterránea que inicialmente incluía la Cueva de los Casares (Saelices, Guadalajara), Cova y Mola Remigia en el barranco de la Gasulla (Castellón), Xativa (Valencia), Albarracín (Teruel), Prado de Navazo (Teruel), Charco de Agua Amarga (Teruel), Alpera y Cueva de la Vieja (Minateda, Albacete) y la cueva de Altamira (Santander), de los que se acabaron eliminando Gasulla y Xativa en las provincias de Castellón y Valencia (GRACIA, 2009b, p. 189, 191).

Esto provocó un conflicto de intereses como señala Obermaier a Porcar el 26 de marzo de 1936, “unos señores del Instituto de Francfort, bajo la dirección de mi amigo Frobenius (...) que quería copias de los dibujos rupestres de algunas cuevas (...) comunicaron a mí, que querían hacer, lo mismo, en Gasulla y en los demás abrigos, que estamos estudiando. Les he contestado, que esto no puede ser, antes de que nosotros hayamos terminado y publicado estos descubrimientos. El Sr. Frobenius me contestó, que en visto de esto, desistirá para este año. Como se me dice que el Sr. Frobenius vendrá pronto a Barcelona, Castellón, etc. (...) Avise también al casero Modesto, para evitar ‘sorpresas’ desagradables. Nadie está autorizado, hacer trabajos, mientras que nosotros no hayamos terminado los nuestros” (PORCAR, 1965/2010, p. 50-51 carta 40).

No fue por tanto una imposibilidad de acompañarles en marzo por parte de Obermaier que había sugerido Gracia (2009b, p. 190), a la vez que el patronato de Altamira, que presidía el Duque de Alba, rechazaba una nueva reproducción de los pinturas ya que acababan de ser publicadas (BREUIL & OBERMAIER, 1935). La respuesta del Junta del Tesoro Artístico el 4 de abril, especificaba claramente que “No podrán hacer investigaciones en aquellas cuevas que se hallen pendientes de estudio de los investigadores españoles, y (...) con la excepción de las cuevas de Los Casares y Altamira (...) la Junta no ve inconveniente en que se autoricen los trabajos en las restantes” (GRACIA, 2009b, p. 191), siguiendo los criterios de Obermaier.

Como alternativa, Frobenius solicitó el 9 de abril cambiar las cuevas de Altamira y Casares por las cuevas de El Castillo y La Pasiega, y con el visto bueno de Obermaier, se concedió el 22 de abril y se comunicó a la embajada alemana el 28 de abril (GRACIA, 2009b, p. 191).

La expedición alemana partió el 19 de abril de 1936 y tras pararse en varias cuevas en Francia y cruzar la frontera, el 25 de abril fueron a la cueva de El Castillo, donde empezaron a trabajar el 27 de abril, a los que se unió Obermaier el 30 de abril hasta el 2 de mayo, enseñándoles en detalle las cuevas de La Pasiega y El Castillo (GRACIA, 2009b, p. 193-197). Ya entonces sabía que Breuil no vendría a España por la situación política como le comunicó a Porcar (1965/2010, p. 52 carta 45) un día antes, el 29 de abril, y probablemente Obermaier ya estaba pensando en marcharse temporalmente de España. El 7 de abril había dimitido el presidente del gobierno, Alcalá – Zamora, forzado por una moción de censura y el primer intento fallido de golpe de estado ya se produjo el 19 de abril, al abortar el levantamiento el general Ángel Rodríguez del Barrio.

A pesar de que en marzo y octubre de 1932 se habían realizado nuevas copias de las pinturas de Altamira por parte de Breuil, a partir de fotos de Obermaier, siguiendo el encargo del duque de Alba, sin embargo, “La exploración de la caverna la caverna no pudo acabarse y Obermaier proyectó una nueva visita que nunca llevamos a cabo” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 167-168). Probablemente por ello, el propio

Obermaier reconsideró su opinión inicial y gestionó un nuevo permiso para que el equipo de Frobenius realizase nuevo calcos.

Al equipo de Frankfurt les informó personalmente el 30 de abril y visitaron Altamira el 2 de mayo con él, trabajando hasta el 7 de mayo en El Castillo, hasta el 16 de mayo en La Pasiega y entre el 17 de mayo al 14 de junio en Altamira, constatando en esta última cueva los dibujantes alemanes que “trabajamos con respeto al original y no reestructivamente” porque “existe una gran diferencia entre la interpretación de Breuil y la nuestra” (GRACIA, 2009b, p. 196-207).

A su vez, Obermaier les indicó su imposibilidad de participar en las visitas a las cuevas de Teruel y Albacete según telegrama de 14 de mayo de 1936, por lo que plantearon realizar una tercera campaña centrada en el Arte Levantino en Albacete en otoño de 1936, ya que tenían suficiente trabajo con el nuevo permiso para Altamira (GRACIA, 2009b, p. 200). Aunque hasta el 23 de mayo, Obermaier no comunicó a Porcar (1965/2010, p. 54 carta 48) que no podría hacer la campaña con ellos en junio y que saldría de España el 1 de junio, cabe presumir que cuando mandó el telegrama el 14 de mayo ya había tomado esta decisión y había planificado su viaje a Europa.

En contraste con el estrecho contacto con Porcar, a los alemanes sólo les mandó un nuevo telegrama el 31 de mayo anulando una nueva visita a Santander sin explicarles el motivo (GRACIA, 2009b, p. 204), cuando realmente al día siguiente se marchaba de España en dirección hacia París. Aunque el 10 de mayo Azaña fue proclamado presidente de la República, pocos días antes, el 4 de mayo, José Antonio Primo de Rivera había mandado una Carta a los militares de España incitando a un levantamiento militar y el general Mola había asumido por un cáncer del general Rodríguez del Barrio, la coordinación del levantamiento militar, que venía gestándose desde la reunión de nueve generales en Madrid el 8 de marzo de 1936, tras la victoria del Frente Popular el 16 de abril.

La redacción del capítulo del arte rupestre en la *Historia de España* había sido un motivo de conflicto porque Espasa Calpe se lo encargó a Cabré, negándose Obermaier a participar en el libro (BOSCH GIMPERA, 1980, p. 163-164) y redactar probablemente el capítulo del Paleolítico, que finalmente acabó escribiéndolo Almagro Basch (1947a). Como también había escrito el capítulo de Arte Rupestre para *Ars Hispaniae* (ALMAGRO BASCH, 1947c), a la muerte de Cabré en 1947, que dejó inacabado su capítulo en la *Historia de España*, se optó también por Almagro Basch (1947b, p. 443 – 485), que lo incluyó como capítulo VI y último del extenso texto sobre el paleolítico español y denominó “El arte rupestre naturalista del Levante español y el arte rupestre esquemático”, donde se inclina por una cronología epipaleolítica para el Arte Levantino en función de la industria lítica de algunos abrigos en Albarracín, Cogul y Valltorta y entre el Neolítico y el Bronce para el arte esquemático (ALMAGRO BASCH, 1947b, p. 480-484).

26 – MARCHA ANTICIPADA DE MADRID, ESTALLIDO DE LA GUERRA CIVIL Y PERMANENCIA EN EL EXTRANJERO ENTRE 1936-38

Aunque se ha planteado tradicionalmente que el estallido de la Guerra Civil el 18 de julio sorprendió a Obermaier en Oslo (MOURE, 1996, p. 39; GRACIA, 2009a, p. 99 y 2009b, p. 208; LANZAROTE, 2011, p. 78; ALMAGRO GORBEA, 2012 y 2013, p. 174), no parece ser así ya que el congreso fue a inicios de agosto y alguna de sus amistades más estrechas y bien informadas de los movimientos de los militares, incluyendo el duque de Alba, le debieron sugerir que fuese prudente y marchase al extranjero. Con seguridad ya tenía tomada la decisión el 23 de junio y estar ausente todo el verano, por lo que se lo comunicó a Porcar. “Como las

dificultades actuales no permiten juzgar, cuando tendremos los fondos (...) he tomado la resolución, de salir de Madrid el día primero de junio, para trabajar (con unos amigos prehistoriadores) en Francia y Alemania”, con una estancia inicial en París en el *Institut de Paléontologie Humaine* hasta el 10 o 12 de junio junto a Breuil (PORCAR, 1965/2010, p. 54 carta 48, 55 carta 49). En París seguía el 17 de junio en el Hotel Victoria Palace, indicando a Porcar que a partir de entonces estaría en Munich con su cuñado y su hermana hasta el 10 de julio (PORCAR, 1965/2016, p. 55-57 carta 50), antes de desplazarse al congreso internacional en Noruega.

No está muy claro donde estaba Obermaier el 18 de julio de 1936, pues el congreso internacional en Oslo se celebraba entre el 1 y el 8 de agosto, la hipótesis más lógica sería con su familia en Munich, que también apuntan García y Bellido (1947, p. 291, 293) o Almagro Basch (1947d, p. 200), sugiriendo que estaba en Baviera. Poco después participó Obermaier (1936) en el *II Congrès International des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*, junto con el antropólogo Santiago Alcobé Noguer, asistiendo también el abate Breuil. También debía estar acompañado por su antiguo Auxiliar, y nuevo catedrático en la Universidad de Santiago, Martínez Santa – Olalla, que iba como representante de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria, Pedro Bosch Gimpera (1980, p. 208), catedrático de Prehistoria de la Universidad de Barcelona y Blas Taracena, director del Museo Numantino (Soria), como representantes de España, pero ninguno de los tres asistió pues ya había estallado la Guerra Civil. Obermaier decidió esperar a una clarificación de la situación, pues se esperaba que fuese un golpe rápido de los militares monárquicos. No obstante, para mostrar su adhesión a los sublevados se presentó en la embajada de España en Oslo el 8 de agosto, el último día de celebración del congreso, pero el embajador de España ya había renunciado y mostrado su apoyo al general Franco (ZÜCHNER, 1997, p. 14 y 2009, p. 150). Al no conseguirlo, la decisión de Obermaier fue volverse a presentar en la embajada española en Berlín, cuyo embajador se había pasado a los sublevados y allí el 2 de octubre de 1936 manifestó su adhesión al levantamiento militar ante Francisco Agramonte y Cortijo (AGA 32/9614 – 2; MOURE, 1996, p. 39), embajador nombrado en 1935 por la República que se había adherido a la Junta de Defensa Nacional de Burgos y se negó a abandonar la embajada cuando fue destituido por la Segunda República, hasta que fue sustituido el 6 de agosto de 1937, durante el resto de la Guerra Civil, por Antonio Magaz y Pers, II marqués de Magaz, almirante desde 1930 y previamente embajador de la Junta de Defensa Nacional de Burgos ante la Santa Sede desde el 30 de septiembre de 1936.

No obstante, no optó por regresar a España, que estaba en plena guerra y en su decisión un hecho que se ha sugerido que influyó significativamente (GÓMEZ – TABANERA, 1985, p. 15) fue el incidente entre el rector de la Universidad de Salamanca, Miguel de Unamuno con el general José Millán Astray en el paraninfo de la universidad el 12 de octubre de 1936, día de apertura de curso, en cuyo discurso le señaló que “vencer no es convencer, ni conquistar es convertir”, que fue respondido por Millán Astray con un “muera la inteligencia” y numerosos gritos de los Falangistas presentes en la sala, formándose un tumulto de protesta (UNAMUNO, 1991, p. 354-355, carta 480), que acabó el 22 de octubre con su cese en el cargo de rector por el general Franco. Era el momento también de un mayor número de desapariciones, detenciones y fusilamientos, justo después de iniciada la guerra.

También debió afectarle mucho el fusilamiento el 17 de octubre de 1936 de su compañero marianista en Madrid, donde había residido entre 1910-1933 y alumno de doctorado en la Universidad Central, Fidel Fuidio Rodríguez, en la que defendió su tesis doctoral el 6 de mayo de 1932, *La Carpetania Romana* (FUIDIO, 1934). Se encontraba impartiendo docencia en el Instituto de Segunda Enseñanza de Ciudad Real, cuando fue detenido por milicianos en una fonda el 7 de agosto de 1936 y fusilado la noche del 16 al 17 octubre en Carrión de Calatrava (Ciudad Real) (MARTÍNEZ GARCÍA, 1954).

Otro fusilamiento que le debió afectar en lo personal fue el del duque de Peñaranda de Duero, Hernando Fritz-James Stuart y Falcó, hermano del duque de Alba, que lo había tratado durante el estudio del dolmen de Guadalperal (Cáceres), pues fue fusilado en Paracuellos del Jarama el 7 de noviembre de 1936.

Una carta personal de Obermaier a Leite de Vasconcelos de 23 de diciembre de 1936, por la proximidad ideológica de ambos y trato personal, muestra cuales eran los verdaderos puntos de vista de Obermaier, aunque a veces se ha hablado de “su incompatibilidad política con el nuevo régimen” del general Franco (MOURE, 1996, p. 43). “Ayant quitté Madrid en juin, je n’ai pas été témoin de la révolution, qui détruit la pauvre Espagne. Quant aux Comtes de Vega dei Sella, j’ai reçu, il y a 8 jours, un mot de Saint-Sébastien. On y «suppose» qu’ils sont à Nueva, mais il est impossible, d’avoir des nouvelles de cette région, qui est encore entre les mains des terroristes rouges. Le deux fils ont été emmenés comme «otages» et on ignore leur sort” (CARDOSO, 2009, p. 133), uno de los cuales, Ricardo José, fue fusilado, según le informó en noviembre de 1937 (CARDOSO, 2009, p. 134). Ricardo José Duque de Estrada y Vereterra era el primogénito y abogado, heredero del título y ya marqués de Canillejas desde 1934, fue fusilado en Sama de Langreo el 4 de septiembre de 1936, con sólo 34 años.

La carta de 23 de diciembre de 1936 también nos indica que se había trasladado a Roma como huésped del barón Blanc, residiendo en su vivienda personal, via Po, 27 (CARDOSO, 2009, p. 133-134), que había participado en la campaña de 1912 en la Cueva del Castillo y empezó a excavar en la Grotta Romanelli desde 1914. Poco después reafirmó su adhesión en Italia ante las autoridades consulares nacionales, primero en Roma en El Quirinal, ante el embajador enviado por la Junta de Defensa Nacional de Burgos, Pedro García Conde y Menéndez, el 12 de enero de 1937, poco después de su nombramiento el 28 de diciembre de 1936, sustituyendo al embajador de la Segunda República, José Arinaga y Barona, y dos semanas después, el 26 de enero de 1937, en el consulado de España en Roma (AGA 32/9614 – 2; MOURE, 1996, p. 39).

El 2 de junio de 1937 dio una conferencia sobre la España en la Prehistoria en Berlín, organizada por la Asociación Germano – Española y el patrocinio del embajador de España de la Junta de Defensa Nacional de Burgos (ZÜCHNER, 1997, p. 22 y 2009, p. 150).

Parece que en 1937 hizo gestiones para ocupar una cátedra en la Universidad de Lisboa según el diario de Pérez de Barradas (FD2005, 11-10-1938), “Hugo Obermaier (...) solicitó el año pasado de sus amigos portugueses pidiesen a su Ministro de Educación le regalasen una cátedra en Lisboa (...) naturalmente el ministro se ha negado en primer lugar por tratarse de un extranjero”. Si los tres investigadores portugueses más próximos eran José Leite de Vasconcelos, António Augusto Mendes Correa y Manuel Heleno, cabe pensar que fue este último el que realizó la gestión ante el ministerio.

El 25 de octubre de 1937, quizás con el inicio del curso académico, ya estaba en casa del profesor W. Oehl en Friburgo (Suiza) en la vila Betlehem (CARDOSO, 2009, p. 134). A finales de ese año, el 31 de diciembre de 1937, escribió desde Friburgo al embajador nacional en Londres y director de la Real Academia de la Historia entre 1927-53, el duque de Alba, Jacobo Fritz – James Stuart Falcó Portocarrero y Osorio, para el secretario de la Real Academia de la Historia con motivo de la reunión en Burgos de todas las Reales Academias, mostrándoles su “colaboración incondicional” (RAH EP HO; GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 291).

La Academia le comunicará la necesidad de prestar personalmente el juramento entre el 6 de enero y 6 de junio para ser reintegrado como Académico de Número, probablemente dentro del proceso de reorganización institucional en el área de los sublevados que culminarán en la constitución el 1 de febrero de 1938 del primer gobierno en Burgos del general Franco (RAH EP HO).

Una segunda carta desde Friburgo de 23 de enero de 1938 le comunicó que no podría ir de momento a San Sebastián por motivos de salud, felicitando al duque de Alba, “reciba ante todo mis vivas felicitaciones por haber

podido escapar del infierno rojo de Madrid”. La tercera carta, de 17 de marzo de 1938, dirigida desde la residencia del abate Breuil en París, le indica su disposición para acudir desde París a San Sebastián para realizar el juramento porque pensaba permanecer en la ciudad hasta inicios de abril, pues después debía regresar y estar Friburgo el 12 de abril, ya señalando que impartía algún tipo de docencia porque indica que “mis compromisos vis a vis en la Universidad [Católica] de Friburgo, que me obligan a estar de vuelta en Suiza” (RAH EP HO; MOURE, 1996, p. 42). El Secretario de la Real Academia de la Historia, Vicente Castañeda y Alcover, en su respuesta de 22 de marzo, le comunicó la fecha para el juramento en Vitoria del 31 de marzo, advirtiéndole que “además, como catedrático debe someterse a un expediente en el que conste de modo oficial su adhesión a nuestro régimen y sea reintegrado a su cargo como profesor, sin lo cual no podrá prestar Juramento como Académico”. Sin embargo, pocos días antes, el 27 de marzo de 1938, Obermaier le comunicó su imposibilidad de regresar inmediatamente a España (RAH EP HO; MOURE, 1996, p. 41-42).

El 23 de marzo de 1938 seguía residiendo en Friburgo en casa del profesor W. Oehl (1946), que publicó años después una pequeña necrológica suya, donde señala que “Pasaré el verano (...) en Alemania para cuidar mi salud”, parece ser que en Munich, como señala en otra carta de 27 de marzo, con el Prof. Kaspar Dantscher en Friedenstrasse 19, 3.º (RAH EP HO; MOURE, 1996, p. 41-42), su cuñado.

El 21 de marzo, Julio Martínez Santa – Olalla fue trasladado al campo de concentración de Chomérac (Ardeche, Francia) donde contactó con R. Lantier, el cual le comunicó la noticia a Obermaier, quien se alegró enormemente y desde la casa de Breuil en París, el 5 de abril, le comentaba que “raramente -en toda mi vida – he experimentado una alegría tan grande, que hoy, cuando Mr. Lantier me comunicó su carta” (MSI JMSO 1325; GRACIA, 2009a, p. 292), indicándole que sólo estaba de paso en París hasta el 16 de abril y que volvería a Munich a la casa de su hermana Emma Dantscher (MSI JMSO 1325). El 8 de junio, Obermaier volvió a escribirle desde el Instituto de Arqueología en Frankfurt (MSI JMSO 1324).

El primer acceso de Martínez Santa-Olalla a puestos de responsabilidad vino a través de Falange. Fue nombrado representante del Ministro Secretario de *Falange Española Tradicionalista y de las J.O.N.S.*, Raimundo Fernández – Cuesta y Merelo, para participar en el 40 aniversario de la fundación del *Forschungsinstitut für Kulturmorphologie* – Instituto de Morfología Cultural – dirigido por Leo Frobenius, que se celebró desde el 29 de junio de 1938 en Frankfurt, con el visto bueno del Subsecretario del Ministerio de Educación Nacional, el Ministerio de Asuntos Exteriores y la Embajada de Alemania, donde anunció la pronta creación del Instituto Arqueológico Nacional e Imperial (AGA 31/1531; GRACIA, 2008, p. 6, 2009a, p. 292-293 y 2009b, p. 209-210), realizando diversas visitas desde Frankfurt a Berlín, el *Rheinisches Landesmuseum für Archäologie* en Bonn, la *Römische Abteilung* del Wallraff – Richartz Museum en Colonia, el *Römisch-Germanisches Zentralmuseum* en Maguncia y de vuelta en Frankfurt el *Römisch-Germanische Kommission des Deutschen Reiches* (GRACIA, 2009b, p. 211-212).

Si Obermaier era miembro honorífico del Instituto de Morfología Cultural al detentar la Medalla *Georg Schweinfurth* desde 1934; era amigo personal y coautor de trabajos con su director, Leo Frobenius; había estado trabajando con su equipo en 1936 hasta justo antes de marchar al extranjero y estaba en Frankfurt a inicios de junio de 1938, fecha de la última carta entre ambos; y llevaban desde 1936 sin poderse ver, teniendo en cuenta la alegría que había mostrado Obermaier por su liberación del campo de concentración francés, la hipótesis más lógica es que Obermaier y Martínez Santa – Olalla, aunque el segundo nunca lo menciona, se debieron encontrar personalmente en el *40 – jährige Jubiläum forschungsinstitut für kulturmorphologie* de Frankfurt, celebrado en el salón de baile del Völkermuseums, que además coincidía con los 65 años de Frobenius, nacido en 1873. Otra opción menos probable sería que el encuentro se hubiese producido durante las visitas en los días siguientes a Berlín, Bonn, Colonia o Maguncia. Cabe pensar que radicalización hacia el

fascismo, acentuada con la Guerra Civil, que ya debió mostrar Martínez Santa – Olalla con Obermaier, sugiriendo incluso que pensaba optar a su cátedra en Madrid, debió ser el final de la estrecha relación que habían tenido hasta entonces.

En Munich continuaba residiendo avanzado junio de 1938 junto con su hermana y su cuñado, Profesor de Ingeniería Hidráulica en la Universidad de Munich, que falleció en un bombardeo en la ciudad el 12 de julio de 1944 al destruir su casa. Por carta de 19 de octubre de 1938 a Porcar sabemos que “Doy actualmente un curso de invierno en la Universidad” de Friburgo, residiendo en casa del profesor H. Reiners, donde seguía el 22 de diciembre (CARDOSO, 2009, p. 134) y el 23 de abril de 1939 (PORCAR, 1965/2010, p. 57 carta 54, 58 carta 55). Una carta de M. Schede, presidente del Instituto Arqueológico del Imperio Alemán, menciona en junio de 1939 que seguía residiendo en Friburgo con el Prof. H. Reiners (MARZOLI *et al.*, 2013, p. 316-317, doc. 5). Debe tratarse del Profesor de Historia del Arte, Heribert Reiners, nacido en Renania en 1884, que también estudió Teología Católica en 1904-05, alcanzando en 1925 la plaza de Profesor Ordinario en la Universidad de Friburgo en Historia del Arte, que amplió en 1940 a la Arqueología. Perdió su cátedra entre 1945-57 al ser acusado de colaboración con los nazis, decisión años después revocada.

Hugo Obermaier detentaba un doctorado *Honoris Causa* en medicina por la Facultad de Medicina de la Albert-Ludwigs Universidad de Friburgo en Breisgau – Brisgovia (Baden – Wurtemberg, Alemania) desde el 30 de julio de 1925 y era consecuentemente un investigador de reconocido prestigio que justificaba su docencia y posterior contratación por la universidad.

En el verano de 1938 parece que participó o al menos visitó la excavación de la Grotta Romanelli (Otranto, Italia) (ZÜCHNER, 1997, p. 22 y 2009, p. 150), dirigida por el barón Gian Alberto Blanc, profesor de la Universidad de Roma.

27 – LA DETENCIÓN Y MARCHA DE WILHELM SCHMIDT EN 1938 A FRIBURGO

Probablemente para Obermaier el momento determinante sobre los riesgos del nazismo y su hostilidad a la religión católica fue la marcha del padre Wilhelm Schmidt en abril de 1938 también a la Universidad de Friburgo en Suiza, durante el periodo que Oswald Menghin era Ministro de Educación en Austria, una vez anexionado el país por Hitler el 11 de marzo y fuese nombrado ministro al día siguiente. A inicios de marzo de 1938, Wilhelm Schmidt había celebrado con miembros del gobierno austriaco, incluyendo el presidente federal Wilhelm Miklas (1928-38), su 70 cumpleaños en Viena, que había sido el 16 de febrero de 1938, pues había nacido en 1868. Sin embargo, Miklas dimitió el 13 de marzo para no firmar la anexión de Austria al Reich y pocos días después Wilhelm Schmidt quedó bajo arresto domiciliario, hasta que por intervención del Papa pudo marchar a Italia y desde allí hasta Friburgo (BLUMAUER, 2021, p. 52).

“Obermaier estaba muy relacionado con el grupo de etnólogos católicos acaudillados por el Padre Schmidt (...) leía, a instigación suya a veces, las obras de éstos, por otro me encontraba con que él [Obermaier] tenía como norma ajustarse a esquemas completamente distintos (...) era un evolucionista” (CARO BAROJA, 1972/1997, p. 219). Schmidt era miembro de la Orden del Verbi Divini (1890), profesor del Seminario de Misiones de San Gabriel (Möding, Viena) (1895), fundador del Instituto Anthropos de la Sociedad Verbi Divini, y de la revista *Anthropos* de 1906 para potenciar la investigación etnológica. Al marchar a Suiza, llevándose toda la biblioteca del Instituto Anthropos, se convirtió en un apoyo adicional para la investigación de Obermaier en el Paleolítico.

Fue la última gran figura de la escuela Histórico – Cultural, su obra con un claro componente doctrinal, como evidencian los 12 volúmenes de *Der ursprung der Gottesidee* – El Origen de la Idea de Dios (1911, 1926-1955), donde busca, a partir de una lectura etnográfica de las civilizaciones de la tierra y su progresión cultural, demostrar la tendencia de los pueblos culturalmente desarrollados a creer en un monoteísmo religioso, idea también presente en *Völker und Kulturen* – Pueblos y Culturas – (1924), escrito en colaboración con Wilhem Koppers y en el *Handbuch der Methode der Kulturhistorischen Ethnologie* – Manual del Método de Etnología Histórico Cultural (1937).

El 22 de diciembre de 1938, en carta a Leite de Vasconcelos, le señalaba desde Friburgo con resignación y pesimismo, “il est actuellement inutile, que je rentre en Espagne, ou tout travail scientifique est interrompu. Quand sonnera l’heure de la paix, et finira cette catastrophe atroce?” (CARDOSO, 2009, p. 134).

28 – EL REGRESO A ESPAÑA EN JUNIO DE 1939 Y RENUNCIA A LA CÁTEDRA EN AGOSTO DE 1939

Poco antes del final de la Guerra Civil, Obermaier se presentó en Vitoria a finales de mayo de 1939 en el Servicio Nacional de Enseñanzas Superior y Media del Ministerio de Educación Nacional, donde García – Valdecasas, Subsecretario de Educación Nacional “le puso todas las facilidades” (AGA 32//9614 – 2) y el 7 de junio de 1939 rellenó la documentación para su readmisión a la cátedra y solicitó mediante instancia firmada en Vitoria ser reintegrado a la “indicada cátedra [de Historia Primitiva del Hombre] sin perjuicio de que el que suscribe pueda adoptar en su día la determinación definitiva que pudiera convenirle en orden a su continuación en ella”, siendo autorizado a permanecer en el extranjero “en consideración de las razones [de salud] expuestas” (AGA 32/9614 – 2; MOURE, 1996, p. 43-44), iniciándose inmediatamente el 10 de junio su expediente de depuración. Ese mes de junio estuvo en Madrid, entrevistándose con las personas que entonces consideraba más próximas (FD2005/1/17 p. 60, 22-6-1939; GRACIA, 2009a, p. 104), que ya detentaban cargos importantes: el director en funciones del Museo Arqueológico Nacional, Blas Taracena Aguirre; el catedrático de Arqueología de la Universidad de Madrid, Antonio García y Bellido; el catedrático de Epigrafía y Numismática de la Universidad de Madrid, José Ferrandis Torres; y el director del Museo Arqueológico de Barcelona, Martín Almagro Basch. Según Pérez de Barradas, “tienen



Fig. 6 – Hugo Obermaier y Henri Breuil en Abbeville, 18 de agosto de 1939. Hugo Obermaier Gesellschaft, Erlangen.

miedo a que S[anta] O[lalla] arme escándalo y entonces [Obermaier] se quede en Friburgo” (FD2005/1/17 p. 63, 27-6-1939; MEDEROS, 2011-12, p. 375). También recibió a su alumno Francisco Esteve Gálvez, al que le indicó que abandonaba definitivamente España (PORCAR, 1965/2010, p. 29), idea que también señala Breuil, “ya tenía tomada la firme decisión de abandonar el país. ‘A mi edad – decía – soy demasiado viejo para rehacer mi vida y los instrumentos de mi trabajo” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 168, 170).

Es obvio que los dos discípulos más antiguos de Obermaier, Pérez de Barradas y Martínez Santa – Olalla evitaron verlo, siendo patético como lo consiguió Pérez de Barradas, “Por la tarde vi el sombrero del tío Hugo [Obermaier] en el Antropológico. Me fui” (FD2005/1/17 p. 92, 7-7-1939). Según le comentó Obermaier a Barras de Aragón en el Museo Antropológico Nacional, el 7 de julio, que se lo trasmitió a Pérez de Barradas, “se marcha para examinar a Friburgo y que vuelve en septiembre” (FD2005/1/17 p. 92-93, 7-7-1939; MEDEROS, 2011-12, p. 375). El ambiente le había parecido “irrespirable” según le comentó por carta a Bosch Gimpera (1980, p. 305-306), por entonces en Oxford. No obstante, tuvo que acelerar su regreso a Friburgo al enfermar por coger una gastroenteritis (ZÜCHNER, 1997, p. 22 y 2009, p. 151).

Por esos mismos días ya el Director del Instituto Arqueológico del Imperio Alemán, Martin Schede, era perfectamente conciente de las maniobras que venía realizando Martínez Santa – Olalla como le comentó al embajador alemán en San Sebastián, Eberhard von Stohrer, el 6 de julio de 1939, “lo que más pesa entre nosotros contra Santa Olalla es el hecho que ha actuado y actúa extraordinariamente mal en relación con los antiguos maestros alemanes en el campo de la arqueología española, me refiero al Consejero de Estado Adolf Schulten, de Erlangen, el investigador de Numancia y Tartessos, y al profesor de prehistoria Hugo Obermaier (...) es un individuo impertinente” pidiéndole que gestione ante el gobierno español que no estuviese a la cabeza de la Delegación española en el VI Congreso Internacional de Arqueología a celebrar en Berlín entre el 21 y 29 de agosto en 1939 (MARZOLI *et al.*, 2013, p. 324-327 doc. 6), representación española que finalmente desempeñó Martín Almagro Basch (GRACIA, 2009a, p. 74), director del Museo Arqueológico de Barcelona desde marzo de 1939.

Dos días después, el 9 de julio de 1939, se ratificó por el Consejo de Estado del Cantón de Friburgo (Suiza), una cátedra en la Universidad de Friburgo por 10 años, que comenzaría a partir del 1 de octubre de 1939 (ZÜCHNER, 1995, p. 52 n° 13).

No estaba contento, como señala el abate Breuil pocos días después, cuando le visitó el 17 de julio de 1939 en sus excavaciones en Porte – du – Bois, Abbeville “echó una mirada distraída (...) Tenía en su cara la expresión de un profundo sufrimiento interior. Se veía en él, desquiciado, al hombre de buena resistencia física que habíamos conocido” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 169) (Fig. 6).

Esto le llevó a renunciar formalmente, por motivos de salud, remitida el 22 de agosto de 1939, a la readmisión en la cátedra de Historia Primitiva del Hombre en la Universidad Central de Madrid, indicando que “acabo de aceptar una oferta de la Universidad de Friburgo” (AGA 32/9614 – 2; MOURE, 1996, p. 44; GRACIA, 2009a, p. 102-103). Los vientos de guerra eran ya constantes, Hitler se había anexionado Praga y Chequia el 15 de marzo de 1939, el Pacto Ribbentrop – Mólotov entre Alemania y Rusia se firmó el 23 de agosto, el 1 de septiembre ya invadía Alemania el territorio occidental de Polonia y dos días después, Inglaterra y Francia le declaraban la guerra. Suiza parecía un territorio neutral en comparación con España donde el general Franco acababa de ganar la Guerra Civil. Probablemente Obermaier no tenía nada claro la futura orientación de la España del general Franco en el conflicto que se iniciaba en Europa, previendo además una presumible radicalización de los miembros más vinculados a Falange y su incorporación a las fuerzas del Eje (MEDEROS, 2003-04, p. 26).

El 22 de agosto solicitó su renuncia formal por carta al ministro Ibáñez Martín siguiendo el consejo de médicos franceses y suizos (AGA 32/9614 – 2). La renuncia por motivos de salud fue aceptada por el Ministro de Educación Nacional el 22 de septiembre de 1939 (AGA 32/9614 – 2). Dos días después Obermaier le indicaba al duque de Alba que no regresaba “por las razones que usted conoce” (RAH EP HO, 24-9-39), que le explicará más en detalle en otra misiva del 22 del septiembre, indicando que estaba por encima de su dignidad competir con un alumno suyo, Martínez Santa – Olalla, que demandaba públicamente su cátedra y no poder jubilarse al no tener asegurada su pensión (ZÜCHNER, 1997, p. 22 y 2009, p. 151). En respuesta del duque de Alba, director de la Real Academia de la Historia, el 19 de septiembre, le manifestaba que “entiendo que por motivos de salud” haya aceptado la cátedra de Friburgo y “abandonar España, dimitiendo por ende de sus cargos en la Universidad y en la Academia” (Moure, 1996: 44). También se lo comunicó a Porcar el 10 de octubre, “Cansado de salud, he aceptado una invitación de la Universidad de Friburgo; el clima fresco y saludable de Suiza me conviene” (PORCAR, 1965/2016, p. 59 carta 58), idea que también repite de Leite de Vasconcelos el 1 de noviembre, “el clima fresco de Suiza me conviene muy bien” (CARDOSO, 2009, p. 135).

Sólo fue el 24 de septiembre de 1939, ya estallada la Segunda Guerra Mundial y en la cual Suiza parecía un país más neutral que España, cuando Obermaier renunció a su plaza de Académico Numerario, enviando una carta a la Real Academia de la Historia, que se leyó el 6 de octubre (SIETE IGLESIAS, 1980, p. 727-728), y aún así se le nombró Académico Correspondiente en Friburgo el 16 de octubre de 1939, dejándole abierta la posibilidad de recobrar su categoría de Académico Numerario si volvía a residir en España (RAH EP HO).

Su renuncia tampoco impidió que se siguiese tramitando el expediente de depuración, cuyos garantes fueron el duque de Alba, embajador de España en Londres y Domingo de las Bárcenas, subsecretario de Negocios Extranjeros, que se había iniciado el 10 de junio, el cual se culminó positivamente, siendo rehabilitado por Orden Ministerial de 9 de octubre de 1939 (BOE de 20 de octubre) (AGA 32/9614 – 2; MOURE, 1996, p. 44-45, Fig. 9).

En este sentido, no debe olvidarse que Obermaier tenía grandes apoyos en el Ministerio de Educación Nacional. La Orden Ministerial sobre su depuración favorable, dirigida al Director General de Enseñanza Superior y Media, viene firmada desde el primer día de la toma de posesión de José Ibáñez Martín, estrechamente vinculado a la Asociación Católica Nacional de Propagandistas, quien ese mismo día, el 9 de octubre de 1939, fue nombrado oficialmente Ministro de Educación Nacional, sustituyendo a Pedro Sainz Rodríguez (MEDEROS, 2003-04, p. 26-27).

Estos años no fueron fáciles para Obermaier que al iniciarse la Guerra Civil en 1936 tenía 59 años y al terminar en 1939 ya 62 años. Aunque la guerra no le afectó directamente, al permanecer en el extranjero, fue mucho el daño moral, “pensaba haber dejado en lugar seguro en la universidad sus manuscritos, libros y folletos más importantes, sus series de clichés y su colección de materiales franceses (...) Su precioso depósito quedó por completo destruido” al ser la Ciudad Universitaria frente de batalla durante la Guerra Civil (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 168, 170). De esto informaba Breuil a Procar el 1 de junio de 1941, después de haber vuelto a España y podido enterarse tras indagar personalmente que “todo lo que Obermaier había resguardado en su despacho de la Universidad ha sido destruido, incluso sus hermosos dibujos de la Gasulla. Me interesaría saber si usted se quedó con los calcos originales y estudios provisionales de los mismos” (PORCAR, 1975, p. 194 carta 8).

Su experiencia personal durante la I Guerra Mundial había potenciado sus valores pacifistas (RIPOLL PERELLÓ, 1995, p. 133), tras la desagradable experiencia que pasó en el *Institut de Paléontologie Humaine* de París donde fue cesado y su casa saqueada. Ahora, por segunda vez, la mayor parte de su documentación de excavaciones y libros que había dejado en Madrid habían sido destruidos (BANDI & SCHWAB, 1985, p. 28).

Tampoco tenía garantías de como se resolvería, en caso de renunciar a la plaza y adelantar su jubilación en España, el pago de su pensión de jubilación (ZÜCHNER, 1995, p. 49-50), la cual se ha sugerido que solicitó (GRACIA, 2009a, p. 103). Esto le evitaría conflictos con Martínez Santa – Olalla que aspiraba a sucederle en la cátedra, pues necesitaba de 20 años de servicio mínimo como funcionario al que accedió el 1 de enero de 1928 (AGA 32/9614 – 2), aunque desde el 1 de julio de 1922 ya era catedrático por turno extraordinario (AGA 32/9614 – 2), por lo que no cumplía el mínimo según la Ley de Clases Pasivas de 1931.

No obstante, el Ministerio retuvo la plaza hasta tener la completa seguridad que Obermaier no regresaría y haber renunciado a su puesto en el escalafón. Tan sólo el 26 de octubre de 1939 fue nombrado Martínez Santa – Olalla por el Ministerio de Educación Nacional para desempeñar provisionalmente la cátedra de Historia Primitiva del Hombre (GRACIA, 2009a, p. 103).

Finalizado el proceso, se ha sugerido que Obermaier regresó a Madrid en noviembre de 1939 para solucionar temas personales (GRACIA, 2009a: 104), en particular recuperar su biblioteca, de la que se llevó una parte para Friburgo, otra parte se la regaló a García y Bellido y la tercera la cedió al Museo Arqueológico Nacional (GARCIA y BELLIDO, 1947; BOSCH GIMPERA, 1980, p. 305; MOURE, 1996, p. 43; GRACIA, 2009, p. 104), cuya dirección iba a volver a asumir Blas Taracena, aunque no se materializó hasta el 4 de marzo de 1940 (AMAN EP BTA 10; AGA 31/4644; MEDEROS, 2015, p. 325). Sin embargo, por su correspondencia con García y Bellido sabemos que el 20 de noviembre estaba en Friburgo y el propio Obermaier le escribió el 24 de octubre allí, tardando casi un mes en llegar la carta (RAH FAGB). Parece lo más coherente, pues Francia había declarado la guerra a Alemania y era el paso necesario hacia España. Según García y Bellido (1947, p. 293-294), “a poco de la liberación de Madrid [28 de marzo de 1939], regresó a hacerse cargo de sus libros, de sus propiedades y a despedirse de sus amigos y colegas; de su gran biblioteca hizo dos lotes: uno, el formado por los que había de llevarse a su nueva residencia; otro, el constituido por los que yo elegí y que me regaló, núcleo muy importante, sobre todo en folletos [separatas] (...) el resto lo dio en donación a la biblioteca del Museo Arqueológico Nacional. Hizo también donaciones sueltas de menor cuantía”. La parte de su biblioteca que se llevó a Friburgo se hizo con un camión de la embajada suiza que llevó alimentos y medicinas al final de la guerra y volvió con los libros según carta de 1956 de María Obermaier (AL/1/37/4.1).

También se ha apuntado que Obermaier destruyó parte de sus materiales de trabajos, muestras líticas, cartas y fotos, que tiró a un solar, pero fueron recuperados por Martínez Santa – Olalla, avisado por Taracena (GRACIA, 2009a, p. 104). No obstante, Obermaier entregó al menos parte de su colección arqueológica y etnológica a un amigo, el escritor periodista y fotógrafo Eduardo Foertsch, nacido en Nuremberg en 1890, residente en Madrid desde 1912, con quien mantuvo correspondencia entre 1939 – 44, el cual le ayudó a vender algunas propiedades que había dejado en Madrid y adquirir algunas publicaciones españolas (ZÜCHNER, 1997, p. 22 y 2009, p. 151).

Su permanencia en el extranjero e insuficiente implicación por la causa de los antiguos alzados y ahora vencedores no le facilitaron las cosas. La impartición de una materia universitaria con bases en el evolucionismo darwinista tampoco despertaba ninguna simpatía entre los sectores católicos más extremistas del nuevo régimen dictatorial, los cuales rápidamente coparon numerosos puestos en la Universidad Central de Madrid. Ya el mismo Caro Baroja (1986, p. 240), uno de sus alumnos, comenta que “Don Hugo era un evolucionista a la usanza de comienzos de siglo, ni más ni menos, muy unilineal y esquemático en sus conceptos”, pero siempre había tratado de compaginarlo con su fe cristiana y labores sacerdotales.

En palabras de Caro Baroja (1986, p. 332), al regresar Obermaier a Madrid, “Los primeros que le hicieron la vida imposible fueron algunos de sus discípulos y otros tenían tanto miedo que se escabulleron. Recogió, así,

sus bártulos del piso de la avenida de Menéndez Pelayo [nº 15], donde vivía, y se volvió tristemente a Suiza (...) su nombre era tabú”.

Un claro ejemplo es una de las cartas enviadas en 1938 desde Colombia por Pérez de Barradas a Martínez Santa-Olalla, antes de su regreso el 31 de agosto, donde le señala que había que impedir la vuelta de Obermaier por “rojo” (ORTEGA & QUERO, 2002, p. 197 n. 8). En la práctica, en los planes que trazó con Martínez Santa-Olalla para acceder a altas cotas de poder, no les interesaba su presencia. Ya los menciona implícitamente García y Bellido (1947, p. 290) “Fuimos muchos los que pasamos por su cátedra, y (...) entre ‘Los Doce’ hubo un Judas”.

Desde el 23 de octubre de 1939, Martínez Santa-Olalla pasó a detentar la cátedra provisional de Historia Primitiva del Hombre. Además, en la solicitud de la cátedra que presentó Martínez Santa – Olalla, el mismo se consideraba “el más capacitado para ella y el que mayores méritos y derechos de todo orden podía presentar”. La plaza fue finalmente convocada mediante concurso de traslado para cubrir la cátedra de Historia Primitiva del Hombre en la Universidad de Madrid por Orden Ministerial de 28 de abril de 1941 (BOE de 16 de mayo). Al mismo se presentaron J. Martínez Santa-Olalla, M. Almagro Basch y C. de Mergelina y Luna, pero quizás no debió existir acuerdo entre los miembros de la comisión que la juzgaron porque el concurso se declaró desierto por el Consejo Nacional de Educación en mayo de 1942 (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 265 n. 18). Una de las razones por las que tal vez hubo tanta premura en la convocatoria quizás fuera que inicialmente la cátedra de Historia Primitiva del Hombre carecía de dotación económica, que sólo se hizo posible desdoblando en dos la Cátedra de Historia Antigua y Media de España de la Universidad Central de Madrid, lo cual sólo se materializó posteriormente mediante Orden Ministerial publicada en el BOE de 26 de julio de 1942 (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 266 nota 29).

Por entonces, debido a su comportamiento, ya Obermaier no deseaba que Martínez Santa – Olalla lo sucediese en la cátedra, como le señalaba a García y Bellido en una carta del 16 de febrero de 1941 (RAH FAGB; MORA, 2020, p. 63-64), poco antes de que se convocase la plaza, “lo mejor sería mandarlo a provincias sin regreso”, sugiriendo que ocupase su cátedra en Santiago de Compostela. Para informar a la comisión también le señala confidencialmente a García y Bellido dos publicaciones de Martínez Santa-Olalla donde no había citado sus fuentes, una era su artículo sobre la sauna de Briteiros (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933), donde comenta que su interpretación deriva del arqueólogo francés Zinchenkow. Por otra parte, en un artículo en la revista de divulgación *Investigación y Progreso* sobre la arqueología visigoda (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934), indica que utiliza información de un artículo de H. Zeiss (1934a), entregado al homenaje a Mérida unos años antes, que aún permanecía inédito, aunque fue publicado ese mismo año, al igual que su tesis doctoral (ZEISS, 1934b), artículo que le había dejado consultar Obermaier a Martínez Santa – Olalla sólo para un uso privado.

29 – LOS AÑOS FINALES EN LA UNIVERSIDAD DE FRIBURGO

Los años finales de Obermaier en la Universidad de Friburgo (Suiza) son amargos. Su familia más próxima fue afectada por los bombardeos durante la Segunda Guerra Mundial y se vivía en Suiza en constante peligro de ser invadidos por el Tercer Reich. La opción de volver a España permanecía cerrada porque el general Franco mantuvo durante algo más de dos años una clara actitud prointervencionista, particularmente entre 1939-42.

De España no recibió el apoyo que el esperaba, aunque en colaboración con A. García y Bellido editó la segunda y tercera edición de *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad* en 1941 y 1943, mien-

tras trabajaba para una tercera edición de *El Hombre Fósil*. Aún así, su producción científica se interrumpió en 1944.

No obstante, seguía manteniendo su interés por la investigación en España como refleja que tuviese tres recortes de prensa de ABC del 24, 28 y 30 de marzo de 1944 informando de la inauguración el 29 de marzo de la sección de Prehistoria del Museo Municipal de Madrid por las gestiones del marqués de Lorian – J.M. de Urquijo y Landecho – y Pérez de Barradas (LÓPEZ JUNQUERA, 1985, p. 51).

En la Universidad de Friburgo fundó un Seminario de Prehistoria donde Hans George Bandi y Johannes Maringer fueron sus últimos discípulos suyos de doctorado (BANDI y SCHWAB, 1985, p. 28-29) (Fig. 7).

El estallido de la Segunda Guerra Mundial fue la prolongación de este languidecer hasta 1945, cuando cumplió 68 años, “el hundimiento de su país, la muerte de su cuñado ingeniero, con su casa destruida por el bombardeo de Munich y su hermana [Emma Obermaier] en la ruina y sin techo” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 168, 170). En 1945 cayó enfermo y sufrió la parálisis de sus piernas. Parece que sufrió un ictus el 31 de diciembre de 1945 que le privó casi completamente del habla (ZÜCHNER, 1997, p. 23 y 2009, p. 151), que debe ser la hemiplejía o parálisis parcial presumiblemente en el lado derecho porque ya no pudo contestar su correspondencia personalmente (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 294). En una carta de enero de 1946 que le envió a García y Bellido al acabar la guerra, le indica que ha estado un año muy afectado por una diabetes (RAH FAGB).

Como necesitaba cuidados, ingresó en noviembre de 1945 en el Seminario Teológico Salesiano de Friburgo, donde permaneció hasta su muerte (ZÜCHNER, 1997, p. 23 y 2009, p. 151). Recibió a inicios de 1946 la visita del duque de Alba, cuya hermana también residía en Suiza, y al reconocerlo “rompió a llorar en amargo llanto y a besar las manos del visitante” (GARCIA y BELLIDO, 1947, p. 294).

Su estado de salud seguía siendo muy malo y un telegrama del embajador de España en Berna en abril de 1946 a la Real Academia de la Historia señalaba que “padece arteriosclerosis. Pronóstico pesimista por su avanzada edad. No puede hablar ni andar (...) la Universidad de Friburgo continuará pagándole medio sueldo por lo menos durante un semestre”.

En el mes siguiente de mayo, durante una semana estuvo Breuil, después de su regreso de Sudáfrica, con su alumna escocesa, Mary Elizabeth Boyle, que había traducido al inglés la monografía de Altamira y previamente fue alumna de Obermaier en Madrid donde aprendió castellano. Visitaron ambos todos los días a Obermaier, “le encontré casi privado de andar, limitado en el habla, incapaz de leer o escribir, pero siguiendo el relato de mis experiencias (...) Consciente de su final” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 170), pronunciando continuamente “je suis seul” – estoy solo (BOYLE en MORA FIGUEROA, 1974-75, p. 320). Pocos meses después, el 14 de noviembre, ya finalizada la Segunda Guerra Mundial, comunicó por telegrama al Director General de Relaciones Culturales que dos días antes, el día 12, había fallecido (RAH EP HO; MOURE, 1996, p. 47).

El mejor resumen lo aporta Breuil en una carta a Porcar en noviembre de 1946, “dejó de escribirme de su propia mano en Julio 45, él no pudo, en Octubre, volver a dar lecturas y cursos en Friburgo. En Diciembre, hubo un ataque que le quitó el andar, para ir apoyado, casi el hablar, fuera de unas palabras y la facultad de



Fig. 7 – Hugo Obermaier en Friburgo ca. 1939-45. Hugo Obermaier Gesellschaft, Erlangen.

leer y escribir, seguía claro de inteligencia. Así le vi en Mayo, durante una semana que pasé en Friburgo, y que fue uno de los últimos buenos ratos de su pobre vida. Hace un mes, otro ataque le mermó severamente más, y acaba de morir” (PORCAR, 1975, p. 195 carta 11).

Las reseñas que le dedican Martínez Santa-Olalla y Pérez de Barradas son muy significativas. El primero apenas redactó dos tercios de una página, aunque le dedica elogios como “gran sabio” con una obra de “dimensiones ecuménicas” (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946, p. 95), publicando también un breve texto inédito de interés etnológico de Obermaier (1947, p. 121-122) sobre la cueva de Ras el Ma en el norte de Marruecos. Sin embargo, Pérez de Barradas, cuya meteórica carrera había decaído después de su enfrentamiento directo de Martínez Santa-Olalla, muestra claramente en un texto de 6 páginas lo que le afectó la noticia, quizás sintiendo que su comportamiento hacia él no había sido el correcto, reconociendo que “fue mi maestro, y a él debo todo lo que soy y valgo” y calificándolo de “catedrático ejemplar, sabio maestro, amigo bondadoso, investigador infatigable...y, sobre todo, hombre bueno, al que no rindieron ni los halagos, ni las adversidades, ni la vanidad” (PÉREZ DE BARRADAS, 1948, p. 12, 14).

30 – CONCLUSIONES

Cuando Hugo Obermaier accedió a la cátedra de Historia Primitiva del Hombre en la Universidad Central de Madrid, era uno de los cinco prehistoriadores más importantes de la época. El haber redactado con *El hombre fósil* el manual de referencia sobre el origen del hombre, las fases del Paleolítico y el arte prehistórico desde 1912 en alemán, ruso, español e inglés (1912, 1913, 1916/1925 y 1924) le dio una repercusión científica en el Paleolítico que sólo tuvo comparación con la de Henri Breuil. Este aspecto se reflejó en que cuando se comenzó a redactar el *Reallexikon der Vorgeschichte* – Enciclopedia de Prehistoria en 15 tomos entre 1924-32, los términos sobre el Paleolítico, unas 130 contribuciones, fueron redactadas habitualmente por Obermaier.

Como hijo del director de la Biblioteca Real de Ratisbona, cuya familia tenía un trato próximo con la casa real de Baviera, marcó el carácter de Obermaier, que era muy respetuoso con la monarquía y la clase nobiliaria, lo que facilitó en España su estrecho trato primero con el príncipe Alberto I de Mónaco, a continuación el conde de la Vega del Sella, después con el duque de Alba e incluso con la reina Victoria Eugenia de Battenberg, mujer del rey Alfonso XIII, de parte de los cuales, por sus virtudes humanas como persona y tras ganarse su confianza, llegó a ser su confesor privado.

Los buenos profesores con los que se formó eran aún jóvenes, Birkner, al que conoció durante su primer curso, 1900-01 en Munich, aún no había leído incluso su habilitación que hizo en 1904, pero es posible que le despertase el interés por el Paleolítico. En Viena desde segundo curso, el padre Moriz Hoernes era aún *Privatdozent* o Profesor Auxiliar hasta 1910, pero ya había publicado tres notables libros, *Die Urgeschichte des Menschen* – La Prehistoria del Hombre (1892) y *Urgeschichte der bildenden Kunst in Europa* – Prehistoria del Arte en Europa (1898), *Die diluviale mensch in Europa. Die kulturstufen der älteren steinzeit* – El hombre diluvial en Europa. Las fases culturales de la antigua Edad de Piedra (1903), y probablemente le introdujo en el estudio de la Evolución del Hombre y del Paleolítico desde una perspectiva cristiana, destacando la importancia del Arte Paleolítico para un estudio de un *Homo sapiens* creador y artista desde la aparición del hombre en la tierra por intervención divina. Su formación en geología y geomorfología la obtuvo con Albrecht Penck, catedrático de Geografía Física de la Universidad de Viena hasta 1906.

Defendida su habilitación en 1908, pudo haber accedido como era habitual a una plaza de *Privatdozent* o Profesor Auxiliar en la Universidad de Viena en 1909, pero su antiguo catedrático, Penck, se había marchado a la Friedric-Wilhelms Universität de Berlín en 1906 y había sido sustituido por el nuevo catedrático y director de su habilitación, Eduard Brückner, que publicó con Penck la secuencia de las glaciaciones alpinas, no le apoyó para la plaza, por las discrepancias interpretativas que ya tenían Penck y Obermaier.

Gracias a su relación con Breuil, pudo entrar a colaborar con el príncipe Alberto de Mónaco, quien financió sus primeras excavaciones en España desde el verano de 1909 y le incorporó como Profesor de Geología del Cuaternario desde enero de 1911 en el *Institut de Paléontologie Humaine*, iniciando en 1910 las excavaciones en la Cueva del Castillo hasta el verano de 1914.

Estos casi 4 años marcan la plenitud científica de Obermaier entre los 34 y 37 años, en los cuales redactó su manual *Der Mensch der Vorzeit* (1912). El estallido de la Primera Guerra Mundial fue el final de esta etapa y el comienzo de otra más insegura, al ser expulsado del Instituto por su nacionalidad alemana. Después de fracasar en su intento de incorporarse al frente en 1914 como capellán castrense o enfermero militar, se encontró con la nueva realidad de que ya no disponía de los recursos económicos que había tenido en el *Institut de Paléontologie Humaine*, que le permitían excavaciones anuales y publicaciones a gran formato, por lo que reorientó su investigación hacia el glaciario, el arte rupestre y mantener siempre actualizada su síntesis de *El Hombre Fósil*.

La destitución inicialmente se resolvió con rapidez, pues fue incorporado en 1914 como Profesor Agregado en la *Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas* por su presidente, el marqués de Cerralbo, que había apoyado su elección como Correspondiente de la Real Academia de la Historia en 1913, era pro-alemán y sobre todo quería reforzar a la Comisión frente a Breuil y el *Institut de Paléontologie Humaine*. Su elección fue apoyada también por el conde de la Vega del Sella y el catedrático de Geografía y Geología Dinámica, Eduardo Hernández Pacheco.

Sin embargo, nuevamente Breuil volvió a cruzarse en su camino para lo bueno y lo malo. La parte positiva fue que Breuil, vía el coronel Verner con el que colaboraban en la Cueva de la Pileta y su buen amigo Hernando Fitz – James Stuart, hermano del duque de Alba, debieron hablar bien de Obermaier al duque de Alba, al igual que el conde de la Vega del Sella. Por otra parte, el duque de Miranda, mayordomo mayor de palacio del rey Alfonso XIII, y Jesús Carballo, que iban a comer en ocasiones con el duque de Alba, le hablaron de los méritos y la situación económica de Obermaier, visitándolo después Carballo y Obermaier en el palacio de Liria hasta finalmente llegar a ser el capellán de su casa a finales de 1920. La parte negativa eran las duras enemistades de Breuil con sus nuevos competidores, el marqués de Cerralbo y Hernández – Pacheco, descalificando todas las publicaciones de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, que alcanzó su punto máximo en 1916 con las duras críticas al libro de Cabré, *El arte prehistórico en España*. A ello se sumaba la actividad de Breuil en propaganda y espionaje, vigilando los movimientos de submarinos alemanes en las costas españolas como miembro del Servicio Naval, lo que irritaba profundamente al marqués de Cerralbo, y acabó obligando a Obermaier a elegir tomando partido, y prefirió a su antiguo amigo francés que a sus nuevos colegas españoles. Esa decisión lo dejó en una posición muy frágil en la Comisión desde 1917, de la cual que no fue cesado hasta 1919 seguramente por presiones del conde de la Vega del Sella, del que era íntimo amigo y su capellán personal.

Este contexto dejó a Obermaier finalmente en la calle, durante parte de 1919 y todo 1920, con el único sustento de sus misas diarias en el colegio de la Virgen del Pilar de Madrid, que ya las daba en Viena mientras preparaba su habilitación, y como capellán personal del duque de Alba, colaborando también con el conde de la Vega del Sella en la excavación de la Cueva de la Peña (Asturias) en julio de 1920. Durante este año

ya debieron hacerse gestiones por parte del duque de Alba que se materializaron en pasar a impartir como Profesor Encargado de Curso un largo seminario sobre “Historia Primitiva del Hombre (Prehistoria)” en la Universidad Central durante los primeros meses de 1921, seguida de una activa participación durante la Exposición de *Arte Prehistórico Español*, celebrada entre mayo y junio de 1921, en la cual impartió 5 conferencias. Lo más importante fue que a través del duque de Alba se realizó la solicitud de la creación de una cátedra para el Doctorado en la Universidad Central de Madrid, rechazada por la Facultad de Ciencias al solaparse con los contenidos de las cátedras de Francisco de las Barras de Aragón y Francisco Hernández – Pacheco, pero que pudo lograrse en la Facultad de Filosofía y Letras, con el nombre de cátedra de Historia Primitiva del Hombre por Real Orden del 15 de marzo de 1922.

Hugo Obermaier no sólo fue el primer catedrático de Prehistoria de la Universidad de Madrid desde 1922, donde introdujo el método de esta disciplina científica, sino que cuando se incorporó a la docencia traía consigo su experiencia de haber estado excavando durante varias campañas el entonces yacimiento paleolítico clave de la península ibérica y parte de Europa Occidental, la Cueva de El Castillo, como ya se señala en fechas contemporáneas por el catedrático de la Universidad de Cambridge, Miles C. Burkitt (1933, p. 19, 22 fig.), “La cueva más importante hasta el momento excavada es la del Castillo” por tener la estratigrafía más completa y detallada, lo que suponía una línea muy puntera de investigación. Las campañas de 1924 con Breuil, y de 1925 en solitario, en la Cueva de Altamira, trataron de retomar este trabajo de campo puntero en otro yacimiento contemporáneo a la Cueva de El Castillo, con similares representaciones rupestres, pero no había una estratigrafía paleolítica comparable.

Su estrecha relación y amistad con Breuil nunca fue paritaria, pues como indica el propio Breuil (1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 162), desde 1904, “Obermaier fue entonces mi primer alumno” y muy pronto lo promocionó como segundo secretario del Congreso Internacional de Antropología de Mónaco en 1905 y con su apoyo fue incorporado a la expedición del Príncipe Alberto de Mónaco en 1909 y en el Instituto de Paleontología Humana. Una vez que Breuil (1913, p. 165-238, Fig. 1-47) vio probablemente confirmada su secuencia paleolítica en 1912, que publica en solitario, mientras de la campaña en el Castillo sólo se publican dos páginas con un croquis de la estratigrafía (OBERMAIER & BREUIL, 1913, p. 361-362), se desligó un poco del trabajo de campo y el peso de la excavación de la cueva del Castillo pasó a Obermaier y Wernert en 1913 y 1914, aunque Breuil asistió a parte de las campañas y mantuvieron el estrecho contacto durante la Primera Guerra Mundial pues “en el curso de la guerra de 1914-1918, pude verle con mucha frecuencia” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 165), pero los materiales se quedaron en París y sólo se reunieron para trabajar en la monografía en el verano de 1932 y al final su principal excavación quedó inédita.

Su obra de referencia siempre fue la primera edición española de *El hombre fósil* (OBERMAIER, 1916), que se considera una obra puntera, pues Obermaier supo aprovechar el parón en la investigación de campo que supuso la Primera Guerra Mundial y donde integra con capítulos específicos en esta gran síntesis los avances conseguidos en España sobre el Paleolítico y el Arte Rupestre. En cambio, en la segunda edición revisada (OBERMAIER, 1924a – b y 1925), a pesar de ser su trabajo más elaborado, se ha considerado que “empieza a perder el paso de la Prehistoria y la Antropología” sobre la paleontología y el origen del ser humano, en los que tenía menos conocimientos y la parte del Paleolítico Inferior (AGUIRRE, 1985, p. 56, 60, 62, 64).

El análisis bibliométrico de su producción científica muestra que se publicó principalmente en España (36%), Alemania (35%) y Francia (13 %), observándose que con el estallido de la Primera Guerra Mundial y su desvinculación del Instituto de Paleontología Humana, a partir de 1916, dejó prácticamente de publicar en francés, que cambió por el castellano, idioma que no abandonó hasta su muerte salvo el parón forzoso de

la Guerra Civil entre 1936-39. Respecto a las temáticas fueron el Paleolítico con 54 publicaciones (31%) y el Arte Prehistórico con 52 (31%) sus temas de mayor interés, seguido por la Geología del Cuaternario con 30 (18%) o la Antropología con 14 (8%), mientras la Prehistoria Reciente cuenta con 11 trabajos (7%) y la Edad del Hierro con 8 (5%) fueron líneas de investigación secundarias (ALMAGRO GORBEA, 2013, p. 175-179 Fig. 2-8).

Sin embargo, en conjunto, desde mediados de los años veinte la investigación de Obermaier decayó al cesar de excavar y por la mayor dedicación a la docencia, “su cátedra en la Universidad de Madrid absorbía la mayor parte de su tiempo. Bien poco le quedó para los trabajos de campo, exceptuados los yacimientos del Manzanares que estudió con sus discípulos y amigos. Con todo, me llamó dos veces para el estudio de las rocas naturalísticas de Tormón, en la vertiente sudeste de la Sierra de Albarracín (Teruel) [OBERMAIER & BREUIL, 1927] y más tarde para las de La Gasulla (Castellón) encontradas por el pintor Don Juan B. Porcar [1934] que no necesitaba de mí para realizar buenos calcos” (BREUIL, 1950 en RIPOLL PERELLÓ, 2002, p. 190).

A pesar de la calidad de algunos trabajos clave, su bibliografía está sobredimensionada porque casi todos sus trabajos para facilitar su difusión internacional los publicaba al menos en dos idiomas y a veces en tres, y muchos se trata de notas breves, no de artículos de fondo, ni siquiera memorias descriptivas de actuaciones de campo. No obstante, como ha resaltado Almagro Gorbea (2012 y 2013, p. 179), Obermaier introduce un modelo de publicación moderna y rápida en España, principalmente en revista, donde la importancia científica de un investigador deriva antes de sus publicaciones que del cargo académico que detente, que trató de potenciar también con la revista mensual *Investigación y Progreso*, aunque su consolidación no se logró hasta la publicación de la revista *Ampurias* por Almagro Basch.

Por entonces, su principal objetivo científico era una tercera edición ampliada de *El Hombre Fósil*, en la cual estuvo trabajando desde la publicación en 1925 como muestra un ejemplar interfoliado con notas manuscritas, recortes de publicaciones y artículos de prensa. El análisis de sus notas muestra que su dedicación fue máxima entre los 5 primeros años, con 423 referencias bibliográficas, las cuales decrecen a la mitad, 224, entre 1930 – 34, para tener un claro declive desde el estallido de la Guerra Civil, en sus años viviendo en Suiza, con 84 referencias entre 1935-39 y apenas 8 del año 1941 (LÓPEZ JUNQUERA, 1985, p. 40 tabla 1), cuando ya se aprecia que ha renunciado a este proyecto.

El interés de Obermaier fue concentrándose en el Norte de África, tanto en el Paleolítico, en particular el Capsiense como en el Arte Rupestre del Marruecos español y la Argelia francesa, que consideraba del Neolítico, con libros como *Hádschra Máktuba. Arte rupestre primitivo de África Menor* (FROBENIUS & OBERMAIER, 1925) y el Arte Rupestre del Sur de África cuyas raíces creía que procedían del Capsiense, *Bushman Art. Rock Painting of South Africa* (OBERMAIER & KUHN, 1930). No obstante, siguió trabajando con Breuil en la publicación de una nueva monografía de las excavaciones en la Cueva de Altamira, que completaron con los nuevos calcos de la campaña de 1932 (BREUIL & OBERMAIER, 1935). A partir del descubrimiento por J.B. Porcar en 1934 del importante conjunto de pinturas de Arte Levantino de Mas Modesto, Cueva Remigia, Mola Remigia, Dogues, Single y Más Blanc, con 58 años volvió de nuevo al trabajo de campo junto con Breuil en 1935 (PORCAR, OBERMAIER & BREUIL, 1936).

Sus principales discípulos, cuyas tesis dirigió o fueron sus ayudantes, fueron José Pérez de Barradas, Julio Martínez Santa – Olalla, Martín Almagro Basch, Francisco Esteve Gálvez y Domingo Fletcher Valls, todos los cuales colaboraron en *Investigación y Progreso*, al igual que otros investigadores cercanos científicamente a Obermaier como Julio Caro Baroja, Antonio García y Bellido, Blas Taracena Aguirre, Luis Pericot García o Pedro Bosch Gimpera.

AGRADECIMIENTOS

Queremos agradecer la amabilidad de Martín Almagro Gorbea por los comentarios al texto y poder acceder al Expediente Personal de Hugo Obermaier en la Real Academia de la Historia y al Fondo Antonio García y Bellido (RAH FAGB, EP HO); a Salvador Quero Castro, Alberto González Alonso y Virginia Salamanques Pérez en Museo San Isidro, donde está depositado el Fondo Documental Julio Martínez Santa-Olalla (JMSO) y el Fondo Documental Pérez de Barradas (FD2005); a Daniel Gonzalbo en el Archivo General de la Administración (AGA); a Susana Donoso e Isabel Palomero en el Archivo General de la Universidad Complutense de Madrid (AGUCM) y a Aurora Ladero en el Archivo del Museo Arqueológico Nacional (AMAN). También deseamos agradecer a Francisco Gracia la generosa cesión de las cartas entre Pericot y Obermaier entre 1923-40 en la Biblioteca de Cataluña (BC FLP). Finalmente, a João Luís Cardoso por su insistencia y paciencia hasta recibir el original. Este trabajo se adscribe al Grupo de Investigación Hum F – 003 de la Universidad Autónoma de Madrid, sobre estudios historiográficos, dirigido por Juan Blánquez.

REFERENCIAS

- AGUIRRE ENRÍQUEZ, E. (1985) – Reflexiones en torno a ‘El hombre fósil’ de H. Obermaier (1916, 1925) desde una perspectiva contemporánea. In OBERMAIER, H., *El hombre fósil*. J.M. Gómez-Tabanera (ed.). Madrid – Gijón: Istmo, p. 56-64.
- ALCALDE DEL RÍO, H. (1906) – Las pinturas y grabados de las cavernas prehistóricas de la provincia de Santander (Altamira, Covalanas, Hornos de la Peña, Castillo). *Portugalia*, 2 (2), p. 1-42.
- ALCALDE DEL RÍO, H.; BREUIL, H. & SIERRA, L. (1911): *Les cavernes de la Région cantabrique*. Imprimerie V.A. Chéne. Monaco.
- ALMAGRO BASCH, M. (1947a) – El Paleolítico Español. In MENÉNDEZ PIDAL, R. (coord.), *Historia de España*. Tomo I. *España Protohistórica*. Volumen I. Madrid: Espasa Calpe, p. 245-485.
- ALMAGRO BASCH, M. (1947b) – El Paleolítico Español. VI. El arte rupestre naturalista del Levante español y el arte rupestre esquemático. In MENÉNDEZ PIDAL, R. (coord.), *Historia de España*. Tomo I. *España Protohistórica*. Volumen I. Madrid: Espasa Calpe, p. 443-485.
- ALMAGRO BASCH, M. (1947c) – Arte Prehistórico. *Ars Hispaniae*. I. Madrid: Editorial Plus Ultra, p. 11-133.
- ALMAGRO BASCH, M. (1947d) – Hugo Obermaier. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 4ª S., 53 (2), p. 198-200.
- ALMAGRO BASCH, M. (1957-58) – Georg Leisner (1870-1957). *Ampurias*, 19-20, p. 294.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2008) – Los estudios de Prehistoria y Arqueología. In LÓPEZ-RÍOS, S.; GONZÁLEZ CÁCERES, J. (eds.), *La Facultad de Filosofía y Letras de Madrid en la Segunda República. Arquitectura y Universidad durante los años 30*. Catálogo de Exposición (Madrid, 2008-09). Madrid: Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, p. 417-426.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2012) – Obermaier y Grad, Hugo. *Diccionario Biográfico Español*, XXXVIII. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 171-175.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2013) – Hugo Obermaier y la Prehistoria en España. In MARZOLI, D.; MAIER, J.; SCHATTNER, T.G. (eds.), *Historia del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid. I. Antecedentes y fundación del Departamento de Madrid*. Mainz: Iberia Archaeologica, 14. Philipp von Zabern, p. 167 -185.
- ALONSO DEL REAL y RAMOS, C. (1991) – *La Prehistoria*. Ciclo de conferencias para doctorado (Madrid, 1986-87). M.I. Martínez Navarrete (ed.). Pontevedra: Diputación Provincial de Pontevedra.

- ARASA i GIL, F. (2018) – Entre Ares y Benassal: les prospeccions de J. Chocomeli a l'Alt Maestrat l'any 1935. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*, 36: 5-25.
- ARMADA PITA (2008) – Arqueólogos en el Finisterre: Obermaier, Pericot y la cátedra de Santiago de Compostela. In MORA, G.; PAPI, C.; AYARZAGÜENA, M. (eds.), *Documentos inéditos para la historia de la arqueología* (Madrid, 2007). Madrid – Toledo: Memorias de la Sociedad Española de Historia de la Arqueología, 1, p. 197212.
- BANDI, H.G. y SCHWAB, H. (1985) – El legado de H. Obermaier ante la ciencia prehistórica europea: ante la reedición de 'El hombre fósil'. In OBERMAIER, H., *El hombre fósil*. J.M. Gómez – Tabanera (ed.). Madrid – Gijón: Istmo, p. 20-37.
- BÉGOUËN, Comte H. de (1945) – *Quelques souvenirs sur le mouvement des idées transformistes dans les milieux catholiques*. Paris: Bloud et Gay.
- BLÁNQUEZ, J. & PÉREZ RUIZ, M^a. (2004) – Apuntes y consideraciones para una biografía sobre Antonio García y Bellido. In BLÁNQUEZ, J.; PÉREZ RUIZ, M^a. (eds.), *Antonio García y Bellido y su legado a la Arqueología Española (1903-1972)*. Madrid: Serie Varia, 5. Universidad Autónoma de Madrid, p. 19-58.
- BLUMAUEER, R. (2021) – Wilhelm Schmidt und die Wiener Schule der Ethnologie. In GINDRICH, A.; ROHRBACHER, P. (eds.), *Völkerkunde zur NS – Zeit aus Wien (1938-1945). Institutionen, Biographien und Praktiken in Netzwerken*. I. Wien: Sitzungsberichte der philosophisch – historischen Klasse, 913. Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, p. 37-62.
- BOSCH GIMPERA, P. (1930) – Relations entre le néolithique africain et l'Espagne. V^{ème} *Congrès International de Archéologie* (Alger, 1930). No publicado.
- BOSCH GIMPERA, P. (1933) – Una primera invasión céltica en España hacia 900 a. de J. C., comprobada por la arqueología. Ist *International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences* (London, 1932). *Investigación y Progreso*, 7, p. 345-350.
- BOSCH GIMPERA, P. (1980) – *Memòries*. Barcelona: Biografies i Memòries, 5. Edicions 62.
- BREUIL, H. (1913) – Les subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification". 14^{ème} *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques* (Genève, 1912). I. Genève, p. 165-238.
- BREUIL, H. (1914) – E. Hernández – Pacheco, Juan Cabré, et le Comte de la Vega del Sella. Les peintures préhistoriques de Peña – Tú. Contribution à l'étude des peintures préhistoriques de l'extreme sud de l'Espagne. *L'Anthropologie*, 25, p. 544-548.
- BREUIL, H. (1915) – Réponse à M. E. Hernández-Pacheco. Peintures préhistoriques de Peña – Tú. *L'Anthropologie*, 26, p. 479-480.
- BREUIL, H. (1916a) – J. Cabré Aguiló, El arte rupestre de España (región septentrional y oriental), Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 1. *L'Anthropologie*, 27, p. 588-597.
- BREUIL, H. (1916b) – Algunas consideraciones acerca de la obra de D. Juan Cabré titulada 'El arte rupestre en España'. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 16, p. 253-269.
- BREUIL, H. (1920) – Les peintures rupestres de la Peninsule Ibérique. XI. Les roches peintes de Minateda, Albacete. *L'Anthropologie*, 30, p. 1-50.
- BREUIL, H. (1935) – *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique. IV. Sud – Est et Est de l'Espagne*. Paris: Fondation Singer – Polignac – Imprimerie de Lagny.
- BREUIL, H. (1943) – *Autobiographie*. Paris: Ms. Musée des Antiquités nationales, Saint -Germain-en-Laye.
- BREUIL, H. (1950) – Hugo Obermaier (1877-1946). *Revue Archéologique*, 35-36, p. 105-119.
- BREUIL, H. & LANTIER, R. (1945) – Villages préromains de la péninsule Ibérique. II. Le Tolmo, à Minateda (Albacete). *Archivo de Prehistoria Levantina*, 2, p. 215-239.

- BREUIL, H. & OBERMAIER, H. (1935) – *La Cueva de Altamira en Santillana del Mar*. Madrid: Real Academia de la Historia – The Hispanic Society – Junta de las Cuevas de Altamira.
- BREUIL, H.; OBERMAIER, H. & ALCALDE DEL RÍO, H. (1913) – *La Pasiega à Puente Viesgo (Santander – Espagne)*. Monaco: Institut de Paléontologie Humaine. Imprimerie Artistique Vve. A. Chêne.
- BREUIL, H.; OBERMAIER, H. & VERNER, W. (1915) – *La Pileta à Benaolán (Malaga, Espagne)*. Monaco: Institut de Paléontologie Humaine. Imprimerie Artistique Vve. A. Chêne.
- BURKITT, M.C. (1933) – *The Old Stone Age. A Study of Palaeolithic Age*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CABRÉ AGUILÓ, J. (1915) – *El arte rupestre en España*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 1. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- CABRÉ AGUILÓ, J. (1933) – Las pinturas rupestres de la Cueva de Socampo en Nueva (Asturias). *Archivo Español de Arte y Arqueología*, 9 (26), p. 129-138.
- CABRÉ, J. & HERNÁNDEZ-PACHECO, E. (1914) – *Avance al estudio de las pinturas prehistóricas del extremo sur de España (Laguna de la Janda)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 3. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- CABRERA VALDÉS, V. & BERNALDO DE QUIRÓS, F. (2002) – Semblanza científica de Hugo Obermaier. *Bifaces y elefantes. La investigación del Paleolítico Inferior en Madrid. Zona Arqueológica*, 1, p. 148-167.
- CARBALLO GARCÍA TABOADA, J. (1927) – *Bastón de mando prehistórico procedente de la caverna de “El Pendo” (Santander)*. Santander.
- CARBALLO GARCÍA TABOADA, J. (1956/2019) – *Museo Prehistórico de Santander*. In CASTANEDO, I.; FERNÁNDEZ ACEBO, V. (eds.). Santander: Publicaciones electrónicas del Centro de Estudios Montañeses.
- CARBALLO, J. & LARÍN, B. (1933) – *Exploración en la gruta de ‘El Pendo’ (Santander)*. Madrid: Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, 1932 (2), 123.
- CARDOSO, J.L. (2009) – José Leite de Vasconcelos, pré-historiador: sua projecção internacional. *Jornadas Evocativas dos 150 anos do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos* (Lisboa, 2008). Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 85-180.
- CARO BAROJA, J. (1972/1997) – *Los Baroja (memorias familiares)*. Madrid: Editorial Caro Raggio.
- CARRERA HONTANA, E. de (2008) – Pérez de Barradas como precursor en la gestión territorial del Patrimonio. Antes y después de la ‘Información sobre la ciudad’ de 1929. In CARRERA, E. de; MARTÍN FLORES, A. (eds.), *Arqueología. América. Antropología. José Pérez de Barradas 1897-1981*. Catálogo de Exposición (Madrid, 2008). Madrid: Museo de los Orígenes, p. 201-227.
- CASADO, D. & MEDEROS, A. (2020) – La proyección exterior de la arqueología española a través de los congresos arqueológicos internacionales (1900-1936). *Lucentum*, 39, p. 329-348.
- CASTANEDO, I. & FERNÁNDEZ ACEBO, V. (eds.) (2019) – *El manuscrito ‘Museo Prehistórico de Santander’ de Jesús Carballo. Análisis de un documento de interés para interpretar la historiografía arqueológica del siglo XX en España*. Santander: Publicaciones electrónicas del Centro de Estudios Montañeses.
- CASTAÑEDA y ALCOVER, V. (1934) – El Excmo. Sr. D. José Ramón Mélida. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 104 (1), p. 5-40.
- CENDRERO CURIEL, O. (1915a) – Resumen de los bastones perforados (bastones de mando) hallados en la provincia de Santander, y noticia sobre uno nuevo de la Caverna «El Pendo». *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 15 (2). Madrid: Tipografía de Fortanet.

- CENDRERO CURIEL, O. (1915b) – *Resumen de los bastones perforados (bastones de mando) hallados en la provincia de Santander y noticia sobre uno nuevo de la caverna 'El Pendo'*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 1. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- CRUSAFONT, M.; MELÉNDEZ, B. & AGUIRRE, E. (1966) – *La evolución*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 258.
- DÍAZ-ANDREU GARCÍA, M. (2000) – La arqueología imperialista en España: extranjeros vs. españoles en el estudio del arte prehistórico de principios del siglo XX. In OLIVEIRA JORGE, V. (ed.), *3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. I. Arqueologia Peninsular. História, teoria y práctica (Vila Real, 1999). Porto: Adecap, p. 367-381.
- DÍAZ-ANDREU GARCÍA, M. (2004) – Mérida: génesis, pensamiento y obra de un maestro. In MÉLIDA y ALINARI, J.R., *Arqueología Española*. Pamplona: Urogoiti Editores, p. ix-clxviii.
- DÍAZ-PLAJA, A. & JIMÉNEZ LEÓN, M. (2015) – L'altre creuer universitari. L'expedició a Amèrica del 1934. *L'Avenç*, 409, p. 22-28.
- DURÁN i SANPERE, A. (1961) – *Tornat-hi a pensar*. Barcelona.
- ESTEVE GÁLVEZ, F. (1933/2009) – *En el entorno de las aguas luminosas. El crucero universitario, 1933*. MAGDALENA, J.R. (ed.). Zaragoza: Diputación Provincial de Castellón – Institución Fernando el Católico.
- ESTEVE GÁLVEZ, F. (1935) – *Estudio acerca de la cerámica cardial y el origen del vaso campaniforme*. Madrid: Tesis Doctoral. Universidad Central de Madrid.
- ESTÉVEZ, J. y VILA, A. (2006) – *Una historia de la investigación sobre el Paleolítico en la Península Ibérica*. Madrid: Arqueología Prehistórica, 6. Editorial Síntesis.
- FANO MARTÍNEZ, M.A. (2006) – Hugo Obermaier and the Research on the Mesolithic of Northern Spain. *Quartär*, 53-54, p. 169-179.
- FONTES, J. (1934) – *Professor Hugo Obermaier*. Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. 1, p. 9-18.
- FRANCISCO, Santo Padre, BERGOGLIO SÍVORI, J.M. (2014) – *Discurso del Santo Padre Francisco con motivo de la inauguración de un busto en honor del papa Benedicto XVI*. Lunes 27 de octubre de 2014. Roma: Libreria Editrice Vaticana.
- FROBENIUS, L. & OBERMAIER, H. (1925) – *Hádschra Máktuba. Urzeitliche Felsbilder Kleinafrikas*. Kurt Wolff Verlag. München.
- FUIDIO RODRÍGUEZ, F. (1934) – *La Carpetania romana*. Madrid: Editorial Reus.
- GARCIA y BELLIDO, A. (1931/2004) – Impresiones a la llegada de un viaje en tren a Berlín, en 1931. In BLÁNQUEZ, J.; PÉREZ RUIZ, M^a. (eds.), *Antonio García y Bellido y su legado a la Arqueología Española (1903-1972)*. Madrid: Serie Varia, 5. Universidad Autónoma de Madrid, p. 59-65.
- GARCIA y BELLIDO, A. (1942) – *Fenicios y cartagineses en Occidente*. Madrid: Escuela de Estudios Hebraicos. Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GARCÍA y BELLIDO, A. (1947) – Hugo Obermaier. *Boletín de la Real Academia de Historia*, 120 (2), p. 283-306.
- GARCÍA SANTOS, J.C. (2003-05) – Los programas y didáctica de la arqueología presentados en las oposiciones a cátedras de universidad (1900-1940). *Archäia*, 3-5, p. 272-282.
- GÓMEZ – MORENO MARTÍNEZ, M. (1905) – Arquitectura tartesia: la necrópoli de Antequera. *Boletín de la Real Academia de Historia*, 47 (3), p. 81-132.
- GÓMEZ – MORENO RODRÍGUEZ, M^a.E. (1995) – *Manuel Gómez – Moreno Martínez*. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces.

- GÓMEZ – TABANERA GARCÍA, J.M. (1985) – Sesenta años después: unas palabras de introducción a la reimpresión de *El hombre fósil* de Hugo Obermaier. In OBERMAIER, H., *El hombre fósil*. J.M. Tabanera (ed.). Madrid-Gijón: Istmo, p. 5-19.
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. (1980) – *El yacimiento de la Cueva de 'El Pendo' (Excavaciones 1953 – 57)*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana, 17. Instituto Español de Prehistoria del Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. & BARANDIARÁN, I. (1981) – *El Paleolítico Superior de la Cueva del Rascaño (Santander)*. Santander: Centro de Investigación y Museo de Altamira, 3. Ministerio de Cultura.
- GONZÁLEZ REYERO, S. (2007) – *Juan Cabré Aguiló y la construcción de la cultura ibérica en la primera mitad del siglo XX*. Murcia: Monografías del Museo de Arte Ibérico de El Cigarralejo, 4. Comunidad Autónoma de la Región de Murcia.
- GRACIA ALONSO, F. (2008) – Relations between Spanish Archaeologist and Nazi Germany (1939-1945). A preliminary examination of the influence of Das Ahnenerbe in Spain. *Bulletin of the History of Archaeology*, 18 (1), p. 4-24.
- GRACIA ALONSO, F. (2009a) – *La arqueología durante el primer franquismo (1939-1956)*. Barcelona: Bellaterra Arqueologia.
- GRACIA ALONSO, F. (2009b) – La investigación de Leo Frobenius y el Forschungsinstitut für Kulturmorphologie sobre arte rupestre en España (1934-1936). *Pyrenae*, 40 (1), p. 175-221.
- GRACIA ALONSO, F. (2011) – *Pere Bosch Gimpera. Universidad, política, exilio*. Madrid: Marcial Pons Historia.
- GRACIA ALONSO, F. (2017) – *Lluís Pericot. Un prehistoriador entre dos épocas*. Pampolona: Urgoiti editores.
- GRACIA ALONSO, F. (2021) – *Ciencia y política. La organización de la arqueología y la prehistoria en España (1850-1939)*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- GRACIA, F. & FULLOLA, J.M^a. (2006) – *El sueño de una generación. El crucero universitario por el Mediterráneo de 1933*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- GRACIA, F.; FULLOLA, J.M^a. & VILANOVA, F. (2003) – *58 anys i 7 dies. Correspondència de Pere Bosch Gimpera a Lluís Pericot (1919-1974)*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- HÄNSEL, B. (1991) – Berlin und die Prähistorische Archäologie. *Mitteilungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, 12, p. 9-17.
- HERA MARTÍNEZ, J. de la (2002) – *La política cultural de Alemania en España en el periodo de Entreguerras*. Madrid: Biblioteca de Historia, 50. Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E. y ESTEVAN, E. (1915) – Réponse à la Note de M. Breuil sur deux Mémoires de la Commission espagnole de Recherches paléontologiques et historiques. *L'Anthropologie*, 26, p. 476-478.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E. y ESTEVAN, E. (1919a) – Problemas y métodos de estudio del arte rupestre (a propósito de una crítica del doctor Obermaier). *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 19, p. 407-418.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E. y ESTEVAN, E. (1919b) – *La caverna de La Peña de Candamo (Asturias)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 24. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E. y ESTEVAN, E. (1958) – Descubrimiento del Arte Prehistórico. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 56, p. 261-285.
- HERNÁNDEZ- PACHECO, E. y ESTEVAN, E. (1959) – *Prehistoria del solar hispano. Orígenes del arte pictórico*. Madrid: Memorias de la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, serie Ciencias Naturales, 30.

- HERNÁNDEZ-PACHECO, E.; CABRÉ, J. & VEGA DEL SELLA, Conde de la [DUQUE DE ESTRADA MARTÍNEZ DE MORETÍN, R.] (1914) – *Las pinturas prehistóricas de Peña Tú*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 2. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E. & OBERMAIER, H. (1915) – *La mandíbula Neandertaloide de Bañolas*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 6. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- HOERNES, M. (1892) – *Die Urgeschichte des Menschen nach dem Heutigen Stande der Wissenschaft*. Wien-Pest-Leipzig: A. Hartlebens Verlag.
- HOERNES, M. (1898) – *Urgeschichte der bildenden Kunst in Europa, von den Anfängen bis um 500 v. Chr.* Wien: A. Holzhausen.
- HOERNES, M. (1903) – *Die diluviale mensch in Europa. Die kulturstufen der älteren steinzeit*. Braunschweig: F. Vieweg und sohn.
- HOERNES, M. (1909) – *Natur- und Urgeschichte des Menschen*. Wien: A. Hartleben.
- KRALL, K. (2005) – *Prähistorie im Nationalsozialismus: Ein Vergleich der Schriften von Herbert Jankuhn und Hans Reinerth zwischen 1933 und 1939*. Konstanz: Magisterarbeit. Fachbereich Geschichte und Soziologie. Universität Konstanz.
- LANTIER, R. & BREUIL, H. (1930) – Villages préromains de la péninsule Ibérique. I. La Villa. *Revue Archéologique*, 32 (2), p. 209-216.
- LANZAROTE GUIRAL, J.M^a. (2011) – La stratigraphie d'une vie consacrée à la préhistoire. Hugo Obermaier, sa chaire et les foilles du Castillo. In LUMLEY, H. de; HUREL, A. (eds.), *Cent ans de préhistoire. L'Institut de Paléontologie Humaine*. Paris: CNRS, p. 65-82.
- LEISNER, G.K. (1932) – *Die Verbreitung und Typologie der Galizisch – Nordportugiesischen Megalithgräber*. Marburg: Dissertation. Philipps – Universität zu Marburg.
- LEISNER, G.K. & LEISNER, V. (1960) – El Guadalperal. *Madrider Mitteilungen*, 1, p. 20-73.
- LÓPEZ JUNQUERA, G. (1985) – Notas sobre la obra póstuma de Hugo Obermaier: su ejemplar personal de El Hombre Fósil, interfoliado y corregido. In OBERMAIER, H., *El Hombre Fósil*. J.M. Gómez – Tabanera (ed.). Madrid – Gijón: Ediciones Istmo, p. 38-55.
- MADARIAGA, B. & VALBUENA, C. (1981) – *La Universidad Internacional de Verano en Santander (1933-1936)*. Guadalajara: Universidad Internacional Menéndez Pelayo.
- MAIER ALLENDE, J. (1999) – *Epistolario de Jorge Bonsor (1886-1930)*. Madrid: Gabinete de Antigüedades, Estudios 6. Real Academia de la Historia.
- MÁRQUEZ URÍA, M.C. (1974) – Trabajos de campo realizados por el Conde de la Vega del Sella. *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, 85, p. 811-835.
- MÁRQUEZ URÍA, M^a.C. (1988) – El Conde de la Vega del Sella (1870-1941) y la comisión de investigaciones paleontológicas y prehistóricas. In SÁNCHEZ, J.M. (ed.), 1907-1987. *La Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas 80 años después* (Madrid, 1987). II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 485-500.
- MARTÍN FLORES, A. (2001) – Pérez de Barradas y los orígenes de la institucionalización de la arqueología madrileña. *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas*, 10, p. 4-22.
- MARTÍNEZ GARCÍA, A. (1954) – *La simpatía en la educación. Breve reseña biográfica de D. Fidel Fuidio Rodríguez, S.M. Mártir de la cruzada nacional (1880-1936)*. Burgos: Hijos de Santiago Rodríguez.

- MARTÍNEZ SANTA – OLALLA, J. (1929) – Ein neuer Kommandostab aus der Cueva del Pendo (Santander, Spanien). *Jpek – Jahrbuch für Prähistorische und Ethnografische Kunst*, 5, p. 99-100.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1933) – Monumentos funerarios célticos. As Pedras Formosas e as estelas em forma de casa. *Homenagem a M. Sarmento*. Guimarães: 226-235.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1934) – Esquema de la arqueología visigoda. *Investigación y Progreso*, 8 (4), p. 103-109.
- MARTINEZ SANTA-OLALLA, J. (1935) – Elementos para un estudio de la cultura de los talayots en Menorca. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 14 (1), p. 5-66.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1946) – Hugo Obermaier. *Cuadernos de Historia Primitiva*, 1 (2), p. 95.
- MARZOLI, D.; MAIER, J. & SCHATTNER, T.G. (2013) – Apéndice documental Correspondencia. Instituto Arqueológico Alemán de Madrid – Central del Instituto Arqueológico Alemán en Berlín (19/12/1934 – 21/2/1953). In MARZOLI, D.; MAIER, J.; SCHATTNER, T.G. (eds.), *Historia del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid. I. Antecedentes y fundación del Departamento de Madrid*. Mainz: Iberia Archaeologica, 14. Philipp von Zabern, p. 299-427.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2003-04) – Julio Martínez Santa-Olalla y la interpretación aria de la Prehistoria de España (1939-1949). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 69-70, p. 13-55.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2010) – Una trayectoria rota. Juan de Mata Carriazo, Catedrático de Prehistoria e Historia de España Antigua y Media de la Universidad de Sevilla. *Spal*, 19, p. 61-96.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2010-11) – Hugo Obermaier, el duro camino hacia la cátedra de Historia Primitiva del Hombre (1877-1922). Homenaje a D. Manuel Santonja Alonso. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 46, p. 237-261.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2011-12) – Martín Almagro Basch, formación y consolidación como catedrático de Prehistoria (1911-1943). *Boletín del Seminario de Estudios de Arqueología*, 77-78, p. 335-416.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2013) – Análisis de una decadencia. La arqueología española del siglo XIX. II. La crisis de la Restauración (1868-1885). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 39, p. 201-243.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2015) – Tiempos difíciles. Blas Taracena Aguirre, depuración y ascenso a director del Museo Arqueológico Nacional (1937-40). In GARCÍA SÁNCHEZ, J. MAÑAS, I.; SALCEDO, F. (eds.), *Navigare necesse est. Estudios en homenaje a José María Luzón Nogué*. Madrid: Universidad Complutense. 320-332.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2019) – Julio Martínez Santa – Olalla, Joan Flaquer i la prehistòria de Menorca (1922-1957). In DESEL, C. (ed.), *Joan Flaquer i l'enigma dels 400 vasos. 50 ans d'arqueologia menorquina (1910-1960)*. Maó: Museu de Menorca, p. 110 -121, 252-259, 307-314.
- MEDEROS, A. & ESCRIBANO, G. (2011) – *Julio Martínez Santa – Olalla, Luis Diego Cuscoy y la Comisaría Provincial de Excavaciones Arqueológicas de las Canarias Occidentales (1939-1955)*. Sevilla – Tenerife: Canarias Arqueológica Monografías, 5. Cabildo de Tenerife-Museo Arqueológico de Tenerife.
- MERGELINA y LUNA, C. de (1930) – Fouilles de Monte Santa Tecla (Pontevedra). V^{ème} Congrès International d'Archéologie (Alger, 1930). No publicado.
- MORA FIGUEROA, L.D. (1974-75) – Miss Mary E. Boyle (1881-1974). *Ampurias*, 36-37, p. 319-321.
- MORA RODRÍGUEZ, G. (2020) – Antonio García y Bellido y Hugo Obermaier: contexto intelectual e historia de una amistad epistolar. In SÁNCHEZ MORENO, E. (ed.): *Veinticinco estampas de la España antigua cincuenta años después (1967-2017): en torno a la obra de García y Bellido y su actualización científica* (Madrid, 2017). Sevilla: Spal monografías arqueología, 31. Universidad de Sevilla, p. 53-68.

- MOURE ROMANILLO, A. (1996) – Hugo Obermaier, la institucionalización de las investigaciones y la integración de los estudios de Prehistoria en la universidad española. In MOURE, A. (ed.), *El hombre fósil 80 años después. Volumen conmemorativo del 50 aniversario de la muerte de Hugo Obermaier*. Gijón – Santander: Universidad de Cantabria – Fundación Marcelino Botín, p. 17-50.
- NIGST, P.R.; VIOLA, T.B.; HAESAERTS, P. & TRNKA, G. (2008) – Willendorf II. *Wissenschaftliche Mitteilungen aus dem Niederösterreichischen Landesmuseum*, 19, p. 31-58.
- OBERMAIER GRAD, H. (1904) – Le Quaternaire des Alpes et la nouvelle classification du Professeur A. Penck. *L'Anthropologie*, 15, p. 25-36.
- OBERMAIER GRAD, H. (1905a) – Zur Eolithenfrage. *Archiv für Anthropologie*, N.F., 4, p. 1-11.
- OBERMAIER GRAD, H. (1905b) – Is it certain that Eoliths are made by Man?. *Man*, 5 (102), p. 177-179.
- OBERMAIER GRAD, H. (1906a) – Beiträge zur Kenntnis des Quartärs in den Pyrenäen. I. Das Garonnebecken zwischen Toulouse und Martres. Das Gebiet des Unterlaufs der Ariège. Quartäre Schotter – und Terrassen – Funde. *Archiv für Anthropologie*, N.F., 4, p. 299-310.
- OBERMAIER GRAD, H. (1906b) – Beiträge zur Kenntnis des Quartärs in den Pyrenäen. II. Das Garonnegebiet zwischen Martres und St. Bertrand-de-Cominges. Das Neste-und Adourgebiet bei Lannemezan und Orignac. *Archiv für Anthropologie*, N.F., 5, p. 244-262.
- OBERMAIER GRAD, H. (1908) – Die Steingeräte des französischen Altpaläolithikums. *Mitteilungen der Prähistorische Kommission Österreichische Akademie der Wissenschaften*, 2, p. 41-125.
- OBERMAIER GRAD, H. (1909) – Der diluviale Mensch in der Provinz Santander (Spanien). *Prähistorische Zeitschrift*, 1, p. 183-186.
- OBERMAIER GRAD, H. (1910) – Der diluviale Mensch in Spanien. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, 40, p. 32-33.
- OBERMAIER GRAD, H. (1912) – *Der Mensch der Vorzeit*. Berlin-München-Wien: Allgemeine Verlags-Gesellschaft.
- OBERMAIER GRAD, H. (1914) – *Estudio de los glaciares de los Picos de Europa*. Madrid: Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales, Serie Geología, 9.
- OBERMAIER GRAD, H. (1916) – *El hombre fósil*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 9. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- OBERMAIER GRAD, H. (1917) – *Yacimiento prehistórico de Las Carolinas (Madrid)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 16. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- OBERMAIER GRAD, H. (1919) – *El dolmen de Matarrubilla. Sevilla*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 26. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- OBERMAIER GRAD, H. (1920) – Eduardo Hernández – Pacheco. La Caverna de La Peña de Candamo (Asturias). JAE, CIPP, Mem. N° 24. Madrid. 1919. *Boletín de la Sociedad Ibérica de Ciencias Naturales*, 19, p. 45-51.
- OBERMAIER GRAD, H. (1921) – El glaciario cuaternario en el valle del Río Ara y en el Parque Nacional de Ordesa (Pirineos). *Boletín de la Sociedad Ibérica de Ciencias Naturales*, 20, p. 106-110.
- OBERMAIER GRAD, H. (1923) – Escultura cuaternaria de la Cueva del Rascaño (Santander). *Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistoria*, 1, p. 7-14.
- OBERMAIER GRAD, H. (1924a) – *Fossil Man in Spain*. New Haven: Yale University Press.
- OBERMAIER GRAD, H. (1924b) – *Fossil Man in Spain*. Oxford: Oxford University Press.
- OBERMAIER GRAD, H. (1924c) – El Dolmen de Soto (Trigueros, Huelva). *Boletín de la Real Sociedad Española de Excursiones*, 32, p. 1-31.

- OBERMAIER, H. (1925a) – *El hombre fósil*. Madrid: Memoria de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 9.
- OBERMAIER GRAD, H. (1925b) – Die bronzzeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien). *Ipek*, 1925, p. 51-59.
- OBERMAIER GRAD, H. (1926) – *La vida de nuestros antepasados cuaternarios en Europa*. Madrid: Discursos leídos ante la Real Academia de la Historia en la recepción de Don Hugo Obermaier.
- OBERMAIER GRAD, H. (1927) – El Paleolítico del África Menor. *Estudios Eruditos in memoriam de Adolfo Bonilla y San Martín (1875-1926) en homenaje a su ilustre ex – decano*. Madrid: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Central, p. 27-43.
- OBERMAIER GRAD, H. (1927/1930) – Le Paléolithique de l'Afrique Mineure. *Revue Archéologique*, 5^a. S., 31, p. 253-273.
- OBERMAIER GRAD, H. (1928) – El Paleolítico del Marruecos Español. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 28, p. 269-272.
- OBERMAIER GRAD, H. (1929) – Época Paleolítica. IV Congreso Internacional de Arqueología Clásica (Barcelona, 1929). Altamira. IV Congreso Internacional de Arqueología Barcelona 1929. Barcelona: Tipografía Emporium. 23 p.
- OBERMAIER GRAD, H. (1929b/1930) – Una obra maestra de cerámica ibérica. *Investigación y Progreso*, 4, p. 1-2.
- OBERMAIER GRAD, H. (1929c) – Las cuevas de Altamira. *La Montaña*, La Habana, 2, 31 de enero de 1929.
- OBERMAIER GRAD, H. (1930/1931) – L'âge de l'art rupestre nord – africain. V^{ème} Congrès International d'Archéologie (Alger, 1930). *L'Anthropologie*, 41 (1931), p. 65- 74.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931) – *Urgeschichte der Menschheit*. In FINKE, H.; JUNKER, H.; SCHNURER, G. (eds.): *Geschichte der führenden Völker*. Freiburg: Herder.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931/1932) – *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*. Madrid: Revista de Occidente.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931) – El casco griego de Huelva. II. Informe del académico don Hugo Obermaier. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 98 (2), p. 646-648.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931a) – Die diluvialen menschlichen Skelettfunde Nordafrikas. *Anthropologischen Anzeiger*, 7, p. 259-265.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931b) – L'âge de l'art rupestre nord-africain. *L'Anthropologie*, 41, p. 65-74.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931b/1932a) – La antigüedad del Arte rupestre del Norte de África. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 100, p. 243-253.
- OBERMAIER GRAD, H. (1931b/1932b) – Das Alter der vorgeschichtlichen Felskunst Nordafrikas. *Forschungen und Fortschritte*, 8, p. 1-3.
- OBERMAIER GRAD, H. (1932c) – Oeuvres d'art du Magdalénien Final de la Grotte du 'Pendo', près Santander (Asturias). *Préhistoire*, 1, p. 9-18.
- OBERMAIER GRAD, H. (1932d) – *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*. Trad. A. García y Bellido. Madrid: Revista de Occidente.
- OBERMAIER GRAD, H. (1933) – El Gran Altar de Pérgamo y el Museo de su nombre. *Investigación y Progreso*, 7, p. 129-136.
- OBERMAIER GRAD, H. (1934a) – Das Capsien Problem im westlichen Mittelmeergebiet. *Germania*, 18, p. 165-173.
- OBERMAIER GRAD, H. (1934b) – Una excursión a la fortaleza celtibérica de Termancia (Soria). *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 105, p. 181-188.

- OBERMAIER GRAD, H. (1934c) – Estudios prehistóricos en la Provincia de Granada. Homenaje a José Ramón Mélida y Alinari. I. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*, 1, p. 255-292.
- OBERMAIER GRAD, H. (1935) – Nuevas pinturas rupestres cuaternarias en la región de Castellón de la Plana. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 14 (1), p. 107-108.
- OBERMAIER GRAD, H. (1935) – Brazaletes de la Edad del Bronce hallados en Asturias. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 14 (2), p. 261-262.
- OBERMAIER GRAD, H. (1936a) – Der diluviale Mensch auf der Pyrenäenhalbinsel. XVI *International Geological Congress. Report* (Washington, 1933). II. Washington, p. 1275-1289.
- OBERMAIER GRAD, H. (1936b) – Beiträge zur Kenntnis der diluvialen Felskunst Ostspaniens – Nouvelles découvertes d'art rupestre pléistocène dans l'est de l'Espagne. II^{ème} *Congrès International des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques* (Oslo, 1936).
- OBERMAIER GRAD, H. (1936b/1937) – Nouvelles études sur l'Art rupestre du Levant espagnol. *L'Anthropologie*, 47, p. 477-498.
- OBERMAIER GRAD, H. (1939) – Hunting the Mammoth as a source of food supply. *Research and Progress*, 8, p. 275-282.
- OBERMAIER, H. (1939/1940) – La caza del mamut y el mamut como alimento. *Investigación y Progreso*, 11, p. 16-35.
- OBERMAIER GRAD, H. (1941) – El oso de las cavernas. *Investigación y Progreso*, 12, p. 22-26.
- OBERMAIER GRAD, H. (1947) – La caverna votiva de Ras el Ma (Xauen, Marruecos). *Cuadernos de Historia Primitiva*, 2 (2), p. 121-122.
- OBERMAIER, H. & BOSCH GIMPERA, P. (1929) – Prehistoria y orígenes de la civilización. In ONCKEN, W. (ed.), *Historia Universal*. I. Barcelona: Montaner y Simón, p. xxxi-cxxxii.
- OBERMAIER, H. & BREUIL, H. (1913) – Fouilles de la Grotte du Castillo (Espagne). 14^{ème} *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques* (Genève, 1912). I. Genève, p. 361-362.
- OBERMAIER, H. & BREUIL, H. (1927) – Las pinturas rupestres de los alrededores de Tormón (Teruel). *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 90, p. 7-27.
- OBERMAIER, H. & CARANDELL, J. (1914) – Datos para la climatología cuaternaria de España. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 14, p. 402-411.
- OBERMAIER, H. & CARANDELL, J. (1916a) – *Contribución al estudio del glaciario cuaternario de la Sierra de Gredos*. Madrid: Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales, Serie Geología, 14.
- OBERMAIER, H. & CARANDELL, J. (1916b) – *Los glaciares cuaternarios de Sierra Nevada*. Madrid: Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales, Serie Geología, 17.
- OBERMAIER, H. & CARANDELL, J. (1917a) – *Los glaciares cuaternarios de la Sierra de Guadarrama*. Madrid: Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales, Serie Geología, 19.
- OBERMAIER, H. & CARANDELL, J. (1917b) – Nuevos datos acerca de la extensión del glaciario cuaternario en la Cordillera Central. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 17, p. 252-260.
- OBERMAIER, H. & GARCÍA y BELLIDO, A. (1941) – *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*. 2ª edición corregida y ampliada. Madrid: Manuales de la Revista de Occidente.
- OBERMAIER, H. & GARCÍA y BELLIDO, A. (1943) – *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*. 3ª edición corregida y ampliada. Madrid: Manuales de la Revista de Occidente.
- OBERMAIER, H. & GARCÍA y BELLIDO, A. (1947) – *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*. 4ª edición corregida y ampliada. Madrid: Manuales de la Revista de Occidente.
- OBERMAIER, H. & HEISS, C.W. (1929) – Iberische Prunkkeramik vom Elche – Archena – Typus. *Ipek*, 1929, p. 56-63.

- OBERMAIER, H. & KUHN, H. (1930a) – *Buschmannkunst. Felsmalereien aus Südwestafrika*. München: Kurt Wolff Pantheon-Verlag.
- OBERMAIER, H. & KUHN, H. (1930b) – *Bushman Art. Rock Painting of South Africa*. Based on the Photographic Material collected by Reinhard Maack. Oxford: Oxford University Press.
- OBERMAIER, H. & PÉREZ DE BARRADAS, J. (1923) – Estudios de Economía Prehistórica. *Revista Nacional de Economía*, 14, p. 155-180.
- OBERMAIER, H. & PÉREZ DE BARRADAS, J. (1924) – Las diferentes facies del Musteriense español y especialmente de los yacimientos madrileños. *Revista de la Biblioteca, Archivo y Museo del Ayuntamiento de Madrid*, 1, p. 143-173.
- OBERMAIER, H. & PÉREZ DE BARRADAS, J. (1930) – Yacimientos paleolíticos del valle del Jarama (Madrid). *Anales de Prehistoria Madrileña*, 1, p. 29-35.
- OBERMAIER, H.; PÉREZ DE BARRADAS, J. & WERNERT, P. (1921) – El Cuaternario de las Canteras de Vallecas (Madrid). *Boletín del Instituto Geológico de España*, 42, p. 305-322.
- OBERMAIER, H. & VEGA DEL SELLA, Conde de la [DUQUE DE ESTRADA MARTÍNEZ DE MORETÍN, R.] (1918) – *La Cueva del Buxu (Asturias)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 20. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- OBERMAIER, H. & WERNERT, P. (1918) – *Yacimiento paleolítico de Las Delicias (Madrid)*. Madrid: Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural, 11 (1). Real Sociedad Española de Historia Natural.
- OBERMAIER, H. & WERNERT, P. (1919) – *Las Pinturas rupestres del Barranco de la Valltorta (Castellón)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria, 23. Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- OEHL, W. (1946) – Professor Dr. Hugo Obermaier. *St. Nikolaus – Glocken vom Samstag* 16 (265/46), p. 3.
- ORTEGA, A.I. & QUERO, S. (2002): Julio Martínez Santa – Olalla. 1905, Burgos – 12 Febrero de 1972, Madrid. *Bifaces y elefantes. La investigación del Paleolítico Inferior en Madrid*. *Zona Arqueológica*, 1, p. 194-213.
- PENCK, A. & BRÜCKNER, E. (1909) – *Die Alpen im Eiszeitalter*. I-III. Leipzig: Tauchnitz.
- PÉREZ DE BARRADAS y ÁLVAREZ DE EULATE, J. (1948) – Hugo Obermaier Grad. *Trabajos del Instituto Bernardino de Sahagún de Antropología y Etnología*, 6, p. 9-14.
- PÉREZ DE BARRADAS, J. & FUIDIO, F. (1927a) – Nuevos yacimientos neolíticos de los alrededores de Madrid. *Revista de la Biblioteca, Archivo y Museo del Ayuntamiento de Madrid*, 4 (15), p. 283-293.
- PÉREZ DE BARRADAS, J. & FUIDIO, F. (1927b) – Yacimientos neolíticos de la región de El Hoyo (Soria). *Ibérica*, 27, p. 225-233.
- PÉREZ DE BARRADAS, J. & FUIDIO, F. (1928) – Descubrimientos arqueológicos en el término municipal de Azaña (Toledo). *Boletín de la Real Academia de Bellas Artes y Ciencias Históricas de Toledo*, 15, p. 225-233.
- PÉREZ DE BARRADAS, J. & FUIDIO, F. (1929) – Un nuevo yacimiento paleolítico de la zona de las Delicias (Madrid). *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 8, p. 155-160.
- PÉREZ RUIZ, M^a. (2008) – La formación científica de Antonio García y Bellido y la escuela arqueológica alemana. 1930-1935. In GONZÁLEZ REYERO, S.; PÉREZ RUIZ, M.; BANGO, C.I. (eds.), *Una mirada sobre el patrimonio histórico. Líneas de investigación arqueológica en la Universidad Autónoma de Madrid*. II Jornadas de Investigación del Departamento de Prehistoria y Arqueología de Jóvenes investigadores de la Comunidad de Madrid (Madrid, 2005). Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, p. 63-78.
- PERICOT GARCÍA, L. (1933) – Las excavaciones en la cueva del Parpalló (Gandia, provincia de Valencia). *Investigación y Progreso*, 7 (1), p. 1-9.

- PERICOT GARCÍA, L. (1934a) – Las puntas solutrenses de tipo levantino español. Ist *International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences* (London, 1932). London: Oxford University Press, p. 78-80.
- PERICOT GARCÍA, L. (1934b) – Las placas pintadas de la cueva del Parpalló (Gandia, Valencia). Ist *International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences* (London, 1932). London: Oxford University Press, p. 80-82.
- PERICOT GARCÍA, L. (1934c) – Épocas primitiva y romana. *Historia de España. Gran Historia General de los pueblos hispánicos*. I. Barcelona: Instituto Gallach.
- PERICOT GARCÍA, L. (1963) – La escuela arqueológica barcelonesa. II *Symposium de Prehistoria Peninsular* (Barcelona, 1962). Barcelona: Instituto de Arqueología y Prehistoria. Universidad de Barcelona, p. xvii-xxviii.
- PERICOT GARCÍA, L. (1972) – *Reflexiones sobre la Prehistoria hispánica*. Discurso leído el día 10 de diciembre de 1972 en el acto de su recepción pública. Madrid: Real Academia de la Historia.
- PERICOT GARCÍA, L. (1975) – Semblanza de Antonio García y Bellido. *Homenaje a Antonio García y Bellido*. Madrid: Cuadernos de la Fundación Pastor, 20, p. 9-21.
- PORCAR RIPOLLÉS, J.B. (1934) – Pintures rupestres al barranc de Gasulla. *Boletín de la Sociedad Castellonense de Cultura*, 15, p. 343-347.
- PORCAR RIPOLLÉS, J.B. (1965/2010) – Hugo Obermaier y las pinturas rupestres de Cueva Remigia. *Boletín de la Sociedad Castellonense de Cultura*, 86, p. 25-68.
- PORCAR RIPOLLÉS, J.B. (1975) – El abate Henri Breuil y las pinturas rupestres del Cingle. *Boletín de la Sociedad Castellonense de Cultura*, 51, p. 185-212.
- PORCAR, J.B.; OBERMAIER, H. & BREUIL, H. (1936): *Las pinturas rupestres de la Cueva Remigia (Castellón)*. Madrid: Memoria de la Junta Superior de excavaciones y Antigüedades, 136. Tipografía de Archivos.
- RASILLA, M. de la & SANTAMARÍA, D. (2004) – La Exposición de Arte Prehistórico Español de 1921: el cometido del arte rupestre en la institucionalización de la arqueología prehistórica en España. *Sulcum Sevit. Estudios en Homenaje a Eloy Benito Ruano*. I. Oviedo: Universidad de Oviedo, p. 3-46.
- REINERTH, H. (1926) – *Die jüngere Steinzeit in der Schweiz*. Augsburg: B. Filser.
- REINERTH, H. (1936) – Süddeutschlands nordisch – germanische Sendung. *Germanenerbe*, 1, p. 203-209.
- RIPOLL PERELLÓ, E. (1963) – *Pinturas rupestres de La Gasulla (Castellón)*. Barcelona: Monografías de Arte Rupestre Levantino, 2. Instituto de Prehistoria y Arqueología de la Diputación Provincial de Barcelona.
- RIPOLL PERELLÓ, E. (1964) – Vida y obra del Abate Henri Breuil, padre de la Prehistoria. *Miscelánea en Homenaje al Abate Breuil*. I. Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 1-48.
- RIPOLL PERELLÓ, E. (1995) – *El Abate Henri Breuil (1877-1961)*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- RIPOLL PERELLÓ, E. (2002) – *Abate Henri Breuil, antología de textos*. Barcelona: Universidad Nacional de Educación a Distancia – Reial Acadèmia des Bones Lletres de Barcelona.
- SÁNCHEZ GÓMEZ, L.A. (2001) – Etnología y Prehistoria en la Universidad Complutense de Madrid. Crónica de una desigual vinculación (1922-2000). *Complutum*, 12, p. 249-272.
- SCHÄFER, M. (2006) – Herbert Kühn und die Gründerjahre des Kölner UFG – Instituts 1920-1935. In CALLMER, J. et al. (eds.), *Die Anfänge der ur-und frühgeschichtlichen Archäologie als akademisches Fach (1890-1930) im europäischen Vergleich* (Berlin, 2003). Rahden/Westf: Verlag Marie Leidorf, p. 117-126.
- SCHMIDT, H. (1915) – *Estudios acerca de los principios de la Edad de los Metales en España*. Madrid: Memorias de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 8. Museo Nacional de Ciencias Naturales.

- SIETE IGLESIAS, Marqués de [VARGAS – ZÚÑIGA y MONTERO de ESPINOSA, A.] (1980) – Real Academia de la Historia. Catálogo de sus individuos. 268. D. Hugo Obermaier y Grad. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 177 (1), p. 689-739.
- STRAUS, L.G. (1981) – Las antiguas excavaciones en la cueva de Rascaño. In GONZÁLEZ ECHEGARAY, J.; BARANDIARÁN, I. (eds.), *El Paleolítico Superior de la Cueva del Rascaño (Santander)*. Santander: Centro de Investigación y Museo de Altamira, 3. Ministerio de Cultura, p. 12-24.
- TARACENA GARCÍA, B. (1930) – Une villa romaine à Cuevas de Soria. V^{ème} *Congrès International d'Archéologie* (Alger, 1930). No publicado.
- TEJERO, J.M.; AVEZUELA, B.; WHITE, R.; RANLETT, S.; QUAM, R.; TATTERSALL, I. & BERNALDO de QUIROS, F. (2010) – Un pedazo de la Prehistoria cántabra en Nueva York. Las Colecciones de la Cueva del Castillo (Puente Viesgo, Cantabria) en el American Museum of Natural History (Nueva York, EEUU). *Munibe*, 61, p. 5-16.
- UNAMUNO y JUGO, M. de (1991) – *Epistolario inédito II (1915-1936)*. Madrid: Espasa Calpe.
- VAUFREY, R. (1933) – Notes sur le Capsien. *L'Anthropologie*, 43, p. 457-483.
- VEGA DEL SELLA, Conde de la [DUQUE de ESTRADA y MARTÍNEZ de MORENTÍN, R.] (1914) – *La Cueva del Penicil (Asturias)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 4.
- VEGA DEL SELLA, Conde de la [DUQUE de ESTRADA y MARTÍNEZ de MORENTÍN, R.] (1916) – *Paleolítico de Cueva de la Mina (Asturias)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 13.
- VEGA DEL SELLA, Conde de la [DUQUE de ESTRADA y MARTÍNEZ de MORENTÍN, R.] (1923) – *El Asturiense. Nueva industria preneolítica*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 32.
- VEGA DEL SELLA, Conde de la [DUQUE de ESTRADA y MARTÍNEZ de MORENTÍN, R.] (1930) – *Las cuevas de la Riera y Balmori (Asturias)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 38.
- VILA, A. & ESTÉVEZ, J. (2010) – Obermaier and the Construction of the Spanish Paleolithic: A View from the 21st Century. *Mitteilungen der Gesellschaft für Urgeschichte*, 19, p. 35-50.
- WERNERT, P. & PÉREZ DE BARRADAS, J. (1919) – El Almendro. Nuevo yacimiento cuaternario en el valle del Manzanares. *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*, 27, p. 238-269.
- ZEISS, H. (1934a) – Die Chronologie der wesgotischen Gräbfunde in Spanien. *Homenaje a José Ramón Mélida I. Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*, 1. Madrid, p. 299-307.
- ZEISS, H. (1934b) – *Die Gräbfunde aus dem spanischen Westgotenreich*. Berlin – Leipzig: Germanische Denkmäler der Völkerwanderungszeit, 2. Walter de Gruyter & Co.
- WHITE, R. (2006) – From Puente Viesgo to Central Park West: Hugo Obermaier, Nels Nelson and the American Museum of Natural History's collections from Cantabrian Spain. In MAILLO, J.M.; BAQUEDANO, E. (eds.), *Miscelánea en homenaje a Victoria Cabrera. Zona Arqueológica*, 7 (1), p. 58-77.
- ZÜCHNER, C. (1995) – Hugo Obermaier (1877-1946). Dokumente seines lebens und wirkens im archiv der Hugo Obermaier-Gesellschaft zu Erlangen. *Madri der Mitteilungen*, 36, p. 48-59.
- ZÜCHNER, C. (1997) – Hugo Obermaier Regensburg 1877 – Fribourg 1946. Leben und Wirken eines bedeutenden Prähistorikers. *Quartär* 47-48, p. 7-28.
- ZÜCHNER, C. (2009) – Hugo Obermaier, Regensburg 1877 – Fribourg 1946. In HOSFIELD, R.; WENBAN – SMITH, F.; POPE, M. (eds.), *Great Prehistorians: 150 Years of Palaeolithic Research, 1859-2009. Lithics*, 30, p. 143-152.

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 2024

1 – INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) no ano de 2024.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Investigação e Valorização do Património Arqueológico;
- Acções de Divulgação do Património Arqueológico.

2 – ACÇÕES DE INVESTIGAÇÃO E DE DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1 – Revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (EAO)

2.1.1 – Volume 34 dos EAO

Em 2024 foi publicado o volume 34 da revista Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Este volume, com 414 páginas, incluiu a publicação de 9 artigos, da autoria ou co-autoria de 24 autores, destacando-se os artigos que dizem diretamente respeito à arqueologia do Concelho de Oeiras, como o “Estudo petroarqueológico de proveniência de materiais siliciosos de Leceia, Barotas e Monte do Castelo (Oeiras, Portugal)”, baseado no trabalho adjudicado e desenvolvido pela Doutora Patrícia Jordão em 2023, e o artigo “Estratégias alimentares dos animais domésticos do povoado de Leceia (Oeiras, Portugal) durante a transição do 4.º para o 3.º milénio a.C.: uma abordagem a partir dos isótopos estáveis”, dedicado à gestão dos recursos alimentares daquele sítio arqueológico, com base em estudos bioquímicos dos restos dos animais domésticos criados pelos seus antigos habitantes. Ambos são representativos da importância decisiva das Ciências da Terra e da Vida na caracterização da economia e do quotidiano das comunidades que outrora ocuparam o concelho de Oeiras.

Destaca-se também o artigo “A Educação Patrimonial como instrumento de valorização do património arqueológico de Oeiras: o caso do povoado pré-histórico de Leceia, um lugar de memória”, síntese da dissertação de mestrado de docente do Ensino Secundário do concelho de Oeiras, baseada no “caso de estudo” do povoado pré-histórico de Leceia, como exemplo e fonte inspiradora para a valorização escolar dos jovens oeirenses.

Dos demais artigos publicados, abrangendo domínios geográficos mais amplos, destaca-se o estudo sobre a discutida dualidade neandertais/homens anatomicamente modernos, que elementos recentemente obtidos em Portugal e na Andaluzia, por via da Arqueologia, permitiram enquadrar novas e fundamentadas perspectivas.

Assinala-se ainda neste volume a publicação de dois estudos respeitantes à ocorrência de monumentos megalíticos ao longo da faixa ocidental da Estremadura, cuja presença em Oeiras se manifesta apenas através da toponímia, veiculada pela tradição oral, e um estudo sobre algumas das mais antigas peças de ouro pré-históricas peninsulares, a um estudo alusivo às mais antigas presenças campaniformes conhecidas no actual espaço europeu, o qual foi apresentado primeiramente em reunião internacional realizada em Outubro de 2023 em Itália, pelo Coordenador do CEACO.

2.1.2 – Carregamento dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras (EAO)* na plataforma OJS (*Open Journal Systems*)

Em 2015 foi submetido pelo signatário à consideração superior do Senhor Presidente, através da Inf.º n.º 04/CEACO/2015, a qual mereceu despacho favorável de 06/05/2015, a disponibilização online dos volumes da série *Estudos Arqueológicos de Oeiras* em site temático do CEACO, visando a sua divulgação e creditação científica internacional.

Seguidamente, com o apoio decisivo do Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho e da Senhora Directora Municipal Dr.ª Paula Saraiva, esta iniciativa teve em 2019 um impulso decisivo visando o carregamento dos volumes dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na plataforma OJS (*Open Journal Systems*), depois de cumpridos os requisitos para viabilizar a agregação da Revista ao RCAAP (Repositórios Científico de Acesso Aberto de Portugal) gerido pela Universidade do Minho. Desta forma foi possível potenciar o acesso direto e instantâneo a nível mundial de qualquer dos conteúdos publicados nos *EAO*.

Assim, na sequência da criação daquela plataforma em Maio de 2019, pelo Departamento de Tecnologias de Informação e Comunicação (DITIC), foi designado o Dr. Bernardo Ferreira, deste Centro de Estudos Arqueológicos, para assegurar o carregamento e disponibilização online de todos os volumes publicados e a publicar. Em 2024, foi disponibilizado o volume 34, editado no mesmo ano, na coleção *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. <https://eao.cm-oeiras.pt/index.php/DOC>

Ainda no quadro do reforço da divulgação das actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, mantém-se actualizado na respectiva página criada em 2018, no Portal do Município, o carregamento de todos os volumes dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, bem como dos respectivos artigos considerados individualmente, até ao presente publicados.

2.1.3 – Aspectos editoriais

A publicação de uma revista de arqueologia de carácter científico impõe grande esforço e adequada planificação e organização.

Para que esta publicação se tenha afirmado de forma inequívoca no panorama nacional e internacional, foram consideradas duas condições essenciais, definidas logo desde o primeiro número, em 1991. A primeira, é a regularidade da sua publicação, indispensável para assegurar as permutas, desde cedo estabelecidas; a segunda é a qualidade e interesse dos conteúdos científicos apresentados. Tendo em vista assegurar formalmente este requisito, foi criado, a partir da publicação do volume 17 (2009), inclusive, um Conselho Assessor do Editor Científico, constituído por seis personalidades de renome internacional, as quais foram para o efeito expressamente convidadas pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

As personalidades que integram presentemente o **Conselho Assessor do Editor Científico dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*** são as seguintes:

Professor Doutor Nuno Bicho (Professor Catedrático Universidade do Algarve);
Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Professor Titular da Universidade Autónoma de Madrid);
Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Professor Catedrático jubilado da Universidade Complutense de Madrid);
Professora Doutora Raquel Vilaça (Professora Catedrática da Universidade de Coimbra);
Professor Doutor Jorge de Oliveira (Professor Catedrático Emérito da Universidade de Évora);
Professor Doutor Mário Barroca (Professor Catedrático da Universidade do Porto).

Em Dezembro de 2024, a revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras* permutava com 80 publicações periódicas nacionais e internacionais, de carácter arqueológico e patrimonial, correspondendo aos mais importantes títulos editados na Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Mónaco e Polónia, tendo sido enviadas a todas elas, no decurso de 2024, os volumes 33 e 34 da revista.

Realça-se, assim, a crescente importância do acervo documental de carácter especializado assim reunido, conducente ao enriquecimento permanente do acervo de uma biblioteca especializada, permitindo o conhecimento de realidades arqueológicas de outros Países e regiões, indispensável à própria actividade de investigação científica no domínio da Arqueologia do Concelho de Oeiras, desenvolvida neste Centro de Estudos Arqueológicos.

Conforme despacho presidencial, estas publicações, pelo seu carácter específico, conservam-se nas instalações do CEACO podendo, todavia, qualquer artigo delas constante, ser fornecido ou consultado directamente, mediante simples solicitação dos interessados, através da consulta dos conteúdos dos títulos dos artigos publicados em todos os números das revistas permutadas, em permanente actualização digital.

Encontra-se em preparação o carregamento digital de todos os títulos e respectivos autores dos artigos integrantes dos volumes das diversas colecções, reunidos pelo CEACO, na base de dados das Bibliotecas Municipais de Oeiras, por iniciativa do Sr. Director do Departamento de Artes, Cultura, Turismo, e Património Histórico, Dr. Gaspar Matos.

2.2 – 3.º Colóquio Internacional “História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia O povoado pré-histórico de Leceia e o seu enquadramento no Calcolítico do sul peninsular”

A 24 de Maio de 2024 teve lugar no Templo da Poesia – Auditório do Parque dos Poetas (Oeiras) a realização do 3.º Colóquio Internacional “História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia” dedicado ao tema O povoado pré-histórico de Leceia e o seu enquadramento no Calcolítico do sul peninsular.

A abertura do Colóquio contou com a intervenção do Vereador Dr. Armando Soares em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, a que se seguiram as alocações do Director do Departamento de Artes, Cultura, Turismo, e Património Histórico, Dr. Gaspar Matos e do signatário, que conjuntamente com a Prof. Doutora Ana Catarina Sousa (UNIARQ/FLUL), asseguraram a comissão científica deste Encontro.

Neste Colóquio foram apresentadas dez comunicações, por especialistas portugueses e espanhóis, contando com uma assistência superior a 80 pessoas mercê de larga divulgação nas redes sociais pela Câmara Municipal de Oeiras através do Gabinete de Comunicação.

Destaca-se o significativo contributo científico dos especialistas espanhóis convidados, que totalizaram cinco das conferências proferidas neste Encontro. Estes investigadores e professores universitários provenientes da Universidade de Granada, da Universidade Autónoma de Madrid e do Instituto Arqueológico

Alemão de Madrid, permaneceram em Portugal de 23 a 25 de Maio, a convite da Câmara Municipal de Oeiras. As comunicações então apresentadas serão publicadas em volume próprio dos *EAO*.

No encerramento dos trabalhos foi apresentado ao público o volume 33 dos *“Estudos Arqueológicos de Oeiras”*.

Os objetivos que presidiram à realização desta reunião científica foram plenamente atingidos e mesmo ultrapassados, não só pela qualidade e importância das temáticas apresentadas nas sucessivas comunicações mas também pelos resultados obtidos da ampla discussão realizada, motivada pelas comunicações apresentadas.

Programa:

10.30h – Recepção dos participantes.

11.00h - Sessão inaugural.

A região da Baixa Estremadura

11.30h – João Luís Cardoso (CEACO/CM Oeiras, ICArEHB/Universidade do Algarve).

Os povoados calcolíticos da Estremadura de Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo: estudo comparado das arquitecturas, matérias-primas, técnicas e sequências construtivas.

12.00h – Ana Catarina Sousa, André Texugo & Victor S. Gonçalves (UNIARQ/FLUL).



Fig. 1 – Abertura do Colóquio. Na mesa de honra, o Senhor Vereador Dr. Armando Soares, o Senhor Director do DACTPH, Dr. Gaspar Matos e signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO.

Muros e muralhas da Península de Lisboa: dinâmicas de povoamento no 3.º milénio A.C.
12.30h – Mariana Diniz, Andrea Martins, César Neves (UNIARQ/FLUL, AAP) & José M. Arnaud (AAP).
Entre Barreiras e a Porta Grande: ler o conflito e a violência nas paisagens ibéricas do 3.º milénio A. C a partir de Vila Nova de São Pedro (Azambuja).

13.00h – Discussão.

13.15h – Pausa para almoço.

A região do Sudoeste peninsular

14.30h – João Luís Cardoso (CEACO/CM Oeiras, ICArEHB/Universidade do Algarve), Nuno Neto (Neoépica, Lda), Paulo Rebelo (Neoépica, Lda.) & Filipe Martins (CEACO/CM Oeiras).

Resultados das intervenções realizadas no povoado de fossos de Porto Torrão pela Empresa Neoépica Lda.: a componente ideotécnica, seu significado e importância no contexto do sul peninsular.

15.00h – Rui Mataloto (CM Redondo) & Catarina Costeira (UNIARQ/FLUL).

O povoado pré-histórico de São Pedro (Redondo).

15.30h – Alfredo Mederos Martín (Universidad Autónoma de Madrid) & T. X. Schuhmacher (Instituto Arqueológico Alemán, Delegación de Madrid).

Valencina de la Concepción, Sevilla.



Fig. 2 – Vista geral da assistência a uma das comunicações.

A região do Sudeste peninsular

16.00h – Antonio Morgado & David García-González (Universidad de Granada).

Villavieja (Granada, España). Un nuevo recinto amurallado en la Cordillera Bética de Andalucía.

16.30h – Alberto Dorado Alejos (Universidad de Granada).

Los Millares, el proyecto actual y el yacimiento.

16.50h – Francisco Javier Castillo Gallego (Universidad de Granada).

Los Millares, los materiales.

17.10h – Juan Antonio Cámara Serrano (Universidad de Granada).

Los Millares y su territorio.

17.30h – Discussão final e encerramento dos trabalhos.

Coordenação de Joaquina Soares (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

18.00h – Apresentação do volume 33 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

18.15h – Carcavelos de Honra oferecido pela Câmara Municipal de Oeiras.

2.3 – Ciclo de conferências “Pré-história do concelho de Oeiras”

Durante o ano de 2024, teve lugar na Livraria Municipal Verney um ciclo de conferências dedicado à Pré-história do concelho de Oeiras, constituído por 5 sessões que decorreram entre 28 de Fevereiro e 27 de Junho. Estas conferências foram proferidas pelo signatário, na qualidade de Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos, Académico e Professor Catedrático de Arqueologia, tendo versado diferentes temas



Fig. 3 – Palestra realizada a 28 de Março de 2024 no Salão Nobre do Palácio Marquês de Pombal.

com base nas investigações realizadas ao longo das últimas décadas no concelho de Oeiras pelo CEACO. O objectivo foi a apresentação geral, numa perspectiva eminentemente didáctica, das características das sucessivas comunidades humanas que habitaram o concelho de Oeiras ao longo da Pré-história, do ponto de vista económico, social e cultural, com base nos vestígios recolhidos no terreno, as quais respeitaram a seguinte **programação**:

- 28 de Fevereiro – “Os mais antigos vestígios da actividade humana no concelho de Oeiras (1 500 000 – 1 000 000 anos antes de Cristo)”;
- 28 de Março – “As comunidades de caçadores e recolectores no concelho de Oeiras (300 000 - 20 000 anos antes de Cristo)”;
- 30 de Abril – “Os mais antigos agricultores do concelho de Oeiras (5300-5100 anos antes de Cristo)”;
- 28 de Maio – “A emergência das primeiras sociedades complexas no concelho de Oeiras (3000-2000 anos antes de Cristo)”;
- 27 de junho – “A Idade do Bronze no concelho de Oeiras ou a “globalização” económica: entre o norte Atlântico e o sul Mediterrâneo”.

Estas conferências contaram com a assistência média, a cada uma delas, de cerca de 50 pessoas, previamente inscritas junto do CEACO, sendo constituída essencialmente por munícipes e demais interessados, provenientes de concelhos limítrofes. Uma delas foi realizada excepcionalmente no Salão Nobre do Palácio Marquês de Pombal.



Fig. 4 – Palestra realizada a 30 de Abril de 2024 na Livraria Municipal Verney.

3 – ACÇÕES DE APOIO À INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

3.1 – Datações de radiocarbono

Em 2024 foram realizadas pelo Laboratório “Vilnius Radiocarbon” sediado em Vilnius, Lituânia, 21 datações de radiocarbono por AMS, no âmbito da realização de estudos científicos destinados a publicação nos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.

3.2 – Desenho de materiais arqueológicos e preparação de materiais scripto, gráficos e de multi-média

Prosseguiram ininterruptamente durante o ano de 2024 os desenhos de materiais arqueológicos destinados a ilustrar trabalhos de investigação e de divulgação, de que se destaca a série *Estudos Arqueológicos de Oeiras (EAO)*, realizados pelo Dr. Bernardo Ferreira e pelo Mestre Filipe Martins.

Foi desenvolvida pelo Dr. Bernardo Ferreira a preparação digital de documentos e ilustrações para diversas publicações, assumindo esta actividade importância crescente no quadro das exigências tecnológicas atuais.

Ainda no âmbito das actividades realizadas pelo Dr. Bernardo Ferreira, destaca-se a preparação da visita virtual em 3 D do povoado pré-histórico de Leceia, a qual foi concluída no final de 2024.

Foi adjudicada a tradutor especializado, a tradução de artigos científicos para inglês destinados a publicação nos *EAO* e em outras revistas científicas de arqueologia internacionais.

Foi adjudicado ao Centro de Arqueologia de Almada, editor da revista de arqueologia *Al-Madan*, a publicação do relatório das actividades aqui desenvolvidas no ano de 2023, da autoria do Coordenador do CEACO, com o objectivo de dar a conhecer a um público especializado alargado os trabalhos aqui desenvolvidos e os principais resultados obtidos.

4 – ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS EM 2024

4.1 – Revista (*EAO*) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

No volume 34 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* foram publicados 9 artigos científicos, envolvendo a participação de 24 autores ou co-autores, tendo o Coordenador deste Centro de Estudos Arqueológicos integrado o elenco autoral dos seguintes artigos, todos eles disponibilizados online em Acesso Aberto:

- 1 – 40,000 years later: what we know about the presence of Neanderthals in Portuguese territory and their extinction. *Oeiras* (2024). 34, p. 9-52. De col. com J. Cascalheira.
- 2 – A anta de Monte-Serves (Vialonga, Vila Franca de Xira, Lisboa): arquitectura, cronologia e integração sócio-cultural de um pequeno sepulcro megalítico. *Oeiras* (2024). 34, p. 113-180. De col. com M. A. Andrade, R. Mataloto, P. Moita, A. Pereira & J. Pimenta.
- 3 – Estudo petroarqueológico de proveniência de materiais siliciosos de Leceia, Barotas e Monte do Castelo (*Oeiras*, Portugal). *Oeiras* (2024). 34, p. 181-232. De col. com P. Jordão.
- 4 – Estratégias alimentares dos animais domésticos do povoado de Leceia (*Oeiras*, Portugal) durante a transição do 4.º para o 3.º milénio a.C.: uma abordagem a partir dos isótopos estáveis. *Oeiras* (2024). 34,

p. 233-248. De col. com V. Navarrete, C. B. Dias, C. Detry, A. Curto, A. J. Waterman, E. Wright & A. Maurer.

- 5 – A necrópole da gruta da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira) e a génese do Complexo Campaniforme na região da foz do Tejo (Portugal). Oeiras (2024). 34, p. 249-310. De col. com M. Leitão, O. V. Ferreira, G. Zbyszewski, C. T. North & J. Norton.
- 6 – Os ouros calcolíticos do povoado pré-histórico muralhado do Outeiro Redondo (Sesimbra) e da gruta funerária campaniforme da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira). Oeiras (2024). 34, p. 311-324. De col. com C. Bottaini.
- 7 – Contributo para o *corpus* artefactual metálico do Bronze Final em território português: a pregaria. Oeiras (2024). 34, p. 325-332. De col. com A. Melo.
- 8 – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Relatório das actividades desenvolvidas em 2023. Oeiras (2024). 34, p. 395-414.

4.2 – Outros artigos científicos publicados em 2024

A acção do CEACO tem-se projectado muito para além dos limites geográficos do Concelho de Oeiras por forma a caracterizar adequadamente as realidades aqui identificadas, necessariamente objecto de estudos comparativos de carácter alargado.

Em 2024, foram publicados pelo signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO os seguintes artigos científicos, a maioria deles em revistas internacionais indexadas de assinalável impacto científico, os quais, directa ou indirectamente se referem a aspectos da arqueologia oeirense, encontrando-se todos eles disponibilizados online em Acesso Aberto:

- 9 – 40,000 years later: what we know about the presence of Neanderthals in Portuguese territory and their extinction. **Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Ciências** (Lisboa, 2024), p. 3-58. João Luís Cardoso & João Cascalheira
- 10 – Early Neolithic Settlement and Graves in Lisbon's Historic Centre. **Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid**, 50(1) (2024), p. 11-38. De col. com Filipe Martins.
- 11 – The Early Neolithic settlement of Carrascal (Oeiras, Portugal). **Menschen-Kulturen-Traditionen, From Sedentarisation to Complex Societies: Settlement, Economy, Environment, Cult**. Proceedings of the workshops in Lisbon, Tehran and Lima. Deutsches Archäologisches Institut, p. 53-63.
- 12 – As antas, marcadores simbólicos das paisagens e dos territórios medievais / Dolmens, symbolic markers of medieval landscapes and territories. **Ciência e Cultura**, N.º 29. **A paixão pela História: saber e comunicação. Estudos de Homenagem a Maria José Ferro Tavares**. João Luís Cardoso, José das Candeias Sales, Ana Paula Avelar (Eds.) (Universidade Aberta, Lisboa (2024), p. 35-42. De col. com Rui Mataloto
- 13 – Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo: Similarities and differences between three walled sites of Portuguese Extremadura. **Archaeopress Archaeology, Les sociétés humaines face aux changements climatiques / Human societies facing climate change**, Volume 3 – Déterminismes

- dans les sociétés préhistoriques: changements climatiques, environnements, contraintes fonctionnelles et traditions culturelles / Determinisms in prehistoric societies: climate changes, environments, functional constraints and cultural tradition. Comptes-rendus 2023 de l'Académie Internationale de Préhistoire et de Protohistoire / 2023 Reports of the International Academy of Prehistory and Protohistory. Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques. Archaeopress Publishing Ltd, Oxfordshire (2024), p. 225-248.
- 14 – Widespread horse-based mobility arose around 2,200 BCE in Eurasia. *Nature*, 202, :<https://we.tl/t-eoQC0ivqfO>. **Nature** (junho 2024): 39 págs. De col. com Pablo Librado, Gaetan Tressières, Lorelei Chauvey, (...) & Ludovic Orlando.
 - 15 – On the identity of the elusive pantherine from the Algar da Manga Larga, Portugal: a computed tomographic study of inner cranial cavities. **Conference: XXXIX Jornadas de la Sociedad Española de Paleontología** (2 al 5 de octubre de 2024) en Coruña, 22 pág. D. Estraviz-López, Q. Jiangzuo, J. Madurell-Malapeira, J. L. Cardoso, M. Rios & A. Grandal-d'Anglade.
 - 16 – What did the first food producers in the Lisbon region eat, in the transition from the 6th to the 5th millennium BC ? **Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Ciências** (Lisboa, 2024), p. 3-27.
 - 17 – The Portuguese (PT) version of the “International Chronostratigraphic Chart”: a new approach. (Academia das Ciências de Lisboa, 2024), poster. **World Congress of Geology** (Seul, 2024). De col. com Rui Dias, M. J. Lemos de Sousa, Patrícia Moreira, Cristina F. A. Rodrigues e Ana Salgado.
 - 18 – Quadros das Divisões Estratigráficas. Vade-Mécum. **Thesaurus de Ciências da Terra** Editores científicos: M. J. Lemos de Sousa, M. Telles Antunes, Ana Salgado. Editores do volume: M. J. Lemos de Sousa e Ana Salgado. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. De col. com Rui Dias, M. J. Lemos de Sousa, Patrícia Moreira, Cristina F. A. Rodrigues e Ana Salgado.
 - 19 – Lisboa Pré-Histórica: uma síntese da informação conhecida em 2020. **Suplemento 12 a O Arqueólogo Português** (2024) (eds. Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida, António Carvalho). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A., p. 39-77. De col. com Ana Catarina Sousa, Catarina Costeira, Ana Maria Costa & Daniel Van Calker
 - 20 – Antes da Arqueologia. As antas no imaginário popular e erudito do povo português. **Al-madan**, 2.^a Série, 27 (2024), p. 136-148. De col. com Rui Mataloto.
 - 21 – José Pires Gonçalves: um médico no “paraíso megalítico” de Reguengos de Monsaraz. **Al-madan online**, 2.^a Série, N.º 28, Tomo 1 (Centro de Arqueologia de Almada, 2025), p. 97-106.
 - 22 – Estudo dos mamíferos da ocupação fenícia (século IX a.C.) de La Rebanadilla (Málaga): um primeiro contributo. Anejo nº 4 de **MAINAKE, Entre Málaga y Tiro. Una travesía mediterránea en memoria de la profesora María Eugenia Aubet Semmler**, (eds. Francisco J. Núñez Calvo, Alfredo Mederos Martín, José Suárez Padilla, Bartolomé Mora Serrano y Emilio Martín Córdoba), (Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga, 2024): 51-64. João Luís Cardoso, Vicente Marcos Sánchez, Filipe Martins & Lorenzo Galindo.
 - 23 – Actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) desenvolvidas em 2023”. **Al-Madan**. Almada. 2.^a Série, 27 (2024), p. 180-183.



Fig. 5 – Vista geral dos participantes na palestra realizada pelo signatário na Escola Secundária Fernando Lopes Graça, Parede.

5 – PALESTRAS E CONFERÊNCIAS

No decurso de 2024, o signatário proferiu a seguinte palestra, na qualidade de Coordenador do CEACO/CMO, para além das elencadas anteriormente no âmbito do Curso sobre Pré-História do concelho de Oeiras:

– A 28 de novembro de 2024, foi proferida a palestra: “O povoado pré-histórico de Leceia, exemplo de exploração integrada dos recursos naturais no 3.º milénio a. C.”, na Escola Secundária Fernando Lopes Graça, Parede, a convite das Professoras Margarida Soares e Isabel Morais Rosa, destinada aos alunos dos 10º, 11º e 12º anos do Clube Ciência Viva no âmbito das disciplinas de Biologia e Geologia. Esta palestra contou com a participação de 43 alunos.

Esta Palestra juntou-se às realizadas via de regra no início de cada visita guiada ao povoado pré-histórico de Leceia, seguidamente descritas.

6 – VISITAS GUIADAS

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, à respetiva Exposição monográfica permanente, e Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras, situadas na Fábrica da Pólvora de Barcarena, continuaram a constituir, em 2024, uma das principais vertentes de actividade do CEACO, no domínio da divulgação arqueológica, consolidada e reconhecida a nível externo ao longo de muitos anos.

Destaca-se neste âmbito a componente didática junto das escolas básicas e secundárias do Concelho de Oeiras, a par de visitas de grupos de estudantes universitários e de associações culturais e do público em geral que ocorre aqueles espaços, e ainda às visitas efetuadas em colaboração com outros serviços da CMO.

Estas visitas têm sido integradas desde há anos, como complemento de estudo no quadro da programação escolar, constituindo objecto de avaliação junto dos alunos, desde os níveis de ensino básico (3.º e 4.ºs anos) até ao secundário (12.º ano) e universitário. Desde 2019 esta relevante actividade foi reforçada com a adesão ao Programa “Oeiras Educa” do Departamento de Educação/CMO, destinado a escolas do Concelho.

Durante o período de incidência da pandemia Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, esta atividade também foi significativamente afectada. Procurando-se colmatar de forma informativa a lacuna imposta pela referida situação foi desenvolvido neste Centro de Estudos Arqueológicos vídeo didático alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, que introduzido na plataforma Oeiras Educa passou igualmente, a constituir desde aí, importante instrumento de apoio no âmbito didático e divulgativo junto da população escolar do Concelho.

Em 2024 o número de solicitações para esta atividade manteve a regularidade já retomada desde 2022, tendo sido realizadas 25 visitas guiadas envolvendo cerca de 640 visitantes.

Em 2024 a proveniência dos visitantes foi a seguinte:

Cooperativa “A Torre”, de Lisboa
Escola EB1 António Rebelo de Andrade
Escola EB2, 3/S Aquilino Ribeiro
Escola EB1 de Carcavelos
Escola EB1 Dr. Joaquim de Barros
Escola EB1 Gil Vicente
Escola EB1/J1 Gomes Freire de Andrade
Escola ES/3 Luís de Freitas Branco
Escola EB1/JI Narcisa Pereira
Grupo de alunos em ensino doméstico
Grupo de participantes no curso “Fortificações Calcolíticas da Estremadura” – “Dia dos Castelos” da Câmara Municipal de Palmela
Jardim Escola João de Deus de Alvalade
Jardim Escola João de Deus dos Olivais
Universidade Aberta
Universidade Autónoma de Lisboa
Universidade Sénior de Oeiras
Diversos grupos de interessados

7 – OUTRAS COLABORAÇÕES

Refere-se esta rubrica a informações de índole diversa, oficialmente solicitadas ao CEACO, desde as solicitações de estudantes do ensino universitário no âmbito da preparação de trabalhos académicos, até aos munícipes interessados na obtenção de informações de âmbito histórico-arqueológico de carácter concelhio e às elaboradas por solicitação de outros serviços camarários em colaboração com estes em ações de salvaguarda e divulgação do património arqueológico concelhio.

No âmbito do Plano de Prevenção de Riscos de Gestão do CEACO foi estabelecido em 2015 Protocolo de procedimentos com o DPGU elaborado na sequência da Inf.º n.º 11/CEACO/2012, com Despacho favorável do Senhor Presidente de 27/03/2012, visando a recolha de parecer prévio do CEACO sobre determinados pedidos de licenciamento que, pela sua importância ou localização, envolvam trabalhos no subsolo, que deveriam ser

previamente apreciados pelo CEACO. Tais procedimentos encontram-se plenamente em vigor, cumprindo ao CEACO o acompanhamento arqueológico das respectivas obras no terreno, sempre que as mesmas sejam de iniciativa camarária ou de instituições particulares de solidariedade social sem fins lucrativos.

Janeiro

- 1 – Na sequência de colaboração iniciada em 2022 (edoclink 2022/23152), o CEACO continuou a prestar apoio técnico no projecto de Habitação Jovem da DRU/GTL de Oeiras, na Rua Heliodoro Salgado, n.º 26 e 28 em Oeiras no âmbito do acompanhamento de sondagens arqueológicas realizadas pela empresa de arqueologia “Emerita”, contratada para o efeito.
- 2 – Foi solicitado por Andreia Romão, aluna do 2.º ano do curso de Mestrado em Arqueologia, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve, apoio no âmbito da preparação de tese de mestrado sobre “Conservação de Estruturas do Calcolítico”, mediante a captação de imagens no povoado pré-histórico de Leceia, e acesso ao registo das acções de conservação efectuadas naquele sítio arqueológico.

Fevereiro

- 3 – Na sequência de solicitação de Ana Agostinho, docente do ensino secundário da Escola Secundária Quinta do Marquês, manteve-se o apoio prestado desde 2023, no âmbito da elaboração de tese de mestrado da Universidade Aberta dedicada à educação patrimonial, tomando como exemplo o povoado pré-histórico de Leceia na componente didáctica veiculada pelas visitas de estudo realizadas por escolas de diversos níveis de escolaridade. A síntese do referido mestrado deu origem ao artigo “A Educação Patrimonial como instrumento de valorização do património arqueológico de Oeiras: o caso do Povoado Pré-histórico de Leceia, um lugar de memória” tendo sido publicado no volume 34 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2024).

Março

- 4 – Foi solicitado pela Arq.^a Vera Freire, Chefe da DOT/DMOTDU, parecer no âmbito da caracterização arqueológica na área interessada do Plano de Pormenor empresarial de Paço de Arcos, efectuada pela empresa de arqueologia “Emerita”, contratada para o efeito.
- 5 – Foi endereçado ao CEACO, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), Departamento de Recolha de Informação, Serviço de Recolha de Dados, “Processo IMUS - Inquérito aos Museus – 2023 – 20.45892709”, relativo à Sala de Arqueologia, ulteriormente remetido àquela entidade.

Abril

- 6 – Foi prestado apoio a Ricardo Arrimar, estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no âmbito da preparação de dissertação de mestrado relativo a “povoados da pré-história recente”.
- 7 – Foi prestado a Cristina Loewenthal parecer sobre a classificação de rochas e fósil encontrados junto de sua habitação na Quinta da Moura.

- 8 – Foi facultada à Dra. Alexandra Fernandes da DACTPH/UDPH, bibliografia produzida pelo CEACO sobre achados arqueológicos no Centro Histórico de Oeiras, desde a Pré-História à Época Contemporânea no âmbito da elaboração de trabalho sobre a evolução da vila de Oeiras.

Maio

- 9 – Foi solicitado pelo Arq.º António Abreu da DRU/DPERU, (edoclink 2024/31708) parecer sobre o processo de requalificação da “Casa do Mar” no Dafundo, o qual se encontra em continuidade com o acompanhamento do CEACO, na vertente arqueológica, tendo já sido concluídas sondagens realizadas por empresa de Arqueologia externa, que não revelaram evidências arqueológicas.
- 10 – Foi prestada informação ao Dr. Diogo Lopes, da DACTPH/UDPH, sobre peça museológica destinada a integrar um conjunto de painéis públicos para colocação junto do Centro Cultural Palácio do Egipto (CCPE).
- 11 – Foram entregues ao CEACO pela empresa “Neoépica Lda”, os espólios arqueológicos recolhidos nas escavações efetuadas por aquela empresa de Arqueologia, na rua Manuel dos Santos Mónica nº 1, 1A e 1B, Carnaxide, acompanhados do respetivo relatório.
- 12 – Foram oferecidas ao CEACO por Pedro Barbosa, antigo município, duas peças arqueológicas constituídas por um peso de pesca lítico e uma lamela de sílex provenientes do povoado pré-histórico de Leceia.
- 13 – Na sequência de solicitação por parte da Chefe da DEP/DOM, Arq.ª Sandra Caçõila, (edoclink 2024/32306), foi prestado parecer e apoio técnico no âmbito do projeto relativo a conjunto habitacional (20 fogos) do empreendimento da Praça do Rossio de Porto Salvo.
- 14 – Foi solicitado pela Chefe da DEP/DOM, Arq.ª Sandra Caçõila, (edoclink 2024/15213) parecer sobre a presença de ocorrências de interesse cultural/arqueológico situadas no corredor de incidência do estudo prévio da Via Longitudinal Norte e do projeto de execução do troço 8 dessa Via.

Julho

- 15 – Foi prestada informação a município, Dr.ª Cristina Carvalho, a seu pedido, sobre projeto de reabilitação urbana no âmbito do programa Habitação Jovem da Câmara Municipal de Oeiras, na Rua Heliodoro Salgado, 26-28, Oeiras onde os resultados obtidos permitiram a identificação de materiais arqueológicos de cronologia alargada entre o Paleolítico Médio e a Época Contemporânea.
- 16 – Foram entregues ao CEACO pela empresa “Clay Arqueologia, Unipessoal, Lda.”, os espólios arqueológicos recolhidos nas intervenções efetuadas por aquela empresa de Arqueologia, na Rua Cândido dos Reis, 7-11, Paço de Arcos, Rua das Alcássimas, 23-27, Oeiras e na Cartuxa de Laveiras – Mosteiro de Santa Maria do Vale da Misericórdia, acompanhados dos respetivos relatórios científicos entregues à Tutela, como determina a legislação em vigor.

Agosto

- 17 – Na sequência de parecer e apoio técnico assegurado pelo CEACO ao DEP/DOM, no âmbito do projeto do conjunto habitacional (20 fogos) do empreendimento da Praça do Rossio de Porto Salvo, foi obtido

o parecer favorável da CCDR-LVT – Unidade de Cultura para futuro acompanhamento arqueológico por parte do CEACO das obras de construção do referido conjunto habitacional.

Setembro

- 18 – Foi prestado parecer à Arq.^a Diana Moreira, da DRU/DPERU, no âmbito de projeto de Habitação Jovem na Rua Cândido dos Reis, n.º 202-206 em Oeiras, onde foi prevista a realização de sondagens arqueológicas no local, sendo contratada para o efeito, empresa de arqueologia externa. Mantendo-se o acompanhamento do CEACO, neste processo, foi este serviço informado, que as sondagens realizadas não evidenciaram quaisquer vestígios arqueológicos.

Outubro

- 19 – Foi solicitado pelo Arq.º João Pedro Portas da DPERU/DRU, apoio na identificação de sítios arqueológicos em Leião, no âmbito da recolha de elementos para a elaboração de livro sobre as áreas urbanas de génese ilegal.

Novembro

- 20 – Foi solicitado por Carolina Cardoso, estudante da licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade Autónoma de Lisboa, apoio no âmbito da realização de trabalho universitário na vertente multimédia com base na “história” do povoado pré-histórico de Leceia.
- 21 – Foi solicitado por Izabella de Oliveira e Joaquim Ribeiro, alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apoio no âmbito da realização de trabalho da unidade curricular “Introdução à Arqueologia”, com base no levantamento arqueológico do concelho de Oeiras

8 – COLABORAÇÕES INTER-INSTITUCIONAIS

8.1 – Projecto Lisboa Romana/*Felicitas Iulia Olisipo*

Envolvendo diversos Municípios da área Metropolitana de Lisboa, detentores de vestígios romanos, este Projecto coordenado pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa mantém-se em curso, tendo em 14 de Janeiro de 2021, sido lançado publicamente o seu website.

No âmbito deste projecto, encontra-se prevista a execução do registo fotográfico de lápide romana exposta na Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras, destinado a integrar o volume II do *Corpus Epigráfico*, que se encontra em fase de preparação. Esta publicação vêm somar-se aos anteriores volumes já publicados no âmbito deste Projecto, cujo objectivo é a divulgação alargada e completa do conhecimento da presença romana no território que outrora compunha o município olisiponense, integrando a totalidade da área geográfica que este ocupava.

8.2 – Concessão de subsídio a edição da Academia das Ciências de Lisboa

Através do Ofício n.º 188/2023, de 17 de novembro de 2023, da Academia das Ciências de Lisboa, dirigido pelo seu Presidente, Professor Doutor José Luís Cardoso, ao Presidente da Câmara de Oeiras, veio aquela Academia solicitar a concessão de subsídio a título mecenático, destinado a apoiar os custos de produção do volume intitulado “Estratigrafia II – Quadro das Divisões Estratigráficas”, da série temática *Thesaurus de Ciências da Terra* organizada pela Academia das Ciências de Lisboa, através do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa. Tendo como editores científicos os académicos efectivos, Professor Doutor Manuel Lemos de Sousa, o Professor Doutor Miguel Telles Antunes e a Doutora Ana Salgado, foi organizada em volumes temáticos, constituindo uma iniciativa pioneira que visa a consolidação e enriquecimento da terminologia geológica em língua portuguesa.

Este subsídio foi assim atribuído, pela Câmara Municipal de Oeiras à ACL, através da Proposta de Deliberação n.º 303/2024 de 17 de Abril de 2024.

8.3 – 4.ª Edição do Prémio de Arqueologia Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira

Por Proposta de Deliberação n.º 311/2024, aprovada em reunião de Câmara, a 17 de abril de 2024, foi aprovada a atribuição da quarta edição do Prémio de Arqueologia “Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira”, instituído pela Câmara Municipal de Oeiras na Academia Portuguesa da História em 2021 (PD n.º 769/2021, aprovada em reunião de Câmara a 08/09/2021) destinado a distinguir estudos de investigação em arqueologia da Península Ibérica.

Em 2024, este Prémio foi atribuído à Doutora Ana Ávila de Melo, enquanto autora da obra: “A Metalurgia do Povoado de Pragança, Cadaval, no Contexto da Idade do Bronze – I Idade do Ferro na Estremadura”. Trata-se da publicação da sua Tese de doutoramento, em edição conjunta da Câmara Municipal de Cadaval e do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A entrega do Prémio, foi efectuada pelo signatário na qualidade de Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, em sessão solene na Academia Portuguesa da História realizada a 4 de Dezembro de 2024.

9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos desenvolvidos no CEACO em 2024 deram continuidade aos objectivos estratégicos e programáticos definidos no quadro das competências atribuídas a este serviço da Câmara Municipal de Oeiras.

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e às exposições de Arqueologia situadas na Fábrica da Pólvora de Barcarena; a Exposição monográfica alusiva àquele povoado pré-histórico e a Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras mantiveram a regularidade no tocante ao número de visitantes, verificada desde o ano de 2022 após os constrangimentos produzidos pela Pandemia Covid-19, em 2020 e 2021. Desde este último ano foi introduzido na plataforma Oeiras Educa, vídeo didático desenvolvido no CEACO, alusivo às actividades quotidianas dos habitantes daquele importante povoado, destinado a colmatar os referidos constrangimentos pandémicos, tendo constituindo desde aí um significativo complemento didático das visitas guiadas efetuadas e previamente marcadas através daquela plataforma.



Fig. 6 – Entrega da 4.^a edição do Prémio de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira instituído pela Câmara Municipal de Oeiras na Academia Portuguesa da História, no dia 4 de dezembro de 2024. Da esquerda para a direita: O signatário, a Prof. Doutora Manuela Mendonça, Presidente da Academia Portuguesa da História e a Premiada, Doutora Ana Ávila de Melo, no início da sua alocução.

Constituindo importante vertente do trabalho desenvolvido neste Centro de Estudo Arqueológicos, salientam-se as acções de salvaguarda e valorização do Património arqueológico concelhio, assumindo um papel incontornável no âmbito dos processos de licenciamento referentes a operações urbanísticas em centros históricos do Concelho, através do Protocolo de procedimentos estabelecido com a DPGU e em vigor desde 2015. Neste âmbito, assinala-se o acompanhamento dos trabalhos de caracterização arqueológica a pedido da DOTPU, no que se refere à zona de intervenção do Plano de Pormenor empresarial de Paço de Arcos, no âmbito da reconversão urbana do mesmo, igualmente em articulação com o DMOTDU/DOTPU.

Destaca-se ainda a colaboração com o DPERU/DRU no âmbito do projecto de reabilitação urbana para Habitação Jovem na Rua Heliodoro Salgado, n.º 26-28 em Oeiras e o parecer sobre o processo de requalificação da “Casa do Mar” no Dafundo, bem como os pareceres e apoio técnico prestados à DEM/DOM no âmbito do projeto relativo a conjunto habitacional (20 fogos) do empreendimento da Praça do Rossio de Porto Salvo e corredor de incidência do estudo prévio da Via Longitudinal Norte e projeto de execução do troço 8 dessa Via.

Ainda no quadro da salvaguarda e valorização do património arqueológico do Concelho, são ainda de destacar os diversos pareceres emitidos pelo CEACO, a pedido de diversos serviços camarários, no âmbito do acima referido protocolo de procedimentos, não esquecendo os apoios prestados no âmbito da realização de

trabalhos universitários solicitados diretamente ao CEACO assim como os pareceres prestados a munícipes interessados no conhecimento do passado oeirense.

No âmbito da divulgação científica da Arqueologia, merece ser destacado o êxito que constituiu o ciclo de palestras realizado em Oeiras, entre fevereiro e junho, dedicado à divulgação do conhecimento do passado pré-histórico do concelho de Oeiras.

De igual modo, deve ser devidamente sublinhada a importância da continuação da publicação da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, cuja importância e prestígio é sobejamente reconhecido a nível nacional e internacional, permitido manter permutas, desde há longos anos, com dezenas de revistas da especialidade internacionais e nacionais. Em 2024, foi publicado o volume 34, garantindo a continuidade verificada desde o seu início em 1991, o que constitui exemplo único no panorama editorial português.

Os artigos científicos publicados neste volume da revista, pela sua natureza, asseguram a projecção da revista na comunidade científica nacional e internacional, a somar a outros contributos publicados em prestigiadas revistas nacionais e internacionais pelo signatário, via de regra em co-autoria, e sempre na qualidade de Coordenador do CEACO.

Outra importante iniciativa no domínio do apoio à investigação e divulgação arqueológica a nível nacional e internacional respeita à 4.ª edição do Prémio de Arqueologia Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira, instituído pela Câmara Municipal de Oeiras na Academia Portuguesa da História, destinado a premiar os estudos publicados de Arqueologia da Península Ibérica no ano transacto à da concessão do prémio.

Em 2024 este Prémio foi atribuído à Doutora Ana Ávila de Melo pela sua Tese de doutoramento, publicada em edição conjunta da Câmara Municipal de Cadaval e do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo a entrega do mesmo sido efectuada pelo signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO, em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, em sessão solene realizada na Academia Portuguesa da História, no dia 4 de Dezembro de 2024.

Em conclusão: os factos elencados neste Relatório confirmam o reconhecimento público do interesse e importância conferidos ao trabalho desenvolvido no CEACO, decisivos para a consolidação e afirmação das suas competências e atribuições no quadro da investigação, salvaguarda e divulgação do património arqueológico oeirense.

Barcarena, 26 de Fevereiro de 2025

O Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Prof. Doutor João Luís Cardoso